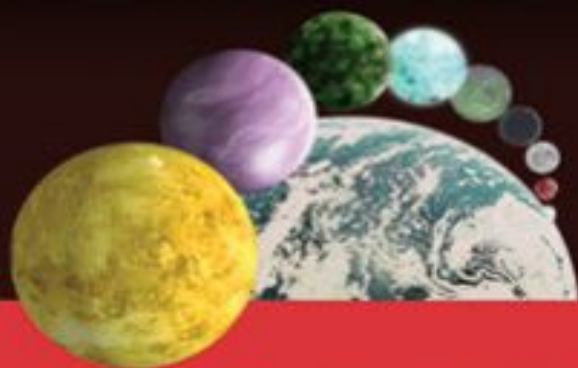


TERRA DAS NOVE LUAS



OLHOS NEGROS

TRILOGIA DO NOVO ELO - LIVRO 1



CARLOS ROCHA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

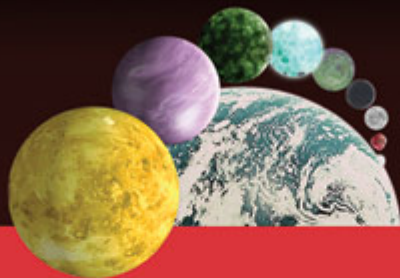
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

TERRA DAS NOVE LUAS



OLHOS NEGROS

TRILOGIA DO NOVO ELO - LIVRO 1



CARLOS ROCHA

Terra das Nove Luas

Olhos Negros
Trilogia do Novo Elo – livro 1

Carlos Rocha

Published by Carlos Rocha at Smashwords
Copyright©2001 Carlos Rocha

Terra das Nove Luas
Olhos Negros
Trilogia do Novo Elo – livro 1

Publicado por Multiversos Editorial via Smashwords
Copyright©2001 Carlos Rocha
Direitos reservados para língua portuguesa:
Carlos Henrique Madureira Rocha

Revisão: Eliane M. Barbosa
Ilustração da capa: Dênio Viana
Capa: Carlos Rocha
Formatação final: Carlos Rocha

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida para fins comerciais, sem a permissão, por escrito do Autor. Licença para versão eletrônica: Creative Commons 2007 – Carlos Henrique Madureira Rocha
Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas 2.5 Brasil. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/> ou envie uma carta para Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, California 94105, USA. Em resumo, você pode copiar, distribuir, exibir e executar a obra sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.
Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais. Vedada a Criação de Obras Derivadas. Você não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.

Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra. Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor. Este é um sumário para leigos. Leia a licença jurídica na íntegra em: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/legalcode>

Notas da Licença desta edição via Smashwords

Obrigado por baixar este ebook gratuito. Fique a vontade para compartilhar com seus amigos. Se você gostou deste livro, por favor, retorne a Smashwords.com para encontrar mais livros deste autor. Agradecemos pelo seu interesse.

A meus pais,
a José Thadeu Madureira
e colegas do RPG.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que contribuíram para a realização deste livro. Em especial, a meu tio José Thadeu Madureira que, ao ler esta obra ainda inacabada, ofereceu-me grande incentivo e valiosas sugestões.

Só foi possível construir este romance com a ajuda do material da extensa campanha de RPG da Terra das Nove Luas. Nesse sentido, a vontade de continuar de meus colegas jogadores impulsionou muitas vezes minha força criativa para que, mês após mês, ano após ano eu construísse, pouco a pouco, as bases deste amplo e ainda crescente universo ficcional. Em particular, gostaria de agradecer aos colegas Vitor Schmidt, Daniel Negreiros, Guilherme Tuler, Kairam Hamdam, Vitor Xavier, Humberto Mendes, Frederico Queiroz e Jorge Lima.

CAPÍTULO 1

Caro Kyle, estou muito bem. Como vão as coisas aí em Kamanesh? Estou-lhe escrevendo para dizer que finalmente vou ser ordenado monge da ordem Naomir e gostaria que você soubesse... Sei que já faz três anos que não nos falamos e, quando recebi a notícia de que seria ordenado, não tive vontade de falar isso para ninguém daí. Depois me lembrei de você e de como éramos amigos... É estranho como as nossas vidas tomaram direções diferentes. Há cinco anos, nem poderíamos imaginar o que aconteceria conosco. Mudando de assunto, como vai o grande Gorum? Continua pegando no seu pé? Eu... Kyle me desculpe, mas os sinos estão tocando e tenho que me apressar, devo aproveitar que a carroça da casa comercial Atir está saindo hoje em direção a Kamanesh para enviar-lhe esta carta. Na verdade, escrevi para saber se você vai realmente ser um cavaleiro. Você vai mesmo fazer isso só por causa de seu pai?

Aguardo resposta.

Archibald DeReifos

A cena era melancólica, assim como Kyle Blackwing, o filho do grande cavaleiro Blackwing, um dos maiores heróis da guerra dos bestiais. Sua lenda talvez crescera por ter morrido ao salvar o Duque. Assim, ninguém nunca pôde pôr em prova sua bravura novamente.

Kyle era conhecido na cidade de Kamanesh e, de certa forma, odiava ser filho de quem era. Nem chegou a conhecer seu pai, pois só nascera após o fim da guerra. Sua mãe morreu quando era um garoto; desde então foi morar com Gorum, um cavaleiro veterano, companheiro de seu pai na guerra.

– Kyle!

A inconfundível voz de Gorum soou como um trovão. Kyle não se moveu, parecia absorto em seus pensamentos. Sua imagem refletida na água parada revelava um jovem com expressão fechada e longos cabelos negros,

que cobriam parcialmente sua face; suas mãos, apoiadas na borda da fonte, assim como seu corpo bem construído demonstravam que havia trabalhado duramente.

Gorum aproximou-se e, enquanto puxava a barba, sorria e observava Kyle, que, antes tão imponente, ao lado desse gigante transformava-se em um menino fraco. Depois de alguns momentos, Gorum aproximou-se, deu um tapinha no ombro daquele que considerava seu filho e disse:

– Vamos, garoto, anime-se! Afinal, o grande festival é daqui a apenas três dias; e então?

– Ah... não sei bem, não me sinto confortável com a idéia de vestir a armadura de meu pai e receber condecorações em seu nome...

– Garoto, você me deixa espantado! Como você pode recusar uma honra tão grande e deixar escapar a oportunidade de ficar elegante diante de todas aquelas lindas jovens? – replicou Gorum, com um incansável sorriso no rosto.

– Bah... Como você consegue pensar nessas coisas... – Kyle foi interrompido por Gorum, que completou:

– E a Kiorina? Ela vai estar lá!

– O quê? Fale sério! Aquela maluca? Nem acredito que ela conseguiu ingressar na Alta Escola dos Magos! – disse Kyle, com um tom de inquietação.

Gorum, ainda sorrindo largamente, insistiu:

– Beem, mas eu acho que ela está interessada em você.

– Beem, mas eu não quero falar sobre isso! – respondeu Kyle, imitando o tom de voz.

Gorum começou a gargalhar alto. Kyle, já sabendo que nada podia fazer, pôs as mãos sobre o rosto e balançou a cabeça negativamente. Depois de alguns momentos de espera, começou a desdobrar a carta de Archibald que estava lendo e isso chamou a atenção de Gorum, que, sério, perguntou:

– O que é isso?

– É uma carta de Archibald; ele está sendo ordenado Monge Naomir...

– Eu sabia que conseguiria, depois de tudo o que aconteceu com ele e...

– Gorum olhou para baixo e não completou.

– É... tudo foi muito duro, mas por isso mesmo é que estou pensando em ir até o mosteiro e buscá-lo para participar do festival.

– Kyle, que bom! Isso quer dizer que você vai aceitar receber as homenagens!

Sem saída, Kyle respondeu:

– É... claro... quero dizer... é claro que sim; você duvidou disso?

– Nunca!

Gorum ainda pensou em dizer como ele era igual a seu pai, mas calou-se, pois sabia que o jovem Blackwing não gostava dessa comparação.

Logo, Gorum começou a sorrir novamente e fazer suas brincadeiras habituais. Saíram então caminhando em direção a Tanir, uma vila no caminho de Kamanesh.

Passaram pelo moinho e seguiram a trilha até Tanir cercados de infundáveis campos cultivados com grãos. No caminho, alguns camponeses e crianças reconheceram Gorum, o que não era difícil, mesmo estando ele com roupas comuns, e acenaram para ele, que sempre respondia com sua voz forte e um sorriso no rosto.

A cidade de Kamanesh havia sido fundada há mais de duzentos anos por um membro da família real, que decidiu deixar a capital do reino, Lacoresh. Seu nome era Forbald Kaman, primo do rei Corélius IV. Ele fundou, às margens do rio Montiguá, uma pequena vila, chamada Abilos, que veio a se tornar a grande Kamanesh anos depois. A cidade tornou-se a sede do Ducado de Kamanesh; no centro da Praça da Meia-Lua, foi erguida uma estátua em honra do velho Duque.

Logo pela manhã, a praça já estava cheia de pessoas indo e vindo, armando suas barracas, preparando-se para a feira da Meia-Lua, famosa em todos os cinco baronatos. O grande sucesso dessa feira devia-se ao fato de a praça estar junto ao porto de Kamanesh, de onde chegavam e saíam muitas embarcações pequenas e alguns navios.

Mesmo antes de o sol nascer, Kyle já estava na praça, comprando os mantimentos necessários à sua breve jornada no mosteiro onde seu amigo de infância Archibald DeReifos seria ordenado monge Naomir.

Os monges Naomir eram uma facção da Real Santa Igreja, da qual eram conhecidos como a força de trabalho. Ou seja, quando existiam serviços

sagrados a serem executados, quem os executava eram os monges dessa ordem, treinados inclusive para lutar, se necessário. Também aprendiam os sagrados ofícios.

Kyle pensava como seria possível que alguém com o gênio tão tempestuoso como seu companheiro Archibald pudesse conseguir uma ordenação, já que eram fundamentais para os serviços sagrados a calma e a frieza. Mas os deuses sabem o que fazem, e provavelmente, seria uma experiência válida para ele, que talvez tenha, por fim, aprendido com os monges a ficar em harmonia com a vida.

Depois de uma hora, Kyle já estava na estrada para o norte, ao longo do rio, que levava ao mosteiro. A jornada fora tranqüila, e ele pensou muito sobre tudo o que estava acontecendo e em quem ele estava para se tornar. Os sons de fora da cidade sempre faziam-no pensar melhor.

Finalmente, ao entardecer, Kyle avistou o mosteiro em cima de uma colina. Era uma construção realmente bela. A luz do sol poente refletida em cristais encravados nas altas muralhas dava àquela visão um toque especial. Kyle aproximou-se da grande porta do mosteiro e pôde ver que a muralha, os portões, as colunas, tudo era esculpido com motivos religiosos. Após observar os detalhes por alguns segundos, puxou uma corda que fez soar um sino. Em seguida, em uma das portas que ficava ao lado de um grande portal com mais de seis metros de altura, abriu-se uma janelinha na altura dos olhos de Kyle. Ele mal pôde ver os olhos de quem estava do outro lado.

– Quem é você e o que quer? – disse uma voz fraca e rouca.

– Meu nome é Kyle Blackwing. Vim para ver Archibald DeReifos.

– Entre! – disse a voz, enquanto destrancava a porta, fazendo muito barulho.

Surgiu a imagem de um velho, com o rosto muito enrugado e feio, apoiando-se sobre um bastão.

– Entre... vamos... vai ficar aí parado, olhando?

Kyle ficou um tanto desconcertado, pois não esperava ver alguém tão feio. Ao entrar, perguntou:

– Diga-me, ancião, qual é o seu nome?

O velho olhou com seu único olho, fez uma careta e disse:

– Ancião? Mais respeito, meu jovem! Ah! essa juventude...

– Eh... desculpe-me... ah... quero dizer...

– Bem... Bem... Tudo bem. Meu nome é Ourivart.

Os dois chegaram a um jardim interno do mosteiro com uma fonte do tipo chafariz no centro, ricamente ornamentada.

– Sente-se aqui, sente-se aqui e espere. – disse Ourivart.

Kyle sentou-se, desprendeu a bainha de sua espada do cinto, colocando-a ao seu lado. Enquanto esperava, anoiteceu. Então, surgiram luzes das mãos de diversas estátuas que rodeavam o jardim e que ficavam suspensas nas varandas à sua frente.

Aquele lugar lhe fez recordar o bosque do Duque, atrás do palácio em Kamanesh, e como ele e Archibald, Archie, como costumava chamá-lo naqueles dias, roubavam frutas no pomar que ficava no centro do bosque. Era muito divertido e emocionante esconder-se das patrulhas e comer as frutas, que tinham um gosto especial. Gosto que Kyle nunca mais experimentou.

De repente, Kyle reparou que Archibald estava na sua frente. Surpreendeu-se ao vê-lo, após tantos anos, vestido daquela maneira: um traje completo de monge Naomir, com listras brancas e beges, manto e gorro peculiar. O rosto ainda era o mesmo. Os cabelos castanhos escapavam por todos os lados daquele gorro, que parecia desajeitado em sua cabeça. Havia algo diferente em seu olhar, uma certa maturidade talvez.

Kyle levantou-se imediatamente e estendeu a mão. Archibald não respondeu imediatamente; esperou. Kyle franziu a testa. Logo, Archibald estendeu a mão, deu um sorriso e colocou sua outra mão sobre o ombro de Kyle. Nada disseram por alguns instantes. Então, Kyle mentiu:

– Você ficou bem com essa roupa!

– Kyle, eu sabia que ia dizer isso, você não muda nunca! Sempre tentando falar a coisa certa da maneira errada! – disse Archibald, sorrindo e balançando a cabeça negativamente.

– Tudo bem, eu realmente achei que o chapéu ficou meio desajeitado...

– Ótimo, isso me parece mais verdadeiro!

Archibald começou a andar, gesticulou para que Kyle o seguisse e falou:

– Vamos! Conte-me as novidades! Você deve ter mais para contar do que alguém que raramente sai deste lugar.

– O que gostaria de ouvir?

– Fale-me sobre Gorum.

– Ah... Gorum continua daquele jeito, contando piadas o tempo todo e fazendo as pessoas rir... – disse Kyle sorrindo, pois o simples fato de falar sobre Gorum já era engraçado.

– E você, continuou o treinamento? – perguntou Archibald, mais interessado.

– Sim. Sabe como é Gorum, não consigo dizer não a ele, principalmente quando fala sobre meu pai...

– Mas você não parece muito feliz com isso... – disse Archibald, enquanto destrancava a porta que dava acesso ao refeitório.

Ao abri-la, ambos sentiram o cheiro da comida. Kyle, especialmente, não conseguiu conter um suspiro, pois estava faminto. Percebendo o silêncio de Kyle, Archibald disse:

– Pensei que você estaria com fome. Por que não aproveitamos para jantar?

Já havia muitos monges, acólitos e alguns visitantes no refeitório. Então, Archibald aproximou-se da mesa e apresentou seu amigo como Kyle Blackwing, filho do cavaleiro Blackwing. Todos o cumprimentaram. Sentaram-se então à mesa.

CAPÍTULO 2

Todos já estavam sentados à mesa, que era suficientemente grande para acomodar as pessoas que lá estavam, cujo número variava entre quarenta e sessenta. Houve silêncio por alguns instantes, quebrado pela voz de quem parecia ser o monge mais graduado.

– Felizes os que têm o que comer! A comida e a bebida são dádivas dos deuses! Agradecemos a eles por isso, hoje e sempre!

– Forlon disse e assim será! – disseram todos e começaram a se servir e a conversar. O salão foi preenchido por uma variedade de sons, cheiros e vozes, que tornavam o local mais aconchegante.

Archibald, três monges e um homem que não parecia ser monge estavam perto de Kyle. Um dos monges, o que estava à sua frente, pegou uma ave no centro da mesa e lhe arrancou as duas coxas. Era um sujeito grande e gordo; usava barba apenas abaixo do queixo; tinha as maçãs do rosto avermelhadas e sorria com ternura enquanto olhava para a comida. O monge a seu lado olhou com desaprovação e disse:

– Irmão Meinard, você não acha que deveria perguntar se coxas são do gosto dos nossos visitantes?

O monge enrubesceu e apontou as coxas na direção de Kyle e do outro homem, dizendo:

– Vocês querem?

O monge que sugeriu os bons modos pressionou os dedos contra a base de seu nariz, abaixou a cabeça e fez uma cara de lamentação. Kyle conteve o riso e disse:

– Não, obrigado, eu prefiro o peito.

Archibald disse a Kyle:

– Não dê importância ao irmão Meinard; ele pode parecer um pouco grosseiro, mas é uma ótima pessoa.

O homem que não parecia ser monge disse:

– Acredito que você saiba apreciar as coxas de maneira mais adequada que eu. – e acrescentou, virando-se para Kyle: – Sr. Blackwing, é um prazer

conhecê-lo pessoalmente. Meu nome é Alonzo, da casa comercial Atir.

– Prazer em conhecê-lo, Alonzo; por favor, me chame de Kyle.

– Certamente.

– Diga-me, Alonzo, o que traz você e seu chefe, o Sr. Atir, a este mosteiro? – perguntou Kyle, indicando o local onde estava sentado Atir, o chefe da casa comercial.

– Vejo que você conhece o Sr. Atir, mesmo sendo ele a pessoa reservada que é.

Kyle apenas acenou com a cabeça. Archibald comia enquanto escutava a conversa, interessado. Alonzo prosseguiu:

– Nós viemos porque o Sr. Atir é um grande amigo do mestre Landerfalt e também para trazer um carregamento do vinho Baltimore.

– Vinho Baltimore... acho que já vi uma garrafa dessas em algum lugar...

– disse Kyle, pensativo.

Alonzo engoliu mais um pedaço da ave assada e disse:

– É possível, já foram comercializadas algumas em Kamanesh.

– Sim, e qual a procedência do vinho? – perguntou, muito interessado, o terceiro monge, ao beber um gole.

– Esse vinho vem do outro lado do oceano, do Reino de Dacs, trazido através de um tratado entre as casas comerciais Atir e Baltimore. – explicou o comerciante, após o que Kyle experimentou o vinho e comentou:

– Nossa, o gosto é realmente ótimo! Nunca bebi vinho tão bom!

– Fico feliz que tenha gostado. – disse Alonzo, acenando com a cabeça.

Kyle continuou comendo e ficou um tempo sem falar nada. Enquanto comia, pensava em como Alonzo lhe parecera suspeito, especialmente seu olhar, escondido atrás de olhos fundos. Seus pensamentos foram interrompidos pelas risadas do irmão Meinard, que, ao beber o quarto ou quinto copo de vinho, deu uns tapinhas no ombro de Alonzo e disse:

– Abençoado seja o vinho Baltimore! Ha! Ha! Ha...

Todos riram, pois o irmão Meinard era muito carismático, apesar da falta de modos. Kyle começava a compreender como Archibald conseguira sua ordenação. Talvez, ele tivesse idealizado as condições para ser um Monge Naomir.

Na manhã do dia seguinte, os sinos do mosteiro soaram alto, acordando Kyle. Ele achou estranha a sensação de acordar em um mosteiro. Lembrou-se de que ainda não havia contado a Archibald a razão de sua vinda, ou seja, convidá-lo para ir ao festival em Kamanesh. Decidiu fazê-lo logo que o encontrasse. Seus pensamentos foram interrompidos pelas batidas fortes na porta e uma voz fraca que dizia:

– Vamos, meu jovem, está quase na hora do culto matinal!

“É aquele velho estranho, Ourivart.” pensou Kyle e respondeu:

– Já estou indo, bom homem.

– Bom homem? Meu nome é Ourivart! Será que é tão difícil ser chamado pelo nome? – resmungou o velhinho.

– Desculpe-me, Sr. Ourivart, não acontecerá novamente. – disse Kyle, enquanto abria a porta.

– Sim... sim... – murmurou Ourivart e conduziu Kyle pelos corredores do mosteiro. O passo de lento Ourivart, marcado pelas fortes batidas do seu bastão no chão, deixaria Kyle entediado, não fosse a beleza dos detalhes em cada parte.

Depois de passar por corredores que pareciam um labirinto, Kyle e Ourivart saíram do mosteiro pela parte de trás. Kyle ficou confuso e perguntou:

– Onde será o tal culto, Sr. Ourivart?

– Fale menos e apenas siga-me, jovem. – disse Ourivart, dirigindo-se à beira do que parecia ser um abismo.

Ventava muito. O planalto de Or, onde ficava a floresta de Shind, podia ser visto dali. Além disso, via-se a estrada que levava ao Baronato de Fannel.

Chegaram à borda do que parecia ser um corte exato no meio da montanha. Kyle pôde então ver uma escada na cor das pedras, descendo verticalmente.

– Segure meu bastão, jovem Blackwing. – disse Ourivart, que se posicionava para descer a escada.

Enquanto ele descia, Kyle achou estranho o modo como o velho o chamara. Ao prender o bastão em seu cinto, pensou: “Será que esse velho conheceu o meu pai?” Kyle distraiu-se, olhando o infinito; pensava na experiência de estar num mosteiro com pessoas tão diferentes.

– Blackwing! – a voz de Ourivart misturava-se com o vento e soava como um chiado distante: – Blackwing!

Kyle percebeu o chamado e desceu rapidamente. Enquanto descia, mal podia acreditar que aquele velho pudesse tê-lo feito, devido à dificuldade do trajeto. Olhou para baixo e percebeu que a escada não ia muito longe, terminando dezenas de metros antes do chão. Viu uma abertura na rocha de onde saía a mão de Ourivart, segurando a escada, no fim da qual havia apoios que garantiam a segurança na entrada na caverna.

– Vamos, é quase hora! – disse Ourivart, ao pegar o bastão das mãos de Kyle.

Desceram por uma escada de pedra. Nas paredes, havia pinturas com figuras míticas e, igualmente espaçadas, mãos esculpidas em pedra, saindo das paredes, que já não pareciam as de uma caverna, mas de uma construção.

Enquanto desciam, começaram a escutar cânticos, cujo volume aumentava à medida que se aproximavam, até que chegaram a um salão.

A imagem e os sons formavam uma cena magnífica. Era um salão da altura de uns quinze homens. Havia uma fraca luz proveniente da abóbada, que balançava como se refletida em água. O mais impressionante, no entanto, eram as sete enormes estátuas, que representavam Forlon, Ecta e seus cinco filhos.

– Oh, Forlon, deus dos céus e pai de todos, abençoe esta cerimônia em tua honra! – disse o mestre Landerfalt, de pé no altar, com os braços abertos, e continuou: – Estamos felizes, pois houve boa colheita este ano em todo o reino e o povo não há de sentir fome.

A cerimônia prosseguiu, e todos rezaram pela volta dos deuses a este mundo. Pediram sabedoria a Uraphenes, o mais sábio, e iluminação a Leivisa, deusa da luz.

Kyle notou que esse culto diferia dos demais. Nele se pedia a volta dos deuses e também que houvesse pouca dor e morte. A cerimônia, apesar de seus muitos detalhes, logo acabou. No final, todos foram na direção oposta à que Kyle e Ourivart chegaram e subiram outras escadas.

Ao seguir o grupo, Kyle notou que o caminho levava ao jardim interno do mosteiro, o que o deixou confuso e intrigado. Por que o velho quis levá-lo por um caminho mais longo e perigoso? E por que ele fora levado ao culto, enquanto Atir e Alonzo não? Seus questionamentos foram interrompidos pela chegada de Archibald.

– O Mestre liberou-me das tarefas que deveria realizar nesta manhã para conversarmos, pois ele acha que você deseja partir na carroça de Atir, que sai após o almoço.

– Sim, é o que provavelmente farei. – disse Kyle, um tanto inseguro, e acrescentou: – Na verdade, eu vim convidá-lo para ir ao festival e à minha cerimônia de ordenação de Cavaleiro da Segunda Ordem.

– É? Puxa, não sei o que dizer! Há tanto tempo não vou a Kamanesh!

– Diga que sim!

– Não depende de mim... Você sabe, tenho que consultar o Mestre.

– Certo, falaremos com mestre Landerfalt imediatamente! – disse Kyle, tentando animar seu amigo.

– Devo falar com o Mestre sozinho. Vá ao refeitório, estão servindo o desjejum.

Archibald andou pelos corredores do mosteiro, os quais aprendeu a diferenciar bem, apesar de muito parecidos. Toda a sua vida fora um erro. Mas ele sentia que tinha uma responsabilidade, uma missão, um propósito. Pensar que poderia ir a Kamanesh novamente depois de três anos lhe dava arrepios. Chegou até a porta do escritório do mestre Landerfalt e bateu.

– Pode entrar.

Archibald hesitou um pouco antes de posicionar-se em frente à mesa de seu superior.

– Irmão DeReifos, queira sentar-se. – disse tranqüilamente o Mestre, enquanto examinava uns papéis sobre a mesa. Landerfalt era um senhor de idade; longos fios compunham sua barba branca; seus olhos eram claros, as sobrancelhas, grossas, o olhar, plácido. Ele entrelaçou os dedos, apoiou as mãos sobre a mesa e disse:

– Diga-me, o que o traz aqui, irmão?

– Eu gostaria de pedir permissão para ir a Kamanesh.

– Posso saber com que propósito?

– Acompanhar a ordenação de Kyle, meu amigo de infância, a Cavaleiro de Segunda Ordem.

– Quer dizer que o jovem Blackwing está seguindo os passos do pai!
Humm... Sim, eu acho que você deve ir.

– Obrigado, senhor! Mas, se me permite... – hesitou Archibald.

– Prossiga.

– Por que o senhor disse deve ir, quando poderia dizer pode ir?

Mestre Landerfalt esboçou um sorriso e disse:

– Rapaz, você é muito perceptivo!

Houve silêncio por um momento. Landerfalt ficou sério e disse:

– Archibald – havia tempos o Mestre não o chamava assim – lembra-se de quando você chegou aqui, trazido por seu amigo Kyle e seu tutor Gorum?

– Sim. – foi uma resposta que quase não saiu.

– É certo que você sofreu um trauma muito forte, mas, a meu ver, você se recuperou bastante... – Landerfalt parou por um momento e levantou-se – Acho que você deve ir. Apesar de estar-se comportando muito bem aqui dentro destas paredes, gostaria que ficasse em contato com outras pessoas novamente. Veremos se você se sairá bem.

Archibald não respondeu, apenas abaixou a cabeça. Aquelas palavras o amedrontaram.

Landerfalt pegou papel, pena, sentou-se e começou a escrever. Repetia em voz alta:

– Caríssimo irmão Weiss, estou-lhe enviando esta mensagem para justificar a presença do jovem que aí está. Seu nome é Archibald DeReifos. É possível que se recorde dele. Gostaria de que você lhe arranjasse um alojamento e o aceitasse como novo membro de sua paróquia.

Landerfalt ainda escreveu mais algumas sentenças em silêncio, fechou a carta e selou-a com o carimbo da ordem Naomir. Levantou-se, entregou a carta a Archibald e disse:

– Bom trabalho em sua nova ocupação, irmão DeReifos! Espero vê-lo em breve!

Archibald agradeceu e saiu. Ficou desnortado sem saber o que fazer. Mais tarde, deu as notícias a Kyle, que não pôde esconder a surpresa. Ficaram conversando até a hora do almoço, durante o qual mestre Landerfalt pediu a Archibald que se levantasse e anunciou:

– Irmãos, hoje foi decidido que o irmão DeReifos deve deixar-nos.

Criou-se um murmúrio. Landerfalt prosseguiu:

– Deve deixar-nos, pois vai partir para um serviço sagrado. – fez uma pausa, olhou para todos e continuou: – Vai partir para Kamanesh. Apesar de todas as coisas boas e o bom tempo de convivência com os irmãos daqui, sabemos que existem novas provações que os deuses nos impõem. – pegou uma taça e acrescentou: – Proponho um brinde ao irmão que nos deixa. Que sua nova missão seja bem cumprida!

Todos elevaram seus copos ou taças e disseram:

– Ao irmão DeReifos!

– Você quer dizer alguma coisa, irmão DeReifos? – disse mestre Landerfalt.

– Irmãos! – começou Archibald, tremendo um pouco – É engraçado dizer irmãos, pois vocês sabem que nunca tive, de fato, um irmão. No entanto, agora sei que, se tivesse, ele seria como vocês. – parou por um momento, olhou para baixo e disse para si mesmo: “O que estou dizendo?... Eu não sei!” Balançou a cabeça e continuou em voz alta: – Aqui encontrei um propósito para minha vida e gostaria de agradecer a cada um de vocês por isso! A mestre Landerfalt, por todos seus ensinamentos; ao irmão Meinard, por não deixar o tédio tomar posse deste lugar; enfim, a todos, pois, se fosse citar cada um, ficaria aqui até amanhã. – parou, suspirou e finalizou: – Obrigado! Espero vê-los em breve!

Todos se aproximaram e se despediram. Kyle sentiu-se culpado de toda aquela cena e de seu amigo sair do mosteiro por causa de sua visita.

Logo após o almoço, foram feitos os preparativos para a partida. A carroça dos comerciantes foi carregada com cristais que eram extraídos daquelas colinas e trocados por vinho. Partiram horas depois.

A carroça era puxada por dois cavalos muito bons. Para descer as colinas, entretanto, era prudente sair dela, permanecendo apenas o cocheiro, Sadi.

– Sr. Atir, é um prazer conhecê-lo pessoalmente! – disse Kyle.

– Igualmente. – respondeu Atir, rapidamente, pois só alguns minutos de caminhada já lhe haviam tirado o fôlego.

Atir era um homem de idade avançada; usava barba grisalha, curta; era ligeiramente gordo; na cabeça, um turbante, algo realmente extravagante para aquela região; como se não bastasse, no olho esquerdo havia uma espécie de lente, a qual, às vezes, se desprendia, ficando pendurada por uma corrente de ouro presa a um brinco que havia em sua orelha. Era realmente um sujeito singular.

– Diga me... Blackwing... o que ouvi falar sobre seu pai é verdade?

– O senhor não estava em Kamanesh na época?

– Não. – respondeu Atir, fazendo um sinal para descansarem.

Todos pararam e se sentaram em uma rocha arredondada. Atir continuou:

– Eu saí de Kamanesh dois anos antes de começar a guerra e só voltei cinco anos depois de ela ter acabado. Sendo assim, não pude presenciar os feitos de seu pai, embora me lembre vagamente dele.

– Acredito que boa parte seja verdade, mas, o senhor sabe, o povo sempre aumenta muito as coisas.

– Eu entendo...

Tomado pela curiosidade Archibald perguntou:

– Sr. Atir, eu poderia saber onde o senhor esteve durante todo esse tempo?

Atir olhou para cima, abriu a boca, balançou a cabeça sutilmente e disse, saudosos:

– Ah... aqueles tempos! – fez uma pausa, sorriu e continuou – Fiz muitas viagens, meus jovens, fui aonde vocês não podem imaginar...

– Por exemplo... – insistiu Archibald, muito interessado.

– Você já ouviu falar nos reinos bárbaros?

– Sim, um pouco. Quando era pequeno, gostava de ir ao porto, em Kamanesh, escutar as histórias dos marinheiros.

– Quer dizer que o senhor realmente esteve nos reinos bárbaros? – quis saber Kyle.

– Sim. É o lugar mais perigoso de todo este mundo! Fui atrás de fama, tesouros e glória, mas encontrei uma realidade bem diferente... O lugar é...

Atir foi interrompido por um barulho, que assustou a todos: o relinchar apavorado dos cavalos e pedras rolando. Levantaram-se sobressaltados e viram, dezenas de metros abaixo, a carroça virada, envolta por muita poeira. Atir pôs a mão sobre a testa para bloquear o sol e ver melhor o que havia

acontecido. Kyle, Alonzo e Archibald correram na direção da carroça, a fim de prestar socorro. Chegando lá, viram o cocheiro levantando-se e os cavalos se contorcendo, tentando ficar de pé. Alonzo e Archibald ajudavam o cocheiro Sadi, enquanto Kyle tentava soltar os cavalos da carroça.

– Estou bem, estou bem. – repetia Sadi, sem parar; mas parecia o contrário.

Kyle gritou:

– Me ajudem com os cavalos! Acho que eles estão sentindo muita dor!

Logo, Archibald chegou para o auxílio, e conseguiram soltar o primeiro cavalo, que se levantou rapidamente. O segundo, no entanto, não se levantou ao ser solto. Archibald sentiu-se nervoso com o olhar desesperado do animal. Alonzo e Sadi chegaram e tentaram levá-lo.

– Vamos garota! Fique de pé, fique de pé! – repetia Sadi.

Com a ajuda de todos, a égua ficou de pé. Estava muito nervosa. Havia uma lasca de madeira perfurando seu lombo. Archibald pôs as mãos sobre o ferimento e disse a Kyle que puxasse a estaca quando fizesse um sinal. Enquanto isso, Sadi tentava acalmá-la. Archibald fechou os olhos e murmurou algo. O murmúrio transformou-se em palavras ritmadas:

– Tsu ergo neem, Tsu ergo neem, Tsu ergo neem...

Finalmente, Archibald fez o sinal e Kyle puxou a lasca. O animal não deve ter sentido dor alguma, pois nem se mexeu. Saía muito sangue. Archibald direcionou uma de suas mãos para o céu e ficou repetindo:

– Tsu forni ebdo den, Tsu forni ebdo den...

O sangramento começou a diminuir, até que parou. Depois disso, Archibald afastou-se, dando dois passos trêmulos para trás, e caiu sentado. Balançou a cabeça e disse com a voz fraca:

– Precisamos de um pano grande para enfaixar o ferimento.

Kyle cortou um pedaço da lona da carroça, depois de olhar para Atir, que havia consentido com um aceno. Enquanto cortava o pano, pensava em como havia sido surpreendente o que seu amigo fizera. Ele, antes tempestuoso, irresponsável e inseqüente, agira rapidamente e de maneira formidável. Além disso, fora capaz de realizar encantos sagrados! Levou a lona, cortou-a em tiras e começou a enfaixar o animal com a ajuda de Sadi e Alonzo.

Depois de algum tempo, parando para avaliar a situação, Sadi disse que havia sido um acidente. No entanto não puderam seguir viagem, pois duas

das rodas da carroça estavam completamente destruídas. Atir sugeriu que formassem acampamento, enquanto Sadi iria até o mosteiro conseguir uma roda extra, pois tinham apenas uma de reserva. Sadi saiu ao anoitecer, depois de ajudar a desvirar a carroça e montar uma barraca. Alonzo acendeu uma fogueira; Atir trouxe mantimentos de dentro da carroça e disse, sorrindo:

– Sabe, um homem prevenido vale por dois!

Kyle achou estranho que ele estivesse sorrindo após os danos que sua carroça sofrera. Adivinhando o que Kyle pensava, Atir acrescentou:

– Foi sorte! Nenhuma das caixas contendo cristais se abriu com o choque. Nada foi perdido.

Prepararam a comida e sentaram-se ao redor da fogueira. Comiam sem conversar; podia-se ouvir apenas a fogueira estalando, sons de insetos e o vento.

Kyle olhou para Alonzo e viu seus traços de magreza, através do contraste provocado pela escuridão e a luz da fogueira. Alonzo parecia distraído, com os braços apoiados em suas pernas. Finalmente, o silêncio foi quebrado por Archibald:

– Sr. Atir, fale mais sobre suas viagens ou sobre os reinos bárbaros.

Atir fez cara de cansaço e disse:

– Rapaz, nada me daria mais prazer, mas sinto a força da idade me impedindo de acompanhá-los numa conversa.

Archibald demonstrou decepção, e Atir continuou:

– Sabe, meu jovem, estou feliz por você ter vindo. Se não fosse por você, uma de minhas éguas favoritas estaria morta neste momento. – fez uma pausa para respirar e concluiu: – Portanto quero fazer um convite especial para que você e Blackwing venham à minha casa jantar. Lá conversaremos sobre minhas viagens. Agora, se me dão licença, vou-me recolher.

Alonzo acompanhou-o e desejou uma boa noite a todos.

Archibald e Kyle responderam, mas não foram dormir. Depois de um tempo, talvez como um costume antigo, eles se deitaram lado a lado, olhando as estrelas, da mesma forma que costumavam fazer quando crianças.

– Lembra-se de quando ficávamos conversando à noite, no terraço da oficina de Gorum? – perguntou Kyle.

– Sim.

– Sabe, depois daquela época, nunca mais subi lá.

– Você se lembra de que a Kiorina sempre aparecia e ficava falando que ia ser uma grande feiticeira? – disse Archibald, rindo, e continuou: – São engraçadas essas coisas tolas que pensamos quando somos crianças!

Kyle começou a rir e disse:

– Pois é, mas já faz mais de um ano que ela foi admitida na Alta Escola de Magia!

Archibald parou de rir imediatamente e disse:

– Deixe de brincadeiras! Eles nunca iam aceitar alguém como ela.

– Mas é verdade! Eu também não acreditei quando soube.

– Puxa, então ela deve realmente estar diferente, deve ter amadurecido!

– Isso é o que mais me intriga, ela continua a louca de sempre, não consigo entender, já me perguntei mais de mil vezes e não encontro a resposta.

– Por Uraphenes, acho que as coisas mudaram mesmo!

Kyle cruzou as mãos, apoiou a cabeça sobre elas e respirou fundo, dizendo:

– Você nem imagina quanto, meu amigo.

Conversaram por mais alguns momentos e caíram no sono ali mesmo, sob as estrelas, sem perceber... Havia sido realmente um dia muito cansativo.

CAPÍTULO 3

O sol surgiu mais uma vez. A lenda diz que Leivisa, a deusa da luz, carrega o sol em suas mãos invisíveis através dos céus e o esconde durante a noite, fechando as mãos ao seu redor.

Bem cedo, os criados dos Lars já estavam em plena atividade e saíam para comprar alimentos frescos para a primeira refeição dessa pequena família, cujo chefe era conhecido como Sr. Lars. Sua esposa chamava-se Lenore e sua única filha, Kiorina. Gálius Lars era um respeitado cidadão de Kamanesh. O negócio de sua família há gerações era a produção de tecidos finos e a confecção de roupas. Seus produtos gozavam de tal prestígio, que já lhe haviam sido encomendadas peças até pela família real.

– Dora! Ô, Dora! – berrou Lenore.

– Senhora... – veio a resposta ao longe.

– Faça com que Kiorina acorde e fique pronta para o desjejum em quinze minutos!

– Sim, senhora! – a resposta veio mais forte.

Dora, criada da família há duas gerações, fora acolhida pelo avô de Gálius quando era mocinha, na época em que ainda havia escravos no reino de Lacoresh. Ela estava para ser comprada pelo capitão de um navio, no porto de Lacoresh, para servir de “calmante” para a tripulação durante as viagens. Ao ver aquilo, Elmor Lars deu um lance consideravelmente maior, arrematando a menina.

Dora subia as escadas com dificuldade, em função da idade, de seu peso excessivo e de sua perna manca. As paredes da escada eram decoradas com as pinturas de sete gerações de patriarcas da família Lars. Após sua tortuosa subida, Dora abriu a porta do quarto de Kiorina e foi entrando, sem bater, dirigindo-se à cama de Kiorina.

– Kiorina, Kiorina, minha senhorinha, acorde! – disse, num tom terno.

Kiorina nem se moveu.

Dora pôs a mão sobre Kiorina e balançou-a, dizendo:

– Vamos, senhorinha, acorde!

Sem resposta, resolveu puxar as cobertas e ficou muito surpresa.

– Ai, meus deuses! – gritou, dando um pulo.

A imagem era horrível. Kiorina estava morta. Em sua garganta havia um grande corte, por onde o sangue escorria; seus olhos, vidrados, olhavam o vazio. Dora fechou os olhos, fez uma careta de horror e murmurou algo incompreensível.

– Huuurra! Deu certo! – surgiu uma voz entusiasmada.

Dora abriu os olhos e seu coração quase saiu pela boca. Empalideceu ao ver Kiorina levantar-se em sua direção.

– Calma, Dora, foi só um truque! – disse a menina, rindo muito.

Ao escutar aquilo, o sangue de Dora ferveu. Ela apontou as duas mãos em direção a Kiorina e disse:

– Minina! Como pôde fazer isso cumigo? Podia ter murrido de susto! E pare de rir agora mesmo! Si seu bisavô estivesse vivo, ele nunca perdoaria um comportamento assim, principalmente de sua bisneta!

Kiorina fez cara de arrependimento e disse:

– Desculpe-me, Dora, eu só estava treinando uma mágica, não pensei que ia ficar bom... até pensei que você iria rir quando me visse... – parou um pouco sem saber o que falar e completou: – Eu não pensei que fosse assustá-la desse jeito...

– Ah, minina, você não toma jeito mesmo!

– Você me desculpa, então?

– Que jeito, né? – disse Dora, lamentando-se.

– Obrigada! – disse Kiorina, pulando nos braços da criada que, para ela, era como sua avó.

– Está bem, agora você deve se arrumar dipressinha, sinão a senhora sua mãe vai ficar zangada!

Kiorina foi até o armário e ficou de frente para o espelho. Era uma moça muito bonita, cabelos ruivos, olhos verdes, um corpo nem de mulher, nem de menina, mas jovem e elegante. A elegância aliás era algo que Kiorina não podia evitar; parecia uma princesa!

Logo, Dora veio atrás dela. Ao olhar para o espelho, pegou nos cabelos de Kiorina e disse, em lamúrias:

– Toda semana você vem com uma novidade! Olhe só o que você fez com seus cabelos, minha minina, eles eram tão lindos... cumpridos e lisos...

– disse Dora com um olhar triste e balançando negativamente a cabeça – Olhe só agora! Parece um ispanador de pó, todo arripiado, com essa franja!

– Ah, Dora... depois cresce! – retrucou a moça com descaso, enquanto se despia.

– Assim, a senhorinha nunca vai arranjar um esposo!

– Isso é ótimo!

– Não entendo a senhorinha...

– Você acha que vou querer me casar com um desses nobres velhos que papai vai arranjar, somente para dirigir seus negócios e dar continuidade à tradição dos Lars?

– Não fale assim. Seu pai é um homem muito triste; depois que você nasceu, ele nunca mais cunseguiu outro filho...

– Então, você acha que, por não ter um herdeiro homem, ele tem o direito de usar minha vida? – explodiu furiosa. Terminou de vestir-se e saiu imediatamente, deixando a criada para trás.

– Dora, onde está Kiorina? – perguntou Lenore.

– Senhora, me disculpe, mas acho que ela já foi para a Alta Escola.

– Gálius! Você viu? O que essa menina está pensando da vida?

Ele não respondeu; apenas tomou mais um gole de chá, do qual saía muito vapor.

A Alta Escola dos Magos era uma das instituições mais importantes do reino de Lacoresh, com sede nas principais cidades e escritórios na maioria das vilas, até mesmo nas menores.

Em Kamanesh, ficava a segunda maior das escolas. Ocupava um quarteirão inteiro da cidade e ficava no antigo palácio, construído no centro de Kamanesh, por Forbald Kaman, há mais de dois séculos. Com a grande prosperidade da cidade, havia sido construído um novo palácio, há cinqüenta anos, que era pelo menos quatro vezes maior que o outro. Desde então, a sede da Alta Escola de Kamanesh passara para o antigo palácio.

Kiorina já se encontrava nos corredores internos da Alta Escola; ia em direção ao salão onde teria aulas com o mestre Alexanus.

– Kiorina, Kiorina, espere... – veio uma voz ofegante atrás da jovem. Ela nem olhou para trás e já sabia... era o chato do Ector. Escutou seus passos rápidos se aproximando, olhou para cima e pensou: “Eu mereço, esse é o castigo por ter assustado Dora agora há pouco.”

– Kiorina, Kiorina! Você não sabe o que aconteceu!

– É, Ector, não sei e prefiro ficar sem saber! – disse ela, sem se virar.

– Mas desta vez você vai querer saber!

– O que é? – perguntou ela, estranhando a diminuição do ritmo da fala de Ector.

– O novo diretor, o novo diretor... – Ector não conseguia prosseguir.

– Novo diretor? – ela se virou para Ector pela primeira vez, só para confirmar aquela visão que detestava, aquele moleque franzino, com cabelos castanhos completamente despenteados, que achava que era homem!

– É... é o mestre Heirich!!!

– Mentira! Você está inventando essa história! O mestre Heirich mora em Lacoresh e não sairia de...

– É verdade, ele veio para o festival, e eu escutei a conversa dele com o mestre Alexanus, no laboratório.

– Laboratório? Como você entrou no laboratório fora da hora?

– Eu roubei uma dose da fórmula de encolhimento do mestre Alexanus, em nossa aula de ontem, e tinha entrado lá para...

– Não quero saber por que você entrou lá! Quer dizer então que é verdade, o famoso mestre Heirich agora é o novo diretor da Escola!

– Que bom saber! – surgiu uma vozinha do nada.

Os dois gelaram, e Kiorina perguntou:

– Quem disse isso?

– Aqui, no seu anel...

Ao olhar para o anel, Kiorina viu a face enevoada de Chris.

– Chris, seu desgraçado! Esse anel que você me deu de presente estava enfeitiçado! E eu acreditando que você tinha sido realmente gentil! – disse ela fechando os olhos e fazendo uma expressão de ira completa, que piorou quando pensou na possibilidade de ele a ter visto em casa, enquanto se despia pela manhã. Questionou, completamente enraivecida: – Esse anel também é de clarividência ou somente clariaudiência?

Veio uma risadinha e a resposta:

– Você fica muito mais bonita quando está irada!

Ela deu um grito tão alto, que todos ouviram. Abriu-se a porta do salão logo à frente, e mestre Alexanus disse:

– Kiorina! Ector! Parem de brigar e venham imediatamente para a classe!

A vizinha veio novamente:

– Não se preocupe, o alcance é pequeno, de forma que eu nunca poderia vê-la ou ouvi-la dentro de sua casa. – fez uma pausa e completou: – A não ser que estivesse passando ali por perto ou ajudando a abrir a loja do meu pai, que, por acaso, fica em frente à sua mansão...

O sangue de Kiorina ferveu como nunca antes em sua vida. Ela com certeza o mataria, se pudesse pegá-lo agora.

– E, então? Ou vocês vêm agora, ou vão ficar depois do horário! – ameaçou Alexanus.

Ela começou a andar e sussurrou para o anel:

– Você vai ter o troco, Chris Yourdon!

Seu desejo era ir para a classe do terceiro ciclo imediatamente, mas a idéia de ficar depois do horário no dia do festival não lhe agradava nem um pouco! Então, entrou no salão onde haveria a classe do círculo da movimentação.

Nesse ciclo havia cinco alunos e estavam todos presentes. Até duas semanas atrás, Chris Yourdon pertencia ao segundo ciclo. Quando surgiu uma vaga no terceiro, ele a conquistou, através de testes. Para Kiorina, infelizmente, quem preencheu a vaga de Chris foi Ector. Era uma infelicidade, pois provavelmente iria demorar até que o próximo aluno do sétimo ciclo se formasse, abrindo vagas para o sétimo, sexto, quinto, quarto e assim por diante.

Mestre Alexanus era um homem de média estatura, um pouco magro, cabelos grisalhos, expressão firme. Era o mago especialista no círculo de movimentação da Escola.

– Kiorina e Ector, espero que vocês tenham-se acalmado, pois a magia de movimentação, sobre a qual estaremos falando e que praticaremos hoje, precisa de muita calma. Creio que não preciso aqui falar sobre disciplina, para vocês nem para ninguém. – completou Alexanus, olhando para todos. – Vamos começar, com uns momentos de concentração.

Todos fecharam os olhos e ficaram em silêncio, que só não era absoluto por causa do ranger dos dentes de Kiorina, os quais permaneceram assim

durante todo o período de concentração.

– Certo, podem abrir os olhos! – disse Alexanus calmamente e continuou: – Vamos repetir o exercício de levitação de pequenos objetos. Observem a sutileza do movimento... – disse o Mestre ao movimentar os dedos, apontar para uma pequena argola que estava sobre sua mesa e trazê-la, suspensa, até o centro da sala. Disse ainda: – Vocês já conseguem levitar pequenos objetos; vamos treinar agora o controle mais preciso deles.

Alexanus definiu uma ordem para a execução dos exercícios, deixando Ector e Kiorina em penúltimo e último lugar, respectivamente.

Os três primeiros alunos executaram a tarefa satisfatoriamente. Chegou a vez de Ector. Ele se levantou, tirou uma pequena moeda do bolso, usando a levitação. Estava profundamente concentrado. Fez a moeda girar em torno de si mesma, passar perfeitamente no centro de uma argola e voltar para perto dele.

– Ector, você consegue fazer isso mais rapidamente? – interrompeu o Mestre pela primeira vez.

Ector respirou fundo e fez a moeda voar muito rápido, descrevendo um círculo; no meio dessa trajetória, ela passou exatamente no centro da argola e, por fim, pousou em sua mão.

– Muito bem. – disse Alexanus, que raramente comentava as práticas.

Ector fez um sinal com a cabeça e se virou para a direção de seu assento. Ao passar por Kiorina, suspendeu as sobrancelhas e encarou-a, provocativo, o que levou a ira da moça até o limite. Ela se levantou e caminhou para o centro da sala, enquanto tirava o anel enfeitado da mão. Demorou um pouco para fazê-lo levitar. Assim que começou, ele pairou trêmulo no ar. Então, quase tão rápido quanto um flash de luz, zuniu em direção à janela, estilhaçando o vidro e saindo da escola.

Alexanus esticou a mão, e o anel levitou de volta para ela. O Mestre olhou para baixo e balançou levemente a cabeça, num gesto de desaprovação.

– Senhor... desculpe-me... acho que perdi o controle. – disse Kiorina, só então se dando conta do que havia feito.

– Ficou óbvio para todos nós que você perdeu o controle. Tente não usar palavras quando elas não são necessárias. – disse Alexanus, elevando um pouco o tom de voz. A sala ficou em silêncio, até que o Mestre falou: – Classe dispensada.

– Vamos, fique parado pelo menos por um instante! – disse Kiorina, tentando equilibrar-se sobre os ombros de Ector.

– Sim, estou tentando, mas o que você quer pegar nessa janela? – perguntou Ector, segurando, a custo, as canelas de Kiorina.

– Eu não quero pegar nada, seu estúpido! – ela resmungou, ao se agarrar à janela. Fez força para subir e completou: – Eu quero é sair pela janela!

– Não! Vamos parar por aqui. Eu não vou tomar parte nisso. Vou agora mesmo contar ao mestre Alexanus!

– Pois eu acho que não! – desafiou Kiorina.

– É? E você vai me impedir como?

– Eu não poderia impedi-lo, você é muito esperto, mas eu acho que o Mestre iria adorar saber sobre um certo ladrão de fórmulas de encolhimen...

– Tudobem, Tudobem, VáEmFrente! FaçaUmaLoucura! SeVocêForApanhada, EuNemEstiveComVocê, certo? – disse Ector, voltando ao seu ritmo normal.

Kiorina abriu a janela, concentrou-se e sussurrou palavras mágicas. Suas roupas começam a balançar como se fosse arrebatada por um vento forte. Ela olhou para trás e disse: – Adeus, bobão! – pulou e caiu rapidamente do alto da janela do terceiro andar da escola. Ao passar pelo segundo andar, começou a diminuir a velocidade, até que pousou na rua suavemente.

Algumas pessoas perceberam o estranho vôo, mas ela logo disse: – Obrigada, obrigada! – como se fosse uma exibição, e saiu correndo pelas ruas de Kamanesh, rumo ao galpão em que funcionava o negócio de seu pai, perto da muralha oeste da cidade. Ao chegar, Kiorina foi notada por vários tecelões, que a cumprimentaram respeitosamente. Ela devolveu os cumprimentos e subiu uma pequena escada de madeira, que levava ao segundo andar. Lá do alto, pôde ver muitos dos grandes teares trabalhando e ouvir suas batidas rítmicas. Ela se dirigiu a uma sala onde ficavam as costureiras e bordadeiras e disse ao homem que coordenava o trabalho delas:

– Olá, Jeero! Como vai todo esse trabalho?

– Srta. Kiorina, o trabalho é muito, mas gratificante. – disse Jeero, que sempre falava com muita polidez.

Kiorina deu uma olhadela por trás dele e por todo o resto da sala, como se procurasse algo.

– A que devo o prazer de sua visita? – perguntou Jeero.

Kiorina fitou-o. Não podia evitar, pois Jeero era um homem muito elegante, alto, com feições plácidas e longos cabelos castanhos. Finalmente, disse: – Você não adivinha?

– Claro, só esperava a senhorita perguntar... – pediu licença, deu as costas e andou até o armário.

Jeero seria a pessoa perfeita, a melhor opção que o pai de Kiorina teria para casar sua filha. Era um homem bem educado, o mais habilidoso dos membros da oficina, seu braço direito. Só havia um porém: era casado. Depois de casar-se, Jeero, que contava com a maior consideração de Gálius, passou a controlar os negócios no galpão. Enquanto isso, o patrão fazia viagens para acertar encomendas e compras pessoalmente.

– Aqui está! – exclamou. – Ficou pronto ontem!

Kiorina nem podia acreditar. O vestido que ela havia pedido com descaso para usar no festival era realmente muito bonito. Não pensou que iam fazê-lo com tanto capricho. Ela então disse:

– Nossa, está lindo!

Kiorina andava apressada pelas ruas de Kamanesh, carregando uma caixa nas mãos. Era difícil não notá-la. Não por ela, mas por suas roupas e o corte de cabelo. Havia chegado a seu destino, uma casa comum, de dois andares, que só se diferenciava das outras pela placa de madeira, pendurada em um mastro, com o desenho de uma bigorna, onde se lia “Consertam-se armas e armaduras”.

Ao aproximar-se, Kiorina pôde escutar o som de intensas batidas de metal contra metal. Entrou e disse:

– Kyle! Kyle, onde você está?

A entrada dava para um salão que ocupava todo o primeiro andar, onde funcionava a oficina. Depois de entrar, percebeu Gorum, através das

cortinas, perto da grande lareira, atrás de uma bigorna, batendo em um pedaço de metal com um martelo. Resolveu pregar-lhe uma peça. Sussurrou algumas palavras e apareceu a imagem de um rato. Fez com que a imagem se movimentasse e parasse bem na frente de Gorum, que, ao ver o rato, murmurou:

– Maldito rato, você vai ter o que merece... – largou a espada que estava desentortando e segurou o martelo com as duas mãos. Chegou perto do rato e bateu com muita velocidade e força. Disse alto: – Ha! Ha! Peguei você! – mas tomou um susto ao tirar o martelo para ver o que havia restado, pois o rato estava lá, olhando para ele. Sem poder acreditar, olhou para a marreta e para o rato, franzindo a testa. Preparou o martelo para uma nova investida, mas, antes que o fizesse, foi interrompido pelo rato, que lhe disse:

– Por favor, moço, não me mate!

Ele ficou tão surpreso, que deixou o martelo cair. Começou a ouvir uma risada contida por trás da cortina e pensou: “Só pode ser...”

– Surpresa! – disse Kiorina, puxando a cortina e rindo muito.

– Kiorina, minha garota! Que surpresa!

Kiorina correu e pulou nos braços de Gorum. Como de costume, ele começou a girá-la na sala. Desde bem criança, ela o cumprimentava assim e, mesmo crescida, não deixou de gostar da brincadeira. Depois de alguns giros e novamente no chão, Kiorina perguntou:

– Onde está Kyle?

– Ele foi até o mosteiro dos monges Naomir tentar trazer Archibald para participar do festival.

– É mesmo? Quando ele volta?

– Sabe, Kina, ele devia ter chegado ontem...

– Será que aconteceu alguma coisa?

– Não... o garoto sabe se cuidar. Ele deve chegar logo.

– Bem... então venha aqui, tenho algo para lhe mostrar! – puxou Gorum pela mão até a sala onde havia deixado a caixa, que ela abriu. Pegou então o vestido e o desdobrou, mostrando-o a Gorum.

– Para quem é esse vestido? – disse ele, sorrindo.

– Para mim, claro!

Gorum achou estranho, pois ela nunca havia usado vestidos tão incrementados e tradicionais, mesmo em cerimônias formais. Puxou a barba da maneira usual e, para evitar o silêncio, disse, sério:

– É muito bonito.

– Nossa, Gorum, o que há de errado? Você podia dizer: Puxa! É realmente lindo! ou falar com mais entusiasmo.

– Me desculpe, Kina, é que, às vezes, me esqueço de que você já está crescida.

– Tudo bem, eu entendo, ninguém realmente acha que cresci... – disse, um pouco decepcionada, enquanto dobrava o vestido e o colocava na caixa. Estava saindo, quando Gorum disse:

– Kina! Vamos lá! Não fique assim..

Ela se virou, já de fora da oficina, e disse:

– Não se preocupe, Gorum, não vá ficar com isso na cabeça. Anime-se, você fica muito melhor com um sorriso no rosto.

Ele voltou a sorrir e disse:

– Então eu falo para o Kyle que você esteve aqui.

CAPÍTULO 4

“Se esse garoto não aparecer, ele vai se ver comigo...” resmungava Gorum, enquanto limpava a armadura do pai de Kyle. Faltava pouco tempo para a cerimônia. Gorum cuidava dos preparativos e, ao mesmo tempo, olhava a rua. Não queria admitir, mas já estava ficando preocupado e nervoso. “Onde esse garoto se meteu?” pensava e repensava. Seus pensamentos foram interrompidos pelo barulho de uma carroça, puxada por dois cavalos, com um brasão da casa Atir, aproximando-se de sua oficina. Gorum se levantou, andou até a porta e viu que a carroça estava parando. Ele então a observou e escutou as vozes que dela vinham.

– Muito obrigado, Sr. Atir, nos veremos em breve!

– Sou eu quem agradece, meus jovens.

Gorum viu que Kyle descia da carroça e sentiu um grande alívio. Mais algum tempo e perderia a paciência. O outro que desceu devia ser Archibald, pensou, por causa das roupas que usava.

– E então, rapazes, prontos para a farra? – disse Gorum, num tom mais alto que o normal.

Os dois olharam para ele e sorriram. Kyle tirou a bagagem de Archibald da carroça e fez sinal para Sadi, que a colocou em movimento imediatamente.

– Você sabe que sim. – respondeu Kyle, irônico.

Archibald aproximou-se e cumprimentou Gorum.

– Archibald, que roupa é essa? Você até parece um daqueles monges Naomir! – disse Gorum, com a expressão severa.

– Isso deve ser porque eu sou um monge Naomir. – respondeu Archibald, estranhando.

– Garoto, não precisa me dizer isso, eu só estou brincando!

– E parece que você caiu direitinho. – disse Kyle, colocando a mão sobre o ombro do amigo.

– Acho que ainda terei de me acostumar com Gorum de novo. – disse Archibald, entrando na oficina.

– Diga-me, Kyle, por que a demora? – perguntou Gorum, ao fechar as portas da oficina.

– Essa é uma longa estória, Gorum... – disse Kyle, olhando com desconfiança para a armadura que estava pendurada na parede, mas que ele ainda não sabia que fora de seu pai.

“Não acredito que acabei concordando com isso...” pensava Kyle, repetidamente, enquanto limpava o suor da face.

– Fique calmo, garoto, não vai ser nada de mais, nós só vamos subir naquele palanque e receber as condecorações. – disse Gorum, tentando acalmar Kyle.

– É claro, e todos aqueles nobres, inclusive o Duque, vão ficar nos observando! – exclamou Kyle, demonstrando muito nervosismo.

– Gorum!?! – veio uma voz de trás.

Gorum virou-se. Era seu amigo Julius, o Cavaleiro Carmim.

– Julius! – exclamou Gorum, ficando sem ação por uns instantes.

Era a primeira vez que Kyle via Julius, de quem sempre ouviu histórias contadas por Gorum.

– Julius, você voltou! – disse Gorum, andando em direção a seu velho amigo.

Julius não respondeu e andava na direção de Gorum apenas olhando para ele. Os dois veteranos se encontraram e se abraçaram no meio dos jovens cavaleiros.

Kyle, olhando-os, sentiu um aperto no coração e não entendeu bem o motivo. Talvez fosse porque ali, diante de seus olhos, estavam os dois companheiros de seu pai. As histórias que Gorum lhe contava sempre começavam assim: “Estávamos seu pai, Julius e eu...” Kyle pôde, então, ver como era o famoso Julius: um homem de meia idade, cabelos brancos e curtos e traços remanescentes de quem havia sido uma pessoa muito vigorosa quando jovem. Ficou olhando para os dois. Como havia muito barulho, não escutava o que conversavam, mas compreendeu que realmente havia um laço especial entre eles. Simplesmente não podia compreender

como pessoas que não se viam há mais de dezoito anos podiam estar já tão íntimas.

– Gorum, não posso acreditar, você realmente tem uma saúde de ferro! Como pode ser que não tenha um só cabelo branco?

– É, meu amigo, parece que você não teve a mesma sorte...

– Sabe, Gorum, vejo seu senso de humor se manteve.

– Veja pelo lado bom, Julius, pelo menos você não ficou careca! – e Gorum começou a gargalhar.

Julius fez força para não rir, chegou a ficar vermelho. Finalmente não agüentou, começou a gargalhar também e disse, com dificuldade:

– Você sempre diz essas coisas sem graça e eu acabo rindo. Só você mesmo!

– O que eu posso fazer? É um talento nato!

Quando pararam de rir um pouco, Gorum disse:

– Vamos, há alguém que gostaria de lhe apresentar.

Andaram na direção de Kyle. Quando Julius o viu, disse a Gorum:

– Por Taíor, não pode ser... é o filho de Armand?

Gorum não respondeu, nem precisava; olhar para Kyle era como voltar no tempo.

– Kyle, gostaria que conhecesse meu grande companheiro Julius Fortrail.

O jovem olhava para os dois e não podia deixar de estranhar a diferença de tamanho. Gorum era grande mesmo, e ele sempre imaginara que Julius também fosse.

Estenderam as mãos, cumprimentando-se. Kyle não acreditou na força com que Julius lhe apertou mão.

– Kyle? Não é mesmo?

– S... sim.

– Se me permite, quero me desculpar. – disse Julius, abaixando a cabeça, mas com os olhos fixos em Kyle.

Kyle reparou, agora de perto, nos olhos de Julius, tão azuis e claros que lembravam um dia de inverno.

– Não, senhor, não foi nada...

– Por favor, me chame de Julius. – ele parecia absorto em seus pensamentos. Lembrava-se de tantas coisas, que ficava difícil concentrar-se na conversa. Uma voz, por fim, os interrompeu:

– Atenção, cavaleiros, é chegada a hora! Logo depois, soaram várias cornetas diferentes.

Kyle sentiu alívio e medo. Alívio por deixar de encarar o olhar penetrante de Julius, que o estava deixando incomodado; medo pela cerimônia que iria enfrentar.

Os cavaleiros que estavam atrás do palanque começaram a subir. Era apenas um dos palanques do conjunto que havia sido montado em círculo no pátio externo do palácio real. A luz do sol já estava muito fraca, dando um tom avermelhado em tudo o que iluminava. O povo aplaudia e gritava, havia olhares de admiração, indiferença e até mesmo inveja. Ao subir no palanque, Kyle se viu junto com mais quatro veteranos. Muitos jovens como ele iriam receber a ordenação de cavaleiros de primeira ou segunda ordem.

De cima do palanque, podiam ver a bela decoração que fora feita para o festival. Havia muitas barraquinhas e faixas coloridas que cruzavam o céu, presas em postes de madeira, ornamentando os palanques. O povo completava a cena com roupas de cores vivas. Todos os palanques eram interligados por pequenas pontes, para que os convidados especiais pudessem circular por eles. Havia o palanque da Real Santa Igreja, da Alta Escola, da família real, dos músicos, das casas comerciais e outros com mesas repletas de comidas e bebidas.

O povo ficava na parte de baixo, onde haveria muita diversão, barracas de brincadeiras, leitura da sorte, comidas e bebidas.

O palanque em que eles estavam ficava ao lado do palanque da família real, onde estavam o Duque Dwain, de Kamanesh, seu filho, Sir Clyde, sua filha, Lady Kátia, o Barão Ludwig Fannel, a Baronesa Lígia Fannel, seu filho, o doutor Adam Fannel, o Barão Aaron, de Whiteleaf, e o convidado especial Lorde Nasbit, soberano do reino vizinho, Homenase.

Kyle estava surpreso com o que sentia. Estar ao lado dos grandes cavaleiros, prestes a receber sua ordenação, sendo visto por todas aquelas pessoas o emocionava de uma forma que não poderia descrever.

O povo fazia muito barulho, mas ficou em silêncio após o soar das cornetas, que foi seguido pelas palavras do porta-voz, localizado num pequeno palanque separado, mais alto que os outros.

– Povo de Kamanesh, estamos aqui hoje para celebrar os vinte anos do fim da guerra dos bestiais.

O homem fez uma pausa, virou-se para o palanque dos cavaleiros, esticou o braço direito, fazendo um gesto amplo, e acrescentou:

– E o melhor é que nós vencemos! Devemos nossa vitória a esses homens, bravos cavaleiros que lutaram por nosso povo e nossas terras!

O porta-voz vestia um belo uniforme de gala vermelho e falou por mais alguns momentos sobre a guerra. Finalmente, chamou Sir Clyde para começar a cerimônia de ordenação dos novos cavaleiros.

Sir Clyde, o filho do Duque, levantou-se de seu lugar, andou até a ponte que ligava o palanque dos nobres àquele onde estavam os cavaleiros e a cruzou. Era um homem muito jovem, de rosto quadrado e olhos apertados; trazia os cabelos castanhos amarrados; vestia um conjunto aveludado de cor vinho, com uma gola branca cheia de bordados. Aproximou-se dos jovens cavaleiros que formavam uma fila, puxou sua espada, apontou-a para o céu, olhou para seu pai e, ao receber um aceno de confirmação com a cabeça, disse:

– Hoje vocês serão ordenados Cavaleiros da Segunda Ordem. Terão de demonstrar bravura e lealdade ao Duque. Quando, um dia, forem ordenados Cavaleiros da Primeira Ordem, terão o privilégio de servir diretamente ao nosso amado Rei Corélius.

Todos os cavaleiros disseram em voz alta:

– Juramos lealdade ao Duque!

Sir Clyde abaixou sua espada, e todos os jovens cavaleiros ajoelharam-se ao mesmo tempo. O nobre passava por cada um dos candidatos, apoiava a espada sobre seus ombros e dizia:

– Eu o proclamo cavaleiro de Kamanesh!

No fim da fila, estava Kyle Blackwing, alguém de quem se esperava mais que de todos os outros. No entanto, quando chegou sua vez, Sir Clyde não olhou para ele, virou-se e começou a voltar ao palanque dos nobres.

Kyle ficou ainda alguns momentos com os olhos fechados, começou a desconfiar da demora e resolveu levantar um pouco a cabeça. Abriu um dos olhos e, para sua surpresa, não havia ninguém à sua frente. Sentiu o suor escorrer pela sua face, sentiu vontade de limpá-lo, mas continuou imóvel. O tempo parecia não passar. Ele escutava todos os ruídos e falas como se estivessem mais lentos que o normal.

Enquanto isso, Sir Clyde já estava no palanque dos nobres. Parou à frente de seu pai e estendeu a espada que era usada há mais de cem anos

para ordenar os cavaleiros de Kamanesh. O Duque se levantou, empunhou a espada e dirigiu-se ao palanque dos cavaleiros. Dwain era um homem de idade avançada, porém vigoroso. Trajava uma roupa de gala negra, com vários botões prateados, muito discreta. Além disso, vestia uma capa vermelha, que desabotoou e entregou ao filho.

Kyle suava muito e começava a ficar realmente preocupado. Sua preocupação foi interrompida pela voz do próprio Duque de Kamanesh:

– Levante-se, Kyle Blackwing.

Kyle gelou e obedeceu imediatamente. O Duque aproximou-se, virou-se para o povo e disse:

– Todos sabem que eu só estou aqui, vivo, graças ao pai desse jovem, o cavaleiro Armand Blackwing. É uma estória que vale a pena ser lembrada. Tudo aconteceu muito rápido. Meu pai estava sob a custódia dos bestiais, e eu me vi, pela primeira vez, Duque de Kamanesh. O cavaleiro Blackwing estava junto com os cavaleiros Gorum e Carmim, aqui presentes. – o Duque indicou ambos e continuou: – Eles estavam no acampamento, em uma missão de espionagem das lideranças bestiais. Na ocasião, descobriram que havia um assassino, destinado a tirar minha vida, infiltrado no palácio e descobriram sua identidade. Resolveram, então, voltar imediatamente. No caminho, tiveram um encontro com uma patrulha de bestiais, quando se travou uma sangrenta batalha. Os cavaleiros Gorum e Carmim ficaram gravemente feridos e não puderam prosseguir. Blackwing, porém, mesmo ferido, viajou um dia e uma noite inteiros, até chegar ao palácio. Exatamente no instante em que o assassino, traidor cujo nome não vale a pena recordar, me ameaçava com esta mesma espada que está em minhas mãos agora, ele apareceu.

O Duque suspirou, olhou para baixo e prosseguiu:

– Eu não podia me defender, já que minha espada fora sabotada pelo traidor, que era o próprio capitão da guarda do palácio. O cavaleiro Blackwing chegou e lutou bravamente. Seus ferimentos e a fadiga de sua viagem, no entanto, contribuíram para que ele não estivesse hoje aqui conosco. – fez uma pausa. – Mas eu devo minha vida ao sacrifício desse nobre cavaleiro!

Voltando à expressão severa, virou-se para Kyle e disse:

– Quando soube que você seria ordenado Cavaleiro, decidi fazer sua ordenação pessoalmente. – ergueu a espada e disse: – Ajoelhe-se, Kyle

Blackwing.

Kyle ajoelhou-se, seu suor se misturava às suas lágrimas. Ele, que sempre lutou contra seu destino, sempre tentou fugir do fantasma de seu pai, chegando mesmo a odiá-lo, sentia agora que ser um cavaleiro era realmente seu destino.

O Duque colocou a espada sobre o ombro esquerdo de Kyle e passou-a, sobre cabeça do jovem, para o ombro direito, dizendo:

– Eu o proclamo Cavaleiro de Kamanesh.

Kyle levantou-se, viu a mão do Duque estendida e também estendeu a sua. Foi um longo aperto de mãos. O Duque inclinou-se um pouco e disse ao ouvido de Kyle:

– Não me decepcione, garoto.

O Duque se afastou e fez sinal para um dos guardas, que trouxe uma almofada vermelha, sobre a qual havia alguns objetos.

– Hoje contamos com a presença de quatro cavaleiros que lutaram na guerra dos bestiais. Por favor, palmas para eles. – disse o porta-voz, de seu palanque, e completou: – Eles serão condecorados com a adaga de honra!

O Duque fez a entrega das adagas e cumprimentou os cavaleiros. Kyle também recebeu uma, em nome de seu pai.

As coisas estavam menos tensas, Kyle havia relaxado. Ele e Kiorina andavam no meio da animada multidão. Ela disse:

– Nossa, Kyle, você estava sensacional lá em cima!

– Kina, você vai parar de repetir isso ou não? – disse Kyle, que não conseguia se aborrecer muito com sua amiga de tanto tempo.

– Tudo bem.. – ela fez um rápido silêncio e exclamou: – Olha, Kyle, uma barraca mística!

– Barraca mística? Você acredita nesses adivinhos de barraca?

– Na verdade, eu sempre gosto de ver se o adivinho tem realmente o dom místico, sabe como é?

– Tudo bem, vamos lá!

Ao se aproximar, Kiorina surpreendeu-se ao ver Ector saindo da barraca.

– Ector, não vá me dizer que você entrou para checar se o adivinho é ou não é um farsante... – disse, com ironia.

Kyle lançou um olhar mortal a Kiorina, que percebeu e completou:

– É, só se for para isso mesmo, que era exatamente o que eu ia fazer!

– É verdade. – confirmou Kyle, apoiando a amiga.

Ector, sem ligar muito para a situação, abriu um sorriso e disse pausadamente:

– A adivinha disse que eu vou ser grande!

– Ah! E você acreditou? – disse Kiorina, cutucando Kyle com o cotovelo.

O garoto deu as costas e foi cantarolando no ritmo da música:

– Grande! Ser grande! Eu vou ser... grande!

Kyle segurou a lona para que Kiorina passasse. Ao entrar, não havia como se desviar de todos aqueles penduricalhos. Dentro da barraca, o som da música e o barulho da multidão eram ligeiramente menores, o que dava um certo alívio.

– Bem-vindos à barraca de Giordana. – disse uma mulher jovem e bonita, de cabelos negros e olhos de um azul tão claro como nunca haviam visto. Estendeu as mãos indicando as almofadas e completou: – Por favor, sentem-se.

A mulher era completamente o oposto de que Kyle esperava: uma velha feia, talvez como o velho Ourivart. Isso fez com que ele se desconcertasse um pouco.

– Qual de vocês quer saber sobre os mistérios da teia da vida primeiro?

– perguntou Giordana, fixando o olhar nos olhos de Kyle.

Kyle pensou na mesma hora “Farsante, como pode dizer uma coisa dessas, se eu nem quero saber nada?”

– Qual o seu nome, minha jovem? – perguntou a adivinha, fechando os olhos.

– K...

Foi interrompida por Kyle, que perguntou:

– Você não consegue adivinhar?

– Não se deve usar energia para descobrir coisas que podemos simplesmente perguntar...

Antes que Kyle pudesse se manifestar, Kiorina disse seu nome todo.

– Muito bem, minha jovem. O que você deseja realmente saber acredito que não deva ser dito aqui, agora, pois é algo muito íntimo... – disse Giordana, ainda com os olhos fechados.

Kiorina queria falar alguma coisa, mas uma espécie de nó na garganta a impedia.

– Agora você, Kyle...

– Como sabe meu nome?

– Calma, meu jovem, seu nome foi muito bem pronunciado e repetido, há pouco, pelo próprio Duque.

– Claro... – disse Kyle, embaraçado, e começou a respeitar um pouco mais aquela mulher, vestida em panos vermelhos. Observou uma pequena marca em sua testa.

Ela se inclinou e lhe disse:

– Dê-me suas mãos.

– Por que eu preciso e minha amiga não?

– Porque os sentimentos dela são muito óbvios e os seus, não.

Kiorina fez uma cara feia e chamou Kyle para sair. Ele discordou. A garota então se levantou num salto e saiu.

– Vê o que eu disse? – sugeriu Giordana.

– Entendo perfeitamente.

A mulher segurou ambas as mãos de Kyle, ficou em silêncio por alguns instantes e disse:

– A primeira coisa que tenho para lhe dizer é que você está fazendo tudo errado.

– Como assim?

– Você não precisa seguir os passos de seu pai para ser feliz. Retire o Duque de sua mente, olhe para si, examine seus sentimentos.

A voz de Giordana o acalmava, mas, ao falar sobre o Duque, ele soltou suas mãos, dizendo irritado:

– Eu jurei lealdade ao Duque e nunca vou tirá-lo de meus pensamentos!

“Sabia que não deveria ter mencionado o Duque.” pensou Giordana, passando a mão no cabelo e disse: – Bem.. como queira! A segunda coisa é... – parou de repente, abriu os olhos e começou a respirar rapidamente.

Kyle se assustou e disse:

– A senhora está se sentindo bem?

Ela pareceu não ouvi-lo e caiu para trás, soltando um gemido. Kyle foi ajudá-la, segurou-a em seus braços, enquanto ela tremia e suava muito. Ele então gritou:

– Kiorina! Preciso de ajuda! – mas não houve resposta.

Depois de uns instantes, Giordana se acalmou, colocou as mãos sobre a testa e limpou o suor.

– Você está bem? – perguntou Kyle, muito preocupado.

– Sim. Por favor, saia agora...

– Mas...

– Por favor!

Kyle saiu, muito transtornado; começou a andar no meio da multidão sem conseguir orientar-se. Procurava Kiorina, mas não a encontrou. Resolveu fazer uma visita a Archibald em sua barraca da Real Santa Igreja. Quase não pôde conversar com ele, que mal havia chegado e já estava cheio de tarefas. Seu novo superior, o irmão Weiss, realmente não era fácil.

CAPÍTULO 5

A chuva era uma das mais fortes daquele ano, um pouco incomum para a estação. Estava tão intensa, que nem mesmo os obstinados feirantes da Feira da Meia-Lua haviam montado suas barracas naquela manhã. Apesar de não ser bom para os negócios, as pessoas, em geral, não se aborreceram muito, já que, com aquela chuva, a manhã tornava-se perfeita para descansar em seus lares aconchegantes, recuperando-se do festival da noite anterior.

Kyle e Gorum estavam sentados perto da forja na oficina. Suas roupas estavam penduradas perto do fogo, secando. O festival fora interrompido na noite anterior com a forte chuva, que ainda perdurava.

Em meio a trovões, barulho de chuva e de goteiras, Kyle e Gorum tomavam chá quente e conversavam sobre o festival. Com nuvens muito escuras, a manhã parecia noite. O fogo da lareira iluminava o rosto de Kyle. Ele olhava fixamente o vapor que saía de seu copo.

– Diga-me, garoto, onde foi parar Kiorina? – quis saber Gorum, depois de beber um gole de chá.

– Ah... você sabe...

– Onde garoto? – perguntou Gorum impaciente.

– Ela sumiu, eu não a vi mais.

– Kyle, você deveria ter ficado ao lado dela, não é uma atitude boa para um cavaleiro deixar sua acompanhante simplesmente sumir.

– Não foi tão simples assim... eu cheguei a ir atrás dela.

– Claro, eu sei...

– Pelo menos a chuva começou apenas no fim do festival, quando a maioria das pessoas já havia ido embora. – disse Kyle, tentando mudar de assunto.

– É mesmo? Isso não altera o fato de que você não vem dando a Kiorina o tratamento que ela merece. Você não retorna metade da atenção que ela lhe dá.

Kyle levantou-se e disse em tom mais alto:

– Olha aqui, Gorum, você não sabe o que aconteceu! A culpa não foi minha! Aquela garota é completamente maluca e sumiu sem deixar pistas! – terminou de falar e pegou a sela de seu cavalo.

– Onde você pensa que vai, garoto?

Kyle fingiu não ouvir. Desistiu da sela e montou o cavalo em pêlo. Puxou a corda que prendia o portão, que subiu, e saiu cavalgando pela chuva.

Gorum, ainda sentado, balançava a cabeça negativamente e dizia:

– Se ele se parecesse um pouquinho menos com o pai... nem falou nada sobre o vestido dela!

Gorum levantou-se e foi até o portão para fechá-lo. Observou Kyle sumir no meio da chuva e da trovoada. Antes de fechar o portão, viu uma carruagem vindo da direção para onde Kyle havia cavalgado. Esperou e a carruagem parou em frente à sua oficina. Abriu-se a porta, e Gorum pôde ver seu amigo Julius Fortrail descer.

– Gorum, aquele não era o Kyle?

Gorum balançou a cabeça, confirmando. Julius correu para dentro da oficina e disse:

– Para onde ele vai com tanta pressa?

– Não me pergunte, meu amigo, não me pergunte...

Kyle cavalgava pelas ruas de Kamanesh em meio à chuva. Algumas pessoas observavam sua passagem pelas janelas de suas casas. Seu cavalo levantava muita água ao passar pelas grandes poças. Depois de alguns minutos, ele havia chegado a seu destino, o local onde deveria estar o acampamento dos artistas que haviam feito apresentações no festival. Ficou decepcionado ao perceber que eles não estavam ali. Pensou que poderiam ter mudado o acampamento de lugar e decidiu passar na Taverna da Lua para ver se alguém sabia algo. Chegando lá, ficou surpreso ao ver que havia muitas pessoas comemorando. Ao entrar, ouviu:

– Kyle Blackwing, junte-se a nós! Vamos comemorar!

– Comemorar? – disse Kyle, surpreso.

A taverna estava cheia, como numa noite de farra. Lá estavam alguns dos feirantes e o pessoal da companhia do pai de Kiorina, Sr. Lars.

– É! Venha comemorar! – disse um homem. – Ontem à noite nasceu o filho do nosso grande companheiro Jeero!

Kyle ficou surpreso e foi cumprimentar o novo pai. Com toda aquela animação, acabou-se esquecendo do que queria perguntar e juntou-se ao grupo.

– Kyle! – disse Jeero, levantando-se – Depois daquela história que o Duque contou sobre seu pai e considerando tudo o que sabemos sobre ele, estive pensando se você me daria a honra de me permitir dar ao meu filho o nome de seu ilustre pai, Armand.

– Cl... claro, Jeero, é uma honra para mim também! – disse Kyle, cada vez mais surpreso do respeito que obtinha por ser filho de quem era.

– Então, está decidido! – disse Jeero, com força.

– Um brinde ao filho de Jeero, Armand DeFruss! – disse Bal, o dono da taverna, e acrescentou: – Rodadas por conta da casa!

Todos gritaram, muito alegres, e a comemoração se estendeu por quase todo o dia.

Kiorina estava entediada, toda aquela chuva lhe dava muito sono. Agora teria mais uma aula teórica sobre a história da Alta Escola. Queria muito sair para ver o filho de Jeero, que havia nascido na noite anterior. Estava em uma das varandas internas da escola, observando a chuva cair na fonte no centro do jardim. Seu tédio foi interrompido por uma curta e baixa comemoração.

– Consegui! – disse uma voz distante.

Ela olhou diretamente para baixo e viu Chris Yourdon, andando no meio da chuva. Havia algo incomum naqueles passos. Ao observar melhor, viu que ele, na verdade, flutuava, e que a chuva não o tocava, mas se desviava dele. Correu pelas escadas e, ao chegar lá embaixo, chamou-o:

– Chris, ei, Chris!

Ele se virou, abriu um dos olhos e começou a flutuar em sua direção.

– Kiorina de Lars, o que você deseja?

Ela fechou os olhos e respirou fundo, tentando conter-se. Mesmo após fechar os olhos, podia ver a imagem de Chris em sua mente, um belo jovem de longos cabelos castanhos, olhos da mesma cor e traços delicados. Finalmente, disse:

– Estou disposta a perdoar você, se me ensinar como se faz isso.

Chris Yourdon aterrissou suavemente, pegou a mão direita de Kiorina, curvou-se e a beijou, num gesto de verdadeiro cavalheirismo.

– Elementar, minha cara Kiorina! Você já aprendeu a levitação pelo vento, não?

– Sim... mas isso era obviamente uma espécie de domo, e os domos só são ensinados a partir do quarto círculo!

– É claro que uma técnica mais simples, aplicada inteligentemente, pode provocar efeitos além dos esperados. Se você investigasse um pouco mais a magia, saberia disso.

– Você vai dar uma de grande mestre ou vai me dizer logo como fazer? – disse Kiorina, impaciente.

– Certo! Você deve fazer o encanto, direcionando a energia exclusivamente para a sola de seus pés.

– E daí? Isso não me deixa seca!

– É... mas, com isso, você deixa energia de sobra para concentrar-se em uma pequena camada de vento ao redor de seu corpo! – disse Chris, virando-se e soltando uma risadinha.

– Por que esse risinho cínico agora?

– Se eu disser, você não vai gostar...

– É melhor você dizer logo, senão... – ameaçou ela, segurando a gola dele com ambas as mãos.

– Calma! – pediu, enquanto retirava as mãos dela de sua roupa. – Se você quer mesmo saber, eu diria que o motivo para você ainda estar no segundo círculo é não ter ainda percebido que você deve moldar a magia e não deixar que ela lhe molde.

Aquilo soou como um insulto, o que, de certa forma, era, e fez com que ela perdesse a cabeça e invocasse um feitiço rapidamente e com muito ódio. Com as mãos direcionadas para o peito de Chris, ela deu um grito. Uma forte rajada de vento, então, o arremessou em direção à chuva. Ele caiu sentado em uma poça de água, alguns passos atrás.

Aquele grito e a cena chamaram a atenção de todos os que ali passavam e também dos que estavam nas varandas internas dos três andares da Alta Escola.

Chris, ao levantar-se completamente molhado, ainda disse, em tom de piada:

– Viu o que eu disse? Você nunca vai conseguir fazer magia da forma elegante como eu faço! Ainda tem muito o que aprender... – levantou-se e saiu rindo, atitude que a deixou com mais ódio ainda. – Ah... – disse ele – obrigado pelo banho. Eu estava mesmo precisando me refrescar!

De repente, Kiorina tomou um grande susto: estava em outro lugar, antes que pudesse piscar os olhos. Logo, veio outro susto: viu mestre Alexanus na sua frente, com uma cara nada boa.

– Explique-se!

– É culpa do... – voltou atrás, ao ver expressão de seu mestre, e finalizou: – minha.

– Ótimo! Assim não teremos mais problemas. – pegou um papel sobre a mesa, estendeu a mão e o entregou a ela, dizendo: – Aqui está sua última advertência. Se você continuar com esse comportamento, serei forçado a rebaixá-la de círculo.

Ela mal teve tempo de olhar o papel e ele completou:

– Não pense que não sabemos de suas pequenas escapadas! Agora, por favor, retire-se.

Archibald andava pelos corredores laterais da fria Catedral de Kamanesh. Com a chuva e a luz dos relâmpagos que atingiam seus enormes vitrais, o ambiente era iluminado com uma diversidade de cores e luzes. A Catedral estava fechada. Desde que chegara em Kamanesh, seu novo superior, o irmão Weiss, havia-lhe designado os serviços mais difíceis e pesados. Não que Archibald se importasse muito, mas certamente isso tinha feito com que ficasse muito ocupado e cansado.

Seu dia inteiro, desde a madrugada, tinha sido limpar e arrumar a Catedral, preparando-a para a cerimônia de batismo do filho de um dos empregados do pai de Kiorina. O irônico era Kyle ter ido buscá-lo para o

festival e isso ter-se transformado em trabalhar, trabalhar e trabalhar. “O que eu podia esperar?” pensou Archibald. Ele carregava as cadeiras de um salão para o outro e pensava em muitas coisas. “Grande Aianaron, dai-me forças!” sussurrou, ao erguer mais uma cadeira. Elas eram muito bonitas, com motivos religiosos esculpidos, feitas com madeira muito pesada. Enquanto as carregava para compor o círculo principal perto do altar, pensava nas histórias dos deuses. Aianaron era o deus da força e da coragem, filho primogênito de Forlon e Ecta e patrono dos guerreiros. Archibald admirava, especialmente, dois deuses: Aianaron e Shimitsu, o deus da magia. Esses foram os deuses que lutaram na grande guerra ao lado dos seres humanos, até o último momento. Pelo menos é o que se conta para os fiéis da Real Santa Igreja. Ao se tornar um monge Naomir, porém, Archibald descobriu que essa não é a pura verdade. Aliás, ele percebeu que aprendia as coisas de sua religião muito paulatinamente e que, somente quando fosse um membro mais confiável da ordem, a verdade lhe seria revelada. Ele sabia que ela era mais dura e fora reformulada nas bases da religião para que o povo comum pudesse compreender e viver sem grandes conflitos espirituais. Desde que alcançou alguns conhecimentos secretos com os monges Naomir, sua fé ficou abalada. Não conseguia ainda compreender bem por que a verdade não era dita. A maioria de seus pensamentos se voltava para isso, durante os dias e as noites.

– Irmão DeReifos, como vão os preparativos? A cerimônia será em breve. – veio uma voz do outro lado do salão.

Archibald limpou o suor da testa e respondeu:

– Só faltam cinco cadeiras, senhor. – e olhou para seu superior. O irmão Weiss era um senhor de idade avançada, cabelos ralos e andava com certa dificuldade.

– Ótimo! Quando terminar, prepare meus trajés.

Archibald deu uma risada e pensou “Como diria o irmão Meinard, trabalho, trabalho e trabalho! A real purificação, mas nunca na hora de uma refeição!

CAPÍTULO 6

Ao cair a noite, as luzes mágicas iluminaram o interior da Santa Catedral de Kamanesh. Os sinos tocaram, emanando vibrações pelas ruas da cidade, mas sua cantiga foi atenuada pela forte chuva, que caía desde a madrugada. Com esse tempo, poucas pessoas saíam de suas casas naquele início de noite, exceto as que iriam ao batismo de Armand, filho de Jeero e Ellis DeFruss.

O choro do bebê ecoava na câmara principal da Catedral, cuja altura era superior a quinze homens. Todos os presentes queriam ver o bebê e, ao se aproximarem, diziam palavras doces, tentando acalmá-lo, sem muito sucesso. Muitos perguntavam o que havia de errado com os olhos dele, e a mãe, um pouco nervosa, respondia que ele ainda não abrira bem os olhos.

Estavam presentes a família Lars e todos os seus empregados, além de Kyle, Gorum, Julius e os amigos de Jeero, freqüentadores da Taverna da Lua. Archibald estava na antecâmara, atrás do altar, juntamente com os jovens acólitos da Catedral. Vestia-se como os monges Naomir, destoando dos finos mantos brancos dos acólitos. O sacerdote deu boas-vindas aos presentes e iniciou a cerimônia. O bebê continuava a chorar, não parando um momento sequer.

O irmão Weiss acompanhava a cerimônia à distância, da parte de trás da nave, perto dos portões. No momento em que o bebê deveria ser colocado sobre o altar para ser abençoado pelos sete deuses, o velho monge Naomir pôs-se a caminhar com dificuldade em direção a ele, chegando ao altar junto com a criança, que chorou ainda mais forte. Weiss colocou sua mão sobre a testa do menino, que finalmente se acalmou. Foi um alívio para todos, principalmente para Ellis, que estava muito nervosa com o desconforto do filho.

Os nomes dos deuses foram evocados, e a criança foi batizada, seguindo um detalhado ritual. O nome Armand foi repetido várias vezes, e Gorum sentiu-se tocado.

– Gorum, você está bem? – perguntou Kyle, discretamente.

Gorum não respondeu; apenas se levantou e saiu.

Kyle sentiu a mão de Julius segurando-lhe o ombro, impedindo que se levantasse. Olhou para Julius e notou a tristeza nos olhos azuis do veterano.

– Deixe-o ir. – disse Julius, pesaroso.

– Mas o que... – e Kyle foi interrompido por um gesto de Julius, indicando que falariam sobre o assunto depois.

Terminada a cerimônia, Ellis levou Armand para casa na carruagem do Sr. Lars, e todos foram comemorar com um jantar num salão anexo à Catedral. A mesa era bem grande, com mais de trinta lugares preparados. Sentaram-se à cabeceira da mesa o Sr. Lars, sua esposa, Jeero e Julius. Kyle, Kiorina e Archibald sentaram-se na outra extremidade, estando os dois primeiros lado a lado e o outro em frente. Havia muitos funcionários da casa Lars e alguns amigos de Jeero sentados nas demais posições.

– O que há com você, Kyle? – perguntou Archibald.

Kyle não respondeu. Tinha o olhar fixo no prato à sua frente e brincava com os talheres.

– Kiorina? – Archibald chamou-a, sem conseguir entender por que ela se fixava, contrariada, nos enormes lustres e suas centenas de velas. – Ei, vocês dois! – disse ele, mais alto. – O que está havendo?

– Ah... nada! não é? – dissimulou Kyle, empurrando seu cotovelo contra o braço de Kiorina.

– É... – confirmou ela, fazendo pouco caso.

– Não sei não... Parece que algo estranho aconteceu. – disse Archibald, virando-se para ver se o jantar seria servido logo. Quando olhou de volta, os dois estavam do mesmo jeito novamente. Ele falou para Kiorina: – Parece que seu pai e o Cavaleiro Carmim estão se dando muito bem!

– É? Ótimo! – disse Kiorina, não mais animada que na última vez.

– Kiorina, você está assim só por causa de ontem à noite? – perguntou Kyle.

– Não... foi um problema lá na Alta Escola... mas vamos deixar isso de lado! – animou-se Kiorina e dirigiu-se a Archibald: – Conte-me como foi todo esse tempo no mosteiro. Dizem que os monges precisam trabalhar muito!

– Pode parecer estranho, mas aqui tenho mais trabalho do que lá, o que não faz muita diferença, pois aprendi a me acostumar com o trabalho. Trabalhar muito me dá tempo para pensar.

– É mesmo? Em que, por exemplo? – quis saber Kiorina interessada, ignorando a presença de Kyle.

– Não... você não quer realmente saber, são questões de nossa religião, discussões sobre a doutrina dos deuses, entende?

– Claro! Sabe, é engraçado ver você falando assim, tão calmo, sobre assuntos religiosos. – ela esboçou um sorriso e continuou: – É difícil acreditar que você esteja tão calmo e controlado... Justo você, que era tão brigão e nervoso... – e foi interrompida por uma cutucada de Kyle.

– Tudo bem, Kyle, não precisa disso, eu aprendi a conviver com meu passado em meu presente. – avisou o monge, colocando vinho em seu copo.

Kyle, envergonhado, não disse nada.

– Como eu ia dizendo... – continuou Kiorina, lançando para Kyle um olhar gelado – você era tão nervoso e agora é um homem calmo e responsável. É impressionante o que o poder divino pode fazer com uma pessoa!

– É verdade, mas não se trata de intervenção divina e sim da combinação de força de vontade, disciplina e fé!

Kyle ia falar alguma coisa, mas foi interrompido por um acólito, que trazia um dos pratos. Durante o jantar, a conversa entre os três amigos de infância, finalmente juntos, não aconteceu, pois cada um dos três estava com algum problema em mente. A conversa não passou de alguns comentários sobre o festival e o filho de Jeero. No fim, cada um deles seguiu uma direção diferente, sentindo o quanto tudo havia mudado.

Kyle colocava mais lenha na lareira da oficina. Ele e Julius haviam saído da Catedral há pouco, mas, ao chegar, não encontraram Gorum.

– Kyle, meu jovem, o chá está pronto? – perguntou Julius, enquanto pendurava a capa perto do fogo para secar.

– Quase, ainda não está no ponto. – Kyle mexia o pequeno caldeirão suspenso acima do fogo. – Julius, agora você pode me dizer o que está havendo com Gorum? Eu nunca o vi daquele jeito! – e colocou a tampa de volta no caldeirão.

– Assim que o chá estiver pronto. É uma longa história. É melhor que estejamos sentados, confortáveis e com algo quente para beber. – disse o veterano, que se sentou perto da lareira.

– Aonde ele foi? Será que volta esta noite?

– Acalme-se, meu jovem, ele vai ficar bem. – fez uma pausa e perguntou novamente: – E então, como está o chá?

– Pronto! – mergulhou uma jarra no caldeirão – Aqui está...

– Sente-se, vamos falar sobre o passado. – tomou um gole e perguntou – O que Gorum lhe contou sobre seu pai?

– Ele conta histórias em que o senhor, ele e meu pai estavam sempre juntos, as grandes batalhas e aventuras por que passaram...

– Sabe, meu jovem, estou certo de que o que Gorum lhe contou é verdade, mas há alguns fatos que ele parece ter omitido...

– O que, por exemplo?

– Foram muitas coisas que aconteceram, algumas bem duras para meu grande amigo... – Julius estava com um olhar muito triste naquele momento.

Kyle não disse nada, e o silêncio permaneceu por uns instantes, quando só se ouvia o estalar da lenha úmida queimando e o barulho da chuva do lado de fora.

– Você sabia que Gorum já foi casado?

– Gorum? Casado?

– É... imaginei que ele não lhe contaria...

– Mas por que ele não me contou? – Kyle o interrompeu.

– Calma, rapaz, tenho muitas coisas para falar. Se você ficar interrompendo, vamos ter uma noite muito longa! É, ele foi casado com uma bela jovem, chamada Rayssa. Ele a conhecia desde garoto. Casaram-se muito cedo, antes mesmo de ele se tornar um cavaleiro. Eles eram muito apaixonados e tiveram uma filha, Wanda. Nessa época, por volta dos nossos dezesseis ou dezessete anos, eu e seu pai já éramos escudeiros e treinávamos duro para ser cavaleiros. O duque Dwain era um garoto como nós, e seu pai, Edwain, era o duque na ocasião. Dois anos depois, seu pai e eu já éramos Cavaleiros da Segunda Ordem, e Gorum havia aberto uma oficina em Tanir para consertar armaduras. Foi então que aconteceu... Houve o primeiro ataque dos bestiais. Gorum viu sua esposa e filha serem mortas pelos malditos. Tentou lutar para protegê-las, mas eles eram muitos e, no fim, ele só não morreu porque recebeu a ajuda de Armand. Quando se deu conta do

que havia ocorrido, queria morrer. Com as notícias de que a guerra contra os bestiais havia começado, encontrou um motivo para continuar vivo. No início, o ódio dirigiu seu treinamento. Nunca vi ninguém se dedicar tanto aos treinos quanto Gorum. Rapidamente, ele estava entre os melhores cavaleiros de todo o reino, sendo escolhido para integrar uma das forças especiais do Duque. Durante a guerra, nos aproximamos muito, ele, seu pai, eu e Tarne, o Cavaleiro Esmeralda.

– Cavaleiro Esmeralda?

– É. Nós éramos conhecidos como “os quatro”. Cavalgamos por toda a extensão do Condado de MontGrey e fomos até os pântanos cinzentos de Yersh. Lideramos grandes tropas contra as forças dos bestiais. Modéstia à parte, éramos os melhores no que fazíamos. Poucos meses antes de seu pai morrer, o duque Edwain morreu envenenado. O jovem Dwain recebeu então o título. Suspeitamos de uma conspiração interna no reino, mesmo quando, dias depois, pegaram o assassino e o executaram. O que vou lhe contar agora é o que realmente se difere do que se conta por aí sobre a morte de seu pai. Na verdade, Armand não foi morto pelo capitão da guarda ao proteger o jovem duque Dwain, como dizem. O capitão da guarda estava envolvido, mas seu pai morreu pelas mãos de Tarne, o Cavaleiro Esmeralda. A traição de Tarne foi tão suja, que ficou decidido não mencioná-la na versão oficial das histórias da guerra. Naquele dia, apenas eu não alcancei o palácio a tempo de lutar por Dwain. Armand, Gorum e Tarne chegaram. A batalha com o capitão da guarda aconteceu, de fato, mas seu pai era muito bom para perder para ele, mesmo ferido como estava. Gorum, havia meses, desconfiava de que houvesse alguma coisa errada com Tarne, mas não comentou nada comigo ou com seu pai. Foi então que, enquanto seu pai foi até a sala do trono, ele seguiu Tarne até o salão dos cavaleiros do Duque, onde escutou uma conversa de Tarne com outro cavaleiro, na qual discutiam planos de traição. Gorum ficou irado com ambos, não aceitou a desonra daqueles cavaleiros e os desafiou para um combate. Matou o cavaleiro. Com Tarne, no entanto, a luta foi mais difícil. Gorum porém triunfou e encostou sua espada na garganta do traidor. Em vez de matá-lo, disse que ele era uma vergonha para todos os cavaleiros. Sob a humilhação da derrota, expulsou-o do palácio, advertindo que, se fosse visto novamente em sua frente, o mataria. Gorum ficou no salão pensando por algum tempo, depois de Tarne haver-se retirado, humilhado e cabisbaixo. Não conseguia pensar no que

fazer naquele momento. Tentava tirar algum sentido daquilo tudo. Quando desceu até os jardins e viu o cavalo de Tarne ainda amarrado, percebeu que algo estava errado. Ele correu até a sala do trono. Quando chegou, viu o Duque parado, olhando o corpo do capitão da guarda perto da saída do salão. Ao olhar para o outro lado, viu Tarne abraçado com Armand. Seu pai estava sorrindo, com o rosto virado para Gorum, que não teve tempo de gritar, antes que a expressão de Armand mudasse demonstrando dor, a dor de quem havia sido traído. Tarne então o soltou e ele caiu, com um punhal no peito. Tarne escutou passos em sua direção e, ao virar-se, tinha um sorriso no rosto, o último, pois encontrou a espada de Gorum.

Kyle ficou em silêncio por um bom tempo, Julius também. Tudo o que haviam contado para ele sobre a morte de seu pai era mentira. Ele se transformara num herói por uma história falsa.

– Eu não entendo... Por que Gorum não o matou antes? Ou, ao menos, por que não prendeu o Cavaleiro Esmeralda?

– Kyle, Tarne, o Cavaleiro Esmeralda, era irmão de Gorum..

– Por que você está me contando isso agora? – perguntou Kyle, com lágrimas nos olhos.

– Porque Gorum se culpa por tudo isso, pela morte de sua família, de Armand, por ter matado o próprio irmão...

Kyle não disse nada, apenas calçou as botas, montou em seu cavalo e abriu a porteira.

– Aonde você vai, Kyle? Eu disse a você que ele vai estar bem! – Julius precisou gritar, pois o vento e a chuva que entravam na oficina eram muito fortes, mas Kyle não respondeu. Seguiu cavalgando pela chuva, naquela noite repleta de relâmpagos e trovões.

Kyle cavalgara até Tanir, rumo ao antigo poço que Gorum disse ter construído com seu pai, quando jovem, e onde estavam enterradas as pessoas de sua família. Ao se aproximar, viu, definida por relâmpagos, a silhueta de uma figura enorme. Kyle desceu de seu cavalo, andou até Gorum e o encarou. Viu então que ele estava de olhos fechados, parado como uma rocha sob a chuva.

– Ele lhe contou? – perguntou Gorum, quase imóvel.

– Sim. – disse Kyle, sentindo muita raiva.

Gorum balançou a cabeça positivamente, num movimento quase imperceptível.

– Se você está imaginando o porquê, foi por eu ter pedido. Eu não seria capaz.

– Por que você nunca me contou?

Gorum não respondeu.

– Por quê? Vamos, seu grande idiota, por quê? – repetia Kyle, enquanto socava o peito de Gorum.

Gorum engoliu seco, não se moveu, apenas balbuciou:

– Eu sinto muito...

– Por quê? Por quê? Por quê? – Kyle repetia cada vez mais baixo, até que abraçou seu amigo e chorou.

Depois de algum tempo abraçados sob a chuva, Gorum disse:

– Garoto, seu pai, antes de morrer, me pediu para tomar conta de sua mãe...

– E de mim?

– Ele não sabia que ela estava grávida. Sinto muito. Quando você nasceu, sua mãe não agüentou e morreu... Desde então...

Depois disso, voltaram para casa, em silêncio.

CAPÍTULO 7

Após três dias de chuva, dois haviam-se seguido com o tempo bom. A normalidade voltava a Kamanesh. Havia chegado um novo carregamento do vinho Baltimore no porto, o que criou um grande alvoroço na Feira da Meia-Lua. Vários mercadores carregavam suas carroças para levar o bom vinho aos cinco baronatos. Dessa vez, ele chegou em um navio com a bandeira da casa Atir, em vez de vir em um navio da casa Baltimore. Os rumores de uma associação entre as duas casas era o assunto principal na cidade.

No meio de toda a animação causada pelo carregamento de mercadorias providas do Reino de Dacs, um grupo de pessoas nada entusiasmadas passava pelas ruas de Kamanesh. Eram Jeero, Ellis e Kiorina, que levavam o pequeno Armand para ser examinado por Heirich.

A mãe de Armand, Ellis, foi a primeira a notar que havia algo errado com os olhos do bebê. Ela o levou a um médico, doutor Fannel, no instituto médico de Kamanesh, mas ele não soube dizer o que havia com o garoto.

No dia seguinte ao nascimento, o bebê já abria bem os olhos e foi possível notar que eles eram completamente negros, sem nenhuma parte branca. Jeero, muito preocupado com o filho, pediu a Kiorina para arranjar uma audiência com o grande Heirich, recém-chegado à cidade.

Estavam no portal da Alta Escola dos Magos, enorme, esculpido em mármore, com belos mosaicos. Aguardavam sua abertura, pois haviam chegado fora do horário em que costumava ficar aberto. Pouco tempo depois, os portões se abriram, e eles entraram. Havia uma pessoa aguardando, Alexanus.

– Sejam bem-vindos! Mestre Heirich irá atendê-los no salão principal. – disse educadamente o professor de Kiorina, sem olhá-la.

– Obrigado, senhor. – agradeceu Jeero.

– A Srta. Kiorina os conduzirá ao salão. Agora, se me dão licença, tenho muito trabalho a fazer. – e se retirou.

Kiorina conduziu o casal pelos jardins internos da Escola até a entrada do prédio principal, onde ficam a cúpula do círculo maior, a biblioteca

mágica, além de inúmeros objetos de arte, incorporados à instituição ao longo dos séculos de sua existência. Lá os esperava o grande Heirich, um homem de idade avançada, olhos azuis cristalinos, olhar plácido e cabelos ralos, brancos como a neve. Vestia um manto laranja, com várias ornamentações luxuosas penduradas, e usava, na cabeça, um pequeno gorro, da mesma cor.

Naquela noite, na oficina, estavam reunidos Kyle, Kiorina, Archibald e Gorum. À tarde, Kiorina havia passado na oficina e na Catedral para marcar um jantar. Estavam todos sentados à mesa, menos Gorum.

– O que está havendo, Kiorina? perguntou Kyle. – Há alguma coisa errada?

– Hoje, pela manhã, acompanhei Jeero, Ellis e o pequeno Armand à Alta Escola, para uma consulta com mestre Heirich. – Kiorina estava um pouco tensa; batia as mãos espalmadas sobre a mesa e olhava para baixo.

– Há algo errado com o bebê? – perguntou Archibald, muito preocupado.

– Sim, e nem mesmo o grande Heirich soube dizer o que é!

– Do que se trata, então? – quis saber o monge, interessado.

– Os olhos dele são completamente negros, sem nenhuma variação tonal! O mais estranho é que não se trata de nenhum tipo de cegueira. – disse a moça, ainda sem conseguir encará-los.

– E isso não é tudo, é? – perguntou Kyle.

– Não... – Kiorina não conseguiu falar mais.

– Ha! Ha! Que bom vê-los todos aqui! – disse Gorum, muito animado, ao entrar na sala, trazendo a comida. – Mas o que há com vocês? Alguém andou vendo espíritos assustadores? – disse, menos animado. Como não obteve resposta, disse, seriamente: – O que há? Vocês já estão me assustando!

– É o bebê de Jeero. Ele pode estar com alguma doença. – respondeu Kyle.

Gorum sentou-se, sério. Kiorina interrompeu o silêncio:

– O fato é que eu fui desligada da Escola.

– Como? E o que uma coisa tem a ver com a outra? – perguntou Archibald, intrigado.

– Depois que Heirich examinou o bebê, pediu-me para voltar e falar com ele em particular. Quando voltei, ele me disse que o conselho estava pensando em me desligar da Escola por indisciplina. Eu andei sim fazendo umas coisas erradas, mas não haviam decidido nada ainda. Ele então disse que estava muito preocupado com o bebê de Jeero e sugeriu que eu pedisse desligamento da Escola e viajasse para investigar a doença. Eu aceitei. Quando voltar, ele mesmo indicará minha readmissão na Escola.

– Isso não é nada bom! – Archibald coçou a cabeça.

– O que você quer dizer com isso? – perguntou Kiorina.

– Nada. Eu só estava pensando numas estórias que o velho Ourivart costumava contar. – disse, olhando a tigela com a comida, e mudou de assunto: – Vamos orar e continuar nossa conversa comendo, senão a comida vai acabar esfriando.

– Qual é o problema com o garoto? – indagou Gorum.

– Seus olhos são completamente negros, mas não é um tipo de cegueira. – respondeu a ruiva.

– Você falou em viajar, não foi? – perguntou Kyle, enquanto pegava um pedaço de carne.

– Ah, sim... Na verdade, foi o motivo pelo qual marquei este jantar. Eu gostaria de saber se vocês querem vir comigo.

No mesmo instante, Kyle e Archibald começaram a falar.

– Viajar? Eu até gostaria, mas tem o meu treinamento e... – disse Kyle, enquanto Archibald falava que seu superior, o irmão Weiss, desaprovava a viagem de um monge recém-chegado.

Kiorina mudou de expressão, como se quisesse se desculpar, e disse:

– Na verdade, quando concordei em viajar, o mestre Heirich perguntou quem eu gostaria que fossem meus acompanhantes, e eu mencionei o nome de vocês. Só mencionei, bem rápido, sabem? Horas depois, ele disse que havia falado com o bispo Marco e o duque Dwain e que eles concordaram em ceder vocês para me acompanharem...

Kyle e Archibald ficaram muito surpresos. Archibald engoliu a comida sem mastigar, e Kyle cuspiu a bebida de volta em seu copo. Disseram ao mesmo tempo:

– O duque?! O bispo?!

Gorum não se conteve e começou a gargalhar. Kyle olhou para Kiorina e disse, sarcasticamente:

– Mencionou... não foi?

Kiorina levantou os ombros e as sobrancelhas.

– E nós podemos saber para onde vamos? – perguntou Archibald, quase conformado.

– Para as montanhas a noroeste, através da floresta de Shind.

– Montanhas? Por que para as montanhas? – quis saber Archibald.

– O mestre Heirich disse para procurarmos um conhecido dele, um tal de Kivion.

– É? E quando partimos? – perguntou Kyle.

– Em três dias.

– Três dias, três dias... – resmungava Archibald, batendo repetidamente os dedos sobre a mesa.

– Viajar?! Com quem? – esbravejou Gálius.

Kiorina fechou os olhos e, ao abri-los novamente, disse:

– Calma, pai, é uma recomendação do grande Heirich!

– Você não está falando daquele figurão da sociedade mágica que chegou aqui semana passada, está? – Gálius diminuiu o tom de voz.

– Ele mesmo, e a viagem é para investigar o problema que o filho de Jeero tem. – Kiorina estava irritada porque seu pai nunca lhe escutava antes de se exaltar.

– Se é assim, você é que decide o que quer fazer de sua vida, eu não vou dizer mais nada! – pegou suas coisas e saiu para a tecelagem.

– Mas, pai... – a moça não pôde terminar, pois ele se fora. “Puxa, que droga!” pensou, olhando para o chão.

– Kiorina, Kiorina, minha senhorinha... – a voz de Dora vinha de longe.

– O que, Dora? – gritou Kiorina.

– Você e o senhor seu pai brigaram di novo? – disse Dora, entrando na sala de jantar.

– Não... – parou por um instante, sentou-se e continuou: – é que ele não entende!

Dora aproximou-se, pegou a mão de Kiorina e disse:

– Eu sei, minina, eu sei... – e ficaram em silêncio por alguns instantes.

– Vamos deixar isso de lado, Dora! Venha me ajudar a arrumar minhas coisas para a viagem! – disse Kiorina, levantando-se e dirigindo-se, enérgica, às escadas.

Ao chegar ao topo da escada, olhou para trás e viu Dora parada, olhando-a com um sorriso nos lábios carnudos. Levantou as sobrancelhas e disse:

– Vamos, Dora, não fique aí parada!

– Calma, minina, eu já estou muito velha e não agüento esse seu ritmo!

– Ta bom, mas vem já pra cá! – disse e fechou os olhos.

– Minina, olha como você fala cumigo, pois... Ai, meu Forlon! – antes que pudesse terminar, começou a flutuar em direção a Kiorina. Ao aterrissar, muito assustada, Dora começou a falar: – Kiorina...

– O quê? – disse a garota, ofegante.

– Nada, nada mesmo.

Himil Weiss foi um dos monges Naomir que participaram ativamente da guerra contra os bestiais vinte anos antes. Na época, era um monge com alguma experiência que liderava um grupo de jovens Naomir. Conheceu todos os horrores de uma guerra e, até hoje, carrega consigo as conseqüências de antigas batalhas. Ainda caminha com muita dificuldade, devido a feridas nas pernas que infeccionaram, por falta de cuidados imediatos.

Mesmo com dificuldade, Weiss havia andado bastante naquele dia e já estava bem longe de Kamanesh. Depois de muito caminhar, parou e observou cuidadosamente, a fim de verificar se realmente estava sozinho; à sua volta, só havia muito mato e pequenos arbustos. Com dificuldade, começou a tirar suas vestes. Em pouco tempo, estava livre do peso dos grossos tecidos que usavam os monges Naomir. Respirou aliviado.

O sol estava a pino, machucando-lhe a cabeça, quase desprovida de cabelos. Tirou do peito um colar dourado com uma grande gema esverdeada no centro, segurando-o com as mãos muito trêmulas. Ficou assim por alguns

instantes, até que, dentro da gema, começou a se formar uma imagem turva. Uma voz muito rouca e grave veio de dentro do medalhão:

– É seguro falar?

– Sim, estou sozinho. – disse Weiss, olhando para dentro do medalhão, que emitia uma luz verde, iluminando vivamente seu rosto.

– Qual o motivo de nossa conversa?

– Um problema em potencial! fez uma pausa e continuou: – Um pequeno grupo está sendo enviado por Heirich à cidade oculta, para procurar informações sobre um dos escolhidos que acabou de nascer.

– Sim, entendo. Eu senti os efeitos desse nascimento aqui... Você acha que alguém de lá pode saber algo que coloque nossos interesses em perigo?

– Se os efeitos foram tão longe... Talvez... Talvez... O que eles chamam de Kivion... – dizia Weiss, pensativo.

– Ah, meu amigo! Acho que o vento sopra a nosso favor, pois o caríssimo Kivion está vindo para cá hoje mesmo para um encontro com os anciãos. Será um ótima oportunidade para discutir pessoalmente o assunto. Se ele souber alguma coisa... – disse, com um tom sinistro em sua voz e, depois, começou a rir suavemente.

Weiss também ria, enquanto olhava para dentro da gema com seus olhos vidrados.

– Devo eliminar esse pequeno grupo? – veio a voz novamente.

– Talvez, mas somente se alguma coisa fugir ao controle.

– Então provavelmente não nos falaremos até a reunião dos sete.

– É possível, mas, antes que me esqueça, se for preciso intervir com o grupo, eu quero que um jovem monge, chamado DeReifos, seja poupado; eu tenho planos para ele.

– DeReifos? Monge Naomir? Interessante meu velho amigo, muito interessante...

– Ah, ia-me esquecendo de mencionar: o filho de Blackwing faz parte deste grupo.

– Hum... – era a voz; a luz se apagou.

CAPÍTULO 8

Mais um dia começava. Bem cedo, a oficina de Gorum já estava movimentada.

– Não é emocionante, Kyle? Nós vamos fazer uma viagem importante, na qual provavelmente viveremos muitas aventuras e... – Kiorina foi interrompida por Kyle.

– Claro, claro. Puxa, Kiorina, não dá para parar com essas suas idéias fantasiosas? Provavelmente vai ser somente uma viagem chata e cansativa... – dizia Kyle, quando foi interrompido por um tapa de Archibald.

– É, meu amigo, espero que não haja mesmo nenhum problema. Mas não se desanime: provavelmente vai ser útil e até muito interessante. – Archibald já estava mais acostumado com a idéia de viajar.

– Isso mesmo, Archie, e pode ser também que encontremos algum silfo quando passarmos por Shind. – disse a ruiva, que vestia botas de couro marrom, uma calça com tecido desgastado e uma camisa comum, roupas bem diferentes das que costumava vestir.

– Eu espero que não; dizem que eles são pouco receptivos, para não dizer antipáticos, orgulhosos e...

– Calma, Kyle, você não pode ir falando assim sobre algo que não conhece.

– Isso mesmo, Archie, eu já estudei bastante sobre os silfos, e eles são uma raça muito bonita e tímida. – disse Kiorina, que terminava de colocar suas coisas nas costas da mula.

– Também, pudera! Dizem que eles já foram milhares; organizavam-se em centenas de clãs, por toda a região, mas, hoje, não passam de duzentos os que vivem na floresta de Shind. – explicou Archibald.

– Só? – exclamou Kyle, largando sua mochila. – Mas isso não muda tudo o que Gorum me falou sobre esses sujeitos serem mais difíceis de lidar do que a própria família real, e eles nem moram em casas!

– A maioria morreu há muitos e muitos anos, na época das grandes guerras. – disse Kiorina, fazendo uma careta para Kyle.

– É, isso foi há tanto tempo, que não existem escritos detalhando como e nem por que essas guerras começaram ou acabaram. – Archibald repetia um pouco do que ouvira no mosteiro.

– Puxa! Com vocês dois falando assim, fico até sem jeito para conversar, depois de tantos estudos...

– Ah... o que é? Agora o grande cavaleiro vai ficar resmungando? – disse Archibald e deu um soco nas costas de Kyle.

– Ah é? Kyle devolveu o soco com um na barriga de Archibald.

– Na barriga é sujeira!

– E nas costas é o quê?

Kiorina já estava encostada na parede, preparada para rever uma daquelas briguinhas tolas. Lembrou-se de quando eram garotos e pensou: “Eles se reencontraram há tão pouco e já estão se comportando como nos velhos tempos!”

Logo, ambos estavam rolando no chão, agarrados.

– Ei, ei, é isso que eles ensinam a um monge Naomir lá no mosteiro? – Kiorina chamou-lhes a atenção; só então perceberam o que faziam.

– Não, quero dizer... – Archibald levantou-se e tentou se recompor.

Kyle não se levantou; começou a rir bem alto no chão e disse:

– Ha, Ha, Ha! Agora a “mocinha” nem pode mais com uma briguinha de nada!

Archibald limitou-se a olhar para o outro lado e para cima, enquanto batia na roupa para tirar a poeira.

– Ótimo! – disse Kiorina. – Agora que vocês já acertaram suas divergências, nós podemos terminar de carregar a mula e partir!

– Que barulho foi esse? – A voz trovejante de Gorum chegava ali, vinda de fora.

Archibald soltou a corda que prendia o portão, para Gorum entrar.

– Garoto, o que você está fazendo deitado no chão? – perguntou Gorum, surpreso.

– Sabe, Gorum, nós estávamos conversando sobre os silfos e me parece que o Kyle não agüentou muito bem o peso da conversa. – disse Kiorina, ironicamente.

– Ah, os silfos! – disse Gorum, esboçando um largo sorriso.

Archibald e Kiorina se olharam ao mesmo tempo, levantando os ombros e as sobrancelhas.

– É... silfos. – resmungou Kyle, enquanto se levantava.

– Puxa, fazia tempo que não pensava neles... – disse Gorum, que olhou para cima, ainda com um sorriso enorme na boca, e acrescentou: – Se vocês virem o Roubert, mandem lembranças a ele. Digam que foi Gorum, o grande, quem falou!

– Gorum, o grande? – disse Kyle, quase indignado. – E toda aquela conversa sobre como os silfos são antipáticos?

– Ah, sim, é verdade, mas é só pompa; depois, quando você se acostuma com eles, até que são muito divertidos!

– Divertidos? – o jovem repetiu várias vezes, cada uma mais baixo: – Divertidos...

– Espere um pouco, você não foi o primeiro a me falar que os silfos não são nada divertidos. Na verdade, não são eles uns demônios, segundo dizem? – disse Kyle, nervoso. – Agora você vem com essa conversa de divertidos?

– Eu sabia que deveria ter levado você mais para outras bandas... em vez de deixá-lo toda a vida aqui, em Kamanesh... Você está confundindo os silfos de Shind com os silfos do mar!

– Não sabia dessa conversa de silfos daqui ou silfos dali...

– Provavelmente porque você escutou as estórias dos marinheiros no porto, justamente sobre os silfos do mar! – disse Gorum, um pouco mais sério.

– É? E qual a diferença?

– A diferença está na história! Dizem que havia uma grande prisão, na qual os criminosos perigosos da República Sílfica eram mantidos. Durante a guerra, a cidadela do caos, como era conhecida, foi destruída, e os prisioneiros escaparam para o mar. Sendo assim, hoje os silfos do mar são os descendentes diretos dos maiores criminosos da época da república sílfica. – explicou Archibald.

– Como você sabe disso? – perguntou Kiorina, assustada.

– Ah, foi o velho Ourivart que me contou.

– Ourivart?

– É. Ele é um monge muito velho, que mora no mosteiro. – disse Kyle.

– E como ele soube?

– Na biblioteca existem alguns pergaminhos daquela época, mas eu não sei ler as línguas antigas. – Archibald parou por um momento. – Mas,

segundo Ourivart, não é muita coisa, dá para saber realmente pouco através desses pergaminhos. Como eu disse, nem são conhecidos com certeza os motivos das grandes guerras.

– Muito interessante. – disse Gorum. – Às vezes eu ficava me perguntando com é que os silfos de Shind e os silfos do mar podiam ser tão parecidos e tão diferentes...

– Então você já encontrou silfos do mar? – perguntou Kiorina.

– Não, Forlon me deu a graça de nunca cruzar com um deles, mas se metade do que escutei for verdade... – Gorum não terminou. Seu sorriso havia desaparecido por completo de seu rosto. Logo ele voltou a sorrir e disse: – Vamos, animem-se, não é sempre que alguém faz uma viagem sob tantas recomendações: o bispo, o duque, um grande mago...

– Viu, Kyle, essa é uma viagem realmente especial! – disse Kiorina.

– É... – Kyle não tinha como negar. – Tudo bem, então, vamos logo com isso!

– Certo! Vamos até a Alta Escola pegar o envelope com as recomendações e os mapas agora mesmo! – disse Kiorina, irradiando animação.

– Podem ir na frente, eu vou passar na Feira da Meia-Lua e comprar umas ervas especiais para fazer chá. – disse Archibald.

A Praça da Meia-Lua estava mais cheia que o normal. Naquele momento, muitas pessoas passavam daqui para ali, gritavam e acenavam com os braços. Tudo aquilo porque haviam chegado naquela manhã três navios cheios de mercadorias. Um deles havia vindo do reino de Dacs; outro, da cidade de Grey, e um, cheio de frutas, vindo do reino de Homenase. Uma tremenda coincidência.

Archibald já havia comprado suas ervas, na realidade, três pequenos frascos, contendo pó extraído de várias ervas. Estava de saída, quando escutou sobre o navio vindo de Homenase, trazendo frutas. Homenase, um reino vizinho de Lacoresh, é famoso pela beleza de sua arquitetura, por seus lindos campos e pomares e principalmente pela qualidade realmente

extraordinária de suas frutas. Dizem que isso se deve ao fato de as terras em Homenase serem muito férteis e também a um sistema de irrigação sem igual.

Archibald desceu os degraus da praça com dificuldade. Havia uma grande carroça com o brasão do duque sendo carregada com muitas dessas frutas. Passou por ela e chegou até uma das barracas que as vendia. Mal havia enchido seu cesto, foi abordado por um desconhecido.

– Você é Archibald DeReifos? – perguntou-lhe um homem baixo, um pouco feio, vestido com uma roupa composta por tiras de couro e com um barrete na cabeça.

– Sim, mas... – antes que pudesse falar, o homem o pegou pelo braço e disse: – Venha comigo.

– Hei, espera aí!

O homem se virou para Archibald, encarou-o dentro dos olhos, colocou o dedo indicador sobre os lábios e disse baixinho: – Shh... o Sr. Atir deseja vê-lo.

– Atir? – lembrou-se do Sr. Atir, chefe da casa comercial Atir, um homem, no mínimo, intrigante.

Atravessaram a Praça da Meia-Lua e entraram em um porta pequena, que ficava no lado oeste da praça.

Ao entrar, passaram rápido por uma sala sem porta. Dentro, vários homens discutiam fervorosamente alguma coisa sobre preços, ao redor de uma mesa. Um deles era Alonzo, o acompanhante de Atir na pequena viagem que haviam feito juntos. Subiram dois andares de escadas muito estreitas e escuras, até ver a luz do sol novamente. Estavam no terraço.

Atir estava de costas, observando, do alto, a movimentação na Praça. Quando escutou os passos, virou-se e viu que seu enviado havia conseguido trazer o jovem monge Naomir. Ele fez um sinal com a mão para indicar a seu subordinado que desejava ficar sozinho com o monge.

– Seja bem-vindo! – disse Atir, estendendo a mão.

– Que Forlon esteja contigo! – respondeu Archibald ao cumprimentar a velho comerciante.

– Como vai, jovem Archibald?

– Muito bem. O senhor está precisando de alguma coisa?

– Sim, mas venha, venha olhar! Hoje as coisas estão muito movimentadas. – disse Atir, indicando a feira.

– Nossa, eu nunca tinha visto a feira deste ângulo! – fez uma pausa. – É realmente muito interessante!

– Sim, você disse tudo!

– Como assim?

– Tudo depende do nosso ponto de vista. A Feira, por exemplo: olhando-a de dentro, nós a sentimos, participamos dela, mas não somos capazes de perceber alguns detalhes apenas perceptíveis se estivermos do lado de fora.

– Entendo, isso faz sentido, mas onde o senhor quer chegar? – perguntou Archibald, desconfiado.

– Observe aqueles dois garotos...

Dois garotos vestidos com farrapos chegaram em frente a uma barraca que vendia pães e bolos e começaram a brigar. Enquanto brigavam, derrubaram muitos cestos que estavam ali perto. Logo um espaço se abriu, e as pessoas começaram a torcer ou apenas olhar interessadas para a briga.

– Observe, algumas pessoas gostam disso, outras, não; mas certamente é uma coisa que chama a atenção de todos.

– Sim?

– Rápido, veja! – e apontou o dedo para a parte de trás da barraca de pães.

Um outro garoto rapidamente colocou alguns pães em um saco e saiu correndo, sem ser observado.

– Está percebendo? – disse Atir.

Archibald acenou com a cabeça.

– Às vezes, por detrás de conflitos ou festas, acontecem coisas que podem passar despercebidas a olhos desatentos. – Atir encarou Archibald e continuou: – Eu já notei que você é muito perceptivo; portanto preste atenção e tente ver as coisas de outras formas.

– Perdão, mas o senhor está tentando me dizer alguma coisa?

– Não, o que poderia ser? – disse Atir, com um quase sorriso de canto de boca.

– Mas não foi por isso que o senhor me chamou, não é?

– Não, na verdade eu gostaria que você entregasse uma encomenda para mim.

– Encomenda? – perguntou Archibald, intrigado.

– Sim. Você está indo para a cidade oculta, não é mesmo? – disse Atir, ajeitando a estranha lente que usava sobre o olho esquerdo.

– Como o senhor ficou sabendo disso?

– Eu sou um homem muito bem informado. Você esperava menos de mim?

– Não; na realidade, não mesmo. – disse Archibald, enquanto refletia sobre as implicações do que tinha acabado de ouvir. Isso queria dizer que ele era mais importante do que Archibald pensara, o que não surpreendia tanto, já que ele era amigo pessoal do mestre Landerfalt.

– Sim, eu gostaria que você levasse esse diamante e esta carta a um velho amigo meu.

Archibald ficou boquiaberto ao ver o tamanho do diamante que reluzia muito ao ser atingido pela luz do sol. Era do tamanho de uma ameixa e estava preso a uma corrente dourada.

– Mas, senhor, eu não posso... – dizia Archibald, com medo de aceitar a responsabilidade.

– Landerfalt me garantiu que eu poderia confiar em você; portanto, eu lhe peço que aceite.

– Será uma honra! – disse Archibald, estendendo a mão e engolindo seco.

– Ótimo. Então, quando vocês voltarem, vou cumprir a minha promessa sobre o jantar e falaremos sobre os Reinos Bárbaros. – disse Atir, sorrindo e colocando o diamante na mão estendida de Archibald e depois balançando-a vigorosamente.

Archibald despediu-se e, quando estava começando a descer as escadas, foi chamado.

– Hei, Archibald! Eu ia-me esquecendo: essa gema, além de ser muito bonita e valiosa, também apresenta propriedades mágicas. É principalmente uma gema energética. Se você precisar extrair energia para algum encantamento, tenho certeza de que meu amigo não vai se importar!

Ao sair dali, a cabeça de Archibald quase doía de tanto pensar naquilo tudo que Atir tinha-lhe dito. Ele pensava muito sobre a questão de ver as coisas por diferentes ângulos. Será que ele se referia à Real Santa Igreja ou à ordem dos monges Naomir? Ou teria alguma coisa acontecido por detrás das comemorações dos vinte anos do fim da guerra? Ou seria alguma coisa em relação à viagem que iria fazer? Poderiam ser tantas coisas e, ao mesmo tempo, poderia não ser nada! Decidiu que ia parar de pensar naquilo por enquanto, pois devia se apressar para deixar tudo pronto para a partida, no

dia seguinte. Afinal, durante a viagem, teria tempo mais que suficiente para pensar em tudo.

CAPÍTULO 9

O vento era agradável naquele fim de tarde, assim como havia sido durante todo o primeiro dia da viagem. Kyle, Kiorina e Archibald andaram bastante desde antes de o sol nascer. Pela manhã, passaram pelos campos cultivados, que, ao serem atingidos pelo vento, movimentavam-se como o mar. No início da tarde, já estavam fora da grande área de fazendas e plantações que rodeavam Kamanesh.

Há horas andavam sobre suaves colinas, com vegetação rasa e algumas rochas grandes que pareciam brotar do chão. Apesar de terem ficado o dia inteiro na companhia uns dos outros, não conversaram muito. Cada um estava absorto em seus próprios pensamentos.

Kyle pensava em tudo o que havia acontecido. As palavras que Julius Fortrail lhe dissera, dias atrás, martelavam em sua cabeça. Depois, lembrou-se de que Julius havia ido embora sem dizer nada, naquele mesmo dia, mesmo com tanta chuva. Esses pensamentos o incomodavam muito. Além disso, não conseguia esquecer-se daquela adivinha do festival e do que ela lhe havia dito sobre como ele deveria examinar seus sentimentos e olhar para si mesmo. E, depois, aquela espécie de choque que ela tivera. Kyle pensou no episódio quase o dia inteiro; também no bebê que carregava o nome de seu pai, em Gorum e no duque de Kamanesh.

Para Archibald, todo aquele dia fora muito bom, pois havia conseguido organizar seus pensamentos; a brisa e a natureza o ajudavam nisso. Lembrava-se de seu duro treinamento no mosteiro, de todos os amigos que havia feito por lá e de como cada um deles lhe havia ajudado a superar seus problemas. Isso sempre fazia com que se sentisse muito bem.

Pensava também muito em tudo o que Atir lhe havia dito e suas possíveis implicações. Como saber se aquele homem conhecia as “inconsistências” entre o que a Real Santa Igreja prega e a verdade que ele havia aprendido junto com os monges Naomir? De qualquer forma, ainda era cedo para tirar conclusões; estava assim tranquilo e pronto para, no futuro, observar tudo com outros olhos.

Já Kiorina não havia pensado muito em seus problemas, as brigas com seu pai ou a Alta Escola. Pensava no futuro, fantasiando os próximos acontecimentos, em como iria ser importante e respeitada; aquela viagem certamente era o ponto inicial de todo um porvir maravilhoso. Quando não pensava no futuro, pensava em Kyle e em como estava confusa com seus sentimentos em relação a ele.

Naquele momento, estavam subindo mais uma colina, pisando a grama rala da trilha que haviam tomado horas atrás. A subida era bastante suave. Kyle estava uns vinte passos à frente de Kiorina e de Archibald, que puxava a mula por uma corda. Quando atingiu o topo, parou por um tempo, virou-se e disse:

– Por Ecta! Venham ver!

Quando Kiorina e Archibald atingiram o topo daquela colina, tiveram uma visão de tirar o fôlego. Viram os contornos rochosos do que somente poderia ser o limite do planalto de Or. Era um enorme paredão de rocha, da altura de mais de duzentos homens, de formas belíssimas, que pareciam ter sido esculpidas. Na verdade, os escritos diziam que Ecta, a deusa mãe e senhora das terras, havia erguido aquele planalto pessoalmente; depois, no topo, criou a mais bela das florestas e a presenteou aos antigos silfos. A floresta passou a ser chamada Shind, que, em sílfico, significa Paraíso.

– Nossa! É lindo mesmo! – disse Kiorina.

– É... fico imaginando como vamos subir lá com essa mula. – considerou Kyle.

– Nada para se preocupar. – disse a moça, sem tirar os olhos da paisagem. – O mapa indica uma subida natural, não muito longe daqui.

– Certo, mas é melhor montar acampamento aqui mesmo. – alertou Archibald.

Montaram o acampamento ali mesmo, de onde podiam ver o paredão limite do planalto de Or. Quando terminaram, já estava escurecendo.

Kiorina concentrou-se, apertou as palmas de suas mãos uma contra a outra e murmurou palavras incompreensíveis; imediatamente a fogueira se acendeu. Logo começaram a preparar o jantar. Sentaram-se perto da fogueira para comer. Archibald quebrou o silêncio:

– Diga-me, Kyle, você está bem? Quero dizer, você parece estar muito preocupado.

– O quê? Ah, sim, um pouco.

- Qual é o problema?
- Não sei bem... Você acredita no destino?
- Destino? Hum... – Archibald coçou a cabeça.

Kiorina estava sentada, abraçando as próprias pernas e olhava para os dois sem dizer nada. Não conseguia ver bem o rosto de Kyle, que olhava para baixo. Além disso, seus cabelos escondiam-lhe a face. Archibald olhava para dentro da fogueira fixamente.

- Bem... Eu já li alguns livros de monges que discutem o assunto, baseados em escritos de antigos livros que narram as histórias do primeiro reino e da época dos deuses. Percebi duas posições quanto ao destino. – disse o monge.

- Quais são?

- A maioria acredita no destino e em que devemos cumprir nossos desígnios, exatamente como a Real Santa Igreja diz.

- Não é essa a verdade, então?

- Verdades são relativas, dependem um pouco de como vemos as coisas. Nossa crença é baseada em textos muito antigos, escritos em uma língua quase esquecida, muitos dos quais foram perdidos ao longo dos anos. Portanto, quando a Igreja se afirmou como instituição, há centenas de anos, foram convencionadas interpretações dos textos sagrados.

- Então as pessoas acreditam no destino devido a uma interpretação?

- Não, não mesmo! As pessoas acreditam no destino porque é confortável.

- Como assim?

- Veja, se um camponês acredita que seu destino é ser um camponês, viverá feliz e não terá ambição de ser um rico nobre. Assim como um comerciante não irá querer ser bispo, e um cavaleiro não desejará ser rei.

- Isso não é exatamente justo!

- De certa forma, é verdade. Nós, os monges Naomir, acreditamos que se trata de uma decisão individual. Se um camponês acredita que pode ser um comerciante, pode economizar e talvez abrir uma barraca. Se trabalhar muito, pode até se tornar um comerciante respeitável.

- Mas alguém pode dizer que aquilo era o seu destino!

- De fato; mas se esse camponês acreditasse que seu destino era ser camponês, nunca se tornaria um comerciante respeitável. Sendo assim, não é

uma coisa ruim pregar o destino. É ruim simplesmente aceitá-lo por comodidade.

– Isso é um tanto quanto confuso...

– Na verdade, Kyle, eu ainda não discuti a interpretação que desconsidera o destino, mas também não vou discuti-la agora, pois acho que isso o deixaria mais confuso. Para entender esses conceitos, é necessário primeiro estudar mais outros conceitos fundamentais de nossa religião.

– Como é?

– Não me entenda mal, mas é verdade. O importante agora, no entanto, é você entender que, acreditando no destino ou não, deve tomar iniciativas em sua vida, fazer o que acredita ser o correto, pois suas decisões fazem diferença, sim, seja o resultado final o cumprimento de um destino ou não.

– Puxa vida, Archie, você realmente aprendeu muita coisa.

Archibald não respondeu, mas pensava na própria hipocrisia. Falava com segurança para seu amigo sobre tudo aquilo, enquanto ele próprio estava profundamente confuso e inseguro. Estava porém fazendo o que lhe ensinaram no mosteiro: as pessoas abençoadas com a informação divina têm o dever de ajudar a população a viver bem e em paz.

Archibald acordou. Mais uma vez, abrir os olhos não tornaram as coisas mais claras. Suava muito. Tivera mais um de seus pesadelos. Eram sonhos horríveis que tinha com sua família, com vários eventos importantes de seu passado. Sempre que acordava, no entanto, se esquecia do que havia sonhado, sentido apenas que fora terrível. Resolveu sair da barraca para respirar um pouco.

Estava muito frio lá fora, a fogueira quase apagada, com apenas algumas brasas. Olhou para o céu: estava coberto de estrelas, e quatro das nove luas estavam altas, dentre elas, a segunda maior, conhecida como Ty, que refletia tons azuis-violeta na paisagem noturna. As outras, menores, refletiam pouca luz, sendo uma obscura, outra avermelhada e a última azul e brilhante, como uma jóia. Ele observava o planalto de Or, iluminado pelas luas. O paredão de pedra reluzia feito cristal, quase como se estivesse iluminado pelo próprio sol.

Olhava as pedras como quem observa o vazio. Pensava em como era ruim e bom, ao mesmo tempo, ser uma pessoa instruída. Sentia-se responsável pelo poder e o conhecimento divinos que lhe foram conferidos. Às vezes, era horrível saber de todas aquelas coisas que a maioria das pessoas não sabe. Saber o porquê de não lhes contar essas verdades. O maior de todos os seus problemas era que não concordava com a política da Igreja de esconder as verdades do povo.

Tudo aquilo era um fardo muito difícil de carregar, mas possível, pois ele possuía o exemplo dado pelos deuses e sua nobreza no passado. Os deuses lutaram e deram suas vidas para salvar o mundo, libertando-o de seus demônios e, no fim, deixaram os homens livres para trilhar os próprios caminhos.

Por que tudo tinha de ser tão complexo? Por que não conseguia acreditar em tudo o que havia aprendido? Como conseguiria encontrar razões para suas dúvidas mais básicas: quem era, de onde viera, por que se tornara um monge? Talvez acreditar no destino fosse mais fácil, e seu tormento se acabasse em pouco tempo. O jovem monge, no entanto, simplesmente não conseguia acreditar no destino.

Ele ficou ali, olhando para o vazio em forma de grandes rochas, até o amanhecer. Teria uma grande viagem pela frente. Depois de pensar muito, chegou à conclusão de que ainda era muito jovem e havia ainda muitos mistérios a desvendar. Às vezes, não era muito bom ficar pensando nas coisas de forma tão complexa.

Kiorina saiu da barraca transbordando animação e disse:

– Bom dia, Archie! Não é excitante? Dentro de poucas horas estaremos no planalto de Or!

– Ah... O quê? Ah, sim, bastante.

Kiorina apanhou lenha de um pequeno monte e colocou sobre as cinzas da fogueira. Logo depois, acendeu o fogo, usando magia. A seguir, começou a preparar o desjejum.

Archibald levantou os braços, olhou para o alto, fechou os olhos e iniciou suas preces matinais. Ficou assim mais um pouco. Abaixou os braços, cerrando os punhos virados para suas costas e continuou rezando.

Kyle acabava de acordar e viu os amigos. Archibald, fazendo suas preces, e Kiorina, cozinhando raízes que flutuavam no ar. Sentiu-se bem ao acordar no campo, longe da cidade. O ar estava repleto de odores novos e

puros, muito diferente do ar de Kamanesh. Sentiu vontade de limpar suas coisas. Pegou sua espada, a ombreira de metal e o braço direito de sua armadura. Sentou-se. Colocou um pouco de óleo de melanca em um pano e começou a esfregar o metal até deixá-lo brilhando.

Kiorina abriu os olhos, saindo de sua concentração, e só então o viu.

– Kyle, bom dia! O desjejum está pronto!

Kyle sorriu e continuou lustrando o braço da armadura. Archibald disse:

– Hoje teremos um longo dia de caminhada. Portanto, vamos com isso!

CAPÍTULO 10

A floresta de Shind era um lugar sem igual em todo o reino de Lacoresh. As árvores que cresciam lá não existiam em nenhuma outra floresta de toda a região. Eram árvores muito bonitas, fortes e antigas. Algumas vivem mais de duas mil primaveras. Eram verdadeiramente majestosas e alcançavam a altura de mais de cem homens. Dizem que os silfos constróem suas casas nas copas dessas árvores. Kyle, Archibald e Kiorina caminhavam na floresta havia horas, sem terem-se acostumado à sua grandeza.

– Kyle, você não sente algo estranho neste lugar? – disse Kiorina.

– Como assim?

– Não sei, mas estou com uma sensação estranha...

Archibald chutou uma pedra e disse:

– Não há de ser nada! Você só está impressionada com o tamanho da floresta.

– É, deve ser isso... – disse Kyle, sem dar muita importância àquela conversa.

Andaram por mais algum tempo. Archibald pensava: “Estranho, depois do que Kiorina falou, comecei a sentir uma coisa incomum. O que estará acontecendo?”

Um instante depois, uma forte luz azulada, vinda de longe, tomou o lugar. Houve um zumbido, que logo passou. Todos se assustaram muito, a mula ficou inquieta.

– O que foi isso? – disse Kyle, retirando a espada da bainha.

– Não sei, nunca vi nada igual! Kiorina? – disse Archibald, nervoso.

– Talvez... – disse ela, tirando seu colar, uma corrente dourada com um cristal na ponta, e apertando-o fortemente com sua mão direita.

– O quê? – Kyle quis saber.

– Ainda não sei!

Archibald foi até a mula e pegou seu bastão de batalha. Girou uma ou duas vezes, enquanto andava na direção de Kyle. Disse:

– Vamos verificar!

Antes que dessem dois passos, viram, pulando por cima dos arbustos, seis criaturas que corriam em sua direção. Eram humanóides muito estranhos, que gritavam muito. Possuíam corpos peludos, uns cinzentos, outros amarelados. Suas grandes bocas abertas babavam e mostravam dentes pontiagudos. Vestiam peitorais de couro e usavam muitos colares de ossos, que balançavam intensamente enquanto corriam. Os olhos eram vermelhos. Só podiam ser bestiais.

– Bestiais! – gritou Kiorina.

Kyle fez uma base com as pernas e apoiou-se no solo, deixando seu lado direito na direção das criaturas. Segurava sua espada com a mão esquerda virada para o lado e o punho contra a parte lateral de seu corpo. Com o braço direito, que estava revestido com placas de metal de sua armadura, procurava proteger-se. Mantinha a calma, enquanto observava com os olhos cerrados os bestiais avançarem freneticamente em sua direção.

Kiorina segurava com mais força o cristal de seu colar, o qual começou a emitir um brilho amarelado, que escapava por entre seus dedos. Olhava fixamente para um dos bestiais, que estava a poucos passos de distância deles. Murmurava palavras incompreensíveis.

Archibald, com ambas as mãos, segurava com tanta força seu bastão, que ele tremia. Pronunciou então as palavras:

– Rochus Carvus Oném!

Kyle estava mais à frente, e um dos bestiais, a apenas dois passos dele, carregava uma maçã muito rústica com espinhos de metal. Segurava-a com ambas as mãos sobre a cabeça. Num instante, já estava golpeando na direção de Kyle, com muita violência. Ao golpear, soltou um urro de força. Kyle observou o movimento e empurrou a parte superior de seu braço contra o cabo da maçã, que vinha de cima para baixo. Recebeu parte do impacto, mas se desviou do golpe, que atingiu o chão com muita força. Ao mesmo tempo que a maçã atingiu o chão, a espada de Kyle já havia penetrado o corpo do bestial, que arregalou os olhos e soltou a respiração de uma só vez. Kyle torceu a espada e retirou-a de dentro do corpo de seu oponente, que caiu no chão, largando a maçã, tentando apoiar-se em seus braços.

Kyle sentiu o braço doer, mas, naquele momento, não havia tempo para dores. Era só o primeiro bestial a cair, e outro já estava a caminho. Tinha grandes orelhas de abano e carregava uma espada de metal muito suja, que segurava com as duas mãos. O golpe veio rápido, mas Kyle conseguiu

desviá-lo com a espada. Sentiu a força dele, maior que a sua. Segurou a lâmina da espada com a mão direita, protegida por uma luva de couro grossa. Aparou o segundo golpe, segurando a espada com as duas mãos, horizontalmente. Apesar de estar usando uma luva, o impacto do golpe abriu um corte na palma de sua mão direita. O bestial não retirou a espada, e os dois começaram uma disputa de força. Olharam-se dentro dos olhos, e o bestial gritou:

– Egror orto Morr!

Kyle olhou para o rosto daquele monstro peludo e disforme, que, além de tudo, tinha um hálito terrível. Sentiu seu sangue escorrendo pelo braço e muita dor na mão cortada.

Não se haviam passado mais que alguns instantes desde que avistaram as criaturas. Nesse momento, enquanto Kyle disputava força com uma delas, outras duas passavam por ele na direção de Kiorina e Archibald.

Kiorina finalmente terminara seu encantamento, com um grito muito alto. As roupas do bestial que corria em sua direção incendiaram-se imediatamente. A criatura ainda demorou uns instantes para perceber o que estava acontecendo; as chamas então já consumiam seu corpo. Caiu de joelhos, largou sua arma e começou a gritar. Kiorina assustou-se com o efeito de sua mágica. Ela nunca havia usado magia para machucar alguém.

O bestial que corria na direção de Archibald era o maior deles e não carregava nenhuma arma. Parecia ser muito forte, o que provocou grande apreensão no monge. Ao aproximar-se, foi golpeado por Archibald, com o bastão, no ombro esquerdo. Ele torceu um pouco o corpo e pegou o bastão com a mão direita. O monge olhou assustado para a mão do bestial, enorme e com grandes unhas negras, que, em um só puxão, arrancou o bastão e o jogou para trás. Deu uma gargalhada, olhando Archibald, que era muito mais baixo. Archibald deu um passo para trás, sem saber o que fazer. O bestial golpeou o abdome do jovem monge Naomir com seu punho cerrado, deixando-o atordoado. Seguiram-se mais dois golpes tão fortes, que o arremessaram para trás.

Kiorina viu Archibald caindo, mas havia mais um bestial chegando perto dela, que, então, apenas gritou:

– Archie!

Kyle continuava segurando sua espada, já dera dois passos para trás e a expressão em seu rosto mostrava que sentia uma dor enorme. O bestial

começava a rir e a dizer alguma coisa que ele não entendia. Kyle então fez muita força para levantar a espada acima do nível de sua cabeça e disse:

– Tome isso!

Acertou um chute na virilha do bestial, que parou de pressionar imediatamente. Antes que o monstro pudesse perceber, já estava com a espada de Kyle atravessada em seu peito. Sussurrou palavras de maldição e caiu para trás, como uma rocha.

Havia um último bestial a meia distância, que vestia uma armadura de placas e segurava um machado. Kyle respirou por alguns momentos e avançou com muita raiva na direção dele.

Kiorina concentrava-se bastante e chegava a suar, muito cansada, enquanto terminava de queimar outro bestial.

Archibald estava tonto e caído no chão. Tentava levantar-se, sem sucesso. O bestial que o derrubara havia erguido uma rocha maior que sua própria cabeça. Levantou-a sobre si e andava na direção de Archibald, dando gargalhadas. Chegou ao lado dele e riu, vendo seu rosto coberto de sangue. Preparou-se para soltar a rocha, quando sentiu uma forte pontada no seu peito. Olhou e viu que havia uma flecha onde seu coração batia. Sem ação, caiu rígido, feito uma árvore derrubada.

Archibald, deitado no chão, olhou para trás, tentando ver quem havia disparado a flecha que lhe salvara a pele. Viu uma silhueta, escondendo-se atrás dos arbustos; com sua visão embaçada, não conseguiu identificar a fisionomia, mas viu que se tratava de uma mulher.

A essa altura, Kyle já havia alcançado o último bestial, que parecia ser o líder. Parou de correr um instante, antes de alcançar seu oponente, e ambos se estudaram. Kyle avançou golpeando o bestial com um movimento em arco. O golpe atingiu o peito, porém não o penetrou, apenas resvalou na armadura. Após esse golpe, o cavaleiro ficou numa posição desfavorável, da qual seu oponente se aproveitou para dar-lhe um soco no rosto, que o deixou atordoado. O nariz de Kyle começou a sangrar. Vendo que o bestial preparava seu machado para um golpe, Kyle deu um passo para trás e colocou sua espada em posição de defesa. O machado atingiu a espada, lançando-a longe. O bestial abaixou o machado e agarrou a garganta de Kyle com a mão livre. O monstro, incrivelmente forte, levantou-o no ar, virando-o e batendo-o contra o tronco de uma árvore.

Kiorina, exausta pelo esforço necessário para deter os bestiais, via seu companheiro naquela situação, mas era incapaz de ajudá-lo, conseguindo apenas sussurrar: “Não, Kyle, não...”

Archibald mal conseguia levantar-se e também não podia oferecer-lhe ajuda.

Finalmente, o bestial soltou o pescoço de Kyle, que caiu sentado no chão, recostado no tronco da árvore. O bestial ergueu o machado, segurando-o alto com ambas as mãos. Golpeou com violência na direção da cabeça de Kyle, que, no último instante, esquivou-se. O golpe atingiu o tronco da árvore, mas passou tão perto da cabeça de Kyle, que lhe arrancou uma mecha de cabelo. Ele se aproveitou da situação: agarrou os braços do bestial e segurou uma de suas pernas, desequilibrando a criatura, que caiu. Sem perder tempo, Kyle desembainhou sua faca, presa à bota, e investiu contra o bestial. Agarrou-lhe a cabeça com a mão direita e desferiu repetidas facadas no pescoço. Era o fim do monstro.

– Kyle, você está bem? – disse Archibald, enquanto caminhava na direção dele, segurando o colar com a gema que Atir lhe dera em Kamanesh.

Kyle sinalizou positivamente com a cabeça.

Archibald aproximou-se, extraiu energia da pedra e começou a tocar os ferimentos de Kyle, curando-os e, depois, curou os próprios ferimentos.

– De onde vieram aqueles bestiais? – indagou Kiorina, mais descansada.

– Não sei, mas acho que existe alguma relação entre seu surgimento repentino e aquele clarão. – ponderou Archibald.

– Poderia ser algum tipo de mágica, Kiorina? – perguntou Kyle, checando o amassado no braço de sua armadura.

Kiorina olhou para o alto, torceu os lábios e finalmente disse:

– Bem, teoricamente é possível, poderia ser um portal ou teleporte...

Foi interrompida por Archibald:

– Isso implicaria o envolvimento de alguém muito poderoso ou que dispusesse de muita energia. Não importa qual das duas características, apenas que quem apoiou isso estava atrás de nós!

– Estava não, está! – completou Kyle, demonstrando preocupação.

– Pode ser que não, pode ter sido por acaso. – disse Kiorina, tentando acreditar que não havia ninguém envolvido.

– É possível... – refletiu Archibald – mas e se houver alguém querendo nos eliminar?

– Mas por quê? Para quê?

– Kyle, meu amigo, acho que isso é meio óbvio! Nós somos enviados das pessoas mais importantes de Kamanesh. – e pensou: “É claro que pode ser alguém atrás da gema que Atir pediu-me para entregar a um amigo seu, na cidade oculta...”

– E daí? Isso só seria importante se... – Kiorina parou em suspense.

– O quê?

– Nada, Kyle, só uma bobagem que pensei, não faz sentido...

– Por falar em coisas sem sentido, quem salvou minha vida? Quem atirou aquela flecha?

– Talvez tenha sido um silfo! – sugeriu Kiorina.

– É, pode até ser... mas, se foi um silfo, era fêmea.

– Você conseguiu ver alguma coisa, Kiorina?

– Não, Kyle. Nem uma sombra. Não emitiu um som sequer!

CAPÍTULO 11

Depois do dia em que foram atacados, os três não conversaram muito. Já haviam deixado a floresta de Shind. Agora parecia ser a parte mais difícil da viagem, pois estavam a subir e descer montes, que ainda eram suaves, característicos do início da cordilheira de Thai. No início, as subidas e descidas foram facilitadas pelas trilhas e estradas que pegaram, enquanto atravessavam o baronato de Fannel, cuja faixa territorial era bem estreita. Eles reabasteceram seus suprimentos na vila de Kêner e depois em Liont, a capital. Liont era uma cidade muito bonita, às margens do singular rio Aluviris, que não desaguava no mar, mas penetrava no planalto de Or, percorrendo vias subterrâneas.

Entre as principais atividades do baronato de Fannel, estavam a ourivesaria, trabalhos com pedras preciosas, vinicultura, mineração, além de escolas e oficinas de escultura e pintura. Vários trabalhos, como esculturas para praças, castelos e igrejas, eram encomendados aos mestres artesãos do baronato e suas companhias.

Estavam a caminho da cidade oculta, que, aliás, deixara de ser realmente oculta há bastante tempo, sendo assim chamada por costume ou mesmo por uma questão histórica. Seja como for, hoje era uma cidade muito importante como ligação do reino dos humanos com os territórios dos anões, que vivem mais ao norte, na parte central da cordilheira de Thai. Lendas antigas dizem que Tisamir, a cidade oculta, foi construída pelos antigos anões.

Em um passado longínquo, houve algum laço entre os humanos e os anões. As relações formais, porém, deixaram de existir há muitos e muitos anos, sendo Tisamir o único lugar onde ainda existiam anões vivendo juntamente com humanos, ainda que poucos.

Nos dois dias de caminhada após a luta com os bestiais, Kyle esteve muito calado, pensando em como quase perdera a vida e em como tirara, com as próprias mãos, três vidas. Até aquele dia, só havia matado animais e,

mesmo assim, nunca gostou de fazê-lo. Mesmo tendo aqueles bestiais o intuito de matá-los, Kyle sentiu-se mal por ter-lhes tirado a vida.

As imagens daquela batalha não lhe saíam da cabeça; recordava-se de cada momento, com todos os seus detalhes. Podia ver o olhar de ódio nos olhos vermelhos dos bestiais com que lutara. Lembrava-se do mau cheiro deles e principalmente de seu sangue escuro. Tudo parecia vermelho.

Naquela manhã, as mãos de Leivisa, a deusa da luz, já haviam trazido o sol. No entanto, o tempo foi-se fechando, ameaçando chuva.

Kiorina também não estava nada falante, algo fora do normal. Talvez porque ela acreditasse que, na verdade, a viagem seria uma aventura; depois, no entanto, de ter que lutar por sua vida, começou a sentir-se um pouco culpada pelo desejo de que coisas emocionantes acontecessem. Tinha saudades de casa e sentia-se mal por ter saído brigada com o pai. Lembrava-se da comida de Dora, de sua cama, das aulas e dos colegas da Alta Escola, até mesmo de Ector. Apesar de sentir-se assim, não dizia nada a seus amigos. Não queria que a vissem como uma garota fraca e mimada.

Archibald percebia que, cada vez mais, questões sem respostas surgiam em sua mente. Começava a ficar um pouco nervoso com o fato de não encontrar respostas para nenhuma de suas perguntas. Às vezes, desejava nunca ter deixado o mosteiro. Como não podia mudar seu passado, aceitou tal fato como uma oportunidade de crescimento, assim como considerava a viagem. Quando percebia seu próprio nervosismo, logo procurava controlá-lo, não permitindo nunca que durasse mais que alguns instantes. Se aprendeu algo em seu treinamento com os monges Naomir, foi a ter paciência. Ele quebrou o gelo:

– Vocês acham que será fácil encontrar esse tal Kivion?

– Ah, sim. Pelo que o mestre Heirich me disse, ele é bem conhecido em Tisamir.

Silêncio. Os três continuavam a subir a trilha por entre as montanhas, soprava um vento frio. O assunto ainda não rendia muito entre os três. Só depois de algum tempo, veio a réplica:

– É mesmo? O que faz esse Kivion em Tisamir? – Archibald insistiu no assunto.

– Ah ... não sei bem. Acho que ele é membro de uma comunidade de pensadores ou alguma coisa do tipo.

– Pensadores?

– Não, não é bem isso, foi outro termo que o Mestre usou, não me lembro bem. Mas o importante é procurá-lo no lugar que eles chamam de Academia.

– É verdade que Tisamir não tem um senhor, como o duque Dwain, em Kamanesh, ou o barão Fannel, em seu baronato? – Kyle intrometeu-se.

– Sim, a cidade é independente do Reino de Lacoresh e tem governo próprio. Parece-me que eles têm algo como um conselho de juízes. – disse Kiorina com um pouco de dificuldade, fazendo sinal para parar. – Vamos descansar um pouco...

Finalmente, ao cair da tarde, a expedição liderada por Kiorina chegou aos arredores de Tisamir, o que ficou claro quando começaram a encontrar pessoas circulando pelas trilhas que levavam à cidade. De início, estranharam as vestimentas dos cidadãos de lá: longos mantos de cores fortes e chapéus de tecido, que cobriam suas cabeças. Avistaram um paredão vertical altíssimo, no qual havia um par de grandes gaiolas que subiam e desciam. Era uma montanha enorme, com paredes que se inclinavam negativamente e se pareciam muito com os bancos usados na Taverna da Lua, os quais eram como cilindros de madeira entalhados na lateral, lembrando a lua crescente e a decrescente, de um lado e do outro.

Ao encontrar os primeiros grupos, sentiram-se como verdadeiros estranhos, pois eram ignorados pelos passantes. Depois, Archibald lembrou-os de que fazia parte dos costumes do povo dessa cidade não fazer alarde com a chegada de estranhos. Provou isso quando perguntou a um passante sobre a cidade e ele lhe respondeu normalmente, sem ignorá-lo.

Para chegar em Tisamir, ainda seria necessário subir uma parede vertical de grande altura. Um feito difícil mesmo para os mais bem treinados na arte de escalar. No entanto havia um mecanismo construído pelos antigos, que levava as pessoas de cima para baixo e vice-versa.

Nesse ponto, foram abordados diretamente por guardas, que perguntaram sobre as intenções e a procedência do grupo. Foi-lhes pedido que deixassem suas armas antes de subir. Também deixaram sua mula em um estábulo que ficava por perto, e só então subiram.

Entraram juntamente com outras cinco pessoas numa espécie de gaiola, presa a uma série de cordas muito grossas, que subiam até o topo do paredão. Durante a subida, ficaram deslumbrados com a vista que surgia diante de seus olhos. Podiam ver os montes pelos quais passaram e, ao chegar perto do topo, puderam ver a floresta de Shind inserida no planalto de Or e as planícies do reino de Lacoresh. Aquela visão era tão ilógica que causou surpresa nos três: como poderia ser uma coisa dessas?

– Oh, Forlon! – murmurou Archibald.

Se eles conseguiam ver tudo aquilo dali, como seria possível que não vissem a montanha de lá? Ficaram quase como se estivessem em transe e assustaram-se quando o mecanismo parou, chacoalhando a gaiola em que estavam.

– Calma, forasteiros, não precisam se preocupar, o transporte é seguro!
– disse um dos homens que subia juntamente com eles.

Só então deixaram de olhar a paisagem e olharam o homem. Ele se cobria inteiramente com um manto laranja, que só deixava o rosto de fora. Sua fisionomia era muito diferente do que estavam acostumados a ver em outros homens. Seu nariz era achatado, pele bronzeada, barba longa e lisa e olhos profundamente azuis. Ele sorriu e disse:

– Sejam bem-vindos a Tisamir!

Então o homem que estava na frente deles saiu com um dos braços erguidos a meia altura, mostrando a cidade. Foi difícil para os viajantes acreditar no que viam. Era uma escadaria levemente circular que descia por mais de trezentos degraus. Levava a uma cidade de arquitetura bem diferente do que haviam visto até então, inclusive das construções do reino vizinho de Homenase.

Apesar de, ao redor da montanha, a vegetação ser muito escassa, no seu interior havia abundantes jardins que se integravam às construções de forma harmoniosa. As casas, templos e torres eram todos construídos com as rochas da montanha e pintados com cores fortes e variadas e tinham formas geométricas as mais diversas. Talvez aqueles padrões geométricos fossem a única coisa familiar para eles, pois já haviam visto algumas peças de cerâmica produzidas em Tisamir sendo vendidas em Kamanesh. De início, ficaram atordoados com o esplendor da visão, mas o deslumbramento foi quebrado por uma voz de criança:

– Sejam bem-vindos a Tisamir! Meu nome é Hildo. Vocês já têm um guia? – disse um garoto que aparentava ter uns dez anos. Vestia camisa e calça cinza, amarrada na cintura por um cordão branco. Era quase careca, com poucos cabelos negros cortados rente à cabeça. Tinha pele bronzeada e olhos semitransparentes.

– Hildo, não é? – confirmou Kyle. – Será que você pode nos levar a uma estalagem para passarmos a noite?

– É claro, senhor... – o menino tinha um curioso olhar inquisitivo.

– Kyle, Kyle Blackwing. Esses são Archibald DeReifos e Kiorina de Lars.

– É um imenso prazer conhecê-los! – disse o garoto, fazendo um gesto de reverência.

– É bom conhecê-lo também, Hildo. – disse Kiorina sorrindo, mostrando que havia gostado muito do garoto.

– Então vamos indo! – disse Hildo já de costas, descendo a escadaria.

Desceram, deslumbrados com a beleza da cidade. Era uma vista tão bonita, que, naquele momento, esqueciam-se de todos os seus problemas. Archibald pensava no sotaque que as pessoas de Tisamir tinham. Achava engraçado como a mesma língua podia soar tão igual e, ao mesmo tempo, tão diferente.

Enquanto Archibald entretinha-se em seus devaneios, Kiorina puxava assunto com seu novo e jovem guia.

– Diga-me, Hildo, você nasceu aqui mesmo?

– Huh, huh! – disse, sinalizando positivamente com a cabeça.

– E você conhece algum anão?

– Huh, huh! – repetiu o gesto. – Tenho até alguns amigos entre os anões. – olhou para ela e perguntou: – Você nunca viu um anão?

– Já vi em livros, mas pessoalmente não. – disse, levantando os ombros.

– Se você quiser, eu lhe mostro alguns. Eles são poucos por aqui... – o garoto parou para cumprimentar um homem que subia. Fez um gesto com as mãos e disse: – Darnak, senhor!

– Darnak, Hildo! – respondeu o homem, que continuou subindo. Era alto, de pele clara, careca e calçava chinelos que subiam até as canelas, onde terminava seu manto branco. O que chamava mais a atenção era uma mancha no centro da testa, logo acima dos olhos. Uma bolinha vermelha.

– Diga-me, Hildo, quem era aquele homem? – perguntou Kiorina, interessada.

– O nome dele é Rainarg.

– Aquela mancha em sua testa quer dizer que ele é um vidente? – perguntou Kiorina, lembrando-se da vidente que ela e Kyle haviam consultado no festival em Kamanesh.

– Vidente? – disse Hildo, surpreso. – Vocês de Lacoresh têm cada idéia!

A mudança no tom de voz do garoto chamou a atenção dos outros dois, um que observava os jardins da cidade, outro absorto em seus pensamentos.

– Não, ele é um membro da Ermirak, por isso é que teve sua testa tatuada. – explicou Hildo.

– Quer dizer que ele é um membro da escola de Tisamir? – Archibald intrometeu-se.

– O que chamamos Ermirak não é bem uma escola, mas um conjunto de escolas.

– Quer dizer que vocês têm muitas escolas por aqui? – perguntou Kyle, enquanto amarrava seus cabelos.

– Ah, sim, todos em Tisamir recebem boa educação. – o garoto parou de descer os degraus e indicou com os dedos um conjunto de cinco construções proeminentes. – Aquelas são as cinco escolas, cada uma destinada a um tipo de conhecimento. – indicava com um gesto cinco palácios que se erguiam ao redor do bosque, no centro da cidade.

Archibald achava aquele lugar e seu povo fascinantes. Não compreendia por que, enquanto em seu reino o povo era deseducado e pobre, aqui todos pareciam educados e ricos.

Nesse momento, já haviam terminado de descer a escadaria e observavam que a cidade organizava-se em plataformas niveladas. Havia uma extensão de uma dúzia de casas e então um novo conjunto de lance de escadas que descia à altura de duas casas. Novamente, uma extensão de uma dúzia de casas e mais um lance de escadas. Isso se repetia por mais de dez vezes até o centro da cidade, onde havia um grande bosque.

CAPÍTULO 12

Kiorina, Kyle e Archibald estavam muito cansados para procurar Kivion àquela hora; decidiram então resolver seus negócios no dia seguinte. Dormiram numa estalagem bem aconchegante, perto de um dos palácios de Tisamir. Quando Kyle acordou, procurou por Archibald, que dormira na cama ao lado, mas não o encontrou. Virou-se. Ainda deitado, começou a examinar o quarto em que estava. Olhou as paredes de pedra alaranjada bastante lisa. A pequena janela de madeira, pintada de amarelo, estava fechada. Kyle pensava nas cores das coisas. Levantou-se lentamente e andou em direção à janela. Girou um pino e a abriu. A luz forte foi projetada para dentro, iluminando apenas uma pequena parte do quarto, onde também circulou a brisa. Kyle protegia a vista com uma das mãos. A luz machucava seus olhos. Aos poucos, surgiu na sua frente a primeira imagem daquela cidade.

O ar da manhã em Tisamir era suave, se comparado ao de Kamanesh. O cheiro era até muito bom. A janela em que Kyle se apoiava deixava espaço apenas para seu torso passar; não era como as janelas de sua cidade. A movimentação era intensa, muitas pessoas circulavam na rua naquele momento. O sol já iluminava a cidade. Com isso, Kyle percebeu que não era muito cedo. Resolveu banhar-se, descer e procurar por seus companheiros. Quando desceu, tinha os cabelos amarrados e vestia uma de suas melhores roupas. Sentiu-se aliviado de não vestir mais a roupa usara durante sua jornada. Observou a leve cicatriz na palma da mão, resultado do encontro com os bestiais, e se lembrou dos olhos vermelhos daquele com quem lutara quando cortou a mão e de seu terrível hálito. Fez uma careta enojada e balançou a cabeça. Havia acabado de descer as escadas.

– Está tudo bem, Kyle?

Só agora percebia que Kiorina estava sentada com as mãos sobre uma mesa, diante da escadaria. Devia estar olhando para ele desde que começara a descer. Fechou o punho com força, puxou uma cadeira para sentar-se e disse, olhando finalmente para ela:

– Não... na verdade, estou bem...

– É mesmo?

Kyle via os cabelos ruivos de Kiorina, decentemente penteados desde o início da viagem. Depois, olhando em seus olhos, disse:

– Aqueles bestiais... – olhou para baixo, sem terminar. Kiorina pegou as mãos de Kyle e forçou os dedos, para que se abrissem. Observou a palma da mão direita. Ambos olhavam para baixo nesse momento.

O som de passos apressados preencheu a pequena sala. Os dois olharam em direção à porta e viram Hildo, o garoto que se havia oferecido como guia na tarde passada. Perceberam que ele olhava suas mãos dadas e esboçava um sorriso sem graça. O garoto deu um passo atrás e disse:

– Desculpem-me interromper...

Ambos retraíram as mãos, num gesto brusco e simultâneo.

– Interromper o quê? Vamos, entre! – disse Kyle, como se nada houvesse acontecido.

Naquele momento, não conseguiu deixar de pensar em Gorum e naquela conversa toda sobre Kiorina estar interessada nele. Sentiu-se desconfortável e levantou-se num sobressalto.

Hildo observava tudo e achava bastante curioso.

– Bem, Sr. Kyle, acho que o senhor deve estar-se perguntando onde seu companheiro, o Sr. Archibald, está neste momento.

– Ah, sim... Você sabe alguma coisa, não sabe? – perguntou Kyle, andando em direção ao garoto.

– Sim, senhor! – ele olhava para cima e virou-se para o balcão que ficava na outra sala. – Por favor, tragam o desjejum dos novos hóspedes!

Kyle ficou olhando, desconfiado.

– Ah... Eu lhe disse que essa estalagem é do meu tio? – o garoto justificou-se e conduziu Kyle de volta à mesa. – Vocês não querem ir atrás dele sem comer nada, não é?

Kyle concordou, e os três sentaram-se à mesa. Um homem vestido com uma túnica branca trouxe uma bandeja com pães e uma jarra de suco. Os pães pareciam ter saído do forno há pouco.

– Obrigada. – Kiorina agradeceu ao homem. Virou-se para Hildo e disse: – Bom dia!

– Bom dia, Srta. de Lars!

– Kiorina, por favor.

– Como quiser, Srta. Kiorina.

– Hum... pães... recheados! – disse Kyle, enquanto mastigava.

Kiorina e Hildo olharam com o canto dos olhos para ele, depois se olharam e seguraram uma risada. Hildo tirou o chapéu branco que usava e colocou-o sobre a mesa.

– O Sr. DeReifos acordou bem cedo e me perguntou onde havia uma fonte aqui por perto. Eu o levei até lá. Chegamos ao amanhecer. Ele pediu para ficar sozinho e que vocês fossem para lá após seu desjejum.

– (nhac)... É mesmo? – Kyle fez uma cara de surpresa.

– Huh, huh! – acenou positivamente.

Kyle engoliu tudo de uma vez, fazendo uma careta, e quis confirmar:

– Uma fonte?

– É... uma fonte. – disse Hildo, casualmente.

– Hmm... – Kyle deixou escapar.

– Isso deveria significar alguma coisa? – perguntou Hildo.

Kiorina e Kyle se encararam de uma forma fria. Kyle balançou a cabeça negativamente e disse, num sussurro:

– Não...

Hildo ergueu os ombros. Kiorina logo mudou de assunto.

– Então, Hildo, você conhece o homem que atende pelo nome de Kivion?

– Ah, sim...

– Que ótimo! – Kiorina disse, antes que Hildo pudesse terminar.

– Vocês vieram aqui para vê-lo? – perguntou o garoto, surpreso.

– Você pode nos levar até ele? – indagou Kyle.

– Kivion? É... Você quer dizer mestre Kivion, do Grande Conselho?

– Sim, o mestre Heirich mencionou um certo Conselho.

– Um certo Conselho? – o garoto balançou a cabeça e disse: – Vocês de Lacoresh falam de uma forma muito... peculiar.

Kiorina ficou em silêncio. Percebeu que havia falado casualmente sobre algo que parecia muito importante para o garoto. Kyle mastigava mais um pão e não havia percebido a equivocada ofensa. Kiorina então disse:

– Desculpe-me a maneira como falei do Grande Conselho.

– Não, não foi nada. – disse o garoto, sem dar muita importância ao fato.

– (nhac)... Vamos então? (nhac)... Eu já terminei... – disse Kyle.

– A Srta. já terminou? – perguntou Hildo.

– Sim, obrigada. – disse Kiorina ao levantar-se.

Depois de sair da estalagem, Kyle e Kiorina foram guiados por Hildo pelas ruas de Tisamir. Sob o sol da manhã, a cidade ganhava um brilho especial, as ruas e calçadas de pedras alaranjadas perfeitamente polidas refletiam a luz nas construções, desenhando mosaicos de luz branda nas paredes coloridas de Tisamir. Depois de descer dois níveis da cidade, começaram a adentrar o bosque central, que era belíssimo, cortado por diversas trilhas de pedra polida, as quais não refletiam o sol como as outras por estarem sob a sombra das árvores. Ali corriam muitas crianças de um lado para outro, observadas por suas mães, sentadas em bancos de pedra entre as árvores. Três delas se aproximaram. Eram uma garota e dois garotos bem pequenos, teriam passado por seis ou sete primaveras. Todos tinham cabelos bem pretos e olhos claros como o céu. A garota parecia ser a mais velha.

– Moço, por que o senhor está vestindo essa roupa engraçada? – perguntou a garotinha, numa pose acanhada. Balançava um dos pés e coçava a cabeça com uma das mãos. Tinha um olhar inocente; seus lábios esboçavam um pequeno sorriso maroto.

– Você acha minha roupa engraçada? – disse Kyle, sorrindo.

Os dois garotos tentavam conter o riso. Kyle agachou-se, apoiando os braços nos joelhos, e disse:

– Sabe de uma coisa? Eu não sou daqui, por isso minhas roupas são diferentes...

– Todos os estrangeiros vestem roupas engraçadas? – perguntou a menina, enquanto pegava na manga da camisa de Kyle.

Ele olhou sobre os ombros dela e viu que sua mãe se aproximava. Vinha dizendo:

– Kamira! O que eu já lhe disse sobre importunar estranhos?

Num piscar de olhos, a garota correu de volta para a grama. Os dois garotos a seguiram. A mãe da garota parou e disse:

– Desculpem-me, eu ensino e ela sempre desobedece...

– Não foi nada, senhora, ela é uma boa garota. – disse Kyle, sorrindo.

Seguiram pelos caminhos do bosque. Era um lugar tão vivo quanto as florestas, apesar de estar no coração de uma cidade, em cima de uma montanha cercada de pedras. Havia muitos pássaros, pequenos animais, sons e cheiros naturais. A fonte de que Hildo havia falado encontrava-se no centro do bosque. Já conseguiam escutar o tênue barulho de água jorrando; logo puderam avistá-la. Havia também um pequeno lago, em cujo centro se via um conjunto de esculturas em mármore azul, com orifícios dos quais jorravam fios de água, em todas as direções. As esculturas era estranhas para Kyle, que não compreendia bem o que pareciam seres humanos rodeados de criaturas que nunca vira. Só depois de se acostumarem com aquela imagem estonteante é que perceberam Archibald do outro lado da fonte, em posição de meditação dos monges Naomir, totalmente compenetrado. As crianças que brincavam ao seu redor não pareciam incomodá-lo. Aproximaram-se contornando o pequeno lago. Podiam perceber com mais detalhes a expressão de completa concentração no rosto de Archibald. Quando já estavam a poucos passos dele, suas sobrancelhas e olhos fizeram um movimento tenso, sua face demonstrou uma forte emoção, algo entre sofrimento e ira. Ele, então, rapidamente, exalou a respiração e abriu os olhos. Levantou-se com certo esforço, respirando intensamente, como se estivesse bastante cansado.

– O que há, Archie? Alguma coisa errada? – perguntou Kiorina, assustada.

– Ah... vocês estão aqui? – disse, surpreso. Depois, pensou na falta de sentido do que havia dito e tentou reparar. – Quero dizer, você já chegaram... Que bom! Podemos ir procurar Kivion agora, não podemos?

– Você se assustou com a nossa chegada? – perguntou Kyle.

– Pode ser... É! Foi o que aconteceu. – afirmou Archibald, parecendo estar ainda um pouco confuso.

Saíram imediatamente. Caminharam em silêncio até o fim do bosque. Kyle não encontrava sentido no que havia acontecido com Archibald. Como a aproximação quase silenciosa deles podia ter provocado aquela mudança no monge, se havia vários garotos fazendo barulho à sua volta? Retornando às ruas de Tisamir, Kyle deixou sua hesitação de lado e perguntou:

– Diga-me, Archibald, o que você foi fazer na fonte?

– Ora, fui meditar e orar! Isso não ficou claro? Que pergunta é essa?

- É... não... é que... – Kyle ficou desconsertado com a resposta de seu companheiro, que tinha um tom quase de ofensa. – Claro, foi só uma pergunta boba mesmo...

CAPÍTULO 13

No saguão de um dos palácios que formam a Academia de Tisamir, Archibald contemplava as obras de arte ali expostas. Grandes pinturas retratando homens que pareciam ser nobres. As paredes possuíam uma textura bonita e lustrosa, devido a seu polimento. Observava com atenção os detalhes da escultura de uma mulher seminua, com cetro na mão esquerda e um livro na mão direita, apoiado nas pernas, o qual mirava com olhar compenetrado. Archibald ficou impressionado com o realismo da escultura, suas proporções perfeitas, obra de um verdadeiro mestre escultor.

Esperavam por Noran, um dos discípulos de Kivion, que havia dito que os atenderia. Enquanto Archibald observava as pinturas e esculturas, Kyle e Kiorina estavam mais próximos dos portões, observando a movimentação no outro lado da rua.

– Gosta de nossa ornamentação? – a voz vinha de trás de Archibald.

O monge virou-se e viu um homem de expressão serena, sobrancelhas grossas, olhos escuros, incomuns para os habitantes de Tisamir. Havia algo que chamava muito a atenção: em sua testa, havia o desenho de três círculos avermelhados interligados por linhas, formando um triângulo. Archibald não conseguia desviar seu olhar daquele símbolo.

– Estas são as marcas da segunda visão. – explicou o homem. – Meu nome é Noran, sou discípulo de Kivion. Soube que vocês vieram de Lacoresh para vê-lo.

– É verdade... – disse Archibald e foi interrompido por Kiorina.

– Sr. Noran, meu nome é Kiorina de Lars. Venho em nome de Heirich trazer uma mensagem muito importante para Kivion, do Grande Conselho.

– É um prazer conhecê-la, Srta. de Lars. Infelizmente devo dizer-lhes que mestre Kivion está fora, numa pequena viagem.

– Viagem? – perguntou Kiorina, um pouco frustrada.

– Desculpe-me, mas ainda não nos conhecemos... disse para Kyle.

– Sou Kyle Blackwing, cavaleiro do ducado de Kamanesh. – estendeu a mão para um cumprimento.

Archibald estendeu a mão e disse:

– Sou Archibald DeReifos, um monge Naomir.

– Certo, acompanhem-me, por favor. Vou-lhes contar os detalhes nos caminhos. – indicou um corredor comprido, que levava ao pátio interno do palácio, cujas colunas laterais convergiam, formando arcos no teto. O corredor era construído de tal forma que os sons ecoavam, amplificando seus passos. – Como ia dizendo, mestre Kivion foi atender ao pedido de um velho amigo, um silfo ancião da floresta de Shind, onde, nesses dias, está havendo o ritual de passagem dos jovens silfos. O mestre foi chamado para procurar jovens aptos a estudar na Academia.

– Que interessante! – exclamou Archibald. – Que tipo de dotes seriam necessários para estudar na Academia?

– Os estudos na Academia são livres e até incentivados para os habitantes de Tisamir; nossa estrutura, porém, não comporta estudantes estrangeiros. Existe apenas um número limitado de vagas, que são preenchidas mediante indicação prévia.

– Entendo... – Archibald disse e pensou: “Por Leivisa, esse Noran fala de uma forma rebuscada, mesmo para nossos padrões no Monastério...”

– Desculpem-me meu zelo excessivo com a fala. Venho estudando nossa língua e as línguas antigas há várias estações; aprofundei-me tanto que comecei a perder um pouco o modo coloquial de discurso.

Kyle fazia esforço para compreender o que aquele curioso homem dizia, mas estava um pouco confuso.

– Enfim, quando o Sr. Kivion voltará?

– Ele...

Noran foi interrompido por Kyle, que disse, de sobressalto:

– Você disse que ele está em Shind, não foi mesmo?

Noran, intrigado com a mudança de Kyle, perguntou:

– Sim. Existe algum problema com esse fato?

– Talvez... Ao passar por Shind, fomos atacados por um bando de bestiais...

– Bestiais? – Noran torceu suas grossas sobrancelhas, demonstrando preocupação. – E sob que circunstâncias foram abordados?

– Foi algo bastante estranho... após um clarão e um zumbido, os bestiais nos atacaram, seis deles. – explicou Kyle.

– Tem idéia do que pode ter sido? – perguntou Archibald.

Noran fez sinal negativo com a cabeça e colocou sua mão direita sobre o queixo. Kiorina finalmente interferiu:

– Acho que pode ter sido algum tipo de magia. No entanto, para a realização de tal magia, seria necessário um grande poder...

– Andei pensando nisso. – disse Archibald. – Pode haver alguma relação entre o bebê de Jeero e esse ataque.

– Jeero? – perguntou Noran, confuso.

– Jeero é o braço direito de Gálius de Lars, pai de Kiorina. Seu bebê parece ter nascido com uma estranha moléstia. Mestre Heirich está muito empenhado nessa investigação, o que não compreendo bem. Afinal, trata-se apenas de mais um bebê que nasce doente. Além de organizar essa nossa viagem, ele pediu ao Duque e ao irmão Weiss pela nossa vinda. Tudo isso não faz muito sentido, a não ser que mestre Heirich desconfie de alguma coisa séria envolvida nisso. Estamos aqui então para falar com mestre Kivion, do Grande Conselho, uma das únicas pessoas que talvez possam ajudar a esclarecer esse fato, mas ele se encontra fora...

Noran começou a comportar-se de uma forma estranha, como se estivesse sentindo cansaço, e disse:

– Isso não é nada bom. Não consegui captar todas as implicações do que acabei de ouvir, mas o simples fato de mestre Kivion não ter tido um bom pressentimento sobre sua viagem a Shind já é ruim o suficiente...

– Isso pode ser grave, seu Mestre pode correr perigo, se for detentor de informações importantes.

– E é bem possível... mesmo porque mestre Kivion é uma pessoa de experiência sem igual. – afirmou Noran. – Provavelmente essa informação tem suas raízes em um passado distante.

Archibald estranhou a afirmativa de Noran e perguntou:

– Por que em um passado distante?

– É apenas um palpite... considerando que mestre Kivion nasceu há mais de oitocentas primaveras...

– Como é que é?! – exclamou Kyle.

– Isso não é possível! – afirmou Kiorina.

– A não ser que mestre Kivion não seja humano... – disse Archibald.

– Você está certo! – disse Noran. – Mestre Kivion é o mais velho silfo vivo...

Kyle ficou sem palavras e coçou a cabeça, bastante intrigado.

– Isso pode não ser nada bom... sussurrou Archibald.

Noran começou a sentir-se mais cansado e sentou-se na mureta que dava para o jardim. Colocou as mãos sobre a cabeça e fechou os olhos. Kyle olhou para Archibald, sem entender bem o que acontecia.

– Sr. Noran, está tudo bem?

– Si... sinto que a... algo de terr... está para aconte... tecer. – disse Noran, com muita dificuldade. – Oh... oh... não!... mestre Kivion, não!

CAPÍTULO 14

Noran observava as estrelas pela janela de uma das torres do palácio Majsir, onde é ensinada a arte das línguas, da poesia, da oratória e a história. Segurava em suas mãos um envelope fechado. Alisava com os dedos a textura do papel amarelado e hesitava em remover o selo. Lia pela décima vez o que dizia: “Abra apenas na noite em que retornar de Shind.”

Uma fraca brisa adentrava o quarto. A iluminação oscilava com o balanço das cortinas e das chamas de dezenas de velas, dispostas em vários candelabros. Já haviam-se passado duas noites além da previsão de retorno de Kivion.

Noran tomou coragem, aproximou-se da mesa de pedra e quebrou o selo, do qual pequenos cacos caíram no chão, sem fazer barulho. Retirou uma folha de papel de dentro do envelope e começou a ler.

“Caro Noran,
É nessa brisa que vou ao encontro do meu destino,
Que seu coração não se entristeça com minha partida.
Eu bem cuidei de ti desde que eras um menino,
Faz bom uso de teus dons durante a vida.
Eu sabia que era chegada a hora
De partir para o descanso e a paz.
É momento meu, vê se não choras,
Pois é tempo de ser forte e sagaz.
O mundo em que vivemos move-se em círculos,
O meu breve sopro termina neste momento,
Assim como as forças em oposição e os nulos,
Temo deixar como legado um grande tormento.
Temo por ti e por todos os que ficam, sim,
Mas sinto não poder ver o momento belo,
Pois a ordem em ordem é muito ruim,
Porém está para nascer um novo elo.”

Noran leu e releu o poema de seu mestre; chorou bastante. Pensava em tudo o que havia aprendido com ele e na beleza de seu poema de despedida. Refletiu por tanto tempo que, em um piscar de olhos, um novo dia havia surgido.

Após muito meditar, havia chegado à conclusão de que deveria acompanhar os estrangeiros até Shind para investigar o paradeiro de seu mestre e ajudá-los com as questões referentes ao bebê.

– Archie, onde você esteve o dia todo? – perguntou Kiorina, ao vê-lo entrar pela porta da estalagem.

– Ah... fui passear...

– Puxa, que passeio, hein? Nós o procuramos até cansar! Enfim, depois de desistirmos, Hildo nos levou a uma taverna, onde nos apresentou a um grupo de anões que trabalham no ramo de jóias.

– Que pena... gostaria de conhecê-los também.

– Esses anões são sujeitinhos bem diferentes... No início, achei que eles eram fechados e carrancudos, mas, com o passar do tempo, bebemos e nos divertimos bastante! – disse Kyle, entusiasmado.

– É, eles são realmente muito gentis! Até me presentearam com esta pulseira, olha só... – disse Kiorina, estendendo o pulso na direção de Archibald.

– Puxa, ela é realmente muito bem trabalhada!

– Eles nos falaram bastante da Academia e de como a arte da escultura, da pintura e até da joalheria são ensinadas.

Archibald simplesmente concordou, sinalizando. Um pouco abatido, caminhou em direção à escada.

– Archie, você está bem? – perguntou Kiorina.

– Sim, só um pouco cansado... vou-me deitar. – disse, sem se virar, e subiu lentamente as escadas.

Kyle e Kiorina observaram-no, em silêncio, enquanto subia. Após alguns momentos, Kiorina disse:

– Você não acha que ele está se comportando de forma estranha ultimamente?

Kyle estava sentado com ambos cotovelos sobre a mesa e com os punhos cerrados contra o rosto.

– Sim, mas... você não acha que ele pode estar se comportando dessa forma pelo simples fato de ser um monge Naomir e não mais aquele garoto que conhecíamos?

– É, você deve estar certo; na verdade, talvez não saibamos dele hoje o suficiente.

Kyle não queria continuar com o assunto; decidiu levantar-se e sair. Pensava que Archibald talvez só estivesse um pouco diferente por causa da luta com os bestiais; ele mesmo não se sentia muito bem. Não conseguia deixar de pensar naquela luta e sentiu uma estranha sensação de que outras, ainda piores, viriam. Ao sair, percebeu uma estranha movimentação. Muitas pessoas iam em direção à entrada da cidade. Seguiu o fluxo até onde uma pequena multidão se aglomerava.

Depois de uns momentos confusos, Kyle finalmente pôde entender o que havia acontecido. Mensageiros vindos de Shind noticiavam a morte de Kivion, o que se espalhou rapidamente por Tisamir. Confirmaram que ele e seus acompanhantes foram emboscados por bestiais e seus corpos encontrados fora dos limites de Shind. Chegaram também notícias de ataques de bestiais nas fronteiras do condado de MontGrey. Houve grande alvoroço na cidade. Quando Kyle chegou à estalagem, a notícia já havia chegado aos ouvidos de Kiorina, que reagiu:

– Mas, que droga! Como isso pode estar acontecendo?

– Calma, Kiorina, você precisa ficar calma! – Kyle dizia à jovem feiticeira.

– Você não vê?

– O quê?

– Nada... – disse ela soluçando.

Uma voz veio da direção da porta.

– Calma, Srta. Kiorina, você não deve se culpar pelo que está acontecendo.

Ambos se viraram e viram a figura de Noran, vestido com roupas comuns, calça de couro, camisa parda e, na mão, uma sacola.

– Sr. Noran, eu sinto muito pelo falecimento de seu mestre. – disse Kyle, com pesar.

– Eu também. – disse Kiorina e ficou imaginando como Noran sabia que ela se sentia culpada por aquela morte.

– A notícia não foi uma surpresa para mim. Vim acompanhá-los até Shind para investigarmos as circunstâncias da morte de meu mestre. – fez uma pausa e completou: – Talvez você não possa compreender agora, Srta. Kiorina, mas não é culpa de nenhum de vocês esse triste fato. Existem forças superiores que operam, forças das quais meu mestre podia captar pequenos fragmentos. Ele próprio me deixou uma carta dizendo que não retornaria de sua viagem e que havia chegado o momento de ir, assim como chegava o meu momento de participar.

– Então você já sabia?

– Não, o futuro é cheio de incertezas, não é passível de previsão concreta. Vamos, devemos encontrar seu companheiro monge para partirmos imediatamente.

– Futuro... – sussurrou Kyle. – Isso me lembra de... – e foi abruptamente interrompido por Hildo, que entrou ofegante, dizendo:

– Um dos... – ao ver Noran, se recompôs e disse: – Sr. Noran, que surpresa vê-lo aqui... eu trazia a notícia de que um dos acompanhantes de mestre Kivion acabou de chegar à cidade, bastante ferido.

– Vamos imediatamente! – disse Noran.

Chegaram em pouco tempo ao local para onde o homem havia sido levado, o casarão de um comerciante, que ficava perto da entrada da cidade. Alguns curiosos se concentravam nos portões da casa, mas não lhes era permitido transpô-los. Ao chegar, Noran conseguiu entrar rapidamente, acompanhado por Kyle e Kiorina.

Havia alguns curandeiros tentando salvar o homem, que parecia bastante ferido. O dono da casa, um senhor parrudo, com barriga protuberante, rosto largo e um grande e cheio bigode, logo se dirigiu a Noran:

– Quero apresentar meu pesar pelo falecimento de vosso mestre.

Noran sinalizou com a cabeça e pôs a mão sobre o ombro do comerciante. Logo depois, fez sinal indicando o homem ferido. O comerciante levou-os até a sala seguinte, onde curandeiros faziam os

curativos. O homem suava muito e balbuciava coisas sem sentido. Noran ajoelhou-se ao lado dele e pressionou a palma da mão direita contra sua testa. Os curandeiros se afastaram e ficaram apenas observando. Parecia que o homem se acalmara um pouco. Noran fechou os olhos e ficou ali parado por algum tempo. Quando o soltou, o homem não mais se movia. Noran então se levantou lentamente, suspirou e disse:

– Ele se foi...

– Ele disse alguma coisa? – perguntou o comerciante.

– Sim, falou do o último desejo de mestre Kivion.

Kyle cochichou no ouvido de Kiorina:

– Como é que é? Ele falou? Mas eles não disseram uma palavra sequer...

Kiorina respondeu em voz baixa:

– Eu já li alguma coisa sobre isso; é uma espécie de magia, que não necessita de gestos, palavras ou utensílios de poder. Vários efeitos mágicos são alcançados apenas com o pensamento.

– A senhorita estaria correta, não fosse o fato de que os dons nada têm a ver com magia. – respondeu Noran, mesmo sem ter escutado a voz da moça.

Ela ficou embaraçada, sem saber o que dizer e, ao mesmo tempo, intrigada. Como ele poderia ter ouvido o que dissera? Kyle também ficou encabulado.

– Vocês não precisam se preocupar com isso. É natural que fiquem curiosos e talvez confusos com o que ocorre, afinal é o primeiro contato que têm com os dons da mente, que são raríssimos.

O comerciante que acompanhava a conversa curioso disse a Noran:

– Com licença, quem são nossos visitantes?

– Cavaleiro Kyle Blackwing e Srta. Kiorina de Lars, de Kamanesh.

O comerciante apresentou-se e disse que gostaria de tê-los conhecido em melhores circunstâncias. Rapidamente se despediram e voltaram à estalagem.

CAPÍTULO 15

Era o segundo dia de viagem desde que deixaram Tisamir. Como agora estavam descendo, a viagem ficara mais fácil. Já estavam fora da cordilheira de Thai, de volta ao planalto de Or, berço de Shind, a grande floresta.

Noran permanecia a maior parte do tempo em silêncio, só falando o essencial. De certa forma, seu silêncio refletiu-se nos outros, que ou não queriam falar, ou não se sentiam à vontade para fazê-lo na presença de Noran. A paisagem ajudava nisso. Observavam as colinas, pequenos animais, árvores de vários formatos. Cores, sons e odores ofereciam uma festa aos sentidos. Penetrando em Shind, ficaram novamente estupefatos com a imponência das árvores; era um lugar majestoso e triunfal.

Noran pigarreou e dirigiu-se a Kyle:

– Diga-me, meu caro, existe algo que o esteja incomodando, algo que gostaria de compartilhar comigo?

Kyle ficou um pouco surpreso, mas logo se lembrou de que estava pensando o tempo todo na vidente que encontrara na noite de sua ordenação como cavaleiro, em Kamanesh, sobre o que gostaria de perguntar a Noran. Não o havia feito, porém, por não querer incomodá-lo com bobagens.

– Na verdade, Sr. Noran, eu estava imaginando...

– Por favor, chame-me de Noran apenas.

– Certo. Na noite da minha ordenação, fui ver uma... eh... vidente.

– Vidente?

– Sim, numas dessas barracas de adivinhação.

– Prossiga...

– Seu nome era Giordana.

Noran engoliu seco e perguntou:

– Diga-me, essa Giordana de que fala possuía uma marca na testa?

– Você diz... como a sua?

– Talvez...

– Bem, na realidade, sim, mas não exatamente como a sua; era uma marca mais simples, apenas um pequeno círculo avermelhado.

– Fale-me mais dessa Giordana. Como se vestia? Era jovem? Bonita?
Kyle começava a achar aquelas perguntas um pouco estranhas.

– Bem, ela estava toda vestida de vermelho; era jovem e muito bonita.
Kiorina lançou um olhar ferino a Kyle, antes de perguntar a Noran:

– O senhor, por acaso, conhece aquela moça?

– Então a senhorita também a conhece?

– Sim, e o senhor?

– Por que a senhorita acredita que eu a conheço?

– Não sei bem, talvez por todo esse interesse...

– Quanto mais informações temos, melhor podemos avaliar uma situação, não acha?

– Sim, mas...

– Não é também verdade que são duvidosas, por natureza, as questões sobre o futuro ou sua previsibilidade?

– Sim.

– A senhorita conheceu a moça pessoalmente? Diga-me, ela parecia ser uma verdadeira vidente ou apenas uma farsante?

Kiorina ficou um pouco sem jeito de falar o que pensava, pois achava que a moça era uma farsante. Finalmente respondeu:

– Não vi o suficiente para me decidir...

Kyle ficou um pouco deslocado, mas aproveitou a deixa para dizer que teve a impressão de que a moça dizia a verdade.

– E por que você acredita que ela estava dizendo a verdade?

– Não sei bem, eu senti que o que ela falava tinha a ver comigo...

– E o que ela disse? Algo específico ou idéias vagas, remotas?

– Na verdade, ela não disse muito, apenas que eu não precisava seguir os passos de meu pai...

– Não vê? Ela só falou algo que provavelmente já sabia, e você acabou ficando com isso na cabeça, só porque ela dizia ser uma vidente.

– Entendo... – disse Kyle, sentindo-se um pouco enganado. – Talvez eu tenha ficado impressionado porque ela ia dizer outra coisa, mas, antes que pudesse falar, caiu no chão sentindo muitas dores, suando e gemendo. Logo depois, recuperou-se e pediu para que eu saísse. No outro dia, fui procurá-la, mas ela já havia saído da cidade.

Noran escutou tudo com muita atenção, que foi redobrada quando Kyle falou do ataque que ela teve. Disse:

– Hum... que estranho... – e se calou, parecendo um pouco preocupado.

Archibald, que vinha mais atrás, puxando a mula com as bagagens, interrompeu pela primeira vez:

– Seria prudente procurar um local para passarmos a noite; escurece mais cedo aqui em Shind.

Aquilo acabou por encerrar o assunto. Depois disso, falaram muito pouco. Cavaram um buraco no chão para acomodar a fogueira, prepararam um cozido de legumes e comeram praticamente em silêncio. Todos pareciam estar envolvidos por pensamentos impenetráveis. Olhavam ora para o céu, repleto de estrelas que podiam ser vistas por brechas na vegetação, ora para a fogueira, cuja luz se refletia nos olhos, hipnotizados por suas imprevisíveis variações. Dormiram.

Ainda antes da luz do novo dia, Archibald já estava de pé. Resolveu explorar as proximidades do acampamento. Pegou uma lamparina, acendeu nos restos da fogueira e começou a caminhar. Fazia o frio característico das manhãs. Ao respirar o ar matutino de Shind, sentiu seu corpo sendo lavado por dentro. Sentia os cheiros da vida, que entrava e saía a cada sopro.

Depois de andar por pouco tempo, já podia ver a mudança de coloração no céu, que, de um lado, permanecia com o azul profundo da noite e as estrelas ainda brilhando; do outro, o azul era mais claro, brilhante e muito bonito. Ainda haveria algum tempo antes do nascer do sol. Encontrou uma rocha na qual quis sentar-se. Observava e sentia tudo ao seu redor, como se de tudo fizesse parte. Sua mente estava tranqüila, sem pensamentos. Fechou os olhos por alguns instantes. Inspirava o ar profunda e suavemente.

Quando abriu os olhos, viu que havia passado mais tempo do que pudera perceber. Contemplou a tênue faixa alaranjada do horizonte, imagem que lhe chegava fragmentada, em função dos troncos, galhos e folhas que a precediam. Além da diferença na coloração do céu, notou uma figura a meia distância. Um contorno de mulher, apenas a silhueta, belíssima, envolta na aura alaranjada produzida pelo alvorecer. Tentava identificar a fisionomia, mas não podia diferenciar os tons e cores que via na contraluz. Esfregou os olhos para certificar-se de que realmente via uma mulher. Ele não sabia

quem ela era, mas ao mesmo tempo a conhecia. Sim! Era a moça que salvara sua vida no outro dia! Uma silfa! Ele escorregou para o chão, deslizando sobre a rocha. Ela permanecia parada, imóvel. Um instante depois, como num piscar de olhos, deu-lhe as costas e correu graciosa e saltitante, sumindo entre as árvores. Archibald estendeu uma das mãos, como que para segurá-la. Pensou no que teria feito para que fugisse daquela maneira, mas sabia que nada fizera. Escutou a voz de Noran repetindo seu nome. Ele já estava perto. Quando se viram, o Tisamirense acenou.

– Aproveitando os ares matinais? – perguntou Noran, sorrindo.

Archibald devolveu o sorriso e disse:

– Ah, sim... Não é um belo dia?

Noran acenou com a cabeça.

– Sabe, você é um homem que domina o uso das palavras... consegue usá-las muito bem a seu favor...

– Muito obrigado, mas você de nada pode queixar-se quanto à própria habilidade com as palavras...

– Sim, está certo, mas você conta também com a ajuda especial de seus dons, que, com certeza, são muito úteis para persuadir seus interlocutores.

– Persuadir? Não, isso não se faz necessário.

– Mas não é verdade que pode ler os pensamentos ou perceber os sentimentos de seus interlocutores?

– Sim, mas usar esses dons para persuadi-los, como você estava sugerindo, seria injusto.

– E como você pode?

– Aprendi a controlar meus dons muito bem. Concordo que poderia usá-los de forma capciosa, porém não retiro vantagem deles para vencer uma discussão.

– Entendo... Mesmo assim, nada o impediu de não responder ao que não lhe era adequado num dado momento...

– Seja mais claro. – disse Noran, intrigado.

– Bem, estive observando ontem como consegui desviar a atenção de Kiorina de sua obstinada questão.

– Sim, agora vejo a que se refere. Mas veja bem, caro e astuto Archibald, nada mais usei que a simples técnica de responder com perguntas, questão na qual não me encontrava em pé de desigualdade com sua jovem amiga.

Archibald percebeu que havia feito um mal julgamento.

– Quero me desculpar, Sr. Noran.

– Por quê?

– Por tê-lo julgado mal. Pensei que estivesse tirando vantagem de seus dons para levar a conversa aonde desejava, mas vejo que fez isso de forma justa e sábia.

– Não há com o que se preocupar, caro Archibald. Possuir tais dons não me impede de utilizar outras formas comuns para resolver os problemas do dia-a-dia. – fez uma pausa e prosseguiu: – Tenho certeza de que você pode me compreender, sendo quem é.

Archibald captou a mensagem; entendeu que ele próprio poderia ter-se utilizado de seus conhecimentos sagrados para alcançar algumas metas, o que não fez. Ambos caminharam em direção ao acampamento, e Noran disse:

– Diga-me, não posso deixar de perceber uma forte inquietação partindo de você. Existe algo que o incomoda?

– Na verdade, sim.

Noran olhou dentro dos olhos do jovem monge e disse:

– Eu sei... Percebi uma forte presença, desde ontem... Ela nos observa.

Archibald ficou muito surpreso e perguntou:

– Você sabe quem ela é?

Noran acenou positivamente com a cabeça e disse:

– Tudo a seu tempo...

Alguns passos depois, Norman disse:

– Pelo que estou percebendo, já estamos bem próximos do vilarejo onde moram os silfos.

– E isso é bom?

– Sim, claro. Vamos! Precisamos nos apressar.

Chegando no acampamento, encontraram Kyle e Kiorina já despertos. Kyle estava sentado próximo à fogueira, lubrificando cuidadosamente as peças de sua armadura; Kiorina colocava mais alguns gravetos na fogueira e pegava a panela para preparar o desjejum.

Ao vê-los, Kiorina gritou:

– Ei! Onde vocês andaram? Estávamos preocupados!

– Fomos apenas dar uma volta... – disse Archibald, sorrindo.

– Estava comentando com Archibald que estamos bem próximos do vilarejo onde moram os silfos. Se sairmos logo, chegaremos para o almoço.

– Nem acredito! Comida de verdade! – disse Kyle, já imaginando as comidas exóticas dos silfos. O que ele talvez não imaginasse era o que lhe atingiria a face em seguida: uma boa colher de ensopado de legumes!

– Hei! Mas o que é isso? – disse, assustado.

Kiorina olhava para ele com a panela e uma colher na mão e disse:

– Quer dizer que essa comida não lhe parece “verdadeira” o suficiente?

Kyle disse ironicamente, limpando a cara:

– Muito engraçado, muito engraçado mesmo!

Kiorina olhava fixamente para ele, apertando os olhos e torcendo a boca, fazendo careta de desprezo.

Archibald não conseguiu conter uma gargalhada e começou a rir muito alto. Noran, achando a situação interessante, apenas sorriu. No fim, Kyle e Kiorina também começaram a rir, ao perceber como tudo aquilo era ridículo.

CAPÍTULO 16

– Você tem certeza de que o caminho para a vila dos silfos é esse mesmo? – perguntou Kyle, intrigado com a nova troca de direção de Noran.

– Para falar a verdade, não.

– Como assim, não? Há pouco você disse que ainda chegaríamos para o almoço!

– Sim.

– Então, como pode ser?

– Na verdade, eu não sei a localização da vila dos silfos.

Kyle parou de andar e perguntou, irritado:

– E como você espera que cheguemos lá?

– Bem, é fácil, ficaremos andando até que os sentinelas sílficos nos encontrem.

– O quê? Mas é absurdo!

– Calma, meu caro, isso funciona, pode confiar em mim! – disse Noran e voltou a andar, sem destino.

Kyle ficou parado, de braços cruzados, balançando a cabeça negativamente, enquanto os outros seguiram Noran. Quando a distância foi aumentando, Kiorina virou-se e disse:

– Vamos!

Ele resmungou, mas se pôs a andar na direção deles. Depois de uma boa caminhada, Kiorina pediu a todos que parassem para descansar. Ela se acomodou na raiz de uma árvore muito grande e suspirou.

Archibald secou o suor da testa com as costas das mãos e as limpou em seu traje. Finalmente disse:

– Puxa, como está quente! Pelo visto, o inverno vai custar a chegar.

– É... – disse Kyle e fez uma pausa. – Tomara que seja ameno como o inverno passado e sem muita neve.

– Estou acostumado com o frio. O inverno é sempre muito rigoroso nas montanhas... – disse Noran, que olhava adiante, como se procurasse algo.

– Está vendo alguma coisa? – perguntou Kiorina.

– Acredito que... – foi subitamente interrompido por uma flecha que veio em sua direção, da qual não poderia desviar-se. No entanto, ela passou direto por ele, atingindo o tronco de uma árvore.

– Procurem cobertura! – gritou Kyle, jogando-se no chão.

Noran olhou rapidamente a flecha, antes de tomar qualquer atitude; permaneceu de pé. Nesse meio tempo, os outros se esconderam atrás das árvores.

– Ei! O que há como você? – gritou Kyle.

– Calma, essa foi apenas uma flecha de advertência. Se nos desejassem algum mal, eu já estaria morto. – disse calmamente.

– O quê?

– Vichi inus baeli. – disse o tismirense em voz alta.

– Kami ori eoê? – veio uma voz do meio da floresta.

– Ore fomet nus Kivion, eoi aot hadebin. – replicou Noran.

– O que ele está falando? – Kyle murmurou para a Kiorina.

– É sílfico; não sei muita coisa, mas acho que ele está se identificando.

Quando terminaram de falar, puderam ver dois sílfos saindo detrás dos arbustos. Eles eram muito parecidos com homens, possuíam uma pele clara e limpa, cabelos também claros, lisos e longos e feições adolescentes. A estatura não impressionava, pois, apesar de ambos estarem abaixo da média humana, não chegavam a ser muito baixos. Carregavam arcos longos e vestiam-se com roupas de couro reforçado, muito bonitas.

– Está tudo bem. Vocês podem sair. – informou Noran.

Levantaram-se para ver os sílfos que se aproximavam. Eles andavam de uma forma diferente, portando-se com muita elegância, como alguns nobres humanos costumam caminhar. Um deles, que usava uma tira de couro prendendo os cabelos, a qual passava no meio de sua testa, possibilitando ver suas orelhas eram levemente pontiagudas na parte superior, disse, ao chegar perto:

– Queiram nos perdoar a rudeza, mas é que as coisas andam agitadas por aqui. – ele sorriu e continuou: – Meu nome é Tash e esse é Nathanael. Sejam bem-vindos a Shind. – estendeu a mão, cumprimentando-os à maneira dos humanos.

– Por favor, venham conosco. – disse o outro, indicando o caminho.

Caminharam pouco tempo até chegar à vila dos sílfos. Durante o percurso, conversaram um pouco com Tash e Nathanael, que explicaram

estar trabalhando como sentinelas, já que todos os membros do que eles chamavam clã tinham tarefas específicas a cumprir para a comunidade, além de seus ofícios comuns. Nathanael, muito jovem ainda, não se havia decidido por um ofício, mas tinha interesse na magia e já havia aprendido seus princípios básicos. Tash, o mais velho, fazia trabalhos em couro. Contou, com muito orgulho, que as roupas que vestiam tinham sido feitas por ele próprio.

Kiorina foi quem terminou por conversar mais com ambos, pois, além de estudar magia, seu pai possuía uma tecelagem e uma confecção.

Ambos disseram a Noran não saber muito sobre as circunstâncias da morte de mestre Kivion, cujos detalhes apenas os anciãos sabiam.

Uma clareira revelava o lar do último clã dos silfos das florestas. Rapidamente, as atenções se concentraram nos visitantes recém-chegados. Havia um número maior de crianças e silfas na vila. As incursões dos bestiais na porção oeste de Shind forçaram a maioria dos silfos a sair em ronda nos últimos dias. Havia casas construídas no solo, junto às árvores, assim como sobre plataformas, nas copas delas.

Logo um dos anciãos chegou para recebê-los. Era um silfo alto como Kyle. Seus cabelos, longos e completamente brancos, movimentavam-se com leveza enquanto caminhava, ainda que seus pés parecessem não tocar o chão. Tinha no olho esquerdo um tapa-olho. Parecia uma miragem. Aproximou-se de Noran, olhando apenas dentro de seus olhos, sem reparar nos outros. Pôs sua mão sobre um dos ombros do rapaz e disse que sentia muito por Kivion. Depois virou-se para os outros e disse:

– Sou Rodevarsh. Sejam bem-vindos a Shind. – sua voz era grave e rouca. Falava serena e envolventemente.

Após as devidas apresentações, Rodevarsh dispensou Tash e Nathanael. Pediu aos convidados que o acompanhassem. Foram até uma cabana, cuja entrada era protegida apenas por uma grossa cortina. Havia uma mesa redonda de madeira avermelhada e lustrosa, com finos detalhes esculpidos. As cadeiras também possuíam a mesma característica, trabalhadas com delicadas folhas e flores em alto relevo. Era uma mesa para dez pessoas. Pinturas cobriam as paredes, retratos em sua maioria, que demonstravam ter os seus autores rara habilidade, pois os detalhes eram finos e perfeitos.

Rodevarsh sentou-se em uma das cadeiras, de forma que suas costas e cabeça ficassem plenamente recostadas. Portava-se com muita elegância,

mantendo uma postura impecável. Suas leves rugas lembravam as de um humano por volta dos cinquenta anos.

– Então vocês vieram aqui para investigar a infeliz passagem de Kivion?

– Sim, senhor, urge-me tal conhecimento. – disse Noran.

– Você está acompanhado desses três jovens interessantes, vindos de Kamanesh. Suponho que estiveram em Tisamir.

Kiorina olhava o silfo, fascinada por sua maneira de se portar e respondeu que sim.

– A senhorita disse ser aluna na Alta Escola dos Magos, não é mesmo?

– Sim, mas ainda tenho muito a aprender.

– Tenho certeza de que sim, mas algo me diz que já possui uma boa instrução. Consigo ver que tem domínio do elemento ígneo, assim como da arte da movimentação.

– Puxa, como o senhor sabe somente olhando? – indagou Kiorina, surpresa.

– Ah, é algo que aprendemos depois de muitos e muitos anos... – disse, orgulhoso. – E quanto a você, meu caro jovem monge Naomir? O que me diz do treinamento?

Archibald, que observava tudo atenciosamente, disse:

– No início, foi muito difícil, mas acabei me adaptando.

– Sei como é. Acredito que, no futuro, ainda nos veremos.

– Por que diz isso?

– Trata-se da voz da experiência, meu jovem. Vejo que temos também aqui ninguém menos que o filho do próprio legendário cavaleiro Blackwing.

Kyle ficou meio desconcertado e apenas concordou com a cabeça. O silfo, após uma pausa, disse:

– Entendo. Eu soube quando o vi; você se parece muito com seu pai.

– Então o senhor o conheceu?

– Naturalmente. Ele era um homem muito determinado. – dirigiu-se novamente a Noran e disse: – Vejo que você conseguiu companhia muito interessante.

– Com certeza. Rodevarsh, minha vinda até aqui tem outra razão, além de buscar notícias de meu mestre.

– É verdade?

– Sim, preciso que um dentre os seus me acompanhe.

– De volta a Tisamir para estudos, imagino.

- Disso ainda não sei.
- E que outro destino poderia tomar, meu jovem?
- Mestre Kivion disse-me que estamos para atravessar uma nova fase.
- É. Nós discutimos sobre o assunto quando ele esteve aqui.

Archibald estava intrigado com aquela conversa e com a maneira como Rodevarsh olhava para ele; sentiu-se desconfortável.

Antes que Noran continuasse, foi interrompido por um jovem silfo que adentrou a cabana num pulo. Rodevarsh irritou-se com a impertinência do jovem e pediu a ele que se desculpassem com os convidados.

- Perdão... Perdão... – dizia o jovem, completamente sem fôlego e muito transtornado.

- Vamos, diga o que tem a dizer de uma vez, de forma que nossos convidados possam entender. – exigiu duramente o ancião.

- Um dos batedores avistou um grande número de bestiais reunidos a oeste, na base do planalto.

- Defina o grande número.

- Entre três e cinco mil.

- O quê? – Kyle quase gritou.

- Diga aos outros que devemos nos retirar para Kadebuir e traga-me Roubert.

- Yo, gondin! – disse o jovem, que conseguiu sair ainda mais rapidamente que entrara.

- Queiram me perdoar, mas parece que isso é mais sério do que eu imaginava. – e também saiu.

Kyle estava nervoso e disse:

- Isso não é possível! Como pode haver tantos bestiais tão perto daqui? Como podem ter passado despercebidos pelo Condado de MontGrey?

Archibald acenou com a cabeça:

- Concordo, mas... e se eles não passaram despercebidos?

- O que você está sugerindo? Uma aliança dos bestiais com o Condado? – perguntou Kyle, indignado.

- Não, Kyle, acho que o que Archibald está tentando dizer é que eles podem ter conquistado MontGrey. – disse Kiorina.

- Não seja ridícula! – gritou Kyle.

Kiorina assustou-se com a reação de Kyle; olhou para baixo e encolheu-se.

– Acalme-se, Kyle. – disse Noran.

– Calma? Como você pode esperar calma? Você é surdo? Ele disse que são mais de três mil bestiais e a poucas horas daqui!!!

– Sinto muito precisar fazer isso com você, mas sua exaltação me preocupa.

– Fazer o queeeeeeahhhh... – a voz de Kyle foi ficando pesada, até que ele adormeceu mesmo de pé. Foi amparado por Archibald e Noran.

– Puxa! Será que isso é realmente necessário? – disse Archibald.

– Talvez você ainda não entenda completamente o que está para acontecer. A última coisa de que precisamos é que nosso amigo perca a cabeça e faça alguma bobagem. Vamos! Temos de achar alguém e sair daqui o quanto antes...

CAPÍTULO 17

Quando saíram da cabana, a pequena vila estava imersa em caos. Silfos corriam de um lado para outro, carregando seus pertences e suas crianças. Noran e Archibald carregaram Kyle nos braços até a mula e, enquanto o colocavam sobre ela, repararam que outro silfo bastante velho vinha na direção deles. Ele andava com dificuldade, usando uma bengala para apoiar-se. Nos longos cabelos brancos, havia dezenas de tranças finas. Era magro e baixo. Tinha uma grande barba branca, coisa rara entre os silfos.

– Noran, Noran... – dizia o velho.

– Lourish!?

– Yo, yo...

Aproximaram-se, e Noran curvou-se para reverenciar o ancião.

– Lath Derore, Lath Derore...

– O quê?

– Quem você procura está numa patrulha ao norte e provavelmente ainda não sabe dos bestiais. – disse o velho e dirigiu-se a Archibald e Kiorina: – Sem tempo, sem tempo para apresentações formais! Vão, vocês me escutaram! Ao norte, ao norte! Jovem muito bonita, Mishtra. Vão, vão! Casa na árvore do pé amarelo!

– Obrigado, Lourish. – disse Noran.

– Não, você não vai... você fica, precisamos falar. – disse velho, segurando o braço de Noran, e voltou-se para os outros: – O que estão esperando? Vão! A casa na árvore do pé amarelo! Mishtra!

O monge e a garota saíram para procurar a silfa; ficaram na vila Noran, Lourish e o inconsciente Kyle.

– Kiorina, parece que as coisas não estão nada boas... É melhor nos aressarmos. – disse Archibald, enquanto andava em passo acelerado.

Após uma caminhada apressada, já estavam embrenhados na floresta. Kiorina estava muito ansiosa, pois havia o risco de encontrar bestiais a qualquer momento.

– Isso é loucura! Como eles esperam que encontremos uma pessoa no meio da floresta, sem conhecer nada? – disse Kiorina, demonstrando muito nervosismo.

– Procure ficar calma; ficar nervosa agora não vai ajudar em nada.

– Certo, certo... para onde vamos, então?

– Shhhhh...

– O que foi? – sussurrou Kiorina.

– Acho que escutei alguma coisa. Vamos por ali.

Começou uma ventania, que trazia um cheiro ruim. Passaram por algumas árvores e, pouco tempo depois, alcançaram uma clareira. Do outro lado, puderam ver uma árvore com raízes amareladas semi-expostas.

– Que sorte! Ali está nosso pé amarelo! – disse Archibald e logo começou a gritar: – Mishtra! Mishtra! – andaram em direção à árvore, e o monge continuou: – Mishtra! Mishtra!

Kiorina parou subitamente, colocando a mão sobre o peito do jovem monge.

– Alguma coisa errada? – perguntou ele, intrigado.

– O cheiro... – Kiorina olhou dentro dos olhos dele, torceu os lábios e balançou a cabeça negativamente. Ele concordou fazendo um sinal.

Ficaram paralisados por alguns instantes, que pareceram durar uma eternidade. Kiorina sentiu suas mãos ficarem geladas e seu coração disparar; pensou em sua família, na Alta Escola, em Kyle. O mundo externo cedeu lugar a seu mundo interno. Ela se recordou de um dia em que tinha perdido a cabeça com Chris Yourdon, aluno da Alta Escola de Magia, que considerava um rival. Ele acabara de dar outra lição sobre como usar a magia convencional de forma excepcional. Dizia:

– Ah, Kiorina... Veja e aprenda... Isso se chama ter classe!

Lembrava-se de querer acertar a cara dele com um soco; aquela seria a última das muitas provocações que escutara naquele dia. Ele estava de costas para ela, coisa que costumava fazer para irritá-la ainda mais. Quando ela se aproximou com os punhos cerrados, ele se virou e disse:

– Preste atenção. Isso não é uma brincadeira. A magia não é uma brincadeira. Um dia, sua vida vai depender da criatividade em adaptar as magias que aprendemos na escola a situações de perigo.

Quando ela se deu conta, havia bestiais a poucos passos dela, correndo loucamente com espadas e machados nas mãos. Não havia contado quantos,

mas vinham de todos os lados. Aquela frase voltava à sua cabeça sem parar: "... sua vida vai depender da criatividade em adaptar as magias que aprendemos na escola a situações de perigo". As palavras ecoavam; ela permanecia sem ação, enquanto os bestiais corriam desenfreadamente em sua direção. Só então percebeu que Archibald sussurrava, repetia algo, num ritmo constante. Não podia distinguir palavras; eram apenas sons ritmados, como numa lamentação. Mil coisas pareciam estar acontecendo em poucos instantes, como se todos andassem em vez de correrem. O tempo não passava. Ela imaginou se isso seria obra do monge, mas a idéia pareceu absurda e foi descartada. Observava o rosto do companheiro, sua expressão serena, os olhos fechados, sobrancelhas relaxadas, ambas as mãos à frente de corpo, segurando o bastão. Ao olhar para o outro lado, deparou-se com um bestial que levantava seu enorme machado, preparando um golpe que a atingiria. Percebeu então que havia entrado num estado de profunda concentração e que o cristal em seu colar brilhava intensamente. Fez o gesto e pronunciou as palavras necessárias e, no instante seguinte, sobrevoava o local, vendo a cena do alto. Isso aumentou seu desespero, pois havia acabado de deixar seu companheiro cercado por bestiais sedentos de sangue. Como da outra vez, o grupo era de seis bestiais, mas agora não contavam com a ajuda de Kyle.

Archibald estava extremamente concentrado; no outro encontro que tivera com os bestiais não estava preparado. Seu fracasso em lidar com eles na outra ocasião fez com que treinasse todos os dias para um novo encontro. Procurou lembrar-se de tudo o que aprendera no mosteiro, pois o dia de colocar seus conhecimentos em prática havia chegado. Percebia que eles eram muitos e estava preparado para aquele que provavelmente seria seu último combate.

Desta vez, teve tempo de evocar força, agilidade e resistência extras, necessárias para derrotar seus inimigos. O primeiro deles estava à sua frente e se preparava para acertá-lo com uma espada serrilhada e suja. Como vinha correndo em sua direção, esperou até o último instante para atingir, com um golpe certo e violento, usando a ponta de seu bastão, a garganta do bestial, que, sentindo muita dor, tropeçou e rolou pelo chão, largando sua arma para levar ambas as mãos à garganta. Archibald teve que pular por cima do corpo, que continuou rolando por mais alguns instantes.

Nesse momento, o bestial que havia dirigido uma machadada à Kiorina preparava seu machado para atingi-lo. A fera gritava nomes e maldições em sua língua e lançava para Archibald um olhar de ódio sem fim. O monge girava seu bastão rapidamente, demonstrando grande habilidade. Seu oponente, que segurava o machado com as duas mãos, golpeou no sentido horizontal; girou todo o seu corpo com o movimento, como se fosse rebater uma pedra com um bastão. Archibald teve que pular para trás a fim de evitar o golpe, que não foi certo por apenas um palmo. Enquanto isso, os outros bestiais, que vieram com menor velocidade, aproximavam-se perigosamente de Archibald.

Kiorina sentia-se cansada, havia usado muita energia para criar o encanto que lhe permitia voar. Sabia que, se fizesse mais alguma magia, não seria capaz de continuar voando. No entanto, alguma coisa precisava ser feita. Mergulhou em direção ao bestial, que golpeou o ar com seu machado. Agarrou-o pelas costas, tentando impedir que tentasse atingir Archibald novamente. A criatura, porém, era muito forte e difícil de segurar; uma chacoalhada foi suficiente para retirar a garota de suas costas, mas a distração bastou para que o monge Naomir pudesse desferir um golpe certo na cabeça da fera. A criatura tombou inconsciente.

Archibald mal teve tempo de virar-se e defender-se de um golpe que veio por trás e, em seguida, desviar-se de outro vindo de sua esquerda. Eram dois bestiais que chegavam ao mesmo tempo. Sabia que, não fosse a agilidade e força extra com que estava contando, não teria vencido os outros dois, mas, nesse momento, não podia fazer outra coisa senão desviar-se dos golpes.

Kiorina foi projetada para trás e encontrava-se caída no chão. Com um impulso de suas pernas, porém, voltou a voar, evitando outro bestial que se aproximava.

Mais um bestial juntava-se aos dois, que tentavam ferozmente atingir o monge. A situação estava cada vez mais difícil. Entre uma defesa e uma esquiva, Archibald gritou:

– Fuja, Kiorina, fuja!

Ela se afastou um pouco deles e aterrissou, atraindo um dos bestiais para sua direção.

Enquanto isso, Archibald lutava desesperado contra três deles, ao mesmo tempo, até que o inevitável aconteceu: um dos bestiais que carregava

uma maça atingiu-o no estômago. O golpe foi tão violento, que o arremessou para trás. Ele caiu sentado, sem largar seu bastão. Antes que pudesse levantar-se, outro, que carregava uma espada, deu um golpe vertical, trazendo todo o peso de seu corpo consigo. Archibald colocou seu bastão contra a espada, segurando-o com as duas mãos. O golpe atingiu o bastão com violência, quebrando-o, e continuou sua trajetória para atingir o rapaz no ombro esquerdo, atravessando as grossas vestes de couro e arrancando-lhe sangue. O monge gritou de dor; sua voz ecoou pela clareira, preenchendo a floresta com o horror da batalha.

Kiorina, sentindo uma forte revolta dentro de si, fez com que dezenas de pequenas pedras e gravetos que a cercavam flutuassem. Com um grito, arremessou-os com velocidade incrível em direção ao bestial que vinha em seu encalço, o qual, ao ver isso, cobriu o rosto com os braços. Uma série de pedras e gravetos atingiram a fera, abrindo feridas principalmente em seus braços e pernas, que não estavam protegidos por armadura. Kiorina continuava gritando, e mais objetos foram arremessados em seu oponente, até derrubá-lo. Quando ele caiu, aconteceu o mesmo com ela, que se ajoelhou e apoiou as palmas das mãos no solo. Estava exausta.

A gritaria e o efeito do feitiço fizeram com que os três bestiais que combatiam Archibald parassem e observassem por um instante. No momento em que o bestial atingido por fragmentos e a feiticeira foram ao chão, o bestial que atingira o monge com uma espadada caiu. Os outros que permaneciam de pé tentavam entender o que havia acontecido. Um deles levantou a mão esquerda apontou na direção da árvore de raiz amarelada, gritando:

– Nor kitê tairug!

Num piscar de olhos, uma flecha atravessou seu crânio, entrando por um dos olhos.

À meia distância dali, na direção da árvore de raízes amareladas, encontrava-se uma figura feminina, segurando o enorme arco com que acabara de disparar a flecha. O bestial, demonstrando toda a extensão de sua irracionalidade, começou uma corrida em direção à moça, erguendo sua espada e gritando coisas incompreensíveis.

De forma precisa e ao mesmo tempo graciosa, a arqueira executou uma seqüência de movimentos rápidos. Retirou uma flecha da aljava que carregava nas costas, preparou-a, tencionando o arco ao seu extremo, e

soltou a corda. Com isso, o bestial tombou, rolando no mato baixo até parar próximo à sua executora.

Kiorina olhou para a frente e surpreendeu-se com a cena: nenhum bestial de pé. Finalmente reparou na jovem silfa, com um arco nas costas, cruzando a clareira rumo a seu companheiro caído. Com um esforço muito grande, ela conseguiu levantar-se e caminhou com dificuldade em direção a Archibald. Ao aproximar-se, observou a silfa com as mãos cheias do sangue de seu companheiro desmaiado, pressionando o ferimento na esperança de parar o sangramento.

– O corte está muito fundo? – perguntou Kiorina à desconhecida, que só poderia ser Mishtra.

A silfa olhou nos olhos da garota e balançou a cabeça positivamente. Levantou-se lentamente, levando a mão direita à cintura e sacando uma faca. Pulou na direção de Kiorina, que se assustou, ficando sem ação. Percebeu então que a facada não era destinada a ela e sim ao bestial que estava atrás. Recuperava-se do golpe que havia recebido na garganta.

Mishtra caiu em cima dele e esfaqueou suas costas repetidamente, impedindo-o de alcançar sua espada, a poucos palmos de distância. Kiorina espantou-se com a ferocidade da silfa e ficou em silêncio. Agora estava toda suja de sangue. O sangue de Archibald misturava-se ao sangue do bestial que acabara de eliminar. Levantou-se, passou por Kiorina que a observava com olhos arregalados e foi até o bestial que Archibald havia derrubado com um golpe na cabeça. Agachou-se e, num movimento seco, cortou-lhe a garganta. Depois, fez o mesmo com o que Kiorina havia derrubado. Enquanto Mishtra se ocupava em verificar se todos os bestiais estavam devidamente mortos, Kiorina tentava estancar o sangramento de Archibald, rasgando e amarrando uma parte de sua roupa em volta do ferimento.

Nesse momento, ele começou a recobrar a consciência e a murmurar alguma coisa incompreensível. Kiorina apertou fortemente a mão dele e tentou acalmá-lo, dizendo que estava tudo bem. A silfa aproximou-se e agachou-se ao lado dele. Procurava alguma coisa dentro de uma bolsinha.

Enquanto isso Archibald, que enxergava imagens enevoadas, conseguiu identificar Kiorina, por seus cabelos ruivos. Ao olhar para silfa, sua visão foi clareando; viu uma moça com cabelos dourados e traços faciais muito finos, perfeitamente modelados, como os das esculturas que tinha visto em Tisamir. Ela procurava algo. Seus olhos se encontraram e ela trouxe o que

segurava até seu rosto. Era um frasco destampado contendo um líquido transparente que tinha um cheiro muito forte. Ao cheirá-lo por alguns instantes, ele voltou a desmaiar.

Kiorina olhou para ela, cerrou os olhos e disse:

– O que você fez com ele?

A silfa não respondeu, apenas começou a puxá-lo com força, colocando-o no colo.

Kiorina viu que ela havia levantado o monge cuidadosamente e concluiu que não lhe faria mal algum. A silfa deu as costas a Kiorina e, com esforço, começou a carregar Archibald, inconsciente, na direção da vila dos silfos. A garota observou a estranha carregar seu amigo; reparava na força dela e em seus músculos bem construídos, que, ainda assim, compunham um conjunto bem feminino. Logo pôs-se a caminhar atrás dela e tentou puxar assunto novamente. Depois de mais de três perguntas sem resposta, resolveu ficar quieta e apenas seguir andando.

CAPÍTULO 18

A vila dos silfos estava tranqüila. Era possível escutar sons de pássaros cantando, o vento nas copas das árvores e o silêncio barulhento da floresta. A vila estaria completamente abandonada, não fosse por uma de suas casas, construída sobre plataformas, na copa de uma árvore com troncos grossos e retorcidos, que alcançavam os pontos mais altos da floresta de Shind. Lá estavam os últimos remanescentes da vila.

No interior da casa, havia uma perfeita harmonia entre móveis, escadas e cômodos, que se acomodavam perfeitamente às formas da árvore. Passara já um bom tempo, desde que Archibald e Kiorina foram atacados nos arredores da vila. Quando chegaram, Kyle, Noran e Lourish os conduziram àquela casa. Lourish, o silfo com quem haviam falado pouco antes de saírem, tratou o ferimento de Archibald, fazendo com que o sangramento parasse. O monge, nesse momento, dormia numa cama, descalço e sem camisa. Em volta de seu peito e passando por seu ombro esquerdo, faixas de panos se sobrepunham, formando um curativo, cujo centro estava vermelho, manchado com o sangue que perdera.

Sentada a seu lado estava Kiorina; ela umedecia um pedaço de pano numa pequena bacia de madeira que estava em seu colo e, cuidadosamente, o torcia para tirar o excesso do líquido esverdeado que o ancião, Lourish, havia preparado. A mistura era aplicada sobre a testa do enfermo monge Naomir. No olhar da jovem, podia-se ver uma enorme tristeza e, bem no fundo, culpa. Ela olhava para ele e não conseguia tirar da cabeça a idéia de que era responsável por tudo aquilo. Se tivesse usado o que aprendera de forma mais eficaz, poderia ter evitado que ele estivesse assim, ferido e correndo risco de vida.

– Como você pôde fazer isso? Você não vê? Se eu pudesse ter ido junto, talvez ele não estivesse ferido! – gritava Kyle, completamente irado, no cômodo ao lado.

Noran não respondia; apenas balançava a cabeça negativamente, olhando para baixo.

– Então é assim?! Você não diz nada? Vai ficar aí balançando a cabeça?

– Irado desse jeito, nada que eu disser vai adiantar. Sugiro que se acalme e tente pensar numa maneira de deixarmos este lugar e chegarmos a um local seguro.

Kyle não respondeu; deu as costas e, puxando a cortina que dividia os cômodos, passou para o cômodo onde Archibald estava.

– Calma, Kyle, ele vai ficar bem... – dizia Kiorina, tentando acalmá-lo.

– Puxa vida! Como esse sujeito pôde ter-me feito dormir, quando vocês mais precisavam de mim? – disse, um pouco mais baixo por causa do enfermo, mas não menos nervoso.

– Talvez Noran só estivesse querendo evitar algo pior...

– Pior que isso? – e apontava o monge, que estava inconsciente e suava muito.

– Sim. Imagine que fossem mais bestiais, vinte ou trinta. Nervoso como você estava e ainda está, poderíamos todos ter morrido nas mãos deles...

– Bah! Falar do que poderia ter acontecido não vai fazer com que nos salvemos agora. Além disso, não foram vinte nem trinta; foram apenas alguns. Por isso, se eu estivesse lá, as coisas poderiam ter sido diferentes.

Ao escutar as palavras de Kyle, a garota começou a sentir muito medo. Medo de morrer nas mãos daquelas feras, de não voltar a ver seus pais, seus amigos da Escola, medo de que Archibald morresse... O medo a invadiu. Num salto, ela se levantou, abraçou Kyle e, chorando, lhe disse:

– Ah, Kyle, estou com tanto medo... E se os bestiais nos pegarem? O que nós vamos fazer?

Ele, muito surpreso, ficou com os braços abaixados e sem ação. Sentindo as lágrimas dela em seu ombro, abraçou-a lenta e desajeitadamente. Sua raiva foi-se esvaindo, gradualmente, até que ele se sentiu vazio, sem emoções.

Enquanto isso, na sala ao lado, Lourish e Noran conversavam, muito preocupados. Lourish estava sentado em uma cadeira natural, que brotava da própria árvore, enquanto Noran andava de um lado para o outro.

– O senhor acha que ele está certo? – perguntou o jovem ao ancião, com uma preocupação que nasceu das duras palavras que o cavaleiro lhe dissera há pouco.

O velho tossiu e, com a voz rouca, respondeu:

– Pode ser que sim, pode ser que não. O futuro é sempre incerto, assim como um passado que não aconteceu...

– O que está feito está feito! – definiu Noran, dirigiu-se à janela do outro lado da sala e colocou a cabeça para fora, procurando alguém.

Lourish, ao perceber a preocupação do jovem, disse:

– Fique tranquilo. Fique tranquilo quanto a Mishtra; ela sabe cuidar de si. Caso aviste algum bestial, nos avisará.

Noran virou-se e ficou quieto por alguns instantes, olhando uma escultura de madeira, uma coleção de formas geométricas que se sobrepunham verticalmente ao lado da porta. Lourish observou-o em silêncio e finalmente disse:

– E então? É ela a escolhida de Kivion?

Noran olhou para o velho e fez um sinal positivo com a cabeça:

– Sim, eu fiz contato assim que ela chegou.

– O que você vai fazer? Levá-la de volta a Tisamir?

– Acredito que não, pelo menos neste momento...

– Entendo. – disse o velho e começou a tossir. – Eu preciso ir, você sabe...

Noran aproximou-se e estendeu a mão para Lourish. O velho olhou-o nos olhos e finalmente agarrou-lhe a mão. Noran ergueu-o. Ao levantar-se, Lourish deixou escapar um gemido de dor. Era a implacável idade que agia sobre seu corpo.

Noran, sentindo que talvez não o visse novamente, abraçou o velho silfo por alguns instantes. Afastaram-se, e o velho disse:

– Força, meu jovem. Lembre-se de nossa conversa; é uma grande mudança, mas os valores precisam permanecer, não importa quão duro seja o caminho. – e foi deixando o local, sem dele sair. Caminhou em direção à porta. A cada passo, sua imagem ia-se desfazendo, até que, quando tocou a maçaneta e abriu a porta, havia desaparecido por completo.

Noran ficou olhando com grande admiração. Apesar de já ter escutado de seu mestre os grandes feitos que a magia pode realizar, nunca havia testemunhado algo tão impressionante. Não havia tempo para reflexões, no entanto; precisava agir. Virou-se e puxou a cortina que separava os cômodos. Ficou parado na porta e observou que Kyle e Kiorina estavam ajoelhados ao lado da cama, prestando penitência aos deuses. Pediam pela vida de Archibald. Não teve coragem de interromper e ficou a observá-los.

Estavam prontos para sair da vila dos silfos. Haviam deixado tudo o que carregavam para trás, dividindo o peso das coisas essenciais entre si; poupavam a mula para levar Archibald.

Kiorina estava bastante inquieta por Mishtra não lhe ter dirigido uma palavra sequer desde que se encontraram. Ela já havia feito dezenas de perguntas, mas não obtivera resposta para nenhuma.

– Ei, será que você pode me responder? Você não fala com humanos? Talvez seja meu cabelo... O corte é incompatível com o de uma dama? Talvez eu devesse vir morar no mato e viver como bicho para me comunicar com você!

Mishtra virou-se para encarar a jovem maga. Lançou um olhar congelado a seus olhos verdes. O olhar profundo de Kiorina perdeu-se nos olhos negros da silfa.

Noran, percebendo o que estava para acontecer, interferiu:

– Kiorina, já basta! – disse severamente. – A razão pela qual ela não responde é apenas uma, mas é muito forte: Mishtra é muda!

Aquelas palavras acertaram a cabeça de Kiorina como um raio. Ela ficou tão constrangida, que não sabia para onde olhar. Enrubescou-se; queria sumir dali. A silfa continuava encarando a garota, com os olhos apertados, mas seus olhos não mais encontravam os dela.

– Eu...eu... sinto muito... – gaguejava Kiorina, sentindo-se péssima.

Mishtra deu um pequeno salto; assustou-se ao perceber uma voz dentro de sua mente: “Mishtra, por favor, perdoe a menina. Ela é jovem e imprudente, ainda tem muito o que aprender.”

Ela pensou: “Você pode ler meus pensamentos?”

“Sim, posso.” – respondeu, mentalmente, Noran.

“Quer dizer que podemos conversar sem palavras?”

“Sim.”

Isso ocorreu num breve instante, e Kiorina estava nervosa demais para perceber qualquer coisa. Permanecia sem ação diante da silfa. Mishtra estendeu a mão e, com delicadeza, a colocou sobre o ombro de Kiorina, que lentamente voltou a olhar nos olhos dela. Mishtra então fechou os olhos por um momento e balançou a cabeça positivamente, com muita suavidade. No

fim, a forte e delicada expressão de Mishtra demonstrava que ela havia perdoado a garota, mesmo sem dizer nenhuma palavra.

Kyle, acostumado ao gênio de Kiorina, pouco se importava com o que estava acontecendo. Em vez disso, cuidava dos detalhes finais para a partida e ajustava as placas de metal da armadura sobre o peito e braço direito. Queria deixar a vila antes do anoitecer e montar acampamento na floresta fechada.

– Vamos! Vamos com isso de uma vez! – disse Kyle. – Não podemos perder mais tempo! Vamos para Kamanesh imediatamente!

Com isso, Kiorina afastou-se de Mishtra e começou a caminhar na direção de Kyle; partiram floresta adentro.

CAPÍTULO 19

Uma estranha figura descia a escadaria escura em espiral. Blocos de rocha negra compunham as paredes. O homem baixo carregava dois enormes sacos. Ele ria, a cada passo, um riso rasteiro, como o som de uma serpente. Descia as escadas com um cuidado todo especial. À medida que avançava, a quantidade de luz diminuía, até que nada mais podia ser visto; apenas se ouvia o som de seus passos arrastados e ritmados, que se misturavam às estranhas risadas, que ecoavam pela longa escada. Aos poucos, a esse som acrescentou-se um lamento que vinha de baixo, o qual, quanto mais se descia, mais alto ficava.

– Hehe, hehe... Calma, minhas crianças... hehe, hehe... Kurzeki já vem... hehe, hehe... já vem...

A voz do homem era tão horrível quanto sua risada, sons que praticamente não se diferenciavam. Risos e voz formavam um discurso sofrido. Já bem próximo da fonte da lamentação, outros sons podiam ser ouvidos: sons de metal contra metal.

– Hehe... Cheguei, minhas crianças... esperem... vou acender uma tocha para poder ver vocês, meus queridos... hehe... acender uma tocha...

Largou as sacolas subitamente, mas o som de algo caindo no chão, em meio ao lamento, às dezenas de gemidos, grunhidos, sons desarticulados e arrastar de correntes, mal podia ser ouvido. Faíscas surgiam na escuridão, repetidas vezes, até que uma chama iluminou o local. Finalmente, pôde-se observar o rosto que surgiu das sombras. Uma face ligeiramente enrugada e repleta de pequenas feridas; os cabelos eram curtos e despenteados; o sorriso sinistro mostrava uma arcada de poucos dentes; nos olhos, o reflexo do brilho da tocha acentuava o olhar vago, insano e desfocado.

– Hehehe... Agora Kurzeki pode ver suas crianças... hehehe... Kurzeki estava com saudades... hehehehehe...

O homem se encontrava na entrada de uma enorme catacumba de teto curvo, que se estendia além do alcance da iluminação. Havia celas com portões de grades de ferro enferrujado em arcos. Centenas de mãos e braços

passavam pelas grades e procuravam alcançar algo do lado de fora. Ele encolheu os ombros, contorceu os músculos da face e, num estalo, voltou a mover-se, aproximando-se das grades com um dos enormes sacos. Deixou-o a seu lado e estendeu a mão, fazendo a ponta de seus dedos encontrar-se com as pontas dos dedos de alguns dos prisioneiros.

– Hehehe... Vocês sentiram saudades do papai Kurzeki? Saudades? hehehe...

Ele se abaixou, desamarrou o saco, retirou um pedaço de carne apodrecida, repleta de vermes, insetos e pragas, e a entregou a uma das mãos, que se retraiu imediatamente, enquanto as outras entraram em maior agitação.

Em meio a gemidos e grunhidos, um dos seres presos, uma mulher branca e muito magra, vestida com nada mais que farrapos, o rosto deformado, lábios enegrecidos e distorcidos, cabeça quase careca e olheiras profundas, conseguiu articular uma palavra:

– F... f... fo... foom... me... fooommmeee...

– Ohhh... ohhhh... hehehe... Escutem crianças... Escutem... Ela falou com Kurzeki! – gritou o homem, muito entusiasmado. – Você está com fome, meu lindo neném? – perguntou, olhando com ternura nos olhos da moça.

– F... fooommmeee...

– Aqui está então um suculento antebraço, com um ossinho gostoso para você roer! – e foi alimentando todos, enquanto dizia: – Comam, meus filhinhos, comam... o grande dia chegará! O Mestre disse! Sim, ele me disse... tudo anda conforme planejado. Não é ótimo? – e respondia ele mesmo pelas criaturas, fazendo voz fina e estridente: – Sim, querido Kurzeki, isso é ótimo! – e, assumindo novamente a própria voz, continuava: – Comam... para não enlouquecerem! hehehehehehehe...

O estranho homem dava gargalhadas e corria de um lado a outro do corredor, levantando com ambas as mãos os panos de seu manto negro. De repente parou, sentindo um frio na espinha. Em sua mente, a voz de seu mestre lhe dizia: “Kurzeki! Pára com isso imediatamente e sobe até meus aposentos!”

– Sim, meu senhor! – respondeu Kurzeki, em voz alta.

“Lava-te antes, temos visitas!”

Kurzeki largou as abas de seu manto e foi até a parede onde havia colocado a tocha. Sob a luz distorcida do fogo, lambia suas mãos

lambuzadas do sangue da carne que jogara às criaturas presas ali, que, no momento, apenas comiam.

Momentos depois, Kurzeki estava muitos andares acima, em um grande aposento. A sala era decorada com diversas máscaras e estátuas penduradas nas paredes. A luz provinha apenas de um lustre, com dezenas de velas, que ficava no centro, sobre uma grande mesa de madeira, rodeada por cadeiras com encostos muito altos. No fundo, havia uma sacada, através da qual era possível ver o céu noturno, estrelado, e por onde entrava uma brisa que sacudia as pequenas chamas, tornando trêmulo o ambiente.

Kurzeki, mais limpo, mas com os cabelos extremamente despenteados, arranjava sobre a mesa pratos e copos feitos de um metal cinzento e fosco, que dava a impressão de sujeira. Quando escutou atrás de si o barulho de passos bem ritmados, virou-se para encarar seu mestre.

– Mestre, está tudo pronto... – disse e abaixou a cabeça, desviando o olhar.

– Ótimo! Dize-me, Kurzeki, tu te divertistes alimentando os carniçais?

– Sim...

– Muito bem...

O homem aproximou-se e colocou sua enorme mão sobre a cabeça do servo. Sua pele era branca, as unhas, grandes, semitransparentes e lustrosas. Acariciou a cabeça do servo, olhando-o de cima, pois era tão alto, que a cabeça de Kurzeki ficava abaixo de seu peito.

– Retira-te agora. Quando precisar de ti, chamar-te-ei.

Mais tarde, Kurzeki estava na cozinha, preparando a comida de seu mestre. Suava bastante, devido ao forte calor que emanava do fogão. Trouxe mais lenha, abriu a tampa de metal do fogão e cuidadosamente colocou a madeira. Sobre a chapa havia diversas panelas, feitas com o mesmo metal fosco dos pratos e copos. Estava quase pronto.

“Kurzeki – escutou em sua mente – pode trazer-nos a comida!”

Colocou uma parte do conteúdo das enormes panelas em bandejas e foi, escada acima, em direção à sala de jantar. Entrou e viu que havia dois homens sentados à mesa com seu mestre. Nenhum deles lhe era estranho.

Eram o velho caolho e cabeludo e o velho careca e manco. Não guardava bem os nomes nem precisava, pois raramente falava com eles, que não se incomodavam com sua presença. Deixou as bandejas e foi até um pequeno armário, de onde retirou uma grande garrafa de vinho. Enquanto servia, escutava:

– Isso é ótimo! Quer dizer que tudo está funcionando como planejado! – disse o anfitrião.

– Sim. Dentro em breve teremos que redobrar nossa atenção, pois será a fase mais delicada. – disse o velho a quem Kurzeki se referia como careca e manco.

O outro, que fazia alguns gestos com as mãos sobre a mesa, comprimindo uma contra a outra, disse:

– Sim... mas algo me incomoda.

– O que, meu velho amigo? – disse o anfitrião.

– O discípulo de Kivion!

– Hahahaha! Preocupas-te além da conta! – vendo, porém, que seu interlocutor nem sequer sorriu, refletiu e disse: – Talvez...

– Você acha que deveríamos nos livrar dele? – perguntou o outro.

– Creio que vocês não sabem com quem ele está associado.

– Não tive tempo para detalhes...

– Com o filho de Blackwing...

– Como isso sucedeu? – perguntou o anfitrião, muito surpreso.

Quando o caolho começou a explicar, Kurzeki escutou em sua mente: “Tragas mais...” – e saiu. Resmungava:

– Hehehehe... carniçais... grande dia... hehehehe... Blackwing... carniçais... hehehehe... guerra... sangue bom... carniçais... Kurzeki bom... hehehehe... – momentos depois, quando trazia mais comida, voltou a escutar:

– É um belo plano, meu caro amigo! – disse o mestre de Kurzeki.

– Sim... Então, meus caros, de agora em diante, não devemos mais nos encontrar! Só voltaremos a nos ver no Conselho dos Sete, para discutirmos a terceira fase de nosso estratagema. – disse o velho careca.

– Certo! Mas dessa vez temos de nos superar, pois eles já enfrentaram meus bestiais duas vezes e se safaram em ambas. Na próxima, isso não poderá acontecer! – disse o outro.

– Um brinde ao nosso Lorde do Submundo!

Os três levantaram seus copos e beberam. Enquanto isso, Kurzeki os observava, com prazer. Resmungava baixinho para si mesmo:

- Lorde do Submundo... hehehehe... Lorde do Submundo...

CAPÍTULO 20

Havia uma multidão na Praça da Meia-Lua, como há muito não se via. Além de dois pelotões completos de soldados, com cavaleiros à frente, em formação, homens, mulheres e crianças espalhavam-se por toda a parte; pairava um insuportável clima de nervosismo. Todos esperavam a chegada do Duque, que havia convocado uma reunião com todos os cidadãos de Kamanesh. Havia rumores de uma invasão de bestiais ao Condado de MontGrey e de que eles poderiam chegar a Kamanesh a qualquer momento.

Kyle havia recebido o comando de um dos pelotões que estavam na praça. Nervoso, esperava a chegada do Duque e dos cavaleiros da primeira ordem.

O murmúrio começou a aumentar, anunciando que o Duque se aproximava. A multidão abria espaço para ele e dez de seus cavaleiros, que vinham montados e vestidos com roupas de gala. O Duque usava uma túnica negra com botões prateados e, presa aos ombros, uma longa capa vermelha. Os cavaleiros vinham vestidos com armaduras e também usavam capas vermelhas. Cada um deles carregava uma longa lança, com flâmula vermelha na ponta, e a apontava para o céu. Entre os dez cavaleiros, estava o gigante Gorum.

Atravessaram a multidão e chegaram onde havia um espaço reservado à comitiva, em frente à estátua que homenageava o fundador da cidade. O Duque desmontou, e um terrível silêncio se fez. Ele subiu os degraus da escada improvisada e ficou de pé no pedestal sobre o qual a estátua de seu ancestral se erguia.

O murmúrio voltou, pessoas tentavam perguntar sobre os bestiais, se haveria uma guerra. O Duque Dwain demorou um pouco para falar, gesticulando e pedindo silêncio. Finalmente disse:

– Cidadãos de Kamanesh, convoquei esta reunião para esclarecer algo muito importante. Resolvi vir pessoalmente, pois fiquei preocupado com os boatos, que se espalham rapidamente. Vim pôr um fim neles! – fez uma pausa e gesticulou com as duas mãos. – Eis que novamente nosso povo se vê em

situação difícil. Uma invasão bestial é iminente! É novamente hora de pedirmos força e coragem a nosso querido deus Aianaron, as bênçãos de Forlon, a compaixão de Ecta e a sabedoria de Uraphenes! Neste momento, dois de nossos batalhões estão fora da cidade, montando guarda, e mensageiros foram enviados a todas as partes do Reino. Apesar de a situação parecer crítica, venho aqui, diante de todos, tranquilizá-los. Em primeiro lugar, não é verdade que o Condado de MontGrey tenha sido tomado pelos bestiais. A capital, as cidades e vilas vizinhas estão intocadas. No entanto, eles se apoderaram das cidades e vilas da parte ocidental do Condado. Duas forças principais dos bestiais foram detectadas. Uma delas está na parte ocidental do Condado de MontGrey; a outra, na sua porção oriental, do outro lado da floresta de Shind. Pelo que nossos informantes foram capazes de descobrir, não parece haver avanço em nossa direção, mas sim a formação de um cerco a Grey, capital do Condado. Apesar de não parecer que nossa cidade e nossa terra estejam ameaçadas pelos bestiais, temos uma obrigação para com nossos irmãos do Condado, que se encontram em grandes dificuldades. Vim dizer-lhes que nossos fortes estarão recebendo jovens interessados em lutar por nosso povo; eles receberão treinamento, equipamento, comida e um soldo de oito moedas de prata por mês. – nesse momento, houve grande murmúrio, pois oito moedas não era muito dinheiro. O Duque subiu a voz: – Além do soldo, os soldados que se destacarem poderão receber uma premiação especial ao voltar da guerra: um lote de terra para fazer dela o que bem entender!

O murmúrio voltou, dessa vez muito mais forte que antes. Um lote de terra custava muito dinheiro, e somente os nobres possuíam terras, já que as herdavam. Ocasionalmente um comerciante muito rico conseguia comprar terras, e então um título menor de nobreza lhe era concedido. Depois dessas palavras, o Duque não conseguia voltar a falar e, como se já soubesse disso, começou a descer do pedestal. Antes de terminar, porém, parou e olhou por um instante a estátua de seu ilustre ancestral, um pioneiro. Sentiu-se um pouco mal por ter que lidar com toda aquela situação, sabendo que adiante seus problemas somente cresceriam. Às vezes, desejava ser como seu antepassado, um pioneiro que desbravou terras e criou lendas.

Nem todos puderam comparecer à reunião e, se todos fossem, não haveria espaço. Kiorina estava no rol da sala de reuniões da Alta Escola dos Magos. Lá dentro, havia contado a seus mestres, várias vezes, tudo o que acontecera em sua viagem. Mesmo com as janelas fechadas, ela podia ouvir as vozes que vinham de fora. A cidade estava muito agitada e cheia de pessoas. Muitos habitantes das vilas que cercam Kamanesh deixaram suas casas, procurando proteção na cidade.

Kiorina se preocupava com o estado de saúde de Archibald. Durante a viagem de volta, sua condição havia piorado e ele foi levado às pressas à Santa Catedral de Kamanesh, onde receberia cuidados. Desde aquela manhã, quando ela e seus companheiros o deixaram, não tivera mais notícias. Pensava que não tivera tempo de ver seus pais, já que precisou ficar o dia inteiro na Escola. No entanto, pediu a seu colega Ector para avisá-los que estava bem. Pensava que aquilo deveria ser a primeira coisa realmente útil que Ector faria em sua vida.

Seus mestres há pouco pediram-na que saísse; queriam discutir sobre o que havia contado. A aprendiz esperava ali fora, pois tinha a sensação de que era isso o que eles queriam. Pensava: “E daí? Eles não disseram nada! Eu vou dar uma volta... E mesmo que tivessem mandado... veja o que aconteceu... é tudo culpa minha!” Enfim, decidiu-se levantar e sair. Andava pelos corredores internos da Alta Escola. Caminhava elegantemente, sem se esforçar, simplesmente por não poder evitar esse andar. Não conseguia parar de pensar que, por culpa sua, Archibald estava ferido e poderia até... “Droga! Não foi culpa minha! É culpa do mestre Heirich! Se ele não nos tivesse mandado...” Logo depois, pensou no porquê de serem enviados a Tisamir, a doença do filho de Jeero. Pensou em culpar o bebê, mas então percebeu que descobrir de quem era a culpa não ajudaria em nada.

Ao virar a esquina, olhou para o corredor e viu a última pessoa que queria ver naquele momento ou em qualquer outro: Chris Yourdon! Pensou em dar meia volta, mas, se assim fizesse, estaria apenas demonstrando para aquele idiota que não podia encará-lo, o que não era bem o caso. Levantou a cabeça e seguiu em frente. Observou-o aproximar-se. Não parecia diferente, vestia uma túnica acinzentada, e seus cabelos compridos, soltos, balançavam no ritmo de seu delicado andar de garoto. Ele, apesar de ser mais velho, tinha uma aparência muito jovial e delicada.

– Minha querida ruivinha, Kiorina de Lars! – disse alto, ainda longe, num tom sarcástico.

Ela não respondeu e continuou andando.

– Puxa! Você está de volta mesmo? Como isso pôde acontecer? Eu pensei que finalmente os mestres haviam tomado uma decisão sensata ao expulsá-la da Escola!

Ela ficou furiosa e pensou em mil e uma respostas. Podia dizer que não havia sido expulsa ou mesmo que estava numa missão especial para o mestre Heirich... No fim, resolveu não falar nada.

Chris olhou-a passar e acabou ficando curioso. Começou a segui-la, fazendo perguntas.

– Ei! O que está havendo? Já sei! Você falou besteira demais e um dos mestres retirou sua voz como castigo!

Ela ignorou o comentário e continuou andando, mais rapidamente.

– Não? Então vejamos... Os mestres a proibiram de falar comigo, por causa de nossa briga na chuva!

O rapaz, pela primeira vez, ficou intrigado. Pensava: “Está aí! Aconteceu uma coisa inédita! Eu tentei, ao máximo, irritá-la e não consegui sequer uma palavra! Tem alguma coisa realmente errada...”

– Ahá! Descobri! Vamos... eu já entendi! Pode desfazer a ilusão, Ector! A brincadeira realmente foi muito engraçada!

Só então Kiorina parou. Olhou Chris de cima a baixo, torceu os lábios em desprezo, virou-se e continuou a andar.

– Então é você! O Ector, ou mesmo qualquer outro, não poderia criar essa sua cara de desprezo com tanta perfeição! – quando tomou distância, ficou perplexo. Nunca havia visto Kiorina se comportar daquela maneira. Resolveu segui-la. – Ei! Kiorina! Espere aí! – disse e deu largos passos a fim de alcançá-la. Finalmente, emparelhou-se a ela. – Kiorina, espere... o que está havendo?

Ela continuou, ignorando-o.

– Dá para parar de me ignorar? Você está começando a me deixar preocupado. – disse, num tom bastante sério.

Ela parou e virou-se.

– O que você quer? – disse, friamente.

Ele a olhou cuidadosamente.

– Você está bem?

– Não é da sua conta, mas, não, eu não estou bem! É só isso? – respondeu ela, impaciente.

Chris olhou dentro dos olhos de Kiorina. Ao contrário do que esperava, ela continuou olhando para ele. Olhos nos olhos, Chris começou a sentir-se desconfortável diante dos grandes olhos verdes de Kiorina; finalmente, desviou o olhar. Pela primeira vez, não sabia o que dizer a ela.

– Sim? – ela insistiu.

– Não... é só... olha, me desculpe... – mal terminou de falar, ou melhor, balbuciar aquilo, virou-se e saiu em passo acelerado. Esse havia sido um dia de primeiras vezes para Chris Yourdon e Kiorina: a primeira vez que ele perdia, a primeira vez que ela ganhava.

Archibald manteve-se desacordado desde que chegara às instalações da Santa Catedral de Kamanesh. Estava deitado em sua cama, sob o olhar cuidadoso de seu superior, o irmão Weiss. Suava bastante, mas alguém que estivesse ali não poderia notar, pois o quarto estava mal iluminado, havendo apenas uma vela sobre a mesa.

– Ah, meu jovem... – sussurrava o velho – não é interessante? Você se encontra novamente no limiar da vida! Limiares... você sempre se deu muito bem com eles...

O homem aproximou-se e tocou a testa do jovem monge Naomir com a palma da mão, que se molhou com o suor. O rapaz mexeu-se um pouco e resmungou algo incompreensível.

– Será que ele pode me ouvir? – ponderou o velho monge. – Por via das dúvidas, é melhor não falar nada...

Começou a recitar um cântico e colocou a outra mão sobre a cabeça do jovem. Permaneceu alguns minutos concentrado, com os olhos fechados, sem fazer ruído algum.

– Não, ele não pode me ouvir... – sussurrou. Levantou-se e afastou-se de Archibald. Andava de um lado a outro do pequeno quarto. – O que devo fazer com você, caro irmão DeReifos? Deixá-lo morrer? Trazê-lo de volta? Ah, o irmão Landerfalt fez um tremendo trabalho com você, meu jovem! É realmente espantoso! O que foi preparado e cultivado com cuidado durante

anos pode, no entanto, desmoronar facilmente... e de desmoronamentos eu entendo! Curioso... apesar de ter pedido que fosse poupado, você foi o único a voltar ferido... Acho que isso é um sinal de que não posso confiar muito naquele imprestável! – balançou a cabeça, como se estivesse tendo um calafrio. Ficou parado por alguns instantes. Aproximou-se novamente do jovem. – Claro... isso pode ser muito divertido... e, melhor, muito produtivo! Sim! Sim, meu caro irmão DeReifos! Você, meu jovem, é uma semente ruim e não pode escapar do seu destino... Não hei de precisar de um grande esforço... – tocou a testa do monge com a ponta dos dedos e concentrou-se por uns momentos. – Vamos, meu jovem, acorde! Está na hora! Já faz muito tempo... é hora de voltar!

Archibald começou a mover-se lentamente de um lado para o outro. Seu rosto tinha uma expressão agoniada. Gemeu um pouco e balbuciou algo.

– Jovem DeReifos, acorde! – dizia o velho, dando tapinhas no rosto de Archibald.

Finalmente, o rapaz abriu os olhos e parecia não conseguir focalizar nenhuma imagem.

– Onde estou? Kiorina! Onde está Kiorina? – sua voz vinha arrastada, como se estivesse embriagado.

– Calma, meu jovem, calma! Procure não se esforçar muito! Sua amiga está a salvo!

Fazia muito esforço para falar, mas precisava saber o que estava acontecendo.

– Irmão Weiss? Estou em Kamanesh?

– Sim.

– Mas como?

– Archibald, procure descansar. Pela manhã conversaremos.

– Pela manhã? – perguntou, quase sem energias.

– Sim, pela manhã.

– Mas... e... ah... – não conseguiu mais falar; voltou a dormir.

CAPÍTULO 21

Naquela noite, fazia muito frio. Era um sinal de que o inverno daquele ano seria rigoroso. Kyle estava nos arredores da cidade em uma patrulha, enquanto Gorum estava em casa com os estrangeiros, Noran e Mishtra.

A silfa havia-se recolhido, pois não se sentia muito bem. Estavam no andar de baixo Gorum e Noran. Na noite anterior, conversaram bastante, mas tiveram que parar, pois Gorum havia sido chamado pelo Duque, a quem acompanhou durante todo o dia. Agora, teria folga até o dia seguinte.

Gorum segurava um espeto de ferro e remexia as toras de madeira da lareira, tentando colocá-las sobre o fogo, a fim de aumentar o calor. Noran enchia sua caneca com vinho e observava o gigante, ajoelhado, mexendo e remexendo na lareira.

– Já não é o suficiente, meu bom Gorum? – perguntou o estrangeiro.

– Quê? – virou-se parcialmente para Noran.

– Eu perguntei se já não estava bom.

– Ah, sim... – Gorum se levantou e se dirigiu à mesa.

Noran bebia vinho, sem olhar para Gorum. O cavaleiro sentou-se e perguntou:

– E a mocinha? Ela não é muito de falar, é?

– Na verdade, não; ela é muda... – disse Noran, com pesar.

– Eu sei, só estava fazendo uma piadinha... – disse Gorum, sorrindo.

Noran não gostou muito do tipo de humor, mas acabou rindo também, talvez por causa do jeito de Gorum.

– Sabe... às vezes é difícil manter o bom humor.

– É verdade, mas eu sempre procuro fazer com que as pessoas fiquem mais alegres...

– Eu notei... Ontem você não parou de contar casos, um atrás do outro, todos muito divertidos.

– A vida não é uma comédia?

– Às vezes, sinceramente acho que sim.

– Eu admiro pessoas com bom humor, como o senhor.

– Por favor, eu não sou nenhum nobre para ser chamado de senhor. Chame-me de Gorum.

– Certamente, “senhor”. – disse Noran, num tom irônico.

– Ha, ha! Pensei que o homem de bom humor era eu!

– E é, o senhor tem toda a razão!

– Hahaha! Puxa, estou rindo muito alto, assim vou acordar a mocinha...

– Isso não teve graça.

– Ei, você sabe que é só uma brincadeira, não sabe?

– Sim, mas o fato é que ela é muda, mas não é surda!

– Então, vamos mudar de assunto! – disse Gorum, meio desconcertado.

– Concordo!

E conversaram noite adentro. Por causa do frio, tiveram que colocar mais lenha na lareira muitas vezes e abriram várias garrafas de vinho também. Conversaram muito. Gorum falou sobre a época da guerra e sobre o pai de Kyle, Armand Blackwing. Contou como foram as lutas e disse o quanto temia essa nova guerra. Recordou-se de como era bom quando Kyle ainda era um garoto e enchia sua oficina com seus amigos barulhentos. Noran, por sua vez, falou de seu mestre Kivion, que havia morrido recentemente, e de Tisamir, sua cidade natal. O tempo passava rápido, assim como o vinho descia por suas gargantas. Num certo momento, já de madrugada, ficaram ambos sem assunto. Nesse instante, Noran teve uma idéia: entrar na mente de Gorum para tentar entender como ele era capaz de dizer tanta bobagem. Talvez por causa da embriaguez, Noran foi longe demais. Quando percebeu, já havia entrado na mente do cavaleiro, que, por estar embriagado, não ofereceu resistência. Noran tomou um tremendo susto e derramou a bebida que segurava. Ainda que por um breve instante, pôde ver o terrível passado de Gorum. Viu como perdera sua esposa, Rayssa, e sua filha, Wanda, diante de seus olhos. Viu como seu amigo Armand morrera nas mãos de seu próprio irmão, Tarne, a quem, dolorosamente, matou instantes depois. Viu, por fim, como ele se sentia culpado e impotente com relação àquilo tudo.

Saltou da cadeira e sentiu-se muito mal por ter violado as memórias do cavaleiro. Sentia-se tão mal, que teve náusea. O choque fez com que ele ficasse praticamente sóbrio novamente. Correu em direção à porteira, onde havia feno sobre o chão, e vomitou.

Gorum, vendo aquilo, começou a caçoar dele, sem perceber o que estava realmente acontecendo.

– Hahaha! Vejam só! O letrado homem de Tisamir não agüenta tomar algumas doses de vinho! Hahaha!

Quando Noran se sentiu melhor, dirigiu-se de volta à mesa, com uma expressão bastante séria. Sentou-se, encarou Gorum nos olhos e disse:

– Preciso pedir desculpas a você.

– Puxa vida! Não precisa, isso não foi nada! Acontece com todo mundo!

– Eu não estou falando sobre ter vomitado na sua oficina.

– Então sobre o que é?

– Entenda, Gorum, o que vou lhe contar não é o tipo de coisa que falo todos os dias para qualquer um.

– É mesmo? Manda! – disse Gorum, ainda em tom de brincadeira.

– Em Tisamir, minha cidade natal, não estudei apenas História e Letras. Estudei algo muito mais profundo: as artes mentais.

– Artes mentais? Isso é algum tipo de pintura? – disse, enquanto puxava sua grande barba negra.

– Não, são maneiras de usar a mente. Algo que poderia ser visto por alguns como magia.

– M-m-agia?

– Não é magia. É a capacidade de realizar feitos com a força do pensamento, mas pode ser interpretada como magia.

– Hahaha! Você quer que eu acredite nisso? Que se você pensar, por exemplo, em fogo, uma chama seria criada?

– Não exatamente, apesar de isso ser possível na teoria. Na verdade, quero dizer que, com a mente, podemos, por exemplo, ver os pensamentos de outro ser vivo.

– Hahaha! Nossa, Noran! Como você consegue contar uma anedota dessas e ficar com a expressão tão séria? Você é realmente um profissional!

– Por favor, não diga coisas assim, em memória de sua esposa Rayssa e sua filha Wanda.

Quando Gorum escutou aquilo, parou de rir no mesmo instante.

– Como você sabe o nome delas? Quer dizer que você pode mesmo ler mentes? E o que isso tem a ver com você pedir-me desculpas? – perguntou, confuso e surpreso.

– Certo, eu preciso pedir perdão porque, num descontrole meu, entrei na sua mente e vi suas memórias...

– E o que você viu?

– Vi as memórias que estavam na superfície de sua mente e que se repetem constantemente. Vi como você perdeu sua esposa Rayssa e sua filha Wanda para os bestiais, vi seu amigo Armand, morto por seu irmão, Tarne, e vi que você teve que matá-lo para impedir a morte do Duque.

Ao escutar aquilo, Gorum não disse nada; apenas olhou suas mãos sobre a mesa e balançou a cabeça negativamente.

– Eu entendo, não há perdão para tal coisa. Portanto, vou-lhe fazer uma proposta. Vou-lhe contar um triste fato do meu passado, para que, a partir desta noite, nós compartilhemos esses segredos e se crie um laço entre nós.

Gorum não olhou Noran, nem disse nada; apenas aceitou a proposta, fazendo um sinal. Bebeu mais um gole do vinho.

– Foi há muito tempo, em Tisamir. Eu era apenas um garoto e gostava muito de uma garota. Ela era realmente linda. Era filha de um rico comerciante. Seu nome era Giordana. Apesar de nos conhecermos, ela não me dava muita atenção, pois eu era apenas um garoto magro e pobre. Nessa época, começava a descobrir meus dons mentais: conseguia perceber as emoções das pessoas e, se fizesse muito esforço, ver alguns de seus pensamentos. Sempre que me encontrava com ela, não conversávamos muito, somente trivialidades. Certo dia, quando nos encontramos no bosque que fica no centro de Tisamir, tive uma idéia. Resolvi tentar colocar na cabeça dela que eu era uma pessoa boa e interessante para se conversar. Parece que funcionou, pois, depois daquele dia, passamos a nos encontrar e a conversar muito. Em pouco tempo, começamos a namorar sem seus pais saberem. Algum tempo depois, fui notado por um dos mestres do Ermirak, o conjunto de escolas de Tisamir. Seu nome era Kivion, de quem já lhe falei. Fui imediatamente admitido lá. Pouco tempo depois, eu e Giordana tomamos coragem e contamos nosso namoro a seus pais. Eles aceitaram, pois, se havia sido aceito no Ermirak e estava sob a tutela de um mestre tão importante quanto Kivion, seria um pretendente adequado para sua filha. Passaram-se duas estações; nosso namoro tornou-se noivado. Nos amávamos muito e queríamos nos casar. Foi quando comecei a notar que ela também possuía dons mentais, mas que eles estavam apenas despertando. Fiquei um pouco receoso a princípio, pois, se ela pudesse ler minha mente, poderia

descobrir que eu havia implantado uma sugestão na sua. Algum tempo depois, levei-a para ver os mestres no Ermirak. Ela também foi admitida. Estudamos juntos. Meu medo de que ela descobrisse algo fez com que eu dedicasse boa parte dos meus dias procurando esconder, cada vez mais fundo na minha mente, minha violação à mente dela. Persegui isso tanto, que, um dia, acordei sem recordar que havia feito tal coisa. Essa foi a época mais feliz da minha vida, pois estudávamos juntos, e eu já não me sentia culpado por ter sugerido a ela que gostasse de mim. Tempos depois, casamo-nos. Houve uma grande festa para nós, um dos casais mais felizes de Tisamir. A comunidade ajudou-nos a construir nossa própria casa. Casados, passamos a compartilhar amor corporal, entregando nossos corpos um ao outro. Giordana teve a idéia de experimentarmos algo que talvez nunca tivesse sido experimentado antes: queria que, enquanto nos amássemos, compartilhássemos nossas mentes. Assim fizemos. Foi a experiência mais maravilhosa de minha vida. Senti-me completamente unido a ela. Meu prazer e o dela eram comuns a nós dois, a sensação de união era incrível! Chegou um instante, porém, em que ela se queixou de que não podia sentir-me inteiro, que minha mente não estava totalmente aberta para ela. Disse-lhe que não se preocupasse, que, da próxima vez, eu faria um relaxamento profundo e abriria mais minha mente. Ocorreu que, durante esse novo compartilhamento, a barreira que mantinha meu segredo se rompeu. Ela viu o que eu havia feito e sentiu-se terrivelmente traída. Eu, que estava em sua mente, senti toda a sua dor. Senti-me terrível por ter causado tanta mal a quem eu tanto amava. Esse sentimento também foi compartilhado. Sentimos juntos toda a dor e rompemos nosso contato mental. No fim, ela saiu e disse, chorando bastante, que nunca mais deveríamos nos ver. Foi a última vez que nossas mentes se uniram.

Quando terminou de contar, Noran tinha lágrimas nos olhos. Olhou para Gorum e reparou que havia lágrimas nos olhos dele também. Estava começando a esfriar, pois já não colocavam lenha na lareira há algum tempo. Nesse momento, escutaram ruídos do lado de fora da porteira, que se abriu. Era Kyle, trazendo seu cavalo. Surpreendeu-se ao ver Gorum e Noran ainda acordados. A fraca luz do novo dia entrou com ele, além de um vento muito frio. Kyle, bem perto da porteira, exclamou:

– Puxa, que cheiro horrível! Alguém vomitou aqui?

Gorum começou a rir e Noran logo o acompanhou. Gorum disse:

– Vamos, garoto, pare de reclamar e feche essa porteira de uma vez!
Está frio, você sabe?

Kyle balançou a cabeça e fechou a porteira. Aproximou-se e começou a tirar de cima de si as peles que vestia.

– Como estão as coisas? – perguntou Noran.

– Escuras e frias, nada mais...

CAPÍTULO 22

Uma semana havia se passado. Os cidadãos de Kamanesh e arredores estavam muito agitados. Muitas tropas foram formadas e esperavam a comitiva que estava na capital, discutindo a guerra. As notícias vindas do Condado de MontGrey não eram nada animadoras. Havia bestiais por toda a parte, e sua principal cidade, Grey, encontrava-se sob cerco.

Ao contrário do calor da agitação da cidade, o tempo era cada vez mais frio, culminando na primeira neve daquele inverno. Mesmo com as ruas e telhados cobertos de flocos brancos, as pessoas se negavam a permanecer em casa. A neve era um fator extra de preocupação para o reino, pois, se houvesse uma organização por detrás dos exércitos dos bestiais, seria possível concluir que a ocasião para o ataque fora cuidadosamente escolhida.

Nos corredores externos da Santa Catedral de Kamanesh, Archibald era acompanhado por Kiorina em uma pequena caminhada. Há apenas dois dias recomeçara a andar. Caminhava com dificuldade, devido às fortes dores que sentia. O ferimento havia cicatrizado, mas ainda doía. Não vestia os trajes tradicionais, mas uma calça confortável e uma espécie de manta por cima das faixas de pano que envolviam seu peito. Para os pés, sandálias de couro com sola de madeira, que faziam com que seus passos fossem bem delineados e audíveis. Andavam vagarosamente lado a lado, passando por baixo das largas colunas que se erguiam muito além de suas cabeças. Uma fria brisa invadia o corredor, trazendo pequenos flocos de neve que entravam através dos portais.

– Nossa, que frio! – disse Kiorina, esfregando as mãos nos braços. – Você não está com frio?

Archibald olhou calmamente ao redor e acabou fixando o olhar nas pinturas do teto, que mostravam batalhas colossais entre deuses e demônios, com cores muito fortes e variadas e, ao redor das cenas, que ficavam em áreas retangulares, uma decoração profusa, com motivos geométricos.

Respirava pela boca, expelindo, por causa do frio, muita fumaça. Kiorina o observava, pacientemente.

– Não, não sinto frio... – respondeu finalmente e voltou a andar; comentou, com indiferença: – Desde que recobrei minha consciência, venho me sentindo estranho... na verdade, não tenho tido muitas sensações...

Kiorina adiantou-se um pouco e, colocando-se na frente do monge, disse:

– Ei, não fique assim, anime-se um pouco!

Archibald mirou os claros e perfeitos olhos verdes de Kiorina. Observou a expressão de menina em seu rosto e o belo sorriso, que tentava animá-lo. O jovem monge, no entanto, não mudou muito sua expressão. Disse, pressionando os olhos:

– Animar-me? Com uma guerra acontecendo, como poderia?

Ela olhou para baixo por um instante, quase vencida. Voltou a encará-lo e disse:

– Mais um motivo para se animar! Você acha que teremos chance numa guerra se estivermos todos de moral baixa?

Archibald balançou a cabeça negativamente e disse:

– Então deveria me animar, diante das mortes que estão por vir? Já posso ver soldados perdendo a vida nas frentes de batalhas, enquanto suas mulheres e filhos ficarão lutando para sobreviver sem eles. Poderá haver uma crise interna, por falta de recursos, levando à morte muitos camponeses, que não suportarão o inverno rigoroso nessas condições!

Kiorina finalmente olhou para fora, através de um portal. Respirou o ar gelado que ali penetrava. Sentia-se enfraquecida.

– Não se preocupe comigo. – disse o monge, colocando as mãos nos ombros da ruiva. – Não me desanimo por completo. Tenho tarefas a realizar, tarefas divinas, necessárias em tempos de dificuldade.

Ela segurou seu braço com força e disse:

– Você tem certeza de que vai ficar bem?

Ele confirmou com a cabeça e perguntou:

– Alguma coisa errada? Do jeito que você falou...

– Na verdade, não sei bem porque me escolheram, mas terei de partir numa nova viagem.

– Viagem? Para onde?

– Mestre Heirich pediu-me para não contar a ninguém, mas... – ela fez uma pausa. Andaram em direção ao portal e pisaram numa fina camada de neve que entrava nos corredores. Olhando para o jardim coberto de neve, prosseguiu: – Partirei para Xilos...

– Xilos? Seu mestre está louco? Isso fica no condado de MontGrey, próximo do Pântano Cinzento, de onde vêm os bestiais!

– Ele me advertiu quanto ao perigo, mas disse ser pouco provável uma invasão da cidade nos próximos dias, já que estão se concentrando no cerco a Grey.

– Qual é o motivo de uma viagem perigosa como essa agora e por que você?

– Como eu já lhe disse, não tenho certeza, mas parece que nasceu nessa cidade, há poucos dias, um bebê que sofre do mesmo mal que Armand, o filho de Jeero.

– Outro com olhos completamente negros?

– Hum, hum.

– Você vai sozinha?

– Não, iremos Noran, de Tisamir, Mishtra e eu.

– Mishtra? A silfa que fomos procurar? Como isso aconteceu?

– Mestre Heirich pediu para falar com o estrangeiro e, após a conversa deles, o próprio Noran veio dar-me as notícias.

– E Kyle?

– Parece que ele só está esperando ordem para levar seus homens à guerra.

– Seus homens? – disse Archibald, muito surpreso.

– É... você não sabia? Ele recebeu o comando de um pelotão.

– Quantos homens ele comanda?

– Acho que uns cinqüenta, não sei bem, mas é apenas um dos pelotões da segunda companhia, que é comandada por um cavaleiro de primeira ordem, algo assim...

Archibald ficou pensativo por alguns instantes. Não sentia o frio; na verdade, ao mesmo tempo em que conversava com Kiorina, lutava contra sua sensibilidade térmica e a controlava. Começou a pensar na silfa, que estava em Kamanesh. Imaginava como havia chegado ali. Imagens começaram a vir à tona. Via diante de si um belo rosto feminino. Seria a dona daquele rosto que encontrara duas vezes na floresta de Shind? Teria sido ela quem o

salvara do primeiro ataque dos bestiais no início de sua jornada e quem reencontrara depois, antes do alvorecer, quando voltava de Tisamir? As imagens se misturavam; havia nelas muito sangue, gotas de sangue no rosto da silfa. Apesar de ter pensado nisso por não mais que um instante, Kiorina percebeu que seu amigo estava distante e perguntou:

– Archie? Você está me ouvindo?

Não houve resposta. Ela insistiu, dessa vez tocando em seu braço:

– Archie!?

– O quê? Ah, sim... deve ser difícil ter sob sua responsabilidade a vida de muitos, numa ocasião de guerra... – respirou fundo e disse: – Bem, minha cara, nosso tempo é curto, o irmão Weiss me espera. Tenho tarefas a realizar.

– Puxa, o irmão Weiss não lhe dá folga!

– É apenas o jeito dele, trabalho sempre, sempre trabalho...

– Posso acreditar que você vai ficar bem?

– Fique tranqüila... – puxou-a pelos ombros, olhou em seus olhos e disse, num tom bastante sóbrio: – Prometa-me que tomará muito cuidado em sua viagem.

Ela não respondeu com palavras, mas seu olhar disse que sim. Abraçou o amigo, cuidando para não machucá-lo, e se despediu. Saiu da Catedral e olhou a rua quase vazia. Um vento frio soprava, trazendo pequenos flocos de neve, que, progressivamente, cobriram seu grosso casaco de pele de urso, feito especialmente para ela, na tecelagem de seu pai. Em pouco tempo, havia chegado à oficina de Gorum. Bateu na porta e gritou:

– Gorum! Abra a porta! Está frio aqui fora!

Silêncio. Kiorina dava pulinhos e esfregava os braços com as mãos, vestidas com luvas de veludo vermelhas.

– Ei, é sério! – e tornou a bater.

Finalmente escutou o barulho do trinco e das cordas do mecanismo que abria a porta. Entrou rapidamente, fugindo do frio. Ao fechar a porta atrás de si, sentiu o calor vindo da forno da forja. Procurou Gorum com os olhos, mas viu Mishtra, que foi quem lhe abriu a porta.

– Onde está Gorum? – perguntou, enquanto tirava o casaco de pele.

A silfa fez um sinal de negação com a cabeça.

– Ele saiu, então?

Ela confirmou com um aceno.

– E Noran?

Nova negação.

– Saíram juntos?

A silfa confirmou novamente e foi até o forno, onde havia uma panela com água fervente. Derramou seu conteúdo em uma chaleira e misturou bem com uma colher de pau. “Uma maneira estranha de se preparar chá...” – pensava Kiorina. Mishtra trouxe-lhe uma xícara cheia de um cheiroso chá, da qual uma grande quantidade de vapor emanava.

– Obrigada.

Enquanto tentava beber o chá com dificuldade, devido à sua alta temperatura, observava as ações da silfa. Seus movimentos, mesmo os mais simples, eram muito elegantes. Seria para impressioná-la? Não. Ela agiria da mesma forma, ainda que estivesse só. Não parecia muito à vontade, no entanto, com as coisas da casa. Por exemplo, não costumava sentar-se nos bancos ou cadeiras; pegava um pano, estendia-o cuidadosamente no chão e sentava-se sobre ele, ora com as pernas cruzadas, ora de lado, com os joelhos juntos. Estava agora com as pernas cruzadas, segurando uma caneca de madeira com chá, a qual balançava e soprava, fazendo o vapor se espalhar. Finalmente, começou a beber, enquanto olhava a ruiva, suas mãos, seus cabelos e olhos. Kiorina tentava imaginar o que Mishtra estaria pensando naquele momento. Elas se estudavam, enquanto bebiam chá. Kiorina estava incomodada com observação insistente da silfa. Virava a cabeça de um lado para outro, mas também parecia um animal curioso. Para ela, a silfa era um mistério, não havia como imaginar o que se passava em sua cabeça. Para quebrar o gelo, disse:

– Parece que Gorum e Noran se deram muito bem, não é?

Mishtra fez que sim e se levantou para pegar mais chá. Ofereceu a Kiorina, que aceitou, agradecida. Serviu-se também e voltou a sentar-se. O olhar triste da silfa contagiou Kiorina, que começou a entender o que estava acontecendo.

– Você sente falta de sua casa?

Mishtra olhou para baixo e acenou levemente a cabeça.

Aquilo fez Kiorina pensar que também sentia falta de sua família e gostaria de ir para casa. Decidiu, porém, ficar. Não se sentiria bem deixando Mishtra sozinha. Resolveu ficar e fazer-lhe companhia.

– Você gostaria de escutar uma estória?

Mishtra olhou para Kiorina com um interesse especial e fez que sim.

CAPÍTULO 23

Apesar de o sol não ter nascido, já havia claridade suficiente para andar sem tocha ou lamparina. Cedo assim, Kyle, o segundo de sua família a ter o título de cavaleiro Blackwing, estava nos estábulos da cavalaria, onde também ficavam alguns dos cavalos da nobreza, próximo ao castelo do Duque. Havia chegado bem cedo para tratar de seu cavalo, serviço que poderia ser feito por um pagem, não fosse a questão que ele fazia de cuidar pessoalmente de sua montaria. Era animal maduro, talvez até já tivesse passado de seu auge, mas ainda assim, um belo e bom cavalo, para o qual Kyle preparava o alimento, enquanto pensava. O cheiro dos estábulos o agradava e andar por entre as baias o deixava bastante à vontade. Em pouco tempo, havia terminado a mistura que daria a seu cavalo e o deixaria comendo, para ver como estava o dia fora dos estábulos. Ao aproximar-se do portão, deparou-se com uma figura, montada em um grande cavalo, que não pôde identificar. O homem e sua montaria aproximavam-se do portão lentamente. Kyle somente via sua silhueta contra a gradação de tons avermelhados do alvorecer.

– Kyle Blackwing? É você, rapaz? – disse o homem.

– Sim... – respondeu, num tom desconfiado. Ao perceber que se tratava do Duque, porém, se retratou: – Digo, sim, sou eu, senhor, a seu serviço! – e se ajoelhou.

– Levante-se, rapaz! Deixemos isso para oportunidades mais formais. – disse o Duque, pois não gostava dessas manifestações.

– Sim, eh... quero dizer, sim, senhor!

– Trabalhando cedo assim, meu jovem?

– Sim, eu gosto de tratar pessoalmente da minha montaria.

– Muito bem. Venha aqui fora, vamos conversar um pouco.

Kyle apressou-se para alcançar o nobre, que o esperava. Estava vestido com calças de montaria marrons, um espesso casaco de pele cinza e botas negras até os joelhos. Ao sair dos estábulos, um vento muito frio cortou o

rosto de Kyle, como uma navalha. Ele observou a colina e o caminho que levava ao castelo, cobertos por uma fina camada de neve.

– Kyle?

– Senhor?

– Você sabe o que significa ir para uma guerra?

– Sim, senhor, é ter de lutar para defender nosso reino e de nosso povo da ameaça dos bestiais, em favor de nosso querido Rei!

– Isso é o que se deve falar em público, o que representa o que há de correto, mas não é isso que estou perguntando. – disse o Duque, alisando seu farto bigode com as mãos, um gesto que lhe era característico.

– Não? Então o que é, senhor?

– Você nem imagina, não é?

– O quê? – Kyle começou a coçar a cabeça, como costumava fazer quando ficava confuso.

– Que estar numa guerra significa lutar continuamente pela sobrevivência. No seu caso, é ainda mais que isso, já que tem a responsabilidade da vida de vários soldados em suas mãos! Você já parou para pensar nisso, meu jovem? – disse, com os olhos fixados no vazio, como se imaginasse algo.

– Acho que sim... digo, sim, mas...

Foi interrompido pelo Duque:

– Você faz bem em cuidar da sua montaria, pois, numa guerra, jovem Blackwing, sua vida e a de sua montaria são como uma. Além disso, terá de cuidar muito bem de seus soldados, compreende?

– Acho que sim.

– Muito bem. Vamos andando, há algo que eu gostaria de lhe mostrar. Vamos até os estábulos.

Caminharam colina acima em silêncio. Ambos pareciam refletir, certamente sobre coisas diferentes. Chegaram até um cercado de madeira circular e amplo, dentro do qual havia terra batida e lama congelada em pequenas poças. O Duque desmontou e apoiou o pé direito nas madeiras do cercado; pediu a um rapaz que estava próximo aos estábulos que trouxesse o que haviam combinado. O garoto, que vestia um grosso casaco de pele de animais, partiu prontamente.

– Senhor, posso fazer uma pergunta?

– Claro.

– Lá embaixo, quando falou da guerra, o senhor usou um tom estranho, como se... foi como Gorum costuma falar da guerra. Por quê?

O Duque abriu um pequeno sorriso e seus olhos se cerraram levemente, parecendo haverem-se fechado, pois eram muito pequenos.

– Acredita que eu nunca estive numa guerra, não é mesmo?

– Todos sabem que o senhor...

O Duque soltou uma larga gargalhada. Sem entender bem, Kyle começou a rir também. Logo o Duque parou e olhou seriamente nos olhos do jovem cavaleiro.

– Sabe, Kyle, na verdade, eu lutei na guerra dos bestiais há vinte anos...

Como se não houvesse entendido ainda o que acabara de ouvir, Kyle replicou:

– O senhor lutou na guerra?

O Duque apenas acenou com a cabeça. Kyle, nesse momento, vendo a verdade nos olhos do Duque, surpreendeu-se.

– Mas como, senhor? Quero dizer...

O galope de um cavalo o interrompeu. O rapaz havia aberto uma das portas que saía dos estábulos diretamente para o cercado onde estavam apoiados o Duque e o jovem. Era um lindo animal de pelagem avermelhada, com uma mancha branca na testa e pequenas listras também brancas e horizontais no pescoço. O cavalo galopava vigorosamente, levantando lama e terra em seu caminho.

– Este é um dos meus cavalos, bastante jovem ainda, tem pouco mais de dois anos. É o resultado de uma cuidadosa seleção de linhagem dos mais fortes cavalos de toda a região.

– Ele é lindo, senhor! – estava realmente encantado.

– É um presente.

– Para quem, senhor?

– Você se parece mesmo muito com seu pai, mas precisa captar as coisas mais depressa. – ele sorriu e finalizou: – É para você, meu jovem!

Kyle ficou tão surpreso, que perdeu a ação. Mirou o cavalo com grandes olhos e, em seguida, o Duque.

– Mas...

– Sem mas, rapaz!

– Obrigado, senhor, não sei o que dizer...

– Muito bem. – disse o duque e montou em seu cavalo. – Então não diga nada! – virou o cavalo e preparou-se para partir.

– Por favor, espere, senhor! – pediu Kyle.

O Duque diminuiu o passo, e Kyle continuou:

– E quanto àquela conversa sobre a guerra?

– Fica para outra ocasião... – deu com as esporas no cavalo, disparando em direção ao castelo.

Kyle ficou observando o Duque e sua montaria se afastarem cada vez mais, até que foi interrompido por um cutucão em seu braço. Quando se virou, viu o rapaz que havia trazido o cavalo.

– O senhor é o cavaleiro Blackwing, não é?

– Sim, sou eu, garoto.

– Gostaria de que eu preparasse o cavalo para o senhor?

– Por favor.

– Senhor?

– Sim.

– Eu gostaria de me tornar um cavaleiro como você.

– Você não sabe o que está falando, garoto. Fique com os cavalos, que é melhor. – disse, sem dar muita atenção.

– Senhor, será que eu poderia ficar cuidando do seu cavalo?

– O que quer dizer com isso, garoto?

– O senhor sabe, acompanhá-lo na guerra, cuidar do seu cavalo e de suas coisas, ser seu escudeiro...

– Qual é seu nome?

– Meu nome é Pallico, mas pode me chamar de Palix, é como me chamam.

Kyle olhou-o, avaliando sua força. Não passava se um rapazote. Pele branca, olhos curiosos e cabelos negros, lisos, num corte de cuia.

– Palix, você ainda é muito novo para ir à guerra; além disso, não tem treinamento militar básico.

– Isso quer dizer que não tenho chance?

– Por enquanto, não, mas, dependendo do andamento da guerra...

– O quê? O quê?

– Se a guerra não acabar logo, você terá chance. Precisarão de reforços e haverá lugares onde serão recrutados jovens ansiosos para defender o Reino, como você, que receberão treinamento.

O rapaz ficou em silêncio e depois disse:

– Isso seria ótimo!

– Ótimo!? Sabe o que isso significaria? – disse, severamente.

O garoto balançou a cabeça negativamente.

– Significaria, Palix, que muitos desses jovens estariam prestes a se encontrar com a morte, é o que isso significaria! – disse, aos gritos.

– Desculpe, senhor... desculpe incomodá-lo... – o garoto foi saindo, cabisbaixo.

Kyle olhou para o céu e viu os primeiros raios de sol daquele dia, o dia do início da guerra para ele e seus homens. “Será que exagerei com aquele pobre pagem?” – pensava, enquanto descia a colina para buscar suas coisas nos estábulos da cavalaria. “Talvez... mas agora ele vai pensar duas vezes antes de se meter em confusão...”

CAPÍTULO 24

O sol, apesar de estar, na maior parte do tempo, atrás de nuvens cinzentas, trazidas por um forte vento no início da manhã, já havia chegado ao ponto mais alto do céu; mesmo assim, fazia frio.

O rufar dos tambores desorganizados misturava-se ao murmúrio da multidão de soldados que estavam no grande pátio externo do castelo do Duque de Kamanesh. Cavaleiros que vieram reunir-se com o Duque Dwain e seus cavaleiros de primeira ordem transitavam à frente de pequenas concentrações de soldados e gritavam instruções para que se organizassem.

Havia homens carregando grandes bandeiras coloridas, atadas a longas lanças. Os cavalos, bastante limpos e escovados, receberam mantas e fitas coloridas que amarravam seus rabos, deixando-os empinados. As armaduras dos cavaleiros que os montavam reluziam. Não fosse a guerra, quem visse a cena pensaria que tratava de uma grande festa.

Aos poucos, o caos foi dando lugar à ordem, e todos aqueles homens, centenas e centenas, começaram a parecer uma tropa organizada. Finalmente, um homem vestido com um traje extravagante deu um sinal e, imediatamente, o chefe da banda e os doze homens que carregavam bumbos e taróis começaram a tocá-los vigorosamente. Fez-se silêncio absoluto para ouvi-los.

Passando pelo grande arco do castelo, entrou no pátio o Duque, em sua montaria, seguido de uma dezena de cavaleiros, dentre os quais estavam seus principais homens e quatro dos famigerados cavaleiros do Rei.

Os tambores cessaram. O duque comandava seu cavalo para girar, avançar em uma direção e novamente dirigir-se à direção oposta, criando um tipo de movimentação bastante tensa. Todos o observavam com atenção e podiam ver que ele dominava perfeitamente os movimentos de sua montaria. Finalmente parou e disse bem alto:

– Homens! Hoje, quando acordei, fiquei pensando... o que vou falar a todos aqueles bravos guerreiros, que estão deixando seus lares e suas famílias para ir a uma guerra? Por que temos que ir? Por que nos alistamos?

Vamos por nossas famílias e pelas famílias de nossos amigos, por nossos parentes da cidade vizinha, dos campos ou mesmo de uma cidade distante? Não! Vamos para lutar pelo conjunto de todas as famílias de todas as cidades, que chamamos nosso reino. Vamos por nosso bom Rei, que cuida de todos nós. Essa seria a razão principal, se estivéssemos em guerra com outro reino. Mas não é o caso, meus caros companheiros! Este não é o caso! A guerra de que falamos é contra os bestiais, criaturas nojentas e irracionais, que matariam seus próprios pais; criaturas tão vis, que não entendem o conceito de família, tão pouco de reino. Esses seres sujos e brutos são uma ameaça a nós, a nossas famílias. Precisamos eliminá-los, mandá-los de volta a seu imundo pântano de uma vez por todas! – fez uma pausa e observou a reação, satisfatória, dos homens. Tocou o cavalo e galopou à frente das tropas. Parou e perguntou: – Quantos de vocês têm parentes no condado de MontGrey? Levantem as mãos!

Uns poucos levantaram as mãos.

– Bom. Vocês que levantaram as mãos são muito importantes, sabem por quê? Porque quando as coisas ficarem difíceis na guerra, vocês terão motivos mais concretos para odiarem aqueles bastardos! E irão motivar seus colegas que estiverem pensando em voltar para casa. Escutem com cuidado os que levantaram as mãos: vocês serão os que irão lembrar a seus companheiros casados, que estarão pensando em suas casas, que, se eles não lutarem, se não lutarem realmente, pode ser que, quando voltarem, não encontrem mais seus lares, nem suas esposas, nem seus filhos e filhas, pois, se vocês falharem em resgatar seus companheiros de MontGrey e depois em defender nossa Kamanesh, pode ser que tudo se perca. Quantos de vocês perderam algum parente, um pai, uma mãe, um avô, um tio na guerra contra os bestiais vinte anos atrás?

Dessa vez, a grande maioria dos soldados e mesmo os cavaleiros levantaram as mãos, inclusive o próprio duque, que esperou que eles as abaixassem e continuou, com sua mão direita levantada:

– Eu também, meus companheiros, perdi pessoas queridas para os malditos bestiais, inclusive meu pai, o bom Duque Edwain. Portanto, fiquem sabendo que, agora, todos vocês terão a chance de suas vidas. A chance de vingar seus parentes e de livrar nossa terra dessa corja peluda e fedorenta, os malditos bestiais!

Terminou o discurso já gritando, com a voz cheia de ira e emoção, sentimentos transmitidos à tropa com um efeito surpreendente. Todos gritavam e batiam os pés no chão, fazendo um barulho que era possível de se escutar até na cidade. Isso durou um tempo razoável, até que o Duque levantou ambos os braços e, aos poucos, fez-se silêncio novamente.

– Boa sorte, homens! E que Aianaron e os deuses os acompanhem!

Os cavaleiros que comandavam os pequenos grupamentos ordenaram a marcha, e os homens começaram a deixar o pátio. Da sacada do castelo, os nobres, finamente vestidos, observavam aquele aglomerado de homens sedentos de sangue, marchando e cantando animadamente em direção ao condado de MontGrey. Via-se todo tipo de reação, de indiferença a orgulho. Um fato, no entanto, era inegável: o Duque, habilidoso e carismático, havia conseguido animar os homens que partiam para a guerra.

A cidade estava na expectativa, desde que ouvira os gritos das tropas vindas do castelo. Havia muita gente nas ruas, janelas e sacadas das principais vias de Kamanesh. Esperavam a passagem das tropas que marchariam pelas ruas antes de partir.

No terraço da oficina de Gorum, estavam Kiorina, Noran e Mishtra. Os três, naquela manhã, haviam feito os preparativos finais para sua jornada em direção à cidade de Xilos, no sopé das montanhas, na porção norte do condado de MontGrey. Iriam aproveitar a marcha das tropas para fazer parte da viagem com um pouco mais de segurança. Assim que passassem por Amin, seguiriam sozinhos. Decidiram ver tudo do terraço da oficina de Gorum e só depois sair, apesar de, com isso, terem que correr um pouco mais depois da passagem das tropas pela cidade.

Não demorou e puderam avistar as tropas descendo a colina que leva ao castelo. Ao vê-las, puderam ouvir, ao longe ainda, o som dos tambores e dos chifres metálicos que eram soprados. Não eram instrumentos refinados, como os que os bardos tocavam nas tabernas, ou os dos músicos da corte nos bailes da nobreza, mas produziam melodias simples e peculiares, muitas vezes acompanhadas do coro de vozes dos soldados.

Aos poucos, começaram a ouvir o que os soldados estavam cantando:

Pelo duque,
Pelo Rei,
Eu lutarei!
Com fervor,
Minha vida darei,
Se necessário for!
Pelo duque,
Pelo Rei,
Eu vencerei,
Com espada,
Bestiais eu matarei!
Liberdade ao condado de MontGrey!

A melodia era bem animada, mas Noran imediatamente a detestou! Na verdade, detestava o que estava acontecendo! O fluxo dos sentimentos de ódio e medo coletivos era tão forte e penetrante, que faziam com que ele tivesse que levantar um escudo mental, esforçando-se para que aqueles pensamentos confusos e destrutivos não o atingissem. Apesar disso tudo, nada deixava transparecer.

Agora os soldados já estavam perto o suficiente, e os olhos de Kiorina brilhavam ao observá-los. Ela estava entusiasmadíssima com a beleza da parada. Outros aspectos, como os riscos e o sofrimento que viriam, haviam-lhe escapado naquele momento. Seus olhos se voltavam para os cavalos com belos ornamentos vermelhos e laranjas, as bandeiras coloridas, seus brasões e as reluzentes armaduras dos cavaleiros.

– Olha, Mishtra! Olha, Noran! É o Kyle, ali! – teve que gritar para ser ouvida. Acenava e pulava como uma louca.

Mishtra inclinou-se levemente para melhor observar e acenou com a cabeça para Kiorina. A silfa estava extremamente impressionada com a parada, não só por seu aspecto formal, mas principalmente pela atmosfera que a cercava. Criava dentro de si um sentimento estranho e novo, que não conhecia bem, mas relacionava com uma agonia ligeira ou mesmo um tipo de loucura, um frenesi. Kiorina gritava e acenava:

– Kyle! Kyle! Aqui em cima!

Só depois de algumas repetições, Kyle olhou para a oficina, viu os três no terraço e acenou. Os três acenaram de volta, cada qual com sua peculiaridade. Kiorina pulava e balançava ambos os braços, Mishtra girava

graciosamente uma das mãos, e Noran ergueu a mão discretamente, deixando-a espalmada e parada.

Logo, as tropas foram passando. Centenas de pessoas nas ruas acenavam, uns choravam, outros sorriam, curiosos de outras regiões observavam, criminosos aproveitavam a confusão para roubar o que pudessem, e ambulantes se aproveitavam da ocasião para vender comida.

Ao se aproximarem da Santa Catedral, começaram a soar os sinos. As portas estavam abertas, e dezenas de acólitos seguravam cajados ornados com motivos religiosos e os apontavam para o céu, fazendo preces e abençoando as tropas que ali passavam. No alto da escadaria, o sumo sacerdote da Real Santa Igreja, bispo Marco, vestido com um luxuoso traje laranja de fina seda, comandava os acólitos e os sacerdotes, que ficavam ao seu redor e pediam por seus homens que estavam prestes a ingressar numa campanha de guerra.

Do alto de uma das janelas laterais da Catedral, Archibald DeReifos observava aquela movimentação e fazia preces aos deuses, principalmente a Uráphenes, o deus da sabedoria, para que guiasse as decisões dos líderes.

Finalmente, as tropas passaram pela cidade e reuniram-se, no lado de fora, com a parte menos respeitável dos combatentes, as tropas mercenárias, nas quais podia-se ver, talvez, o dobro de homens, sujos e sem uniformes, que seriam comandados pelo capitão da guarda, Domer Falcus, conhecido apenas como capitão Falcus. Ele usava o característico capacete de capitão da guarda de Kamanesh, redondo, com dois chifres de metal na parte lateral, e rodeado de espinhos que, como os chifres, apontavam para o alto. Montava um cavalo de guerra muito forte, com as patas bastante peludas. Aproximou-se dos cavaleiros que lideravam as tropas oficiais e os cumprimentou. Os líderes se reuniram, ordenando antes a saída de formação dos homens das tropas, até que viessem outras ordens.

Chegaram as carroças que levariam os suprimentos e os acompanhantes civis que seguiriam com as tropas na sua jornada ao condado de MontGrey, dentre os quais Noran, Mishtra e Kiorina. Após algum tempo, os cavaleiros foram notificados de que todos os que eram esperados já haviam chegado. Foi então ordenada nova formação das tropas, para a partida definitiva.

CAPÍTULO 25

Os poucos dias de marcha ao lado das tropas de Kamanesh foram mais tranquilos que o esperado e teriam sido mais, não fosse a neve e o tempo ruim. Amin, a pequena vila onde chegaram, sem entrar em combate com um bestial sequer, ficava no coração do condado de MontGrey e vivia da criação de animais. Encontrava-se praticamente vazia, pois a maioria dos habitantes havia deixado suas casas e buscado refúgio no baronato de WhiteLeaf, ao norte. Isso ocorrera semanas antes, após um ataque dos bestiais que deixou muitos mortos e destruiu boa parte das construções da vila. Permaneceram lá apenas os donos de alguns estabelecimentos, como o taberneiro e o ferreiro, algumas mulheres fiéis a seus esposos ou amantes, que se recusaram a fugir para WhiteLeaf, além, é claro, de mulheres da noite, que ficaram para fazer companhia às tropas que ali estavam ou passariam. Também ficaram alguns homens ligados aos militares e os que desejavam lutar na guerra. Os rebanhos que ficavam nas imediações foram, em sua maioria, capturados pelos bestiais, para alimento. O local encontrava-se desolado.

Muito rapidamente levantaram um forte, e Amin tornou-se uma base de treinamento, para onde eram enviados homens das vilas menores vizinhas. Além de treinar, os homens saíam em patrulhas pelas redondezas em busca de animais soltos, que eram trazidos para a vila a fim de se criar um estoque de suprimentos.

As tropas de Kamanesh apenas passariam a noite em Amin e, pela manhã, sairiam em direção a Grey, a capital do condado que se encontrava sob cerco. Haviam chegado lá no meio da tarde e demoraram um pouco até se estabelecer. Logo foram determinados turnos de patrulhas e foi permitido aos homens diversão e descontração até a metade da noite.

Somente durante essa folga Kyle pôde reunir-se com Kiorina e os outros. Não estiveram juntos antes, devido a uma rígida divisão de grupamentos necessária ao bom andamento da viagem.

Kiorina estava sentada do lado de fora da barraca em que passariam a noite, vestia seu casco de pele de urso e preparava o fogo para cozinhar, tarefa que seria difícil sem o uso da magia. Ao ver seu amigo se aproximar, levantou-se veloz, batendo no casaco, e disse:

– Kyle?! Kyle, eu pensei que não o veria mais!

– Por que você diz isso? – disse ele aproximando-se e dando um abraço na amiga.

– Como por quê? Eu tentei falar com você, mas os tenentes responsáveis pela organização não me deixaram ir até o seu grupamento. A formação das tropas não devia ser quebrada! Estamos em guerra! Alterar a formação podia colocar todos em perigo! Não podemos...

– Ei, ei... já entendi... Eles estavam apenas cumprindo ordens! Procure ficar calma, certo? – disse o cavaleiro, que vestia sua armadura completa, a mesma que um dia havia sido de seu pai, e, por cima dela, uma grossa capa escura, de pele.

– Olá, Kyle! Como estão as coisas? – disse Noran, ao sair da barraca. Também vestia roupas de inverno: uma túnica bege, capuz e luvas.

– Por enquanto, tudo está calmo, mas isso não deve durar muito.

Noran apenas sinalizou com a cabeça e observou bem à sua volta. Ele usava uma faixa de tecido bege amarrada na testa, a fim de não chamar a atenção para suas marcas, o que costumava fazer em algumas ocasiões. Dezenas de barracas erguiam-se nas redondezas, onde havia centenas de pessoas que passariam mais uma noite fria e desconfortável fora de seus lares. Ficar no meio de um ambiente carregado de tanta tensão trazia pensamentos bastante negativos à sua mente. Passava boa parte do tempo tentando, não ceder a eles, controlar-se.

– Ei, Noran, algo errado? – perguntou Kyle, observando sua expressão carregada.

– Não, apenas um desconforto, acredito que provocado pela viagem.

– E Gorum? – perguntou Kiorina.

– Ah, sim, ele logo estará aqui. Tinha assuntos a resolver.

– Então, ele virá? – disse Noran, com um leve sorriso.

Kyle indicou que sim e completou:

– Temos conversado bastante esses dias; ele tem-me falado muito sobre a guerra de vinte anos atrás e sobre os bestiais.

– Com certeza, ele é um dos homens que mais entendem do assunto em todo o reino. – afirmou Noran, sobriamente.

Falaram por algum tempo sobre as tropas, os cavaleiros, o capitão Falcus e a guerra de vinte anos atrás, que nenhum deles havia presenciado, a não ser Mishtra. A silfa estava dentro da barraca, recostada e provavelmente dormindo, coisa da qual eles nunca tinham certeza.

– Hoje iremos nos separar. Ao amanhecer, quando as tropas partirem para Grey, nós seguiremos para Xilos. – disse Noran, trazendo à tona o assunto que todos pareciam evitar.

Kiorina olhou para baixo. Kyle suspirou e apenas conseguiu dizer:

– É...

A essa altura, o sol já havia se posto. Uma fogueira, feita num buraco cavado no chão, iluminava o rosto dos três.

– Bem, acredito que Gorum vai acabar não aparecendo... todos tiraram uma folga, mas, ao que parece, os comandantes não têm muito tempo para isso. – disse Noran, vendo que ninguém se animava a falar.

Nesse momento, Mishtra saiu da barraca. Vestia pouca roupa, para o frio que fazia, o que causou surpresa em Kyle, mas não em Kiorina e Noran, que já se estavam habituando às peculiaridades do comportamento da silfa. Ela olhou nos olhos de Kyle e o cumprimentou com um gesto. Agachou-se junto ao fogo e pegou um pouco de comida. Logo virou-se e dirigiu-se à barraca novamente.

– Ela não está muito amigável hoje... – disse Kyle baixinho.

– É provável que tenha escutado o que disse, meu caro. Acredito que isso seja natural e tenha relação com as maneiras dos silfos.

– Bem, está ficando tarde, preciso voltar para meu grupamento. – disse Kyle.

– Tão cedo? – contestou Kiorina, como que pedindo a ele que ficasse mais.

Noran levantou-se, despediu-se e se dirigiu à barraca. Antes de entrar, olhou para Kyle e enviou um pensamento a ele: “Pode contar comigo, eu tomarei conta dela.”

Kyle ficou um pouco surpreso com aquilo e dispersou-se por uns momentos. Quando se deu conta, Kiorina havia se aproximado bastante. Ainda estava um pouco atordoado pela surpresa da comunicação inesperada.

Não fez movimento contrário. Ela se aproximou mais e o beijou por alguns instantes. Logo se afastaram. Kiorina então disse:

– É para dar boa sorte.

Kyle ficou sem ação. Respondeu:

– Boa sorte também, e tome cuidado.

Ela sorriu e entrou na barraca.

Quando virou-se para ir embora, Kyle viu que Gorum estava parado logo adiante, com um largo e incômodo sorriso lhe cobrindo toda a face. Kyle aproximou-se do gigante, lastimando-se pelo que iria acontecer. Gorum pegou-o inesperadamente, colocou-o sobre o ombro e começou a carregá-lo, praticamente contra a vontade de Kyle.

– Ha, ha, ha! Você não perde tempo, hein, garoto? Você tem que tomar cuidado, sabia? Ela é muito jovem e, além disso, é uma moça de família!

– Não, Gorum, não é o que você está pensando... – dizia Kyle, tentando não sorrir.

– Sei, como sei também que os bestiais são ótimos estrategistas...

– É sério! Não é nada disso!

– Então por que você não está falando sério?

– Porque é difícil falar sério com você. Especialmente quando estou sendo carregado em suas costas!

– Muito bem. – disse Gorum, enquanto colocava Kyle no chão. – Olhe na minha cara e me diga que aquilo não foi um beijo.

– Bem... eh... na verdade, foi...

– Foi?

– Foi...

– Então, foi um beijo ruim...

– Não...

– Então?

– Então o quê?

– Os pombinhos se amam!

– Ah, pare com isso... Não dá para conversar com você.

Continuaram a caminhar e discutir praticamente a noite toda. Por mais que Kyle tentasse convencer Gorum de que não amava a garota e tinha sido pego de surpresa, ele não acreditava em uma palavra sequer, o que acabou por criar uma certa irritação em Kyle. Só mais tarde, quando se recolheu, pôde pensar melhor no assunto. Ficou imaginando se Noran não teria alguma

coisa a ver com o ocorrido. Considerou a hipótese por um tempo, mas logo a descartou, pois acreditava que ele não interferiria numa coisa dessas. Depois lembrou-se de como Noran o havia manipulado para que dormisse na vila dos silfos, razão por que não pôde ajudar seu amigo Archibald, quando ele precisou. Ficou pensando em Noran e em Kiorina. Chegou a considerar que pensar demais nela podia ser alguma influência dele. Por fim, ficou cada vez mais desconfiado e inseguro com relação ao estrangeiro e ao bem-estar da ruiva. Dormiu.

No dia seguinte, as demandas que sua posição exigia fez com que praticamente se esquecesse do ocorrido, ocupando-se de comandar seus homens e prepará-los para o combate, que sentia cada vez mais próximo.

Kiorina, Noran e Mishtra juntaram-se a uma pequena caravana de comerciantes razoavelmente armados, que, nesses tempos de guerra, buscavam lucros mais acentuados no comércio de todo o tipo de bens, especialmente aqueles que fossem escasseando, além de aproveitarem para levar e trazer mensagens pagas.

CAPÍTULO 26

Devido ao bom conhecimento das rotas pelos comerciantes, Kiorina, Noran e Mishtra fizeram uma jornada tranqüila até Xilos. Estava previsto que encontrariam poucos, talvez nenhum bestial no caminho, já que a maior parte deles estava compondo o cerco a Grey. Não tiveram tanta sorte, no entanto, e encontraram um pequeno grupo no meio da jornada, numa região desabitada de MontGrey. Os arqueiros que compunham a caravana conseguiram eliminar alguns e espantar o restante. Aproveitaram-se de um ponto fraco dos bestiais: sua falta de habilidade com armas de ataque à distância. No combate corpo-a-corpo, porém, as criaturas eram oponentes terríveis, por sua boa técnica aliada a uma ferocidade espantosa.

A cidade de Xilos era pequena e ficava na base da cordilheira de Thai. Quase toda a população trabalhava ao norte, nas minas, principal fonte de renda da cidade. Das minas de Xilos eram extraídos metais como o ferro e o cobre, largamente utilizados no reino de Lacoresh. É dito que lá, ocasionalmente, são feitos contatos com os anões que habitam a cordilheira, inclusive com alguns casos, raros na verdade, de colaboração. Dizem até que toda a estrutura das minas foi construída pelos anões no passado, que depois as abandonaram.

Por ser uma cidade relativamente rica, uma muralha de pedra foi construída há vinte anos, durante a guerra contra os bestiais. Ela, no entanto, cresceu desde então, sendo hoje protegida apenas a porção interna da cidade, local onde ficam as famílias mais ricas. Com as notícias de uma nova guerra, iniciou-se a construção de outra muralha, que, a princípio, seria de madeira e convertida em pedra quando possível.

A oeste de Xilos, por toda a extensão que faz fronteira com os pântanos cinzentos de Yersh, existiam seis fortes, construídos após a antiga guerra para defender o Condado de novos ataques. Nessa nova investida, os bestiais tomaram e destruíram um desses fortes, abrindo passagem para o território na região litorânea. Avançaram diretamente para a capital, Grey, provocando muita destruição em seu caminho. Outros fortes, próximos a

Grey, também foram atacados, porém não foram tomados, o que garantiu que a região de Xilos sofresse menor impacto e continuasse a ter uma situação de relativa segurança, aguardando reforços. Já era esperada para breve a chegada das tropas que viriam do baronato de WhiteLeaf. Segundo boatos, as tropas de WhiteLeaf tomariam Xilos como sua base.

– Que bom que chegamos a um lugar seguro! – disse Kiorina, aliviada.

Mishtra concordou com um gesto, e Noran pareceu não ouvir. Estavam diante do portão principal da cidade, um grande arco da altura de quatro homens. A muralha era bastante alta e construída com uma rocha cinzenta da mesma cor das montanhas que ficavam ao norte. De Xilos era possível avistar a grande montanha cinzenta de cima sempre branco, que dera nome ao Condado. Era tão mais alta que as montanhas que a envolviam, que parecia não fazer parte delas. Seu formato podia ser reconhecido mesmo por quem nunca foi até a região, pois fora bastante retratada por pintores que apreciavam, principalmente, o ângulo do qual sua dupla crista se mostrava emparelhada.

Era cedo, e a maioria dos habitantes já estava trabalhando nas minas. A cidade parecia calma para seu tamanho. Passaram-se alguns dias desde a última vez que nevou. A neve que ainda estava à vista era rala e, nas ruas, havia virado lama.

Atravessaram o portão, despedindo-se do pessoal da caravana, que iria direto ao mercado, fazer negócios. Os três seguiram para um hotel tradicional da cidade; estavam exaustos, precisavam descansar, exceto, talvez, Mishtra, que não demonstrava cansaço algum.

– Ufa! Estamos bem, mas eu não consigo parar de pensar em como estarão Kyle e Gorum, se eles já lutaram... se...

– Vamos, Kiorina! Como já lhe disse, não adianta se preocupar. Essa ansiedade não lhe fará bem. O melhor agora é descansarmos e aguardar notícias.

– É... você deve estar certo. – disse a moça, apesar de não conseguir fazer o que ele dizia.

Noran também não dizia nada, mas se lamentava ao sentir a angústia de Kiorina aumentar. Finalmente, em silêncio, chegaram no hotel, uma grande casa de pedra, cuja fachada possuía detalhes em madeira. O local era muito limpo. Pediram dois quartos, ficando Noran só e as duas, juntas. Dormiram o dia todo, somente se levantando para cear.

À noite, a cidade era outra, com as tavernas cheias de gente e apresentações de música, dança ou teatro. Saíram para conhecer a vida noturna e chegaram a questionar como era possível que, durante uma guerra, houvesse tantos festejos. Explicaram a eles que aquilo não correspondia à metade do que estaria acontecendo numa época de paz. Logo, Mishtra cansou-se de toda aquela confusão e retornou ao hotel; tinha muita dificuldade em interagir com os humanos, seus costumes e, principalmente, sua movimentação excessiva.

Kiorina e Noran foram para uma taberna, freqüentada por famílias nobres, oficiais militares e cavaleiros. Desejavam informar-se sobre o andamento da guerra. Lá havia um conjunto completo de músicos que tocavam canções alegres. Muito vinho era servido; todos pareciam muito animados. O local tinha dois andares e era bastante amplo; dezenas de lustres, repletos de velas, tornavam o local bem iluminado.

Kiorina usava um vestido muito fino, feito na confecção de seu pai. Ele chamava quase tanta atenção quanto seu corte de cabelo, parecido com o de um homem, incomum para as mulheres dali.

Noran sentou-se e pediu vinho. Usava uma roupa semelhante àquela com que viajara, mas estava limpa. Sobre a testa, uma faixa branca escondia suas marcas, não despertando curiosidade. Kiorina observava tudo à sua volta; parecia estranho, mas era a primeira vez que estava por conta própria em uma taberna, sem a companhia de seu pai ou um de seus homens de confiança. Somente nesse momento percebeu que gozava de uma liberdade que nunca antes havia experimentado. Estava sozinha. Bem, havia Noran, mas ele não era do tipo controlador, não interferiria, e ela também não havia dado a ele essa liberdade, afinal, sabia se cuidar. Depois de pensar um pouco, também pediu vinho.

Um pouco mais tarde, os músicos começaram a tocar músicas dançantes e foi aberto um espaço. Logo, casais começaram a se formar e dançaram. Um homem vestido com uma túnica azul aproximou-se da mesa do par. Ele tinha cabelos negros, barba e bigode curtos e um olhar intrigante. Possuía o sotaque característico da região e falava como um nobre. Disse:

– Com sua licença. Permitam que me apresente. Meu nome é Laern Tiorish, sou sobrinho do senhor desta cidade, o marquês de Tiorish.

Noran se levantou e disse:

– Sou Noran, de Tisamir, e esta é Kiorina de Lars, de Kamanesh.

– É um prazer! – disse Laern, cumprimentando Noran; depois, tomou a mão de Kiorina, beijou-a e disse: – Encantado...

A moça apenas sorriu.

– Diga-me, o que a traz de tão longe e em tempos tão conturbados? – continuou ele, direcionado a conversa para Kiorina.

– Por favor, queira sentar-se. – interrompeu Noran.

Ele agradeceu, e todos se sentaram.

– Então, o que a trouxe a Xilos numa ocasião como esta? – insistiu Laern.

– Viemos a serviço do Duque. – disse Kiorina.

– Seria perguntar demais do que se trata?

– De forma alguma. Viemos investigar o nascimento de uma criança, possivelmente doente. – disse Noran.

– Doente? Que tipo de doença? – disse, parecendo preocupado.

– De um tipo que ainda se desconhece. – rebateu Noran.

– E é contagiosa? Vocês vieram dar cabo da criança?

– Não sabemos ainda se há risco de contágio, mas não viemos tirar sua vida.

– Não vamos discutir isso agora, certo? – interrompeu Kiorina.

– Certo. – disse Laern. – Estive observado vocês desde que entraram, sabia que tinham algo de especial.

Noran pensou: “Eu percebi” e olhou fundo nos olhos de Laern; algo nesse sujeito o incomodava.

– Como o quê? – disse Kiorina.

– Um estilo bastante apurado. Seu vestido, por exemplo, não é como os que são usados aqui. É muito bonito.

Kiorina sorriu novamente e bebeu mais um gole de vinho. Deu-se uma pausa na música, mas os músicos logo se recompuseram.

– Srta. De Lars, vai começar a coletiva. A senhorita me dá a honra desta dança?

Kiorina levantou-se, estendeu o braço para Laern e disse:

– Por favor, me chame de Kiorina apenas.

Ao saírem, ele lançou um olhar a Noran, que ficou ainda mais intrigado. Os pares se posicionaram, cerca de quinze, e os músicos começaram a tocar. Enquanto a dança progredia, Noran terminava mais um copo de vinho.

Intrigado com Laern, Noran fixou o olhar no sujeito e iniciou uma busca em sua mente. Já na superfície de seus pensamentos, o que viu o deixou enojado. Ele planejava todo o tipo de sujeiras. Começou a observar como ia pensando no corpo da jovem e como planejava os movimento de suas mãos para que elas tocassem a garota, aproveitando-se de sua embriaguez. Aquilo o irritou a tal ponto que, quebrando seu próprio tabu, começou a varrer as camadas internas da mente de Laern. Surpreendeu-se muito com o que viu, chegando a cair da cadeira. Logo levantou-se e dirigiu-se, cambaleando, à saída. Kiorina quis ir em seu auxílio, mas Laern segurou-a, dizendo:

– Ei, calma, seu amigo está bêbado. Não precisamos estragar nossa dança por causa disso.

– Mas ele precisa de minha ajuda! – disse Kiorina, tentando desvencilhar-se.

– Não se preocupe, minha cara. – fez um sinal para um homem que estava próximo à porta. – Um de meus empregados vai cuidar dele e levá-lo em segurança para o hotel.

Kiorina teve dúvida. Laern insistiu:

– Vamos dançar, você me pareceu muito tensa desde que a vi entrar. Tudo o que precisa e merece é se divertir um pouco.

Enquanto isso, do lado de fora, Noran tentava utilizar uma técnica que seu mestre havia lhe ensinado para controlar as ações involuntárias de seu corpo, como diminuir o batimento do coração, simulando a morte, para vomitar. A embriaguez porém não permitia a concentração necessária à execução de tão difícil tarefa. Resolveu apelar para o método natural e enfiou o dedo na garganta. Vomitou bastante. Mal acabara, observou um homem que se aproximava. Pressentindo o perigo, não se deixou impressionar por sua oferta amigável de ajuda e percorreu seus pensamentos superficiais. Percebeu coisas como:

– Vai ser fácil... ele não é forte... está bêbado... uma punhalada na garganta e adeus... quem sabe tem algum dinheiro...

– Como é seu nome? – perguntou Noran.

– Meu nome é... aahhh...

O homem caiu como uma árvore cortada, sob o olhar concentrado de Noran, que se levantou e voltou ao salão. Ficou imaginando se vomitar adiantaria para eliminar os efeitos do veneno que bebera. Ao entrar na taverna, procurou Kiorina. Localizou-a em uma mesa perto da sacada, no

segundo andar. A mão direita dela estava contida nas duas de Laern, que lhe sussurrava coisas ao ouvido. Ela parecia envolvida pelas palavras do homem e sorria bastante. Noran olhou fixamente o casal por alguns instantes e paralisou Laern. Sem perder tempo, disse, em pensamento: “Kiorina, escute com atenção!” Ela se assustou, mas localizou Noran com o olhar praticamente no mesmo instante. “Esse homem é um mentiroso, ele mandou que colocassem veneno na minha bebida e agora quer seduzi-la e matá-la.”

Kiorina recebeu aquela mensagem mais rapidamente que o normal, já que era uma comunicação direta com pensamentos. Apesar de estar um pouco embriagada, compreendeu o recado e pensou: “Mas como? O que está havendo?”

“O que está havendo é algum tipo de complô contra nós. Agora mesmo, lá fora, dominei um homem que tinha a intenção de matar-me. Vamos, venha imediatamente!”

Kiorina levantou-se e se despediu de Laern, que se encontrava paralisado por Noran. Ela teve um pouco de dificuldade para descer as escadas, mas logo se encontrou com Noran e ambos saíram às pressas em direção ao hotel. Ao chegar, correram para o quarto de Mishtra; a porta aberta e não havia ninguém.

– Eles a levaram! – desesperou-se Kiorina.

– Calma, não esteja tão certa.

– Vamos falar com as autoridades imediatamente. Aquele Laern me paga!

– Calma, Kiorina, nós não temos nenhuma evidência concreta para ligá-lo ao des... ao... – Noran parou colocando a mão sobre a barriga, fez uma careta de dor e caminhou até a cama, caindo de lado nela.

– Noran! Noran! – Kiorina correu para acudi-lo.

Com os olhos entreabertos, ele disse:

– Traga ajuda... argh...

CAPÍTULO 27

Kiorina não sabia o que fazer, estava tonta e não conseguia pensar tão claramente quanto precisaria naquele momento. Seu companheiro, contorcendo-se de dor na cama, gemia, e a silfa havia desaparecido. A janela batia contra a parede, levada para trás e para frente pelo vento frio que adentrava o quarto.

Um dos serviçais do hotel, trazido pelo barulho, apareceu na porta do quarto e ofereceu ajuda, mas se surpreendeu ao ver Noran agonizando sobre a cama e Kiorina sentada no chão ao lado, olhando para a parede. Entrou e perguntou:

– Senhorita, o que há? Como posso ajudar?

As palavras do rapaz tiveram o efeito de um tapa; num estalo, Kiorina despertou e seu raciocínio voltou a funcionar normalmente. Olhou para o lado, viu Noran em posição fetal na cama e imaginou por quanto tempo teria ficado ali sentada sem fazer nada, enquanto ele morria.

O rapaz aproximou-se de Noran e perguntou:

– Senhor, posso ajudá-lo?

Kiorina levantou-se num salto e perguntou ao rapaz:

– Você conhece algum curandeiro aqui na região?

O rapaz fez que sim. Kiorina então pediu a ele que o buscasse e dissesse se tratar de um caso de envenenamento.

Assim que o rapaz saiu, Kiorina sentiu um calafrio e virou-se para Noran. Ele já não estava encolhido; pelo contrário, estava bem esticado, com a barriga para cima. Kiorina aproximou-se e, por um instante, parou assustada: teve a impressão de ter visto a sombra de Noran mexer-se, mas se lembrou de que ainda devia estar sob o efeito do vinho. Segurou a mão do amigo e colou a outra em sua testa. Ele estava totalmente amolecido e respirava lentamente. A agonia desaparecera repentinamente. Kiorina não sabia o que fazer; apenas ficou ao lado dele pedindo ajuda aos deuses.

Após um tempo indefinido na mente da ruiva, ela escutou passos perto da porta. Para sua surpresa, não era o rapaz que havia ido buscar ajuda, mas

Mishtra. Com um punhal, ela pressionava a garganta de um homem desconhecido e o conduzia.

– Mishtra! O que aconteceu?

A silfa olhou para Kiorina, mas seu olhar não se fixou no dela por mais de um breve momento. Sua atenção foi para um ponto desfocado no alto do quarto, acima de Noran. Surpreendeu-se de tal forma, que deixou cair o punhal. Aproveitando-se do descuido de sua captora, o homem deu-lhe uma cotovelada na barriga e virou-se para acertar um soco certo no nariz da silfa, que caiu sentada, batendo a parte de trás da cabeça na parede. Kiorina levantou-se e se virou para ele, que apenas sorriu, pois a garotinha que via não poderia oferecer risco algum. Abaixou-se para alcançar o punhal que Mishtra deixara cair. Quando seus olhos negros se encontraram com os olhos verdes da moça, ele sentiu que havia algo errado. Ouviu-se um barulho abafado e uma luz verde surgiu, efeitos da magia que a ruiva realizara. O homem protegeu-se com os braços e fechou os olhos. Ao notar que nada havia acontecido, abriu os olhos devagar e viu o olhar de terror da garota. Levantou-se pulando na direção dela, com o punhal acima da cabeça. Kiorina deu um grito de pavor e, fechando os olhos, esperou pelo pior. No entanto, nada lhe aconteceu. Quando olhou novamente, viu o homem voando pelo quarto, debatendo-se. Foi projetado janela afora e gritou antes de atingir o solo num som abafado que interrompeu o grito.

O olhar de Kiorina atravessou o quarto e viu Mishtra, ainda sentada, encostada na parede, inconsciente. Havia um largo filete de sangue que saía de seu nariz, dividindo-se em dois abaixo de sua boca e escorrendo pela garganta até o vestido. Kiorina ficou sem entender o que havia acontecido. Certamente não fora obra de sua magia, que falhara miseravelmente, pois não conseguira a concentração necessária para operá-la. Arrepentia-se profundamente de cada gole de vinho bebido naquela noite. Sentia o suor escorrer no rosto e nas costas, e seu coração acelerado parecia não querer se acalmar. Caminhou na direção de Mishtra e abaixou-se para limpar seu rosto com um lenço. Enquanto o lenço ficava embebido no sangue que corria generosamente da silfa, ela começou a voltar a si.

– Calma, já está tudo bem. – disse Kiorina, baixinho.

Os olhos de Mishtra mexiam-se freneticamente, sem se fixar em ponto algum. A princípio Kiorina, acreditou que isso seria normal, mas achou estranho que não parassem. Olhou para trás, onde antes os olhos da silfa

haviam-se fixado, mas não viu nada. Mishtra levantou-se, ignorando a presença de Kiorina, foi até o centro da sala e esticou as mãos para o vazio, como se tentasse tocar algo.

Kiorina levantou-se, foi até seu lado e observou que ela apalpava o ar. Arriscou passar a mão no espaço vazio, mas nada encontrou. A silfa novamente teve uma ação inesperada: virou-se, foi até o canto do quarto, revirou sua sacola e derrubou no chão uma infinidade de pequenos embrulhos, feitos de folhas, e potes de cerâmica. Abriu um dos embrulhos e despejou seu conteúdo em um dos potes. Abriu outro, do qual despejou um pouco de água no pote, enchendo-o até a metade. Levantou-se e andou em direção a Kiorina. Colocou o pote sobre a mesa e fez uma série de gestos, indicando-o.

– Não estou entendendo... O que você quer que eu faça?

Um pouco de sangue ainda escorria do nariz da silfa, e a ruiva estendeu o lenço na direção do seu rosto. Mishtra, no entanto, rejeitou a oferta, empurrando as mãos de Kiorina e limpando o sangue com as costas da própria mão. Voltou a gesticular, procurando explicar-lhe algo. Tomou o braço da garota, esfregou-o vigorosamente com as mãos até aquecê-lo, e novamente apontou o pote. Kiorina então compreendeu que deveria aquecer a mistura com magia. Ela se concentrou, murmurou algumas palavras e logo a mistura começou a ferver. Mishtra fez um sinal, indicando que bastava, pegou o pote com ambas as mãos e, soprando seu conteúdo, caminhou até a cama. Provou o líquido para certificar-se de que não estava muito quente. Levantou a cabeça de Noran com uma das mãos e, com a outra, começou fazer com que ele bebesse o líquido.

Kiorina voltou-se para a janela e se lembrou de como aquele homem havia sido projetado. Caminhou até lá e tentou ver alguma coisa. Olhou bem, mas nada viu. Voltou-se e viu que Noran se movia e tinha uma expressão de dor.

– Será que ele vai ficar bom?

A silfa acenou positivamente. Houve um longo silêncio, quebrado pela curiosidade da feiticeira.

– O que houve? Quem era aquele homem que você trouxe aqui?

Mishtra fez alguns gestos, mas Kiorina não pôde entender, ficando clara a dificuldade de comunicação entre elas. Novamente imperou o silêncio, apenas interrompido ocasionalmente pelos fracos gemidos de Noran, até que

chegou o serviçal do hotel com um curandeiro, que, a essa altura, não tinha muito mais o que fazer. Kiorina falou do chá que haviam preparado, e Mishtra buscou um pouco da erva que utilizara, para mostrar ao homem. Ele examinou Noran cuidadosamente, tirou algumas ervas de sua sacola, recomendou que fizessem chá com elas e dessem a ele, que, se havia agüentado até agora, certamente sobreviveria.

Kiorina não conseguia dormir. Sentia dor de cabeça e fome. Sentou-se na cama viu Noran, deitado ao lado, inconsciente. Mishtra estava ao lado da mesa, organizando dezenas de embrulhos e potes. A luz do sol, bem fraca nessa época, penetrava no quarto em forma de pequenos quadrados, através dos vidros da janela, e batia nos pés de Kiorina, calçados com grossas meias de lã avermelhada. Ela mal se lembrava de como ou quando dormira. Aos poucos, porém, os acontecimentos da noite anterior começaram a voltar à sua mente e ela sentiu medo. Estava em uma terra estranha, no meio de uma guerra; um homem de seu próprio povo havia tentado lhe matar e teria conseguido, não fosse a atuação de uma força que ela não compreendia, assim como também era para ela incompreensível o motivo por que eram alvo de atentados. Como se tudo isso não bastasse, ela nem ao menos podia conversar com Mishtra sobre o que acontecera.

A silfa percebeu que Kiorina acordara, encheu com água um dos copos que estava sobre a mesa e foi levar-lhe.

– Obrigada. – Kiorina bebeu alguns goles e perguntou, fazendo careta: – Como ele está?

Mishtra respondeu com um gesto de indefinição. Kiorina observou melhor o rosto da silfa e indagou:

– Você não dormiu, não é?

Ela fez que não e, com a jarra de água na mão, ofereceu mais à ruiva, que aceitou. De volta à mesa, terminou de colocar suas coisas na bolsa. Pegou seu arco e aljava e colocou nas costas. Jogou um punhal, guardado numa bainha de couro, na direção de Kiorina, o qual repicou sobre a cama e parou bem ao lado da ruiva. Por último, pegou seu capuz que estava

pendurado em um cabide junto à porta e o vestiu, cobrindo bem as orelhas e o rosto. Abriu a porta e saiu.

Kiorina pensou em perguntar onde ela iria, mas acabou não o fazendo, pois seria provavelmente inútil. Olhou a seu redor e viu que o lugar estava uma bagunça. Pensou em treinar um pouco as magias do ciclo de movimentação, já que precisaria estar bem nelas quando voltasse a estudar na Alta Escola dos Magos, se quisesse ir para o terceiro ciclo. Levantou-se e foi até o canto do quarto, de onde podia ter uma boa visão de tudo o que estava bagunçado. Concentrou-se por alguns instantes e pousou os olhos sobre os lençóis de sua cama. Pensou: “precisão... e flexibilidade”. Tentava esticar o lençol sobre a cama, mas o movimento era muito complicado. Acabou perdendo a paciência e desistindo. No outro canto, havia dezenas de cacos de um pote de cerâmica quebrado. “Alvos múltiplos...” Começou a levantar os cacos e os trouxe, flutuando, até a mesa, onde os depositou dentro de outro pote. Abriu a janela, controlando um movimento preciso nos trincos, e começou a varrer a sala com jatos de vento, até que conseguiu juntar bastante sujeira, com a qual fez um bolo que ergueu, a fim de arremessá-lo pela janela. Era muito difícil, por se tratar de centenas de pedacinhos de sujeira, mas ela se concentrou bastante e viu a massa de partículas erguer-se trêmula. Ao chegar à altura da janela, um vento começou a empurrar a massa para dentro, e ela, então, perdeu o controle. O bolo de sujeira se desfez, escorrendo como água em um funil, até que ele se desfez completamente. Era óbvio ainda precisaria treinar mais, se quisesse arrumar um quarto bagunçado. Teve de apelar para o trabalho braçal, como uma pessoa normal faria. Todo esse esforço, no entanto, contribuiu que se acalmasse. Teria de pensar melhor nas coisas que estavam acontecendo. Ficar com medo e cheia de pensamentos ruins não iria ajudar em nada. O que poderia estar acontecendo? Por que tentariam envenenar Noran? E quanto ao Sr. Tiorish? Certamente ele ocupava uma posição importante na cidade... Será que isso tinha algo a ver com a missão de encontrar o bebê? Talvez houvesse um elo envolvendo tudo. Precisava pensar mais no assunto... E se procurasse um representante da Alta Escola dos Magos, em Xilos? Isso pareceu ser uma boa idéia, mas, e se ele estivesse sob a influência de Laern Tiorish?

Muitas eram as dúvidas... Certamente várias delas seriam solucionadas quando Noran acordasse. Quando seria? E Mishtra? O que estaria ela

fazendo? Viu que entrava novamente em um ciclo de perguntas sem respostas. Quando isso iria acabar?

CAPÍTULO 28

Nevava muito e só isso já era desvantagem suficiente. Os bestiais, que possuíam pêlo grosso, eram mais resistentes ao frio que os humanos. Também tinham uma capacidade de visão que, embora pobre em dias de muita luz, era muito boa em ocasiões sombrias e à noite. Além disso, as tropas de Lacoresh perdiam a vantagem de usar armas de ataque à distância, pois era mais difícil visualizar e mirar o inimigo.

As tropas de Kamanesh haviam-se aproximado de Grey há alguns dias. Montaram um acampamento em forma de estrela, com os líderes e principais tropas no centro e seis pelotões encarregados de fazer a patrulha onde seriam as pontas. O pelotão de Kyle encontrava-se mais ao sul, e Grey ficava a apenas um dia a sudoeste, sendo assim possível que seu pelotão se envolvesse em algum confronto com os bestiais.

Todos esperavam uma decisão dos seus superiores, reunidos há dois dias, desde o encontro com o pessoal de MontGrey que estava fora do cerco. Nesse tempo, alguns dos soldados das tropas de MontGrey com experiência de batalha com os bestiais juntaram-se aos das tropas vindas de Kamanesh. Espalharam-se rapidamente histórias das lutas ocorridas, dentre as quais a de que o legendário e misterioso Cavaleiro Vermelho, que lutara na guerra dos bestiais vinte anos atrás, foi visto ajudando em uma das batalhas de defesa dos fortes que fazem fronteira com os pântanos de Yersh.

Kyle, cujos lábios estavam rachados pelo frio, tinha a mente dominada pela responsabilidade que tinha com seus superiores e seus homens. Vestia a armadura de placas de aço que um dia havia pertencido a seu pai, com uma grande ave de rapina em alto relevo no seu peitoral. Esse brasão era uma das últimas lembranças da família Blackwing, que, no passado, antes do estabelecimento da dinastia dos Corélius, pertencera à alta nobreza, tendo, inclusive, um barão. No início da dinastia dos Corélius, a família Blackwing passou aos poucos para posições de influência junto aos militares e cavaleiros. Por baixo da armadura, Kyle vestia uma camada extra de peles macias e, por cima, uma grossa capa negra que também pertencera a seu pai,

reformada na tecelagem do pai de Kiorina, Gálius. Para proteger as mãos, luvas de couro aveludadas, que chegavam aos cotovelos. Na cabeça, um capuz muito macio de pele de coelho e o elmo semi-aberto, pois os fechados o sufocavam. Sentia o corpo pesado; imaginava se seria pelo cansaço ou pelo excesso de peso que carregava em função do frio, o que era o mais provável. Não importava. Era preciso permanecer alerta, pois aquilo não era treinamento, e estavam todos em posição de risco. O tempo parecia não passar, sendo cada instante um teste para sua paciência. Com a chegada da noite, concluiu que havia sido mais um dia de tédio e apreensão. Aquilo o irritava, mas ele procurava se controlar para não passar sua irritação aos homens. Sua maior preocupação era não deixar que eles fossem dominados pelo temor. Por isso, conversava constantemente com eles sobre sua experiência com os bestiais. Contou mais de uma vez a luta que tivera recentemente na floresta de Shind e mostrava sempre a cicatriz na palma da mão direita, feita pela própria espada ao aparar o golpe de um forte bestial. Além disso, costumava falar das lutas que Gorum lhe contara inúmeras vezes, nunca se esquecendo de incrementar os casos com as piadas de seu protetor, que, contadas por ele, não tinham muita graça, mas divertiam assim mesmo. Kyle notava que, aos poucos, crescia a confiança do grupo nele. Se, no início, seus soldados esperavam um sujeito arrogante e um guerreiro medíocre, no comando apenas por ser filho de um herói de guerra, viam agora que se tratava de um homem simples, que falava a mesma língua deles, e corajoso, ao contrário da maioria dos cavaleiros com quem tiveram contato anteriormente.

Kyle olhava o céu e pedia a Forlon que trouxesse a primavera mais cedo naquele ano. Observava as várias tonalidades de cinza, bem claro no horizonte e escuro, muito escuro no alto do céu. Caíam lentamente pequenos flocos de neve, que iam cobrindo seus homens de branco. As árvores, bem distantes umas das outras, também estavam cobertas, mas ainda era possível ver alguns tons escuros e verdes nas partes inferiores dos galhos e folhas. Kyle escutou vozes que falavam alto atrás de si; virou-se e viu a bandeira de um mensageiro montado. Caminhou em direção a ele, aguardou que desmontasse, cumprimentou-o e indicou o caminho até sua barraca. Disse:

– Fique à vontade.

– Obrigado, senhor... – disse o mensageiro, nada mais que um rapazote, sem armadura, carregando apenas um espadim barato.

Kyle, vendo o cansaço do rapaz, ofereceu-lhe um gole de vinho. Enquanto ele bebia, Kyle comandou:

– Pode transmitir a mensagem.

– Mensagem do comando: reúna seus homens e prepare-se para a marcha e o combate, pois entraremos em ação brevemente. Dados da situação: capital do condado sob cerco; parte da cidade tomada por bestiais, principalmente o porto e áreas externas; porção resistente: a muralha da parte mais interna da cidade e o castelo. Há duas frentes de defesa: uma externa ao castelo, composta por poucos militares, muitos camponeses e cidadãos comuns, para a qual os suprimentos estão-se acabando; a outra, composta por militares do alto escalão e cavaleiros, está dentro das muralhas que cercam o castelo. Fator agravante: o pessoal que está fora das muralhas do castelo acredita que dentro haja comida em excesso. Existe a possibilidade de conflitos internos, caso acabe a comida do pessoal externo ao castelo. Objetivo: resgatar os nobres e cidadãos da cidade, para o que será necessário flanquear um dos acessos até a muralha externa e garantir um corredor para a fuga. Essas são as informações básicas; mais detalhes poderão ser discutidos no ponto de encontro imediatamente fora de Grey, quando as tropas de Kamanesh irão juntar-se aos combatentes de um dos fortes da fronteira dos pântanos de Yersh, que já deixaram suas posições para trazer apoio a esta operação.

Kyle ficou pensativo por alguns instantes, tentando assimilar todas aquelas informações. Disse:

– Isso é tudo?

– Não, senhor. O cavaleiro Gorum pediu-me para trazer-lhe isto. – disse, retirando um papel dobrado de dentro de sua túnica amarrotada.

Kyle abriu o papel e leu rapidamente, pois não eram mais que dois pares de linhas. O rapaz esperou por uma possível réplica.

– Muito bem, pode ir. Se encontrar o cavaleiro Gorum, diga a ele que recebi sua mensagem e que conversaremos em breve.

O rapaz levantou a lona e saiu da barraca, deixando Kyle sozinho. Ele pensou por alguns minutos, andando curvado de um lado a outro no pequeno espaço que a barraca oferecia. Tomou um bom gole de vinho e saiu com decisão em seus passos. Iria reunir seu pelotão imediatamente e repassar as instruções recebidas.

Quando saiu da barraca, ventava e nevava um pouco mais. Movidos pela curiosidade, muitos soldados estavam por perto; juntá-los todos foi mais rápido do que se poderia imaginar.

– Desarmem o acampamento, homens! Vamos finalmente entrar em ação!

Antes que as perguntas iniciassem, adicionou:

– Temos uma missão de resgate. Iremos abrir uma brecha nas tropas dos bestiais, penetrar em Grey e salvar as pessoas que lá estão.

Esperou para ver a reação do pelotão, que não foi muito boa.

– O que vocês acham?

Houve hesitação, mas um dos homens acabou dizendo:

– Parece arriscado...

– Você tem razão. – respondeu Kyle. – Mas temos de pensar que teremos a oportunidade de nos arriscar com um propósito definido!

– Qual? – alguém perguntou.

– Lutar para ajudar no salvamento dos cidadãos de Grey, que estão cercados e com fome! Isso é melhor do que encontrar com um grupo qualquer de bestiais ou começar uma luta sem objetivos. Demos sorte de nossa primeira batalha ter um objetivo definido e de ele ser salvar os cidadãos de Grey.

De forma geral, os homens concordaram com as palavras de seu líder, nem havia como discordar, mas isso não lhes tirou o medo do primeiro confronto.

– Vamos, então! – finalizou Kyle.

No dia seguinte, todas as tropas já reunidas se preparavam para o combate. Estavam divididas em grupos mesmo antes de entrar em marcha, no dia anterior, da qual, neste momento, descansavam. Kyle não parava de pensar na última conversa que tivera com Gorum. Pensava no tom de voz seríssimo e preocupado do seu tutor e na desconfiança dele com relação às decisões dos cavaleiros do rei e do general Graff e, principalmente, às considerações feitas pelo cavaleiro Roy. Gorum lhe dissera que Roy falava dos soldados como sendo completamente dispensáveis, e que os planos somente levavam em consideração o cumprimento do objetivo, custasse o

que custasse. Apesar de Gorum não ser um grande estrategista, ele sabia que algumas das considerações estratégicas não funcionariam. Até colocou seu ponto de vista, mas fora suplantado por Roy, que possuía uma capacidade de distorção e persuasão dos fatos que suplantava sua argumentação. Além disso, sua opinião não era levada muito a sério pelos jovens, que viam nele um grande piadista, mas um guerreiro ultrapassado.

Aquilo tudo deixava Kyle extremamente preocupado. Como iria encarar seus homens e comandá-los em uma ação que, segundo o que Gorum, era extremamente perigosa e na qual seriam assumidos riscos desnecessários? Tudo parecia tão absurdo, que Kyle chegou a desconfiar de que Gorum pudesse estar exagerando, ou mesmo, que estivesse enganado. As dúvidas eram tantas, que acabou se decidindo por procurar o cavaleiro Roy e falar pessoalmente com ele.

Percorreu as tropas até o local onde estava o pessoal do comando. Observou seus bem cuidados cavalos sendo equipados por armaduras pelos pagens e escudeiros que ali estavam. Observou, a meia distância, o cavaleiro Roy, vestido em uma armadura de placas pintadas com um azul bastante escuro, quase negro. Imediatamente, pôs-se em sua direção e, ao aproximar-se, ele o reconheceu.

– Cavaleiro Blackwing! – cumprimentou Roy amigavelmente.

– Cavaleiro Roy! – respondeu Kyle educadamente.

Roy estava sem elmo, e Kyle pôde então observar alguns detalhes em seu rosto: a pele era muito branca e cheia de marcas abaixo dos olhos; usava um bigode curto o suficiente para não cobrir os lábios, mas que descia pelos cantos da boca até a altura do queixo; o cabelo, bastante fino, era comprido e amarrado atrás da cabeça, algo incomum.

– Seus homens estão preparados? – perguntou, bastante sério, quase friamente.

– Sim, senhor, apesar de um pouco apreensivos...

– É normal.

– Um pouco ousada nossa ação, não acha?

– É verdade... um pouco.

– Andei pensando na estratégia... será que não estaremos correndo alguns riscos desnecessários?

– Você acha? Quer partilhar seu ponto de vista?

Kyle surpreendeu-se, pois, pelo que Gorum havia-lhe dito, um comentário assim poderia causar uma reação ruim no cavaleiro. Prosseguiu:

– Pensei que mobilizar todas as nossas forças contra um inimigo sobre o qual não temos certeza da quantidade ou disposição... – disse Kyle, muito pouco à vontade.

– Isso seria um exagero?

– É o que acho.

– Vamos voltar ao início, então! Você mencionou riscos desnecessários, não foi?

– S... sim...

– Em primeiro lugar, os riscos não são desnecessários, pelo contrário! Há muita gente naquela cidade que precisa da nossa ajuda. A reserva de suprimentos deles não deve estar nada boa; portanto, se não agirmos logo, poderemos perdê-los para os bestiais, concorda?

– Concordo.

– Em segundo lugar, temos uma força incrível reunida aqui, sabia? Estamos fazendo um ataque focado e rápido. Por mais que existam bestiais lá, para fazer um cerco, precisam estar distribuídos. Se um ataque de toda a nossa força em um pequeno ponto não for capaz de furar o bloqueio, o que seria capaz?

– Não sei...

– Em terceiro lugar, os bestiais estão com as áreas externas da cidade tomadas e adentrar uma delas seria difícil. Acontece que eles são péssimos estrategistas. A melhor maneira de tirarem proveito de uma situação como essa seria usar a cobertura que têm e disparar flechas para conter nosso avanço. No entanto, eles não gostam de usar arcos e flechas e os poucos que o fazem têm mira ruim!

– O senhor tem razão... – sem querer dar-se por derrotado, entretanto, Kyle continuou: – E quanto à legião que foi avistada há dois dias, vinda dos pântanos?

O cavaleiro olhou para ele com desconfiança e apertou o olhar. Disse:

– Certamente você esteve conversando com o cavaleiro Gorum, não esteve?

– Estive... – disse Kyle, percebendo que havia passado uma informação que não deveria.

– Está aí então a fonte de sua preocupação...

Kyle percebeu que ele tanto poderia estar falando de Gorum, como também da legião. De qualquer forma, concordou.

– Veja bem, meu caro Kyle, sei que o cavaleiro Gorum é seu tutor e que você tem por ele o maior respeito, mas, pode acreditar, ele já está ficando velho, e os velhos tendem a ter idéias retrógradas... Entendi muito bem a preocupação que ele tem, mas o que devemos fazer? Ser prudentes e deixar que mais uma legião junte-se ao cerco? Deixar morrer a última esperança dos cidadãos de Grey? Estamos em um momento decisivo! A vez de seu tutor fazer história já passou, agora é a nossa vez! Quanto aos riscos, eles são completamente necessários! O que acha disso tudo, meu jovem ?

– Acho que o senhor está certo, talvez Gorum esteja lutando uma outra guerra, e estamos aqui para lutar a nossa! – disse decididamente.

– Bravo! – disse o cavaleiro sorrindo e estendendo as mãos para cumprimentar o jovem. Acrescentou: – Boa sorte, cavaleiro Blackwing! E transmita essa confiança a seus homens. Todos precisamos deles nessa batalha. Dê o seu melhor!

– Que os deuses nos acompanhem! – disse Kyle, despedindo-se.

Por um momento, ele ficou tranquilo, mas logo voltou a ter dúvida sobre algo que não perguntara ao cavaleiro Roy: por que o cerco durava tanto, já que, para os bestiais, as cidades não tinham significado algum? Eles não arrasaram, queimaram e destruíram as partes tomadas da cidade? Por que estão sendo tão pouco selvagens? De qualquer forma, isso não mudava o fato de que existiam pessoas presas na cidade que precisavam ser resgatadas e, para isso, daria seu máximo, como o cavaleiro Roy lhe pedira há pouco.

CAPÍTULO 29

Outra manhã fria, principalmente nos corredores da Catedral de Kamanesh. Ainda cedo, foram celebradas as homenagens a Aianaron, deus da força e da coragem, o primogênito de Forlon e Ecta, cultos que passaram a ser diários, desde que fora declarada a guerra, semanas atrás. Nesses eventos, a catedral ficava sempre lotada, principalmente de mulheres e crianças que vinham pedir pelos familiares que estavam na guerra. Além das homenagens a Aianaron, também eram feitas homenagens a outros deuses, nos dias e horários tradicionais. Aqueles cultos extras traziam muito trabalho aos acólitos da Real Santa Igreja.

Archibald caminhava pelos corredores e preparava-se para sair. Apesar de estar bastante frio, aparentemente pouco se importava, vestindo apenas os mantos tradicionais dos monges Naomir, sem nenhuma roupa por baixo. Parecia ter perdido um pouco da sensibilidade após sua recuperação. Estava bom de novo e tinha uma dezena de tarefas todos os dias, às quais já se havia habituado. Nesse dia, iria quebrar a rotina, indo à Praça da Meia-Lua. Precisava comprar algumas garrafas de vinho, pois seus companheiros bebiam todas as noites para espantar o frio.

Caminhava pelas ruas com passos lentos e tranquilos, agindo como alguém que tivesse todo o tempo do mundo à sua disposição. Apesar disso, rapidamente chegou à Praça. Havia bem menos barracas que o normal. Durante o inverno, alguns dos bens comercializados no mercado simplesmente não ficavam disponíveis. Avistou a barraca dos vinhos do outro lado da praça. Enquanto se dirigia a ela, recebeu um toque no ombro e virou-se. Viu um homem alto, que o olhava de cima a baixo. Sem reconhecê-lo, disse:

– Posso ajudá-lo em alguma coisa?

O homem pareceu olhá-lo com maior atenção. Fixou seus olhos azuis cristalinos no jovem monge e disse:

– Archibald?

– Sim... eu o conheço? – Archibald parecia intrigado. Quem seria esse grandalhão? Reparou sua pele vermelha e seu porte musculoso. Não podia imaginar quem fosse.

– Então você voltou do esconderijo, seu verme! – o grandalhão liberou um insulto direto, abrindo bem a boca para falar.

– Veja lá como fala, meu caro! Sou um monge Naomir!

– O verme está de volta e acha que é um monge Naomir, só porque se veste como um... ha, ha, ha! – deu uma gargalhada forçada, segurando a barriga e curvando-se para trás.

– Veja como fala! – ameaçou Archibald, apontando o dedo indicador para o rosto do gigante e sentindo uma irritação crescente.

– É melhor você abaixar esse dedo, verme, pois, senão, serei obrigado a quebrá-lo! – disse o grandalhão.

A essa altura, estavam ambos cercados por curiosos, que se mantinham a uma distância segura.

– Escute aqui, não vou tolerar sua insolência sem uma explicação! – disse o monge e continuou a apontar o dedo sem vacilar.

O grandalhão estava prestes atacar o dedo do monge, quando uma voz que veio de trás o parou.

– Pare com isso, Reno! Não vale a pena procurar briga com esse aí...

“Reno?” – pensou Archibald, e lentamente uma série de lembranças começaram a aparecer em sua mente. Lembrou-se de um Reno que conhecera, não era mais que um rapaz raquítico... mas, e os olhos? Seria o mesmo Reno?

– Mas, Barne, ele não pode ser um monge, não depois do que fez... – disse Reno, olhando para trás.

“Barne? Então só podia ser o Reno mesmo... mas o que eu fiz para esse Reno estar-me ameaçando assim?” – pensava Archibald, bastante confuso, e arriscou:

– Reno, o que houve? Por que você está tão irritado?

– Como é? – disse o rapaz, bastante irritado, parecendo não acreditar no que acabara de ouvir. – Seu verme nojentto, não se faça de tolo ou eu vou acabar com você agora mesmo!

– O que você disse? Se me chamar de verme mais uma vez, vai ter encrenca, na certa! – disse Archibald, prestes a explodir, mas ainda mantendo o controle.

Antes que Reno respondesse, Barne aproximou-se e segurou-o pelo braço, dizendo:

– Deixe-o, Reno! Assim você só vai trazer mais desgraça para a nossa família!

“Família? Sim, eles são irmãos!” – pensou Archibald e constatou que, apesar da estatura bem diferente, os dois tinham os mesmos olhos azuis e fisionomia semelhante. Mais um detalhe lhe veio na memória e ele murmurou:

– Déria...

Reno escutou o nome de sua irmã. A essa altura, nem mesmo cinco Barnes o deteriam. Desferiu um soco contra o rosto de Archibald com tanta força, que o monge foi ao chão sem resistência, sendo sua queda amortecida pela neve. O gigante partiu para cima, decidido a acabar com ele de uma vez, mas seu irmão, prevendo o que aconteceria, pulou em suas costas, enforcando-o com toda a força. Enquanto os irmãos brigavam, Archibald, caído no chão, permanecia desmaiado, com o rosto na neve, que, absorvendo seu sangue, tornava-se rosada.

Reno girou e arremessou o irmão em cima de alguns curiosos. Virou-se para Archibald com o olhar em fúria. Colocou a mão dentro de seu casaco e, ao retirá-la, empunhava uma faca. Seriam os últimos instantes da vida de Archibald, não fosse a voz de comando que se interpôs entre o monge e o gigante enfurecido:

– Largue essa faca!

Reno colocou os olhos sobre um homem magro, de olhos fundos, que tinha uma besta em suas mãos alvejando-lhe a testa. Guardou a faca e saiu do lugar, puxando o irmão, que rapidamente se levantou na tentativa de evitar uma tragédia.

Ao recobrar a consciência, a primeira imagem que Archibald viu foi o rosto de Alonzo, o assessor de Atir, que lhe oferecia ajuda. Archibald apoiou-se em Alonzo e levantou-se, enquanto olhava as pessoas que o cercavam.

– Você escapou da morte, sabia? – informou Alonzo.

– Acho que os deuses não me queriam ainda... – disse o monge, sentindo a cabeça doer. Pensamentos e imagens sem sentido chegavam como uma forte tempestade.

– Você está bem? – perguntou o comerciante.

Archibald demorou um pouco e devolveu a pergunta, com as mãos na cabeça.

– Pareço bem?

– Não...

– O que houve?

– Um lenhador chamado Reno quase acabou com sua vida aqui mesmo no mercado!

– Reno? Ah, sim...

– Posso meter meu nariz onde não fui chamado e perguntar qual o motivo disso?

Archibald pensou um pouco e disse:

– Isso é muito estranho, eu não sei o motivo... – começou a caminhar, olhou para Alonzo e hesitou: – Talvez... talvez tenha sido algo que fiz com a irmã dele antes de ir para o mosteiro...

– Isso parece sério... Fico fora! – disse Alonzo, esquivando-se. – Vamos, o Sr. Atir deseja vê-lo.

– O Sr. Atir?

– Sim, não sabe quem é o Sr. Atir?

– É claro que sei! – disse, um pouco irritado.

– Ei, calma lá! Eu só imaginei que a pancada que você tomou pudesse ter afetado seu julgamento...

– Desculpe, mas, para falar a verdade, acho que meu julgamento já foi afetado de alguma forma que ainda não sei! – e pensou: “Mas começo a desconfiar...”

Alonzo conduziu-o ao local onde estivera antes de sua viagem, no lado oeste da praça. Eram circunstâncias diferentes, então. O tempo estava mais quente, o mercado, mais cheio, sua cabeça, mais tranqüila e seu nariz certamente não doía como agora. Em vez de subir uma escadaria, como haviam feito antes, desceram. Havia um amplo salão, com lamparinas de óleo distribuídas pelas paredes, decorado com esculturas, pinturas e diversos tipos de vasos e enfeites. No centro, uma pesada mesa de madeira avermelhada e cadeiras estofadas com veludo vermelho, tudo feito com

material muito requintado, que só vira antes em palácios ou casas de nobres. O local tinha um cheiro parecido com o da biblioteca do mosteiro. Lembrou-se de mestre Landerfalt, que quase sempre estava na biblioteca. Certamente, trancar-se em lugares que tinham cheiro de história antiga era um dos pontos em comum entre seu Mestre e Atir, bastante amigos.

Atir estava sentado ao lado da cabeceira, lendo um grosso livro, iluminado por um candelabro dourado de sete velas, ornamentado com delicadas formas ovais. Elevou seu olhar e mostrou-se surpreso.

– Oh! Archibald DeReifos! Que surpresa!

Archibald não entendeu a surpresa de Atir, já que ele o mandara buscar, e imaginou que deveria estar sendo educado. Mesmo assim, cumprimentou calorosamente comerciante, que disse, com sua característica voz grave:

– Sente-se, por favor, meu caro.

Alonzo retirou-se após uma breve troca de olhares com seu chefe.

– Minha chegada não é uma verdadeira surpresa, é? – disse Archibald.

– Pois sim, é uma surpresa! Ouvi dizer que estava bastante enfermo e que não deixaria seus aposentos antes do final do inverno! Ao que parece, foi apenas um boato, não?

– Não... quero dizer, sim. – disse Archibald, confuso.

– Pelo inchaço do seu rosto, imagino que esteve muito pior. – observou Atir.

– Não, na verdade não havia sofrido nada no rosto, isso é recente. Aconteceu há pouco, na feira. Um grandalhão resolveu implicar comigo e me acertou um belo soco entre os olhos... – contou, em tom de lamentação, enquanto massageava o nariz.

– Estranho alguém procurar confusão com um monge Naomir... Qual foi o desfecho disso?

– Não sei bem, fiquei inconsciente e parece que estou aqui graças a Alonzo.

– Entendo... provavelmente alguma de suas brigas antigas, não? Você era muito brigão antes de o levarem para o mosteiro... – explicou Atir.

– Você deve estar certo, mas não me lembro muito bem o que houve...

– É bom se cuidar. Inimigos do passado podem ser muito perigosos.

Archibald reparava que ele não usava seu turbante, como de costume; podia ver os cabelos muito curtos e grisalhos como a barba. Usava um

interessante vidro sobre o olho esquerdo, ligado por uma corrente dourada a um brinco.

– Não esperava que viesse tão cedo; isso é ótimo! Havia deixado meus homens avisados. Pedi a eles que o trouxessem aqui, se o vissem nas redondezas. – explicou finalmente Atir.

Archibald aceitou a explicação, pois sabia do interesse do velho comerciante em vê-lo.

– Quer saber das novidades de Tisamir, não é? – o monge foi direto ao assunto, sem mais rodeios. Atir apenas acenou com a cabeça. – Fique tranqüilo, a gema foi entregue sem maiores problemas... – acrescentou e pôde perceber um sutil alívio por parte do comerciante.

– E então, ele disse alguma coisa? Como estava? – quis saber Atir, com uma curiosidade ávida, perdendo um pouco a postura neutra que geralmente mantinha no tom de voz em assuntos comerciais.

– Pareceu-me bem, apesar de um tanto idoso. Acredito que sofria de dores da velhice e não estava com um humor muito bom... – relatou o jovem.

– Isso parece normal... O que ele disse sobre a gema?

– Não disse nada, mas sussurrou umas palavras e deixou escapar uma série de assobios estranhos ao examinar a pedra.

– O que mais?

– Ele disse que ia trabalhar nela junto com os anões e que ela demoraria um ano ou dois para ficar pronta.

– Um ano ou dois? – sua voz saiu alta, como se ele tivesse sido insultado. Levantou-se e repetiu, esbravejando: – Um ano ou dois?

– Foi o que ele disse... um ano ou dois. – repetiu o jovem, quase dolorosamente.

O homem começou a andar de um lado a outro, e Archibald notou que ele havia engordado um pouco. Resmungava para si vários insultos, que Archibald mal podia entender, captando apenas frases como “velho maldito!”, além de diversos palavrões.

– Sr. Atir. – chamou Archibald modestamente; sem resposta, insistiu: – Sr. Atir. – nada; foi então mais enfático: – Sr. Atir!

O homem parou entre um passo e outro, com o rosto avermelhado, e a lente pendurada pela corrente que esticava sua orelha balançando de um lado a outro.

– Ah, sim... – disse, tentando acalmar-se. – Por favor, me desculpe.

Archibald acenou com a cabeça, hesitou e acrescentou:

– Isso se encontrar os ingredientes corretos... pois, se não, talvez demore três ou quatro anos...

– Ingredientes corretos? Três ou quatro anos!? – gritou o há pouco controlado Sr. Atir.

Archibald sentia-se terrível por ter sido a pessoa encarregada de dar a ele notícias que, agora, descobria serem muito ruins. Ao contrário do que esperava, o comerciante acalmou-se, respirou fundo e disse:

– MUITÍSSIMO obrigado, jovem Archibald. Faça o favor de me deixar sozinho agora. Em breve, entrarei em contato para conversarmos com mais calma.

O monge quase não disse nada e saiu dali tão rápida e silenciosamente, que mal se notou. Ainda subindo as escadas, escutou gritos abafados:

– Três ou quatro anos? Quem aquele velho acha que é? Maldito salafatório!

Ao sair, deparou-se com Alonzo e mais alguns empregados da casa Atir. Um comentou ironicamente:

– Trouxe boas notícias para o patrão, não foi?

– Ele não está nada calmo. Se fosse vocês, não falaria com ele hoje. – disse Archibald.

Antes que respondessem, ouviu-se um urro, vindo de baixo.

– Alonzo!

Alonzo olhou para Archibald e disse, lamentando-se:

– Eu gostaria de ter essa opção, meu caro. Cuide-se!

– Boa sorte! – disse Archibald, que apertou um pouco os olhos ao receber a iluminação do dia no rosto, e saiu do estabelecimento.

CAPÍTULO 30

Kiorina começava a ficar apreensiva. Já passava da hora de almoço e Mishtra ainda não havia aparecido. Noran não acordava, e ela não o deixaria ali, indefeso. A única coisa que podia fazer era esperar que Mishtra retornasse. Mas e se ela não pudesse retornar por algum motivo? O que faria? Se não bastasse a preocupação, sentia muita fome. Por que a silfa não tentou explicar aonde estaria durante toda a manhã?

Já tentara dezenas de vezes realizar o encanto de comunicação que havia visto em um dos tomos da Alta Escola dos Magos para contatá-la. Além de tentar o procedimento pronto, que nunca aprendera, tentou a técnica do improvisado; tudo sem sucesso. A magia, apesar de ser capaz de realizar muitos feitos, era extremamente complicada e havia a necessidade de dominar uma série de pequenas correntes de energia derivadas da energia maior, que tudo constitui e tudo cerca. Para fazer o mais simples dos encantos, o mago precisa, através de muita concentração, fazer as energias que estão em si e no meio correrem em um fluxo determinado e moldá-las para conseguir o efeito desejado. O caso é que existem mais de doze tipos de energias básicas, que, ao serem combinadas, produzem efeitos diferenciados. Dessas muitas formas de energia, Kiorina conseguia algum sucesso em apenas três, o que não era pouco, pois dificilmente um mago, no final de sua vida, era capaz de dominar todas as energias. Quando, porém, isso acontecia, o mago tornava-se capaz de criar novos feitiços ou mesmo realizar efeitos consagrados sem a necessidade de gestos e palavras, que são, segundo os grandes mestres, meros facilitadores das realizações mágicas. Parte da arte de controlar essas energias fora comparada pelos mestres à coordenação necessária não só para tocar certos instrumentos musicais, mas também criar músicas de valor.

Kiorina pensava em toda aquela teoria da magia e se arrependia por ter prestado tão pouca atenção às aulas teóricas, preocupando-se apenas com a prática, pois de nada adiantava saber que a energia que gerava o movimento

era componente das magias de comunicação e conexão, se não conseguia formular nada mais além disso.

Mesmo com toda a frustração, resolveu tentar mais uma vez. Levantou-se e concentrou longamente, pelo menos três vezes mais tempo que levaria para realizar um efeito que dominava. Algo bateu no chão de madeira e quebrou sua concentração. Viu uma pedra rolando. Assustou-se com aquilo e olhou para os lados. Atravessando a janela, viu mais uma pedra entrar no quarto, fazendo um barulho parecido ao que a anterior fizera. Caminhou até a janela, olhou a rua e viu que Mishtra estava lá embaixo.

– Mishtra!

A silfa respondeu com um olhar de reprovação e fez um gesto para que ela ficasse em silêncio, colocando o dedo indicador sobre os lábios. Tinha uma trouxa nas mãos. Fez menção de arremessá-la; Kiorina assustou-se, mas logo entendeu que ela só a estava prevenindo para o que iria fazer. Antes porém deu uma boa olhada em seu redor e viu que as poucas pessoas que passavam por ali não estavam prestando muita atenção nelas. Segurou a trouxa por sua ponta amarrada e fez um movimento de pêndulo, como que medindo a força que faria. Finalmente fez um sinal com a cabeça e arremessou a trouxa. O pacote descreveu um movimento perfeito até a janela e chegou suavemente às mãos de Kiorina, que, após desamarrar o nó, viu frutas e um odre. Colocou a trouxa sobre o chão e voltou à janela.

– Escute aqui, Mish...

Veio uma nova onda de frustração, pois já não podia avistar a silfa, que se aproveitara daquele breve instante para sumir, sem deixar traços. Decidiu que era melhor fechar a janela agora, já que não tentaria o encanto da comunicação novamente. Pegou as frutas e comeu algumas pequenas, rapidamente. Despejou um pouco do chá que Mishtra havia preparado em uma cuia rasa e, usando um encanto, o aqueceu. Cuidadosamente pegou a cuia e sentou-se na cama de Noran. Levantando sua cabeça, colocou o chá em sua boca, esperando alguma reação, que, para sua surpresa, aconteceu: ele fez uma careta de desgosto e tossiu fortemente. Por fim, Noran olhou nos olhos de Kiorina com um olhar apertado, como quem ainda não enxerga bem após acordar.

– Noran? Noran, você está bem?

– Não! E não ficarei enquanto vocês continuarem insistindo em me fazer beber este chá horrível!

Kiorina não pôde segurar seu impulso de abraçá-lo. Noran, pouco acostumado com contatos tão próximos, estranhou um pouco, deu uma risada e disse:

– Calma, garota, assim você há de matar-me!

– Desculpe-me, é que pensei que você não ia conseguir.

– Está bem... – fez uma careta de dor e sentou-se. – Vamos resolver uns assuntos...

– Ei... Você não está pensando em sair agora... está?

Noran olhou para a ruiva com o canto dos olhos e pôs-se de pé. Kiorina levantou-se e rodeou a cama para confrontar o há pouco enfermo e frágil Noran. Despejou em palavras rápidas um pequeno sermão:

– Isso é loucura! Você precisa repousar antes de fazermos qualquer coisa! Nunca vi nem ouvi falar de alguém que tivesse ficado à beira da morte e, num estalar de dedos, saísse andando por aí!

Evitando opor-se diretamente aos argumentos de Kiorina, Noran procurou explicar-lhe a situação:

– Fique calma e escute com atenção. – disse serenamente. – Você é uma estudante da magia e, como tal, sabe que, às vezes, pode ser difícil explicar efeitos mágicos às pessoas que pouco entendem ou ignoram a magia. O que houve aqui é o mesmo. Enquanto repousava, eu operava meu próprio corpo através de um controle que deriva da utilização e canalização das energias corporais, a fim de ficar pronto para agir quando despertasse.

A explicação pareceu bastante razoável, apesar de não fazer nenhum sentido.

– Então, tem certeza de que está bem? – tentava confirmar a moça.

– Não se preocupe e vamos! Temos que encontrar Mishtra e descobrir o que está havendo. Além disso, preciso livrar-me do resto do veneno que ainda está no meu corpo!

Noran estava com uma aparência bastante ruim e cheirava mal. Combinou com Kiorina que iria à casa de banhos do hotel e a encontraria no salão principal. Esse salão era amplo e luxuosamente decorado, tendo sido construído para ser utilizado pela nobreza, ricos comerciantes, oficiais militares ou qualquer um que pudesse pagar altos preços. Apesar de estarem em época de guerra, o hotel tinha alguns hóspedes, que se encontravam para conversar no salão e por ali ficavam horas, sem estímulo para sair, devido ao mau tempo.

Antes de ir para o salão, Kiorina também foi trocar-se, mas o fez rapidamente, chegando mais cedo. Esperou por Noran algum tempo, no qual pensou melhor em toda a situação. Um pouco mais calma, devido à recuperação de Noran, pôde pensar mais claramente em outros episódios recentes. Antes do misterioso e ilustre cidadão de Tisamir chegar, ainda pensou em algumas coisas que precisavam ser esclarecidas. Imaginava se perguntar sobre os fatos que aconteceram enquanto Noran estivera inconsciente não seria loucura demais. No entanto, não conseguia parar de pensar que, de alguma forma, ele tinha parte nos estranhos acontecimentos da noite anterior. Finalmente se encontraram, e Kiorina pediu que conversassem um pouco antes de saírem em busca de Mishtra. Noran relutou, mas acabou cedendo, para poupar tempo.

– O que aconteceu ontem à noite? Quero dizer, o que realmente aconteceu ontem à noite? – demandou Kiorina, em um tom baixo.

– Você acha que tenho todas as respostas que deseja?

– Não me venha com suas esquivas, Sr. Noran. Eu preciso saber o que está havendo para não comprometer nossa missão. – insistiu Kiorina, determinada, pois tinha convicção de que Noran possuía alguma informação.

– Muito bem, o que exatamente deseja saber?

– Você teve alguma coisa a ver com o arremesso daquele homem pela janela?

Houve uma pausa; Noran parecia refletir. Finalmente disse:

– Sim, mas não de uma forma que você entenderia.

Kiorina observava as marcas na testa de Noran. Ficou bastante intrigada. Disse:

– Como assim?

Noran fez um sinal para que falasse mais baixo e respondeu:

– Não temos tempo para explicações e, mesmo se tentasse lhe explicar, acho que não conseguiria.

Perante ao olhar inquisitório e frustrado da menina, completou:

– Pelo menos, não no momento.

– E quanto ao comportamento estranho de Mishtra? Tem alguma idéia?

– Se o que imagino é verdade, temos de encontrá-la logo, pois se ficar só, sem orientação, poderá correr perigo!

– Como assim?

– Vamos! No caminho tentarei explicar...

Saíram do hotel e logo foram acertados por uma rajada de vento bastante forte e gelado, que fez com que os cabelos de Noran chicoteassem o ar. Mesmo vestindo grossas peles, sentiam frio, mas era um frio tolerável. Logo, desceram a rua, uma ladeira íngreme, para procurar a silfa.

– E então? – insistiu Kiorina.

Noran parecia um pouco distraído e não respondeu imediatamente. Sem olhar para a garota, disse:

– Acredito ter descoberto a vocação de Mishtra...

– Vocação?

– É, seu Rhashaik. – disse e, ao chegar à próxima esquina, fez um gesto com a cabeça, como se farejasse o ar. Decidiu tomar o caminho da esquerda.

– Rhasaiki? – disse Kiorina, falhando ao repetir a palavra que ouvira.

– Rhashaik. – repetiu Noran, lentamente. – Uma forte inclinação do Jii.

– Jii... essa eu já ouvi falar. – refletiu Kiorina.

– O Jii é o que vocês magos chamam de maná, a energia que tudo cerca.

– E o que isso quer dizer exatamente?

– Ainda não tenho certeza, mas acredito que o Rhashaik de Mishtra é um dos mais raros, o que permite a visão do mundo invisível.

– Mundo invisível? – Kiorina não conseguia assimilar toda a novidade, principalmente correndo naquele frio.

– Sim, o que está por trás de tudo...

– E o que isso implica?

Noran parou por um instante e fixou o olhar em Kiorina. Respondeu:

– Implica que ela pode ter sérios problemas. Deixe-me explicar: ontem forçosamente tive que entrar em contato com o mundo invisível, coisa que já fiz várias vezes na minha cidade natal. Quando o fiz aqui, porém, vi algo totalmente novo para mim, coisas muito estranhas e assustadoras.

– Não estou entendendo nada.

– Não se preocupe, ainda é difícil também para mim entender o que ocorre. O fato é que, se ela estiver vendo o que eu vi, pode acabar fazendo uma besteira... – parou um momento, observando o céu trovejante e de um cinza profundo. – E o pior... se eu estiver certo, ela é um elo entre o mundo físico e o mundo invisível. Ela corre muito perigo, Kiorina, precisamos tirá-la daqui prontamente! – apontou o dedo na direção de umas casinhas afastadas da cidade e disse: – Ela está naquela direção.

Andavam bem rápido, pois uma tempestade estava por vir, o que deixava Noran mais preocupado. Começaram a rugir trovões em todas as direções e relâmpagos iluminavam o céu, que, mesmo antes do anoitecer, estava enegrecido. Um vento incrível começou a balançar as árvores, fazendo cair a neve que estava depositada sobre elas. O ruído dos galhos era perturbador. Kiorina apertava bem os olhos e segurava o gorro de pele cinzenta que tinha na cabeça, olhando ao redor. Não havia ninguém nas imediações. Ao longe, podia ver a cidade com suas casas iluminadas com luzes amareladas e as janelas fechadas. Estava com muito medo.

– Noran! – gritou.

– O quê?

– Vamos voltar!

– Não! – gritou Noran, sentindo seu rosto ser rasgado por centenas de adagas afiadas. – Esta tempestade não é natural!

– Como?

– Não sei explicar, apenas sei que não é uma tempestade natural. Temos que encontrar Mishtra!

– Olhe! – indicou Kiorina.

Havia uma pessoa à meia distância, segurando um portão e olhando o vale acima. Noran e Kiorina correram e, ao chegar mais perto, viram que se tratava de uma mulher bastante velha, que falava algo incompreensível.

– O que houve, minha senhora? – quis saber Noran.

– Oh, bom senhor, é minha netinha... ela saiu para os campos e não voltou! – disse a velha com uma expressão de dor tão forte, que comovia.

– Diga-nos o nome de sua neta, que vamos encontrá-la! – disse Kiorina, num tom encorajador.

– Não precisa, senhorita, os deuses me mandaram uma bela fada, que vai me ajudar! Vocês devem agora se proteger da tempestade.

– Fada? – retrucou Kiorina.

– Sim, uma linda fada! Ela chegou aqui mais cedo, quando eu estava procurando minha neta. Ela se aproximou e eu lhe contei que minha netinha estava perdida. Ela me lançou um olhar muito especial. O vento levantou seu véu, revelando um rosto de fada. Ela foi para onde eu havia-lhe dito que minha netinha costumava ir brincar. Eu sei que ela vai trazer minha neta de volta.

– Quando isso aconteceu, minha senhora?

– Quando? – pareceu pensar um pouco; disse: – Antes da tempestade... antes da tempestade.

– Muito obrigada. Vamos encontrar sua netinha. – disse Kiorina.

– Que bondade a sua...

– Como ela é? Qual a sua altura? – quis saber Noran.

– Ela é alta... da sua altura! – disse, apontando Noran e sorrindo.

Continuou: – Tem cabelos e olhos bastante escuros. Chama-se Ila.

– A fada foi por ali? – Kiorina indicou o local.

A velha confirmou e eles seguiram. Antes de perderem a velha de vista, Noran comentou:

– A pobre velha está ficando senil...

– Como sabe?

– A netinha de que ela fala é uma moça adulta que sumiu no verão passado! Antes que pense que invadi a mente da pobre velhinha, deixe-me esclarecer que não o fiz. Sei porque ela estava praticamente projetando isso para todos os lados.

– E a fada é Mishtra mesmo?

– É sim, eu captei sua imagem quando ela descreveu como o vento retirou o capuz.

– Então, vamos!

Mais alguns minutos de caminhada e se viram no meio do nada, cercados de montes de neve por todos os lados. Já estavam duvidando de que achariam Mishtra, quando Kiorina encontrou pegadas no chão. Ao mesmo tempo, Noran revelou estar sentindo presenças perturbadoras. Correram, já um pouco fatigados, morro acima, certos de que, após o cume, encontrariam Mishtra.

Encontraram o dono das pegadas, que não era a silfa. Estava estirado no chão, de barriga para cima, um homem vestido com um robe cinza escuro, de rosto pálido e com a boca aberta, mostrando os dentes amarelos. Tinha atravessada em seu peito uma flecha bem construída, certamente disparada pela silfa.

Mais à frente, outro corpo com o crânio perfurado envolvido por neve rosada. Parece que tinham encontrado a trilha. Na verdade, não haviam atingido o ponto mais alto, senão uma inflexão no formato de monte, que não era muito alto, apenas mais um entre as dezenas por que tinham passado.

Apesar de mórbido, ao notarem que os dois homens calçavam sapatos de neve amarrados às botas, com a base três vezes mais larga que elas, Noran e Kiorina trataram de apossar-se deles. O tempo que gastaram seria recuperado pela maior mobilidade. Ainda não era noite, mas não tardaria para o sol se pôr.

Avançaram morro acima mais uma vez, com os primeiros passos ainda desajeitados; logo porém conseguiram mais desenvoltura. Antes de chegar ao topo, Noran anunciou:

– Posso senti-la. Ela...

E perdeu a fala, ao ver que, subitamente, Kiorina deu um grande salto por cima dele, atravessando o topo do morro. Depois disso, desceu velozmente e pousou, sem conseguir parar, deslizando sobre os sapatos de neve morro abaixo. Havia avistado Mishtra; ela lutava com alguns homens que tentavam capturá-la. Pensou em usar algum encantamento ígneo, mas logo desistiu, pois estava muito frio para isso. Em vez de entrar na luta, deu um grito para chamar a atenção dos atacantes. Mishtra aproveitou a distração provocada com a ação da ruiva e fendeu a garganta de um dos homens com sua espada sílfica. Depois pulou ferozmente para cima do outro, trocando de empunhadura no ar para penetrar-lhe o peito. No mesmo instante, a ponta da lâmina, que cortava e perfurava como um espeto quente na neve, apareceu do outro lado do homem. Caiu por cima dele e ambos deslizaram ligeiramente. Um terceiro homem procurou aproveitar-se da posição desfavorável daquela guerreira sanguinolenta para desferir um golpe que seria letal. Mishtra, porém, girando velozmente sobre o próprio corpo, gerou um impulso com sua perna direita, travando as do inimigo e o derrubando. Encolheu-se, trazendo os braços até as pernas, que permaneciam enroscadas nas do inimigo. Presa à bota, havia uma fina adaga, que sacou em um piscar de olhos e, descrevendo um arco com todo o corpo, cravou no peito do homem, que ainda tentava entender como caíra.

Um quarto elemento mais atrás parecia evocar um feitiço. Kiorina assustou-se com a repentina eliminação de três vidas. Tudo foi mais rápido do que seu entendimento sobre o que estava acontecendo. Mas sua atenção foi logo atraída para o quarto homem. Usava um capuz que lhe cobria a cabeça e possuía alguma coisa atada à face. Segurava em uma das mãos um objeto branco amarelado. Parecia ter concluído seu feitiço, mas não se percebia nenhum efeito físico.

Enquanto isso, Mishtra levantava-se, coberta de sangue e dominada pela cólera. Ao olhar para ela, o homem depositou o objeto branco no chão e começou a deslizar monte abaixo com a ajuda de esquis. Logo atingiu grande velocidade e não mais podia ser alcançado.

Só então Noran despontou no cume do monte e começou a descê-lo em passos largos. Sentia a forte cólera que dominava Mishtra e o pavor que Kiorina sentia.

“Mishtra, acalme-se! Acabou!” – o pensamento foi direto para a mente da silfa. Aquilo pareceu fazer com que ela voltasse a pensar. “Noran?” – pensou no nome do companheiro com uma grande carga de preocupação.

“Eu estou bem, e você?”

“Agora, tudo bem...”

Kiorina aproximou-se da silfa. Já estava escurecendo e a ruiva pôde ver, entre um relâmpago e outro, o rosto dela, cheio de manchas de sangue. Depositava seu olhar plácido sobre Noran.

CAPÍTULO 31

Estava escuro e não conseguiam acender uma tocha, mesmo usando a magia de Kiorina. Teriam de se contentar com os relâmpagos para conseguir ver alguma coisa. Ainda não tinham saído do local da carnificina promovida por Mishtra. Uma pessoa com quem a silfa tivesse convivido por algum tempo, como Gorum, nunca poderia imaginar que ela era uma guerreira tão selvagem. Herdara todos os delicados trejeitos dos silfos, sendo como uma flor do deserto. Dentro dela, porém, havia algo muito parecido com a tempestade que estava chegando.

– Estou com uma estranha sensação... – disse Noran, com os olhos bem abertos, mas sem conseguir enxergar bem.

Mishtra concordou com um aceno. Virou-se lentamente para trás e, vendo algo assustador, pulou na direção de Noran. Estabeleceu contato mental e gritou “Noran!”

“O que houve?” – segurou-a, procurando acalmá-la.

“Ali! Ali!” – indicava com as mãos.

Mishtra não entendia bem, mas algumas vezes via coisas que aparentemente ninguém via. Isso foi muito forte quando ainda era uma criança bem pequena. Lourish, o ancião do Clã, que lhe ensinara a linguagem dos sinais, disse que coisas assim aconteciam às vezes com os jovens e que era normal. Acrescentou que os Nam-lu não podiam machucá-la e que, ao contrário, a maioria deles procuraria protegê-la.

Estava ali diante deles, somente visível aos olhos da silfa, uma horrenda criatura. Uma espécie de serpente que saiu da neve e se transformou num homem muito feio, com dentes pontiagudos, mãos enormes, unhas esbranquiçadas, longas como adagas, constituído de matéria semitransparente.

Noran sentiu uma presença vil, uma presença de morte muito poderosa e um padrão de pensamento descentralizado, com intenções de destruição. Para sua surpresa, começou a ver um fraco brilho azulado, algo como uma chama instável cintilando no ar, à meia distância, aproximando-se

rapidamente. Kiorina sentiu um forte calafrio e coçou os olhos para ter certeza do que estava vendo diante de si.

– Estou vendo! – disse Noran, em voz alta.

Kiorina, antes de perder o controle, procurou concentrar-se e lembrar-se de tudo o que aprendera na Alta Escola dos Magos referente a espíritos e aparições. Sem pensar duas vezes, começou a preparar o mais forte encanto das magias do fogo que conhecia. Mishtra desembainhou sua lâmina sífica e se preparou para a defesa. Noran procurava encontrar uma forma de estabelecer contato mental, para tentar algum ataque ou persuasão. A criatura flutuava na direção do grupo; quanto mais se aproximava, deixando ver melhor seu corpo desforme e repugnante, mais apavorava Mishtra. Kiorina o via como sendo apenas uma tripa de fogos azuis semitransparentes e tomou a frente do grupo. Quando criatura chegou perto dela, a ruiva liberou seu feitiço: uma enorme labareda na forma de um jato foi projetada de suas mãos tencionadas. O efeito, apesar de espetacular, fora bastante reduzido pelas condições frias do local.

Mishtra viu o rosto da criatura contorcendo-se em dor e escutou um grito horrível em sua mente. Noran captou o grito, mas o que viu, assim como Kiorina, foi apenas fogos azuis dispersando-se em volta do jato de chamas, formando uma espécie de aro turbulento. Kiorina sentiu suas pernas bambeando pelo esforço que havia feito e interrompeu seu fluxo. A silfa viu no olhar da criatura uma intensa cólera concentrada em Kiorina. Só então, percebeu uma tênue camada de energia avermelhada que circundava a garota, principalmente acima da cabeça e dos ombros.

Nesse momento, a silfa desejou, com todas as forças, soltar sua voz, mas quase nada saiu, apenas um assobio ralo que ela própria mal pôde ouvir. Desesperada, tentou gritar na mente de Kiorina um aviso de cuidado, que aparentemente não funcionou. A criatura, logo após seu aviso, cravou sua enormes unhas no tórax da garota. Kiorina soltou todo ar que tinha nos pulmões em um suspiro doloroso. Sentiu uma dor aguda dentro de si, como se uma dezena facas de fogo lhe houvessem penetrado em um só instante.

Noran procurava exaustivamente um ponto que pudesse ser considerado o centro nervoso daquele ser, mas não conseguia.

Mishtra, tomada de horror, pulou em direção à criatura. Segurando a espada sífica com ambas as mãos, golpeou-a num arco vertical, que

simplesmente atravessou o ar produzindo um assobio e terminou seu caminho na neve do chão.

Kiorina sentiu a dor percorrer todo o seu corpo; ao chegar em sua mente, paralisou seus pensamentos, impedindo que o encanto que convocava sob intensa dor se concretizasse. Finalmente, foi tomada de uma fraqueza sem igual, que resultou em seu desmaio.

Noran, ao vê-la caída, resolveu enviar uma série de ataques na direção da criatura. Fazendo grande esforço, emitia sons nasais, que mais pareciam uma canção repetitiva e sem palavras. Mishtra, no chão, observava com assombro uma concentração de energias, uma aura de um amarelo intenso, ao redor de todo o ser de Noran. Dessa energia, raios de luz amarela eram projetados e perfuravam a criatura, queimando algumas de suas partes. Das dezenas de raios que Noran enviava, porém, apenas uns poucos atingiam a criatura, que torcia seu corpo procurando escapar dos ataques do discípulo de Kivion. Mishtra então a viu, em agonia, mergulhar em direção ao solo, sumindo sob a neve. Olhava a cabeça de Noran, que, com dezenas de veias infladas, como raízes de uma árvore subindo-lhe as têmporas, parecia querer explodir. Finalmente ele cessou o ataque, fechou os olhos e colocou ambas as mãos sobre a cabeça. Sem poder usar sua telepatia, anunciou, em voz alta:

– Cuide-se, Mishtra! Ele ainda está aqui!

Ela pulou e olhou à sua volta. Nesse momento, viu atrás de Noran uma figura conhecida, uma enorme figura feminina, em cujo interior havia um intenso brilho branco, que não se projetava ao exterior. Essa silhueta de luz esplêndida aproximou-se de Noran e acariciou-lhe a cabeça. Ele então soltou um suspiro de relaxamento.

Mishtra olhava ao seu redor e notava que suas visões cada vez possuíam mais e mais detalhes. No lugar onde momentos atrás havia uma árvore seca e retorcida, viu uma bela árvore com um brilho verde amarelado, cheia de frutos que mais pareciam bolas de luz. Viu também muito longe um pastor e centenas de animais quadrúpedes, todos feitos de tênue luz. A voz com quem falara na noite anterior preencheu sua mente com doçura, dizendo:

– Cuide de meu Noran e seja forte, pois não tarda a chegar ajuda.

Só agora Mishtra compreendeu que aquela mulher de luz branca era a Nam-lu de Noran. Todos os silfos possuem Nam-lus que olham por eles. Esses seres habitam as árvores e é possível conversar com eles. Esse é um

dos motivos pelos quais os silfos têm o dever de defender suas árvores contra parasitas ou qualquer outro tipo de ameaça. A Nam-lu de Noran sumiu da mesma forma que havia aparecido, e o coração de Mishtra novamente disparou.

A criatura apareceu abaixo de Noran e, com suas garras, agarrou-lhe as pernas. Noran sentiu uma contração nos músculos, seguida de forte dor. Olhou para baixo e pôde identificar a criatura: um verdadeiro predador, que, mesmo esburacado, avançou com uma mordida feroz na barriga de sua presa. A dor foi imensa, e uma reação parecia improvável. Uma nova mordida foi dirigida à garganta, deixando-o paralisado. Um grito estridente rompeu a noite. Com os pés movimentando-se como raios, um chute impediu a terceira mordida, dirigida à cabeça. Após uma acrobacia, o vulto negro que saíra do nada pousou no chão, com a leveza de uma pluma. A criatura soltou Noran para enfrentar esse novo inimigo.

A silfa fixou os olhos sobre a ajuda que a moça de luz branca mencionara. Era algo que, apesar de parecer físico, era, na verdade, constituído por uma energia luminosa, de cor indefinida.

A criatura flutuou na direção da silhueta humana em um ataque feroz com as garras. Ele, em um movimento sinuoso e coordenado, reagiu, enroscando seu braço no braço da criatura e, apoiando-se nela, criou um grande impulso, girando ao redor de si e desferindo-lhe um violento chute no rosto. Em seguida, com velocidade impressionante, atingiu-o ainda com uma série de socos.

Na visão da silfa, havia fagulhas de luz que saltavam em explosões todas as vezes que os punhos cerrados se encontravam, até que a criatura se desmanchou, como uma espessa calda de brilho azulado, penetrando na neve.

Noran estava um pouco tonto, mas conseguiu perceber que a presença vil havia desaparecido. Agradeceu ao estranho prontamente:

– Muito obrigado por nos ajudar! Se pudermos retribuir de alguma forma...

O homem aproximou-se, tirando do colete uma pedra brilhante. Largou-a no ar e ela permaneceu flutuando a seu lado.

– Parece que sua amiga precisa de ajuda. – declarou, revelando uma voz que soava como um sussurro, de tão rouca.

Logo aproximaram-se de Kiorina, que parecia recobrar a consciência.

– Ai, que dor de cabeça... – resmungava.

– Acho que ela vai ficar boa. – arriscou o estranho.

– Qual é o seu nome? – indagou Noran.

– Vekkardi. Perdoem a minha voz, mas com esse tempo e com o que tenho gritado nos últimos dias... – disse o estranho.

Iluminados pela luz, todos puderam se ver. Vekkardi era um homem jovem, branco, usava barba rala e tinha olhos e cabelos castanhos.

– Gritado? – indagou Noran.

– Estou procurando meu irmão, Rikkardi. Ele é muito jovem e impetuoso, apenas um rapazote metido a cavaleiro errante; um pouco magro, mas com a musculatura definida; cabelos negros e compridos; personalidade inconfundível. Se o virem, digam-lhe, por favor, para voltar para casa e que seu irmão o esteve procurando. Bem, isso é tudo... Seguirei meu caminho. Foi um prazer encontrá-los! – disse Vekkardi e se foi.

– Muito obrigado novamente! – disse Noran. – Se encontrarmos seu irmão, passaremos o recado.

Vekkardi virou-se e acenou. Guardou a pedra brilhante e sumiu na escuridão.

– Puxa, que noite! – exclamou Noran.

– Vamos logo, antes que essa tempestade resolva cair em nossas cabeças! – disse Kiorina.

Somente agora dando-se conta do ocorrido, Kiorina perguntou, dolorosamente:

– O que aconteceu? Quem era aquele homem?

Noran surpreendeu-se com as perguntas e imaginou que o ataque da criatura pudesse ter afetado a garota.

Mishtra parecia bastante incomodada e contatou Noran.

“Noran, por favor, ajude-me a parar de ver essas coisas...” – implorou a silfa.

Com duas demandas simultâneas, Noran disse:

– Vamos andando, Kiorina; quando estivermos em lugar seguro, falaremos sobre isso.

Kiorina ficou com a sensação de que não encontrariam um lugar seguro tão cedo.

Noran tocou a cabeça de Mishtra e pediu que fechasse os olhos e tentasse relaxar. Ela relutou um pouco, mas acabou conseguindo. Noran procurou apaziguar a forte energia da mente da silfa.

– Pode abrir.

Ao abrir os olhos, a silfa sentiu um tremendo alívio por notar que voltava a ver somente o que havia de normal no mundo.

CAPÍTULO 32

O clima era tenso. As tropas em formação já podiam ser vistas da cidade sitiada. Estando em um terreno ligeiramente acima do vale em que a cidade ficava, podiam ter dela uma visão completa: um aglomerado de construções simples, retangulares, acinzentadas, cobertas pela neve, dentre as quais se destacavam o castelo e a catedral, erguidos, lado a lado, dentro da muralha mais interna da cidade. Visto do alto, o contorno da muralha possuía um formato retangular distorcido, aproximando-se de um trapézio.

Outras construções que se diferenciavam eram os fortes, o farol e o porto, uma enseada natural, transformada num cais depois da construção da dupla e extensa muralha, uma junto à terra, outra paralela, saindo da ponta da enseada e cortando-a até a metade, formando uma espécie de lagoa semi-aberta, onde as embarcações atracavam.

Aparentemente, a chegada das tropas já havia sido notada tanto pelos bestiais, como pelos cidadãos de Grey. Por toda a extensão da cidade, podiam ser vistos pequenos pontos escuros contra o cenário branco em movimento. Os tambores dos bestiais começavam a soar, e viam-se grupos se formar em vários pontos da cidade. Não haveria tempo a perder, se quisessem evitar que os bestiais se organizassem. O general Graff, que integrava as forças de Grey antes da chegada dos reforços de Kamanesh, ordenou o avanço.

Não se havia formado o grupamento de cavalaria, como seria normal no caso de um combate em campos abertos. Se fosse o caso, Kyle não estaria no comando de seu pelotão. Foi formado apenas um pequeno grupo de cavalaria ligeira, de aproximadamente cem cavaleiros. Outros tantos se encontravam distribuídos em posições de comando ou em grupos menores de escolta.

A frente da marcha em direção à cidade era formada por cerca de quinhentos arqueiros, também equipados para atuar como homens de infantaria leve. Carregavam espadas curtas e vestiam armaduras feitas com várias camadas de couro curtido, bem mais leves que as de placas de metal, oferecendo uma proteção razoável. De qualquer forma, parecia que aquele

não seria um confronto direto e selvagem de todas forças bestiais contra as forças humanas.

Marcharam até as proximidades da cidade, ainda fora da muralha mais externa, região conquistada pelos bestiais. Foi ordenada uma diminuição na velocidade de avanço, com os arqueiros à frente sem ter disparado uma flecha sequer, por falta de alvos. Logo após a ordem, saindo de dentro e de trás de diversas casas ao longo das ruas da região externa ao muro, dezenas, a princípio, e logo após centenas de bestiais, segurando grandes escudos de madeira, começaram uma corrida frenética em direção aos arqueiros, que pareciam vulneráveis naquela posição. Uma onda de gritos horrendos preencheu o local: era o terror do avanço dos bestiais, contra os quais foram disparadas tantas flechas, que enegreceram o céu. Muitos foram atingidos, mas a grande maioria seguia em seu avanço frenético.

O capitão Domer Falcus, que comandava a cavalaria ligeira, colocou-a em avanço. Rapidamente ela atravessou os grupos de infantaria média e pesada, que também avançavam, visando tomar a frente dos arqueiros.

Com os bestiais quase alcançando os arqueiros, a cavalaria ligeira tomou a frente em uma formação de cinco filas, de vinte cavaleiros cada, empunhando lanças. Passando uma após a outra, as filas atropelavam os bestiais. Os escudos de madeira, que ofereceram boa proteção contra as flechas, eram trespassados pelas fortes lanças dos cavaleiros. Após acertar os bestiais, cada fila de cavaleiros fazia uma curva ordenada, mantendo a formação e dividindo-se, intercaladamente, em um grupo à esquerda e outro à direita. Davam lugar às tropas de infantaria média e pesada, com suas espadas de aço, escudos de aproximadamente um metro, armaduras de cota de malha ou de placas. A infantaria, cujo número de homens era de quatro para cada bestial restante, não teve em dificuldade em liquidá-los rapidamente.

Houve um ligeiro recuo das tropas, as quais se reorganizaram para a próxima investida. Os poucos feridos eram retirados pelos escudeiros e carregadores, que vinham logo atrás. O local onde se travou o massacre de cerca de quatro centenas de bestiais transformou-se em um horrível campo de lama rosada, com bestiais abatidos aqui e ali se retorcendo, gemendo ou soltando gritos de maldição.

Alguns dos comandantes, cavalgando para uma clareira na parte central das tropas, juntaram-se para, rapidamente, discutir as próximas ações.

Alguns batedores, aproveitando-se do caos da primeira batalha, tinham a missão de infiltrar-se em pontos estratégicos da cidade, que iam desde as fronteiras da muralha mais externa até, em alguns casos, atingir as muralhas mais internas e estabelecer contato com as forças militares sitiadas. Dali para frente, as lutas seriam mais localizadas e mais perigosas.

Rapidamente enviaram cinco pelotões mistos de infantaria média e arqueiros para tomar posições na parte externa da cidade. Na aproximação, pequenos combates foram travados com alguns poucos bestiais, que não haviam avançado com a grande massa. Logo, os arqueiros davam um jeito de posicionar-se no alto das casas daquela parte, geralmente pequenas e simples.

Os comandantes observavam a tomada da região, cerca de cinco quadras com aproximadamente três dúzias de casas. Sabiam que, atrás da muralha, devia haver muitos bestiais à espera de um ataque; só não sabiam quantos.

De cima da muralha, despontavam, aqui e ali, alguns bestiais que amaldiçoavam os atacantes e jogavam objetos, como lascas de madeira e pedras, algumas das quais muito grandes para serem lançadas tão longe.

Um jovem cavaleiro que estava próximo do pessoal de comando perguntou a seu superior:

– Senhor, estariam os bestiais se utilizando de algum mecanismo para arremessar tão longe aquelas pedras?

– Não sei, meu caro... – respondeu o capitão Domer Falcus entre os dentes. – Apenas sei que não são pedras. São cabeças humanas!

O jovem cavaleiro ficou irado; suas sobrancelhas se cerraram e a cólera tomou conta dele.

– Calma, agora. – disse o capitão, com voz profunda. – Você vai ter sua chance de apaziguar essa ira muito em breve. – o capitão ajeitou sobre a cabeça seu elmo com dezenas de chifres cravejados.

Enquanto isso, na retaguarda, os homens que haviam tomado parte daquele setor viam espantados o que o capitão não precisou ver de perto para identificar. Alguns, tomados de horror, vomitavam; outros começaram a disparar flechas contra a parte superior da muralha, sem encontrar alvos. O cavaleiro que comandava aqueles pelotões gritava:

– Não atirem! Guardem suas setas!

Só depois de comandar algumas vezes, os homens pararam de disparar.

Kyle recebeu a orientação para deixar seu cavalo e preparar-se para uma ação à pé junto com seus homens. Assim como ele, vários cavaleiros de segunda ordem desmontaram, cedendo seus cavalos a homens de infantaria, que estariam compondo um pelotão de cavalaria pesada. Ele recebeu instruções para avançar até o local tomado pelos pelotões dianteiros e aguardar. Notou que Gorum seria o líder desse novo grupo de cavalaria pesada que se agrupava naquele momento, composto por cerca de duzentos cavaleiros. Logo, chegaram às casas e foram dividindo o espaço de cobertura com os outros pelotões que tomavam todo aquele setor.

A pouca distância deles, estava o convidativo portão leste da cidade, passagem aberta, destruída pelos bestiais, que não podia ser fechada sem um bom esforço de engenharia.

Cada pelotão recebeu um nome e um número, para que a comunicação ficasse mais fácil. O de Kyle havia sido nomeado com o seu sobrenome e o número vinte e seis. Naquele momento, ele e seus homens eram apenas números e nomes na cabeça do pessoal do comando, em cujas decisões estavam depositadas suas vidas. Kyle encostou as costas no muro de uma casa, sentindo-se bastante apreensivo. Observava o pessoal da cavalaria pesada formar-se. Logo à frente deles, uma dezena de mensageiros atravessava o campo onde foi travada a primeira batalha. Corriam como loucos, pulando obstáculos, a maior parte dos quais, corpos de bestiais. Reparou que um dos mensageiros vinha em sua direção, e seu coração disparou. Estava prestes a receber as ordens que colocariam sua vida e a de seus homens sobre o desfiladeiro da morte. O mensageiro aproximou-se e disse:

– O pelotão Blackwing deve aguardar a passagem da cavalaria pesada e entrar logo em seguida. Deve atingir a muralha mais interna, próxima ao portão leste, da forma que o senhor acreditar ser a mais adequada.

– Muito bem. – disse Kyle.

O mensageiro logo seguiu seu caminho, dirigindo-se ao líder do próximo pelotão.

Kyle respirou fundo, procurando acalmar-se. Tinha de vencer o medo, o maior de toda a sua vida. Precisava dominá-lo imediatamente, precisava tirar as dúvidas de sua cabeça. Aquilo era uma loucura. Discutir planos, marchar e ficar em alerta não era nada se comparado àquilo. Fechou os olhos. O tempo parecia não passar. Lembrou-se de seu combate na floresta

de Shind e do hálito terrível daquele bestial que fizera com que sua mão sangrasse. Apertou o punho, lembrando-se da luta e de como havia derrotado um bestial extremamente belicoso. Pensou em suas lições e nas histórias que Gorum lhe contava sobre a guerra. Deixou-se invadir pela confiança e, como se tivesse sido acertado por um raio, abriu os olhos e pôs-se de pé, encarando seus homens.

– Chegou a hora, bravos! – disse, com a voz tomada por uma confiança tremenda. – Quando eu comandar, vamos atravessar aquele portão e cruzar a cidade até a muralha interna.

Nesse momento, escutou atrás de si a cavalaria pesada avançando. Nem mesmo se virou e, em poucos instantes, o barulho já lhe invadia os ouvidos. Viu passando à sua esquerda dezenas e dezenas de cavalos e cavaleiros em uma marcha corajosa, rumo ao desconhecido.

Assim que o último cavalo passou, desembainhou a espada, apontou-a para o céu e gritou tão forte, que sua garganta doeu:

– Por Aianaron! Vamos, homens! – e se pôs a correr. Viu que, nesse momento, outros quatro pelotões fizeram o mesmo. Um, posicionado mais à frente, já estava prestes a atravessar o enorme portão leste.

Os bestiais pareciam não estar bem preparados para deter aquele grande bando de cavaleiros e suas lanças, que adentraram a cidade praticamente sem oposição. Os que assistiram à primeira batalha certamente pensaram que era uma idéia letal opor-se ao avanço da cavalaria e suas lanças. No encalço dos cavaleiros, os pelotões entraram, um após o outro.

Ao contrário do que se esperava, as tropas de infantaria não encontraram grande oposição ao passar pela muralha. Só mais à frente é que viram dezenas e dezenas de bestiais nos topos das casas, à beira da pista leste-oeste da cidade. Tanto a cavalaria como a infantaria foram alvejadas por toda a sorte de projéteis, incluindo pedras, algumas flechas e parte de móveis, principalmente cadeiras.

A cena era ridícula do ponto de vista dos humanos, mas parecia que os bestiais, com seu espírito mesquinho e sádico, divertiam-se bastante com a situação, praguejando, gritando e gargalhando, enquanto arremessavam de tudo sobre os humanos. Apesar de as tropas serem castigadas pela chuva de lixo, avançavam, com escudos sobre a cabeça, para a cidade sitiada.

A situação se inverteu com a entrada dos pelotões de arqueiros, que alvejavam os bestiais entretidos com aquele jogo. Uma boa quantidade deles

sucumbiu; logo, muitos pararam de jogar objetos para procurar cobertura.

Até esse momento, o comando da operação de resgate demonstrava satisfação com o resultado. Enquanto mais da metade do pessoal de comando estava engajado no resgate propriamente dito, alguns deles permaneceram na retaguarda para melhor observar a movimentação e, se possível, organizar uma contra estratégia. Viram que, nas torres do castelo, agitavam-se bandeiras coloridas em reconhecimento ao ataque.

De uma das janelas, saiu, libertada, uma ave de rapina, que voou ao encontro do comando. Era um belo Falchin azulado. O general Graff esticou o braço para que a ave pousasse e pôde notar um broche amarrado a uma das patas do animal. Ele retirou o broche e contemplou sua bela pedra de um azul intenso. Segurou a jóia sobre a mão e apertou o olhar.

Aproximaram-se do general dois dos cavaleiros do Rei e um dos cavaleiros do Duque. Ele e o general, dentre os presentes, eram os únicos que haviam lutado na guerra, vinte anos atrás. O general possuía cabelos grisalhos, tendendo para o branco, pele bem vermelha, sem nenhum pelo, uma expressão severa e experiente. Vestia uma armadura de placas, que protegia o peito, as costas e um dos braços. Tinha presa às placas da armadura uma longa capa de um verde bem escuro, quase negro.

– Será algum tipo de mensagem mágica? – arriscou.

– Certo, meu caro Graff! – a voz foi reconhecida imediatamente como a do Conde de MontGrey.

– Senhor... – aguardou respeitosamente.

– Seu ataque obviamente não parece ter força suficiente para expulsar essas pragas de minha cidade!

– O senhor está correto. – respondeu friamente o general.

– Então, general, você pode me explicar a natureza desse ataque e o seu objetivo? – perguntou a voz demandante, que parecia vir de alguém mais jovem que o general.

– Resgatar os cidadãos de Grey, antes que seja tarde... – disse o general cuidadosamente.

– O quê? – veio um grito. – Você acredita que, depois de tudo isso, iremos simplesmente sair? Fugir? Como covardes?

– Senhor, procure entender... Com as forças de que dispomos, não é possív... – foi interrompido por mais um grito escandaloso.

– Escute aqui, general, se for fazer algo, faça direito, ouviu bem?

– Mas, meu senhor, e quanto às mulheres e crianças? – toda a angústia do general, que possuía família entre os que estavam na cidade, explicitou-se nessa frase.

– Eu não quero saber de queixas! Você vai ordenar a seus homens que tirem algum proveito desse ataque inútil, juntando suas forças às nossas para defender a cidade dessas criaturas estúpidas!

Os cavaleiros que estavam ali olharam para o general na sua frente, arregalando os olhos. Ele largou o broche no chão e pisou sobre ele, afundando-o na neve. O velho general olhou para os cavaleiros, montou em seu cavalo e disse:

– Vamos, temos que orientar nosso pessoal para tirar o povo de lá, nem que seja à força!

CAPÍTULO 33

Kyle conduzia seus homens pelas ruas de Grey. A cavalaria pesada havia alcançado o portão leste da segunda muralha, que ainda não fora aberto. Gorum parecia argumentar com os guardas da torre, sem sucesso. Para Kyle, ainda havia um grande percurso até chegar ao portão. A cavalaria fizera aquele caminho muito rapidamente, deixando a infantaria para trás. Adiante, havia um cruzamento de duas ruas largas, que o pelotão à frente de Kyle parecia hesitante em atravessar e ele logo descobriu o porquê: vinha das duas vias perpendiculares ao caminho que seguia algo que só podia ser descrito como um bolo de bestiais. Kyle observou, sem nada poder fazer, o pelotão que marchava à frente ser atacado por eles.

Kyle parou de avançar, indicando a seus homens fizessem o mesmo e instruindo-os a se posicionarem defensivamente e esperar os outros pelotões chegarem para dar apoio.

Logo os primeiros bestiais começaram enfrentar o Vinte e Seis. Depois de derrotar dois bestiais, Kyle notou que eles não estavam tão bem treinados nem armados como os que havia enfrentado em Shind. Logo ganhou mais confiança e, em vez de recuar, deu alguns passos à frente. Incentivava seus homens a fazerem o mesmo após derrotar cada bestial. Notou que podia derrotá-los com certa facilidade, a qual, no momento, não estava sendo partilhada por seus homens, que tiveram um treinamento muito menos severo e mais curto. Mesmo assim, acreditava que eles se sairiam bem.

O barulho era terrível, batida constante de metais, gritos, urros. Kyle sentia um calor intenso e parecia cozinhar dentro da armadura. As dores musculares do cansaço o castigavam, mas era necessário continuar, pois o número de bestiais que chegavam era incalculável. Viu atravessarem o céu, acima de sua cabeça, dezenas de flechas que caíam, vindas de onde pareciam brotar bestiais. Lembrou-se de que os homens do pelotão Nove poderiam estar ali ainda lutando, mas não podia fazer nada no momento, senão continuar a atravessar sua espada nas infelizes criaturas que cruzavam seu caminho.

Percebeu que cinco de seus homens haviam-se colocado junto a ele, formando um círculo em que cada um defendia as costas do outro. Havia perdido a conta de quantos bestiais derrubara. Eles eram completamente despreparados para um combate; bastava esperar que dessem o primeiro golpe afobado, defender-se com o escudo e atingi-los em algum ponto vital com a espada. O problema era que estava ficando cansado. O último bestial que enfrentara havia conseguido atingi-lo com um golpe pesado, do qual foi salvo pela armadura herdada de seu pai, que o defletiu.

Algo o animou: parecia que estavam alcançando alguns homens do pelotão Nove. Havia dois grupos dando combate aos bestiais, que vinham de todos os lados, além dos pelotões de infantaria média e pesada. Enquanto isso, o general Graff e os outros cavaleiros entravam na cidade pelo portão leste, acompanhados da cavalaria ligeira.

Um dos cavaleiros que cavalgava a seu lado chamou-o e disse:

– Os bestiais podem fechar o portão leste... O senhor está certo disso?

– Os bestiais irão fechar o portão! – respondeu o General, fechando a questão. Ele e a cavalaria avançavam pela avenida que levava ao portão leste da segunda muralha. Ao avistar a massa de bestiais desordenados combatendo suas tropas, comentou, em voz alta, com um cavaleiro com quem lutara na guerra de vinte anos atrás:

– Olhe só, estão usando nossas tropas para dar treinamento a seus novilhos.

– E também para cansar nossos homens...

Em pouco tempo, já estavam atravessando o aglomerado. Na porção anterior, uns poucos bestiais, que tinham conseguido passar pela infantaria, foram imediatamente alvejados por arqueiros posicionados em cima das casas, sem nem mesmo perceber de onde vieram os disparos. Ao ver o general e os outros atravessando as ruas, as tropas ganhavam nova energia e lutavam com maior ferocidade. A cavalaria ligeira havia passado pelo aglomerado; a vitória decerto estava garantida naquele segundo confronto.

O general chegou até o portão e ordenou a seus homens que o abrissem. Os guardas relutaram. Ele, afirmando sua posição, disse que assumiria a responsabilidade junto ao Conde, convencendo-os a abri-lo. Afinal, aquilo era uma operação militar e era ele o especialista, não o Conde. Assim que os portões foram abertos, toda a cavalaria entrou. Logo depois, os portões foram novamente fechados.

A infantaria nas ruas havia derrotado os bestiais, cuja quase totalidade foi morta, tendo fugido cidade afora uma pequena parte. Os pelotões organizavam-se em formação defensiva ao longo da via leste-oeste. Tiveram poucas baixas, sendo justamente o Nove o pelotão mais atingido. Nele, aproximadamente metade dos homens feneceu, inclusive o líder; dos remanescentes, poucos ficaram sem ferimentos. Os arqueiros ainda disparavam flechas nos poucos bestiais que estavam nos arredores. Havia tantos corpos deles na via, que era difícil andar sem pisá-los. Após o calor da batalha, sujos de sangue e cansados, os homens, para descansar, procuravam lugares dentro das casas, no topo das quais dezenas de arqueiros se distribuía. Estabeleceram comunicação com os guardas que estavam nas pequenas torres ao lado do portão leste da segunda muralha e que ajudavam a vigiar alguma possível movimentação de bestiais.

Haveria algum tempo de calma até que o general e os outros se organizassem e trouxessem o pessoal de dentro das muralhas. Foi organizada uma expedição para levar os feridos mais graves para fora da cidade e trazer suprimentos, para o que contaram com a ajuda do pessoal de apoio, escudeiros, carregadores e algumas mulheres, dentre as quais as que insistiram em acompanhar seus homens na guerra e as meretrizes.

Tiveram um fator natural a seu favor: perto do meio-dia, o tempo se abriu. As nuvens cederam um pouco, dando lugar ao sol, cuja luz era suficiente para incomodar bastante os olhos dos bestiais. Já estavam no início da tarde e a proximidade da noite era muito preocupante. Haviam descansado e discutido os motivos da demora em sair da muralha, tendo levantado a hipótese de que dali ninguém mais sairia, o que não fazia muito sentido. Imaginavam que, mesmo que estivessem organizando o pessoal para uma retirada, não poderia demorar tanto. Com a chegada da noite, seriam perseguidos e forçados a lutar.

Finalmente, os portões se abriram, mas apenas havia mulheres e crianças. Foi dada a orientação de escoltá-las até Amin e retornar imediatamente. Logo formou-se um bolsão, e as tropas conduziram todas aquelas pessoas através do local de batalha. Saíram sem maiores problemas. Os bestiais não tentaram fechar o portão leste da muralha mais externa, como o general Graff havia previsto, e não se sabia porquê. De qualquer forma, aqueles homens estavam saindo da cidade sitiada com vida, resgatando centenas de mulheres e crianças. Assim que se afastaram o suficiente,

sentiram a pura glória. O agradecimento que recebiam compensava toda dor e sofrimento por que passaram naquelas últimas semanas. Dois dias depois, chegaram até Amin e foram recebidos como heróis. Sabiam, porém, o alto preço que tiveram de pagar por isso...

Após um merecido dia de descanso, os dezesseis cavaleiros que haviam voltado da campanha em Grey reuniram-se para discutir o que fariam. Com praticamente todo o pessoal de comando lá, o cavaleiro Kandel, um dos favoritos do Duque de Kamanesh, parecia ter tomado a frente do grupo. Cabelos longos e louros, não tinha barba e usava, atravessada na testa, uma tiara de prata com uma esmeralda no centro. Sua expressão era bastante séria; ele raramente sorria. Não era muito maduro, não tinha vivido mais que trinta anos. Ainda assim, possuía grande experiência.

Havia passado o dia conversando com mensageiros e viajantes. Procurava reunir informações sobre o andamento da guerra. No início da reunião realizada na fortaleza em construção, deu as boas-novas e passou as informações que recolhera. Era esperada para os próximos dias a chegada dos destacamentos vindos do Baronato de Whiteleaf. Estava confirmado que seriam dois e que um deles seria comandado pelo próprio Barão de Whiteleaf, o qual teria como destino a cidade de Xilos. O outro, comandado pelo jovem filho do barão, Sir Aaron, viria para Amin. Outra boa notícia era a preparação, nos estaleiros da capital, Lacoresh, de uma frota de navios, mas esse reforço somente ficaria pronto na metade da primavera e talvez nem viesse a ser usado.

As notícias trazidas pelos batedores que conseguiram voltar da região próxima a Grey eram realmente preocupantes: lá, o número de bestiais era superior a cinco mil e uma nova horda avistada dobraria essa quantidade.

Depois de expor as informações, Kandel perguntou aos cavaleiros se teriam alguma idéia de como resolver a situação. Nada de significativo foi colocado, apenas os empecilhos que teriam para furar o cerco novamente. Estavam ali os jovens comandantes de um significativo corpo de tropa, animados por uma vitória recente, mas impedidos de fazer alguma coisa.

Foi sugerido que atraíssem os bestiais para um campo aberto, onde teriam chances de vencê-los com uma melhor estratégia de combate. Atacá-los em um posição defensiva não funcionaria.

– Como? – exclamou o cavaleiro Kandel, batendo o punho cerrado contra a mesa, pois toda aquela conversa educada estava lhe dando nos nervos. – Como atraí-los?

– Na verdade, não temos como. – respondeu Kyle, levantando-se. – Não podemos, porque não sabemos nada sobre os bestiais! A única coisa que aprendemos foi a odiá-los e dizer que são selvagens e estúpidos!

Houve um murmúrio de desaprovação no local. Todos ficaram espantados com a atitude e as palavras de Kyle, que, de pé, enfrentava aqueles cavaleiros como sendo um deles, talvez pela primeira vez. Naquela manhã, ao acordar, ele se lembrou da conversa que tivera com Archibald sobre o destino e sobre uma série de dificuldades que vencera para estar ali, vivo, naquele momento. Tomou consciência de sua realidade: estava no meio de uma guerra! Ao pensar nisso, percebeu que não havia mais comandantes para lhe dizer o que fazer. O que faria, então? A questão do destino voltou à sua cabeça, tomando-a toda. Era hora de enfrentar seu destino, ser um grande cavaleiro, como seu pai fora, e fazer alguma diferença. Percebeu que isso era o que todos esperavam dele. Nada, no entanto, aconteceria como num passe de mágica, pois seu destino dependia de suas ações, mais que das ações dos outros.

– O que vocês sabem sobre os bestiais? – desafiou Kyle.

Todos se calaram. Parecia que tinham uma visão única: eram selvagens que mereciam seu ódio por ameaçarem a paz do reino, suas famílias, seus campos e lares. Um dos cavaleiros quebrou o silêncio:

– Blackwing está certo. Como podemos vencê-los, se não sabemos o que esperar deles?

– Sabemos que vêm dos pântanos cinzentos de Yersh... – arriscou um outro.

O cavaleiro Kandel, o mais velho e experiente dali, aproximou-se, com interesse, de Kyle, que disse:

– Hoje, ao acordar, fiquei pensando... esses bestiais simplesmente não podem ser tão estúpidos como imaginamos. Todos aqui recebemos o comando pelo menos uma vez. Comandar e coordenar tropas não é fácil, vocês sabem. É preciso inteligência para formar tropas e coordená-las. O

que vemos? Dez mil bestiais em nossas terras, fazendo cerco a uma cidade... Se eles são estúpidos e conseguiram realizar isso tudo, então nós somos mais!

O que Kyle acabara de dizer não era nada agradável; alguns cavaleiros naturalmente não gostaram daquelas palavras nem da forma como foram pronunciadas. Kandel disse:

– Blackwing falou bem! Mas ele se engana... Nós não somos mais estúpidos que eles. Como sabem, antes de entrar para a cavalaria, estudei para ser sacerdote da Real Santa Igreja... Lá tive a oportunidade de ler muito. Durante meus estudos, li o que havia sobre a guerra de vinte anos atrás, pois interessava-me pela vida militar mais que pela religiosa. O que acontece agora é muito estranho... muito estranho mesmo. Nós vimos e combatemos bestiais, disso ninguém duvida, mas eles não estão se comportando como bestiais. Blackwing está certo! Já havia discutido isso em uma oportunidade com o general Graff. Para realizar tudo o que fizeram, foi preciso inteligência e coordenação. Isso nos faz perguntar: quem ou o que está coordenando os bestiais?

– Um feiticeiro poderoso! – Kyle arriscou, demonstrando confiança.

Todos olharam para ele, intrigados. Um dos cavaleiros logo disse:

– Como você sabe?

Kyle disse que era apenas um palpite, mas descreveu com detalhes seu encontro com os bestiais na floresta de Shind e a opinião de Archibald e Kiorina, mencionando-os como um monge Naomir e um aluno da Alta Escola dos Magos. Um dos cavaleiros zombou dele, dizendo sarcasticamente:

– Você não está se referindo àquela menininha ruiva, está Blackwing?

– Sim, estou, e quem é você para julgar o discernimento de uma feiticeira sobre magia? O mago conselheiro do Rei? – respondeu Kyle, com um olhar atravessado.

O cavaleiro tirou o sorriso do rosto e calou-se.

– Pode ser... – disse Kandel, em voz baixa.

– O quê? – perguntou um cavaleiro que estava perto deles.

– Poderia ser um plano dos silfos do mar para invadir nosso reino e tomar de volta as terras que um dia foram deles...

A maioria, sem entender o que o cavaleiro Kandel queria dizer, riu, espantada. Kyle e alguns outros seguiram o raciocínio.

– Poderiam estar oferecendo auxílio estratégico aos bestiais ou mesmo ações de bruxaria, magia negra!

Os cavaleiros que riram num primeiro momento pararam, exceto um, o que provocara Kyle momentos atrás. Ele passou dos risos às gargalhadas e se levantou.

– Magia negra? Ha, ha, ha! Só falta agora falar em fadas e elfos... – caminhou para a saída e acrescentou: – Quando vocês forem discutir uma estratégia para esmagar aqueles malditos, podem me chamar... – e saiu da sala, rindo.

– Não acredito... – disse um outro. – Todos sabem que os bestiais e os silfos se odeiam... São como presa e predador... Os silfos nunca se rebaixariam a ponto de negociar com os bestiais...

– Pode ser, mas parece que já chegamos a um consenso aqui. – disse Kandel. – Existe alguém por trás das ações dos bestiais e devemos derrotá-lo. Só precisamos descobrir quem ele é!

Kyle sentiu algo dentro de si, viu que suas ações, suas palavras tinham feito uma diferença. Havia quinze cavaleiros ao redor daquele mesa que mudaram de opinião em parte por causa de suas palavras, de sua decisão de dizer o que pensava, doesse a quem doesse. Não sabia o que fazer, mas enxergava o futuro com outros olhos.

CAPÍTULO 34

Dos cerca de trezentos cavalos que penetraram as muralhas internas de Grey, alguns foram alojados nos estábulos locais; outros esperavam a construção de um estábulo improvisado junto à muralha interna da área palaciana. As tropas recém-chegadas encontraram um cenário bastante diferente do que esperavam. Havia um trânsito relativamente livre entre a parte palaciana e o resto da cidade, mas toda entrada e saída na área central precisava ser justificada. Em geral, os dois portões maiores ficavam fechados, mas um terceiro era regularmente aberto.

Sempre havia muita gente em patrulhas ao longo da muralha externa inspecionando a movimentação dos bestiais. Temia-se que estivessem cavando um túnel para entrar na muralha e já havia uma paranóia tal que todos os turnos de patrulha estavam dobrados o tempo inteiro.

Outra expectativa que caiu foi a de encontrar tensões internas, racionamento ou falta de comida. Na verdade, a comida não estava sendo racionada, mas sua distribuição era organizada. A cidade contava com um imenso estoque de alimentos que seria suficiente para o inverno e a primavera. Com a chegada da cavalaria, a estimativa de duração da comida caiu um pouco.

A inspeção dos armazéns, na área palaciana, foi a única coisa que tirou a idéia da cabeça do General Graff de que deviam todos deixar Grey de imediato. Mesmo assim, sua insistência acabou por convencer todos de que seria prudente levar embora pelo menos as mulheres e as crianças. Resolveram a questão antes que pudessem mostrar-lhe os armazéns e acalmá-lo. Ao constatar que teriam suprimentos suficientes para fazer frente ao cerco, Graff soube que havia feito a coisa certa ao convencer os cidadãos de Grey a enviarem suas mulheres e crianças para uma região mais segura. No entanto, havia ainda uma questão: por que os mensageiros e batedores tinham fornecido informações tão erradas?

Gorum não estava para brincadeiras naquele momento. Tinha contas a acertar e estava preocupado com Kyle, o que, ele sabia, não iria resolver

nada. Acreditava que Kyle se sairia bem pelo que pôde ver na ocasião em que as tropas deixaram a cidade.

– E então, cavaleiro Roy? O que acha que houve de errado? – demandou o gigante, puxando os fios de sua barba numa tentativa de disfarçar o incômodo que aquele cavaleiro produzia nele. Sendo Roy o responsável pela coordenação e recrutamento dos mensageiros, acreditava que lhe devia explicações.

O cavaleiro Roy percebeu uma leve hostilidade nas palavras de Gorum e hesitou um pouco em responder. Gorum fitava-o incessantemente. Por fim, ele declarou:

– Obviamente tivemos algum problema com nossos mensageiros...

– Você tem noção, cavaleiro Roy, da responsabilidade sua e de seu pessoal em uma ação como a que tivemos? – inquiriu Gorum, tentando moderar a hostilidade que desejava despejar sobre o companheiro de armas.

– Sim, tenho perfeito juízo de minhas responsabilidades. Já estou, pessoalmente, fazendo uma investigação junto aos mensageiros para descobrir o que houve. – garantiu firmemente e continuou: – Entendo sua preocupação, cavaleiro Gorum, e aprecio sua aplicação em, dada minha posição, vir tomar satisfações quanto ao ocorrido. No entanto, como previ, as ações estratégicas que tomamos teriam nos levado a uma vitória certa. Veja bem, não fosse essa inconsistência de informações e a insistência do conde em permanecermos, teríamos cumprido nossos objetivos gloriosamente! – disse Roy, num irritante tom de superioridade, puxando repetidamente uma das pontas de seu longo bigode.

– Eu diria que foi sorte! – desafiou Gorum.

– Sorte? Como sorte?

– Foi sorte que os bestiais não tenham resolvido enviar, por algum motivo misterioso, toda a sua força contra nossos homens. Foi muita sorte mesmo!

– Eu não concordo... E sabe o que mais? Você lutou na guerra vinte anos atrás, enfrentou os bestiais e valoriza isso muito mais do que deveria. Hoje você se considera um especialista em bestiais e em guerras.

Gorum apertou os olhos e imaginou suas mãos em torno do pescoço daquele cavaleiro; queria enforcá-lo ali mesmo. Roy continuou:

– É por isso, cavaleiro Gorum, por achar que já sabe tudo sobre o assunto e por tanto odiar os bestiais que você não põe sua cabeça para

funcionar.

– Pois eu digo que você é um falador que ainda usa fraldas e nada sabe sobre as guerras de verdade nem tampouco sobre os bestiais!

A essa altura, já havia soldados, cavaleiros e curiosos acompanhando a discussão. Alguns homens riam, pois, mesmo sério, Gorum passava em suas palavras e atitudes certa graça verdadeira, que se juntava à sua raiva, produzindo um deboche da pior espécie.

O jovem cavaleiro Roy, que possuía um tremendo controle, não saindo de sua atitude superior, recusou-se a continuar com aquilo e terminou o assunto com um desafio:

– Vamos deixar que a guerra prossiga e então veremos quem está certo...

– É, vamos ver... Se você realmente tiver coragem de enfrentar os bestiais, talvez eu deixe de pensar que na minha frente há algo mais que um falastrão que ainda usa fraldas.

Após a discussão, acabaram por tomar cada um seu caminho.

O general Graff subia a escadaria em espiral rumo a uma das torres do castelo do Conde de MontGrey, que o aguardava. Eram muitos lances e o general já não era tão jovem a ponto de suportar uma subida dessas, sem que se cansasse bastante. Pequenas janelas ao longo de todo o caminho proporcionavam uma iluminação fraca, porém suficiente. Não fosse o racionamento de madeira e óleo, haveria tochas acesas ao longo da escadaria. Ventava muito, principalmente na porção mais alta da torre. Em algumas das janelas, o vento entrava, trazendo flocos de neve e assobiando, som cujo eco percorria os corredores, dando a impressão de haver um coral de gritos agudos por todo o caminho, o que se intensificava à medida que o general subia.

No topo, dois sentinelas que guardavam a porta de onde estava o Conde, ao reconhecerem o general, abriram a porta e levantaram suas lanças, dando-lhe passagem.

Era um pequeno aposento, luxuosamente mobiliado e decorado. Havia uma cama, uma escrivaninha e quadros na parede. As janelas, uma interna, de vidro e madeira, outra externa, somente de madeira, encontravam-se

fechadas, e cortinas escuras barravam o pouco de luz que ainda poderia adentrar aquele espaço. O conde estava de pé no centro da sala, que era iluminada por algumas velas e pelas brasas da lareira. O frio, lá, era apenas um pouco menos intenso que o da escadaria; era suportável.

O conde era um homem mais baixo e mais jovem que o general. Seu rosto era arredondado; usava bigode e cavanhaque. Seus cabelos eram curtos, negros e levemente encrespados. Vestia um conjunto vinho aveludado, uma roupa de casa. Na parede, estavam penduradas as placas de metal que compunham sua armadura e todos os seus acessórios. Ele se aproximou cuidadosamente do general e estendeu-lhe a mão. Cumprimentaram-se.

– Vejo que o senhor está mais calmo. – arriscou o general.

– Sim. Queira me desculpar pela maneira como falamos hoje de manhã. É que estou sob uma tremenda pressão.

– Não havia necessidade de desculpas, mas eu as aceito. – disse o general, que parecia agora mais calmo.

– General Graff, fico imaginando se posso confiar no senhor, pois, caso contrário, estarei perdido.

– Do que o senhor está falando?

– Escute aqui... – disse, sussurrando, e conduziu o general até a porta do outro lado do aposento.

– Não estou entendendo, senhor.

O conde pegou um grande casaco de grossas peles e vestiu-o. Abriu a porta, que tinha duas camadas. Ao abrir a segunda, o ar gelado penetrou a sala. Ele saiu e chamou o general para uma pequena sacada. A capa do general se debatia violentamente contra o forte vento que corria do lado de fora. O conde fechou a porta. A vista era magnífica. Podiam ver os campos e a cidade, que, coberta pela neve, em contraste com o mar que apresentava uma tonalidade cinza azulada, se perdia no horizonte.

– Acredito que eles possam ter um meio de nos escutar... disse o conde, um pouco mais alto.

– Eles quem? Do que o senhor está falando?

– Escute bem, general, existe alguma coisa acontecendo por trás dessa guerra, é um jogo político, eu sei...

– Não é sempre um jogo político? – disse o general, tentando trazer o conde, que agia de forma bastante estranha, à razão.

– Não, não estou falando sobre isso, general... É algo que percebi tempos atrás, antes do inverno passado. Acredito que essa guerra está sendo provocada por pessoas do reino de Lacoresh, que estão querendo tomar o poder. Pessoas...

– Continue!

– ... macabras!

– Pessoas macabras?

– Sim, pessoas que pertencem a uma espécie de seita, eu sei. Sabe-se de muita coisa quando se é um conde...

– Seita?

– Sim! Pessoas que se vestem de negro e praticam rituais de bruxaria, magia negra, fazem sacrifícios... – subitamente ficou pálido, com uma expressão de horror na face. – ... sacrifícios humanos!

Bastante surpreso, o general perguntou:

– Você tem certeza? Tem alguma prova?

O conde perdeu a compostura e agarrou os ombros do general.

– Tenho certeza! Ao serem informados de que eu sabia alguma coisa, um de seus membros me visitou, certa noite, quando passeava pelos bosques, e me propôs que eu fosse um de seus colaboradores. Fiquei assustado, tive medo de que me ferissem se eu recusasse. Eu não sabia quem eram nem de onde vinham, só sabia que existiam e que operavam o mal em minhas terras, principalmente na porção norte. Acabei concordando, de início...

– E então? – disse o general, bastante interessado.

– Então eles não se comunicaram por um bom tempo, o suficiente para me fazer duvidar da estória toda. Cheguei a pensar que aquilo havia sido um pesadelo. Recentemente, no entanto, me procuraram de novo. Pediram para que eu assinasse um documento, referente à carga de um navio, que dispensava a fiscalização em qualquer porto do reino, como se se tratasse de carga pessoal minha. Assinei, mas fiquei muito curioso. Eles sempre me diziam para não interferir e que, quando eles crescessem, eu teria uma posição privilegiada no grupo. Pedi a um dos meus melhores homens que investigasse a carga. Através de um Falchin, ele me enviou uma mensagem que parecia ter sido escrita às pressas, dizendo que o navio estava repleto de corpos de gente morta embalados em sacos. Ele foi pego e morto. Depois, um deles veio me procurar, dizendo que não haviam gostado da intromissão e que, caso isso acontecesse novamente, eu me arrependeria... Não quis mais

colaborar. Contratei mais guardas e um mago de renome da Alta Escola para ser meu conselheiro. Achei que com isso não me incomodariam e, para não piorar minha situação, resolvi ficar em silêncio. Eles disseram que eram compreensivos e que eu tinha o direito de não colaborar, mas que, se eu falasse sobre eles para alguém, fariam mal à minha filha. Até agora, tenho guardado segredo.

O general desviou o olhar do conde e virou-se para a sacada. Pôs as mãos sobre a pedra, sentindo o frio através das luvas. Olhava para baixo e, próximo à muralha, via pequenos pontos escuros que se moviam; eram seus homens. Pensava nas implicações do que acabara de ouvir e sua expressão demonstrava tremenda preocupação. Lembrou-se de algumas conversas que tivera com os cavaleiros sobre detalhes estranhos do comportamento dos bestiais. Alguns de seus homens acreditavam em um envolvimento de outros reinos ou mesmo dos silfos do mar nessa guerra. Agora sentia o vento forte e frio que rasgava seu rosto e pensava sobre o assunto. Sentia naquele ar gelado cheiro de traição e conspiração. Alguma coisa precisava ser feita, mas o quê?

CAPÍTULO 35

A tempestade era uma das mais terríveis que já haviam visto: uma nevasca com raios e trovoadas. Tiveram a sorte de encontrar uma cabana antes que ela atingisse sua força total. Uma cabana simples, de madeira e pedra, já rodeada de neve. Foram bem acolhidos por um casal de camponeses idosos, que moravam com seu neto. Ainda que não fossem bem-vindos, a posição de status de Kiorina obrigaria qualquer camponês a recebê-los.

Penduraram seus casacos e parte de suas roupas. Estavam todos ao redor de uma lareira muito simples, sentados no chão, procurando se aquecer. A cabana chacoalhava com os fortes ventos, produzindo um terrível ruído de madeira rangendo.

Chegaram a tempo de jantar. A velha camponesa pôde adicionar ingredientes à sopa, que foi servida a todos em cuias de madeira, acompanhada de pedaços de pão. Além da iluminação provinda da lareira, o ambiente recebia a luz de algumas velas.

O velho chamava-se Rasfar, era um homem alto e magro, com cabelos brancos e ralos. Tinha uma expressão severa, queixo protuberante e um rosto bastante enrugado. Vestia um manto feito de tiras costuradas de couro de animais.

– Será que o senhor poderia repetir? Não entendi bem... – disse Rasfar, com a voz rouca e grave, dirigindo-se a Noran.

– Veja bem, Sr. Rasfar, nós viemos de Kamanesh, como a Srta. Kiorina disse. Investigamos o nascimento de um bebê que pode estar doente.

– Hmm... Então vocês são curandeiros?

– Não, não somos curandeiros, Sr. Rasfar. – respondeu Noran, pacientemente.

A esposa de Rasfar desejou boa noite a todos e recolheu-se, levando seu neto. Kiorina já havia perdido a paciência com o velho Rasfar, ainda sentia a cabeça doer e estava determinada a não participar mais da conversa. Noran começou a explicar novamente ao velho que chegaram até ali porque

estavam à procura de sua amiga Mishtra. Mesmo sem entender bem o que Noran lhe explicava, Rasfar aos poucos ficava mais à vontade com os estranhos recém-chegados e contou-lhes sobre a vida no local e sobre seu filho. Ele e sua esposa haviam desaparecido havia cerca de um ano, deixando para trás casa e filho.

À medida que Rasfar lhes contava sua história, Kiorina se sensibilizava, embalada também pela voz rouca do velho. Acabou adormecendo, sentindo uma sensação estranha, um incômodo.

Noran e Mishtra prosseguiram escutando as histórias que o velho contava. Numa delas, falou da dificuldade em trazer seu neto para morar com eles e convencê-lo de que seus pais voltariam um dia. Apesar da idade, nos últimos meses o velho Rasfar havia percorrido a região em busca de seu filho e sua nora, mas nada encontrou. Junto às autoridades de Xilos, encontrou pouco interesse. Era assim quando as pessoas muito humildes procuravam a ajuda das autoridades, que sempre estavam mais ocupadas em atender questões de maior importância, sobre as quais ele podia entender muito pouco. Entendia apenas que seu neto cresceria sem pai nem mãe.

Noran esforçou-se para lembrar do nome da velha que procurava por sua neta e que encontraram antes de anoitecer. Ela não havia dito, porém ele captara mentalmente.

– Sr. Rasfar, por acaso o senhor conhece uma senhora chamada Nara?

O velho fez que sim.

– O senhor deve então saber sobre o desaparecimento de sua neta, Ila.

– Sim, dizem que essa moça se casou com um viajante e se foi...

– O senhor sabe o nome desse viajante?

– Não...

– O senhor o viu alguma vez?

– Não... O senhor não está sugerindo que meu filho tivesse fugido com essa Ila, está? – disse o velho, desconfiado.

Noran gesticulou para reforçar que não era isso que queria dizer.

– Não, nem faria sentido, para isso ele teria que deixar a esposa para trás... estava pensando em outra coisa.

– O que quer dizer, então? – disse Rasfar, sem se convencer.

– Não cheguei a nenhuma conclusão...

O velho deu de ombros e soltou um suspiro.

– Já é tarde, vou-me deitar... – levantou-se com dificuldade e saiu da sala.

Mishtra, durante a conversa, observava cuidadosamente as reações de Noran e sua maneira de falar. De quando em vez, colocava mais um toco de madeira na lareira e mexia nas brasas com um espeto de metal. Por fim, ela se aproximou de Kiorina, que dormia com o corpo torcido, e ajeitou sua posição, deixando-a mais confortável. Olhou para Noran, que mantinha o olhar fixo no fogo, com uma expressão distante. Deitou-se ao lado da ruiva e fechou os olhos. Quando os abriu na manhã seguinte, surpreendeu-se ao notar que Noran se encontrava na mesma posição da noite anterior. Olhava para as brasas e cinzas da lareira. Seus olhos não se moviam, tampouco piscavam. Mishtra procurou estabelecer contato com o discípulo do falecido Kivion.

“Noran, você está bem?” – indagou mentalmente a silfa.

“Sim.” – respondeu ele, desviando o olhar para Mishtra.

“Você não dormiu? O que houve?”

“Não se preocupe, Mishtra, eu apenas estava meditando. Para mim, é como se tivesse dormido.”

“Entendo... Descobriu algo?”

“Ainda não estou certo, mas acredito que estamos correndo um tremendo perigo, talvez maior do que poderíamos imaginar! Temo que algo terrível tenha acontecido ou esteja para acontecer.

A silfa se levantou; pensava no estranho sonho que tivera. Sonhou que sua família, seu clã, teria se voltado contra ela, entregando-a aos humanos maus com quem havia lutado no dia anterior.

“Algo a perturba?” – quis saber Noran, ao sentir uma onda de angústia vinda da silfa.

“Foi só um sonho que eu tive com aqueles homens que tentaram me matar ontem.”

“Sim, aqueles homens operam uma terrível forma de bruxaria, magia negra, magia dos mortos, a necromancia.” – Noran fez uma careta de desgosto.

“Necromancia?”

“Sim, possivelmente fazem parte de uma seita. Acredito que o sobrinho do marquês, o senhor Laern Tiorish, participa dessa seita. O homem que tentou envenenar-me tentou também seduzir Kiorina e provavelmente mandou que seus homens fossem atacá-la.”

“Mas por quê? O que nós fizemos contra eles?”

“Não é o que fizemos, é o que podemos fazer... Certamente há uma correlação com nossa incumbência de apurarmos fatos a respeito desses bebês que nasceram com olhos negros...”

“Seria um trabalho dessa seita?”

“Talvez... Talvez não queiram que nós descubramos essas relações... Mas agora sua natureza nos foi revelada, através da evocação daquela criatura. Portanto, corremos muito perigo, precisamos sair daqui... Vamos despertar Kiorina e sair imediatamente.”

Antes mesmo do desjejum, despediram-se dos anfitriões e saíram. Lá fora, os campos estavam cobertos por grossas camadas de neve.

Não havia como apenas irem embora, precisavam organizar-se, pegar suprimentos e transporte. Nunca conseguiriam voltar a Kamanesh sem alguma ajuda. A situação gerava tensão. Poderiam deparar-se com bestiais ou com outros associados dos assassinos com quem lidaram no dia anterior. Não havia outra maneira, senão arriscar voltar para a cidade e encontrar ajuda.

Depois de percorrer uma pequena distância, tiveram uma surpresa. Avistaram fumaça na direção da cidade. Noran sentiu um frio na espinha ao constatar que seus maus pressentimentos estariam se concretizando diante dos olhos. Pensava em seu mestre e nas últimas palavras que proferira, sobre os tempos difíceis que estariam por vir. Cada vez mais o que parecia ruim mostrava-se capaz de ficar pior ainda.

Apressaram-se e encontraram parte da cidade destruída, com vários focos de fogo isolados. Sob suas vistas, centenas de corpos de bestiais e homens espalhados por toda parte. Certamente houve um ataque na noite anterior durante a tempestade. A batalha parecia ter sido extremamente violenta. Kiorina começou a passar mal ao ver tantos corpos e tantas pessoas feridas agonizando. O cheiro de sangue ainda era fresco, a batalha teria terminado recentemente. A ruiva vomitou. Mishtra a amparou, e Noran constatou que Xilos havia resistido ao ataque. Viu em vários locais homens trabalhando, carregando corpos e apagando focos de incêndio. A cidade teria

sido queimada, não fossem as condições climáticas e a neve acumulada em toda parte.

Após o choque inicial, Noran procurou controlar-se e auxiliar Kiorina. Foram os três ajudar os sobreviventes do ataque, levando-os para as enfermarias e ajudando a medicá-los. Noran ajudou vários homens mortalmente feridos a terem uma morte mais amena, com menos sofrimento.

Mishtra parecia não ligar muito para tudo aquilo e mantinha-se fria. Ao ver, no entanto, um dos jovens silfos de seu clã com terríveis ferimentos em uma das enfermarias, demonstrou sentir dor e chorou. Aproximou-se e constatou se tratar do jovem Nathanael; ele estava inconsciente e, pela aparência de seus ferimentos, era provável que não sobrevivesse. Não entendia o que o rapaz estava fazendo no meio daquela guerra e ficou tremendamente abalada ao ver um membro de seu povo sofrendo. Imaginou se outros também sofriam ou, pior, se algum havia morrido.

Um homem bastante ferido, mancando seriamente e apoiando-se sobre um bastão, aproximou-se. Encarava a silfa com uma expressão hostil.

– Você conhece o garoto? – perguntou, com ódio nos olhos.

Mishtra observou o homem, seu rosto redondo, o nariz achatado e cabelos castanhos claros, quase louros. A silfa fez que sim.

– O que você faz aqui? – inquiriu o homem.

Não houve resposta.

– Veio levá-lo de volta?

Mishtra negou com um gesto.

– Então, o que quer? Veio vê-lo morrer? – o homem limpou a boca com as costas da mão e cuspiu no chão. – Pode desistir, florzinha! O Nathanael aqui não vai morrer, entendeu? Ele é muito forte e corajoso! Veio lutar em uma guerra que não era sua, deu tudo de si, enquanto o resto do seu povo se escondeu covardemente em algum ponto daquela floresta...

Mishtra foi tomada pela surpresa. Ficou irritada e sentiu vontade de matar aquele homem tão arrogante, que, além de tudo, a ameaçava. Avaliou a situação, porém, e percebeu que, na verdade, ele estava protegendo o jovem Nathanel e que eles deviam ter lutado juntos, talvez mais de uma vez. Olhou à sua volta e decidiu procurar Noran.

Usando seu capuz, andou pelas ruas à procura de Noran e Kiorina. Por alguns instantes, parou e olhou para o nada. Desligou-se do que se passava ao seu redor e começou a perceber estranhas vibrações. Escutou vozes muito

distantes, pareciam sussurros, tão leves que quase não se diferenciavam dos sons do vento. Sentiu que começaria a ver o mundo invisível novamente. De repente, viu-se no meio da batalha que ali ocorrera, entre soldados e moradores de Xilos que tentavam se defender do ataque selvagem dos bestiais. Tudo o que enxergava possuía tons avermelhados. Antes que aquilo começasse a influenciar as ações de Mishtra, no entanto, ela escutou a voz de Noran em sua mente. “Mishtra, tenho novidades!” E as vibrações que ela começava a receber se dispersaram.

“Noran?” – pensou, transtornada.

Noran captou a sensação ruim que a silfa sentia e comentou:

“Eu também senti um desconforto por aqui, batalhas e mortes causam um grande distúrbio no Jii... Precisei erguer barreiras para não sofrer influências negativas.”

“Quais são as novidades?” – quis saber a silfa, olhando dentro dos olhos de Noran.

“Uma caravana sairá das minas ao norte em direção a WhiteLeaf.”

“Caravana? As coisas não estão perigosas demais para caravanas?”

“Sim, mas tudo indica que essa deverá seguir os passos contrários das tropas de reforço vindas do baronato de WhiteLeaf. Será formada pelos comerciantes que vierem para cá conosco e mais uma série de pessoas que não mais desejam ficar neste local inóspito!”

“Acreditam que um caminho percorrido recentemente por uma grande tropa não será perigoso?”

“Parece-me que essa é a idéia.”

“Mas a passagem de uma tropa por um caminho não garante que ele estará livre de ameaças!”

“Eu sei, mas é a melhor opção que temos. Vamos até as enfermarias contatar Kiorina e nos preparar para partir!”

CAPÍTULO 36

“Nada como comida quente e um bom vinho para tornar as monótonas e frias noites de inverno nos anexos da Catedral de Kamanesh mais aconchegantes e interessantes.” Esse era o lema do pessoal do clero durante os invernos. Em época de guerra, não havia monotonia, sendo o jantar esperado o dia inteiro como prenúncio de relaxamento e descanso.

Archibald reunia-se com os acólitos e jovens sacerdotes no refeitório para o jantar, enquanto o pessoal do alto clero reunia-se em um salão menor e mais bem aquecido. O vinho era servido com moderação e havia horário para o fim do jantar. Logo após, os acólitos, monges e sacerdotes recolhiam-se a seus aposentos. Nesse momento, a maioria das tochas e velas que iluminavam os corredores, salas e câmaras dos anexos da catedral eram apagadas, e os homens do clero dirigiam-se a seus aposentos, carregando lamparinas a óleo. Em pouco tempo, o silêncio imperava na catedral e em seus anexos. Em um dos corredores, os monges e sacerdotes exprimiam seus desejos de boa noite uns aos outros, apagavam suas lamparinas e se recolhiam.

Archibald entrou em seu quarto, sentou-se na cama, apagou sua lamparina e aguardou sem nada fazer até não mais escutar ruídos de movimentação nos corredores. Após alguns momentos, podia enxergar os contornos dos objetos revelados pela tênue luz das luas que penetrava seu quarto, através dos vidros de uma pequena janela, que, embaçados, não permitiam que nada do lado de fora fosse visto.

Retirou os calçados e colocou os pés sobre a rocha gelada. Levantou-se em seguida e dirigiu-se à porta. Abriu-a com cuidado e saiu. Os corredores possuíam iluminação somente em alguns pontos. Para atravessá-los nas áreas sem iluminação, teria de lembrar-se dos caminhos de cor. Após atravessar os corredores de pés descalços e com cuidado excessivo, retirou do manto um molho de chaves e abriu uma porta, por onde entrou, trancando-a em seguida. Pegou seus apetrechos e acendeu a lamparina. Estava na biblioteca da catedral. Lá sentia o forte cheiro dos livros antigos.

A biblioteca era enorme, e a luz de sua lamparina não era suficiente para iluminá-la por completo. Voltou a calçar-se e observou que seus pés estavam enrijecidos. Deveria tomar cuidado com suas mãos e pés, pois, após sua recuperação, perdera um pouco da sensibilidade. Isso já lhe havia custado ferimentos nos dedos das mãos, devidos ao descuido com o aquecimento necessário para evitar que congelassem. Seguiu por entre as diversas estantes da biblioteca até chegar ao balcão que a dividia em duas partes, sendo uma reservada aos livros de livre acesso e outra aos volumes que precisavam da autorização do irmão Hass, o bibliotecário, para serem consultados. Passou por debaixo do balcão e seguiu para a estante onde ficavam os registros da Ordem dos Monges Naomir.

Finalmente encontrou o que procurava. Hesitou antes de pôr suas mãos sobre os volumes. Estava bastante apreensivo, pois, se fosse descoberto, teria sérios problemas. Primeiro, por consultar aquele material sem autorização; segundo, por ter surrupiado cópias das chaves da biblioteca. Considerava o risco, mas sua curiosidade era tremendamente forte. Precisava saber sobre seu passado.

Havia uma estante cujos livros, cada um, tinham o nome de um monge Naomir. Seu coração acelerou quando encontrou o livro que tinha como título: Irmão Archibald DeReifos.

Começou a ler. Havia uma ficha indicando o início de seu treinamento, pessoas responsáveis e outros dados que não lhe pareceram importantes. Seguiu folheando o livro. Parou na página que tinha o seguinte título: “Transcrição da carta de recomendação para ingresso na vida monástica, escrita por Irmão Weiss”, cujo conteúdo era assim:

Está sendo levado pelo bom cavaleiro Gorum, cavaleiro de primeira ordem do Ducado de Kamanesh, um jovem de nome Archibald DeReifos, que, acredito, pode tornar-se um bom membro para a ordem. Veio a meu conhecimento o caso desse jovem, que se encontra muito transtornado, devido a terríveis e tristes fatos ocorridos em sua vida. Ele foi-me apresentado, mas se encontra incomunicável e aparentemente doente. Operando-o com os recursos dos sagrados ofícios, detectei grande força interior e capacidade de aprendizado.

Sendo um jovem sem família e em necessidade, acreditei ser apropriada a indicação para tratamento de seu atual estado no mosteiro e possível

treinamento para que se torne um membro da ordem, isso, é claro, de acordo com avaliações a serem realizadas durante sua estada inicial aqui.

Relato resumidamente os motivos para a perda de controle próprio que o jovem apresenta. Tudo começa com a morte de seus pais e irmãos, há dois anos, por um bando de ladrões, que assaltou e matou uma série de bons cidadãos e camponeses do Reino. Os bandidos, felizmente, foram capturados e punidos poucas semanas depois, pela eficiente guarda do Duque. Após esse infeliz incidente, o jovem foi morar com o bom cavaleiro Gorum, cujo relato mostra terem sido esses dois anos muito difíceis. Ele havia ficado bastante revoltado com a morte dos pais; envolvia-se freqüentemente em brigas, sem conseqüências graves.

O que causou o último transtorno foi o envolvimento do jovem com uma moça de nome Déria. Ao que parece, os dois se enamoraram sem a aprovação da família dela, que, quando descobriu, os proibiu de se encontrarem. A moça, porém, estava grávida. Na tentativa de evitar que tal fato e desonra chegassem ao conhecimento de sua família, ela e o rapaz planejaram uma fuga de barco pelo rio. Houve um infeliz acidente, o barco virou e a moça se afogou. A história acabou vindo à tona. Foi necessário esconder o rapaz, para evitar que fosse morto pelo pai e irmãos da moça, que desejavam vingança.

Ao que parece, o rapaz é vítima, não criminoso, e poderia ser bem aproveitado pela Ordem, sendo doutrinado a prestar serviços aos deuses pelo resto de sua vida, redimindo-se de suas faltas da juventude.

Archibald sentiu-se zozzo. Estava muito confuso e suave. Memórias conflituosas flutuavam em sua cabeça, sem formarem um sentido. Um ruído trouxe-lhe a consciência de volta. Rapidamente recolocou o livro na estante. Escutou o barulho de chaves girando na fechadura da porta da biblioteca. Apagou a lamparina e escondeu-se atrás de uma das estantes. Procurava usar as técnicas que aprendera no mosteiro para se acalmar, respirando suavemente. Tudo estava bastante escuro. Escutou o ruído da porta sendo aberta e pôde perceber uma fraca iluminação. A porta foi fechada. Em seguida, começou a escutar passos arrastados, em um ritmo desigual. Era, decerto, algum dos irmãos mais velhos, talvez... o irmão Weiss!

A fonte de luz cada vez mais se aproximava, assim como o barulho dos passos arrastados. Archibald procurava conter seu nervosismo. Os passos vinham em sua direção e, já bem próximos, pararam. Sentia muito medo, mas

sua curiosidade novamente foi mais forte e levou-o a dar uma olhadela. Viu que realmente era o irmão Weiss, como suspeitara. Ele não parecia tê-lo visto. Observou que estava vestido da forma usual e imaginou que motivo o levaria à biblioteca tão tarde, já que ele possuía acesso para fazê-lo durante o dia. Retirou livros da mesma estante, uns cinco, e se dirigiu para a porta. Archibald aguardou a saída do seu superior. Sentiu-se aliviado. Deixou passar algum tempo e voltou a acender sua lamparina. Foi até a estante, estava curioso para saber mais sobre seu passado, através das anotações feitas a seu respeito.

– Droga! – escapou-lhe a voz.

Seu livro fora levado. Questões surgiam umas atrás das outras. As respostas estariam com o irmão Weiss. Sem pensar duas vezes, retirou o volume intitulado Irmão Himil D. Weiss.

O livro era muito mais antigo que o seu, e as páginas estavam bem amareladas. Havia informações gerais sobre seu ingresso na ordem. Leu as recomendações e anotações de seus mestres, que mostravam que ele tivera uma atuação monástica exemplar. Levou um bom tempo lendo os relatos de anos e anos de serviços do irmão Weiss aos monges Naomir. Mais à frente, leu sobre como havia lutado na guerra e como quase havia perdido as pernas, o que foi evitado pelos silfos.

Seguiu a leitura e surpreendeu-se ao constatar que, do período logo após a guerra, houve um salto para praticamente cinco anos passados, sem nenhuma informação dos quinze anos que se seguiram à guerra. Achou aquilo estranho e observou o livro com mais cuidado. Notou pequenas pontas de papel quase imperceptíveis justamente nesse intervalo, mostrando que as páginas haviam sido arrancadas. Após isso, os relatos já estavam sendo feitos pelo Bispo Marco e não passavam de uma pequena nota a cada ano, relatando bons serviços e aplicação a serviços dos deuses.

Quando percebeu que a luz de sua lamparina havia enfraquecido, deu-se conta de que isso estava acontecendo devido à aproximação de um novo dia. Tratou de colocar o livro de volta e saiu às pressas da biblioteca. A essa hora, poderia haver pessoas nos corredores.

Archibald pensou muito sobre as coisas que havia descoberto e resolveu ter uma conversa com o irmão Weiss. Durante o dia, esteve nos acampamentos formados por refugiados do Condado de MontGrey, ajudando na organização e tratamento de doentes. Passou o dia pensando e tentando lembrar o passado, sem muito sucesso. Tentava lembrar-se de Déria, mas a imagem de seu rosto não lhe vinha à mente. O que havia acontecido com aquelas memórias? O que os monges Naomir teriam feito com sua cabeça? O que estava acontecendo? E seus amigos? Kyle e Kiorina, o que estaria se passando com eles? Estariam bem? Procurava orar aos deuses, mas suas orações não tiravam as dúvidas de sua cabeça. Várias vezes durante o dia teve que parar o que estava fazendo para concentrar-se em manter a calma.

Com um turbilhão de dúvidas, Archibald só percebeu onde estava quando a porta do escritório do irmão Weiss fechou-se atrás dele, e o velho monge o convidou a sentar-se.

– O que o traz aqui, irmão DeReifos? Algo o incomoda? – disse Weiss, observando cuidadosamente o nervosismo do rapaz. – Vamos, acalme-se! Afinal, o que está havendo?

– Bem, estou um pouco confuso.

– Pode confiar em mim. – colocou as mãos sobre a mesa e estalou os dedos. – Sua aflição tem algo a ver com o incidente envolvendo você e um lenhador na feira, dias atrás?

Archibald, que olhava para baixo, surpreendeu-se e levantou o olhar e as sobrancelhas, encarando o velho monge.

– Por que ficou surpreso? Acredita que um incidente como esse não chegaria a meus ouvidos?

– Não, senhor... quero dizer, não tenho certeza...

– Muito bem, não se preocupe com isso. Ordenei que o lenhador fosse preso e interrogado. Afinal, cidadãos comuns não podem agredir os monges Naomir assim, sem mais nem menos, e ficar impunes!

Archibald hesitou mais uma vez, apenas abrindo a boca, sem emitir sons, e o irmão Weiss completou:

– Não é mesmo?

– Sim, senhor. – disse, em voz baixa, concordando com a cabeça.

Fez-se silêncio por alguns momentos, e o irmão Weiss voltou a quebrá-lo:

– E então? Existe algo mais que gostaria de me contar? – perguntou, com um tom de demanda.

Archibald sentiu um frio na espinha e imaginou se o irmão Weiss não saberia de sua visita à biblioteca na noite anterior. Começou a pensar que ele poderia tê-lo visto indo para a biblioteca e foi até lá conferir. Percebeu que estava escondido, mas não quis pegá-lo cometendo tal infração. Agora estaria testando-o, a fim de verificar se falaria a verdade. Archibald engoliu seco e mentiu:

– Na verdade, o que queria lhe falar dizia respeito justamente ao incidente com o lenhador.

– Entendo... – disse o velho monge, coçando pequenos fios de barba que lhe despontavam do rosto, arranhando-lhe os dedos. Ele apertou o olhar e encarou Archibald dentro dos olhos. – E mais o quê?

Archibald fazia força para controlar o nervosismo e não deixar transparecer suas preocupações, mas falhava a cada tentativa.

– Sabe... bem, são algumas memórias estranhas daquele lenhador, coisas de que não me lembro bem. – decidiu começar a falar algumas verdades, antes que seu superior percebesse algo.

– Memórias?

– Sim, não me lembro bem das coisas que aconteceram antes de vir para o mosteiro, anos atrás.

– Entendo... Você passou por maus momentos naquela época... momentos tão ruins que foi melhor esquecer...

– Por que não consigo me lembrar?

– Primeiro, por que é natural nos esquecermos de algumas coisas...

– E...

– Segundo, porque, no início de seu treinamento, você fez exercícios que tinham como objetivo apagar de sua memória lembranças que pudessem prejudicar seus estudos sobre nossa doutrina.

– E por que, depois, esses assuntos nunca mais foram mais abordados?

– Não era necessário, pois isso não lhe ajudaria a tornar-se um monge Naomir e fazer de sua vida algo útil para a organização, para o Reino e para seus cidadãos.

– Eu compreendo. – disse, sem acreditar muito no que escutava.

– O que mais importa hoje? Você é um monge Naomir, aprendeu muitas coisas boas e tem responsabilidades a cumprir, pessoas a auxiliar e guiar

com seus conhecimentos, luz dos deuses a levar a todos, não é mesmo?

– Sim, é verdade...

– Então, pode ir, tenho muitas tarefas a realizar. Que Leivisa lhe ilumine e que Uraphenes lhe conduza.

Archibald deixou o escritório do irmão Weiss com mais dúvidas que quando entrou. Como podia acreditar naquelas coisas? Por que faltavam tantas páginas sobre o irmão Weiss em seu livro de registros?

CAPÍTULO 37

Estava muito frio. Era um inverno de tons brancos e avermelhados. As notícias trazidas pelos batedores e mensageiros espalhados pelo Condado de MontGrey eram preocupantes para todos, especialmente para Kyle. Durante toda aquela gélida noite, ele tentou dormir, mas simplesmente não conseguiu; ficou encolhido dentro de sua barraca, tremendo. Escutava o irritante barulho que o vento produzia na lona. Com os olhos abertos, não podia ver nada mais que sombras e impressões; quando os fechava, visualizava cenas vermelhas, puro sangue, puro horror. Seu corpo doía, sua cabeça doía. Sabia que o melhor a fazer era pegar no sono, esperar o novo dia, descansar um pouco ao menos.

Nos poucos instantes de sono nessa terrível noite, sonhou com a batalha de Grey. Centenas de bestiais. Sangue por toda a parte. Um cheiro horrível de carne podre, fezes, sangue. A lembrança lhe trazia náuseas. Na ocasião, por algum motivo, talvez o calor da batalha, havia suportado; não vomitara, como vários de seus homens, durante ou após o confronto com os bestiais.

Não acreditava que pudesse haver algo pior que aquilo, mas havia... As notícias de que Xilos fora atacada, o que provocou muitas mortes, deixaram Kyle abaladíssimo. Como se não bastasse, foi informado de que novas hordas de bestiais haviam sido avistadas e se aproximavam. Kiorina estava em Xilos e, segundo o relato, a horda que estava se direcionando para Grey mudou de rota e chegaria em breve a Xilos. Não havia como evitar, essa cidade também seria tomada. Perderia seus amigos, talvez seu reino fosse tomado, seu lar, Gorum, Kiorina e Archibald. Cedia à fraqueza, sentia-se só e, quando ficava só, era um outro homem. Temia.

A luz. Finalmente havia amanhecido. Iria encarar seus homens. Na frente deles, tudo aquilo mudava. Não estava mais só. Não podia transmitir suas fraquezas a eles, precisava ser forte e, surpreendentemente, o era.

As instruções eram claras: deveriam aguardar os reforços. “Aguardar? Isso não está certo!” – pensou Kyle, enquanto saía de sua barraca, no acampamento ao redor de Amin. Agachou-se para equipar-se com as peças

de sua armadura. Estavam sujas de sangue seco em camadas. Kyle não se preocupava em limpar-se havia algum tempo. Poucos estavam de pé, a maioria procurava descansar em suas barracas. Não havia nada a fazer, senão aguardar os reforços que viriam de WhiteLeaf.

O sol não podia ser visto. Kyle contemplava o céu coberto de várias tonalidades de cinza; onde o sol estaria, visualizava uma mancha de um cinza claro e brilhante, quase branco. Em terra, tudo estava branco, recoberto com finas camadas de neve e gelo. Dirigiu-se para a cidade, alcançando os estábulos em pouco tempo. O momento de maior tensão daquele dia havia passado, afinal, já era manhã e, durante o dia, as chances de um ataque dos bestiais eram pequenas.

Foi até a baía em que estava seu novo cavalo, dado pessoalmente pelo Duque. Lembrou-se dele e imaginou se a guerra de vinte anos atrás teria sido assim tão terrível. “Teria o Duque realmente lutado nessa guerra?” – imaginava, observando a inquietude do animal.

– Vamos. – disse ao cavalo. – Nós dois vamos dar um longo passeio. – retirou o animal e preparou-o para montar. Enquanto colocava os apetrechos sobre o cavalo, o animal comia.

Saiu dos estábulos e foi à procura do cavaleiro Kandel. Avistou-o próximo à porteira de um cercado, usado para prender o gado, nos tempos em que havia gado. Estava com seus cabelos dourados soltos, movimentando-se em ondas, movidos pelo vento. Parecia observar algo ao longe, mas não havia nada, a não ser neve por todos os lados. Percebeu que alguém montado se aproximava, porém não se virou para ver quem era.

– Kandel? – chamou Kyle, procurando uma confirmação.

– Sim. – respondeu ele, ao reconhecer a voz de Kyle.

– Vou direto ao assunto. – Kyle, ainda montado, respirou duas vezes e continuou: – Preciso deixar meus homens por uns dias.

Kandel, que parecia não tomar conhecimento da presença de Kyle, virou-se para encará-lo. Suas grossas sobrancelhas estavam fortemente arqueadas e sua testa, franzida.

– Como?

– É como disse, precisarei ausentar-me. Tenho assuntos pessoais para resolver. – olhava de cima para baixo, confiante.

– O que você acha que está havendo? Acredita que viemos passear? Tem idéia do que está acontecendo? – demandou Kandel, em tom autoritário.

– Sim, senhor! Uma guerra. É isso o que está acontecendo! – disse Kyle, sem se deixar intimidar.

– E então? Você tem responsabilidade com o Duque, com seus homens e com nosso destacamento! O que acha que vai acontecer com seus homens se você se ausentar? – o tom irônico mostrava a crescente irritação de Kandel.

– Incorporarão temporariamente outros pelotões... – disse Kyle, calmamente, fitando bem seu interlocutor. O olhar dos dois homens era pesado e profundo; havia neles cansaço, guerra, morte.

Ficaram se encarando por alguns momentos.

– Acredito que você não vai mudar de idéia, a não ser pela força... – considerou Kandel, procurando se acalmar.

Kyle apenas continuou parado.

– Muito bem, o que está havendo? Aonde você vai e quantos dias pretende demorar?

– Vou a Xilos e pretendo voltar antes que os reforços de Whiteleaf cheguem.

– Xilos? Não foi para lá que seus amigos foram?

Kyle confirmou com a cabeça.

– Muito bem, vá. Direi aos outros que você foi para Xilos em missão de reconhecimento avançado.

– Obrigado, senhor! – disse Kyle, com firmeza, e tocou seu cavalo.

Antes que ele se distanciasse demais, Kandel chamou-o.

– Blackwing!

Kyle fez com que o cavalo parasse e se virou.

– Não espere mais favores meus.

Kyle acenou, esboçou um pequeno sorriso, virou-se e seguiu em frente.

Aproveitaria o dia para avançar o mais possível; à noite, procuraria um esconderijo e rezaria para que os bestiais não o encontrassem. Antes de anoitecer, o que acontecia bem cedo nessa época, fez um pequeno fogo para derreter neve e dar de beber a seu cavalo. Imaginava se o animal suportaria a viagem. Procurou uma árvore grossa para montar abrigo para ele e seu cavalo passarem a longa noite. Havia trazido muita lona grossa e escura. Precisou manter o fogo aceso para terminar o serviço, após o que, abriu um buraco no chão para fazer um novo fogo dentro do abrigo. Havia trazido lenha seca da cidade, cuidando para que fosse emitida pouca fumaça. Por fim, exausto, dormiu.

Com a chegada da luz, sabia que havia sobrevivido. Seu cavalo parecia bem, era um animal muito forte. Logo desfez o abrigo e montou para continuar sua viagem.

A manhã foi tranqüila, nevou um pouco. No início da tarde, resolveu seguir um trecho a pé, a fim de poupar seu cavalo. Andou quase a tarde toda. Custou a perceber o cansaço, que aumentava cada vez mais. Apenas quando não conseguiu forças para montar, compreendeu o quanto estava cansado. Exausto, caiu no chão. O cavalo parou e empurrou repetidamente o corpo de Kyle com sua cabeça, fuçou seu rosto e relinchou.

Kyle estava desistindo, sua mente ia-se perdendo. Seu corpo não mais respondia, nem mesmo era capaz de senti-lo. Não haveria ninguém para salvá-lo. Escutou uma voz de criança.

– Kyle! Kyle!

Olhou para trás e não viu nada. Era uma tarde de verão e estava em um pomar, cheio de árvores frutíferas. Os galhos balançavam com a brisa leve, e o sol iluminava as folhas, que tinham um verde intenso. Frutas de diversas cores reluziam, vermelhas, roxas, amarelas.

Só então viu quem o chamava. Era Archibald. Mas ele não era o monge Naomir. Era Archie, um garoto que corria desviando-se habilidosamente dos galhos que estavam em toda a parte. Seus cabelos eram castanhos e longos, e seus olhos pareciam mais redondos e brilhantes. Estava eufórico.

– Kyle, vamos! Um dos guardas me viu, temos que fugir! – disse, enquanto corria, aproximando-se do amigo.

– Onde ele está? – perguntou Kyle, assustado.

Antes que o pequeno Archibald pudesse responder, ouviram uma voz ameaçadora:

– Garoto! Volte aqui, senão...

Kyle arregalou os olhos ao ver o soldado que corria atrás de Archibald. Rapidamente, já estava correndo também. Carregava em um dos braços um cesto de frutas roubadas do pomar do Duque. Archibald logo passou por Kyle e disse:

– Anda, Kyle, depressa!

Naqueles tempos, Archibald superava em muito Kyle: corria mais depressa, era maior e mais forte. Kyle era pequeno e franzino. Usava o cabelo curto, rente à cabeça, e sempre vestia camisa e calças cinzas.

Conseguiram fugir, sempre conseguiam. Depois, comiam as frutas... Às vezes, davam algumas para Gorum ou para Kiorina.

Aquelas seriam as últimas lembranças de Kyle. Lembraria de dias felizes e sem preocupação de sua infância.

Tudo ficou escuro. Escuro e frio.

Uma linda luz encheu todos os lugares do mundo. Uma luz dourada, sem comparação e sem fim. Nada podia ser visto, além de um intenso brilho. Kyle sentiu uma presença quente e reconfortante.

– Quem está aí? – perguntou, levantando-se. Girou, como se fosse cair. Mas não caiu. Não havia para onde cair. Estava desorientado. – Quem está aí? Onde estou?

Uma linda voz preencheu seus ouvidos.

– Calma, eu vim buscá-lo. Já é hora...

– Hora? De quê? Onde estou? Quem é você?

– Fique calmo, tudo vai dar certo. – disse a voz, que passava uma tranqüilidade infinita.

Kyle não sentia seu corpo. Sentia apenas que flutuava; era uma deliciosa sensação de liberdade. Não pensava em nenhum problema, eles simplesmente não existiam.

Toda essa tranqüilidade e paz foi de repente rompida por um terrível urro, que ecoou infinitamente e espalhou em Kyle uma sensação de horror incomparável. Nunca havia sentido tanto horror, tanto medo. A voz que falava com Kyle disse:

– Quem é você?

Silêncio.

– Não lhe desejo mal, apenas vá! – disse a doce voz.

Gargalhadas terríveis soaram.

– O quê? – disse a voz. – Não, não, você não deve fazer isso. Aaahhh!

A luz dourada se foi. Kyle sentiu um choque terrível, um peso tremendamente doloroso sobre suas costas, uma dor lancinante em sua espinha. Parecia que seus olhos saltariam. Despertou, sentindo um forte espasmo. Sem saber por que, gritou, com todas as suas forças:

– Lilaahhh!

Ainda não era noite. Rolou agonizando e viu a silhueta de seu cavalo contra um céu avermelhado. Suas mãos estavam congelando, mal podia senti-las. O cavalo dava pinotes e relinchava. Kyle olhou a seu redor e seus

olhos se cruzaram com o olhar frio de um lobo de pelagem escura, quase negra, que estava a meia distância. Se encararam por alguns instantes. O lobo deu as costas e se foi. Kyle não teve certeza se aquela imagem fora real. Não havia muito tempo para pensar naquilo.

Reuniu suas forças para ficar de joelhos. Cavou a neve à sua frente até encontrar terra. Pegou alguns gravetos, molhou-os com óleo e ateou fogo. Enquanto o fogo queimava, cavava mais a seu redor. Montou um abrigo bastante precário, se comparado ao que havia construído na noite anterior. Novamente entregou-se ao destino e adormeceu. Antes de dormir, imaginou se aquele lobo voltaria durante a noite ou se iria sonhar com aquela estranha luz dourada novamente.

CAPÍTULO 38

Noran e Kiorina haviam discutido o assunto rapidamente e, mesmo sem concordar em todos os detalhes, decidiram que seria muito arriscado permanecer em Xilos, pois poderiam ser perseguidos novamente por Laern Tiorish e seus homens. Seguiram em direção às minas, a fim de integrar a caravana que iria se formar nos próximos dias. Havia uma pequena vila que ficava próxima das entradas das primeiras minas, com cerca de cinquenta casas, a maioria delas abandonada por causa da guerra, só restando uns poucos habitantes no local.

Na vila, havia uma estalagem grande, na qual ficavam hospedados trabalhadores temporários das minas e, às vezes, pessoas de Xilos que tinham negócios lá. Estava quase deserta, apenas com o dono, um velho, e seu assistente, um sujeito muito alto e forte, que costumava trabalhar nas minas antes de sofrer um acidente que o incapacitou. Chamavam-se Tibur e Goover.

Tibur recebeu-os, enquanto Goover preparava um quarto para os três. Tibur era um pouco careca no topo da cabeça, mas das laterais brotavam cabelos longos, de um branco quase amarelo. Tinha uma barba mal feita e usava uma faixa de tecido surrado amarrada na testa. Estava atrás do balcão e seus dedos estavam sujos de tinta. Parecia ansioso para fazer a inscrição dos novos hóspedes em seu livro.

Tibur falava um pouco arrastado e tinha uma voz engraçada:

– Seus nomes, por favor.

– Kiorina De Lars, Noran e Mishtra. – respondeu Kiorina.

O velho anotou os nomes no livro, que parecia ser bem antigo.

– Apenas um quarto, senhorita De Lars?

– Sim.

Tibur fez um gesto de incompreensão, arqueando as sobrancelhas e projetando o lábio inferior para a frente, e terminou de fazer o registro.

– O que traz essas belas senhoritas a um lugar com este, em tempos tão perigosos?

– Viemos apenas esperar pela caravana que vai para WhiteLeaf. – disse Kiorina, sorrindo, pois havia simpatizado com o velho.

Ele fez um gesto curto de concordância com a cabeça e os lábios. Sempre fazia gestos exagerados com os lábios. Logo desviou sua atenção para Mishtra.

– Que pena que já não enxergo bem... ah... o tempo! – disse para si mesmo, olhando o corpo da silfa.

Mishtra olhou-o com desprezo e enrolou-se no manto que trazia.

– Não se ofenda, moça, só estava tentando vê-la melhor... Já não enxergo muito bem, sabe? – disse Tibur, que possuía nos olhos umas manchas esbranquiçadas.

Noran não parecia estar em sintonia com aquela conversa. Olhava a estalagem e os detalhes de sua construção, as falhas e marcas da madeira das paredes e do teto, os objetos que ficavam em cima do balcão e a organização das velas no lustre. No geral, o local parecia abandonado e empoeirado, além de ser uma construção bastante antiga.

Tibur saiu de trás do balcão. Tinha um pouco de dificuldade para andar. Olhou à sua volta e resmungou:

– Realmente, é uma pena... Como se não bastassem as assombrações que assustavam a clientela, agora isto: uma droga de guerra! Porcaria de bestiais! – deu dois passos e completou: – É o fim!

Kiorina aproximou-se, colocou a mão sobre os ombros do velho e disse:

– Calma, senhor Tibur, nós vamos vencer a guerra, e as coisas vão enfim melhorar.

As últimas palavras do velho capturaram a atenção de Noran, que, infelizmente, não compartilhava o ponto de vista de Kiorina. Desde que se deu conta do que poderia estar acontecendo, passou a ser comum que sua mente se perdesse em divagações. Pensava em todas as implicações do que estava acontecendo, e as poucas conclusões a que chegou não eram nada animadoras.

– O senhor mencionou assombrações? – indagou Noran, interessado.

– Acho que eram apenas histórias...

– Mas sua clientela diminuiu, não foi?

– Sim...

– Se eu dissesse que nós vimos uma dessas assombrações, o senhor acreditaria?

Tibur deu de ombros e projetou o lábio inferior para frente.

– Suponha que existam tais assombrações... O senhor teria alguma história que ouviu e que gostaria de nos contar? Imagino que tenha ouvido muitas histórias por aqui, não?

– Sim, muitas histórias... especialmente nas minas, sobre mineiros desaparecidos. Histórias terríveis, meu filho!

Goover desceu as escadas e disse, com uma voz muito grave:

– Senhor, o quarto está pronto.

– Eu gostaria que o senhor nos contasse algumas delas depois de nos trocarmos.

– É claro, meu filho. Eu contaria ainda que você não pedisse. He, he, he.

Aquela noite prometia ser especialmente fria. Antes de o sol se pôr, nevara e ventara bastante. Muitos rangidos puderam ser ouvidos, provenientes das janelas, além dos assobios provocados pelo vento ao passar por frestas na madeira.

Goover havia preparado um cozido verde e pastoso de raízes, que, apesar de não cheirar muito bem, tinha um sabor razoável. Estavam todos ao redor de uma grande mesa de madeira escura, construída com grossos cortes, que parecia inquebrável. Ela estava posta, com pratos fundos, copos de couro e colheres de madeira para seis pessoas.

Kiorina, muito curiosa, após comer um pouco do cozido, perguntou:

– Senhor Tibur, para quem é esse prato?

O velho mastigava um pedaço de raiz e disse, com a boca cheia:

– O outro hóspede... mmm... um rapazote.

– Um garoto estranho... Ainda não chegou; ele, às vezes, sai e só volta no dia seguinte. – disse Goover.

O velho comentou, ainda com a boca cheia:

– É... imagino onde dorme...

Houve um pequeno silêncio, mas, em seguida, os barulhos de todos à mesa voltaram. Aproveitando-se da pausa, Noran disse:

– Senhor Tibur, lembra-se das histórias? Poderia nos contar uma delas, por gentileza?

– Ah, sim, uma história de assombrações... he, he, he... – o velho mudou a postura em que se encontrava; corrigindo a posição da coluna, elevou a

cabeça sutilmente e passou a mão sobre a barba rala. Continuou: – Vou lhes contar a história de Gulfar, o fantasma das minas. É uma história muito popular entre os mineradores. Sempre que falamos em mineração, nos lembramos dos anões. Uns dizem que foram eles que, há muito tempo atrás, ensinaram para os humanos os segredos da fundição dos metais e da feitura de armas. São histórias que vão longe no passado, tão antigas, que não estão nem nos mais velhos livros que conhecemos. Até mesmo os motivos pelos quais os humanos perderam o contato com os anões não são conhecidos.

Mishtra parecia um pouco incomodada com a história. Um dos elementos da cultura dos silfos alimenta aversão aos anões, bem menor agora, provavelmente porque a maioria dos silfos e dos anões costumam viver sem se encontrar nem uma vez sequer.

– Dizem que Gulfar foi um anão que não queria abandonar estas minas. Na época, os anões decidiram abandonar a região e migrar para a Cordilheira de Thai, que fica ao norte. Gulfar resistiu, pois não queria abandonar uma mina que era muito rica não só em prata, mas também em cristais de sargentium e diamantes.

– Cristais de sargentium? – perguntou Noran.

– É o que dizem... Eram cristais muito raros, que já não se encontram mais.

Kiorina franziu as sobrancelhas para Noran e disse:

– Dizem que esses cristais possuíam propriedades energéticas naturais, Noran; nunca ouviu falar?

– Não.

– Dizem que apresentam um brilho amarelado, estranho. – disse Kiorina.

– Talvez já tenha ouvido falar dele com outro nome...

– Aqui se fala muito em encontrar cristais de sargentium. – disse Tibur.

– Acredita-se que quem usa jóias feitas com esses cristais vive mais. Gulfar era obcecado por essas pedras e viveu minerando e produzindo colares, anéis e coroas com elas. Dizem que era o patrono de uma família de anões e que, com o tempo, as pessoas de sua família foram embora, até que ele ficou sozinho. Teria vivido mais de quinhentas primaveras, até morrer trabalhando na mina. Muitos caçadores de tesouro já procuraram o túmulo que Gulfar construiu para si mesmo, onde se acredita existir um grande tesouro.

– Isso não parece assustador; na verdade, é excitante! Alguém já achou uma pista de onde fica o túmulo de Gulfar? – perguntou Kiorina, exaltada.

– Calma, a melhor parte ainda não chegou... Dizem que a obsessão de Gulfar com a mineração de mais tesouros era tanta que, quando morreu, seu espírito ficou preso nas minas e continua minerando até hoje. O pior: dizem que, se um minerador encontrar cristal de sargentium, o fantasma de Gulfar aparece para ele, carrega-o até seu túmulo e o tranca dentro dele, junto com seus tesouros.

– Que horrível! – exclamou Kiorina.

– Não se sabe como essa história surgiu, se é ou não verdade, mas o fato é que há mais ou menos quinze anos foram vistas diversas assombrações nas minas. Quando algum trabalhador desaparece, isso é atribuído às assombrações, entre elas Gulfar, o fantasma das minas.

– Interessante, muito interessante. – disse Noran.

Um novo silêncio se fez e passos foram ouvidos. Escutaram um rangido forte e, em seguida, a porta da estalagem se abriu. Uma rajada de vento e flocos de neve invadiram o lugar e algumas das velas se apagaram. Kiorina sentiu um frio na espinha; lembrou-se da aparição que havia enfrentado recentemente e da dor que sentira, gelada e cortante.

– Não é nada, apenas o outro hóspede do senhor Tibur. – disse Noran.

Kiorina deu um suspiro e Goover também. Tibur levantou-se e retirou uma vela do candelabro para levar até as outras, a fim de reacendê-las.

– Chegou a tempo para o jantar, Ian. Goover preparou um cozido de raízes. – disse ele.

O garoto aproximou-se. Tinha um andar diferente, gingava um pouco; possuía longos cabelos escuros, bastante lisos, até a cintura; era bem magro, mas os músculos eram bem definidos. Vestia uma calça de couro marrom-escuro, apertada, e um blusão negro. Colocou seu casaco escuro sobre outra mesa.

– O que houve? Até parece que viram um fantasma! – disse Ian.

Todos riram. Ian ficou sem entender; apresentou-se:

– Meu nome é Ian, prazer em conhecê-los.

– Sou Noran, de Tisamir, essa é Kiorina de Lars, de Kamanesh, e essa é Mishtra.

O rapaz sentou-se e serviu-se do cozido. Mishtra olhava-o com interesse. Seu tipo físico, magro e musculoso, lembrava um silfo. Ela estava atenta aos movimentos do rapaz, precisos e elegantes, à moda dos silfos.

“Noran, está me ouvindo?”

“Sim, recebi seus pensamentos.”

“Esse rapaz não é normal...”

“Eu também percebi.”

Enquanto Noran e Mishtra se comunicavam, Kiorina disse:

– Ian, posso fazer uma pergunta?

O rapaz, que parecia um pouco reservado, terminou de mastigar, engoliu e respondeu:

– Sim, é claro.

Kiorina estava muito curiosa, mas, ao mesmo tempo, sem jeito.

– De onde você é?

– Sou um viajante, filho de viajantes, não possuo cidade natal.

– Desculpe-me se sou intrometida, mas o que faz num lugar como este, durante uma guerra?

– Uma boa pergunta, senhorita. Fico imaginando o mesmo sobre vocês...

Diga-me, senhor Noran, o que o fez sair de Tisamir para vir até esta vila, no inverno, durante uma guerra?

– Negócios.

– Hum, presumo que veio de Kamanesh também a negócios, não é mesmo, senhorita De Lars?

– Sim e, por favor, me chame de Kiorina.

– Pois é, eu também estou aqui a negócios. Coincidência, não?

– É verdade. – disse Kiorina.

– Infelizmente, a verdade não existe. O que há são apenas meias verdades.

– Ponto de vista interessante, senhor Ian. – disse Noran, intrigado com o rapaz.

– O que o senhor acha, senhor Noran? Acredita na verdade absoluta?

– Sim, mas sua existência não impede que existam meias verdades. Na realidade, as meias verdades só existem por falta de informação sobre um determinado assunto ou situação.

– Entendo... – comeu outra colherada do cozido, tranqüilamente, e continuou: – E qual é a verdade absoluta?

Novamente um silêncio breve, ao fim do qual Noran disse:

– Para nós, ela é inalcançável, pois somos extremamente limitados.

– É como o caso da religião, você acredita ou não!

Kiorina franziu a testa e demandou:

– Então você não acredita nos deuses?

– Perdão, mas não disse isso, apenas que existem pessoas que acreditam e outras que não. Nunca quis ofendê-la.

– Não... não foi nada... – disse ela, um pouco sem graça.

Noran examinou cuidadosamente o rapaz e disse:

– Sabe, Ian, você me lembra muito um viajante que conheci recentemente, um homem extraordinário chamado Vekkardi.

O rapaz engasgou com a comida e cuspiu no prato. Depois disso ficou vermelho e começou a tossir sem parar. O velho Tibur despejou água em um copo e imediatamente ofereceu a ele, que bebeu rapidamente.

– Desculpem-me... – disse o rapaz. Arrastando a cadeira para trás, ficou de pé e completou: – Lembrei-me de uma coisa que tenho para fazer.

– Ian é seu primeiro nome ou é seu sobrenome? – quis saber Noran.

– Como?

– Você ouviu, rapaz, ou poderia chamá-lo Rikkardi?

– Riki, o quê? Do que o senhor está falando?

Noran desamarrou a faixa que costumava usar amarrada sobre a testa e revelou seus sinais, dizendo:

– Não tente me enganar. É óbvio que você não se chama Ian; é como se eu pudesse ler Rikkardi escrito em sua testa.

– Uau! Você é um iniciado de Tisamir! Você, quero dizer, o senhor é capaz de exercer influência nos padrões através da manipulação do Jii...

– Hmm, onde aprendeu sobre essas coisas, jovem Rikkardi?

– Rikkardi? – indagou Tibur. – Seu nome não é Ian, rapaz? E que conversa é essa de Jii?

– Desculpe-me, senhor Tibur, tive de mentir sobre meu nome, porque não queria ser encontrado pelo meu irmão, que deve estar me procurando.

– Seu irmão é Vekkardi, de quem o senhor Noran falou há pouco, não é?

– É... – disse Rikkardi, envergonhado. – Perdoem minha mentira, sinto-me muito mal por ter mentido...

– Tudo bem. – disse Kiorina. – Ninguém vai morrer por causa disso...

– Tudo bem, Rikkardi. – concordou Noran. – Acredito que há um bom motivo para estar fugindo de seu irmão...

– Sim... mas como conheceu meu irmão?

– Ele salvou minha vida e pediu que, se encontrássemos você, disséssemos que ele está à sua procura. – disse Noran.

Rikkardi concordou com o cabeça.

– Eu imaginava que ele estava por perto... Meu irmão sempre tem um bom julgamento, se ele o salvou e pediu seu auxílio... – pensou por uns instantes e disse: – Eu vou lhes contar por que estou aqui e as coisas que descobri. Acredito que vocês vão poder me ajudar.

CAPÍTULO 39

Era bem tarde. A tempestade parecia ter diminuído um pouco. Estavam sentados ao redor da mesa próxima à lareira Noran, Mishtra, Rikkardi e Kiorina. Rikkardi manteve-se mais quieto, enquanto Tibur e Goover ainda estavam presentes; apenas quando se retiraram, ele se sentiu à vontade para falar.

– Afinal, Rikkardi, quantos anos você tem? – quis saber Kiorina.

– Não sei ao certo, mas acredito que seja algo em torno de dezesseis. Como já disse, eu e meu irmão somos órfãos e fomos encontrados e acolhidos por nosso benfeitor, o senhor Alunil. Eu era apenas um bebê, e meu irmão, um rapaz.

Kiorina sentiu um pouco de pena do menino. Olhou para baixo e pensou em como seria não conhecer os pais. Acabou pensando nos seus e sentiu-se mal por ter saído de casa sem que seu pai aprovasse.

– Onde você mora?

– Nas montanhas, bem longe... – disse, retirando uma mecha de seu longo cabelo de cima do rosto.

– Na terra dos anões?

– Não, acredito que não... isso seria mais a oeste...

– A Srta. Mishtra está me dizendo que o senhor Alunil deve ser um homem muito polido. – disse Noran.

– Sim, ele é muito generoso, bondoso e educado. – disse o rapaz, com orgulho.

– Bem, mas o que o trouxe tão longe de seu lar?

– Uns sonhos...

– Sonhos? – Noran parecia interessado.

– Sim, comecei a ter uns sonhos que se repetiam. Eram sobre uma guerra. Vi criaturas que nunca havia visto; eram os bestiais. Contei meus sonhos para o senhor Alunil, que me disse tratar-se possivelmente do reflexo de uma guerra que havia acontecido poucos anos antes do meu nascimento. Os sonhos começaram a ficar mais detalhados. Apareciam neles pessoas

muito perturbadas pedindo ajuda. Estavam presas em lugares horríveis, seus corpos apodreciam diante de meus olhos. Os sonhos eram péssimos. Comecei a tentar não dormir. Meu irmão e o senhor Alunil ficaram preocupados. Eventualmente, após um ou dois dias sem dormir, caía no sono. Voltava a ter os sonhos, cada vez piores. O senhor Alunil me preveniu que mais cedo ou mais tarde eles cessariam. Disse que eu teria o impulso deixar nosso lar e viajar para o Reino de Lacoresh, a fim de investigar a origem dos sonhos, mas disse também que, se eu viesse, correria sério risco de morrer. Quando contei a meu irmão, ele não quis deixar que eu saísse de casa sem que ele fosse junto, pois tinha medo de que eu me perdesse. No entanto, como o senhor Alunil disse, se eu desejasse ir, nada me impediria. Quando soube da guerra, não resisti e vim. Aproveitei um dia em que meu irmão havia saído para buscar umas ervas especiais para o senhor Alunil e parti. O senhor Alunil me advertira de que havia enxergado grandes possibilidades de que eu fosse morrer em minha jornada, mas que também carregava comigo algo muito importante, que poderia ajudar a salvar a vida de centenas de pessoas inocentes que estavam sofrendo bastante.

Kiorina parecia sensibilizada com a história. Perguntou:

– Rikkardi, o que você descobriu, o que está havendo?

– Além desta guerra, existem coisas terríveis acontecendo... Muitas pessoas estão sofrendo e muitas mais irão sofrer. Existe uma estranha organização de homens espalhados por esta região. São pessoas más, muito más, que estão raptando homens e mulheres, levando-os para longe de suas famílias e fazendo-os sofrer. Estão torturando e matando essas pessoas. Muitos desses homens, até alguns nobres, são bruxos e se utilizam da magia negra para alcançar o poder. Andei investigando... Descobri um de seus esconderijos nas montanhas, para onde os vi levar pessoas raptadas. Estava pensando em agir, fazer alguma coisa, mas sozinho posso pouco contra eles, que são muitos! Estão planejando algo terrível, eu sei. Tenho sonhado... É horrível! Alguém tem que impedi-los! – Rikkardi se exaltou, levantou-se e bateu com o punho cerrado sobre a mesa com tanta força, que imprimiu nela o formato de seu punho.

Todos se assustaram com aquela súbita violência, mas também foram capazes de entendê-la.

– O que fazemos, Noran? Você ouviu isso? – perguntou Kiorina, nervosamente.

– Em primeiro lugar, vamos nos acalmar.

Dito isso, Rikkardi voltou a sentar-se.

– Você não está com medo de morrer? – perguntou Kiorina.

Rikkardi não respondeu.

Kiorina ficou muito assustada com aquela história. Queria voltar para Kamanesh imediatamente, contar tudo aquilo para mestre Heirich, queria sua mãe, seu pai, Dora. Por um instante, quase perdeu o controle.

– Rikkardi, presumo que o senhor Alunil seja um homem muito instruído. Certamente foi ele quem lhe ensinou sobre o Jii, não foi?

– Sim, ele me falou sobre Tisamir e seu povo. Também sobre o Ermirak. Ele conhecia diversas pessoas lá e sempre me falava do senhor Kivion e de como ele o respeitava.

Noran pensou em seu mestre por uns momentos. Disse:

– Kivion era meu mestre... Engraçado, nunca mencionou o senhor seu benfeitor...

– Você é discípulo de Kivion? Céus! Mas, espere aí, por que você disse que ele era seu... ei... ele não está... – não foi capaz de completar. Engoliu seco. – Está?

Noran confirmou com um gesto.

– Sinto muito. Faz tempo?

– Recentemente, antes do início da guerra.

– Talvez seja por isso que o senhor Alunil estava diferente ultimamente...

Houve silêncio. Kiorina sentia-se sozinha. Pensou em Kyle. O que estaria acontecendo com ele?

– Kyle... – sussurrou Noran.

Kiorina apertou o braço de Noran que estava sobre a mesa e perguntou:

– O que disse?

– Anh? – Noran parecia distraído.

Ela havia escutado... Ele dissera Kyle. Kiorina sentiu uma sensação muito ruim. Perdeu o controle. Lágrimas rolaram silenciosamente por sua face. Aquilo se parecia com um dos pesadelos de Rikkardi, mas era pior, pois ela estava acordada.

– Aconteceu alguma coisa com Kyle, não foi?

– Kyle? Sim... ele não está bem. Aconteceu alguma coisa com ele... e...

– O que, Noran, fala de uma vez! – gritou Kiorina.

– Ele não está longe, posso sentir... Está pensando em nós fixamente. Quase dá para ouvir seus pensamentos... Ele não está bem... Vistam-se. – disse e levantou-se. – Vamos imediatamente!

– Infelizmente, não posso ir com vocês. Estou seguindo uma pista e acredito que amanhã poderei encontrar a base principal deles. – disse Rikkardi.

– Tudo bem. – disse Noran. – Quando encontrarmos Kyle, nos falaremos novamente. Acredito que podemos nos ajudar. Foi um prazer conhecê-lo, jovem Rikkardi. Gostaria de conversar mais com você em breve. – estenderam as mãos e se cumprimentaram.

– Igualmente! Foi uma honra conhecê-lo.

Noran estranhou um pouco e disse:

– Muito bem, minhas amigas, vamos. Kyle precisa de nossa ajuda.

Praticamente não tinham visibilidade nenhuma. Noran havia ampliado seus sentidos e guiava o grupo. Kiorina a toda hora tinha de reacender a lamparina com sua magia, mas a distância iluminada era pequena. Ela desejava ter dominado mais as magias do fogo, de forma que fosse capaz de fazer uma chama que não se apagasse, a não ser pelo uso de outros encantos.

Andaram o resto da madrugada em direção ao sul. Quando, amanheceu o céu estava um pouco mais limpo, e o sol da manhã iluminou os montes cobertos de neve. Árvores sem folhas e algumas coníferas se estendiam ao longo da paisagem, mostrando o branco no topo e tons escuros embaixo.

Mishra cutucou Noran, pensando: “Noran, olhe! Fumaça!”

– Onde? – respondeu ele, falando.

Logo após, todos viram um pequeno filete de fumaça cortando o céu. O cansaço era grande, afinal não haviam dormido, mas também já estavam se acostumando com essa rotina. Aumentaram o ritmo da caminhada, até que viram um pequeno abrigo parcialmente tombado, de onde saía a fumaça.

– Kyle está lá! – disse Noran.

Correram o máximo que suas forças permitiram. Mishra adiantou-se nesse esforço final e foi a primeira a chegar ao abrigo. Observou pequenas brasas da fogueira quase extinta e, ao lado, uma das botas de Kyle. Uma

parte do topo do abrigo havia cedido. Viu o corpo de Kyle, parcialmente coberto pela neve. Rapidamente abriu espaço e retirou a neve de cima dele, que estava inconsciente e tinha o rosto inchado. Kyle tossiu, quase sem forças.

Noran e Kiorina finalmente chegaram e notaram que ele se movia. A jovem correu para abraçá-lo. Noran olhou à sua volta. Parecia tenso. Disse às duas:

– Temos que tirá-lo daqui depressa. Sinto algo muito ruim neste lugar.

Lágrimas corriam dos olhos de Kiorina, enquanto ela segurava a cabeça de Kyle no colo.

– Isso mesmo, cavalo dele ainda deve estar por perto; tente encontrá-lo.

– disse Noran, em resposta aos pensamentos de Mishtra.

Logo a silfa sumiu entres as árvores. Noran juntou uns gravetos, colocou-os nos restos da fogueira de Kyle e disse:

– Kiorina, acalme-se! É muito importante. – fez uma pausa. – Consegue utilizar suas capacidades mágicas?

Ela fez que sim com a cabeça.

– Pois bem, faça um fogo forte aqui. – indicou Noran.

Ela evocou suas energias e pronunciou as palavras mágicas. Fez-se um fogo bastante forte no local. Noran retirou de sua sacola uma pequena panela de metal e nela derramou vinho, que, aquecido, foi dado a Kyle. Ele bebeu e quase despertou. Murmurou algumas coisas incompreensíveis. Logo após, escutaram o som de um cavalo se aproximando. Era Mishtra, montada no cavalo de Kyle.

Noran a observava com certa fascinação. Seus cabelos finos e dourados moviam-se em ondas, impelidos pelo vento. Depois de tantas viagens e lutas, as roupas da silfa se encontravam maltratadas e, em muitos pontos, rasgadas. Seu rosto estava sujo. Observava-a e procurava entender o que provocava em si aquela sensação. Ela parecia um camponesa muito pobre e sofrida; no entanto, mesmo esfarrapada, impressionava como se fosse nobre. Como era possível? Seria uma fascinação de natureza passional que ele estaria experimentando?

Lembrou-se de Kyle. Como poderia ter-se esquecido? O que estava acontecendo? E a presença maligna que havia sentido? Lembrou-se de uma vez em que seu mestre havia-lhe prevenido quanto a estar pronto para se confrontar com o mal. Era uma tarde de verão em Tisamir, mas não estava

quente, pois lá raramente fazia calor de verdade. Sob o sol, era possível aquecer-se, mas, em sua ausência, voltava a esfriar. Estavam no terraço do palácio Majsir, um dos cinco palácios da Ermirak. Lembrava-se perfeitamente de Kivion, seus cabelos trançados até a cintura, brancos como a neve que o cercava, seu nariz protuberante e inclinado para baixo, seus olhos bondosos e sua ricas sobranceiras também brancas. O sol de verão refletia perfeitamente sobre os cabelos de seu mestre, tornando-os brilhantes demais para serem observados por muito tempo. No terraço, ventava bastante. Noran observou que o vento variava, de acordo com o avanço de grandes massas de sombras das nuvens que observava, passando por cima dos jardins e construções de Tisamir. Os dois compartilharam o silêncio e a paisagem por um longo tempo. Havia um pequeno muro, onde apoiaram seus braços e cotovelos, enquanto observavam a paisagem e sentiam no rosto o sol e o vento. Noran recordou-se do grande susto que havia tomado ao ver seu mestre subir no muro, ficando de pé.

– Cuidado, mestre! O senhor pode cair! – disse o jovem Noran, tomado pelo medo.

– Eu poderia cair? – disse Kivion, equilibrando-se apenas num pé. – Não poderia o palácio ruir, meu caro Noran?

O mestre de Noran estava velho e, às vezes, até para caminhar tinha dificuldades.

– Por favor, mestre, ouça-me, o senhor poderia se machucar!

– Não ouviste minha pergunta, Noran?

– Sim.

– Pois não te preocupes!

Bateu um vento mais forte, e o velho silfo abriu seus braços para se equilibrar. Noran estendeu a mão para ampará-lo, mas, apenas com o olhar, o silfo desmotivou a ação de seu discípulo.

– Mestre... – murmurou Noran, tentando controlar sua ansiedade.

– Escuta muito bem, Noran, narrar-te-ei um conto! Um conto do meu passado...

Noran respirou fundo.

– Relaxa, meu filho! Relaxa e escuta com atenção! – disse Kivion, arregalando os olhos e assumindo uma expressão misteriosa. Com o brilho dos olhos, acalmou o jovem Noran, e continuou. – Como já te disse uma vez, em certa época de minha vida fui navegador. Fiz inúmeras viagens. Viajava

com uns primos distantes, silfos do mar, sobre os quais também já lhe falei. Era muito jovem e inexperiente. Foi meu primeiro contato com o mal verdadeiro, que é tão antigo como a água e o ar e tem várias faces. Às vezes, o próprio bem traz consigo a semente do mal. Muitas substâncias, quando misturadas à água, não revelam aos olhos sua natureza, que pode, no entanto, ser revelada através do olfato ou do paladar. Outras vezes, porém, o uso dos sentidos não nos revela nada. Assim é o mal, ele se mistura em tudo, se apega com grande facilidade às coisas, principalmente às do homem: jóias, animais, armas, fazendas, navios... praticamente tudo pode ser veículo do mal, que pode estar em toda parte. Assim também se dá com o bem. Eles caminham juntos, porém nunca se fundem, sendo como água e óleo... Como eu dizia, viajava em mares distantes. Buscávamos um livro velho que fora sepultado pelos antigos em uma ilha. Trabalhávamos por dinheiro, e aquele livro era valioso. Naquele tempo, não suspeitava possuir as capacidades que possuo, era somente mais um marujo, sabia ler e escrever e conhecia alguns truques mágicos interessantes. Nós não éramos exatamente bons; roubo e morte faziam parte da rotina da tripulação. Eu não me envolvia diretamente nas brigas, o que fazia com que fosse tratado como passivo, para não dizer covarde. Mas eu não tinha medo das coisas, e eles precisavam de mim, afinal era eu quem carregava o mapa dado por nosso contratador e sabia interpretá-lo. Desde cedo, percebi que dominava mais a mente que o corpo... Aconteceu que nos preparamos para enfrentar o perigo, mas, ao contrário, não tivemos dificuldade para encontrar a arca que guardava o tal livro, que levamos para nosso contratador. Recebemos o dinheiro e seguimos rumos diferentes. Não passou muito tempo e já havia perdido todo o dinheiro, as coisas não iam nada bem. Passei a fazer o que nunca fizera pessoalmente: roubar. Acabei mal. Fui preso e forçado a trabalhar nas terras que depois descobri serem de meu antigo contratador. Só anos depois, voltei a ser um silfo livre. Estava, sim, livre, mas desgostoso da vida, pois me esquecera do motivo pelo qual havia entrado nos negócios de mercenários, que era conseguir um nível de vida confortável e poder estudar. Tornei-me um vagabundo, a escória entre a escória. Durante esse tempo, sem perceber, comecei a desenvolver minhas capacidades mentais e as usei para enganar e roubar; o dinheiro, no entanto, não permanecia comigo muito tempo, independentemente da quantidade que arranjava. Certo dia, tentei roubar um viajante humano, que passava pela cidade. Fui surpreendido por sua voz em

minha mente. Com um olhar, ele evocou meu passado; lembrei-me de meus pais e minha família, de quem não me lembrava há muito tempo. Enxerguei-me de dentro para fora e fui coberto por uma vergonha profunda. Lembrei-me dos diversos conselhos que recebi para não ir ao encontro dos meus primos, os silfos do mar. Ele me explicou que o que eu passava não era totalmente minha culpa, que ele enxergava uma nuvem negra ao meu redor. Havia sobre mim uma terrível maldição, uma maldição dos antigos. Lembrei-me da estória do livro. Ele me convidou para beber. Bebemos e conversamos muito. Ele se apresentou como o enviado de uma escola chamada Ermirak. Disse que pouco poderia fazer para livrar-me da maldição, o que caberia a mim mesmo. No entanto, ensinou-me o caminho: teria de renunciar ao roubo, aos assassinatos e deveria devolver o livro ao seu lugar. Disse que viajaria para o sul, só voltando ao norte daí a alguns anos. Contou-me sobre meu grande potencial para o conhecimento das forças invisíveis da mente e convidou-me para ir estudar no Ermirak, caso conseguisse me livrar da maldição dos antigos. Como estou aqui, podes imaginar o final da história... não foi fácil, nada fácil. Tive de enfrentar demônios internos e verdadeiros, o verdadeiro mal personificado. Em outra ocasião, conta-te-ei...

Kivion desceu do muro e adiantou-se para descer as escadas. Já era quase noite.

– Mas, mestre...

– Sim.

– O que essa história tem a ver com o senhor subir no muro?

– Mmm... – suspirou o velho.

– Desculpe-me, mestre, mas não compreendo.

– Muito bem, qual a chance que tinha de perder o equilíbrio e cair lá embaixo?

– Como poderia saber?

– É a mesma de me desequilibrar e cair para este lado, sem me machucar muito...

– Isso quer dizer que a chance de haver uma inclinação para o mal e para o bem é a mesma?

– Não, Noran, não é a mesma. Existem outros fatores, é algo demasiadamente complexo.

– Então não compreendo...

- Por que ficaste tão alarmado quando subi?
- Tive receio de que o senhor caísse...
- Tu, por acaso, acreditas que, por ter subido, estava ficando louco?
- Não...

- Eu vou dizer-te o que houve. Cair é a representação de uma coisa ruim; mesmo que as chances de inclinação sejam as mesmas, tendemos a acreditar que a chance de cair para o lado do mal é maior. O que aprendi na prática, sem tutores, foi que tudo depende da própria atitude: se ela é insegura, se duvidamos de nossa capacidade, tendemos a sucumbir ou temer; se estamos certos de nós, não tememos, não sucumbimos!

Com um gesto, modelou, a partir das rochas, no centro do terraço, um pequeno muro, de mesma espessura daquele em que havia subido.

- Suba neste muro, Noran! – comandou Kivion.

Noran obedeceu.

- Fica num pé só. Muito bem... Agora, anda! Muito bem... Corre! Ótimo... Salta! Perfeito... Pára!

Noran olhava para seu mestre, imaginando o que ele lhe pediria.

- Vai até o muro em que subi e sobe!

Noran foi lentamente, olhou para baixo e tremeu. Subiu lentamente. Era muito alto, se caísse, morreria.

- Muito bem... Fica num pé só!

Noran, muito nervoso e tremendo, não pôde se mover e acabou descendo. Cabisbaixo, disse:

- Não posso...

- Fique sabendo que pode, Noran! Essa é sua próxima lição. Só avançaremos quando você for capaz de correr e saltar sobre esse muro...

Noran engoliu seco. Seu mestre completou:

- de olhos vendados.

CAPÍTULO 40

A estalagem do velho Tibur era agora o teto sob o qual Kyle repousava. O tempo continuava ruim, e as preocupações eram muitas. Noran temia que mais acontecimentos desfavoráveis tivessem ocorrido. Afinal, já era noite do dia seguinte ao resgate de Kyle e nenhuma pessoa havia aparecido para integrar a tal caravana de que se falou em Xilos, dias atrás.

Enquanto Kiorina cuidava de Kyle em um dos quartos da estalagem, Noran e a silfa conversavam silenciosamente na mesa em que haviam jantado na noite anterior. Estavam sentados um em frente ao outro e se olhavam nos olhos.

“Mishtra, devemos sair daqui o quanto antes!”

“E a caravana, Noran?”

“Temo que algo tenha ocorrido, talvez um segundo ataque dos bestiais, ou mesmo algo mais sério...”

“Nesse caso, será uma questão de tempo para que os bestiais nos alcancem...”

Noran não enviou pensamentos.

“Para onde vamos? Como viajar com Kyle nesse estado?” – quis saber Mishtra, apenas flexionando as sobrancelhas.

“Precisamos arriscar; o cavalo do rapaz é muito forte e já se recuperou. Levaremos Kyle montado e seguiremos a pé.”

“Não acredito que a garota será capaz de suportar uma viagem a pé nessas condições de tempo...”

Ficaram em silêncio por uns instantes. Noran comentou: “Percebeu, Mishtra?”

“O quê?”

“Você está melhorando sua comunicação! Estamos discutindo com uma velocidade muito maior que se falássemos; na realidade, discutimos isso tudo em menos da metade do tempo que levaríamos se estivéssemos falando...”

“Não, foi muito mais rápido. Se estivéssemos falando, não teríamos terminado nunca... Esqueceu-se de que eu não posso falar?”

Noran sorriu e concluiu: “Hmm, então você tem senso de humor!”

Mishtra sorriu.

“Posso fazer uma pergunta?” – pensou Noran.

“Você quer saber se eu sempre fui muda, não é?”

“Você adivinhou isso?”

Ela sorriu novamente e respondeu: “Digamos que sim... Se me permitir, não quero falar sobre isso, me traz recordações dolorosas.”

“Entendo.”

“Acho que seria uma boa idéia vermos como Kyle está.”

“Certo!” – disse Noran, apoiando as mãos sobre a mesa para se levantar.

Enquanto subiam as escadas da estalagem, Noran começou a perceber o que estava havendo entre Mishtra e ele. Estavam experimentando um laço de afinidade devido ao tipo de comunicação que praticavam, que permitia compartilhar alguns pensamentos. Apesar dos terríveis acontecimentos, ele estava feliz por ter feito uma amiga com quem sabia que poderia contar dali para frente.

A porta estava entreaberta e Mishtra observou por alguns instantes. O quarto não era muito grande; uma janela, cujo vidro ficava sob uma trama xadrez de madeira, o iluminava, apesar de embaçada. Havia duas lamparinas que iluminavam o local. Kiorina estava de costas para a porta, sentada na lateral da cama, passando a mão na testa de Kyle com ternura e observando-o. Kyle, todo coberto, estava muito abatido e alguns pontos do rosto ainda estavam inchados. Quando chegou, foram tratados os diversos ferimentos pequenos tinha, principalmente nos pés, que foram enfaixados. De tempos em tempos, Kiorina aquecia um cozido de ervas feito por Mishtra e embebia com ele essas faixas. Com a chegada de Noran, Kiorina deu uma olhadela para trás, mas não disse nada. Noran quebrou o silêncio:

– A respiração dele melhorou, não foi?

– Um pouco. – disse Kiorina, com a voz abatida.

Kyle tossiu, contorceu-se um pouco e murmurou:

– A luz... Archie, por que a luz se foi?

– Continua delirando... Ele falou outra coisa além disso? – quis saber Noran.

– Sim, depois da última vez, falou um monte de palavras emboladas, no meio das quais entendi Gorum, duque, Kandel, bestiais...

– Fico pensando se Gorum está bem... – disse Noran, olhando para o vazio.

– Ele é durão!

– Eu sei.

– Kyle estar falando essas coisas é um bom sinal?

– Não estou certo... Pode ser... – Noran sentou-se em uma cadeira que estava ao lado da cama. – Kiorina, estive conversando com Mishtra e achamos que devemos partir amanhã pela manhã.

– Como? E Kyle?

– Eu o estava poupando, mas acredito que agora é a hora apropriada.

– Como assim? Hora apropriada para quê?

– Vou trazer Kyle de volta.

– O quê?

– Seu corpo parece ir bem, nada além arranhões e um resfriado, mas sua mente se perdeu, eu não sei quanto, mas vou descobrir.

– Noran, do que você está falando?

– Mergulharei na mente de Kyle. Vou encontrá-lo e trazê-lo de volta.

– Como assim?

– Outro dia eu lhe explicarei melhor... – dizendo isso, Noran fechou os olhos e se recostou na cadeira, parecendo relaxar.

Mishtra saiu do quarto; Kiorina imaginou que fosse para fazer uma ronda. Pouco depois, Noran começou sua preparação para entrar na mente de Kyle. Gastou tempo preparando uma armadura apropriada para a ação. Na realidade, o discípulo de Kivion não tinha muita experiência com mergulhos em mentes alheias. Tratava-se de algo extremamente perigoso, podendo até mesmo tornar-se uma viagem sem volta. Era bem diferente de captar pensamentos ou imagens que as pessoas deixam escapar espontaneamente de suas mentes e que, em geral, não são muito nocivos, pois passam através das muitas camadas e filtros da mente. Nas camadas mais profundas residem coisas terríveis, como as potencialidades para o mal e os piores atos suprimidos de uma pessoa, entre outras possibilidades. Finalmente, após tecer uma armadura forte o bastante, Noran deixou seu corpo e, sem verificar os detalhes do mundo invisível, tratou de bater às portas da mente de Kyle. Pensou: “Por favor, Kyle, me perdoe...” – e se deixou levar por uma grande

onda, que o arremessou para dentro da mente do amigo. Viu-se em um espaço vazio, sem teto ou chão, apenas brumas coloridas ao longe. Estava na camada mais externa, praticamente vazia. Resolveu fazer um teste de reação. Disse:

– Kyle, onde você está?

Olhou à sua volta. Uma bruma distante, de tom azul, tornou-se levemente púrpura. Noran decidiu flutuar em direção a ela. Observou que sua mão direita, projetada a frente de seu corpo, estava coberta de uma fina camada metálica. Logo se viu envolvido na bruma púrpura.

– Kyle?

Nada aconteceu. Disse novamente, quase gritando:

– Kyle Blackwing!

Sentiu seu corpo pesar e cair. Atravessou a bruma e aterrissou sobre um chão gosmento, quase negro. Agachou-se e pegou um pouco do muco na mão. “Isso é estranho...” – pensou. Andou um pouco mais e viu um lago daquela substância. Fez uma pequena corrida, saltou no lago, nadou por alguns instantes e viu uma luz no fundo. Mesmo sabendo que não precisava respirar, que seu corpo estaria fazendo isso para ele fora dali, sentia-se muito desconfortável. A luz vinha de uma janela, que ele reconheceu: era da oficina de Gorum. Atravessou a janela, com se não fosse sólida, e se viu dentro da oficina. Começou a escutar sons de metal martelado.

– Bem, as coisas estão fazendo mais sentido... Kyle? Kyle, você está aí?

Resolveu seguir as marteladas. Já conhecia o lugar, sabia que ia chegar na parte da oficina onde Gorum costumava trabalhar. Lá estava ele, martelando um pedaço de metal, ao lado da fornalha. Parecia diferente, mais jovem e ainda mais vigoroso.

– Gorum, onde está Kyle?

Sem olhar, o gigante respondeu:

– Está brincando com Archibald...

Noran parou para pensar um pouco ao som das marteladas de Gorum. “Devo estar em alguma região do passado de Kyle. Como encontrá-lo em seu estado presente?” – concentrou-se e avançou em direção à fornalha, pois sabia que ali era um local de passagem. A armadura protegeria sua mente da crença de que sua pele estaria se queimando. Experimentou uma sensação de calor e atravessou o fogo intenso. Ao sair, viu-se na cidade de Kamanesh, ou

próximo dela. Ventava e não havia ninguém nas ruas. “E agora? Acho que preciso estimulá-lo de outras formas. Mas como?” – pensava Noran.

– Kyle! Você está ouvindo? Precisamos de sua ajuda! A guerra continua e carecemos do seu apoio na luta contra os bestiais! – gritou e escutou sua voz ecoar naquele estranho mundo da mente de Kyle.

Não houve resposta, mas começou a escutar sons ao longe. Como o lugar começava a fazer mais sentido, foi capaz de flutuar e se orientar pelo cenário. Havia um barulho de luta, espadas tintinando. Chegou por cima do local e pôs-se a observar, de pé, na muralha de pedra. Era o forte ao lado do castelo de Kamanesh. Havia um pátio e nele vários jovens pareciam treinar, dentre os quais reconheceu Kyle, com os cabelos um pouco mais curtos.

– Kyle! Escute! Sou eu, Noran!

O rapaz não ouvia. Noran desceu e viu que ninguém o notava. Parou para pensar um pouco mais, enquanto viu Kyle ser derrotado por seu instrutor. O homem barbudo sorriu para Kyle e disse que ele estava melhorando, mas que ainda precisava desenvolver-se muito para vencê-lo.

Noran decidiu mudar de estratégia após concluir que estava na área em que ficavam as memórias de Kyle, onde não havia seu pensamento presente, somente fatos ordenados e amontoados. Concentrou-se e resolveu entrar mais fundo. Deixou-se levar por sua intuição, que lhe mandava seguir a mesma noção que tinha no mundo real para se aprofundar. Começou a cavar a terra do chão e, em pouco tempo, percebeu que havia outras coisas abaixo, como vozes, que ficavam mais altas à medida que cavava. Para cavar mais rápido, gastou um pouco de tempo tecendo ao redor de sua mão pequenas enxadas.

– Bestiais!

Noran acabara de ouvir um grito desesperado de Kiorina. O que estaria havendo? Será que a estalagem do velho Tibur estava sendo atacada por bestiais naquele momento, enquanto cavava um caminho através da mente de Kyle? Escutou a voz de Archibald, dizendo palavras estranhas:

– Rochus Carvus Oném!

Resolveu continuar cavando, até que a terra se transformou em madeira; ao quebrá-la, Noran viu que estava na floresta de Shind. Escutou um gemido de dor com a voz de Kyle. Quando olhou, viu que ele segurava sua espada horizontalmente, contra outra de metal, muito suja, na qual um bestial imprimia bastante força. O bestial gritou:

– Ergor orto Morr!

Os dois faziam muita força. Kyle conseguiu levantar a espada acima de sua cabeça. Noran notou um filete de sangue escorrendo pelo braço de Kyle, que gritou:

– Tome isso! – e acertou um chute na virilha da fera.

“Acho que estou avançando... Estava em Kamanesh, em uma região da infância de Kyle; depois o vi em treinamento, para tornar-se cavaleiro; agora estou em Shind, vendo-o combater bestiais... Se voar muito rápido para oeste, irei para MontGrey...” – pensou Noran e abandonou o local da luta. “Acho que estou pegando o jeito... Descerei mais!”

Noran concentrou-se e atravessou o solo da floresta; em seguida, experimentou uma sensação intensa de frio. Estava num campo coberto de neve. As paisagens eram familiares, era o condado de MontGrey. Tomou um grande susto quando, de repente, foi envolvido por dezenas e dezenas de cavalos. Eram as tropas de Kamanesh, avançando sobre o terreno gelado. Percebeu Kyle entre eles. Tentou segui-las, mas foi deixado para trás. Pensou depois que poderia ter voado para acompanhá-los.

Anoiteceu e a escuridão cegava Noran. Ele ouviu o assobio forte do vento e foi tomado por sensações terríveis de frio e dor. O medo o invadiu; agachou-se e pensou: “Todos estão dependendo de mim.. não posso simplesmente ficar aqui encolhido!”

– O que está acontecendo? – gritou. – Mestre Kivion, ajude-me! Estou com frio... Eles vão nos pegar! Por que a neve está derretendo? Onde está minha armadura? Por que não posso senti-la?

Amanheceu novamente no vale. Noran percebeu que seus pés estavam descalços e molhados. Pisava não mais em neve, mas no sangue que cobria todo o chão. Podia sentir seu terrível cheiro. Sangue, sangue, sangue!

– Pelos deuses, o que é isso?

Havia pisado na cabeça de um soldado; agora, o solo eram membros e cabeças decepadas. O local foi tomado por uma voz desconhecida:

– Você sabe o que significa ir à guerra? – e voz ecoava: – ir à guerra? à guerra? guerra?... Você nem imagina, não é? não é? É a luta pela sobrevivência! É a responsabilidade de vidas em suas mãos! A vida de vários soldados em suas mãos! Você já parou para pensar nisso, meu jovem?

E ouviu outra voz, dizendo:

– O que você acha que está havendo? Acredita que viemos passear? Tem idéia do que está havendo? E então? Você tem responsabilidade com o Duque, com seus homens e com nosso destacamento! O que acha que vai acontecer com seus homens, se você se ausentar? Xilos? Não foi para lá que seus amigos foram?

Depois, houve um breve silêncio, quebrado pela voz de Kiorina:

– Tão cedo?

Em seguida, Noran escuta a própria voz:

– Pode contar comigo, eu tomarei conta dela.

Noran levou um choque. Lembrou-se do que seu mestre disse sobre ir muito fundo na mente das pessoas e o grande perigo que isso representava para os envolvidos. Concentrou-se, fechou os olhos; precisava livrar-se da influência da mente de Kyle, que começava a absorvê-lo. Finalmente gritou:

– Kyle, pode me ouvir? – e repetiu: – Kyle, pode me ouvir?

– Quem está aí?

– Sou eu, Noran!

– Onde você está? O que está fazendo no meu sonho?

– Não é um sonho, Kyle. Precisamos de você!

– Onde estou, então?

– Seu corpo está seguro! Nós achamos você na neve, próximo a Xilos...

– Mishtra e Kiorina estão bem?

– Estão. Você precisa acordar!

– Eu sei. Já tentei, mas não consigo!

– Você precisa me dizer onde está!

– Estou dentro da minha barraca; se sair, ele vai me pegar.

– Quem?

– O lobo...

– De que lobo você está falando?

– O lobo de olhos rutilantes!

– Não, Kyle, me escute, não há nenhum lobo! Tudo está em sua cabeça!

– Espere, posso vê-lo! Você está com os olhos fechados. Cuidado, Noran! O lobo!

– Lobo? – quando Noran abriu os olhos, se viu no mesmo lugar em que estivera recentemente para resgatar Kyle.

– Atrás de você!

Era tarde. O lobo pulara nas costas de Noran, jogando-o no chão coberto de neve. Ele conseguiu virar-se. Encarou o lobo de olhar medonho, que estava prestes a morder sua garganta. Num ato reflexo, protegeu-se com o braço, que foi mordido.

Nesse momento, no mundo exterior à mente de Kyle, Kiorina assustou-se muito com uma súbita contração dos músculos de Noran, o que acabou por derrubá-lo da cadeira em que estava sentado. Kyle murmurava algumas palavras que Kiorina teve dificuldade em compreender. Apenas pôde identificar:

– O lobo... o lobo...

De volta à mente de Kyle, Noran gritou de dor:

– Pelos deuses, o que é isso?

Kyle horrorizou-se ao ver a boca do lobo crescer e engolir a mão de Noran. Tomou coragem, saiu da barraca e precipitou-se sobre o animal, dando-lhe um violento chute no abdome. A criatura rodopiou e voltou a ficar sobre as quatro patas, rosnando para os dois.

– Essa coisa é um tipo de encantamento, magia negra! – disse Noran a Kyle, procurando sentar-se.

– E como lidamos com ela?

– Tenho uma teoria...

Noran pôs-se de pé. De onde ficava sua mão, cresceu uma grande lâmina. Kyle, assombrado com o que viu, indagou:

– Como pôde fazer isso?

– Aqui, Kyle, é sua mente. Se você desejar da maneira certa, também conseguirá.

– Por que ele não está atacando?

– Não sei...

– E qual é sua teoria?

– Temos duas opções: ou matamos essa criatura, desfazendo o feitiço, ou você tem que acordar e procurar um mago que possa removê-lo.

– Tem certeza?

– Não. É só uma teoria!

– Então, vamos ver! – dizendo isso, Kyle avançou e lançou uma corda contra o pescoço da criatura, um laço perfeito. – Vamos, ele está preso, corte-lhe a cabeça com seu braço!

Tomado de surpresa, Noran investiu contra a criatura, decepando sua cabeça. Surgiu então uma tempestade no céu. Noran sentiu uma grande força e foi arremessado para fora da mente de Kyle. Acordou no chão, sentindo o braço dolorido.

– Noran, o que houve? – perguntou Kiorina, assustada.

Ele apenas gemeu. Kyle então tossiu e disse:

– Consegui, Noran! Acordei!

– Kyle! – exaltou-se Kiorina e abraçou o cavaleiro.

– Kina! Que bom ver você! Estou bem... acho que estou bem...

Enquanto isso, Noran levantou-se. Notou que seu braço tremia um pouco. Olhou Kyle com outros olhos. Sorriu.

CAPÍTULO 41

– Você não ouviu o que Noran disse? Estou bem! – disse Kyle, descendo os degraus da estalagem do velho Tibur.

– Certo, mas vá com calma! – insistiu Kiorina.

Noran, que os esperava, disse:

– Muito bem, Kyle, precisamos planejar nossas ações cuidadosamente.

– Mishtra ainda não voltou? – perguntou Kiorina, preocupada.

– Isso também me preocupa, Kiorina, penso que ela já deveria ter voltado... – disse Noran, gravemente.

O tempo estava um pouco melhor, ventava pouco, não nevava, o que poderia estar contribuindo para que Mishtra demorasse um pouco mais. Kyle, ainda abatido, disse:

– Enquanto esperamos por ela, por que não comemos alguma coisa?

– Claro, antes de se recolher, o velho deixou sopa e pães prontos. – disse Noran.

– Eu posso esquentar... – Kiorina estava com um pouco mais de ânimo e preparou um encantamento que aqueceu a sopa em pouco tempo. – Pronto!

Comeram e conversaram bastante durante a ceia. Kyle falou das batalhas em que esteve e das notícias que recebera. De Gorum, soubera que se encontrava preso em Grey, a capital, sitiada por centenas de bestiais. Kiorina e Noran falaram dos problemas que enfrentaram, como quando Laern Tiorish, um nobre de Xilos, tentou envenenar Noran, o que favoreceu o encontro deles com um ente sobrenatural, convocado por um misterioso e sombrio homem nas proximidades de Xilos.

Com isso, Noran apresentou sua teoria sobre a existência de uma seita de necromantes e o envolvimento deles com o nascimento de crianças de olhos negros. Além disso, especulou sobre as razões da guerra estarem ligadas a uma aliança entre a tal seita e os bestiais. Apresentou um quebra-cabeças ainda sem solução. Kyle escutava atentamente e tentava entender tudo aquilo, mas acabou ficando confuso.

Conversaram sobre tudo, sem entrar em muitos detalhes. No fim da ceia, Kiorina, que havia falado menos, explodiu de ansiedade:

– Kyle! Noran! Enquanto conversamos aqui, Mishtra pode estar em apuros!

Kyle olhou o rosto da amiga e enxergou em seus olhos algo diferente. Havia ali uma nova Kiorina. A olheira, seus cabelos e pele maltratados mostravam um olhar severo e amadurecido à força.

Nesse momento, um vento gelado preencheu a sala. Escutaram um pequeno estalo vindo da porta, que rangeu e se abriu em seguida. Lá fora, nada além do escuro, de onde surgiu uma voz:

– Acho que vocês deveriam dar ouvidos à Srta. Kiorina...

– Quem é você? – disse Kyle, levantando-se.

– Eu acredito que seus amigos já me conheçam... – e surgiu, dando um passo bem medido para dentro da estalagem, o dono da voz. Vestia botas de couro negro e reluzente, que subiam até os joelhos, com detalhes em metal, e uma roupa muito fina, de tons cinzentos, com listras e belos bordados. As mãos estavam protegidas por luvas de couro até os cotovelos. Uma capa negra descia dos ombros até os calcanhares. Na testa, uma tiara prateada.

– Laern Tiorish! – exclamou Kiorina.

– O que você quer? – demandou Noran.

– Por que perguntar o que você já sabe, caro Noran? – sorriu Laern.

Noran flexionou as sobrancelhas e disse para os outros:

– Deuses! Ele tem Mishtra!

Kiorina fechou os olhos e concentrou-se. Kyle estudava o oponente e pensava em sua espada e armadura, que estavam no segundo andar.

– Em primeiro lugar, não tentem nada contra mim, ou a vida de sua amiga, a mais desprezível de vocês, chegará ao fim. – disse Laern, num tom dominador.

– Quem você pensa que é? – ameaçou Kyle.

– Você acredita que brados me causam algum temor, cavaleiro Blackwing? – com as mãos na cintura, Laern pôs-se a gargalhar.

– Calma, Kyle, ele está com Mishtra. – advertiu Noran.

– Isso. Acalme-se. Sejam racionais. Não vim comprar brigas. Ela está bem... por enquanto.

– O que quer de nós? – quis saber Noran.

– Não é muito... Apenas que me acompanhem, sem violência. Como vocês sabem, não gosto de violência...

– Para onde? Para seu covil?

– Meu senhor deseja vê-los... Não fosse isso e estariam todos mortos!

– Podemos subir e pegar nossos pertences? – arriscou Kyle.

– Por que não? Estarei à espera de vocês lá fora. Não tentem fugir, seria inútil. – disse, antes de dar as costas e sair.

– Acho que ele diz a verdade, percebi mais deles do lado de fora... – informou Noran.

Buscaram seus pertences rapidamente. Kyle, a armadura de seu pai e sua espada; Kiorina, sua sacola; Noran não quis levar nada. Lá fora, depararam-se com alguns homens encapuzados. Viram um deles dar uma sacola a Goover e dizer:

– A recompensa ao seu senhor...

Goover passou por eles com a sacola nas mãos e o olhar envergonhado fixo no chão. Ao se deparar com aqueles homens, Noran teve um sensação muito ruim. Laern os esperava e disse:

– Muito bem, vamos até o coche.

Depois de uma pequena caminhada em silêncio na noite fria, alcançaram o coche que Laern mencionara. Ao redor, alguns cavalos, no dorso de um dos quais puderam ver Mishtra, amarrada. Kyle pensou que aquele momento poderia ser propenso a uma ação, mas a situação não era nada favorável. Eles estavam armados e eram mais de dez; não teriam chance.

– Por favor, as damas primeiro. – Laern convidou Kiorina a subir no coche, segurando a portinhola aberta.

Logo estavam a caminho do covil daqueles estranhos homens. O coche era totalmente coberto; seu interior era revestido luxuosamente, com veludo e detalhes esculpido na madeira. Das pequenas janelas dos dois lados podiam observar os contornos da paisagem noturna. Kiorina apertava forte a mão de Kyle e observava o céu. Nessa noite, havia menos nuvens e podia-se ver algumas estrelas e duas das nove luas, cheias, com um halo de um azul profundo ao redor, e, além, tons púrpura enevoados misturando-se ao azul quase negro do céu. Havia um silêncio pesado dentro do veículo. Laern observava os passageiros cuidadosamente.

Iam morro acima, e o caminho parecia ser perigoso. Haviam tomado uma das trilhas que levava às minas, na cordilheira de Thai. Noran meditava

sobre a situação. Imaginou se teria sido melhor revidarem e lutar em algum momento. Tentava livrar-se da tremenda irritação que lhe causava a presença de Laern. Era uma situação ridícula e insustentável. Por que simplesmente não atacar a mente daqueles homens e fugir dali? Seriam esses homens descuidados o suficiente para levar entre eles um discípulo do famoso Kivion, sem que pudessem defender-se dele? E se ele tentasse alguma coisa e seus amigos sofressem por causa de suas ações? Certamente não se perdoaria. Após alguns instantes, a mesma pergunta voltava à sua cabeça: Por que não atacá-los, dominar suas mentes e fugir? O que mestre Kivion faria em tal situação?

Laern quebrou relativo silêncio:

– Meus caros, fico impressionado com as atitudes de vocês! Parece que estão indo ao encontro da morte! Ora, vamos, animem-se! Afinal, se meu senhor deseja vê-los vivos, alguma boa surpresa os espera...

Noran tentou não deixar transparecer a irritação em sua fala:

– Posso perguntar quem é seu senhor?

– Pode, sem precisar transtornar-se!

Noran cerrou os olhos e pensou que esses sentimentos seriam reprovados por seu mestre. Precisava controlar-se.

– Então, diga-me, quem é o seu senhor?

– Meu senhor é o homem com quem irá encontrar-se em breve, caro Noran... Tenho certeza de que terá muito prazer em conhecê-lo.

– Qual seu nome?

– Seu nome não é importante, apenas seu poder.

– Entendo, o poder...

– Sim, o poder! Já pensou nessa palavra, Noran? Ela indica as possibilidades de livre ação, sem qualquer consequência negativa. Tome meu exemplo: como nobre, posso mandar prender um camponês e até matá-lo. Esse poder da nobreza, no entanto, não é nada, se comparado ao grande poder...

– O poder do mais forte contra o mais fraco, não é mesmo?

– Sim. É poder, mesmo que primário... O verdadeiro poder está além da força e se soma a ela quando provém do conhecimento. – Laern arregalava os olhos e falava com uma convicção fanática.

Noran parecia mais calmo:

– É verdade, Laern, mas, uma vez de posse do poder, o que devemos fazer com ele? Acredita que ele foi criado para proveito próprio?

– Por que não? Quem nos impede de usar o poder assim?

– Aqueles que concedem os poderes, os deuses... Vocês são desafiadores da vontade divina?

– Não sabia que você era um sujeito com fé nos deuses... Em Tisamir, existe algum culto, igreja ou religião? – disse Laern, rindo.

– Não.

– Então, que ladainha é essa? Conseguiu em tão pouco tempo ser convertido por essas tolas crendices do povo de Lacoresh?

– Usei essas referências apenas para que você entendesse melhor; um nobre como você certamente recebeu da Real Santa Igreja a educação adequada. Na realidade, em Tisamir temos outra perspectiva, mas o que está por trás da nossa perspectiva e da perspectiva da Relá Santa Igreja são os mesmos princípios, segundo os quais o poder conferido é cobrado de alguma forma por quem o confere. As ações trazem reações invariavelmente.

O captor, passando a mão em sua barbicha, disse:

– O que quer dizer com isso?

– Digo o que disse, entenda segundo seu poder de compreensão. – respondeu Noran, com ironia.

– Bah... De qualquer forma, isso não muda os fatos.

– Nada muda os fatos... são os fatos que nos mudam.

– Sua oratória de nada irá valer contra a vontade do meu senhor, disso você pode ter certeza. – disse Laern, demonstrando irritação.

Noran sorriu rapidamente, sem que Laern percebesse.

CAPÍTULO 42

A sensação de andar sem poder enxergar era terrível. Mesmo Noran, apesar de suportar melhor o fato de estarem com os olhos vendados, sentia-se perdido. As mãos atadas atrás das costas também incomodava bastante, especialmente Kyle, que se sentia incapaz de lutar. Noran estabelecera contato mental com seus três companheiros, Kyle, Kiorina e Mishtra.

Mishtra lhe contara que havia sido atingida por um feitiço poderoso, que sugara totalmente suas forças. Com isso, vários homens encapuzados, liderados por Laern, puderam capturá-la sem dificuldades.

Foram obrigados a colocar as vendas antes de chegarem a seu destino. A faixa que cobria os olhos de Kyle possuía uma falha, deixando-o capaz de enxergar seus pés, o chão e os pés e pernas de outros que se aproximavam e se afastavam eventualmente. Desse modo, pôde acompanhar um pouco o que estava acontecendo. Ao descer do coche, viu o chão iluminado por tochas, construído de blocos de rocha escura. Havia montes de neve acumulados nos cantos. Viu também alguns detalhes do corrimão de pedra, quando subiram uma longa escadaria. Tiveram que fazê-lo com extrema cautela, pois o chão estava escorregadio. Ao chegar, pôde ver a parte inferior de uma porta de madeira avermelhada, com detalhes geométricos entalhados. Uma das figuras com mantos escuros passou à sua frente e abriu a porta.

Parecia um amplo salão, pois não era capaz de ver seu fim. O chão era composto de blocos de rocha clara e escura intercalados, formando uma grande superfície xadrez. Ali os passos de todos começaram a soar mais alto, demonstrando a boa acústica do lugar, provavelmente por o salão possuir teto alto. Foram conduzidos por Laern até outro cômodo, cujo chão era coberto por um enorme tapete púrpura escuro, quase negro. Logo, os passos cessaram.

Laern disse a eles que se sentassem. Sentiram grandes cadeiras de madeira com o assento acolchoado. Kyle imaginou que o assento e o encosto fossem feitos de um veludo da mesma cor do tapete.

Estavam muito apreensivos. Kyle distraía-se um pouco, tentando ver o que acontecia pelo buraco em sua faixa, enquanto Kiorina suava frio e pensava em seus pais, Dora, os mestres na Alta Escola e seus colegas. Sentia vontade de chorar, mas as lágrimas não vinham. Às vezes, sentia calafrios ao pensar que podia confrontar-se com outras terríveis criaturas evocadas pela magia negra daqueles homens e até morrer.

Mishtra mantinha a calma e imaginava se teria oportunidade de vingarse. Mataria muitos daqueles homens, como matara alguns, dias atrás, nos arredores de Xilos.

Assim que passos foram ouvidos no recinto, Noran pressentiu uma poderosa presença e cortou o contato com seus amigos abruptamente. Após um terrível arrepio na nuca, começou a concentrar suas energias em construir escudos mentais, um em cima do outro, os mais fortes que jamais construía. Transformava-se em um rochedo tremendamente pesado e intransponível. Fechar-se tanto trazia sérias conseqüências, como a percepção cada vez menor do mundo invisível e suas nuances.

Ficaram sentados por alguns momentos, envolvidos por um silêncio angustiante, do qual surgiu uma voz sinistra, muito clara e levemente rouca, entoando palavras quase musicalmente.

– Então, vejamos! Não saiu exatamente como planejado, acredito, mas o resultado é deveras interessante.

Noran, procurando manter a calma, perguntou:

– É você o senhor de Laern Tiorish?

– Noran de Tisamir! O pródigo discípulo de nosso famoso Kivion Haimasheritin, grande mestre da Ermirak! – disse a voz, parecendo deliciar-se com cada sílaba pronunciada.

Noran surpreendeu-se. Quem quer que fosse, sabia o nome completo de seu mestre, fato conhecido certamente por pouquíssimos indivíduos. Não resistiu e perguntou:

– O senhor é um silfo?

– Um silfo? Você acredita mesmo que eu seja eu um silfo? – o tom de voz foi alterado. – Julga-me mal, Noran de Tisamir! Não pertença a essa infeliz raça... sem ofensas a você, prezada Mishtra. Não diz nada? Ah, ia-me esquecendo que é muda... Oh, bela silfa infeliz! Rwa... hahaha! – terminou soltando uma sinistra e sarcástica gargalhada.

– Escuta aqui, seu imbecil com voz de mestre de cerimônias, diga logo o que quer! E se for nos matar, faça-o logo! – explodiu Kyle.

A voz continuou rindo, mais suavemente. Kyle pôde ver o estranho se aproximando, suas botas de veludo escarlate com fechos dourados, suas pernas vestidas em calças folgadas, feitas com um tecido negro, macio e reluzente. Quando viu suas pernas por inteiro, percebeu que se tratava de um homem bastante alto. Andava calmamente em sua direção.

Noran parecia sentir sua aproximação e esperou um pouco.

Logo Kyle foi capaz de ver suas mãos, grandes e brancas. Dos dedos projetavam-se unhas grandes como as de algumas mulheres, muito bem tratadas, semitransparentes e lustrosas.

O homem segurou o rosto de Kyle pelo queixo e o levantou. Com isso, Kyle foi capaz de ver a túnica aveludada que ele vestia, uma peça muito bem trabalhada e luxuosíssima, algo superior ao que se via na nobreza.

– Sim, Kyle Blackwing, você tem extrema semelhança com seu pai. Posso imaginar seu olhar!

Kyle sentiu um arrepio com o frio toque daquele homem e ficou intimidado, até que seu rosto foi empurrado para o lado e solto.

– Vo-você, conheceu m-meu p-pai?

– Sim, é claro! Você tem uma tremenda semelhança física com ele, caro Kyle. Imagino que também herdou os dons que seu pai possuía.

– Dons?

– Ah... não se preocupe! Isso é ignorado por todos, até pela própria lenda que surgiu em torno de sua ilustre figura...

– Como assim? Do que está falando, seu maldito? – exaltou-se Kyle.

– Pode esbravejar, meu jovem! Talvez você sobreviva para explorar seus dons...

Viu o homem caminhar em direção a Kiorina.

– O que temos aqui? Uma pequenina flor mal cuidada... Kiorina, não é mesmo?

Kiorina suave e falou, com um nó na garganta:

– O senhor vai nos matar?

– Acalme-se, pequena flor! A morte é demasiadamente doce, uma libertação, cuja maravilha não é do merecimento de vocês.

– O senhor vai nos machucar? – disse a ruiva, com a voz embargada, quase chorando.

Ele se aproximou e acariciou os cabelos cor de fogo da garota.

– Ah, criança... Machucar? Talvez, depende do comportamento de vocês... Se forem bons meninos e meninas, posso cuidar para que meus subordinados não lhes façam mal.

– Quem é você, afinal? – demandou Noran.

– De hoje em diante, podem-me chamar de mestre!

– E o que devemos fazer então, mestre? – indagou Kyle, ironicamente.

– É bom ver que, ainda que a contragosto, se dirige ao seu senhor adequadamente. Quer saber qual será destino de vocês? Digamos que, inicialmente, minhas minas carecem de mão de obra!

– Trabalhar numa mina? Você deve estar brincando! – escarnou Kyle.

– Sou um senhor indulgente, por isso o perdoarei. Acredito porém que devem se preocupar com o bem-estar dessa pequenina flor de fogo e de sua amiga silenciosa. Afinal, a mina está cheia de homens trabalhando duramente, sem folga, e há também meus subalternos, nas mesmas condições de carência afetiva; temo que eles possam fazer algum mal a elas...

Noran entrou em erupção. A simples possibilidade de suas amigas serem vítimas da violência fez com que desistisse de todas as barreiras, preparando-se para um eventual ataque mental. Disse:

– Desprezível! Juro que, se alguma coisa acontecer com elas, irei destruir sua mente de forma jamais vista!

– Aha! Então, discípulo de Kivion, você levantou suas asas!

Ao abaixar as barreiras, pressentiu um ataque. Antes que pudesse reerguer suas defesas, porém, foi atingido por uma fortíssimo ataque mental. Pensou estar liquidado. No entanto, o ataque não visava à destruição de sua mente, apenas colocá-la sob controle. Sentiu-se dominado. Uma espécie de gaiola foi colocada ao redor de sua mente. Apesar da prisão, foi capaz de captar o nome da criatura, Arávner.

“Vamos estabelecer algumas regras a partir de agora, caríssimo Noran.”

– disse a ele, através de pensamentos.

– Estou ouvindo... – disse Noran, assustado.

“Faremos um acordo de cavalheiros! Eu me comprometerei em assegurar a integridade física das moças e você fará exatamente o que eu disser... O que acha disso?”

– Como posso discordar?

“Perfeito! Oh... você não sabe como é bom ter alguém assim, com as suas habilidades, agindo ao nosso favor!”

Fez-se silêncio.

Então Arávner gritou, em êxtase:

– Kurzeki! Traga-nos vinho, vamos comemorar!

CAPÍTULO 43

Depois daquela noite, muitas mais se passaram dentro de uma nova realidade, surgida abruptamente para Kyle, Kiorina, Mishtra e Noran, que não agradava a ninguém: eram escravos daqueles homens. Não só eles, mas também muitos outros que vieram a conhecer.

Após aquela noite em que o destino os marcou, foram separados, cada qual assumindo uma função, em lugares diferentes. Não imaginaram que seria assim; nem a oportunidade de se despedir tiveram.

Kiorina foi levada para a fundição, um lugar muito quente e cheio de anões, alguns dos quais remanescentes de sua civilização, na região baixa da cordilheira de Thai. Não faziam contato com seus parentes havia uma dezena de anos, o que não era muito, já que, muitas vezes, passavam-se trinta, quarenta anos ou até mais tempo sem nenhum contato.

Na fundição, eram derretidos metais de vários tipos, os quais eram misturados em quantidades diferentes, de acordo com a finalidade: armas, armaduras e outros utensílios de metal.

Kiorina logo percebeu que havia três áreas de produção distintas. Uma destinava-se à criação de objetos comuns, como bandejas, tubos, taças, dentre outros. Havia pouca demanda para esses objetos e somente algumas peças eram produzidas. Outra destinava-se a forjar armas e armaduras em grande quantidade. Era nessa seção que os anões, freqüentemente irritados e infelizes, trabalhavam. O administrador da produção, Fernon, não permitia que fossem corrigidas falhas ou mesmo que se gastasse muito tempo em uma só peça. Assim, quase sempre eram privados de um dos poucos prazeres que teriam como escravos: ver belas e bem construídas armas e armaduras saindo de suas mãos, pois uma das características inatas dos anões era exatamente o orgulho de serem os melhores artesãos e armeiros do mundo todo. Kiorina tinha muito pouco contato com essas áreas, já que, desde o

início, seu trabalho era junto à terceira área de produção, bem pequena, composta apenas de uns poucos anões e alguns ajudantes humanos. Os anões que trabalhavam nesse grupo pareciam ser os mais velhos e respeitados artesãos e armeiros. Produziam armas, armaduras, jóias e ornamentos. Todos os itens ali trabalhados recebiam fino acabamento e muitas vezes eram feitos com ligas especiais de metal. Além desses metais, eram muitas vezes recebidas instruções de misturas especiais de outros materiais, alguns de origem mágica, com os quais se forjavam objetos.

Kiorina havia recebido uma incumbência importante: teria de usar seus talentos mágicos para ajudar os anões a confeccionar peças especiais. Começou a aprender, durante seu trabalho, a controlar a magia do fogo de um modo como jamais concebera. As variações eram muitas, assim como os efeitos alcançados. Às vezes, por exemplo, precisava aquecer um pedaço de peça, diminuindo a condução de calor em outro, a fim de possibilitar efeitos de modelagem do metal que seriam extremamente difíceis sem o uso de tal magia.

Em princípio, os anões não gostaram de Kiorina e relutaram em receber sua ajuda, fazendo-o apenas porque eram obrigados por seus senhores. Com o tempo, foram percebendo o valor de seu trabalho. Juntando-se isso à saudade que tinham de suas esposas e filhas, rapidamente Kiorina começou a ser aceita não só como membro da equipe, mas também como um membro de suas famílias. O patriarca e chefe era Thodur Balink, um anão de longas barbas cinzentas, sobrancelhas grossas e caídas, olhar profundo. Passou a considerá-la sua filha.

Além da proteção dos anões, Kiorina estava sempre sob a vigilância de Fernon, o administrador da forja, que recebera instruções bem claras de seu senhor para não deixar que a moça fosse molestada. Fernon era um homem magro, de olhar insano, profundo conhecedor das forças ocultas. Obedecia as ordens de seu senhor à risca, não por fidelidade, mas por medo. Sabia perfeitamente que seu mestre era capaz de vasculhar os pensamentos e que descobriria e puniria severamente qualquer deslize. Fernon era caprichoso e se divertia com zombarias. Muitas vezes, ao receber um trabalho dos anões, zombava de suas capacidades e atirava o objeto ao fogo, dizendo:

– Vamos, seu nanico sujo e estúpido, sei que apesar de sua mente limitada, você pode fazer melhor.

Com isso, às vezes fazia com que um anão refizesse um trabalho de dias. Era de surpreender que os anões não o tivessem matado. Além de ser o administrador, era conhecida sua fama com um poderoso feiticeiro. Ele comandava os terríveis guardiões da forja, enormes e feias criaturas construídas com pedra e animadas com magia negra. Esses monstros possuíam força descomunal e atendiam aos comandos mentais ou vocais de Fernon, que era extremamente cruel com qualquer um que o desafiasse ou saísse da linha. Uma vez, Kiorina assistiu com horror a um dos gigantes arrancar os braços de um anão, que depois agonizou até a morte. Outras vezes, ele foi mais sutil, levando os contraventores da forja para sua câmara especial, onde eram operadas as mais terríveis torturas. Muitos anões tinham sido terrivelmente mutilados por Fernon e seus homens, o que lhes dava mais vontade de continuar vivendo, pois havia a possibilidade de um dia obterem vingança.

Quanto às questões de privacidade e higiene, Kiorina foi bastante privilegiada para os padrões da forja. Foi-lhe concedido um aposento à parte e a possibilidade de banhar-se uma vez por semana. Também recebia alimentação especial. No tempo em que passava sozinha, seus pensamentos sempre estavam com Kyle, Archibald, Gorum, sua família e os colegas da Alta Escola. Sua maior tortura era não saber o que acontecia no mundo fora daquela forja, mas orava todas as noites e não perdia as esperanças.

Para manter seu acordo com Noran, de Tisamir, Arávner preferiu manter Mishtra dentro de sua própria fortaleza, temendo que, apesar de suas ordens, a bela e sensual silfa acabasse sendo vítima do ataque de um dos mineiros ou de seus próprios subordinados. Além disso, Arávner tinha uma estranha sensação com relação a ela; imaginou que encontraria esclarecimento quando dispusesse de um pouco de tempo para dedicar ao assunto.

Kurzeki, o bizarro servo de Arávner, era a atormentadora companhia de Mishtra durante a maior parte do tempo. Era fanático ao cumprir as ordens de seu senhor e passou a ser o principal vigia e instrutor das tarefas de Mishtra. Logo de início, ela foi exposta a um horror que nunca imaginara. Deram-lhe a tarefa de esquartejar corpos de pessoas mortas, que depois

eram levados às catacumbas da fortaleza para alimentar as terríveis criaturas que lhe causavam extremo horror e pânico, os carnicais.

Kurzeki foi astuto em notar o horror que as criaturas provocavam na silfa e propôs a seu senhor a maneira ideal de puni-la, sempre que ela saísse da linha: trancafiá-la nas catacumbas com os carnicais por alguns dias. Mesmo assim, a natureza de Mishtra, pouco tolerante a regras e humilhações, constantemente favorecia seu envolvimento em brigas e, algumas vezes, até mesmo sua prisão. Detestava cada vez mais Kurzeki, que nem homem considerava ser, de tão sujo e doentio; detestava principalmente suas risadas e insinuações.

Certa vez, serviam um dos jantares luxuosos que o senhor Arávner eventualmente oferecia a estranhos convidados, e um deles elogiou a silfa e com ela flertou finamente. Ressaltou sua beleza e elegância. Kurzeki, que estava logo atrás, fez gestos obscenos e, através de caretas e sons, insinuou que ele próprio já havia tido a silfa em seu leito. Ser humilhada de tal forma por aquela criatura tão desprezível na frente de tantos foi a gota d'água. Mishtra pegou o garfo das mãos de um dos convidados e o enterrou na garganta de Kurzeki, o que divertiu muito os convidados, principalmente o senhor Arávner, que aplaudiu fervorosamente. Kurzeki, por sua vez, não pareceu muito abalado. Deu dois passos cambaleando para trás e, segurando o garfo em sua garganta, deu uma série de suas risadas irritantes. Obviamente, tiveram de conter a silfa para que ela não fizesse maiores estragos.

Com o passar do tempo, o interesse da silfa em escutar conversas e conhecer os convidados que eram recebidos ocasionalmente aumentou. Certa noite, ficou muito transtornada quando percebeu que um dos convidados de seu senhor não era um homem, mas um esqueleto vestido em roupas e mantos. A presença desse estranho ser lhe causou náuseas e pânico.

Uma vez, recebeu a visita de Noran e tiveram a oportunidade de conversar brevemente, sem o conhecimento de seu mestre. Ele explicou a ela que havia colocado um selo em sua mente, tornando-a incapaz de usar a telepatia ou ver o mundo invisível. Explicou que aquilo era para protegê-la de Arávner, pois, se ele descobrisse sua capacidade, poderia persuadi-la a usá-la para contribuir com seus esquemas diabólicos. Por isso, não poderiam conversar com a desenvoltura que haviam atingido.

Mishtra notou que Noran estava bastante abatido. Ele lhe contou que, no início, suas tarefas eram muito simples, como ler os pensamentos de alguém durante uma negociação e dizer se essa pessoa falava a verdade, coisas que pareciam não causar muito mal. Tinha sido ingênuo, no entanto, em compactuar com aqueles homens. Com o tempo, viu que, como consequência de seus atos, pessoas foram presas e torturadas e algumas até morreram, o que o atormentava mais que tudo.

Mishtra lhe disse que sofria muito e o que fazia não valia a pena, mas Noran, apesar de concordar, lembrou-a de Kiorina. Havia feito uma promessa a Kyle e estava disposto a cumpri-la. Ele ficou muito sério e advertiu Mishtra sobre uma notícia ruim que iria lhe dar: vários dos membros de seu clã haviam sido mortos, dentre eles Lourish, Lalith e Roubert. Os olhos da silfa se encheram de água, e lágrimas rolaram por sua face num choro silencioso. Ela quis saber quem havia feito aquilo, mas Noran não soube dizer, apenas imaginava que deveriam ter sido homens da seita maligna. Ele se sentiu muito mal e imaginou que deveria ter poupado Mishtra de uma notícia tão infeliz. Saiu.

Certamente quem enfrentou as maiores privações físicas dentre todos foi Kyle, que fora enviado a uma das minas de onde se extraíam diversos metais e cristais. O sofrimento que ele teve na guerra não se comparava ao tormento do trabalho nas minas, onde trabalhavam muitos anões e homens. Na ocasião de sua chegada, foram trazidas dezenas de homens de Xilos, que pretendiam escapar aos horrores da guerra, mas foram capturados e escravizados.

Em geral, eram orientados pelos anões, que possuíam grande experiência com mineração. Já nos primeiros dias, Kyle sentiu-se terrivelmente mal. Observava outros trabalhadores humanos, muito magros e doentes. Tossiam muito e tinham dificuldade para respirar. Os anões, porém, não pareciam sofrer tanto.

Havia diferentes frentes de trabalho. Inicialmente, Kyle trabalhou carregando sacos de pedra dos túneis para os carros, que eram levados para a parte superior da mina. Em poucos dias, a tosse passou a ser sua companheira. Tossia muito, boa parte do dia. À noite, quando saíam da área

da mina para repousar nas ruínas de uma vila subterrânea dos anões, estava exausto.

Com o tempo, tudo passou a fazer pouco sentido, enquanto compartilhava a miséria com aqueles homens. Observava cuidadosamente os que trabalhavam há mais tempo ali e imaginava que ficaria como eles: a pele rachada, magro, com dificuldade para respirar, chagas nas mãos, unhas deformadas, olhos vermelhos e irritados. Isso foi aos poucos acontecendo, especialmente quando foi designado para trabalhar nas partes mais profundas da mina, lugar quente como o inferno. Para aliviar o intenso calor era tanto, havia um complicado esquema de canais de água, que era despejada para resfriar o ambiente.

Quase toda semana ouvia contar de alguém que conhecia e que morrera soterrado ou por doença. Os desabamentos eram freqüentes e assustadores. Muitas vezes, Kyle desejou estar entre os mortos para livrar-se daquela terrível realidade.

Adoeceu terrivelmente e achou que sua hora havia chegado. No entanto, foi convocado pelo administrador que o transferiu para a parte superior da mina, onde recebeu melhor alimentação e se recuperou. Nesse tempo, trabalhou no refinamento dos metais em um local próximo à forja. Lá ouviu notícias sobre uma moça de cabelos cor de fogo que trabalhava com os anões na confecção de armas e objetos. Sabia que se tratava de Kiorina. Voltou a pensar no mundo fora daquela mina.

Quanto tempo teria se passado? Meses? Anos? Não sabia... Perdera totalmente a noção de tempo. O que teria acontecido a Gorum? Teria escapado do cerco a Grey? Teria a guerra chegado a seu fim? Quem a teria vencido? O que planejavam esses homens que fizeram dele um escravo sem vontade de viver?

Seu corpo doía, suas mãos e pés estavam feridos. Não se vestia com mais que farrapos. Costumava sentir tonteiras e fraqueza. A promessa que ele fora nunca se concretizaria. Nunca seria um cavaleiro completo como seu pai. No fundo, isso lhe trazia algo que poderia ser, talvez, alegria. Nunca quis ser um herói. Morreria naquela mina esquecido pelo mundo.

CAPÍTULO 44

Desde que Noran falou com Mishtra pela última vez, na fortaleza de Arávner, passaram-se meses. Durante todo o tempo, ele pensava se valeria a pena seguir daquela forma, como um agente colaborador da seita dos necromantes. Sua moral corroía-se pouco a pouco e ele temia estar definitivamente sucumbindo à corrupção.

Praticamente todos os dias, tinha experiências desagradáveis. No sono, sentia alívio da culpa, mas, ao acordar, tornava-se novamente consciente de suas faltas, e o peso voltava.

Com freqüência, lembrava-se das estórias que seu mestre lhe contava sobre o mal, momentos em que sentia um forte impulso para abandoná-lo. Em seguida, porém, pensava em Mishtra e Kiorina e na responsabilidade que assumira. Não participava do mal por opção; era necessário. Pelo menos era assim que pensava, no princípio. Logo terminou o inverno e chegou a primavera. Apesar do verde, das flores e dos animais voltarem aos campos, nada era belo. A guerra continuava, e as forças dos bestiais nunca paravam de chegar, vindas das terras pantanosas do oeste. Já havia um total envolvimento de todo o reino de Lacoresh, que subestimara a força daqueles seres. Os desta guerra não eram os mesmos da guerra de vinte anos passados, e cada nova horda que chegava trazia surpresas. Primeiro foi a que arrasou Xilos, composta por terríveis guerreiros bestiais, possuidores de armas de primeira linha e protegidos por fortíssimas armaduras. Depois vieram os bruxos-bestiais, que se juntaram às hordas na conquista de Amin e de diversos outros pontos de resistência de Lacoresh, na região do condado de MontGrey. Enfim, tropas de elite montadas em corcéis glabros.

O Reino de Lacoresh estremecia ante a ferocidade e o avanço dos bestiais, que, Noran sabia, recebiam grande apoio da seita dos necromantes. Esse conhecimento era para ele uma grande tortura interior.

Ainda havia três focos de resistência na região de MontGrey: os acampamentos na região norte, próximos à fronteira do baronato de WhiteLeaf, os fortes construídos às pressas próximos das fronteiras do

Ducado de Kamanesh, e Grey, a capital, cujo cerco durava muitos meses, sendo sua queda esperada para qualquer momento.

Noran tornara-se um filho da noite. Viajava através dos domínios dos bestiais ou dos humanos acompanhado de necromantes, como Clefto e Arete, do cavaleiro Blautreks e de alguns aprendizes da seita. Ia em missões nos cinco baronatos, no Ducado de Kamanesh, ou mesmo na capital, Lacoresh. Participava de interrogatórios e ações de eliminação de testemunhas das atrocidades cometidas pelos necromantes. Notou que havia membros da seita praticamente em todas as cidades em que esteve e mesmo entre os exércitos que combatiam os bestiais.

Quando percebeu que tudo caminhava para uma grande destruição, Noran decidiu arriscar sua vida e a vida de seus companheiros. Pensou que a vida de tão poucos não justificava a morte e o sofrimento de tantos, através das loucuras estavam sendo planejadas por aqueles homens.

Aproveitando-se de uma viagem que faria ao baronato de Fannel, que o deixaria por algum tempo longe de Arávner, Noran começou a forjar seu plano de ação. Iria realizar uma variação do que já havia feito uma vez. Prepararia sua mente para comportar e esconder de Arávner um conjunto de fatos e pensamentos relativos a seu plano. No passado, escondeu fundo em sua mente a manipulação que realizou para conquistar a afeição de sua amada, Giordana. Era engraçado. Aprendera a realizar o processo para fins egoístas e, agora, o usaria para o bem de muitos, algo que seria um avanço sob a perspectiva de seu mestre. Lembrou-se de como o encapsulamento da memória fora feito e que se tornara tão profundo que ele próprio se esqueceu dos fatos que procurou esconder. Desta vez, teria de ser mais preciso, estruturado e muito planejado.

Estavam na capital do baronato, Liont. O barão Fannel e seu filho Adam, necromante iniciado, já eram colaboradores da causa. Havia necessidade de expandir influências nas províncias de Durunt, Vaomont e Manile, na parte montanhosa do baronato, que eram importantes produtoras de vinhos e carne. Além disso, possuía as melhores guildas de artesãos de todo o Reino, sendo o principal centro de ourivesaria e lapidação. Também abrigava a famosa escola de escultura de Audilha, chefiada pelo famoso mestre Carulvo.

As províncias da região montanhosa eram mais isoladas, e povo de lá tinha costumes diferentes, mas nada que interferisse no bom andamento das

coisas. Desde que repassassem a parte devida dos tributos e prestassem as homenagens ao Rei, não haveria problemas.

Em breve, Noran e seus comparsas estariam viajando rumo ao norte para a província de Durunt. Ele sabia que ficariam pouco tempo lá e que precisava rapidamente arquitetar tudo. Na noite que passariam em Liont, começaria seu plano.

Liont era uma cidade muito bonita e de ares agradáveis. Casas de madeira, pintadas com cores alegres, como o amarelo e o azul claro, telhados avermelhados e verticalmente inclinados. Possuía diversas praças e belos jardins, com flores de todos os tipos e cores. Era dividida pelo rio Aluviris, que descia das montanhas até o planalto de Or, onde entrava em numa caverna; a partir daí, não se sabia mais que rumo seguia.

Era um alívio para Noran estar em um lugar como aquele, em vez de nos fétidos campos dos territórios dominados pelos bestiais. Arranjaram quartos numa estalagem muito limpa, onde eram servidas apetitosas aves assadas. Comia na companhia de Clefto e de dois aprendizes, escutava a conversa deles, mas raramente lhes dirigia a palavra. Observava como os ares da cidade modificavam um pouco o comportamento daqueles homens. Estavam mais bem dispostos e tiveram uma conversa descontraída. Detestava seus comportamentos paradoxais: em certas ocasiões, portavam-se educadamente e não demonstravam nada da maldade que encerravam em si; outras vezes, à noite, atiravam-se a suas atividades macabras, com sacrifícios, insanidade malévolos, sede de sangue e de poder. Lembrava-se, com isso, dos ensinamentos de seu mestre sobre a inconstância e a falsidade dos seres humanos. No entanto, nunca imaginou que poderia haver casos tão extremos como os que presenciava agora.

Logo após o jantar, recolheram-se. Noran trancou a porta e observou seu quarto, que estava muito arrumado. Havia a cama, com lençóis limpos, a mesa, com uma bacia azul, um jarro de vidro com água e uma lamparina a óleo acesa; outra, presa acima da porta, iluminava o quarto com tons alaranjados e dançantes. Retirou a faixa que usava na testa, lavou as mãos e o rosto, sentou-se na cama e retirou as botas e meias, procurando afastá-las, por causa do odor desagradável. Tirou a camisa e atirou-se na cama. Estava cansado. Seu primeiro impulso foi dormir e esquecer seus problemas. Deitou-se e fechou os olhos. Relaxou o mais que pôde. Concentrou-se e gradualmente abandonou o corpo. Observou o quarto, bastante escurecido.

Sua percepção nesse estado captava poucas cores, tornando tudo meio cinza, mas trazia mais definição aos objetos.

Procurou não olhar para o próprio corpo deitado na cama, pois sabia que aquela visão lhe seria perturbadora. Flutuou através da janela e deparou-se com os contornos de Liont pela noite, seus telhados angulosos e as luzes cinza-amareladas saindo das janelas. Avançou pela cidade e notou que havia pouca atividade no mundo invisível, em geral apenas espectros ocasionais sem força suficiente para perturbar a ordem do mundo físico, e fluxos do Jii, que acompanhavam as pessoas. Tudo muito calmo, se comparado às terríveis energias que pairavam sobre o território dos bestiais. Atravessou a cidade rapidamente, sem dar muita atenção aos detalhes. Ao passar perto do castelo, percebeu uma perturbação nos fluxos de energia e observou com mais cuidado. Havia energias densas ao redor de uma das torres, uma energia negra, que já havia visto algumas vezes. Decidiu afastar-se. Temia que, de alguma forma, quem ou o que fosse responsável por aquelas perturbações pudesse comprometer sua missão.

Flutuou de forma célere rumo ao norte. Em pouco tempo, havia chegado a seu destino, Tisamir. Logo sentiu-se confortado pelos contornos familiares e pela boa energia que emanava da cidade. Sua presença foi detectada de imediato. Sem ser reconhecido, recebeu uma onda de energia que o arremessou longe. Pairou no ar tomado pela surpresa e pensou: “O que houve? Por que fui atacado?” Concluiu que aquilo acontecera devido ao fato de sua alma estar demasiadamente carregada de energias negativas e de culpa, impedindo que ele fosse reconhecido. Precisaria então fazer uma abordagem mais direta. Aproximou-se dos limites da cidade e enviou um pensamento: “Por favor, deixem-me entrar, sou Noran, discípulo de Kivion.” Esperou algum tempo, sem obter resposta. Flutuou novamente para Tisamir. Como previu, não foi repellido dessa vez.

“Noran, o que houve com você, meu amigo?”

Noran reconheceu quem lhe falava: era seu amigo Radishi. Apesar de não estar presente, sentia a projeção de seus pensamentos.

“Radishi, eu vim porque preciso de ajuda.”

“Percebo, sinto más influências sobre você...”

“Sim, envolvi-me com assuntos dos homens de Lacoresh.”

“Eu sei, meu amigo; também sei que coisas terríveis estão acontecendo. Como posso ajudá-lo?”

“Mesmo sabendo da filosofia de nosso povo quanto à não-interferência em assuntos externos, precisei vir pedir ajuda. Muitos sofrem e, devido ao meu comportamento, mais sofrimento foi gerado.”

“Sim, entendo, caro Noran. Como posso ajudá-lo? Diga-me. Al’ne’ir me escolheu por causa da nossa amizade.”

“Como assim?”

“Fui escolhido para ser o porta-voz de Tisamir. Somente eu recebi permissão para falar com você.”

“Entendo, já não sou bem-vindo em Tisamir, não é?”

“Entenda, meu amigo, você se envolveu demais. Penso que deveria ter buscado a pessoa que Kivion foi selecionar junto aos silfos e voltado.”

“A passagem de Kivion teve grande impacto sobre mim, assim como a carta que ele me escreveu.”

“Uma carta? Seria um intrusão perguntar pelo conteúdo?”

“Não, meu amigo, não tenho segredo com você. Tratava-se de um poema de despedida, que previa o surgimento de um novo elo. Pelo que entendi, para isso acontecer, todos passarão por tormentos e provações.”

“Bem, isso pode-se encaixar bem com as últimas predições de Kursh’ne’tou.”

“De que modo?”

“Não sei, é só uma intuição.”

“Certo...”

“Afinal, existe alguma maneira de eu lhe ajudar?”

“Sim, vou lhe contar meu plano...”

CAPÍTULO 45

Após os incidentes que trouxeram à tona memórias perdidas do seu passado, Archibald ficou muito perturbado. Queria descobrir mais sobre o assunto e chegar à verdade sobre Weiss. Estudou o máximo que pôde e fez duas visitas ao mosteiro dos Naomir para tentar descobrir algo, sem muito sucesso.

Passaram-se meses de tormento interno, durante os quais assistiu doentes e refugiados da guerra. Seu sofrimento aumentava com a falta de notícias dos amigos e com as incertezas sobre as próprias convicções. Tinha a sensação de que o irmão Weiss o observava o tempo todo e sabia exatamente o que se passava em sua cabeça. Chegou a detestar o seu superior, convicto de que ele sempre atrapalhava as investigações que fazia. Sentia extrema má-vontade com as tarefas oferecidas por Weiss, mas procurava esconder seus sentimentos ao máximo.

Certa vez, escutou na enfermaria uma história absurda sobre bruxos que auxiliavam os bestiais em sua campanha, contada por um camponês muito velho e doente. Pensou ser superstição. Voltou e escutá-la mais vezes, com detalhes que se diferenciavam. Discutiu o assunto com seus colegas e superiores, mas a opinião geral era de que tudo não passava de credices populares, o que foi reforçado com a chegada de notícias sobre a queda de Amin. Nessa batalha, veio ao conhecimento das forças de Lacoresh a existência dos bruxos-bestiais, aos quais passaram a ser atribuídos fatos estranhos, como mortos que andavam e o aparecimento de demônios e fantasmas.

Archibald, uma vez, discutiu o assunto com Weiss, e suas atitudes o deixaram extremamente confuso e desconfiado. Não sabia se era paranóia sua ou se houve de fato sarcasmo de Weiss quanto ao assunto. Depois dessa conversa, uma idéia louca fixou-se em sua mente: existiam sim bruxos humanos ajudando os bestiais em sua campanha e Weiss era um deles.

O fato era que as crenças e desconfianças de Archibald não passaram despercebidas por seus companheiros e superiores. Comentava-se que o

rapaz estava ficando perturbado, talvez louco. Uma alternativa para minimizar o problema foi proposta por Weiss e acatada por todos: Archibald seria transferido para uma das enfermarias na retaguarda das forças de Lacoresh, no território de MontGrey. O rapaz foi então enviado a um lugar onde seus superiores imaginavam que não teria muito tempo para pensar bobagens, concentrando-se mais no trabalho. E assim foi, no início. Lentamente, porém, voltou a pensar no assunto, ao escutar estórias de soldados caídos. Uma vez, cuidou de um soldado que fora comandado por Kyle; ele confirmou a história de que seu superior havia cavalgado em direção a Xilos, pouco antes de sua queda, e nunca mais fora visto. A essa altura, Archibald já havia aceitado a morte de seu amigo e possivelmente de Kiorina, Noran e Mishtra. De todos, acreditava que talvez Gorum pudesse estar vivo. Prosseguiu rezando, convicto de que sua vida era ser um monge Naomir, ajudar os necessitados e acreditar nos deuses, ainda que eles trouxessem tanta miséria.

Numa outra ocasião, ficou sabendo das fortalezas que os bestiais estavam erguendo e dos muitos soldados e camponeses capturados que trabalhavam como escravos nesses locais. Isso reacendeu uma chama da esperança de que talvez algum de seus amigos pudesse estar vivo, mas sua expectativa com relação a todas as outras coisas eram cada vez menores. Muitas vezes, passava dias realizando seu trabalho sem pensar em nada, até escutar alguma notícia ou estória que estimulasse sua razão. Uma delas foi a da esquadra que ficara pronta para sair do porto de Lacoresh. Era um movimento em que se depositava muita esperança. Não sabia detalhes da estratégia, mas se dizia que haveria um ataque a Grey por terra e por mar, a fim de iniciar uma reversão na situação da guerra. Os homens do acampamento onde ficava a enfermaria em que trabalhava pareciam motivados.

Além de tratar pessoas, Archibald trabalhava com certa frequência numa enfermaria para cavalos. Aquele era um dia quente de verão. Bem cedo, já fazia calor suficiente para tornar o uso das vestes de monge Naomir desconfortáveis. O céu, limpo, mostrava que o calor ainda aumentaria. Ele estava próximo aos estábulos improvisados, nos quais alguns cavalos recebiam tratamento. Observou um cavaleiro que puxava seu cavalo pelas rédeas e achou se tratar do cavaleiro que chamavam pelo nome de Kandel. Seu cavalo mancava e parecia ter sinais de sangramento; o homem também

estava machucado, com o braço direito ensangüentado, enfaixado e amparado por uma tipóia.

– Cavaleiro Kandel, posso lhe ser útil? – indagou Archibald, percebendo que havia algo de incomum.

– Nos conhecemos? – disse Kandel, franzindo as grossas sobrancelhas.

– Sou Archibald DeReifos, da ordem Naomir. – disse o monge, estendendo a mão.

– Pelo visto, você me conhece.

– O senhor é um notável. – disse Archibald, sorrindo.

O cavaleiro pareceu não achar muita graça e nada respondeu.

– Bem, e então? Como posso ajudá-lo?

– Meu cavalo não está muito bem, eu o trouxe para que dessem uma olhada. Preciso dele em cinco dias.

– Muito bem... E quanto a seu braço? – disse Archibald, estendendo a mão para o braço do cavaleiro e tocando-o.

Kandel o retraiu e gritou, irritado:

– Não toque em mim sem a minha permissão!

Aquela atitude surpreendeu o jovem monge, que, observando a face contorcida do cavaleiro, disse:

– Cavaleiro Kandel, parece-me que aconteceu alguma coisa com você. Eu posso ajudá-lo, se me permitir.

O cavaleiro parecia realmente transtornado. Percebendo isso, Archibald sugeriu, olhando ao redor:

– É melhor entrarmos, para termos uma conversa privativa.

Kandel percebeu que sua atitude havia chamado a atenção de dois soldados que estavam ali perto e concordou com o monge. Entrando na grande tenda, Archibald pediu aos dois rapazes que estavam cuidando dos animais que os deixassem a sós um pouco. Notou que Kandel estava muito nervoso e suava. Imaginou que ele estava procurando se conter e, ao ter o braço tocado, perdeu o controle. Ainda assim, pegou o cavaleiro pelo braço e o conduziu até um banco de madeira improvisado e sem acabamento. Kandel se sentou, tremendo. Fixou o olhar no vazio.

Archibald desenrolou lentamente a faixa e engoliu seco, assustado, quando viu o braço do cavaleiro. Havia feridas horríveis e fétidas. Eram mordidas.

– O senhor foi atacado por alguma fera?

O cavaleiro parecia tomado por um horror ausente. Olhava para o vazio e tremia. Archibald cobriu o braço novamente, pegou o cavaleiro pelos ombros e, sacudindo-o, insistiu:

– O senhor foi atacado por alguma fera?

Kandel fixou um olhar insano nos olhos de Archibald e disse, num tom trêmulo:

– Demônios... marionetes mortas...

– Marionetes?

– Sim... Vieram no meu sono, meus homens, os homens sob meu comando que pereceram... eles diziam que vinham me buscar...

Archibald escutava atentamente.

– Eles voltaram de seus túmulos, vieram nos buscar... Estamos perdidos!

– Acalme-se, vou cuidar de você... – ao dizer isso, o monge Naomir invocou os poderes do sagrado ofício e operou sobre o pobre cavaleiro delirante. Depois o ajudou a deitar-se no chão; logo cavaleiro adormeceu.

Mais tarde, na enfermaria, outro cavaleiro perguntou se Kandel estaria bem antes de cinco dias. Archibald quis saber o que aconteceria em cinco dias e obteve a resposta de que haveria uma marcha em direção a Grey, uma retomada.

Naquela noite, Kandel despertou. Os ferimentos em seu braço haviam sido fechados com a ajuda dos poderes sagrados canalizados através do monge Naomir. Mesmo assim, ainda estavam cobertos por um curativo úmido. Viu-se deitado numa enorme tenda mal iluminada, com outros homens feridos deitados em camas improvisadas ao seu redor. O cheiro no local era de morte.

– Onde está o monge? Onde está o monge? – sussurrava Kandel, ainda se sentindo fraco e zozno.

Um dos enfermeiros atendeu a seu chamado e foi buscar Archibald em sua tenda. Ele estava muito cansado. Aproximou-se da maca de Kandel segurando uma lanterna a óleo, pendurou-a ao lado, numa estaca de madeira com um gancho. Outros feridos ao redor gemiam e pediam ajuda: era a repetitiva música da enfermaria. Em meio a pequenos gemidos e à penumbra, conversaram.

– Está se sentindo melhor? – disse o monge, sentando-se ao lado da maca em um dos bancos improvisados.

– Sim, obrigado. – disse Kandel, com a voz enfraquecida.

Archibald tocou a testa do cavaleiro e constatou que a febre havia diminuído.

– Agora que está mais calmo, quer me contar o que aconteceu com você e seu cavalo?

– Como ele está?

– Nada sério, algumas feridas leves... mordidas.

Kandel olhou para o outro lado, como se se lembrasse de alguma coisa, e perguntou:

– Como é ser um monge Naomir?

Archibald surpreendeu-se e demorou um pouco a responder.

– Bem, é uma vida de muitos sacrifícios. – Archibald não se sentiu à vontade para falar mais, pois estava confuso sobre a própria condição.

– Há incerteza em sua fala, meu caro.

– Como assim?

– Eu sei, já foi assim comigo... Sabe, estudei para ser um sacerdote da Real Santa Igreja...

– É mesmo? E o que houve?

– Cheguei a ser sacerdote, mas desisti. Descobri que havia nascido para lutar, não para pregar... – disse, pensamente.

– Entendo.

– Ser um monge não é o que você esperava, é?

– Eu não esperava muito, nunca tive muita opção... E você?

– O quê?

– Está satisfeito como cavaleiro?

Kandel mordeu os lábios e não respondeu. Após algum tempo, perguntou:

– Como é mesmo seu nome, caro monge?

– Archibald DeReifos. Acho que já nos apresentamos...

– Agora me lembro... minha cabeça não está muito boa.

– Percebi...

– Você era o garoto que morava com Gorum e Blackwing anos atrás!

– Sim, sou eu mesmo. Naquele tempo, também ouvia falar de você, o jovem cavaleiro que capturou uma quadrilha de ladrões assassinos.

– Não fui só eu... havia outros.

– Ouvi dizer que Kyle morreu, é verdade? – disse Archibald, com dificuldade.

– Kyle Blackwing? Talvez...

– Você acha que ele poderia estar vivo?

– É possível, apesar de as chances serem muito pequenas. Afinal, seu corpo nunca foi encontrado... Lembro-me bem da última vez que o vi, cavalgando na neve até desaparecer. Na realidade, fui a última pessoa que falou com ele...

– Verdade? Sobre o que conversaram?

– Ele queria ir a Xilos, procurar os amigos... Eu estava em posição de comando e não queria deixá-lo ir. Era um rapaz brilhante, muito astuto e corajoso. Também um bom comandante, muito importante para o moral da tropa. Se não tivesse permitido que ele fosse...

Houve silêncio; até mesmo os gemidos cessaram um pouco. Kandel retomou a fala, virando a cabeça de lado.

– Mas havia uma grande determinação nele. Seria impossível impedi-lo.

Os olhos de Archibald se encheram de lágrimas pelas lembranças que lhe vinham ao ouvir sobre o amigo.

– Quanto a Gorum, sei que ainda resiste no cerco a Grey. Poucas vezes conseguimos trocar algumas mensagens curtas com o pessoal de lá. Ele próprio tomou a liderança da organização da defesa e, até recentemente, parece que vinha sendo bem sucedido. No entanto, os suprimentos estocados devem estar acabando. É chegada a hora de agirmos.

Com isso, Kandel se sentou na cama.

– Você parece um pouco melhor... – comentou Archibald.

– E estou!

– E seu braço?

– Talvez seja melhor conversarmos lá fora... – disse Kandel, olhando para os lados.

Archibald pegou a lanterna que trouxe. Caminharam para a saída da barraca. Passaram por dezenas de homens feridos, muitos deles sem braços ou pernas esperavam receber alta para voltar para casa. Ao sair da barraca, respiraram aliviados. Apesar de não haver ar puro fora, era melhor que na enfermaria. O céu estava completamente estrelado e quatro das nove luas estavam altas. Atrás deles, não muito longe, os contornos altos do planalto de Or e da floresta de Shind podiam ser avistados. Estavam em um dos pontos mais recuados do antigo território de MontGrey, quase nas fronteiras do ducado de Kamanesh.

O restante do acampamento parecia calmo. Até onde a vista chegava, viam-se tochas. Era um acampamento grande, com mais de dois mil homens. Não era muito tarde e havia ainda alguma movimentação ao redor das barracas das cortesãs, onde era possível ver pequenas filas de soldados que esperavam sua vez de se aquecer no colo das meretrizes. Perto dos estábulos, pegaram duas cadeiras de madeira crua e se sentaram.

– Você não acreditaria no que vi! – disse o cavaleiro, alarmado.

– Diga. Restaram poucas coisas para acreditar.

– Ontem à noite, saí em patrulha. Distraí-me um pouco, pensando em batalhas e companheiros perdidos. Quando percebi, estava duas ou três vezes mais distante da minha área de patrulha. Mesmo assim, as coisas estavam calmas. De qualquer forma, qualquer cavalgada à noite torna-se perigosa, com os bestiais por perto. Poderia ser facilmente surpreendido por um grupo deles.

– E por que foi sozinho? – estranhou Archibald.

– Não sei... o certo seria sair acompanhado, mas ultimamente tenho estado muito perturbado. Não vinha dormindo bem e freqüentemente saía pela noite procurando algo...

– Encontrou o que procurava?

– Sim, algo que preferia não ter encontrado, caro Archibald... – disse Kandel, num tom grave, e prosseguiu: – Avistei uma luz ao longe, uma pequena tocha. Tomei o cuidado de apagar minha lanterna e aproximei-me cautelosamente. Era um pouco ao norte daqui mesmo. A região, como você deve saber, é composta por vários pequenos morros, que ficam mais altos à medida que se caminha para o norte. Consegui uma boa posição no topo de um morro para observar. Havia uma longa fila de homens, muitos mesmo, talvez duzentos, que andavam. Estavam acorrentados uns aos outros. Amarrei meu cavalo numa árvore e decidi aproximar-me sorrateiramente a pé. Observei-os então mais de perto. Percebi que havia homens e mulheres. A luz das luas ontem estava um pouco mais forte que hoje, pois oito delas pairavam no céu. Eles pareciam muito cansados e praticamente se arrastavam para andar. Concluí que eram escravos dos bestiais e percebi o perigo que eu corria. Deixei de lado a atenção nos homens e mulheres e comecei a procurar bestiais, desesperadamente. Não avistei nenhum. Quem então estaria conduzindo aqueles escravos? Minha atenção voltou-se para a figura que estava à frente da fila, com uma tocha. Apesar da distância,

parecia ser um humano encapuzado. Segui-os, procurando me aproximar do cabeça da fila. Com isso, afastei-me cada vez mais do meu cavalo. Só quando estava bem perto, percebi que, na ponta, além do homem que carregava a tocha, havia outros, muito estranhos, que, apesar de terem contornos humanos, caminhavam de forma artificial, como as marionetes dos artistas de rua. Vi uma cena terrível: o braço de um dos homens caiu de seu corpo, como o fruto de uma árvore. Ele parou, abaixou-se, pegou o braço do chão e o colocou de volta em seu corpo. Não me contive e deixei escapar um suspiro de horror. Gelei ao ver que todos pararam juntos, sem exceção. O homem que levava a tocha virou-se em minha direção; de dentro de seu capuz, de onde deveriam estar seus olhos, dois pontos vermelhos brilharam. Fiquei paralisado pela visão. A manga de seu manto levantou-se em minha direção e os homem-marionetes puseram-se a correr para o meu lado, uma dúzia deles. Não pensei duas vezes e corri para onde estava meu cavalo. Olhei para trás e percebi que era mais rápido que eles, mesmo de armadura. Movido pelo desespero, soltei minha mochila e os braços de minha armadura, pois precisava perder peso e correr, era minha única chance. No entanto, meu cavalo estava longe e morro acima. Muito cansado, percebi que, apesar de lentos, eles pareciam não se cansar; estavam me alcançando, seria o meu fim. Cheguei ao cavalo, quase sem fôlego, e desembainhei minha espada para cortar a corda que o amarrava, pois não haveria tempo para desfazer o nó. Quando me preparava para cortá-la, o primeiro deles me alcançou, se jogando em cima de mim. Procurei me desviar e acertei um golpe em seu tronco, que pareceu não o ferir. A coisa se agarrou às minhas pernas e, para soltar-me, separei seu braço do corpo. Andei para trás em horror e caí. O braço da coisa ainda segurava minha perna. Logo veio outra criatura por cima de mim e agarrou-me o braço da espada. Pude vê-la de perto: era como um homem apodrecido; em sua face, havia uma gosma horrível. Antes que mordesse meu braço, escutei-o dizer a palavra carne. a criatura começou a comer meu braço e eu gritei de dor. Encolhi minha perna e apoiei a sola do pé no abdome da criatura, tirando seu equilíbrio e arremessando-o por sobre minha cabeça. Aterrorizado, deixei minha espada de lado e retirei uma faca para cortar a corda. Meu cavalo já estava rodeado por outras criaturas e pinoteava freneticamente para livra-se delas, de uma das quais ele separou a cabeça do corpo com um coice. Assim que o libertei, corri para sua lateral e, chutando uma das criaturas do meu caminho,

consegui montar nele. Fugimos. Depois do susto, vi meu braço sangrando muito e fiz um curativo. Já era manhã quando cheguei. Bem depois...

– Tem razão... É difícil de acreditar...

O cavaleiro, repentinamente, tomado por uma estranha fúria, pegou Archibald pela gola e disse, sacudindo-o:

– É verdade, maldito! É verdade!

– Acalme-se, cavaleiro! – ordenou Archibald.

Kandel percebeu sua loucura e sentou-se novamente.

– Eu acredito em você. – afirmou Archibald, seriamente.

– Sabe o que é mais estranho?

– O quê?

– Pensando sobre isso, fiquei com a clara impressão de que os homens e mulheres acorrentados, apesar de andarem, estavam mortos.

Archibald sentiu um calafrio em suas costas; percebeu que o mesmo se passou com Kandel.

– Há alguma coisa muito sinistra acontecendo, cavaleiro Kandel, e eu lhe digo: vou descobrir o que é!

CAPÍTULO 46

Três dias depois das revelações de Kandel, a cabeça de Archibald ainda fervilhava. Dezenas de teorias haviam se formado e se desmanchado, levando-o a sentir uma grande necessidade de voltar a Kamanesh, para consultar livros na biblioteca a respeito dos mortos-vivos.

Apesar de não ter certeza do que estava acontecendo, sabia que os boatos sobre feiticeiros que estariam apoiando os bestiais eram verdadeiros, fossem eles humanos ou não. Confiava na descrição que Kandel fizera, mostrando que o feiticeiro não era um bestial. Andou pelo acampamento e escutou estórias nas rodas dos soldados sobre aparições e bruxos. Sentia o medo deles e não entendia por que os monges Naomir não estavam em peso na guerra. Na realidade, não entendia muitas coisas, e a guerra lhe parecia cada vez mais estranha. Por que não estudara mais sobre guerras? Se o tivesse feito, talvez pudesse compreender melhor o que acontecia.

Os soldados pareciam ansiosos. Sairiam em marcha para Grey ao amanhecer. O mensageiro vindo da capital trouxe a notícia de que a esquadra dos novos navios de Lacoresh partira com destino a Grey. Havia cerca de trinta embarcações carregadas com a guarda da capital, comandada pelo próprio Arqueduke Maurícius, o primo do Rei. As naus eram equipadas com balistas e catapultas preparadas para arremessar muitas cargas incendiárias.

Ao saber que a capital ficaria sem sua guarda, Archibald teve um mal pressentimento. Pensou que, no entanto, ninguém poderia atacar a capital sem passar pelos exércitos e fortes espalhados pela fronteira do Condado de MontGrey. As informações que obtivera certamente trariam mudanças, se levadas às pessoas certas. Decidiu que, contrariando as ordens, deixaria o acampamento e procuraria Mestre Landerfalt, Heirich ou, talvez, ambos.

Fazia os preparativos e deixava a barraca, quando ouviu seu nome ser pronunciado. Havia um homem montado, recebendo instruções de um soldado, que apontou sua barraca. Quem poderia o estar procurando? O

homem se aproximou. Não usava uniforme do exército nem parecia ser um guerreiro.

– Archibald DeReifos?

– Sim, sou eu.

– Finalmente! – disse o homem, suspirando. Parecia satisfeito. Desmontou e aproximou-se, revelando ser apenas um rapaz. Retirou algo da sacola de couro que carregava junto ao peito. – Uma carta para você. – disse, entregando um envelope ao monge.

Archibald examinou e percebeu que havia um selo que não reconhecia. Agradeceu. O rapaz disse que havia sido muito difícil encontrá-lo. Logo montou e se foi. O monge levou o envelope para dentro de sua barraca, colocou-se próximo à lanterna que ficava pendurada numa haste e o abriu. Era uma pequena nota, escrita com uma caligrafia muito boa. Dizia:

Archibald,

Tenho notícias de seus amigos Kyle, Kiorina, Mishtra e Noran. Estão todos vivos e presos. Preciso do seu auxílio. Você deve partir para Grey e participar da quebra ao cerco. Assim que tivermos Gorum conosco, nos encontraremos. Queime este bilhete. Não o mostre a ninguém. Não confie em ninguém.

Um amigo.

Archibald leu e releu a nota, mal podendo acreditar. Depois de tantos meses, havia uma esperança, afinal. Seus amigos estavam vivos! Quase se esqueceu de que estava indo para Kamanesh e ponderou sobre essa decisão. Concluiu que não haveria tempo. Voltou a se preparar, não mais para uma viagem, mas para uma batalha.

Na manhã seguinte, marchou com os soldados em direção a Grey. Havia alguma apreensão. Esperavam notícias dos batedores, para saber se seria possível chegar próximo da cidade sem confrontos. Era um tropa formidável, com mais de três mil homens, incluindo uma força de cavalaria com aproximadamente trezentos cavaleiros, um destacamento especial de jovens magos formados pela Alta Escola, além de um pequeno grupo de monges Naomir, ao qual Archibald se integrara.

Ao cair a noite, ergueram um acampamento provisório. Os magos da Alta Escola se prepararam para criar um show de luzes, caso os bestiais se aproximassem, pois luzes fortes à noite causavam danos em seus olhos sensíveis. Após o início do uso dessa defesa, os bestiais começaram a

preferir os fins de madrugada ou de tarde para fazer seus ataques, horário em que seus olhos já estavam um pouco mais acostumados à claridade.

Foi uma noite tão tranqüila quanto a situação permitia. Logo cedo, o acampamento foi desfeito e seguiu-se a marcha. No início da tarde do dia seguinte, chegaram a seu destino, Grey. Havia uma elevação de onde se podia avistar o vale no qual a cidade fora erguida. Arrasada pelos bestiais e convertida num grande acampamento de sujeira e escombros, ela não era mais a sombra do que havia sido. Mal era possível identificar as construções, com exceção do castelo e da catedral, ainda protegidos dos bestiais pela muralha interna. Avistaram alguns bestiais, mas muitos mais deveriam estar escondidos nas ruínas da cidade. No céu, centenas de aves carniceiras, freqüentadoras assíduas das pútridas ruínas de Grey.

Era um dia de sol e, para muitos, a primeira vez que avistavam o mar, para onde as atenções estavam especialmente voltadas, pois de lá viria a esquadra que comporia a força de ataque a Grey. Formaram um acampamento no alto, bem à vista dos bestiais, que certamente já sabiam de sua vinda antes de chegarem.

Archibald observava como o mar mudava de tons à medida que a distância aumentava: esverdeado perto da costa, um azul brilhante na maior parte e azul bem escuro próximo ao horizonte, com milhares de traços brancos das ondas de tamanho progressivamente menor, que oscilavam em padrões ritmados. O vento era fresco e havia um odor diferente, bastante agradável. A visão, de certa forma, colocou a cabeça do jovem monge para descansar.

Bandeiras oscilando nas torres do castelo chamaram a atenção de todos. Estavam se comunicando. Archibald pensou que Gorum certamente estaria lá, em algum lugar. Ficou inquieto, pois, ao visualizar a situação, surgiram mais questões em sua mente. Deixou seu grupo e foi procurar o cavaleiro Kandel. Enquanto atravessava o acampamento, vinham-lhe à memória as conversas que tivera recentemente com seus colegas de Ordem, nas quais especulava sobre a atuação de forças sobrenaturais na guerra, mas eles, acostumados a seguir dogmas e orientações dos superiores, pareciam desprovidos de curiosidade investigadora e tendiam a não dar muita importância às histórias de assombração e feitiçaria que Archibald contava, o que o deixava muito irritado.

Quando encontrou Kandel, ele estava reunido com outros cavaleiros, discutindo planos de ação. Teve que esperar um pouco para poder falar com ele. Finalmente, os cavaleiros se separaram, cada qual indo em direção às respectivas tropas, para passar orientações.

– Por favor, Kandel! – o monge teve que falar mais alto, para conseguir a atenção do cavaleiro.

– Irmão DeReifos?

– Podemos conversar um pouco?

– Um pouco apenas, pois o tempo está escasso! – disse Kandel, que vestia uma armadura completa de metal, na qual se via um brilho levemente azulado. Na cabeça, um elmo com espigas na parte superior, que revelava apenas uma parte de sua face.

– Eu tenho uma pergunta.

Kandel sinalizou apenas.

– Por que os bestiais não tomaram Grey de uma vez por todas? Quero dizer, olhe só a quantidade deles! Eu não sou especialista em guerras e em cercos, mas poderiam facilmente ter tomado o que resta daqui! Então, responda-me, Kandel, por que, depois de tantos meses, eles ainda não tomaram Grey?

Kandel pensou por alguns instantes. Havia algumas razões, mas nenhuma delas parecia boa o suficiente, não encontrava um motivo convincente.

– Já pensei um pouco nisso, Irmão DeReifos, e, para falar a verdade, não vejo um motivo forte o bastante, especialmente depois de tudo o que vi nesta guerra.

Ficaram em silêncio, escutando ao longe o ruído do mar, os tambores dos bestiais, que haviam começado a soar desde que haviam chegado, e as conversas embaralhadas de seus companheiros do exército.

– Como o que se comenta por aí, acredito que você já considerou sadismo, por exemplo, o trunfo de possuir nobres para barganhar... – arriscou Archibald.

Kandel confirmou com um gesto. Archibald alterou o tom de voz, mostrando sua inquietude com a situação.

– Mas isso não faz sentido sob a perspectiva dos bestiais. Não acredito que tenham real compreensão do desgaste emocional que sofrem os nossos companheiros de Grey. Para eles, fariam mais sentido torturas físicas,

trabalhos forçados e humilhação direta. Além do mais, se a intenção fosse ter um trunfo para barganhas, eles também poderiam ter capturando os nobres e os mantido como prisioneiros. – o monge gesticulava bastante e procurava ser convincente. – Sem falar que essa idéia de barganha também não faz o menor sentido! Já houve alguma barganha com os bestiais até o momento? Eles compreendem isso?

– Até que sim, fizemos pequenas trocas algumas vezes. – disse Kandel, puxando pequenos fios da barba loura, que cresciam abaixo de seus lábios. – Mas há lógica no que você disse; realmente faz pouco sentido esse cerco persistir por tanto tempo, principalmente se considerarmos a impaciência desses bichos.

– Vê o que estou dizendo? – Archibald estava entusiasmado. – Eles estão sendo comandados por mentes superiores, isso tem que virar consenso! Já sondou os cavaleiros? Quantos deles acreditariam que existe algo por trás disso tudo?

– Uns poucos, principalmente os que estão na guerra desde o princípio. O problema é que a grande maioria deles é formada por novatos, ordenados para substituir os que pereceram nas batalhas. O general e os capitães possuem uma mente muito estreita e tendem a desacreditar as teorias, principalmente quando elas ficam mais complexas. Costumam dizer que mais vale pensar em boas estratégias de batalha, que em estórias de fantasmas.

– E quanto aos nobres?

– O barão de Whiteleaf era um homem muito inteligente e preocupado em dar atenção a qualquer informação, mas morreu nas mãos dos bestiais, na queda de Amin. Seu filho, o jovem barão Aaron, tem tido grande participação na contenção dos bestiais ao norte, inclusive conseguindo fazê-los recuar. Ouvi dizer, no entanto, que é muito sanguinário e pouco receptivo a novas idéias. Quanto aos outros, como sabe, não participaram diretamente da guerra; estão apenas recebendo e enviando ordens de suas fortalezas.

– Entendo.

– Portanto estamos com essa situação diante de nós, uma batalha iminente e não temos como levar muitas explicações aos nobres que estão longe e tampouco mudar a mentalidade dos comandantes da tropa, que estão preocupados essencialmente com as estratégias de batalha. – lamentou-se Kandel.

- Bem, se não podemos mudar nada agora, faremos depois, combinado?
- disse o monge, estendendo a mão para o cavaleiro.

Trocaram um aperto de mãos e assumiram o compromisso de defender suas idéias junto aos superiores. Antes que Kandel fosse embora, Archibald disse:

- Espere! Tenho um presente para lhe dar.

Kandel parou.

- Por favor, desembainhe sua espada. – pediu o rapaz.

A espada assobiou ao deixar a bainha. Era uma bela peça, com cabo de madeira avermelhada com entalhes simples e lâmina afiada e longa, um pouco mais longa que o padrão. Archibald colocou as mãos sobre a lâmina e entoou um rápido cântico. Kandel sentiu vibração em sua mão.

- O que você fez?

– Abençoei sua espada em nome dos deuses, para que você use sua força sabiamente.

- Obrigado, irmão DeReifos, e que os deuses lhe acompanhem.

– Força e coragem de Aianaron! Que os deuses nos acompanhem a todos.

CAPÍTULO 47

Grey ardia em chamas. Os navios da esquadra despejavam uma chuva de fogo sobre a cidade, forçando os bestiais a fugirem de suas tocas, desesperados. Os que se reuniam não conseguiam se organizar; com isso, apesar de estarem em maior número, começavam a perder a batalha que se travava fora da cidade.

As tropas de Lacoresh haviam descido da porção elevada do vale no meio da madrugada. Foram guiados pelas chamas que incendiavam os arredores da cidade. Os bestiais, certamente, não esperavam um ataque noturno, mas, mesmo assim, se preparavam para a batalha. Acreditava-se haver mais de dez mil bestiais para fazer frente à investida do exército de Lacoresh. Contando com a força da esquadra que desembarcaria, os números haviam sido calculados como quatro para um. Seria uma batalha decisiva para a guerra, todos sabiam disso.

Ali, em meio a fogo e sangue, estava em jogo uma série inimaginável de interesses. Num dos navios da esquadra certamente estaria o próprio Arqueduke Maurícius, primo do Rei. No castelo, estava o Conde de MontGrey, apreensivo, observando a batalha de sua torre, acompanhado pelo general Graff. Nas tropas, estavam Kandel, Archibald e muitos outros, lutando por suas vidas. Do lado de dentro das muralhas, Gorum preparava seus homens para o momento oportuno de abrir os portões e lutar pela liberdade. Em outros tantos lugares, estavam pessoas de todos os tipos, que sentiriam a repercussão dos eventos daquele dia que mal havia começado.

Archibald descia na retaguarda da tropa, acompanhado de seis de seus companheiros monges Naomir. Escutava o tintinar das espadas logo à sua frente. As hordas de bestiais haviam se encontrado com o exército de Lacoresh na dianteira, e ele não conseguia saber como as coisas estavam andando. O barulho infernal aumentava, assim como os gritos de agonia cada vez mais freqüentes e próximos. Logo percebeu que, a qualquer momento, os bestiais chegariam até seu grupo. Pouco antes da luta, o monge superior havia distribuído cristais energéticos, de onde poderiam retirar substrato

para a invocação dos poderes dos sagrados ofícios. Cada um recebeu um cristal de bom tamanho, de brilho azulado, e o pendurou no pescoço. Archibald invocou as bênçãos de Aianaron, para trazer ao seu força e destreza superiores e viu o quanto os cristais eram fortes, pois recebera enorme carga do seu.

Um primeiro bestial surgiu em sua frente. Corria, apontando para o monge uma lança. Apesar da pouca luz, Archibald pôde ver o olhar enfurecido da criatura. Sentiu um frio na barriga e entregou-se à vontade dos deuses. De certa forma, não controlava suas ações e agia mais por reflexo que por reflexão. Esperou parado até o último instante, quando deu um passo para o lado, deixando a lança passar a apenas um triz de seu corpo, e golpeou a face do bestial com seu bastão de batalha. Escutou um estalo e imaginou que o bastão se rompera. Surpreendeu-se ao ver que, na realidade, a face da criatura havia afundado, e uma lasca de osso fora projetada para fora da pele, fazendo-a tombar, girar sobre seu próprio eixo, com os pés projetados para o alto, e atingir o chão com as costas. Estava mais forte do que imaginava.

Logo surgiu outro bestial, que carregava sobre a cabeça um martelo de guerra com as duas mãos. Preparou um golpe fatal para Archibald, que girou sobre o corpo, quase encostando no chão, para ficar ao lado da criatura. O bestial se surpreendeu com o movimento e desferiu o golpe, atingindo o vazio. O monge, então, alvejou sua nuca e, com um forte golpe, quebrou seu pescoço e o bastão. Archibald deixou-o de lado e apanhou o martelo do bestial. Era uma arma muito bem feita, com desenhos gravados em sua lateral. Definitivamente não se tratava da arma de um bestial. O martelo era muito pesado para ser manejado, mas, com a força conferida pelo cristal, foi fácil fazê-lo.

O monge abateu mais dois bestiais e pensou por quanto tempo ainda o cristal seria capaz de lhe conferir tanta força. Avançou por entre os homens e sentiu o horror da batalha: sangue e corpos para todo lado, gritos de agonia e lutas sem fim. Viu um de seus companheiros morrer. Não o conhecia bastante, pois era de outro mosteiro, que ficava próximo a Lacoresh. Pediu por sua alma e continuou a lutar. Avançou em direção a um bestial, que segurava a espada numa das mãos e o escudo na outra. Tirou-lhe a vida, antes que ele pudesse se defender. Logo se deparou com outro, que parecia não o perceber, virando-se e se pondo a lutar com um soldado. Archibald

achou estranho e então sentiu um frio na barriga, um calafrio na espinha e gelou. Pensou ter morrido, apesar de continuar lutando. Estaria morto?

“Calma! Você não morreu!”

– O que é isso, quem está falando comigo? – perguntou Archibald, em voz alta, abaixando sua guarda.

Logo um monge seu companheiro gritou ao lado:

– Irmão DeReifos, com quem está falando? Preste atenção na sua guarda!

Archibald retomou a guarda e viu mais um bestial passar por ele sem o perceber. Não entendia o que estava acontecendo.

“Archibald!” – veio novamente a voz em sua cabeça. – “Vim ajudá-lo a resgatar Gorum!”

– Quem está falando?

“Um amigo!”

– Amigo? O que está havendo? Por que os bestiais parecem não me ver?

“Estou cuidando para que eles não o vejam.”

– Mesmo? Para quê?

“Para que você possa se adiantar e chegar até as muralhas.”

– O que eu posso fazer que o exército e a esquadra não vão poder?

“Confie em mim, não há tempo a perder!”

– E a chuva de rocha e fogo sobre a cidade, como poderei atravessá-la?

“Não se preocupe, vá de uma vez!” – ordenou a voz, com delicadeza.

Archibald então pôs-se a correr pelo meio da batalha, presenciando seu avanço.

O general Graff havia vestido sua armadura da placas e sua capa verde escura. Não o fazia havia tempo. Estava ao lado do Conde de MontGrey, na sacada da torre, de onde o nobre não saía de forma alguma e só permitia a entrada de seus homens de segurança e do General.

Graff emagrecera e estava abatido. Seus olhos não brilhavam mais com as batalhas. Havia envelhecido muito durante o cerco. Observava os riscos de fogo que cruzavam o céu escuro saindo do mar e atingindo vários pontos da capital do condado. A chuva de fogo trazia a ruína final à sua cidade.

Detestava os bestiais e não temia seu futuro, o que o conde temia terrivelmente, apesar da pouca importância que dava aos bestiais, vendo-os apenas como instrumentos da seita maligna que atormentava seu sono. Temia por sua filha e por sua própria vida. Naquela manhã, acordou suado, tivera um pesadelo terrível. Uma sombra havia aparecido e dito que ele sofreria as consequências por revelar o segredo. Graff viu que os navios pararam de disparar e aproximavam-se.

– Veja, senhor, eles estão vindo! Vão nos tirar daqui.

– É? E depois?

– Depois iremos falar com o Rei sobre as coisas que você me contou.

– E o que é tão importante que merece a atenção de nosso querido monarca? – a voz veio de trás deles.

– Cavaleiro Roy! O que o traz aqui? – indagou Graff.

Roy vestia apenas uma armadura leve, e seu rosto pálido estava desprovido de expressão. Deu então um pequeno sorriso e disse:

– Vim buscá-los, é hora de partirmos!

– Como passou pelos meus guardas, cavaleiro? – demandou o conde.

– Guardas? – respondeu, surpreso. – Eles já foram encaminhados, meu senhor, é um momento crítico...

– Sei... – disse o conde, apertando os olhos. Gotas de suor escorriam pelo seu rosto.

O general olhou para ele e, vendo sua expressão contorcida, disse:

– O que há, meu senhor?

O conde olhou o general nos olhos e tomou uma atitude que o pegou desprevenido: empurrou-o sacada abaixo. Desequilibrado pelo peso da armadura, o general não conseguiu se segurar, girou com as costas na sacada e caiu na escuridão. Seu grito pôde ser ouvido na região do castelo, apesar dos sons da batalha. O conde, totalmente transtornado, disse ao cavaleiro:

– Você é um deles, não é? Não é, seu desgraçado?

Roy observava as contrações involuntárias no rosto do conde e disse, friamente:

– Sua intuição é boa, meu senhor!

– Eu sabia! Não me mate! Eu faço o que vocês quiserem. Veja, eu já matei o general, ele foi a única pessoa para quem falei de vocês! Isso me redime, não?

– Isso me poupa um trabalho, senhor. – disse Roy, sorrindo.

O conde, tentando fixar um sorriso forçado, disse:

– Então, somos companheiros, não somos?

– Talvez sejamos! – disse o cavaleiro, desembainhando sua espada.

– Ei, espere aí! Eu o matei! Ele era o único que sabia!

– É o que você acha, conde estúpido! Ele contou para Gorum e mais uns tantos! Faz idéia de quantos problemas isso pode nos render? – antes que o conde pudesse responder ou reagir, Roy atravessou-lhe a espada no peito, atingindo seu coração.

O conde, com um olhar de horror, tentou respirar, mas caiu morto, sentado na sacada da torre.

Roy retirou uma lanterna a óleo que estava na parede e quebrou-a no chão. Logo viu o fogo tomar o tapete, a cama, as cortinas da torre.

– Agora, Gorum e os outros!

CAPÍTULO 48

– Traidor! – gritou Gorum.

Os portões da muralha interna acabavam de ser abertos. Sob ordens de Roy, soldados e cavaleiros que eram fiéis a ele lutavam contra Gorum, cavaleiros e soldados fiéis ao Rei. Roy e seus homens já haviam atacado e matado de surpresa muitos do grupo de Gorum. Vários deles não percebiam ainda o que acontecia. A luta tornou-se mais caótica com a entrada de dezenas de bestiais no local.

Gorum pressionou seu cavalo em direção a Roy. O gigante vestia sua armadura completa, usava um escudo grande preso ao braço esquerdo e, na mão direita, empunhava sua espada. Ele estava ligeiramente mais magro e seu rosto, abatido. No caminho, lutou com dois dos guardas da cidade, vencendo sem muita dificuldade. Encontrou-se com Roy próximo aos estábulos, abaixo da catedral. O dia começava a amanhecer e havia fumaça em todo lugar. Gorum tossiu e disse, com a fala travada:

– Moleque miserável, você vai se arrepender!

– Poder vir, velho decrépito!

Trocaram espadadas, e Roy sentiu a força superior de seu oponente, que adiantou o cavalo e golpeou contra o pescoço do cavalo de Gorum, que relinchou e empinou, derrubando Gorum no chão. Na queda, o gigante torceu a perna e sentiu muita dor.

– Eu também sei fazer jogo sujo... – disse Gorum por entre os dentes, para si mesmo. Ficou de pé com dificuldade, encarou Roy e avançou com tudo contra as pernas do cavalo dele, que virou com a montaria. Roy teve uma queda feia e não conseguiu levantar-se.

Gorum, com dificuldade, mancando, foi na direção de Roy. Um bestial interrompeu sua caminhada; com um só golpe, Gorum decepou-lhe um braço e, em seguida, enterrou a espada no tórax da criatura, que caiu, agonizando. Observou à sua volta e viu que seus homens estava se saindo bem. Voltou novamente a atenção para Roy, que estava deitado no chão, ao lado de seu cavalo, que Gorum sacrificou, antes de se aproximar de Roy. Preparou o

golpe que mataria o traidor, mas, ao vê-lo, foi tomado por uma grade surpresa: havia um olhar tão estranho no rosto do cavaleiro, que paralisou Gorum; a paralisia logo se transformou em náusea.

Roy estava se transformando num monstro horrível diante dos olhos de Gorum. Seu rosto perdeu a forma, se enchendo de bolhas que secretavam um muco amarelado. Gorum não pensou mais e dirigiu sua espada contra o peito de Roy, que, ao pressentir o golpe, projetou-se numa velocidade incrível para cima de Gorum, socando-lhe o peitoral da armadura. Houve um estalo e o gigante foi projetado para trás, caindo de costas e deslizando por uma pequena distância. Ele tentava recuperar o fôlego e entender o que acontecera. O peitoral de sua armadura havia afundado. Nesse meio tempo, Roy caminhou até sua espada e apanhou-a.

– Levante-se, velho! – rugiu Roy.

Gorum olhou para ele, viu sua face derretida e sentiu um arrepio medonho. Roy observou a marca de seu punho desenhado na armadura de Gorum e deu uma gargalhada.

– Sim! O mestre dizia a verdade! Estou poderoso!

Gorum não resistiu e disse, com dificuldade:

– Poderoso? Você apodreceu, canalha! – e sentiu uma grande dor no peito.

– Apodreci? Do que você está falando, velho estúpido?

– Olhe para seu rosto, quero dizer, olhe para essa coisa nojenta! – disse Gorum, engasgado.

– O quê? disse Roy passando a mão sobre o rosto e vendo o muco amarelado e pegajoso em seus dedos. – O que há comigo? – desesperou-se. Tentou enxergar seu reflexo no braço da armadura. Viu uma imagem distorcida de seu rosto, com poros que se abriam e fechavam, secretando uma gosma amarela. Gritou enfurecido: – Vou tirar esse maldito bracelete!

Tentou tirar o bracelete, sem êxito. Um dos homens de Gorum veio acudi-lo e deparou-se com Roy, que, enfurecido, golpeou o soldado com uma espadada, que cortou através da armadura, praticamente dividindo o soldado em dois. Gorum tentava se levantar, mas sua perna doía muito; além disso, não conseguia respirar direito. Roy, ainda tentando tirar o bracelete, virou-se para Gorum e disse:

– Isso é culpa sua, velho! Se você não tivesse me derrubado, eu não usaria esse maldito bracelete! Agora você vai morrer! – e andou em direção

a Gorum, com sua espada levantada.

Gorum se preparava para morrer, quando Roy foi atingido na cabeça por um martelo de guerra arremessado, que quebrou seu pescoço.

– Gorum! – o gigante reconheceu a voz de Archibald.

O monge Naomir correu na direção de Gorum. Logo que o alcançou, ajudou-o a se sentar. Olhou para o corpo de Roy tombado e surpreendeu-se:

– Por Forlon! O que é isso?

– Era o cavaleiro Roy... um traid... ai! – sentiu uma pontada no peito. – Acho que quebrei umas costelas.

Archibald ajudou-o a tirar a armadura, enquanto Gorum tentava falar:

– Cui... da.. do! Bes...

– Calma, Gorum, os bestiais não vão nos ver.

“Vamos, Archibald, esconder dois vai ser mais difícil para mim...” – veio a voz na cabeça do monge.

– Eu sei, eu sei... – disse Archibald, como que para si.

– Com quem você está falando? Com os deuses? – quis saber Gorum, falando um pouco melhor sem o peso da armadura.

– Depois eu lhe explico... – disse o monge e invocou o poder dos sagrados ofícios para tirar as dores de Gorum, a fim de que pudessem sair dali mais rápido. Apoiou a palma da mão direita nas costelas de Gorum e pronunciou as palavras sagradas. Logo fez o mesmo na perna machucada do gigante. – Preste atenção, você não está curado, apenas retirei suas dores. Então, tenha cuidado... – disse e ajudou Gorum a se levantar.

Antes de ir, Archibald pegou o martelo que havia arremessado com a força do cristal. Procuraram os caminhos mais seguros para sair de Grey e do campo de batalha. Já longe, observaram o amanhecer sangrento, enquanto Grey era consumida pelas chamas.

A chance de que a investida fosse bem sucedida era bastante razoável, mas, a que preço? Lá estava Grey, levada à ruína. Havia um ano apenas, era uma cidade muito bonita, assim como seus arredores, e seu povo vivia em paz e feliz. Havia fazendas com criações e plantações. Tudo estava perdido.

“Archibald, devemos nos reunir logo, não há tempo a perder.” – novamente veio a voz misteriosa na mente do monge Naomir.

– Onde você está? – perguntou Archibald, em voz baixa.

– Como assim? Estou aqui! – disse Gorum, acreditando que o monge havia falado com ele.

– Não, Gorum, falava com um amigo nosso...

– Amigo? Sei... acho que você está pirando!

“Venha para o norte, através das colinas, até uma fazenda abandonada. Estarei lá, com montaria. Agora vou deixá-los, preciso de um pouco de descanso.”

– Para onde estamos indo? – quis saber Gorum.

– Vamos encontrar um amigo; ele disse que sabe onde Kyle, Kiorina, Noran e Mishtra estão.

– Como assim? Você não sabe onde eles estão?

– Eles desapareceram logo após a batalha de Grey. Foram vistos pela última vez na região de Xilos, antes de ela ser tomada pelos bestiais.

– Há tanto tempo?

– É... Eu já tinha perdido as esperanças de vê-los novamente com vida, mas, há alguns dias, recebi uma mensagem anônima, dizendo que eles estavam vivos e precisavam de nossa ajuda...

– O amigo?

– Isso.

Escutavam ao longe os sons da batalha e já não podiam mais ver a cidade, apenas o céu, coberto de fumaça e fuligem. Gorum começava a sentir novamente as dores, um pouco na perna e muito no peito, o que lhe dificultava respirar.

– Vamos parar um pouco. – sugeriu o gigante.

Sentaram-se na grama.

– Escute, Archibald, com relação a essa guerra, você tem idéia do que está havendo?

– Desconfio de algumas coisas e pessoas... Vi e ouvi muita coisa estranha, incluindo o próprio cavaleiro Roy.

Com isso, Gorum contou a história que o general Graff havia ouvido do Conde de MontGrey. Archibald escutou atentamente e depois contou a história do cavaleiro Kandel. Falou também e sobre sua desconfiança com relação a seu superior, o irmão Weiss.

As coisas começaram a fazer mais sentido na cabeça de Archibald e a abrir brechas na memória de Gorum, como acontecimentos da guerra de vinte anos atrás que nunca foram elucidados. Talvez houvesse explicação para alguns eventos; talvez os fatos pudessem estar ligados.

Archibald observou como a guerra havia afetado Gorum. Seu olhar estava profundo e distante, havia emagrecido um pouco, apesar de estar, de certa forma, mais vigoroso. A vida que tinha na oficina não exigia realmente muito de seu corpo, que, apesar disso, respondeu bem à demanda, pois seu preparo era acima da média.

Gorum, por sua vez, observou Archibald e notou que ele se tornara um homem, assim como Kyle. Na realidade, esteve muito pouco com o rapaz, desde que ele voltou do mosteiro como monge Naomir. Seus cabelos haviam crescido mais ainda durante o período da guerra, descendo até um pouco abaixo dos ombros, e estavam descuidados, como sempre. Seu olhar era severo. Gorum percebeu que ele também o observava.

– Você cresceu, garoto! – disse Gorum, um pouco mais descontraído, com um sorriso provindo de lembranças do passado.

– É... agora sou um homem... um homem que aprendeu a matar...

– Você tirou vidas hoje, não foi?

– Sim... Não foi para isso que aprendi a lutar, mas para me defender... Não foi para tirar vidas que me tornei um monge Naomir.

Gorum ficou em silêncio e sentou-se. Archibald sentia-se mal. Lembrava-se das vezes em que entrou em confronto com os bestiais. Fora subjugado na primeira vez e salvo por Mishtra. Na segunda, foi seriamente ferido e novamente salvo por Mishtra. Na terceira, a história foi outra. Lembrou-se de como, naquela manhã, havia afundado o rosto de um bestial, quebrado o pescoço de outro e esmagado mais dois com seu martelo, que estava cheio de manchas de sangue, assim como seu manto, que também estava rasgado. Seus olhos se encheram de lágrimas e seu coração, de vergonha. Era isso o que os deuses esperavam dele? Que fosse um carniceiro, um assassino? Mais uma vez, detestava as regras da Real Santa Igreja, que dizia que as mortes, em caso de guerra, eram perdoadas pelos deuses. Seria mesmo assim? Lembrou-se de tantas ocasiões em que havia percebido membros do alto clero criando leis duvidosas... Diziam-se iluminados pelos deuses na formulação dessas leis... Haveria verdade nisso? Retirou seu barrete da cabeça e jogou-o no chão. Lágrimas correram em sua face, limpando um pouco do sangue e do pó. Tirou o que sobrou do seu manto, ficando apenas com uma camisa e calças finas. Gorum levantou-se e disse:

– Archibald, o que você está fazendo?

– Desisto! – disse, secamente.

– Desiste? Espere aí! E quanto aos deuses, Aianaron, por exemplo?

– O que quer dizer com isso?

– Não é nosso deus padroeiro das batalhas? Ele desaprovava nossa atitude de defender nossos lares contra esses animais invasores?

– Padroeiro das batalhas? Nunca! Ele é, sim, o deus da força e da coragem! E nossos outros deuses? O que representam?

Gorum não respondeu, apenas sinalizou para que continuasse.

– Representam a chuva, a boa colheita, a luz, a fertilidade, a vida, a sabedoria, a proteção, a paz... Guerra, mortes e assassinatos são distorções, criadas por homens sedentos de poder, que transformam mensagens divinas a seu favor!

Gorum ficou espantado com a revolta e o teor das palavras de Archibald. Em Lacoresh, elas certamente trariam problemas a ele. Disse:

– Acalme-se, garoto, você está tendo um dia ruim...

– É verdade, mas não é só um dia ruim, é uma vida ruim...

– Então, por que continuar?

– Apesar das coisas ruins, ainda acredito que algumas são boas. Se não fosse assim, só poderia concluir que os deuses são malignos, o que não é verdade... Os homens é que o são! Além do mais, precisamos ajudar Kyle... e Mishtra. – dizendo isso, lembrou-se da silfa e de como era bela. Talvez os silfos fossem modelos de bondade... Percebeu a asneira que estava pensando, ao lembrar-se dos silfos do mar, e concluiu: todos estavam condenados à corrupção, inclusive ele próprio. Aquele dia servia para provar isso.

CAPÍTULO 49

Archibald e Gorum estavam andando novamente em busca do misterioso amigo que havia escrito um bilhete para o monge e que, posteriormente, auxiliara na penetração em Grey e na fuga de lá. Agora pareciam ter uma boa pista do seu paradeiro. Archibald indicou uma nuvem de pássaros negros no céu, rodeando uma localidade encoberta por uma colina ao norte.

– Você disse que nosso amigo estaria numa fazenda ao norte. – disse Gorum. – Bem, se houver uma fazenda abandonada com animais mortos além daquela colina...

Archibald concordou. Caminharam por pouco mais, morro acima, até avistar um pequeno vale onde se via uma fazenda em ruínas, com os restos de uma casa de pedra queimada e ossadas de gado espalhadas por toda a região. O cheiro de podridão era terrível e afastaria até mesmo os bestiais. Centenas de pássaros negros se banquetevavam na região. Além do mau cheiro, uma música medonha soava no local, criada a partir dos ruídos bizarros emitidos pelos pássaros. Gorum tapou o nariz e disse, com a voz nasalada:

– Nosso amigo não deve estar aqui, a menos que seja louco!

– Eu concordaria, exceto pelo fato de ele ser capaz de falar dentro da minha cabeça e ter-nos escondido dos bestiais... – disse Archibald, fazendo pausas para respirar pela boca.

– Talvez ele seja de Tisamir, quem sabe até amigo de Noran... – replicou Gorum.

– Decerto! – veio uma voz abafada.

Os dois se viraram e viram um homem coberto de panos, da cabeça aos pés. Usava túnicas amareladas, com faixas de tons vermelhos vibrantes. Apenas seus olhos, de um brilho azul cristalino, podiam ser vistos por entre tantos panos e amarras. Apresentou-se:

– Meu nome é Radishi, de Tisamir. – voltou-se para Gorum. – E, como você sugeriu, Noran e eu somos muito próximos. – aproximou-se e disse: – Vamos, amigos, deixemos este triste lugar.

Conduziu-os até os escombros de um dos estábulos da fazenda que tinha um lado semi-erguido, de onde retirou dois cavalos. Gorum montou um deles; Radishi e Archibald dividiram o outro. Radishi desculpou-se:

– Perdoem-me, amigos, mas não consegui trazer mais de dois corcéis...

Cavalgaram para fora da fazenda e respiraram aliviados. Então Radishi revelou a eles sua face. Possuía um nariz perfeitamente arredondado; usava barba e bigode; seus cabelos eram negros e levemente encaracolados.

– Nossos amigos estão realmente bem? Você vai nos levar a eles? – quis saber Archibald.

– No momento certo, sim. Por hora, devemos nos reunir com os outros, ao norte...

– Mas eles estão bem, não estão? – insistiu Archibald.

– Estão vivos.

Archibald percebeu um sinal vermelho na testa do estranho de Tisamir, certamente umas das marcas do Ermirak.

– Eles foram feitos prisioneiros dos bestiais? – perguntou Gorum.

– Na hora certa, vocês saberão.

– Por que tanto mistério?

– Os pensamentos são perigosos e podem ser captados, mas as palavras são muito mais vulneráveis; uma apenas pode trazer reflexos terríveis, dependendo de quem a pronuncia, em que situação e em que local...

Com isso, fez-se um silêncio que se prolongou durante toda a cavalgada. Suas vozes foram substituídas pelos sons dos cavalos, do vento, de pequenos animais, pássaros e insetos. Com a chegada do crepúsculo, desmontaram e firmaram acampamento. Durante a noite, Archibald teve sonhos terríveis, lembranças da batalha, que traziam um sentimento ruim, que tentava negar a todo o custo. Ele se sentiu bem lutando, sentiu-se poderoso e aliviado com cada bestial que morreu por suas mãos. Havia uma transferência de culpas e conflitos. Tudo de ruim era transferido com um único golpe e vinha à tona uma satisfação tremenda, algo totalmente contrário a seus princípios. Conscientemente, não perceberia dessa forma; racionalizava e transformava seu prazer em vergonha, negação de seus princípios, sentia-se culpado. Nos sonhos, porém, era diferente, não havia amarras, experimentava prazeres proibidos, inaceitáveis, impossíveis.

Acordou apenas meio consciente de seus sentimentos e rezou para os deuses. Não houve alento, não houve conforto. Não havia sinal deles. Ainda

assim, rezou, até que o dia amanheceu. Archibald observou o sol nascer. Rezou com fervor e pediu perdão, mas não acreditava que pudesse ser perdoado.

– Vamos logo, meus amigos, este lugar está repleto de ares malignos. – disse Radishi, levantando-se; parecia estar enjoado.

Gorum cuidava dos cavalos, preparando-os para mais um dia de cavalgada. Enquanto isso, observava seus companheiros de viagem: Archibald, absorto em seus pensamentos, imóvel; Radishi, com as mãos levemente trêmulas. O gigante aproximou-se do Tisamirense, pôs a mão sobre seu ombro e perguntou:

– Você está bem, meu caro?

Radishi virou-se para encarar Gorum e revelou-lhe um olhar claramente nervoso. Gotas de suor escorriam por sua testa. Ele estava apavorado, morria de medo. Não disse nada e procurou recompor-se. Caminhou em direção aos cavalos e indagou:

– Estão prontos?

Gorum fez que sim. Montaram e partiram. Foi mais um dia de cavalgada silenciosa. Por várias vezes, os três pensaram em puxar algum assunto, mas havia um impulso que os levava a conservar seus pensamentos para si mesmos. À noite, Gorum cozinhou algumas raízes e preparou roedores silvestres que haviam caçado mais cedo para assar. Iluminados pelo fogo e escutando os sons da madeira crepitando, dos pássaros e insetos noturnos, esperaram a refeição.

Ao espetar um dos roedores num graveto de madeira para ser assado, Gorum parecia ter-se lembrado de algo engraçado e então sorriu. Archibald conhecia aquele tipo de sorriso e aguardou. Não menos que um instante depois, Gorum começou a falar. Contou uma anedota da qual somente ele riu, mas não tomou aquilo como ofensa e contou uma segunda. Sentiu uma reação positiva de seus companheiros, então veio a terceira, a quarta, a quinta. A sexta anedota foi contada por Archibald, e Radishi contou um caso, em vez de uma anedota. Comeram num clima descontraído. Radishi disse:

– Este local é afável; acredito que teremos uma boa noite.

– Tudo o que o mundo precisa é de boas piadas! – replicou Gorum. – Elas trazem alegria e paz! – esperou um momento e completou: – Como os bestiais não têm senso de humor, somos obrigados a fazer guerras! – e seguiu rindo.

Archibald riu um pouco; Radishi ficou sério.

– Ei, Radishi, isso foi uma piada, ora bolas! – disse Gorum.

– Desculpe, acho que não entendi...

– Tudo bem, vou contar outra então... Havia dois bestiais numa loja de sapatos...

– Não, espere! – interrompeu Radishi. – O que você disse é muito inteligente.

– Mesmo? – surpreendeu-se Gorum, pois não era o tipo de adjetivo que escutava em relação às coisas que dizia. Estava mais acostumado com bobo, ridículo, engraçado, idiota...

– É, a guerra se dá pela falta de entendimento entre seus povos...

– Bem, certamente, mas...

– Sim, os bestiais são um pouco mais selvagens que vocês, mas são seres inteligentes e capazes de diálogo.

– Perdoe-me o mau jeito, mas sua visão é muito fantasiosa, Radishi. O diálogo dos bestiais é a violência, a morte, a guerra. Essa é a língua deles...

– Você está certo disso? Absolutamente certo?

– Bem, é... quero dizer...

– Não, você é que está com uma visão preconceituosa desses seres. Certamente existem outros fatores... Fatores sociais... Não acredito que uma raça esteja condenada a servir a propósitos malignos, pelo menos não para sempre.

– Tudo bem, são suas idéias, mas isso tudo em nossa volta... é a realidade!

– Realidade que seja... mas seu povo sabe pouco a respeito dos bestiais, seus hábitos, seus desejos, sua cultura.

– É verdade... – Gorum franziu a testa e disse: – Espere aí! Por acaso você está defendendo essas criaturas? Prefere ela a nós?

– Talvez... – disse Radishi.

– Não acredito que estou ouvindo isso de alguém como você! – disse Gorum, um pouco incomodado.

– Escute bem, Gorum, nessa empreitada, estou do seu lado, mas há mais coisas nesse mundo, além de guerras e ódios... Uma vez, num livro muito antigo, li relatos sobre a raça dos bestiais, histórias que contavam como eles haviam sido uma raça pacífica e dócil.

– Verdade? – o interesse de Archibald foi subitamente despertado.

– Sim. Não é um livro da época em que isso aconteceu, pois, pelo que sei, não há livros daquele tempo, mas é um relato, quase um lamento da época das grandes guerras.

– A era maldita! – afirmou Archibald.

– Sim, essa foi também uma denominação daquela época.

– O livro parece ter sido escrito por um antepassado dos silfos... um dos El'kin'phos.

– El'kin'phos? – perguntou Gorum.

– Uma raça antiga mencionada em algumas lendas, popularmente conhecidos como Elfos... – respondeu Archibald.

– Ah, sim...

– Pois ,então, esse El'kin'pho lamentava-se em seu relato de ver a raça dos Rheta, atualmente chamados bestiais, sofrer tamanha degeneração e corrupção. Dizia que os bestiais foram uma raça amiga dos El'kin'phos, que viviam em harmonia com a natureza e aprendiam, dentro das suas limitações, as boas práticas e costumes daquele povo.

– E como chegaram ao que são hoje?

– Ele conta que, no início das guerras, havia um grande e orgulhoso império de humanos guerreiros, que enfrentaram as terríveis guerras da era maldita, quando se aliaram aos bestiais, ensinando a eles tudo sobre as guerras e o meio de vida dos guerreiros. Acredito que, com o passar do tempo e as sucessivas guerras, a cultura dos Rheta pacíficos tenha sido suplantada pela cultura de guerras e violência desse antigo império de seus ancestrais.

Gorum olhou para baixo, embaraçado. Archibald olhou para cima, pensativo, e disse:

– Isso é muito interessante... Parece que estamos então, de alguma forma, sendo punidos pelos erros de nossos ancestrais...

– Não concordo... Acredito, sim, que seja consequência de atitudes bem recentes dos soberanos do Reino de Lacoresh.

– Reconheço que me falta conhecimento sobre muitas coisas... Imagino se, um dia, depois dessa guerra, terei a oportunidade de estudar num lugar tão especial quanto o Ermirak.

– Quem sabe? disse Radishi. – Quem sabe?

Fez-se silêncio. Gorum o quebrou:

- É melhor dormirmos, não sabemos o que teremos de enfrentar amanhã...

Com isso, os sons da noite voltaram a dominar o acampamento.

CAPÍTULO 50

Meses se seguiram após o encontro de Archibald, Gorum e Radishi com o misterioso Vekkardi, na base da cordilheira de Thai. Durante esse encontro, Radishi contou a Archibald e Gorum a respeito das minas de Xilos, onde trabalhavam como escravos centenas de pessoas, entre elas Kyle, Kiorina e Rikkardi, o irmão de Vekkardi. Radishi também falou da existência de uma fortaleza, na qual Noran e Mishtra eram mantidos prisioneiros, e que se tratava de uma base da seita dos necromantes, feiticeiros fascinados pela morte e pelos mortos. Essa seita parecia estar envolvida com as atividades da guerra, fornecendo ajuda aos bestiais, de diversas maneiras. Radishi disse não compreender as motivações deles, mas acreditava que desejavam, através dos bestiais, trazer morte e destruição ao Reino de Lacoresh.

Discutiram o assunto e chegaram à conclusão de que não conseguiriam libertá-los sozinhos, precisavam de auxílio. Vekkardi, que parecia já conhecer Radishi, falou com eles a respeito de seu benfeitor, o Sr. Alunil de quem resolveram buscar a ajuda. Iniciaram uma jornada, através da cordilheira de Thai.

Finalmente, estavam próximos do chalé do Sr. Alunil, cansadíssimos, com exceção de Vekkardi, que parecia bastante à vontade com escaladas, os tortuosos caminhos das montanhas e o frio, que anunciava o inverno. Vekkardi era um sujeito estranho; sua interação com os outros dependia do seu humor. Quando o encontraram, possuía uma barba rala, que, durante a viagem, cresceu um pouco, assim como seus cabelos castanhos escuros. Às vezes, falava sobre seu irmão, ocasiões em que ficava melancólico; outras vezes, falava sobre o Sr. Alunil.

– Bem, lá está! – disse Vekkardi, indicando com o dedo o chalé de madeira na encosta da montanha. – Agora, falta pouco. Vamos!

– Então, não é um sonho? – disse Gorum, ofegando. – Rapaz, estou ficando velho para essas coisas... Espero que seu tutor possa realmente nos ajudar.

– Fique tranqüilo quanto a isso, grande Gorum, certamente ele nos ajudará.

– É o que esperamos... – disse Radishi.

Então, sem gastar mais energia falando, seguiram através de caminhos estreitos e sinuosos, até uma ponte de madeira que levava a uma plataforma, onde havia um pequeno jardim e o chalé do Sr. Alunil.

A casa, antiga, era construída com madeira vermelha. Dava a impressão de brotar da montanha, como se fosse parte de todo aquele cenário desabitado.

Atravessaram o jardim, cheio de muito verde, e observaram que havia aves amarelas com cristas alaranjadas, parecidas com patos, nadando num lago artificial. Ao passarem, elas bateram asas e soltaram sons guturais característicos.

– Como é bom estar em casa! – disse Vekkardi para si.

Ele tomou a frente do grupo e abriu a porta principal do chalé. Convidou-os a entrar. A sala de entrada era aconchegante; havia, ao lado de uma lareira, uma estante com livros e, em cima dela, dezenas de estatuetas de pedra; o chão era forrado com tapetes de lã malhada. Archibald imaginou que a lã fosse tirada de cabritos das montanhas, que avistou em grande quantidade durante a viagem. Vekkardi falou alto:

– Sr. Alunil? Senhor? Cheguei! Trouxe umas pessoas para vê-lo!

– Sim, já sabia... – veio uma voz de trás deles, de fora do chalé.

Todos se assustaram um pouco e viraram-se para, finalmente, ver o Sr. Alunil, que, nova surpresa, era um silfo! Seus cabelos eram castanhos e bastante lisos; usava uma faixa grossa de couro sobre a testa, arrepiando um pouco de seu cabelo acima da cabeça e deixando o restante escorrer em camadas, até a altura do queixo; o nariz era fino, assim como outros traços delicados dos silfos.

– Sejam bem-vindos ao meu lar! – disse, calorosamente. – Por favor, aceitem minha hospitalidade, bravos viajantes.

– Muito obrigado. – disse Radishi, curvando a cabeça para cumprimentá-lo.

Archibald e Gorum também agradeceram a recepção do Sr. Alunil e foram feitas as devidas introduções por Vekkardi, que, depois, abraçou seu benfeitor.

– Vi quando vocês vinham e preparei chás, sucos, bolos, pães, geléias e mais algumas coisas. Por favor, venham..

O Sr. Alunil indicou o caminho até uma agradável sala de jantar no segundo andar, na qual havia uma grande janela de vidro dividida em quadrados por reforços de madeira, possibilitando uma belíssima visão: as montanhas da cordilheira de Thai, com seus cumes de eterno branco sumindo na distância, num tom azul enfumaçado.

Archibald queria logo falar das razões que os trouxeram, mas foi interrompido pelo anfitrião, que disse que não faria bem discutir problemas, estando cansados e com fome.

Havia uma grande mesa de madeira, repleta de delícias: bolos, pães diversos, geléias de cores e sabores vários, sucos de melanca, azugiba e outros, com suas cores púrpura, alaranjada e amarela, em grandes jarras de cristal ornamentadas.

Aquilo encheu os olhos e posteriormente a barriga dos visitantes, que, seguindo a orientação de seu anfitrião, comeram e beberam sem se preocupar com problemas. Após a rica refeição, Alunil convidou-os a se banharem e repousar, para, no dia seguinte, discutir os problemas que os traziam dos domínios dos homens até ali.

Havia uma grande banheira aquecida por um forno alimentado a carvão no subsolo, na qual todos se banharam, indo, depois, descansar.

Acordaram muito bem dispostos. Novamente havia chás, sucos, ovos e pães para o desjejum. Comeram, observando o mau tempo. Durante a noite, uma tempestade se formou e chovia bastante lá fora.

O Sr. Alunil parecia observar seus convidados comerem com um ar de satisfação. Um dia de descanso em seu chalé valia por dez dias na melhor estalagem de Lacoresh.

Todos terminaram logo sua refeição, exceto Gorum, que, além de comer mais, parava freqüentemente para contar casos e piadas. O Sr. Alunil parecia entretido com as histórias do velho cavaleiro e o encorajava a contar mais, após sorrir e concordar com acenos positivos. Finalmente, todos, inclusive Gorum, estavam satisfeitos. Muitos agradecimentos e elogios à refeição preparada pelo Sr. Alunil criavam um ambiente amigável e descontraído.

Seguiu-se um silêncio. Escutavam o barulho da chuva e de trovões distantes. O Sr. Alunil então anunciou:

– Bem, já é hora de discutirmos os problemas de Lacoresh.

Os convidados concordaram.

– Apesar de não conhecer os detalhes, temo saber mais que o suficiente a respeito das dificuldades por que passa o domínio dos homens. – começou o anfitrião.

– Como? – quis saber Gorum, puxando sua barba da maneira usual. – Quero dizer, segundo Vekkardi, o senhor não deixa essas terras há muito tempo.

– É verdade, mas existem outros meios, caro Gorum...

– O senhor deve usar magia. – arriscou Archibald.

– Sim, poderia ser colocado dessa maneira...

Radishi observava e pensava que talvez ele pudesse perceber acontecimentos à distância, da maneira como ele próprio fazia, deixando seu corpo e viajando através do mundo invisível. Alunil voltou a falar:

– O fato é que, durante sua viagem e mesmo antes dela, eu vinha percebendo distúrbios progressivos nas energias que circundam o reino de Lacoresh. Há uma sombra que se alastra sobre toda aquela região. Poderíamos ver isso de duas maneiras: uma delas nos indica que essa sombra seria consequência das ações de pessoas ou grupos de pessoas que têm intenções malignas.

– A seita dos necromantes! – exclamou Archibald.

– Sim. Agora, a outra maneira de enxergar: a existência dessas pessoas ou grupo de pessoas com intenções maléficas seria o reflexo do surgimento ou do retorno de um malefício maior.

– Concordo e acredito que a segunda opção seja a mais provável. – disse Radishi.

– Por que acredita nisso, bom Radishi? – perguntou gentilmente o Sr. Alunil.

– Fortes maus presságios. Os sensitivos de Tisamir percebem uma terrível força maligna. Além disso, antes de a guerra se iniciar, Kivion sentia um tormento por vir; acredito que isso se devia a algo além de uma guerra comum. Vejam: houve outras guerras antes desta, mas não tal alarme com há hoje em Tisamir!

– Acredito que isso confirma meu ponto de vista, o que me preocupa muito. Talvez eu tenha me afastado demais... – disse Alunil, gravemente, parecendo perturbado.

Houve um novo silêncio, quebrado por Vekkardi:

- Senhor, e quanto a Rikkardi?
- Ele vive? – perguntou, surpreso.
- Sim, trabalha como escravo nas minas próximas a Xilos...
- Você tem certeza?

Vekkardi deu um olhar inquisidor para Radishi, que disse:

- É certo, o rapaz trabalha nas minas.

- Hmm... – fez Alunil, enquanto coçava a ponta do nariz. – Talvez eu estivesse enganado, o que, se não é usual, é possível.

- Então o senhor esperava, digo, acreditava realmente que ele estivesse morto? – disse Vekkardi, um pouco exaltado.

- Sim, havia essa forte tendência, eu o preveni quanto a isso. – Alunil pensou um pouco mais e pediu: – Por favor, meus caros, contem-me mais detalhes. Parece haver um obscurecimento maior do que avaliei inicialmente...

Após escutar as impressões de cada um sobre a guerra, suas suspeitas e o que sabiam da seita dos necromantes, Alunil voltou a falar.

- Precisamos voltar a Lacoresh. Vocês vão na frente, em direção às minas, e lá me aguardam. Preciso preparar-me para a jornada.

Gorum precipitou-se:

- Sinto-me pronto para duas jornadas como a que fizemos. Devemos ir já; precisamos libertar Kyle, Kiorina e os outros.

Archibald concordou. Todos concordaram e se levantaram. Estavam descansados. O Sr. Alunil permaneceu sentado; alisava suas sobrancelhas; estava preocupado. – Antes de irem, há algo que precisam saber.

- O que, senhor? – perguntou Vekkardi.

- Quando chegarem em Lacoresh, a encontrarão transformada. Durante a jornada de vocês, aconteceram fatos importantes, que trouxeram grandes mudanças.

- Como assim? Do que o senhor fala? – indagou Archibald, apreensivo.

- Como eu lhes disse, não posso captar os detalhes neste momento; quando nos encontrarmos novamente, espero ter mais informações.

Aquilo trouxe uma série de dúvidas para todos. Archibald imaginou o pior: teriam os bestiais vencido a guerra? Teriam invadido e destruído tudo? Não restaria nada mais de sua terra? Gorum, preocupado, perguntou:

- Sr. Alunil, o senhor poderia nos dizer se Kyle e os outros vão estar bem até chegarmos?

– Possivelmente, estarão vivos...

O ódio tomou conta de Gorum; ódio por traidores, como Roy. Certamente havia outros. Quem seriam?

Preparavam-se para sair. A chuva havia diminuído bastante e estava rala e fria. Vestiam casacos de couro cedidos pelo Sr. Alunil e imaginavam que outras cartas aquele silfo não teria em suas mangas. Levavam mochilas cheias de bolos e biscoitos, que, segundo o Sr. Alunil, estariam como frescos durante toda a viagem. Ele estava na entrada do chalé, entre duas toras de madeira que sustentavam parte do segundo andar que se projetava para a frente da porta, dando cobertura da chuva.

– Cavaleiro Gorum! – chamou o silfo.

– Sim?

– Você foi companheiro do Cavaleiro Blackwing, não foi?

– Fui...

– Esse rapaz, Kyle, é seu filho ou de Blackwing?

– É meu filho, eu o criei, mas seu pai verdadeiro era Armand Blackwing.

– Certo.

– Por que isso agora?

– Pensei uma coisa, mas não é realmente importante.

Voltaram a andar e já estavam próximos da ponte, quando ouviram:

– Sejam bravos, meus jovens! Sejam bravos!

Acenaram mais uma vez e seguiram de volta a Lacoresh.

CAPÍTULO 51

Novamente, passaram-se meses. A prisão de Kyle, Kiorina e Mishra completava um ano. Se um dia houve esperança de liberdade, esse dia parecia muito distante. As condições de trabalho haviam piorado para todos, especialmente para Kyle. Por outro lado, já estavam mais habituados à dureza do trabalho escravo. Um dia vinha após o outro e isso não trazia mais muita diferença.

Era uma tarde de inverno. O crepúsculo se aproximava e o céu estava límpido. Podia-se observar uma figura com semblante sombrio próximo da sacada de uma fortaleza, construída em meio às montanhas. A sala em que estava era ricamente decorada, com máscaras penduradas na parede e algumas estátuas de figuras nuas nos cantos. Havia uma grande mesa de madeira no centro, rodeada por cadeiras altas, com assentos e encostos acolchoados com veludo púrpura escuro, a mesma cor do grande tapete que cobria o chão.

A figura observava a mudança lenta das cores no céu, enquanto o crepúsculo se aproximava: do puro azul, passou para o laranja, vermelho e, finalmente, púrpura. Abriu-se a porta, e uma estranha figura entrou.

– He, he, he... Com sua licença, jovem mestre. Vim acender as velas... he, he, he...

O homem apenas fez um sinal com a mão, sem se virar.

– Obrigado... he, he, he... Velas... fogo... queima... churrasco de gente... he, he, he...

Logo a figura estava novamente sozinha. Observava agora as estrelas surgirem no céu, pacientemente. Continuou imóvel, até que fez seu segundo movimento, em horas: virou a cabeça para cima e girou o pescoço, como se tivesse ouvido algo. Virou-se, e as solas de suas botas longas fizeram barulho contra o chão de pedra da sacada. Os passos foram abafados, quando caminhou pelo tapete escuro. A capa azul que usava nas costas moveu-se pouco, pois era feita de um tecido grosso e pesado. Aproximou-se do candelabro trabalhado em metal fosco, que suportava doze velas, apoiado

no centro da mesa. A luz revelou que, sobre seu rosto, havia uma estranha máscara branca, com desenhos vermelhos ao redor das pequenas aberturas para os olhos, duas aberturas para as narinas e uma para boca, cujo desenho do arco indicava desagrado. Grossas sobrelhas pintadas de preto formavam um “V”, o que dava à máscara uma expressão furiosa e sinistra. Seus olhos se fecharam e ele permaneceu imóvel, até que houve uma batida na porta, seguida de sua abertura.

– Jovem mestre, intrusos! – era Kurzeki e estava bastante alarmado.

– Eu já sei, Kurzeki. É apenas um... Tomarei as providências... – disse, andando em direção à porta. Ao passar por Kurzeki, empurrou-o contra a parede com violência. A colisão produziu um som abafado. Vieram as gargalhadas:

– He, he, he... O jovem mestre está furioso... he, he, he...

Pressentindo a presença do intruso, o mascarado foi ao seu encontro. No salão abaixo, acontecia uma luta. Vários guardas estavam estirados no chão. Antes de agir, observou o intruso, vestido numa roupa escura colada ao corpo, girar no ar e desarmar um dos soldados que carregava uma espada. Segurando o braço do soldado e tomando impulso sobre sua coxa, acertou-lhe uma violenta joelhada no rosto, o que provocou um estalo, espalhou sangue e retirou-lhe os sentidos.

Outro soldado, com uma lança, correu na direção do intruso, que se desviou ligeiramente, deixando a ponta da lança passar por baixo de seu braço; segurando seu cabo com ambas as mãos, apontou-a para o chão. Ao mesmo tempo, o intruso tomou um impulso, inclinando-se e acertando o calcanhar no queixo do soldado com muita força. Sua mandíbula foi deslocada, o que o fez cair, gemendo de dor. Mais dois soldados foram para o chão, um com a perna quebrada, outro inconsciente.

A figura mascarada avançou com passos lentos e calculados pelo salão, em direção ao estranho. Sua presença paralisou o intruso, provocando nele um calafrio. Encararam-se por alguns momentos, enquanto ouviam os gemidos e as maldições dos soldados caídos. O homem mascarado começou a bater palmas e disse, com a voz abafada pela máscara:

– Belíssimo! Um espetáculo e tanto! Agora, é hora de morrer!

O intruso abaixou o capuz que usava, revelando sua face. Era Vekkardi e tinha ódio em seu olhar. Posicionou-se de forma estranha, levantando um dos pés e posicionando os braços tensos com os dedos flexionados, como se

pudessem segurar o ar. O mascarado flexionou a cabeça ligeiramente para baixo, o que provocou uma contração no rosto de Vekkardi, que perdeu o equilíbrio, caindo ajoelhado. Seu rosto ficou vermelho e veias lhe saltaram nas têmporas. Com dificuldade, colocou-se de pé e avançou em direção ao mascarado.

– Como ousa resistir a mim, peste?

Logo o avanço de Vekkardi transformou-se numa corrida, seguida de cambalhotas, de forma que apenas um instante depois o mascarado recebia um golpe de punho cerrado contra seu estômago, ao qual se seguiram joelhadas contra a lateral das costelas e uma cambalhota, acompanhada de um chute contra o rosto, que o derrubou.

Vekkardi cresceu sobre o mascarado, que tentava levantar-se. Pressentia o grande mal vindo daquele homem e decidiu acabar com ele de uma vez. No entanto, sentiu seu corpo se contorcer e suspirou. Olhou para seu abdome e viu a ponta de uma flecha que havia penetrado em suas costas, atravessando seu corpo. Caiu de joelhos e sentiu outra atravessar seu ombro. Olhou para a frente e surpreendeu-se profundamente. Viu que o mascarado conseguira sentar-se. Sua máscara de porcelana havia-se quebrado, revelando metade de sua face, o que foi suficiente para reconhecê-lo. Vekkardi disse, engasgando com o sangue que lhe escapava da boca:

– Noran! Noran...

Escutou vários passos correndo em sua direção e sentiu suas forças o abandonarem.

– A chave... a chave que destranca a mente... é guardada por Kivion e Radishi! Eguereepkykilu! – disse, com dificuldade.

Noran fechou os olhos e ficou extremamente confuso. Ao abri-los, viu um soldado que preparava sua espada para o golpe final contra Vekkardi.

– Pare! – comandou Noran.

– Senhor? – disse o soldado.

– Quero-o vivo! – pôs-se de pé. – Desejo interrogá-lo.

– Sim, senhor... mas, não parece...

– Não interessa! Dê um jeito de fazê-lo ficar bom. Traga um dos necromantes, se necessário.

– Sim, senhor.

Noran virou-se e retirou a outra metade da máscara, jogando-a no chão. Com uma mão nas costelas, caminhou com dificuldade para fora do salão.

CAPÍTULO 52

O vento frio assobiava, e os galhos árvores rangiam, com ira. Era o período mais frio do dia: o fim da madrugada. Já havia, no firmamento, sinais de mais um dia se aproximando. O céu, de um azul escuro, transformava-se em cinza azulado, evidenciando os galhos secos das árvores, aparentemente negros, devido ao efeito da luz de fundo, em tramas infinitas. Aos poucos, as últimas estrelas se iam. Havia neve por toda parte. O descanso que tiveram no chalé do Sr. Alunil parecia um sonho distante.

– Como será que Vekkardi se saiu? – disse Gorum para seus companheiros.

Radishi respirava com a boca entreaberta, exalando uma grossa névoa, que era carregada e desfeita pelo vento. Olhou para cima e encarou Gorum, com um olhar de cansaço. Finalmente disse:

– Espero que esteja bem.

Gorum observou os olhos de Radishi, tomados por inúmeros filamentos vermelhos, como rachaduras. Pensou se os seus também estariam assim. Virou-se para o lado e viu que Archibald parecia não ligar para o que falavam, pois continuava olhando para o céu fixamente, o que não lhe trazia preocupação; na realidade, estava habituado aos longos períodos de ausência do garoto. Radishi olhou para baixo, como que para seu próprio interior, e declarou:

– O Sr. Alunil está chegando.

– É... eu já sabia. – respondeu Archibald.

– Como? – quis saber Gorum.

– Ali. – Archibald indicou com um gesto.

Gorum e Radishi olharam e avistaram um ponto distante que se movia na neve. Pouco depois, reencontravam o misterioso silfo, após tantos meses. Ele vestia um grosso casaco felpudo, com capuz, feito com a lã dos cabritos das montanhas. Sua face estava rosada, mas tinha uma expressão grave; parecia trazer más notícias. Seu olhar anunciava a morte.

– O que há com o senhor? – indagou Radishi, preocupado, após um calafrio.

– Não se preocupe, rapaz, o que você sente em mim é apenas o reflexo de minha preparação para o que está por vir. – respondeu Alunil, solenemente.

Gorum não se arrepiou, mas percebeu claramente o que se passava. O olhar de Alunil era o mesmo que tantas vezes havia visto nos campos de batalha.

– Foi difícil para mim essa preparação. Não acreditava que teria de passar por isso na minha idade...

Sua fala provocou estranhamento nos três, pois Alunil aparentava ter algo em torno de trinta anos. Gorum, resgatando um pouco do seu senso de humor, comentou:

– E eu acreditando ser o velho aqui...

– Talvez depois eu explique. – respondeu Alunil.

– Segundo suas instruções, Vekkardi foi ao encontro de Noran. – reportou Radishi.

– Ótimo, chegou então nossa vez de agir.

– Certo, mas antes precisamos elaborar um plano para entrar nas minas. – propôs Gorum.

– Isso não será necessário. – disse Alunil e apontou para o chão, logo à frente deles, coberto de neve, que começou a se mover, afundando lentamente, até que um buraco foi revelado.

Ficaram os três a observar a neve se afunilando para dentro da montanha, enquanto o buraco crescia sem parar. Após alguns momentos, já era grande o bastante para uma pessoa entrar. Foi então que perceberam o que estava acontecendo: as rochas estavam se movendo e, a cada instante, o buraco ficava mais fundo diante de seus olhos.

Archibald percebeu que, se se tratava de um comando mágico por parte do Sr. Alunil, uma quantidade enorme de energia estava sendo utilizada. A surpresa foi maior quando viu o que realmente estava acontecendo: não era uma passagem que se abria para algum túnel que existia previamente no local; na realidade, se formava ali, diante de seus olhos, um túnel que nunca existira, cuja profundidade aumentava a cada momento. Nesse movimento, as rochas pareciam fazer música, sons que jamais havia escutado.

– Pronto! Esse túnel irá nos conduzir até as minas. – disse Alunil, sem demonstrar sinais de fadiga.

Entraram no túnel e desceram cautelosamente, surpresos com o seu comprimento. Escutaram sons ao longe. Dentro do túnel estava escuro, mas não ousaram acender fogo, apesar de Alunil dizer que, como ele fora recém-cavado, não haveria perigo. Logo puderam ver uma luz.

O caminho terminava acima de uma câmara de uma das minas, maior que a altura de dez homens. Observaram o trabalho que era feito: dezenas de homens e alguns anões carregavam sacos de pedras, despejando-as em pequenos vagões que ficavam sobre trilhos de metal, que, quando cheios, eram puxados com cordas por homens amarrados a eles.

Havia tochas no local, mas a iluminação mal chegava próximo de onde estavam. Alguns capatazes, ao lado de horríveis estátuas de pedra que ficavam imóveis, forçavam os escravos a trabalhar.

– Vejam, são poucos guardas, podemos dominá-los facilmente. – sussurrou Gorum.

– É verdade, são poucos guardas; o maior problema, porém, são os gárgulas. – disse Alunil.

– Gárgulas? – perguntou Radishi.

– Sim, observe. Aquelas estátuas são animadas magicamente e cada uma delas é um oponente magnífico. – disse Alunil, indicando as estátuas de pedra com forma de homens grotescos, dotadas de chifres e diversos apêndices.

– O que faremos? Como podemos descer até lá? – indagou Archibald.

– Além dessa câmara, está a forja onde os líderes dos anões trabalham. Precisamos chegar até lá e libertá-los, pois assim terão condição de nos auxiliar.

– Como o senhor sabe disso? Já estive aqui antes? – perguntou Radishi.

– Não. É a primeira vez que venho. No entanto, tenho outros meios de me informar, como vocês sabem... – tirou seu grosso casaco e o pôs no chão. – Precisamos descobrir quem comanda os gárgulas e neutralizá-lo.

– Como vamos fazer isso? – insistiu Archibald.

– Se dispuséssemos de mais tempo, poderíamos elaborar um plano melhor. Se Vekkardi falhou em sua missão, os necromantes podem já saber de nossa existência. Demorar muito pode fazer com que percamos a vantagem da surpresa.

– Então, por que o senhor pediu que ele fosse na frente?

– Porque confio em sua capacidade e, também, porque precisaremos do auxílio de Noran para traçar uma rota de fuga, assim que terminarmos nosso serviço aqui.

– E qual é o plano? – quis saber Archibald, ansioso.

– Eu vou lá embaixo e chamo a atenção dos guardas. Enquanto isso, meus amigos ajudam vocês a descer. Seguiremos então para a forja, correto?

– Que amigos? – perguntou Gorum.

– Confie em mim. – disse Alunil, sorrindo. Em seguida, tomou impulso e saltou, fechando seu corpo com os braços em volta dos joelhos.

– Por Forlon! Enlouqueceu! – sussurrou Archibald, sentindo a barriga gelar.

Alunil deu um triplo mortal, antes colidir com os pés contra o chão. Um grande estrondo ecoou pela mina, assustando todos que estavam ali, inclusive Archibald, Radishi e Gorum. Ao redor dos pés de Alunil, produziu-se uma rachadura no solo, em forma de raiz, em todas as direções. No centro, o silfo parecia estar agachado, com as pernas enterradas. Todos o imaginaram morto e ficaram boquiabertos ao ver que ele se levantou lentamente. Notaram que algo muito estranho havia acontecido com sua pele: estava escura, com pequenos pontos brilhantes. Seu corpo se transformara em pedra!

Enquanto todos olhavam atônitos a figura de Alunil se erguer, Archibald, Gorum e Radishi sentiram a rocha sobre seus pés se mover. Quando perceberam, estavam sobre uma espécie de plataforma, que se movia para baixo, grudada às paredes da mina, que se remodelavam a cada instante, para levá-los até o chão. Enquanto isso, Alunil se preparava para o confronto com dois gárgulas que vinham em sua direção. Lutava com a mesma técnica usada por seu discípulo, Vekkardi, mas parecia ter um domínio infinitamente superior dos movimentos. Investiu com um violento golpe contra o abdome de pedra da criatura, trincando-o e provocando rachaduras que subiram até seu tórax. Ela era mais forte que o imaginado e revidou com um soco. Alunil se esquivou e investiu novamente contra o gárgula, acertando-o por duas vezes, o que aumentou as rachaduras. A seqüência de golpes foi interrompida, o silfo foi atingido e projetado violentamente para trás, colidindo contra a parede.

Archibald, Gorum e Radishi já estavam no chão e corriam para ajudar o Sr. Alunil. Junto com eles, ondas de rochas subiram. O gárgula que atingiu Alunil, ao tentar andar, terminou de rachar seu abdome, desmanchando-se. Outro gárgula avançou contra ele, que, tonto, não conseguia se levantar, mas foi impedido por mãos rochosas que saíram do chão, agarrando suas pernas. Ao mesmo tempo, do chão à frente e na retaguarda da criatura, projetaram-se duas mãos feitas de pedra, com os punhos cerrados, que a esmagaram.

Os amigos de quem o Sr. Alunil falara eram, na realidade, criaturas do elemento terra, conhecidos como elementais da terra. Quatro deles envolveram o gárgula e, com incrível força, o despedaçaram. Alunil conseguiu levantar-se e se dirigiu aos companheiros, dizendo:

– Depressa, não temos muito tempo! Meus amigos são fortes, mas não posso mais mantê-los por perto, pelo menos não sem oferecer risco aos mineiros e a nós mesmos...

Enquanto dizia isso, os capatazes, os mineiros, Gorum, Radishi e Archibald olharam para ele e duvidaram do que viam: estava ali, diante de todos, um homem de rocha polida e brilhante, a andar e a falar. Os capatazes, assustados, correram para outras câmaras.

– É o cavaleiro Gorum! Ele veio nos libertar! – disse um dos mineiros.

– É verdade, mas precisaremos do apoio de todos! – respondeu Gorum, aproveitando a oportunidade.

Havia algumas dezenas de mineiros ali, muitos dos quais lutaram na guerra. As palavras de Gorum foram bem aceitas, principalmente por esses, que viam nelas um sinal de esperança.

– Ótimo, fique aqui e convença-os a nos ajudar, enquanto eu e os outros vamos para a forja. – disse Alunil a Gorum.

Logo, os anões se manifestaram: era a oportunidade por que esperavam há tanto tempo. Um deles, com longas barbas ruivas, falou em nome de todos:

– Lutaremos com vocês!

Enquanto isso, Radishi se informou com um dos prisioneiros sobre a localização da forja e indicou o caminho. Avançaram para outra câmara, acompanhados das quatro criaturas de pedra, que se moviam como extensões do solo, fazendo barulho de cascalho rolando. Enquanto corriam, Alunil alertou:

– Precisamos ser cautelosos, pois, certamente, quando chegarmos na forja, estarão nos esperando!

Sentindo a batalha que se aproximava, Archibald decidiu preparar-se. Segurou o poderoso cristal que havia obtido na batalha de Grey, meses atrás. Apesar de, na ocasião, ter praticamente esgotado sua energia, ao longo do tempo ela foi recuperada. Evocou a bênção dos deuses, pois, mesmo estando com a fé abalada, não havia perdido a confiança neles; perdera o laço com a Real Santa Igreja e com a ordem dos monges Naomir, mas sabia que os favores divinos não eram exclusividade do clero, especialmente de um clero corrompido. Com isso, experimentava, pela segunda vez, a sensação de força e agilidade muito superiores às suas. Ficou à vontade para empunhar o grande martelo de guerra que usara na batalha de Grey. Retirou-o das costas, segurando-o com ambas as mãos.

Encontraram o que esperavam: uma extensa escadaria de pedra, com cerca de trezentos degraus, que levava até a forja. Acompanhando-a, uma ladeira com trilhos, pelos quais vagões podiam subir e descer. Viram que seis enormes e terríveis gárgulas desciam, seguidos por cerca de uma dezena dos guardas da mina.

Alunil, percebendo a força superior de seus inimigos, emitiu alguns sons incompreensíveis, dirigidos a seus amigos elementais. Sob seu comando, dois deles afundaram no chão e, após poucos momentos, romperam o solo da escadaria atrás dos gárgulas, surpreendendo os guardas. A escadaria rompeu-se violentamente, arremessando dois guardas que passavam no local, os quais rolaram escada abaixo, ficando feridos e fora de combate.

Archibald, vendo aquilo, pisou nos primeiros degraus da escadaria, mas seu avanço foi detido por Alunil, que disse alto:

– Archibald, não suba! Vamos aguardar as criaturas aqui embaixo. Lutar nas escadas seria assumir riscos desnecessários. Paciência!

Archibald procurou controlar sua ansiedade e aguardar as criaturas, observando sua forma grotesca e seu avanço rápido. Enquanto isso, os dois elementais que estavam no meio da escadaria derrubaram guardas, um atrás do outro, sem grandes problemas. Alunil deu novo comando vocal aos dois elementais restantes, que se misturaram ao solo, como os outros haviam feito. Os gárgulas já estavam a poucos degraus de Archibald e Alunil, quando mãos feitas por pedaços de pedra da escadaria se formaram abaixo dos primeiros deles, agarrando os pés de duas das criaturas, que desciam

velozmente, e fazendo-as cair, pesadamente. Uma delas rolou e atingiu uma rocha pontuda no chão, ao lado de Archibald, produzindo um ruído de pedra que se estilhaça. Pedacos desse gárgula se espalharam sobre o chão. Outro teve o reflexo de apoiar-se com as mãos, o que trincou seus braços, fazendo-o rolar até próximo a Alunil.

Quatro outros monstros de pedra vinham logo atrás e se confrontaram com os dois elementais que ainda estavam expostos, um perto de Archibald, outro, de Alunil, que se precipitou sobre o gárgula caído, golpeando seu dorso e terminando o trabalho que a queda iniciara. O gárgula que vinha na direção de Archibald parecia possuir uma inteligência mais aguçada que os outros e comportou-se diferentemente, diminuindo sua velocidade. De perto, Archibald pôde observar os traços demoníacos de sua face, o que o fez pensar no tipo de pessoa que concebera tal monstro. Ele, que contava com as faculdades conferidas pela energia do cristal, era mais ágil e investiu contra a cabeça da criatura com o martelo que segurava com ambas as mãos, atingindo-lhe um dos chifres e lascando parte do seu rosto. O gárgula revidou imediatamente, com um soco que o rapaz mal pôde evitar, sendo, no entanto, atingido, ainda agachado, no ombro direito, golpe que o projetou para trás, fazendo-o rolar sobre si e largar a arma. Sentindo muita dor, Archibald apoiou-se sobre seus braços, preparando-se para se levantar. Nesse momento, viu que a criatura sem um dos chifres e com o rosto lascado avançava para ele. Mudou o foco de sua visão e enxergou, além dos ombros do gárgula, no topo da escadaria, um homem vestido com uma túnica negra. Este, concentrava um estranho olhar sobre o gárgula com o qual lutava. Concluiu que ele era capaz de controlar as criaturas à distância, o que explicava a forma peculiar daquele gárgula lutar.

Os quatro elementais lutavam continuamente. Alunil sabia que, se se cansassem demais, poderiam tornar-se perigosos e incontroláveis. Por isso, com uma espécie de assobio, libertou-os de sua obrigação. As quatro criaturas da terra voltaram a se fundir com seu elemento, deixando de vez o local.

A essa altura, a maioria dos guardas estava desmaiada ou sem condições de lutar. Quantos aos gárgulas, um deles havia perdido um braço, outro tinha as pernas e o tórax bastante danificados, mas ainda era capaz de combater. Alunil, procurando manter distância, dava repetidos pontapés em outro, provocando nele muitas rachaduras. Ele, assim como Archibald,

percebera que esses gárgulas eram diferentes, mas ainda não havia visto o homem de túnica negra. O silfo teve um de seus chutes aparados pelos fortes braços da criatura, que agarrou sua perna no ar e começou a girá-lo, arremessando-o com extrema força contra a escadaria, próximo aos outros dois gárgulas. O silfo rolou escada abaixo; quando parou, havia-se transformado em carne e osso novamente e sangrava.

Archibald, já de pé, sentia menos dor e tentava imaginar uma maneira de pegar seu martelo novamente, o que seria muito difícil, pois o gárgula estava pisando nele.

Ao mesmo tempo, no topo da escadaria, um novo confronto se iniciava. O homem vestido de negro, magro, com cabelos rentes à cabeça, observava a luta que acontecia na base da escadaria com um olhar insano e sorria sadicamente. De repente, franziu a testa, seu rosto se contorceu em diversos espasmos, seu olhar foi imediatamente desviado da luta para sua lateral direita, fixando-se sobre um estranho que atacava sua mente. Era a primeira vez que Radishi usava suas faculdades para ferir a mente de alguém. Imaginou que seu oponente não seria capaz de resistir ao ataque, sobretudo por ter sido surpreendido. Sabia também que ele não possuía as suas faculdades, já que conseguira ludibriá-lo com a técnica de camuflagem. No entanto, o homem mostrou-se, sim, resistente ao ataque, e Radishi não podia compreender como. Talvez tivesse subestimado os efeitos do cansaço em seus poderes; talvez se tratasse de magia. Decidiu buscar informações sobre seu adversário, a fim de melhor poder combatê-lo. Tocando a superfície de sua mente, captou seu nome, Fernon, e sua função, administração da forja. Além disso, percebeu que um contra-ataque, através da magia, estava sendo preparado. Repentinamente, perdeu o contato com a mente de Fernon; em seguida, foi acometido por um forte enjôo, suas pernas enfraqueceram, fazendo-o cair sobre os joelhos, suas entranhas se contraíram e escapou-lhe pela boca uma bile esverdeada. Olhou seu adversário; as palavras que ele pronunciava pareciam demorar a fazer sentido; sua voz não combinava com o movimento de seus lábios; pensou ter entendido algo como “Sucumba! Sucumba, verme!”. Fernon gargalhava, apontando sua mão direita, tensionada, na direção do estômago de Radishi. Girava a mão lentamente e esmagava o ar, como se ele oferecesse resistência. Gargalhava como louco, com o gosto da vitória nos lábios agitados. Radishi sabia que seria derrotado, se não fizesse algo imediatamente. Procurou relaxar todo o seu

corpo, esparramando-se sobre o chão como uma geléia, a fim de se livrar da intensa dor que sentia, para poder atacar Fernon novamente. Outra vez mergulhou em sua mente, vendo imagens terríveis: caos, sangue, morte. Ela estava tomada pelo mal e pela ambição. Sua sede de poder chegava ao ponto de o fazer sentir prazer com o sofrimento de quem subjugava. Era um louco! Por isso seu ataque não havia funcionado, pois fora planejado para uma mente sã. Como dominar a mente de um louco? Assustou-se e hesitou, sem saber o que fazer. Escutou os pensamentos de Fernon: “Muito bem! Agora que me livre desse verme, preciso esmagar outros dois, com meus lindos gárgulas.” Radishi percebeu então que ele, além de achar que o havia derrotado, não o sentira em sua mente. Precisava aproveitar a ocasião para ajudar seus companheiros. Escutou novamente os pensamentos de Fernon: “Ah! Peguei você! Agora, mais um arremesso! Levante-o sobre a cabeça! Isso! Arremesse-o com força! Ha, ha, ha!” De dentro da mente dele, Radishi não podia ver o que acontecia no exterior e pensou que Archibald estava sendo arremessado. Ele se encontrava atolado em um lodo escuro e viscoso, do qual ondas atingiam-lhe ora as costas, ora o peito; via luzes estranhas e ouvia gritos à distância. “Maldito silfo, seus truques não vão salvar a pele desse fedelho novamente!” – ressoou o pensamento irado de Fernon. “Peguem-no! Isso! Agora, você não me escapa!”

– Não! – gritou Radishi.

– O quê? Será aquele verme? Mas onde? disse Fernon para si, surpreso.

Alunil, aproveitando da distração de Fernon, foi capaz de se libertar das garras dos gárgulas.

– Estou dentro de você, na sua mente! – declarou Radishi.

– Impossível! Eu destruí você!

– Então, quem está falando? Sua imaginação?

– Não importa! Vou matar você e seus amigos!

– Não, você fará o que eu disser, senão...

– O quê?

Radishi concentrou-se bastante e fez aparecer em suas mãos uma lança de luz, que iluminou o estranho pântano da mente de Fernon, fazendo-o murmurar:

– O que é isso? Sinto-me estranho...

Radishi então apontou a ponta da lança para baixo e a fez crescer lentamente, penetrando no lodo cada vez mais. Fernon gritou de dor.

– Argh! O que é isso?

– Faça o que eu mandar, senão atingirei camadas mais profundas, causando danos reais.

– Muito bem... Pare, maldito! Pare com isso!

– Faça com que seus monstros parem de atacar meus amigos!

Fernon estendeu seu domínio na direção das criaturas, enviando a elas a ordem para ficarem paradas. Depois, começou a rir e disse, sarcasticamente:

– Muito bem, joguemos seu joguinho...

– Do que você está rindo, seu louco?

– Nada... Pode até ser que vocês tenham a sorte de escapar hoje, mas...

– Mas o quê?

– Nada... apenas... ha, ha, ha... ha, ha, ha... ha, ha, ha... – e as gargalhadas de Fernon ecoaram pela alta câmara da mina.

CAPÍTULO 53

Amanhecia uma manhã úmida e cinzenta. Um pouco de luz penetrava por frestas nas janelas e portas da sala luxuosamente decorada. Noran encontrava-se sentado numa das cadeiras de encosto alto, revestidas por veludo púrpura. Com os pés descalços sobre a mesa, inclinava a cadeira, procurando um ponto de equilíbrio inalcançável, o que durou toda a madrugada, jogo que refletia o que se passava em seu interior.

Sentia-se estranho, fora de si, em todos os sentidos. Tentava encontrar um ponto de equilíbrio para a sua razão. Vivia, nos últimos meses, um pesadelo, no qual assassinou, torturou, foi desumano. Tornara-se um criminoso. No início, tudo foi feito com a intenção de ajudar seus amigos, mas a situação passou a dominá-lo. Foi por isso que não quiseram recebê-lo em Tisamir, quando foi buscar auxílio. Sabiam o que aconteceria, enxergaram através de sua alma e o que viram não tinha sido nada bom.

Recorreu a seu amigo Radishi e traçaram um plano perigoso demais: conceberam uma maneira de enganar seu captor, o sujeito que havia subjugado sua vontade, o homem que moldara sua conduta e o transformara num agente do mal, Arávner. Seu plano havia funcionado, Arávner nunca chegou a suspeitar, não havia como! Com a ajuda de Radishi, conseguiu esconder tão profundamente qualquer intenção ou pensamento contrários aos planos de Arávner, que, em sua vontade, progressivamente, as boas intenções tornaram-se ausentes. Arávner ficou tão convencido de sua lealdade, que lhe conferiu a posição de senhor da fortaleza e boa parte das próprias responsabilidades, até que voltasse de suas viagens.

Agora, depois da vinda de Vekkardi, voltaram à mente de Noran sua bondade e sua ética, o que não foi suficiente, no entanto, para apagar as ações e pensamentos do Noran que havia surgido, o que escondia seu rosto, no início por auto-censura, depois como forma de amedrontar e torturar seus inimigos.

Se seu mestre, Kivion, pudesse vê-lo, ficaria envergonhado. Sentia-se envergonhado de uma maneira extrema. Pensou em se matar. Não suportava

mais o tormentoso confronto entre o bem e o mal em si. A única maneira daquilo acabar era uma das partes se impor. Pensou nessas coisas durante todo aquele dia, em que ninguém se atreveu a interromper sua meditação, nem mesmo o insano Kurzeki.

Anoitecia. Pequenos pontos de luz alaranjada adentravam a sala, deixando-a turva. Noran sentia seu estômago doer, sua gargantaurgia por água, mas o único movimento que conseguia ainda fazer era aplicar força com os pés sobre a mesa, procurando equilibrar a cadeira sobre duas de suas pernas.

“Noran...” – ecoou uma doce voz feminina em sua mente.

– Hum?

“Ajude-me, Noran...”

“Quem está aí?” – pensou ele.

“Por favor, ajude-me a ajudá-lo...” – disse a voz trêmula, quase sofrendo.

“Espere! Eu a conheço.”

“Sim, por favor, acalme-se e pense em algo bom, pense em coisas boas, só assim poderei sintonizar meu pensamento com o seu.”

“O que posso pensar? Que bondade me restou?”

“Procure! Tente! Eu sei que você pode. É a primeira vez, em meses, que consigo fazer contato.”

“É você, não é?”

“Sim, sou eu mesma...” – veio a voz, enfraquecida.

“Por que você veio? Por que quer me ajudar? Olhe para mim!” – pensava Noran, com grande carga de ira.

“Eu vejo o mal em você, sim, um grande mal!”

“Pois, então, vá embora! Eu poderia contaminá-la! Para mim, não há mais esperança... Sou uma vergonha para meu mestre... para meus amigos... para mim!”

“Não diga isso! Kivion não ficaria envergonhado.”

“Não? Como sabe?”

“Ele esteve lá, não se lembra? Você sabe que ele esteve onde você está agora.”

“É verdade... Ele me estenderia a mão, me ajudaria... Ninguém é perfeito nem é sempre bom... Eu entendo. Preciso me ajudar, prevalecer, me redimir, combater o mal em mim e fora de mim... fora de mim!”

Noran abriu os olhos e percebeu que estava sentado na sala com os pés para o alto. Equilibrava-se em dois pés da cadeira em que se sentava, o que não durou mais que um piscar de olhos, até ele cair. Olhou à sua volta; estava escuro. Levantou-se, foi até a porta e a abriu. Saiu da sala atapetada e andou sobre o chão gelado, sem fazer nenhum ruído. Chegou num salão maior, iluminado por dois lustres repletos de velas acesas. Havia uma estante na altura da cintura sobre a qual estavam diversos objetos, dentre os quais copos e uma jarra com água. Noran matou sua sede. Dirigiu-se a uma das paredes, coberta de máscaras de todos os tipos e materiais. Escolheu uma de metal esverdeado, envelhecido e fosco. Colocou-a sobre o rosto, afixando-a com tiras de couro afiveladas. Parecia ser tarde da noite; a fortaleza estava calma e vazia, como era habitual. Escutou passos vindos do salão seguinte e, em seguida, a voz de Kurzeki.

– He, he, he... Como está, jovem mestre? Imagino que esteja melhor. He, he, he...

– Sim. – respondeu moderadamente, controlando-se para não chamá-lo de verme desprezível ou coisa pior.

– O prisioneiro resistiu, está vivo. He, he, he... por enquanto... he, he, he... da maneira como o senhor instruiu! – disse Kurzeki, coçando uma de suas pequenas feridas na orelha.

– Muito bem. – disse, com a voz abafada, pois a máscara tinha orifícios apenas para os olhos.

– Ele está nas catacumbas, jovem mestre.

– Leve-me lá.

– Como quiser... he, he, he... como quiser, oh, mestre das máscaras! He, he, he, he, he....

Pouco tempo depois, encontravam-se nas catacumbas, sob a fortaleza. Era um local úmido, escuro e frio. Havia ratos e insetos em abundância. Ao chegar na cela em que estava Vekkardi, Noran ordenou que Kurzeki fosse embora. Antes de atender seu senhor, no entanto, ele tirou de sua roupa um pedaço de papel, dizendo:

– Sua esposa enviou-lhe este bilhete...

Noran estreitou os olhos, pegando o papel dobrado. Colocou-o no bolso e disse:

– Depois cuidarei disso... – e fez sinal para que o louco se fosse.

Kurzeki saiu correndo e pulando loucamente, enquanto suas estranhas gargalhadas ecoavam por toda a catacumba. Noran aproximou-se do corpo de Vekkardi estirado no chão.

– Você está acordado? – indagou, retirando a máscara.

Vekkardi rolou os olhos, tentando focalizá-lo, mas sua visão não se estabilizava; enxergava apenas borrões e o que escutava se misturava, sendo alguns sons ampliados e outros distorcidos.

– Ahn? Há alguém aí?

Noran aproximou-se mais de Vekkardi, agachando-se.

– Sim, sou Noran, de Tisamir, e você é Vekkardi, o cavaleiro errante que salvou minha vida um dia.

– Radishi? – disse a voz embriagada. – Radishi, é você?

– Não, sou Noran... Escute, vou ajudá-lo.

– Radishi, eu fiz o melhor que pude, acho que consegui, libertei Noran, libertei seu amigo...

– Acalme-se... Deixe-me ajudá-lo. – Noran segurou Vekkardi pelos braços, auxiliando-o a ficar de pé. – Vamos, precisamos comer e depois buscar minha esposa.

Deram mais alguns passos cambaleantes e Vekkardi replicou:

– Você se casou, Radishi?

– Sim. – disse Noran, aceitando ser chamado de Radishi. – Acho que foi o melhor que fiz antes de enlouquecer...

– Então, é isso: você ficou louco e agora acredita ser Noran... Entendi.

Noran pensou que havia alguma coisa errada com Vekkardi, talvez algo que os necromantes tivessem feito, algo que tivesse bebido. Esperava que o efeito fosse passar. Seguiram pelos corredores escuros da catacumba, escutando gemidos e gritos das pessoas e criaturas aprisionadas ali. Pela primeira vez, em meses, aqueles sons voltaram a causar arrepios em Noran, certamente um sinal de que seu antigo eu começava a retornar. Quando terminaram de subir as escadarias, Vekkardi demonstrou alguns sinais de melhora; sua visão voltou e ele pôde então enxergar Noran.

– É você, Noran? – disse, franzindo as sobrancelhas.

– Vejo que você está melhorando...

– Sinto-me muito estranho, mas agora me lembro. Eu... – olhou para seu próprio torso e apalpou o abdome. Encontrou um ponto de carne dura no local onde uma das flechas havia perfurado. – Cicatrizou? Como?

– Ordenei que cuidassem de você.

– Mas o que aconteceu? – olhou a máscara que Noran trazia amarrada a uma das mãos.

– O que aconteceu, de certa forma, foi algo muito simples... Fui corrompido pelo mal, ou melhor, por um mal de enormes proporções, que está corrompendo todo o reino de Lacoresh.

Vekkardi já reunia forças para andar por si só. Noran vestiu a estranha máscara de metal esverdeado e instruiu Vekkardi a andar na frente. No caminho, encontraram-se com alguns iniciados da seita dos necromantes, que não ousaram fazer quaisquer indagações, temendo as represálias de Noran. Limitaram-se a cumprimentá-lo reservadamente e a observar o estranho com ligeira desconfiança. Os dois subiram a escadaria que levava a uma das torres da fortaleza. Chegando ao topo, Noran advertiu:

– Ela está acordada, é melhor tomarmos cuidado.

Vekkardi retornou um olhar confuso, pois não havia entendido o comentário de Noran, que retirou de seu cinturão uma argola de metal com algumas chaves e abriu uma série de trincos e fechaduras. A porta se abriu com um pequeno rangido. O quarto era amplo e parecia ser bem cuidado. Do seu interior, veio uma leve fragrância de flores. Havia um grande portal de madeira aberto do lado oposto. Como a porta ainda estava aberta, formou-se uma forte corrente de vento gelado, apagando a maioria das velas do lustre. O portal dava para uma sacada, onde a silhueta de uma figura feminina podia ser vista. Estava de costas para o quarto, contemplando o silêncio noturno, enquanto o vento fazia o tecido do seu vestido esvoaçar. Entraram e Noran fechou a porta, cessando a corrente de ar. Na quase penumbra, aproximou-se da mulher, que parecia não se importar com a presença dos visitantes.

– Mishtra. – disse Noran. – É hora da ir.

Atendendo ao chamado de seu esposo, a silfa se virou. Possuía um triste semblante e fixou o olhar sobre Vekkardi, fazendo esforço para reconhecê-lo.

“Não nos conhecemos?” – indagou ela mentalmente.

Vekkardi surpreendeu-se, mas, após alguns instantes, respondeu:

– Sou Vekkardi, nos encontramos uma vez, lembra-se?

Ao escutar o nome, Mishtra conseguiu se lembrar. Rememorou o tempo em que estava livre, em contato com a terra, quando podia deitar-se na grama, sentir o orvalho da manhã.

– Vamos. – insistiu Noran, olhando para baixo, sem poder encará-la.

“Onde? Buscar mais pessoas boas como Vekkardi para corromper?” – perguntou Mishtra, através de pensamentos dirigidos apenas a Noran.

– Não. Na realidade, foi ele que veio nos resgatar. Trouxe-me de volta. Permita-me estabelecer contato e lhe explicar.

Noran abriu sua mente para Mishtra, que logo percebeu a vergonha e o arrependimento profundo dele, que começou a expor os acontecimentos passados detalhadamente, numa velocidade incrível. Explicou seu encontro com Radishi e seu perigoso plano para enganar Arávner, que trouxe efeitos terríveis. Ele se expôs para a silfa de tal modo, que ela foi possuída pela compaixão, mesmo com todo o ódio que nutria por ele havia meses. Ao terminar de explicar tudo, Noran viu-se ajoelhado aos pés da silfa, chorando e dizendo, com a voz embargada:

– Mishtra, por favor, perdoe tudo que fiz... Se não puder, tente ao menos compreender que quem fez aquelas coisas não fui eu...

Mishtra não se mexeu; apenas rolaram lágrimas de seus olhos. Apesar da compaixão que sentia por Noran, ainda não era capaz de perdoá-lo.

– Senhorita Mishtra, por favor, me escute. Precisamos ajudar nossos amigos, que, neste momento podem estar precisando de nós. – disse Vekkardi, preocupado.

Mishtra franziu a testa e olhou desconfiada para ele, que acrescentou:

– Meu irmão, Kyle, Kiorina, Gorum, Archibald.

Mishtra enxugou as lágrimas, se recompôs e enviou pensamentos a Noran.

“Levante-se! Temos que ajudar nossos amigos.”

“Então, você me perdoa?”

“Perdoar?” – pensou, com semblante odioso. “Não ligue para meu perdão, ele não é importante.”

“Não? O que é importante, então?” – quis saber Noran.

“Ajudar nossos amigos! O que mais?” – respondeu Mishtra e acrescentou um pensamento que não revelou a seu esposo: “Depois... minha vingança!”

CAPÍTULO 54

Em direção às minas, ao abrir os portais da forja, todos foram envolvidos por um bafo quente e escutaram mais claramente os sons da produção. Martelos contra bigornas de metal, anões gritando, o crepitar do fogo. Traziam consigo Fernon, amarrado e amordaçado, o qual, em poucos instantes, seria foco de uma fervorosa discussão.

– Saia do meu caminho, senhor silfo! – urrava Thodur Balink, um anão muito nervoso de longas barbas cinzentas e sobancelhas grossas.

– Não! – retrucou Alunil. – Não deixarei que vocês o matem.

– Não? Então você está do lado dele? – disse Thodur, salivando, mal podendo se controlar.

– Não, senhor anão, como já dissemos, viemos libertá-los.

– Pois bem, já que está do nosso lado, saia da frente e deixe-nos fazer um pouco de justiça!

– Chama assassinato de justiça? Matar um homem no campo de batalha é uma coisa, mas um que esteja amarrado e indefeso...

– Você então sugere que deixemos esse desgraçado, assassino e torturador impune?

– Não é isso... – e foi interrompido antes de completar.

– Vou dar duas alternativas: você sai da frente e me chama de assassino ou solta esse desgraçado e lhe dá uma chance de se defender. – disse o anão, levantando um martelo de forja contra Alunil.

– Thodur! – veio uma voz conhecida do meio dos anões que haviam se juntado para assistir à briga. – Deixem-me passar... – a voz resmungou mais baixo. – Eles são meus amigos! – disse Kiorina, finalmente conseguindo sair do bloco de anões e chamando a atenção de todos.

– Kiorina! – exclamou Archibald e correu em sua direção.

Mesmo ferido e fatigado, o monge abraçou a amiga com vigor, levantando-a no ar. Agradecia aos deuses por tê-la encontrado viva, depois de tanto tempo. Kiorina chorava de alegria, e suas lágrimas deixavam um rastro limpo no rosto empoeirado.

O encontro dos amigos distraiu e comoveu alguns anões, mas Thodur não demorou muito a voltar à posição de luta.

– Pois bem, o que vai ser?

– Assassinato ou massacre? – sugeriu Alunil, sarcasticamente.

– Nada disso! – ordenou Kiorina. – Vamos levá-lo como prisioneiro! Para nós, ele será mais útil vivo que morto. Se ele for importante para os necromantes, poderemos negociá-lo; se não, poderemos interrogá-lo e descobrir mais sobre esses malditos e o que estão aprontando.

Archibald observava como Kiorina estava diferente. Seus cabelos haviam crescido e estavam amarrados numa grande trança, atrás da cabeça. Sua voz agora era a voz de uma mulher e seu olhar parecia mais maduro. Imaginou que certamente isso se dera em decorrência da prisão, das batalhas, das perdas que havia sofrido.

Foram feitas as devidas apresentações: Kiorina apresentou Thodur Balink, patriarca e chefe dos anões; Archibald apresentou Alunil e Radishi. Em seguida, discutiram a situação e falaram sobre a necessidade de mandar um grupo para ajudar Gorum no interior da mina. Ao saber de Gorum, Kiorina quis logo ir ao seu encontro. Decidiram dividir-se em dois grupos, um que voltaria ao interior da mina e auxiliaria Gorum na organização dos prisioneiros, outro que verificaria uma rota de fuga.

Voltaram ao interior Kiorina e Archibald, acompanhados de duas dezenas de anões, enquanto Thodur, Alunil e Radishi foram verificar as saídas, juntamente com o restante dos anões, além de alguns homens que trabalhavam na forja.

Nas profundezas, encontraram uma realidade pior do que haviam imaginado: centenas de homens num estado absolutamente miserável. Além disso, outra terrível revelação: havia homens mortos, animados pela magia negra dos necromantes, que trabalhavam sem parar.

Andaram por diversas câmaras, pelas quais perceberam que Gorum já devia ter passado. Havia corpos de capatazes da mina no chão e homens que, mesmo em estado de miséria, sorriam e aplaudiam a chegada de mais um grupo de salvadores. Somente as criaturas mortas-vivas continuavam a trabalhar.

Seguiram a trilha de Gorum até as partes mais profundas, onde a umidade e o calor eram intensos, ao contrário da iluminação. Dali podiam ouvir sons de luta e brados de anões guerreando, o que excitou o grupo dessa

raça que acompanhava a feiticeira e o monge, o qual se precipitou na direção da peleja.

Archibald estava muito cansado, devido ao confronto anterior; Kiorina deu-lhe suporte quando sua perna direita começou doer, possivelmente devido a uma lesão séria, que, no calor da batalha, não percebera.

Chegaram a uma câmara onde viram uma cena muito estranha: a batalha contra guardas e capatazes da mina parecia ter acabado, pois numerosos e fortes anões pareciam festejar a vitória de uma forma que nunca haviam visto: batiam as cabeças umas contra as outras, pulavam e gritavam. Kiorina, mesmo acostumada a viver entre eles, chegou a duvidar de que aquilo fosse um cumprimento, temendo que, ao contrário, se tratasse do início de um desentendimento. Logo os ânimos se acalmaram e, pelo que Kiorina pôde entender, toda a exaltação devia resultar do longo tempo em que aqueles anões, provavelmente da mesma e grande família, não se encontravam, somando-se a isso a vitória na batalha.

No meio da confusão, não conseguiam localizar Gorum. Archibald sentiu um frio na espinha, pois, se ele não estava à vista, deveria ter-se ferido ou até mesmo morrido. Segurou com força o braço de Kiorina e disse:

– Vamos, temos que encontrar Gorum.

Kiorina respondeu com um aceno. Entraram no meio dos anões e descobriram por que não podiam avistar o gigante: ele estava sentado no chão, com uma pessoa em seus braços, a qual, em princípio, tiveram dificuldade em identificar. Era Kyle, e não tinha a aparência nada boa. Estava pálido, magro, tossia muito e havia feridas em suas mãos e no rosto. Ele parecia não perceber o que realmente estava acontecendo e se agarrava a Gorum, como quando criança, segurando-o com força, pressionando a face contra seu peito e mantendo os olhos focados no infinito. Tremia e tossia muito. Parecia mesmo uma criança no colo do gigante.

Ver Kyle daquela forma deixou Archibald com náuseas e Kiorina em prantos. A moça ajoelhou-se ao lado de Gorum, encarou-o e percebeu um estranho olhar, uma espécie de ira que nunca vira nele. Ao perceber Kiorina aparentemente saudável diante de si, Gorum acalmou-se um pouco. Ela colocou as mãos sobre a cabeça de Kyle e, tirando o cabelo de cima de seu rosto, disse, muito emocionada:

– Calma, Kyle, vamos sair daqui. Vamos para casa... vai dar tudo certo!

Kyle parecia não compreender completamente e acenou com a cabeça, ainda com o olhar no infinito.

Archibald, percebendo que seu amigo estava muito mal, aproximou-se, preparando uma evocação dos sagrados ofícios. Quase silenciosamente, fez com que Kyle adormecesse e disse:

– Por hora, é melhor que ele durma.

– Vamos. – disse Kiorina, ainda com a voz embargada. – Precisamos sair daqui!

Gorum ergueu Kyle cuidadosamente em seu colo e juntos caminharam nas câmaras da mina, em direção aos níveis superiores.

– O que houve, Sr. Alunil? – quis saber Radishi.

Alunil estava com os olhos fechados e respirava fundo.

– Encontrei-o, Radishi, e, como previ, ele perdeu sua vida.

– Quem?

– Rikkardi, pobre menino... Seu corpo está aqui. – fez uma pausa e lamentou-se. – Por favor, bom Radishi, enquanto cuido da abertura dos túneis de fuga, preciso que vá buscá-lo.

– Perfeitamente.

– Eis o que fazer...

CAPÍTULO 55

Alunil examinava Kyle cuidadosamente; puxou as pálpebras do rapaz ainda adormecido, observou cada olho e disse, com pesar:

– Ele está muito mal; é difícil dizer se sobreviverá.

O silfo se levantou. O vento forte daquelas montanhas fez seus cabelos finíssimos esvoaçarem, formando pequenas ondas de consistência quase líquida, aparentemente irreal. Ao seu redor, estavam Archibald, Kiorina e Gorum, tensos e a tremer, por causa do frio ou por entenderem que poderiam perder seu amigo a qualquer momento.

A respiração de Kyle era difícil e ruidosa e, mesmo dormindo, ele tossia com frequência. Suas mãos estavam calejadas e feridas; ao redor de seus lábios, viam-se chagas negras; manchas de um azul profundo cobriam seus braços.

Naquele anoitecer sombrio, Alunil observava as montanhas cobertas de neve. Morro abaixo, já distante, uma linha de tochas, luzes que guiavam centenas de anões e humanos libertados naquele dia. Liderados pelos anões, fugiam de seu próprio reino, atualmente controlado por seus captores. Retornar e correr o risco de serem novamente capturados não era aceitável. Por isso, embrenhavam-se na cordilheira de Thai, sem saber para onde ir, mas com o firme propósito de se verem livres para recomeçar suas vidas. Muitos não aceitavam o fato de não poder retornar à casa e temiam por suas famílias; esses fatalmente voltariam depois de se recompor. O destino de todos, no entanto, era incerto, pois ainda estavam no meio do inverno, e enfrentar seus rigores não seria nada fácil.

Após considerar dezenas de questões e a infinidade de relações de causa e efeito em cada uma, Alunil chegou a uma decisão.

– Vou ajudar seu amigo, mas, para isso, terei de me expor, assumir um grande risco.

– Como assim? – perguntou Archibald.

– Esperemos um pouco. Sinto a presença de meu discípulo Vekkardi se aproximar, acompanhado de seu amigo Noran, de Tisamir, e da jovem

Mishtra, do meu povo. Precisarei do auxílio de todos. – disse o silfo.

– Está certo. – respondeu Radishi, emergindo da fenda criada por Alunil na montanha durante a manhã. – Noran estabeleceu contato comigo há pouco. Estou ajudando-os a nos localizar. Chegarão em breve.

– O jovem Rikkardi está devidamente imobilizado conforme instruí, bom Radishi?

– Sim, está amarrado, amordaçado e vendado, segundo suas instruções.

– Muito bem, fico agradecido por sua ajuda.

Kiorina estava de joelhos na neve; acolheu a cabeça de Kyle no colo, acariciando seu rosto com ambas as mãos.

– Por favor, meus amigos, vamos montar uma barraca para acolher o jovem Kyle. – disse o silfo, indicando, semi-enterrada na neve, a bagagem que haviam trazido.

Improvisaram uma barraca, atando três das lonas que possuíam e aproveitando a inclinação da montanha para compor o ambiente. Montaram-na sobre a fenda que Alunil havia aberto para invadirem a mina naquela manhã. Ela não resultou na maior nem na mais segura das barracas, mas era um abrigo que barrava um pouco do vento, com espaço o suficiente para acolher todos, inclusive os três que estavam para chegar. Limparam a neve de dentro do abrigo, encontrando restos da vegetação local. Num buraco, acenderam uma fogueira tímida, que mal iluminava o local.

Escutando as preocupações de Gorum sobre serem localizados, Kiorina realizou um feitiço que agia sobre o fogo, tornando seu calor mais intenso, ainda que com a chama mais amena, de fraco brilho azulado, certamente barrado pelas grossas lonas que compunham o abrigo.

– Noran chegou! – exclamou Radishi, levantando-se e saindo da barraca para ir ao encontro do amigo.

– Darnak, Noran.

– Darnak, meu amigo.

Mesmo no escuro, olharam-se nos olhos e iniciaram uma conversa, muito reveladora, através de pensamentos, para economizar tempo.

“Parece que seu plano funcionou, Noran.”

“De alguma forma, pode-se dizer que sim, mas vejo que não fui o único a mudar... Você acredita que permitirão ainda sua presença em Tisamir?”

“Temo por minha corrupção... talvez precise passar uns tempos fora, meditando, para me purificar.” – admitiu Radishi, que, depois de se envolver

em lutas contra os necromantes, imaginava até que ponto sua pureza fora afetada. – Vamos entrar. – disse, em voz alta, erguendo a lona para que Noran, Vekkardi e a silfa pudessem passar.

Entrando, Noran confirmou com os olhos o que sua mente já sabia: estavam todos muito preocupados com Kyle. Observou as lágrimas correndo na face de Kiorina, o mal-estar de Archibald e a mistura de sentimentos reprimidos de Gorum. Nenhum esforço de sua parte foi necessário para captar esses sentimentos, óbvios demais.

– Olá. – disse ele, acenando a cabeça para todos. – Vejo que Kyle precisa de assistência.

Mishtra, usando calça e camisa de tecido grosso e negro, com botões e detalhes em ouro, algo bastante diferente do que estavam acostumados a vê-la usar, entrou na barraca. Seu olhar pesado se cruzou com o de Archibald e o do outro silfo. Aproximou-se e sentou-se no chão, perto de Kyle. Estendeu a mão, coberta por uma luva do mesmo tecido negro, para Kiorina, que a apertou com força, sentindo o apoio passado com aquele gesto.

Por último, entrou Vekkardi; cumprimentou Radishi com um forte aperto de mão e, voltando-se para os outros, cumprimentou-os todos. Olhou seu mestre, franziu a testa e perguntou, assustado:

– Mestre, o que há? O senhor está bem?

Alunil encarou Vekkardi; gotas de suor escorriam por sua face. Havia algo em seu olhar a ser revelado.

– Muito bem, meu filho, percebo que você compreende o que está para acontecer.

Apesar das palavras do mestre, Vekkardi não fazia idéia do que estava ocorrendo. Alunil suspirou fortemente e disse, com dificuldade:

– É tempo. – curvou-se, colocando as palmas das mãos sobre o chão, e gemeu de dor.

– Mestre? – Vekkardi deu um passo à frente.

Alunil ergueu o olhar para encarar o discípulo por um breve instante. Seu rosto tremia, seu corpo se contorcia, seus músculos se contraíam desordenadamente. Diante dos olhos surpresos de todos, Alunil começou a sofrer uma transfiguração. Seus cabelos negros e finos tornaram-se brancos como a neve, encolheram ligeiramente e foram formando milhares de anéis. Suas mãos espalmadas sobre o chão curvaram-se, diminuindo ligeiramente e revelando manchas, rugas e veias protuberantes, transformando-se nas mãos

de um velho. Quando voltou a erguer a cabeça, seu rosto já não era o mesmo. Havia rugas que preenchiam toda sua superfície e se encontravam sob o queixo, formando um padrão xadrez irregular no pescoço. Suas orelhas haviam praticamente dobrado de tamanho e tinham agora pontas rômbricas e curvadas para baixo, no lugar das finas e empinadas. Todo o seu corpo havia envelhecido; tornara-se um ser frágil; seus braços finos tiveram dificuldade para apoiar o próprio peso.

Vekkardi, percebendo que seu mestre estava prestes a se encontrar com o solo, ajudou-o a se levantar, olhando-o com grande espanto e admiração. Alunil limpou a garganta e falou, com a voz envelhecida:

– Obrigado, meu filho.

– Mestre, por favor, eu não entendo... – disse Vekkardi, confuso.

– Depois explicarei. Agora temos todos que ajudar esse rapaz. – disse o ancião, apontando para Kyle.

Apesar da aparência frágil, todos se admiraram com a grande força de seu olhar.

– Preciso que vocês dêem as mãos uns aos outros, formando um círculo em volta do rapaz. – aproximou-se de Kyle, ajoelhando-se ao seu lado. – Vocês devem relaxar e ter confiança na cura. Deixem-me usar a força de cada um para operá-lo.

Alunil mergulhou no silêncio. Apenas se ouvia o vento contra as lonas, a tensão que provocava naqueles grossos tecidos. Kyle teve um acesso de tosse e se virou. Alunil franziu a testa; havia-se desconcentrado.

– Por favor, senhorita Mishtra, saia da roda e fique um pouco lá fora. Você, jovem Archibald, por favor, faça companhia a ela. – o silfo agia de forma tão sincera e tranqüila, que ambos saíram sem ressentimentos. – Por favor, levem nosso prisioneiro a pelo menos vinte passos daqui, pois sua energia é prejudicial.

Levantaram Fernon, que estava desacordado. Mesmo com todo o esforço para que não fosse morto, num momento de distração um dos anões acertou nele uma série de pancadas que quase o mataram. Arrastaram-no lentamente para fora da barraca. Levaram-no pelo gelo um pouco mais que a distância requisitada pelo silfo.

Com a saída dos três, Alunil sentiu uma renovada carga energética fluindo para dentro de si. Estendeu suas mãos envelhecidas sobre o corpo de Kyle e, entoando uma antiga canção, começou a operar o processo de cura.

Cantava baixinho, sem articular palavras, apenas emitindo sons que vibravam diretamente de sua garganta. Era um processo lento, que talvez se estendesse por horas.

Kiorina percebia claramente o que Alunil fazia; sentia saindo de si a energia que era utilizada por ele. Ela também já precisara proceder dessa forma para operar suas magias.

Do lado fora do abrigo, os uivos do vento abafavam a canção de Alunil. Num pedaço de céu, viam-se centenas de estrelas e os halos de luz de três luas. Esse brilho iluminava o rosto de Mishtra e o de Archibald, sentados lado a lado sobre uma pedra arredondada, vigiando o corpo de Fernon abaixo de seus pés.

Archibald recordava-se das noites de inverno no mosteiro, quando costumava sentar-se no pátio interno e observar as estrelas. Algumas vezes, quando havia cânticos no templo, gostava de se perder nessa observação, hipnotizado pelas preces entoadas por seus companheiros.

Mishtra remoía dentro de si uma infinidade de mágoas adquiridas durante o tempo em que fora prisioneira na fortaleza de Arávner. Chorava silenciosamente, o que se tornara freqüente. Archibald, percebendo o sofrimento silencioso da silfa, disse:

– Mishtra, eu sei que não temos agora condição de conversar sobre o que nos aflige, mas, se lhe serve de consolo, acredito que todos estamos profundamente abalados por tudo o que nos aconteceu.

“Entendo o que quer dizer.” disse a silfa, em pensamento.

O rapaz pulou da pedra, assustado, e disse:

– Você também pode se comunicar por pensamento, como Noran e Radishi?

“Sim, aprendi a controlar essa minha capacidade.” – respondeu Mishtra.

– Presumo que também possa ler pensamentos... – Archibald engoliu seco.

“Não. Na realidade, tenho pouco domínio sobre isso.”

– Entendo. respondeu ele, desconfiado.

“Por que você está agindo assim? Você tem medo de mim?”

– Não. Por que deveria? – Archibald estava surpreso com a franqueza da silfa.

“Não sei, mas você age como se tivesse medo.”

– Deve ser pela surpresa que tive ao ver sua capacidade de proceder como Noran.

“Se eu procedesse como ele, acho que também me surpreenderia.” – Mishtra passava uma impressão de amargura.

– O que aconteceu? Quero dizer, como você passou todo esse tempo em que foi prisioneira dos necromantes?

“Foi horrível!” – uma nova onda de lágrimas rolou sobre a face da silfa, que sentia dor só de pensar no assunto.

Nesse momento, as nuvens que cobriam as luas haviam-se aberto, permitindo que uma luz azul muito suave iluminasse o belo rosto de Mishtra. A visão comovia Archibald e fez com que ele se recordasse das coisas que mais lhe causaram dor. Lembrou-se de sua participação na guerra, no dia em que Grey caiu, o dia em que suas mãos mataram, tornando-o um assassino. Naquele mesmo dia, renunciara à religião, mas não aos deuses.

– Para mim também as coisas foram terríveis. Às vezes, duvido de que viver valha a pena. – confessou ele.

A silfa percebeu que o rapaz diante de si também chorava. Aos poucos, suas mágoas se sintonizaram; ela pôde captar claramente a extensão do sofrimento de Archibald e se aproximou dele.

“Eu vejo.” – disse ela em pensamento. “Você também sofreu muito.”

A silfa pegou a mão do rapaz; recordou-se da primeira vez em que o tocara, pressionando seu peito, na tentativa de fazer cessar um grande sangramento. Agora apertava sua mão, tentando acalmar seu sofrimento. Acabou desabafando:

“Enquanto estava presa, eu me casei.”

– Casou-se? – Archibald soltou a mão da silfa, tomado pela surpresa. – Como assim, quero dizer, com quem?

“Casei-me com Noran.”

– Isso não faz sentido!

“É verdade. Foi idéia dele, para me proteger, temendo que pessoas que freqüentavam a fortaleza pudessem querer se aproveitar de mim. Ele já não era o mesmo na época, mas acabei concordando. Com o tempo, ele mudou mais ainda. Havíamos combinado que seria um casamento apenas de fachada, mas ele acabou se consumando, contra minha vontade.”

– Ele não podia ter feito isso com você! Ele não tinha o direito!

“Fale baixo! Como já disse, ele não era o mesmo, estava tomado por impulsos alheios à sua vontade. Noran é uma boa pessoa, que se deixou levar pelo mal.”

Archibald não sabia o que dizer, estava completamente surpreso. Por alguns instantes, analisou suas reações e percebeu algo estranho em seu comportamento. O que estaria acontecendo com ele? Em seguida, percebeu que Mishtra tinha as unhas cravadas no ventre e seu rosto estava contorcido num agonizante choro silencioso. Ela então revelou:

“Eu carreguei um filho de Noran em meu ventre.”

Archibald ficou surpreso. Além de terem-se casado, também tiveram um filho?

“Mas ele nunca chegou a nascer. Assim que percebi, tive de tirá-lo.” transmitiu a silfa, com muita dor.

– Por quê?

“Então você não sabe o que acontece se um filho de humano com silfo vier ao mundo?”

– Não.

“Será um monstro, deformado e amaldiçoado. É por isso que tive de impedir minha própria criança de nascer.”

Naquele momento, Archibald percebeu o quão profundo era o sofrimento de Mishtra e ofereceu seu ombro para confortá-la. Ela deitou sua cabeça ali, no mesmo ombro que havia sido ferido quando ela o tocou pela primeira vez, e chorou.

“Archibald?”

– O quê?

“Você promete que vai me ajudar?”

Archibald, percebendo uma pergunta sem finalização, retrucou:

– Ajudar com o quê?

“Com a minha vingança.”

– É essa a sua motivação para viver?

“É.”

– Sim, vou ajudá-la. – e pensou consigo: “enquanto isso, talvez encontre nova motivação para minha vida.”

CAPÍTULO 56

Lentamente, Kyle recobrou os sentidos. Seu rosto, ainda abatido, estava livre das chagas, assim como os braços, pernas, mãos e pés. Ao seu redor, extremamente fatigados, estavam seus companheiros, sentados no chão irregular. As primeiras imagens que começaram a se formar para Kyle foram estranhas, visões de um lugar escuro, que balançava, produzindo um grande ruído. Imaginou estar de volta à sua barraca, nos dias da guerra. Sentiu o calor de mãos que envolviam as suas e, intuitivamente, sussurrou:

– Kiorina? É você?

– Sou eu, Kyle. – disse ela, com lágrimas nos olhos. – Tudo vai ficar bem.

– Onde estou? Como cheguei aqui? – perguntou, fazendo força para identificar o lugar.

– Estamos nas proximidades da mina.

– Trouxemos você e libertamos todos os outros. – veio a voz de Gorum.

– Gorum? Você também está aqui? – disse Kyle, levantando a cabeça.

Kiorina ajudou-o a sentar-se. Gorum agachou-se, oferecendo-lhe um de seus fortes apertos de mão.

– Fico tão feliz de estar com vocês! Estava num tipo de pesadelo, do qual pensei que nunca acordaria.

Uma voz estranha a Kyle surgiu, mais distante.

– Foi um bom trabalho, meus caros, ele irá se recuperar muito bem. – disse Alunil, com a voz envelhecida. Conversava com Vekkardi, Radishi e Noran, que estavam alguns passos além de Gorum.

– Quem mais está aqui? – quis saber Kyle, começando a focar melhor as imagens.

– Estão conosco o Sr. Alunil, Vekkardi, Noran, Radishi e, fora da barraca, Archibald e Mishtra. – respondeu-lhe Kiorina. – Você estava muito doente quando o encontramos. É uma longa história, mas, resumindo, conseguimos libertar todos os que estavam escravizados na mina, graças à ajuda do Sr. Alunil, juntamente com seu discípulo, Vekkardi, e do amigo de

Noran, Radishi. O Sr. Alunil é um silfo com grandes conhecimentos mágicos, o que permitiu que estejamos conversando neste momento.

Com imagens se formando cada vez mais detalhadamente, Kyle pôde identificar Kiorina e Gorum à sua frente e, logo atrás, algumas figuras borradas. Forçou a voz para ser escutado.

– Sr. Alunil. – procurando levantar-se, foi ajudado por Gorum e Kiorina.

– Sim, meu jovem. – disse Alunil, placidamente.

– Eu não o conheço, mas gostaria de agradecer por ter ajudado meus amigos e a mim.

– Aceito com sinceridade sua gratidão, jovem Kyle Blackwing. – disse o velho silfo, apoiando sua mão sobre o ombro de Kyle. Depois, virou-se para seu discípulo e disse: – Vekkardi, vá chamar Archibald e a pequena Mishtra. Agora que Kyle está melhor, temos muito o que conversar.

Kyle, ainda cansado, sentou-se. O vento castigava as lonas da barraca, produzindo um barulho constante e ritmado. O amanhecer estava próximo, e todos sentiam a noite não dormida e os esforços do dia anterior. Através da lona escura, mas não totalmente opaca, podiam ver a claridade do dia que se aproximava.

Archibald e Mishtra entraram e se sentaram, pouco atrás de Kyle. Estavam todos sentados e Alunil, de pé, bastante compenetrado, de frente para o grupo. Fez-se silêncio.

– Fico feliz pela atenção de vocês. disse o velho e pigarreou. – Imagino que todos têm consciência de que as coisas não são nada boas. Penso também que estão curiosos com relação à minha transmutação. Acho que lhes devo uma breve explicação. Alunil não é meu nome verdadeiro; quando nasci, meus pais me chamaram Modevarsh.

Mishtra olhou para o velho silfo, com espanto. Ele, percebendo a reação dela, retrucou:

– Sim, minha jovem, sou Modevarsh, irmão de Rodevarsh, um dos anciãos do conselho do clã de Shind. Estou vivo, apesar de muitos acreditarem que estivesse morto. – deu um pequeno sorriso e continuou. – Tive que deixar o clã por motivos particulares, há tempos. Operei sobre meu corpo uma forte transmutação, quase perfeita. Tornei-me forte e vigoroso como um jovem, mas, para isso, abri mão de algumas capacidades mágicas, incluindo a da cura. – fez uma pausa. – Agora sabem porque retornei a este corpo velho, fraco e doído. Talvez seja hora de permanecer na minha forma

original. – olhou para o alto e coçou sua delicada barba branca. – Lembrome de uma conversa que tive com o bom amigo Kivion, cerca de duzentos invernos passados. Na ocasião, conversávamos sobre as histórias que nosso avô de sétima geração costumava nos contar, lendas da era maldita. Tenho certeza de que todos vocês já ouviram falar nesse período de grandes guerras, que devastou o mundo, milênios atrás. Conta-se que muitos dos deuses glorificados em sua religião tiveram atuações heróicas nessa época, também chamada de guerra de milênios. Tudo o que se refere a esse tempo, porém, é obscuro, pois havia pouca organização, o que fez com que a grande maioria dos livros desse período se perdesse. Bom, Kivion e eu discutíamos sobre como diferenciar as lendas da história real, pois havíamos percebido que era muito fácil criá-las. Tomávamos o exemplo de meu irmão mais novo, Rodevarsh, duzentas e dezesseis primaveras mais jovem que eu, o qual, quando criança, adorava ouvir histórias. Certa vez, contei a ele uma lenda, criada por mim. Eu havia acabado de fazer uma viagem a Thayfoon, uma cidade belíssima, na ilha de Nish, atual capital do império dos silfos do mar. Lá, tive a oportunidade de ler muitos livros, numa grande e antiga biblioteca. Havia alguns que foram escritos durante a guerra de milênios. Tomei muitas notas e criei uma fábula, que contei para meu irmão e outros tantos jovens. Eu mesmo ainda era jovem e imprudente, não tinha mais que trezentas primaveras. O fato é que muitas gerações se passaram e eu me esqueci dessa história. Um dia, disseram-me que Rodevarsh iria fazer uma jornada em busca do Orbe do Progresso, que era uma invenção minha! A jornada para a qual meu irmão se preparava era muito perigosa; tentei dissuadi-lo, explicando que o Orbe do Progresso era fruto da minha imaginação, mas ele não aceitou minha palavra, pois, durante anos e anos, havia feito daquilo um ideal. Tomou essa decisão depois de estar com os silfos do mar e ler outras lendas, nas quais eu me inspirara. Achou que estava dizendo que o orbe era invenção minha por estar preocupado com ele. Fiquei sem ver meu irmão por dezoito outonos. Quando ele retornou, usava um tapa-olho, pois perdera seu olho esquerdo. Aquilo me fez um mal tremendo. Julguei-me culpado por aquela mutilação. Meu irmão, no entanto, estava imensamente feliz, pois havia encontrado o Orbe do Progresso! Na ocasião, fiquei muito confuso, aquilo me deixou sem dormir direito por meses. Cheguei a pensar que podia ter feito confusão, que li sobre a lenda e imaginei tê-la criado. Quase enlouqueci e decidir viajar para Thayfoon novamente. Na época, viajar para

lá era difícil, pois o império dos silfos do mar havia se tornado uma região muito perigosa. Mesmo assim, fui. Passei anos pesquisando e relendo diversos livros e não encontrei uma referência sequer sobre o Orbe do Progresso, que, no entanto, vi, da maneira que havia descrito por mim, com todas as suas propriedades mágicas. Achei que estava enlouquecendo. Retornei a Shind e fui visitar Kivion, em Tisamir. Discutimos sobre o assunto e ele me deu uma boa explicação para aquela história. Disse-me que, além dos dons mágicos que possuo, poderia, sem saber, possuir também alguma capacidade ligada ao Jii, a energia que tudo cerca, estudada pelos sábios de Tisamir. Investigamos e descobrimos que eu possuía a capacidade de receber mensagens de outros tempos, através dos sonhos, das quais, no entanto, não podia recordar-me. Estudei minhas capacidades no Ermirak e aprendi a lidar com elas. Tudo o que aprendi, no entanto, ainda é pouco, se comparado ao que precisamos saber para tentar evitar que um grande mal domine o nosso mundo. Esse mal vem de profundezas obscuras e possui forças imensas. O efeito que todos vocês já puderam perceber e sentir, no entanto, pode ser comparado a uma semente apenas das grandes árvores de Shind.

– Desculpe-me, Sr. Modevarsh, mas por que está nos contando toda essa história? – perguntou Kyle. – Por que o senhor me curou?

– Porque preciso que vocês realizem uma grande tarefa.

A cura de Kyle, sua recente libertação e as palavras de Modevarsh trouxeram de volta a Kiorina algo que ela não sentia há muito tempo: excitação. “Qual seria essa grande tarefa?” – pensava a ruiva.

– O que lhes pedirei não é algo simples e vocês aceitarão apenas se desejarem. Vocês devem ir ao berço dos nove vales, os reinos bárbaros, e procurar o oráculo de Shimitsu. Encontrando-o, poderão perguntar a ele como exterminar esse mal que germina em nosso mundo. Em meus sonhos e meditações, descobri que o oráculo de Shimitsu é a chave para deter o mal, que avança sobre nosso mundo com ferocidade incrível.

– Como poderemos encontrá-lo? – quis saber Archibald.

– Esse é um mistério que vocês terão de resolver, mas sei que existem relatos sobre o oráculo em livros nas antigas bibliotecas de Thayfoon.

– Meu mestre havia me advertido sobre o que estamos passando; acredito que tenho um papel a cumprir nesse caso. Em nome de Kivion, aceito sua tarefa. – disse Noran.

– Eu também vou. – disse Kyle.

– Poderemos impedir que esse mal caia sobre Lacoresh? – perguntou Kiorina, preocupada.

– Infelizmente, Louni Bal, o reino de Lacoresh e seus habitantes, já está engolfado pelas forças do mal. Os necromantes, representantes desse mal, derrubaram seu rei e colocaram no lugar um de seus líderes, o Arquiduque Maurícius. – disse Modevarsh.

– Maurícius agora é o rei? – assustou-se Gorum.

– Sim. Seu rei assim como muitos outros que se opõem aos ideais dos necromantes foram mortos ou aprisionados. O reino de Lacoresh neste momento é um instrumento do mal.

– Será que meus pais estão bem? – disse Kiorina, com lágrimas nos olhos.

– Não há como dizer. De qualquer maneira, devemos nos mover. A manhã já chegou e, em pouco tempo, os necromantes estarão em nosso encalço. Vocês devem ir a Lacoresh e conseguir um navio para os reinos bárbaros; enquanto isso, Vekkardi, o bom Radishi e eu teremos muito o que fazer por aqui.

– Iremos então em busca do oráculo? – indagou Gorum.

Kiorina, Mishtra, Archibald e Kyle se entreolharam e acenaram positivamente. Modevarsh, sem querer perder mais tempo, indicou o caminho e disse:

– Sigam então, meus jovens e bravos. Encontrem o oráculo de Shimitsu e tragam-me as boas-novas.

Despediram-se respeitosamente de Modevarsh. Para cada um, o velho silfo fez recomendações específicas, em voz baixa.

– Não deixe os maus sentimentos tomarem conta de você, minha filha. Procure a purificação de suas dores através do amor e da amizade. – disse a Mishtra, de quem se despediu com um beijo na face.

– Seja forte e preze o conhecimento mais que tudo. Para alguém de coração bom como você, isso é o mais importante. É através do conhecimento que você poderá ser útil às pessoas que quer bem. – disse a Kiorina, que ouviu tudo com muita atenção.

– Continue com seu senso de humor e não deixe cair o moral desses jovens. Mais importante que a força, é a determinação. Surgiu para você uma

oportunidade de equilibrar-se com seu passado; deixe-o onde ele deve ficar e abraçe o futuro. – disse a Gorum, de quem se despediu com um abraço.

– Medite sempre e lembre-se de Kivion. Aceitando você como discípulo, ele lhe deu um voto de confiança. Também confio em você e no seu julgamento. – disse a Noran, que agradeceu a confiança de Modevarsh, sentindo estranhamente a proximidade de seu mestre.

– Você, mais que todos, tem uma grande batalha a travar. Quando estiver em dúvida, escute seu coração, pois tudo o mais estará contra você. – Archibald ouviu as palavras de Modevarsh e lembrou-se de trechos dos escritos sagrados que falavam sobre provações. Entendeu, naquele momento, que sua vida sempre fora uma grande provação. Segundo o que lera, somente os escolhidos para tarefas divinas passarão pelas mais difíceis provações. Sentiu medo e despreparo e recorreu imediatamente às orações, que havia deixado de lado. Sentia sua fé abalada e precisava de fortaleza. Por isso, rezou bastante.

Por último, Kyle se aproximou. Agradeceu mais uma vez a Modevarsh por lhe salvar a vida. O silfo lhe disse:

– Eu lhe trouxe de volta porque você carrega em si uma chama especial. Deixe o que está oculto aflorar. Você possui uma rara capacidade entre os seres humanos, assim como seu pai.

– Você conheceu meu pai?

– Seu pai, seu avô e seu bisavô. Sua família possui um dom especial, ensinado por Shimitsu. Você deve desenvolvê-lo. Aprenda a meditar com Noran, pois, através da meditação, esse dom será libertado.

– Do que você está falando?

– Confie em mim. Quando o momento chegar, você saberá. Encontre o oráculo e desenvolva seu dom.

CAPÍTULO 57

Noran abraçou o amigo Radishi, Archibald cumprimentou Vekkardi, todos se despediram e logo Kyle e seus companheiros se foram montanha abaixo. Modevarsh observou silenciosamente os cinco se distanciarem. Vekkardi parecia não ter se recuperado totalmente do choque de tantas informações a respeito de seu mestre.

– Mestre, é realmente muito importante encontrar o oráculo?

– Sim, meu jovem.

– Não lhe parece uma tarefa difícil?

– Dificílima!

– Não é algo que o senhor mesmo pudesse fazer?

– Poderia tentar, caro Vekkardi. Agora pergunte o que realmente deseja saber.

– Acha prudente dar a eles essa tarefa? O senhor confia na capacidade deles?

– Confio, no entanto... – o velho silfo fez uma pausa. – Apenas por precaução, pedi a realização da mesma tarefa a uma pessoa de confiança; está envolvido também outro grupo de jovens aventureiros que têm potencial para ela.

– Quem são, mestre?

– Estão entre os que libertamos da mina ontem. Vamos! Temos que nos apressar para poder alcançá-los.

Vekkardi olhou para trás e viu que Radishi precisava de ajuda com Rikkardi. Correu para acudi-lo.

– E quanto ao nosso prisioneiro, conseguiu achá-lo? – quis saber Vekkardi.

– Procurei seus padrões mentais e não consegui encontrá-lo na região. Até agora, apenas sabemos que ele se livrou das cordas e sumiu. Provavelmente se utilizou de forças ocultas para fugir.

Levantaram o saco que continha o corpo de Rikkardi com certo esforço, colocando-o fora da fenda.

– Penso que, se os anões tivessem tirado sua vida, teria sido melhor. – disse Vekkardi, sentindo uma ponta de ódio por tudo o que acontecia, pelo estado de seu irmão.

Modevarsh aproximou-se dos dois e disse:

– Meu jovem, matá-lo não resolveria a situação. Não deixe que o ódio penetre em você; lute por seu irmão, mas não deixe que o ódio corrompa seu interior. Se isso acontecer, você terá perdido, pois estará lutando, sim, mas do lado deles. Não é isso que você quer, é?

– Não, mestre, o senhor tem razão. Agradeço sua orientação, sua bondade e sabedoria.

– Muito bem. – disse Modevarsh, satisfeito. Pousando o olhar sobre Radishi, indagou: – Bom Radishi, o que deseja fazer agora? Retornar a Tisamir?

– Pensei um pouco nisso e cheguei a uma decisão.

– Qual?

– Ficarei com vocês! Acredito que há muito a aprender além do pico em que se encerra minha querida cidade natal.

– Isso é muito bom! – disse o velho silfo, sorrindo. – Sua ajuda será de grande valia.

CAPÍTULO 58

Um vento gelado e cortante atingia a face de Kyle, deixando nela marcas vermelhas. Havia um grande contraste em sua pele, embranquecida pelo longo período que ficou nas minas, sem sequer ver a luz do sol. O mundo ainda parecia um pouco irreal, talvez real demais. Sentia-se renascido. Pensava em Modevarsh, o velho silfo que o salvara da morte. Pensava em dons. Percebia que cada um de seus companheiros tinha algum dom especial. Tentava imaginava o que seria o dom que Modevarsh afirmou que tinha. De fato, sentia-se diferente, sentia algo novo dentro de si, mas era difícil dizer se tinha algo a ver com dom. Parecia apenas uma sensação de liberdade muito forte, que se contrastava com o pesadelo recente.

Kyle estava só e observava o surgimento de um novo dia, sentado num banco de madeira que ficava na praça de uma vila deserta, que não passava de um conjunto de escombros cobertos de neve, dentre os quais havia algumas casas, o abrigo naquela noite gelada. Ele observava ao longe os contornos das montanhas da cordilheira de Thai, embaçados por uma tênue névoa. Sua respiração tomava forma quando ele expelia o ar através de suas narinas, formando pequenas nuvens, que surgiam num ritmo constante. Sem aviso, uma trouxa de tecidos pousou sobre o colo do distraído Kyle.

– Hã? surpreendeu-se.

A seu lado, estava Gorum, enorme, colossal. Sua barba extensa, salpicada com neve, parecia grisalha. Vestia um capuz de couro escuro bastante envelhecido e esfolado. Nos braços, uma massa de roupas de couro de vários tipos.

– Vista, garoto. Encontrei-as numa das casas, que deve ter sido uma oficina de trabalhos em couro. – disse o gigante, com sua voz grossa e severa.

Kyle olhou para o capuz do casaco que estava em seu colo e disse:

– Acho que mais roupas não vão fazer mal com todo esse frio.

– Precisamos nos apressar, a idéia de passar por cidades dominadas pelos necromantes me dá arrepios. – disse Gorum.

– Imagino que você também tenha visto coisas horríveis. – disse Kyle, recordando-se dos zumbis que trabalhavam na mina, muitos dos quais seus companheiros de trabalho, mortos e reanimados. Frequentemente, tinha pesadelos em que se via transformado num zumbi, com o corpo a apodrecer, perdendo pedaços de carne e sendo comido por vermes.

Gorum aproximou-se dele e se ajoelhou a seu lado. Colocou as roupas que trazia no chão e revelou um pouco do seu desespero.

– Kyle, meu filho, sinto-me sem ter para onde ir e a quem recorrer. Por que isso está acontecendo conosco?

Kyle ficou surpreso com a fragilidade demonstrada por seu tutor. Abraçou-o. Compartilhava aqueles sentimentos. – Agora temos uns aos outros.

– Bem, imagino que não nos resta nada a não ser ir em busca do oráculo de Shimitsu, não é mesmo? – questionou Gorum.

– Isso, precisamos ser fortes e nos concentrar nessa tarefa.

Kyle sentiu o coração disparar e um calafrio percorrer sua espinha.

– O que houve, garoto? – perguntou Gorum.

– Encontraram-nos. – disse Kyle, procurando conter-se.

Gorum olhou à sua volta, cuidadosamente, sem avistar ninguém; sussurrou:

– Quem? Onde?

– Aquele lobo... – o jovem indicou, com um gesto tímido.

Gorum viu um lobo de pêlos escuros.

– O quê?

– Eu já o vi antes. Ele não é um lobo normal.

– Como assim?

– É difícil explicar. Precisamos acordar os outros e sair daqui rápido, pois o lobo vai nos delatar.

Atrás deles, escutaram o som de galhos se quebrando. Viraram-se e viram Noran. Parecia sonolento; bocejou e disse:

– Acordei de repente, com uma sensação estranha. Acho que devemos sair daqui, pois tive um mau pressentimento.

Kyle instintivamente olhou para trás, e o lobo havia desaparecido. Em pouco tempo, todos estavam de pé, prontos para deixar aquele local.

– Precisamos andar o mais rápido possível.

E assim foi, fizeram uma marcha forçada durante todo o dia. Ao entardecer, estavam muito cansados e temerosos. Decidiram continuar mais um pouco, até encontrar um lugar seguro para passar a noite. Pouco depois, avistaram ao longe, sob os últimos raios do sol, o paredão rochoso que esperavam ver: o planalto de Or. Seria noite até que alcançassem a floresta de Shind, onde Mishtra saberia encontrar um lugar seguro para passar a noite.

Já sob as enormes copas das árvores de Shind, montaram um acampamento. Tão logo puderam, dormiram profundamente. Mishtra não dormiu, afinal, o corpo dos silfos era mais resistente ao frio e ao cansaço que o dos humanos. Poderia andar por mais um dia sem dormir, até se sentir realmente cansada.

Na manhã seguinte, decidiram dividir o grupo em dois. Mishtra, Kiorina, Gorum e Noran iriam em direção ao sul, procurar os silfos e pedir a eles auxílio para deixar Lacoresh. Kyle e Archibald, rumo ao leste, iriam à biblioteca do mosteiro dos monges Naomir, em busca de informações a respeito do Oráculo de Shimitsu.

Kiorina sentia-se triste e derrotada, pois fora contra à separação do grupo, o que agora, para ela, não fazia sentido. Sentia um aperto no coração, não queria deixar seus amigos novamente, temendo não voltar a vê-los. Acabou por concordar, com tristeza, apenas para não piorar a situação, afinal, não era momento para brigas; deviam, isto sim, confiar uns nos outros. Mishtra nutria uma melancolia amarga pela separação. Por um instante, a idéia de vingança saiu de sua cabeça. Todos estavam prontos para ir; havia chegado a hora da despedida. A silfa se aproximou de Archibald e o abraçou. Ele estava um pouco confuso, não conseguia deixar de pensar na situação que havia criado, ao dar a idéia de se separarem. O motivo que apresentou, encontrar informações sobre o oráculo na biblioteca do mosteiro, era bastante razoável, mas estava longe de ser o objetivo maior de seu desejo de ir ao mosteiro. Precisava, na verdade, encontrar registros sobre seu passado e queria saber se havia no mosteiro uma cópia do livro a respeito do irmão Weiss, sem as páginas arrancadas. Ao fim do abraço, ainda estavam próximos. Mishtra não conseguia conter seus sentimentos em relação a Archibald, os quais percebia apenas naquele momento. Olhou o rosto do rapaz, seus lábios rosados e delicados, rachados pelo frio e não pôde conter a força que juntou seus lábios aos dele, deixando todos

surpresos, principalmente Archibald. Foi um momento breve. Logo Kyle e Kiorina se aproximaram para a despedida, e Gorum soltou uma das suas:

– Agora, é a vez de vocês, ha, ha!

Gorum sorriu ao ver que Kyle ficara tão encabulado, como ninguém poderia imaginar. Kiorina abraçou Archibald e pediu a ele que cuidasse bem de Kyle. Kyle aceitou o abraço e o beijo de Kiorina, pois, caso contrário, seria deselegante, além de poder ferir os sentimentos da menina. Sabia, no entanto, que não nutria, em relação a ela, nada além de uma forte amizade. Por isso, chateava-o o assédio dela e as brincadeiras de Gorum.

– Cuide-se, Kyle. Não queremos perdê-lo de novo! – disse a ruiva, chorando.

– Eu vou ficar bem. Vocês também se cuidem, certo? – disse Kyle, amigavelmente.

– É claro! – exclamou Gorum, abraçando Kyle e levantando-o, da forma como costumava fazer quando ele era apenas um garoto.

– Cuidem-se, garotos. – disse Gorum.

Noran cuidou de acelerar a despedida.

– Fiquem atentos e afastem-se de encrencas!

Kyle e Archibald deram os primeiros passos tímidos rumo ao leste. Agiam como se não quisessem ir, o que, no fundo, era verdade.

– Kyle! – chamou Noran. O jovem cavaleiro virou-se e encarou o tisamirense. – Caso não nos encontremos novamente, há algo que talvez você queira saber.

– O quê?

– A armadura que pertenceu a seu pai está na fortaleza, junto com os pertences do mes... digo, Sr. Arávner.

– Obrigado pela informação.

Archibald, aproveitando-se da parada, ergueu o braço e acenou.

– Nos vemos em quatro dias, em Tanir!

Pouco depois, Mishtra já os perdera de vista. Faziam agora parte da colossal floresta de Shind.

CAPÍTULO 59

– Diga-me, amigo Noran, a ruivinha já está dormindo? – perguntou Gorum.

– Sim, ela adormeceu. Estava muito abalada, mas o cansaço era ainda maior.

– Isso é bom. – disse o gigante e tomou, numa xícara improvisada com a casca grossa de um tipo de noz, um gole de chá de raízes, que a silfa havia preparado. – E Mishtra, onde está?

– Caminhando nas proximidades, talvez caçando, não sei bem. Ela está satisfeita por poder matar um pouco das saudades do lar.

– Isso também é bom... – tomou outro gole e fez uma careta. – Apenas esse chá não é nada bom.

Noran sorriu, o que, ultimamente, quase não fazia. Estavam sentados bem próximos à fogueira. Ele se distraía empurrando pedaços de brasa com um graveto, enquanto Gorum continuava tomando o chá amargo.

– Esse chá é uma droga, mas esquenta! Rapaz, nunca passei tanto frio como nestes últimos dois invernos!

– Concordo. Foram invernos terríveis, que, além de rigorosos, trouxeram para esta terra muitas tristezas.

– Com certeza. Pena não termos vinho. Parece que hoje vamos ter uma daquelas longas conversas, não é mesmo?

– Quem sabe, caro Gorum? Assunto para botar em dia é o que não falta, certo?

– Verdade. Queria que você falasse um pouco sobre sua experiência com esses malditos. Pelo que sei, você foi um deles. Certamente, portanto, não há ninguém melhor para dizer quem são e o que querem.

– Se é sobre isso que quer falar, prepare-se, pois há muito assunto.

– Pode começar. Além do mais, há bastante chá de raiz danada para tomar.

Noran sorriu novamente, mas seu sorriso logo se foi, no instante em que começou a se recordar dos últimos meses. Seu olhar penetrou a fogueira

profundamente, até que se perdeu no meio das chamas.

– Nunca em minha vida imaginei que os homens fossem capazes de tamanhas atrocidades, tamanha violência, tamanha ambição e corrupção. Esses homens, terríveis monstros que se vestem com tons sombrios, são uma verdadeira ameaça a tudo o que há de bom e justo neste mundo. Suas motivações são das mais variadas, desde a sede pelo poder, ao desejo pela miséria e o prazer com a dor e a destruição alheia. Eles agem juntos, são como uma confraria, mas sua organização não se baseia apenas na maldade de homens; utilizam-se também de demônios e espíritos malignos como seus parceiros nos planos de conquista e destruição. Apesar das divergências entre eles, há algo que parece uni-los: um assustadora ambição. São arautos da destruição, do fingimento e da maldade, organizam-se numa poderosa hierarquia, cujos líderes são sete seres de grande maldade, de grande poder, sete monstros horríveis! Um deles foi o que tive de tomar como mestre, para ajudar Kiorina e Mishtra. Eu falhei com Mishtra, falhei terrivelmente, mas fico satisfeito em saber que Kiorina foi poupada de males ainda maiores que os que sofreu. Continuando, são sete organizações. A de que fiz parte é liderada por Arávner, um mestre que dominou os caminhos do Jii e utiliza seus poderes para dominar e perverter os que entram em contato com ele. Não conheci todos os líderes, mas sei algumas coisas sobre os outros seis. Um deles é membro da Real Santa Igreja de Lacoresh; outro é um ancestral do puro mal; outro parece ser um feiticeiro poderoso da Alta Escola de Magia; outro, maligno e vingativo, suspeito que seja um silfo das trevas. Há mais um, provavelmente um demônio ou algo pior, e, por fim, o próprio primo do falecido rei de Lacoresh, o Arquiduque Maurícius, que, com a morte de Corélius, ascendeu ao trono. Sim, Gorum, Maurícius, um desses sete lordes do mal, agora é o rei de Lacoresh, o que era um dos propósitos da guerra. Na realidade, sua ascensão ao trono é resultado de um plano muito bem elaborado, que envolveu a criação da guerra contra os bestiais, detalhadamente planejada. Além disso, estão criando um enorme exército, composto de criaturas mortas-vivas; muitos dos corpos de militares e civis mortos foram recolhidos por eles para serem reanimados e armazenados. Hoje, existem milhares enterrados ou presos em catacumbas, esperando a hora de formarem um exército terrível. No dia em que Corélius foi assassinado, a capital do reino, Lacoresh, foi atacada por cerca de dois mil mortos-vivos. Quem presenciou esse dia, chamado ‘o dia dos mortos’, e a

ele sobreviveu jamais esquecerá. Como havia sido planejado, Maurícius estava fora da capital, organizando o exército de Lacoresh, que, no dia seguinte, iniciou uma marcha, eliminando todos os zumbis que aterrorizavam a cidade, um feito heróico. Em pouco menos de um mês, marchou sobre os bestiais e pôs fim à guerra. Com o reino enfraquecido, Maurícius convenceu seu povo de que era sábio, naquele momento, fazer um acordo cedendo as terras que pertenceram ao condado do MontGrey aos bestiais; quando o reino se recuperasse das importantes perdas que sofrera, prometeu que os bestiais seriam expulsos e as terras de MontGrey novamente integradas ao reino. Tudo mentira! Agora os necromantes têm um vasto terreno para organizar seus exércitos do mal, onde ninguém se atreve a entrar. Eles até construíram uma capital para seu empreendimento, um lugar horrendo e fétido, que chamam de ‘a Necrópole’.

– Noran, eu não acredito, isso é loucura! – interrompeu Gorum, transtornado.

– Não? Você, que viu o que viu e passou pelo que passou, não acredita? Imagine então se contássemos essa história às pessoas que não participaram da guerra! Os que vivem em Lacoresh acreditam nas mentiras que os necromantes criaram!

– É loucura... – Gorum tinha as duas mãos sobre a cabeça e as esfregou no rosto, num gesto de pura agonia. Sabia que aquilo era a verdade, mas não queria aceitar, não podia acreditar em algo tão cruel. Murmurava continuamente: – É loucura! Loucura!

– Sim, Gorum, é loucura, mas é verdade, é a realidade que teremos de enfrentar. É contra essa loucura que teremos de lutar.

Gorum sentia-se irado. Pegou um pouco de chá para tomar, derramou metade antes de alcançar a boca, depois esmagou a cuia de casca em que bebia.

– Acalme-se um pouco, Gorum, pois ainda não lhe contei toda a história.

O gigante procurou se controlar para continuar a ouvir.

– Lembra-se das crianças que nasceram com os olhos negros, como a filha do alfaiate que trabalha para o pai de Kiorina? Muitas mais nasceram. Muitos médicos e magos pesquisaram a misteriosa e freqüente ocorrência, mas não surgiu explicação alguma. Recentemente, a Real Santa Igreja anunciou a descoberta de pergaminhos perdidos, com profecias mentirosas, que explicam a vinda dessas crianças como uma bênção. Nesses falsos

pergaminhos, fala-se de uma época em que nasceriam crianças de olhos noturnos, tempo em que haveria uma grande tragédia; os anos seguintes, no entanto, seriam de muita paz, prosperidade e riqueza. Nos pergaminhos, fala-se que as crianças são filhas dos deuses e que devem ser tratadas como tal, ou seja, estudar nas melhores escolas e comer e beber das melhores comidas e bebidas.

– E você? O que acha que elas são?

– Acho que serão instrumentos do mal. Talvez a próxima geração de necromantes, mais poderosos e mais cruéis. Não sei, mas tenho pressentimentos muito ruins quando penso nessas crianças.

De repente, Gorum gelou.

– Noran, Kyle e Archibald estão indo para o mosteiro! Depois de tudo o que me falou, acho que isso pode não ter sido uma boa idéia.

– Concordo, mas eu já havia alertado Archibald sobre o domínio dos necromantes em Lacoresh, inclusive nas organizações religiosas. Acredito que serão cautelosos.

– Assim espero.

– Você acha que os silfos também estão envolvidos nisso, de alguma forma?

– A possibilidade já me ocorreu. Estou indo preparado para isso.

– E Mishtra? Acha que ela está preparada?

– Ela está preparada para qualquer coisa, meu amigo, muito mais do que você pode imaginar...

– Estou velho para essa loucura toda!

– Posso fazer uma pergunta, Gorum?

– Claro!

– Você ainda sente falta de sua esposa e de sua filha?

– Sinto, mas foi há tanto tempo...

– Acha que ainda existe alguma coisa pela qual vale a pena lutar?

– É uma boa pergunta. Se você me perguntasse isso há um ano, eu diria que sim, sem pensar duas vezes, mas hoje, depois de tudo o que aconteceu, não sei.

– Entendo... – Noran olhou para o chão, desapontado.

– Quando penso em Kyle e Kiorina, no entanto, vejo como são jovens e o quanto ainda têm pela frente, um amor para descobrir, uma vida para viver, eu penso que sim, vale a pena lutar por isso, vale a pena lutar para que haja

paz, para que as pessoas possam descobrir o amor e, quem sabe, serem felizes.

– Isso é bonito.

– E você? Há alguma coisa pela qual acha que vale a pena lutar?

– Não sei... talvez. Depende.

– De quê?

– Depende de quem vai ganhar. Não sei. Eu não tenho deuses para acreditar, só sei uma coisa: tudo parece estar em conflito, sempre em conflito. Vejo que há uma tendência para o progresso, e isso é o que todos querem, progredir, vencer. Mas, quando vencemos, o que ganhamos? Quando morrermos, continuaremos em outro lugar. Segundo sua crença, os bons morrem e vão para lugares bons, e os maus, para lugares ruins. Eu não acredito nisso. Para onde vamos é tudo igual. Aprendemos, sofremos e morremos de novo. E isso nunca acaba. Além deste, existe uma infinidade de outros mundos, de vidas. O espaço é infinito e eu não entendo o infinito, simplesmente não dá para entender, compreende?

Gorum balançou a cabeça, confuso.

– Não, mas acho que agora chegou a hora de dormir.

– É verdade, precisamos dormir um pouco, amanhã será um dia difícil, assim como todos, de agora em diante.

CAPÍTULO 60

Kyle teve uma estranha sensação nostálgica, ao ver o mosteiro no entardecer. Sobre a colina, coberto de gelo, seu brilho era intenso, com a luz do sol poente. Os cristais que compunham suas muralhas confundiam-se com o gelo, trazendo seus contornos para o mesmo tom avermelhado do sol. Ali tudo havia começado. Já não conseguia precisar quanto tempo se passara desde a última vez. Aquele era o segundo inverno desde que Kyle e Archibald se reencontraram no interior daquele mosteiro.

Archibald sentia um grande estranhamento. Estava diante do local que havia transformado sua vida, reformado sua índole, o local onde sua fé foi alimentada. Ali passou por um severo treinamento até se ordenar monge Naomir. Agora, tudo aquilo se confrontava com sua recusa; em sua cabeça, havia deixado de ser monge quando sentiu no corpo a fúria e matou seres inteligentes com as próprias mãos. Sem dúvida, o local lhe trazia muitas recordações, mas não estava ali para isso, e sim atrás de respostas que tinha a esperança de encontrar na grande biblioteca.

– E então, Archie, o que vai ser?

– Não sei, Kyle. Fico imaginando se a corrupção dos necromantes chegou neste lugar.

– Se fosse dar um palpite, acho que não deveríamos nos apresentar.

– É verdade. Ainda que não saibam dos necromantes, podem ter sido enganados por eles e acreditarem, por exemplo, que somos criminosos.

– Ou hereges! – sugeriu o cavaleiro, num tom brincalhão.

– Que tal criminosos, hereges, assassinos e bruxos? – Archibald brincou, descontraído.

Kyle sorriu, mas logo parou, ao se lembrar de algo.

– Archie, sabe aquele velho esquisito de um olho só?

– O irmão Ourivart?

– Esse mesmo! Quando estive aí, ele me mostrou uma passagem que dava para o interior do templo subterrâneo.

– Como assim? Que passagem?

– Então você não sabe? Existe uma passagem que vai do meio do paredão de rochas, atrás do mosteiro, até o templo subterrâneo.

Archibald ficou olhando para Kyle, surpreso, mas também desconfiado.

– Tem certeza de que não está confundindo alguma coisa?

– Tenho, confie em mim. Vamos dar a volta. O paredão é muito íngreme, mas acho que conseguiremos escalar.

Archibald duvidou, mas não quis se opor. Apenas algum tempo depois, quando Kyle mostrou a fenda na parede rochosa, deu o braço a torcer.

– Espere aí! Como é que você nunca me falou disso antes?

– Não sei, acho que faltou oportunidade. Além do mais, sempre achei que era uma passagem conhecida por todos no mosteiro. Como é que eu ia saber?

– Tudo bem, isso agora não é o mais importante, e sim como vamos subir até lá.

Kyle coçou o queixo, pensativo. Seus dedos produziam um pequeno barulho ao entrar em contato com a barba rala.

– O dia ainda não acabou, podemos arriscar uma escalada agora, ou esperar para fazê-la amanhã cedo.

– E quanto ao gelo, Kyle? As rochas devem estar escorregadias.

– É verdade. Desse jeito, acho que o momento para subir não vai fazer tanta diferença.

– Vamos subir logo, então. Afinal, não temos tempo. Precisamos encontrar Gorum e os outros daqui a dois dias, em Kamanesh.

Kyle concordou, partindo para a escalada. Depois dos primeiros minutos, o cavaleiro deparou-se com uma protuberância que dava um bom apoio. Percebeu que havia uma escada, similar à que descera anteriormente, construída de maneira que, olhando de baixo para cima, não podia ser facilmente identificada.

– Olhe, Archibald, uma escada!

Archibald, que seguia Kyle, tentou visualizar alguma coisa e disse:

– A única coisa que consigo ver é esse seu traseiro sujo.

Kyle sorriu; apoiando-se nas tais rochas, começou a escalar com facilidade. Logo, Archibald também pôde usar a escada. Antes do anoitecer, estavam na entrada da passagem. Havia deixado a maioria das coisas que trouxeram no sopé do paredão. Levavam apenas suas armas. Kyle havia colocado o cinturão que prendia a bainha de sua espada sobre o ombro, de

forma que a arma ficasse em suas costas. Archibald seguiu a orientação de Kyle e fez o mesmo com seu bastão. Deixou o martelo de guerra para trás, por causa do peso.

– E agora? – indagou Kyle.

– Acho melhor esperar. Quando for bem tarde e todos estiverem dormindo, agiremos.

– Certo. Vamos tentar descansar um pouco.

Estava escuro e ficaram em silêncio, escutando o vento, sem conseguir dormir. Depois de algum tempo, Kyle sussurrou:

– Archie, você está acordado?

– Estou.

– Por que estamos aqui? Quero dizer, qual a verdadeira razão para estarmos aqui?

O ex-monge apenas disse:

– Olhe o céu, Kyle, veja como está cheio de estrelas!

– Estou olhando. – retrucou Kyle, observando as estrelas que apareciam através da fenda. – Fico imaginando se os outros estão bem; se o percurso deles foi tranquilo, devem estar próximos de Kamanesh.

– Mishtra... – murmurou Archibald. – O que deu nela para ela me beijar daquele jeito?

Kyle deu um sorriso, que seu amigo não pôde enxergar.

– Acho que é uma coisa que acontece com as mulheres; de uma hora para outra, elas resolvem gostar de um sujeito. – fez uma pausa e então perguntou: – Você gosta dela?

– Não sei. – falou pausadamente; ambos estavam tranquilos. – Existe uma forte ligação; pode parecer loucura. mas é algo como um laço sangüíneo.

– Laço sangüíneo?

– É e não estou falando apenas no sentido figurado. Nosso primeiro contato foi quando tivemos a primeira luta com os bestiais.

– A primeira?

– É. Você se lembra de que fui salvo de um dos bestiais por uma flechada?

– Você acha que foi ela?

– Eu tenho certeza de que foi ela.

Kyle levantou as sobrancelhas e fez cara de admiração, que, naquele escuro, ninguém poderia ver.

– Depois, ela me salvou de novo, estancando o sangue da minha ferida e me carregando em seus braços. – disse Archibald, apalpando o ombro que fora ferido. – Isso não é sangüíneo o suficiente?

Kyle ficou em silêncio.

– Pensando melhor, acho que gosto dela, sim. – revelou Archibald. – Kyle, lembra-se de quando conversamos sobre o destino?

– Sim, foram nossos últimos dias de paz.

– O que lhe falei... não sei...

– Eu me lembro bem. Você me ensinou que o destino dependia das decisões que tomamos.

– Eu não tenho mais certeza disso. Aliás, quando falei, já não tinha. Por favor, me desculpe por não ter sido sincero com você.

– Do que você está falando, Archie? O que disse é verdade! Eu testei, vi a coisa acontecer. Durante a guerra, levantei minha voz, mudei o destino, senti que tinha esse poder de mudar as coisas, percebi que todos têm.

O ex-monge escutou aquilo surpreso. Naquele momento, percebia que, em termos de fé, Kyle estava bem à frente dele. Depois de tudo o que havia acontecido, sua fé nos deuses e em si ficara fragilizada. Percebia que estava cedendo ao caminho da corrupção. Após uma luta interna, revelou, um pouco agitado:

– Eu menti, Kyle, me perdoe. Menti para você e para os outros. A razão de estarmos aqui é eu ser um egoísta. Precisava descobrir sobre o meu passado e o de Weiss. Estamos aqui apenas para satisfazer um interesse particular meu. Coloquei sua vida em risco por razões mesquinhas.

Kyle escutou a confissão, um pouco decepcionado.

– Eu compreendo, Archie. Tudo bem, você está perdoado, mas precisa entender uma coisa: somos amigos, ora! Se tivesse me pedido, eu viria com você, não precisava mentir para mim, entende?

Archibald consentiu.

– O que você precisa saber? – perguntou Kyle.

– Muita coisa, Kyle, muita coisa.

– Olha, sei coisas dolorosas de seu passado. Você perdeu sua família e depois sua garota, de forma trágica. Não sei se teria suportado, se fosse comigo. Agora, o que mais precisa descobrir?

– Eu perdi a memória de muitas coisas. Durante meu treinamento, de alguma forma, apagaram um pouco da minha memória.

– Eu nunca ia imaginar uma coisa dessas, Archie! Por que não me falou nada antes?

– Falar o quê? O que eu devia falar, se nem tinha idéia de que essas coisas haviam acontecido?

– Por essa eu não esperava... Como consegui saber dessas memórias apagadas?

– Tudo começou quando, um dia, encontrei-me com Reno e Barne, os irmãos de Déria. Reno me agrediu e queria me matar. Fui salvo por Alonzo, empregado de Atir. Depois disso, comecei a me lembrar de algumas coisas, nada muito conclusivo. Algum tempo depois, resolvi verificar se, na biblioteca da Catedral, havia alguma informação a meu respeito, pois sabia que os superiores guardavam anotações sobre cada um dos membros da ordem. Encontrei um livro que tinha como título meu nome. Li coisas do meu passado das quais não me recordo e percebi que realmente haviam feito alguma coisa com a minha cabeça.

– E quanto a Weiss, por que você quer descobrir sobre o passado dele?

– Estou certo de que ele está envolvido com o que me fez perder parte da memória. Além disso, algumas páginas estavam arrancadas do livro que tinha o nome dele. Fiquei imaginando que poderia haver uma cópia mais completa desse livro.

– Muito bem, Archibald, obrigado por falar a verdade. Agora entendo melhor suas motivações. Se estivesse em seu lugar, talvez tivesse agido como você. Por isso você tem meu perdão.

– Obrigado, meu amigo! – naquele momento, Archibald sentiu que todos os laços de amizade que tinha com Kyle não só se reatavam, se fortaleciam.

– Agora, o que temos a fazer é esperar mais um pouco.

– É verdade, não tenho mais tanta fé nisso nem tenho certeza de que alguém vá me ouvir. Neste momento, apenas sinto que preciso orar, pedir proteção para nossos amigos, pedir pelos que sofrem e também pedir sabedoria para fazermos o que for certo.

– Concordo, Archie. Vamos esperar e orar.

CAPÍTULO 61

– Noran, você consegue sentir se Mishtra está por perto?

Noran parou de andar, colocou a mão esquerda sobre a fronte, fechou os olhos e concentrou-se por alguns momentos, durante os quais puderam ouvir o som de pássaros e insetos da floresta de Shind.

– Estranho, até pouco tempo atrás, podia sentir sua presença e ela não estava longe.

– Será que foi morta? – indagou Kiorina, preocupada.

– Morta? Não. A morte de alguém com que se tem um laço não passa despercebida, mesmo a uma distância muito maior.

– Então, como você explica isso? – disse Gorum, retirando a espada da bainha.

– Não sei, pode ser uma interferência ou mesmo alguma propriedade da floresta.

– Vamos seguir, ela sabe se cuidar. – sugeriu Kiorina.

– Isso é verdade. – veio uma voz grave, serena, um pouco rouca e familiar.

– Rodevarsh! – exclamou Noran.

Andando como quem flutua, o silfo ancião saiu de dentro de um denso arbusto. Vestia uma fina capa de seda negra, que cobria todo o seu corpo, inclusive os braços, cruzados.

– O que você fez com ela? – inquiriu Noran, num tom exaltado, ao mesmo tempo em que transmitia a Kiorina e Gorum uma mensagem mental. “Preparem-se, ele é um dos necromantes!”

Rodevarsh caminhou calmamente, aproximando-se dos três. Seus cabelos cor de neve se moviam de maneira estranha, como se tivessem vida própria. Concentrava o olhar de seu único olho em Noran, sem sequer desviá-lo para Gorum e Kiorina.

– Vim pessoalmente aprisioná-los. Sugiro que não lutem, pois seria em vão e poderia causar mortes indesejadas.

Gorum disse, com uma ira perfeitamente controlada.

– Olha, Sr. silfo, se o senhor fez algum mal a Mishtra, tenha certeza de que providenciarei ao menos uma boa morte indesejada.

– Você tem a língua afiada, velho cavaleiro; eventualmente, ela pode lhe causar um belo ferimento.

– Somos tão temperados, tão controlados, não somos? – disse Noran, ironicamente.

– Querendo ou não, jovem tisamirense, você está infectado pela mesma moléstia que matou seu querido mestre.

– Do que você está falando? Que moléstia?

– Uma moléstia muito rara. – disse Rodevarsh, enquanto Noran o olhava. – Você me irrita! Essa é sua moléstia e também era a de Kivion; assim como o matei por ela, matarei você!

– Não! – gritou Noran. Sua fúria subiu a um patamar nunca antes alcançado. A ira transformou-se numa espada de pura energia mental, que ele orientou com violência na direção da mente do silfo, na intenção de destruí-la completamente.

Aconteceu, no entanto, que Noran ficou inteiramente rígido e, após uma forte contração de todos os seus músculos, caiu no chão. Rodevarsh esboçou um enorme sorriso, que se transformou rapidamente numa risada rouca e sádica e logo numa gargalhada terrível e alta, que intimidou qualquer ação de Kiorina e Gorum, os quais não puderam fazer nada além de olhar o silfo com horror. Rodevarsh gargalhou com as mãos dentro da capa que cobria seu corpo. Quando retirou a mão esquerda, segurava uma espécie de bola de cristal profundamente azul e perfeitamente polida. Kiorina gaguejou um pouco, o que não costumava fazer.

– O-o-o q-que é isso?

– Isso, minha linda flor de fogo, é o Orbe do Progresso.

Gorum levantou sua espada e avançou contra Rodevarsh.

– O que você fez com Noran, miserável?

Rodevarsh moveu-se tão rápido, que parecia apenas um borrão. Uma série de golpes se sucederam e, num piscar de olhos, Gorum tombou no chão, apenas com o cabo da espada na mão. Pedacos da lâmina estavam espalhados ao redor de seu corpo. Gorum contorceu-se no chão, tossiu e gemeu um pouco. Rodevarsh virou-se para Kiorina e sorriu.

– Agora você, pequena flor de fogo.

Kiorina estava recitando um feitiço poderoso, mas sua habilidade já era tal, que não precisou gesticular ou falar para fazer o encantamento; apenas cerrou os olhos e surgiu do nada uma chama que avançou na direção de Rodevarsh, pegando-o de surpresa. Quando o atingiu, houve uma explosão tão forte, que o arremessou para trás, além da própria Kiorina. O estrondo ecoou pela floresta. A feiticeira, um pouco atordoada, conseguiu levantar-se. Viu que Rodevarsh também estava se colocando de pé.

– Surpreendente! – disse ele. – Não imaginava que você estivesse tão forte, menina.

O silfo despreendeu o botão prateado que prendia sua capa à gola da túnica avermelhada que vestia. A capa e parte da túnica estavam queimadas. Com as mãos, ele jogou seus cabelos, que estavam sobre o rosto, para trás da cabeça, movimento de vaidade que provavelmente salvou sua vida, pois, nesse momento, seu braço foi atingido por uma flecha, cuja ponta não penetrou sua cabeça por um triz. Na direção oposta, Mishtra rapidamente preparava uma outra flecha. Rodevarsh urrou e deu um salto inacreditável. Pulou para trás, girando no ar, o que resultou numa cambalhota perfeita. Antes de atingir o solo, porém, partiu-se em dezenas de pedaços escuros, que não chegaram a tocar o chão, nos quais surgiram asas; um bando de pássaros se espalhou, voando para todos os lados. A única coisa que tocou o solo foi a flecha manchada com o sangue de Rodevarsh, que Mishtra havia atirado.

A silfa aliviou a pressão que fazia sobre o arco e suspirou silenciosamente, mas não relaxou por muito tempo. Gorum começava a se recuperar e se pôs de pé. Mishtra se esforçou e conseguiu transmitir seus pensamentos para Gorum e Kiorina, simultaneamente. “Preparem-se para fugir! Há uma dezena de batedores do meu clã se aproximando. Eles acreditam nas mentiras de Rodevarsh. Acreditam que fomos nós os assassinos dos outros anciãos do meu clã.”

Parecia que Noran não recobriria a consciência no tempo necessário, talvez nem a recobrasse mais. Apesar das contusões, Gorum estava bem, com forças para correr e ainda carregá-lo nas costas.

“Rápido, por aqui!” – foi o pensamento de Mishtra.

Kiorina tentava recuperar um pouco do fôlego perdido, para gerar a explosão de fogo, e corria como podia. Mishtra tinha que diminuir seu ritmo,

se queria que os dois a acompanhassem. Em poucos momentos, escutaram barulho de água corrente.

“Dentro do córrego teremos mais chance de despistá-los.” – transmitiu Mishtra, olhando para trás.

Entraram no córrego, cuja água estava gelada, próxima da temperatura de congelamento. Não puderam suportar o frio por muito tempo e, contrariando a lógica, voltaram para a mesma margem de onde vieram.

“Conheço um esconderijo deste lado do riacho; é melhor nos escondermos aqui.”

Mishtra ajudou Gorum a subir com o corpo de Noran para a copa de uma árvore, que mostrava sinais de ter sido queimada havia uma ou duas estações, pois ela resistira e sinais indicavam que, com a chegada da primavera, viriam os brotos. Em sua copa, havia algo como o resto de uma construção. Assim que se alojaram numa espécie de câmara suspensa, Kiorina colocou sua magia para funcionar, aquecendo todas as roupas e secando a água gelada.

“Acha que ele está bem?” – perguntou Mishtra a Gorum, sem palavras.

– Seu corpo parece estar em bom estado, seu coração é forte. – respondeu Gorum, examinando Noran.

– Que árvore estranha... – comentou Kiorina.

“Foi a casa de um ancião do meu clã, chamado Nefrish. Ele foi morto por bandidos pouco antes de vocês chegarem a Shind.”

– Tenho a sensação de que sei a laia desses bandidos... – comentou Gorum.

– Agora percebo. Com todos os anciãos fora do caminho, Rodevarsh deve ser o líder do seu clã. – sugeriu Kiorina.

“Percebi que meus companheiros estão muito irados, e não é para menos, pois acreditam que assassinamos Lourish, Lalith e Roubert.”

– Roubert? – Gorum olhou para baixo e lamentou-se.

– Você o conheceu, não foi, Gorum? – quis confirmar Kiorina.

– Sim, nós lutamos juntos na guerra dos bestiais, na minha juventude. Era um silfo de honra incomparável.

– Ao que parece, as pessoas de bom caráter não resistem às conspirações desses malditos! – exaltou-se Kiorina. Seus olhos verdes se encheram de lágrima. Não se via mais o olhar de uma menina; nele não havia inocência, perdida talvez cedo demais. Aquele olhar agora refletia algo mais

que uma simples mágoa. Havia nele ódio pelos necromantes e suas terríveis ambições, pelo que faziam com as pessoas, pela ruína que provocavam, pelas vidas perdidas. Ela mesma perdera sua liberdade, a chance de estudar, de viver em paz, de amar. Ela então dava vazão às generosas lágrimas que rolavam silenciosamente por sua face.

Gorum sentiu o impulso de consolá-la, mas ficou inibido pelo olhar penetrante da moça. Ele sabia que aquela menina era agora uma mulher, transformação que ocorreu ali, diante de seus olhos. Ela não precisava falar mais nada, ele sabia vê-la e entendê-la.

– Nós vamos impedi-los, Kiorina, e também faremos com que paguem por tudo o que fizeram.

Com a fala de Gorum, Kiorina despertou da espécie de transe em que se encontrava. Pela primeira vez, depois desse tempo todo, reparou como Gorum havia envelhecido: seus cabelos estavam mais brancos, sua barba, totalmente grisalha, havia rugas profundas em volta dos olhos do gigante, e sua testa estava definitivamente marcada. Apesar disso tudo, ele ainda tinha um grande espírito de luta. Nada parecia ter tomado o espaço do seu lado bondoso e bem humorado, que, nesses dias difíceis, se manifestava com menor freqüência. Tudo parecia perto do fim. Aos poucos, as manifestações de bom-humor e até de bondade pareciam, cada vez mais, ter menor importância, diante dos problemas que surgiam, um após o outro.

CAPÍTULO 62

“Mestre! Mestre, perdoe-me, eu falhei!

A voz de Noran ecoava em perfeitas repetições. Depois que as palavras saíam de sua boca, retornavam a seus sentidos repetidas vezes, indefinidamente. Era um ciclo vicioso, inquebrável. Uma coisa estranha, difícil de ser descrita, acontecia simultaneamente. Percebia imagens de pessoas que morreram por causa de suas sondagens mentais, trabalho sujo que foi obrigado a fazer para os necromantes e que, com o tempo, o dominou. Através dele, denunciou os que se oporiam aos planos de conquista de Arávner, seu segundo mestre. As imagens ecoavam refletidas em uma abóbada esférica e retornavam, formando rastros cíclicos multicoloridos. Os pensamentos de suas vítimas giravam em órbitas elípticas em torno de suas imagens. Pensamentos impuros, pedidos de misericórdia, gemidos e gritos, tudo ao mesmo tempo, repetindo-se infinitamente. Noran parecia estar perdido para sempre, no meio de um círculo perfeito. Ele não conseguia aliviar sua mente e qualquer elemento que entrava no campo de sua percepção logo assumia um aspecto interativo. Às vezes, passava por um dos centros daquela estranha construção espacial uma conversa que nunca tivera com seu mestre Kivion.

Ele estava sentado num tronco de árvore seca; era um outono ainda por vir. Mastigava folhas de uma erva estranha, que diziam ser perigosa, possivelmente venenosa. Estava velho como sempre, mas, durante a conversa, rejuvenescia, até virar uma criança e, por fim, um ovo, que era uma semente da árvore seca na qual estava sentado. Kivion falava do novo elo, pois o anterior fora rompido, mas substituído. Todas as vezes que Kivion passava perto dos focos, ele dizia a mesma coisa:

– O mundo em que vivemos move-se em círculos, porém está para nascer um novo elo.

O que seria esse elo? De repente, voltava a se escutar dizendo:

– Mestre! Mestre, perdoe-me, eu falhei!

De outro lado, vinha uma voz a sussurrar:

– Isso, minha linda flor de fogo, é o Orbe do Progresso.
Explosões de luz, vastos campos de escuridão, ecos, solidão perpétua.

“Não adianta! Não consigo resposta alguma. Seu corpo vive, mas não há nenhum sinal de sua mente.” – constatou e comunicou Mishtra, após horas de exame cuidadoso.

– Você acredita que o que fez isso com Noran foi aquela bola reluzente, Kiorina? – quis saber Gorum.

– Isso mesmo. Pela história que o Sr. Alunil, ou melhor, o velho Modevarsh nos contou, o tal Orbe do Progresso deve ser um item de grande poder, vindo da época da guerra de milênios.

“Eu vi quando Rodevarsh se aproximou de vocês. Tentei usar minhas capacidades de comunicação duas vezes, mas falhei. Na verdade, escutei um eco do que tentei comunicar de volta na minha cabeça, fato muito estranho.”

– Resolvido. Agora faz sentido. O Orbe deve ter a capacidade de anular e ainda refletir certos efeitos mágicos ou do Jii. Noran deve ter sido vítima de seu próprio ataque. – disse Kiorina.

– Essa não é a minha área, mas acho que faz sentido. – replicou Gorum.

– E agora, garotas, o que vamos fazer?

“Acho que já podemos tentar seguir nosso caminho. Não temos alternativa.”

– Então, vamos; não vejo a hora de reencontrar Kyle e Archie. – expressou Kiorina, com muita preocupação no olhar.

“Saindo agora, chegaremos aos arredores de Kamanesh ao anoitecer.”

No início da tarde, chegaram aos limites da floresta de Shind. Era um pouco estranho não terem encontrado nenhuma dificuldade adicional para deixar a floresta, o que podia ser simplesmente sorte, mas também intenção de seus perseguidores.

Mishtra pediu uns instantes para observar seu lar, senti-lo e despedir-se dele. Estava com uma forte sensação de que não voltaria a Shind por muito tempo, talvez para sempre.

Desceram as escadarias naturais do planalto de Or e seguiram em direção a Kamanesh. Quanto mais perto, maior era a apreensão. Seria o

primeiro contato com o reino dominado pelos necromantes. O que estaria à espera deles? Pouco antes do anoitecer, chegaram a Tanir, uma vila próxima. Acontecia uma comemoração, e a vila estava movimentada. Isso ajudou um pouco, mas era impossível passarem despercebidos. Gorum carregava o tisamirense desmaiado, Mishtra era uma jovem e bela silfa e Kiorina, uma moça ruiva; todos vestiam roupas estranhas, velhas ou rasgadas. A fim de chamar um pouco menos a atenção, usavam capuzes de couro, conseguidos no antigo condado de MontGrey. Esperaram a noite cair, para uma maior aproximação.

Músicos animavam uma grande dança coletiva, alguns mambembes faziam apresentações em pequenos palcos, dezenas de barracas ofereciam comidas e bebidas e havia as de adivinhação. No meio de toda aquela agitação, Kiorina se fixou numa barraca. Suas lembranças voaram longe e chegaram ao dia em que Kyle se ordenara cavaleiro, um dia perfeito; talvez nem tanto, o que acontecia era que qualquer dia daqueles tempos parecia ser muito melhor que um de agora... Por que aquela barraca lhe era tão familiar?

– Gorum, Mishtra, preciso de um pouco de tempo; por favor, me aguardem.

Kiorina foi em direção à barraca, levantou a lona e entrou.

– Numa situação dessas ela vai se consultar com uma cartomante! Ha, ha, mulheres... – disse Gorum.

Mishtra olhou para ele muito séria, com o olhar reprovador.

– Calma, Mishtra, foi só uma brincadeira. Na realidade, ela deve ter um bom motivo.

A silfa não ligou muito para a explicação; continuava tensa, muito tensa. Gorum olhou para o alto, levantou as sobrancelhas e pensou que ainda precisava aprender muito sobre o senso de humor dos silfos.

Kiorina soltou lona e mirou os olhos da vidente, de um azul intenso. Tentou desviar-se dos penduricalhos, como havia feito da outra vez.

– Seja bem-vinda à barraca de Giordana. Por favor, queira se sentar.

Kiorina sentou-se e ficou calada.

– Você está muito mudada. – constatou Giordana, vestida com o mesmo vestido vermelho da última vez. – Você amadureceu muito.

Kiorina continuou calada, observando a vidente.

– Como está seu amigo? Espero que esteja bem.

– Eu também espero. – disse finalmente a ruiva e resolveu ir direto ao assunto: – Você é de Tisamir, não é?

– Sim. – disse Giordana, melancólica. – Você esteve lá?

– Já. É uma cidade muito bonita.

– É verdade. – concordou a moça, passando a mão na testa. – Sinto falta dela.

– Por que não volta? – Kiorina percebia a tristeza da mulher.

– Talvez um dia... O que a traz à minha barraca, em tempos negros como estes? Veio apenas saber se sou de Tisamir?

– Por que você diz: ‘tempos negros’?

– Pelo que sinto, você sabe do que estou falando.

– Então você também sabe sobre os necromantes?

– Necromantes? Então é isso. São eles os responsáveis. Havia imaginado algo assim.

– E o que você sabe, então?

– O que minha percepção me permite. Percebo pequenas diferenças, um aumento na quantidade de espíritos ruins, mudanças de atitude em algumas pessoas, mudanças de posições de poder, mortes estranhas, pessoas desesperadas, perseguidas, fugitivas. Em geral, isso não atinge todo o povo, para quem a vida continua, não vê? – disse a mulher, indicando a festa que acontecia lá fora.

Enquanto isso, ficava cada vez mais difícil Gorum e Mishtra passarem despercebidos.

“Olhe, Gorum, aqueles guardas estão vindo para cá.”

– Droga. – Gorum depositou cuidadosamente o corpo de Noran no chão.

– É melhor ficarmos prontos para lutar, se necessário. Ainda estão vindo? – disse, ajoelhado, fingindo conversar com Noran.

– Estão, sim.

– Ei, você! Algum problema? – perguntou um dos soldados, que vestia um uniforme de couro reforçado, com uma placa de metal sobre o peito.

– O de sempre, senhor! Meu cunhado sempre exagera com a bebida...

– Vocês estão juntos? – perguntou outro para Mishtra, que suou frio. – E então?

– Minha irmã é muito tímida, tanto que sua voz quase não sai.

– Vocês não são daqui. De onde são?

– Viemos de Wuri. – respondeu Gorum.

– Wuri? Muito bem, fiquem longe de problemas.

Mishtra respirou aliviada.

Na barraca, Kiorina respirou fundo.

– Vou perguntar de uma vez. Você pode ler pensamentos?

– Sim, mas sou melhor com sentimentos.

– Você conheceu um homem chamado Noran?

Giordana fechou os olhos. Em seguida, Kiorina pôde perceber lágrimas na face da mulher, desmanchando um pouco da forte maquiagem que usava. De repente, Kiorina ficou triste e chorou. De alguma forma, compartilhava a dor da moça.

– Desculpe-me fazê-la sofrer, Kiorina.

– Então, além de perceber, você pode compartilhar emoções?

– Sim. Neste caso, perdi o controle. Havia anos não escutava esse nome.

– Você o odeia?

– Não, não é ódio, apenas mágoa.

– Se ele precisasse de sua ajuda, você o ajudaria?

– Não.

– Não, mesmo? Bem, não sei o que houve entre vocês, mas, se já gostou dele um dia, talvez queira saber que está aqui, nesta vila, e precisa de sua ajuda.

– Agora entendi! Foi ele, não foi? Ele mandou você aqui. Diga a ele que nunca vou perdoá-lo, entendeu?

– Você está enganada. Ele não pediu nada, não está em condições de pedir. Também já não bebe nem come. Está muito mal e pode morrer.

– Morrer? O que aconteceu com ele?

– Sua mente parece estar trancada. Aconteceu durante uma luta que tivemos recentemente.

– Luta? Noran fora de Tisamir e lutando? É difícil acreditar. Você não está mentindo, está?

– Se duvida, por que não vem comigo para vê-lo?

Giordana ficou em silêncio e olhou para baixo; balançava a cabeça; parecia estar em conflito.

– Você nos ajudaria? Por favor, Giordana, eu peço, esqueça o passado e nos ajude.

CAPÍTULO 63

– É como eu disse, senhorita, não temos mais quartos disponíveis. – era a voz do dono da estalagem, homem de longos bigodes negros, vestido com uma camisa branca, um pouco amarrotada.

Kiorina fez uma cara digna de piedade e insistiu.

– Por favor, senhor, tem certeza que não sobrou nenhum? Nosso amigo está muito mal e precisa de um lugar para descansar.

– Há um quarto mais velho, nos fundos, mas não está em boas condições... – disse o estalajadeiro, puxando o bigode.

– Não somos muito exigentes. – replicou a ruiva.

O homem deu de ombros, pegou uma chave atrás do balcão e levou-os até um quartinho pequeno e empoeirado, onde havia duas camas e uma mesa, cobertos por lençóis brancos. As camas pareciam estar quebradas e remendadas, a janela também tinha vários remendos, o chão e o teto estavam esburacados.

Gorum entrou com Noran nos braços e colocou-o sobre uma das camas. Atrás dele veio Giordana, que parecia incomodada com a situação. Logo que chegou, Mishtra sentou-se na outra cama e retirou suas botas, o que lhe deu um grande alívio.

– Vou acertar os detalhes da hospedagem. – disse Kiorina, saindo.

Quando a porta se fechou atrás dela, a música e os ruídos da festa pareceram mais distantes. Gorum e Giordana trabalharam juntos para deixar Noran mais à vontade, retirando seus sapatos e afrouxando o cordão da gola de sua camisa. Ela se sentou ao lado de Noran e iniciou sua concentração.

“Quer me ajudar?” – perguntou Giordana a Mishtra, através do pensamento.

“O que eu posso fazer?” inquiriu a silfa.

“Se estabelecermos um elo entre nós, você pode tentar me buscar, caso eu me perca na mente dele.”

“Tudo bem. Como fazemos?”

Giordana concentrou-se e, após alguns momentos, disse a Mishtra: “É terrível! Então ele também a feriu! Por que devemos ajudá-lo?”

“No meu caso, ele tentava me ajudar. Descontrolou-se, não foi culpa dele. E o que sugere? Deixá-lo morrer de fome e de sede?”

“Acho que não devíamos deixar isso acontecer com ninguém, não é?”

“Talvez...”

“Muito bem, vou entrar...”

“Boa sorte, Giordana!”

Passado algum tempo e imperando o silêncio dentro do quarto, Gorum ficou um pouco impaciente. Pensou em comunicar o que ia fazer, mas achou melhor sair sem falar nada. Foi procurar o dono da estalagem.

– Pode me dizer se viu a mocinha ruiva?

– Sim, ela me pediu para passar-lhe um recado. – o estalajadeiro puxou seu bigode novamente, pegou e abriu o livro que estava sobre o balcão, aproximou o candelabro para dar maior visibilidade e leu: – Fui a Kamanesh ver meus pais. Em breve, retorno.

Gorum pressionou os dentes e teve um mal pressentimento.

– Ela não disse mais nada?

– Não.

O gigante ficou alguns instantes diante do balcão, pensando no que fazer. O estalajadeiro perguntou:

– Você é o cavaleiro Gorum, não?

Gorum ficou surpreso, não respondeu imediatamente, mas acabou confirmando com um gesto.

– Ouvi dizer que o senhor morreu na guerra.

– Enganaram-se.

– É... Existem uns rumores por aí, sabe?

Gorum sentiu um tom de ameaça na voz do homem.

– Que rumores?

– Histórias de gente que volta a viver, depois de morrer, gente que se envolve com bruxaria.

– Disso me protejo e procuro ficar longe. – respondeu Gorum, naturalmente.

– Mesmo? Podia jurar que aquela moça de vermelho era uma espécie de bruxa.

Gorum irritou-se com o dono da estalagem, avançou sobre o balcão e levantou-o pela gola da camisa.

– Escute aqui, Sr. Bigode, se estiver insinuando qualquer coisa ou quiser tomar alguma providência, faça de uma vez. Do contrário, fique na sua, se não quer que eu arranque seu bigode com as mãos! – e soltou o estalajadeiro, que não podia se decidir entre a surpresa e o pavor.

O velho cavaleiro seguiu em direção ao quarto e entrou apressado. Mishtra encontrou seu olhar; trocaram pensamentos.

“Silêncio, apenas pense.” – orientou ela.

“Precisamos sair daqui o quanto antes. O bigodudo desconfia de nós e pode chamar as autoridades. Será que Giordana ainda vai demorar muito?”

“Não sei, mas posso ir atrás dela.”

“Então, faça isso, temos que ir logo.”

O medo existia, é claro, mas Kiorina já havia passado da fase em que ele limitava suas ações. Esta era agora a tendência da moça: agir primeiro e depois se preocupar. Finalmente, após uma longa caminhada solitária e um pouco assustadora, Kiorina de Lars chegava à cidade natal, Kamanesh.

O inverno dava sinais de que cederia espaço à primavera, mas, ainda assim, era um fim de madrugada muito frio. Algumas vezes, usou sua magia para aquecer o corpo. Sua fome era muita, e a casa de seus pais ainda estava longe. A cidade começava a acordar. Havia poucas pessoas nas ruas, especialmente por causa do frio. Colocando o capuz sobre a cabeça, não resistiu ao cheiro de pão assando numa padaria próxima, que estava aberta. Ela usou um pouco do dinheiro que haviam conseguido na mina e logo estava caminhando com um saco cheio de pães frescos. Comeu um no caminho, mas guardou o resto para dividir com os pais. Planejava vê-los rapidamente e voltar para Tanir.

No caminho, estava o galpão onde funcionava a tecelagem e confecção de seu pai. Resolveu dar uma olhadinha, talvez visse Jeero. Ao virar a esquina, no entanto, algo mudou. Sentiu um calafrio percorrer sua espinha e ficou paralisada por alguns instantes. O galpão não passava de um monte de escombros. Havia sinais de fogo também. Seu coração disparou e, no

instante seguinte, estava correndo na direção de sua casa, que já não estava longe. O dia clareava, o sol queria surgir. Chegou apressadamente na porta e bateu com o elo de metal três vezes. Logo depois, percebeu uns detalhes diferentes. Havia um cordão amarelo pendurado ao lado, algo como uma campainha. Puxou e escutou uma espécie de sino grave soar. Olhando em volta, percebeu outra novidade: um globo feito de mármore verde, pendurado numa corrente que se prendia a uma haste em cima da porta.

O que teria acontecido com o negócio de seu pai? Por que havia aquelas coisas na sua casa? Seus pais não gostavam de campainhas, muito menos de adornos estranhos, como aquele globo de mármore. Mesmo com o frio, suave por causa da tensão e ansiedade, que mal podia suportar.

Finalmente a porta se abriu e surgiu um homem estranho, cujas feições não pôde identificar na contraluz.

– Kiorina, minha querida ruivinha, seja bem-vinda ao lar!

– Chris Yourdon! O que está fazendo na minha casa? – disse ela, perplexa, reconhecendo-o pela voz.

– Esta não é mais a sua casa, mas a minha.

– Que brincadeira é essa? Onde estão meus pais? O que aconteceu com a tecelagem? – perguntou Kiorina, nervosa.

– Seus pais? Hmm... deixe-me ver...

– Fale logo, desgraçado!

– Está irritadinha, heim? Parece que as coisas voltaram ao normal! Pensei que você havia mudado desde a última vez que nos encontramos...

Lágrimas encheram os olhos de Kiorina, que suplicou:

– Por favor, pare de brincar com isso e me diga onde estão meus pais.

– É... você mudou, está com uma aparência terrível. – Chris, percebendo que Kiorina estava a ponto de explodir, decidiu falar o que a moça queria. – Acho que seus pais estão presos.

– Presos? Como assim?

– Eles foram acusados de serem rebeldes.

– Rebeldes?

– Então não ouviu falar? Onde você esteve, nas luas? Os rebeldes são todas as pessoas que não aceitam o legítimo reinado do nosso glorioso rei, Maurícius, o magnífico. Aqueles que conspiram e agem contra nosso rei são rebeldes.

Lágrimas rolaram pela face de Kiorina, que falou, com a voz embargada:

– Quando e como isso aconteceu?

– Semana passada... Seu pai usava a tecelagem para esconder rebeldes. Foi denunciado por um dos empregados. Se não me engano, depois de presos, foram executados.

– Executados? Como você diz isso assim, monstro? Você não tem coração?

– Deve ser porque eu sou um monstro mesmo. Há um segredinho que quero lhe contar: tudo aconteceu por sua culpa. – Chris sorriu sadicamente. – Afinal, você não devia ter escapado da mina, isso irritou muito meu mestre.

– Desgraçado! – Kiorina socou a face de Chris com tanta força, que machucou a mão. Ele não pôde se defender, pois não era o tipo de ataque que esperava da moça; havia se preparado para se defender contra magia. O golpe foi de violência tal, que Chris caiu sentado e ficou zozinho por uns momentos. Passou a mão no rosto e sentiu que seu nariz sangrava. Enquanto isso, Kiorina concentrava um poderoso ataque de chamas em volta de suas mãos. Um instante depois, projetou um grande pilar de fogo em cima do corpo de Chris, envolvendo-o completamente com chamas, que, em poucos instantes, espalharam-se pelos tapetes e cortinas da casa. O fogo se alastrou com incrível velocidade.

Kiorina afastou-se e viu que algumas pessoas, umas curiosas, outras com medo, aproximaram-se. O que faria? Teria de sair rápido, pois, aos olhos do povo, era uma bruxa assassina. Correu na direção de onde viera. Foram apenas alguns passos, até sentir um novo calafrio paralisante.

– Espere aí, ruivinha! Não vou deixar a destruição da minha casa sair barato.

Kiorina, ainda de costas, se perguntou:

– Chris? Mas, como?

Quando se virou, viu e ouviu a resposta.

– De que adianta me atacar com fogo, se essa é a matéria do meu corpo, menina rebelde e miserável?

Kiorina pôde ver uma forma humana, composta de chamas, que saiu de dentro da casa e disse:

– Você e sua vulgaridade rebelde! Eu vou lhe ensinar o que é fazer magia com elegância.

A feiticeira não estava para conversa, queria apenas acabar com ele. Produziu um forte jato de vento, que forçou seu oponente a voltar o corpo para a forma original, antes que fosse literalmente apagado da existência. Quando voltou, ele estava nu; era possível ver que seu corpo fora bastante queimado. Kiorina tentou levantar o pé esquerdo, mas percebeu que ele estava preso ao chão. Viu que uma grossa camada de gelo havia se formado em torno de seu pé e subia rapidamente por suas pernas. Ainda tentou desfazer o gelo com calor, mas a força que Chris havia imposto àquela magia era muito grande para contrapor. Num piscar de olhos, todo o seu corpo havia sido envolvido por uma crosta de gelo.

– Fui muito esperto. Agora é só usá-la como isca, para que o mestre possa capturar também seus amigos rebeldes.

CAPÍTULO 64

O tempo de esperar e orar havia acabado. Archibald conduzia Kyle pelos corredores do mosteiro, que conhecia bem. Era tarde, nenhum dos Naomir estaria transitando por ali. A disciplina de horários para acordar e dormir era muito rígida e raramente quebrada. Isso deixava Archibald tranqüilo, mas Kyle tinha uma sensação ruim com relação ao que faziam.

Finalmente, chegaram à biblioteca. Não havia fechaduras, pois a disciplina era a grande fechadura daquele local. Apenas lá dentro, Archibald sentiu que era prudente acender a lamparina; talvez nem fosse, mas não havia alternativa, se quisesse ler alguma coisa. As estantes eram razoavelmente organizadas; Archibald rapidamente encontrou o que procurava. Pegou o volume que tinha o título Irmão Himil D. Weiss.

– É o que estava procurando? – perguntou Kyle, bem baixo.

– Um deles.

– Por que não leva e lê depois?

– Preciso ter certeza. Vou apenas folhear e ler alguns trechos, não vai demorar muito; enquanto isso, você podia vigiar a entrada, assim teremos mais segurança.

– Tudo bem.

Logo que Kyle foi em direção à entrada, Archibald procurou avidamente as partes que faltavam no outro volume. Estavam lá, estavam todas lá! Leu o seguinte trecho:

Hoje tive uma longa conversa com o irmão Weiss. O que eu esperava finalmente ocorreu, ele me falou sobre seu passado. Acredito que isso trará grandes avanços pessoais para ele. Quando esse irmão chegou ao mosteiro, não havia muitas informações a seu respeito, mas, segundo a avaliação realizada, foi considerado apto a receber o treinamento. Depois de seu acidente na guerra, ele ficou muito abalado e sabíamos que isso tinha alguma relação com seu passado. Discutimos muitas vezes a respeito da importância de conversar abertamente sobre esse assunto. A história é um pouco confusa e pode ser que eu não a tenha entendido bem. Ao que parece, Weiss tem

família em Kamanesh, mas seus familiares o ignoram. Ele tem um irmão mais novo, casado, pai de um filho, que, por sua vez, se casou e tem três filhos nascidos e um por nascer. De uma forma que ainda não ficou clara, Weiss teria sido rejeitado por seu pai e seu irmão, recebido todo o legado familiar. Notei que ele nutre um grande ressentimento por seu irmão e toda a sua descendência. Ele parecia muito confuso quanto a isso tudo e, apesar de ter revelado essas informações, foi pouco generoso com os detalhes. Enfim, apesar das tristes novas que obtive, estou otimista quanto à possibilidade de avanços. Certamente precisamos trabalhar esse ressentimento, convertendo-o em sentimentos benignos.

Logo abaixo, havia mais algumas anotações, pouco significativas. Parecia que o monge orientador de Weiss tinha muita dificuldade em obter mais informações. Weiss era muito fechado. Mais à frente, Archibald encontrou outro trecho que lhe chamou a atenção. O registro havia sido feito cerca de um ano após o do trecho que acabara de ler.

Hoje Weiss retornou de sua quinta viagem a Shind, de onde sempre volta com o espírito renovado. Desta vez, porém, voltou deprimido. Ele já sabia que nunca voltaria a andar ou correr normalmente, motivo a que atribuíamos sua tristeza excessiva, antes de saber sobre seu passado. Contou-me espontaneamente algo curioso, um pouco difícil de aceitar, mas que pode ser verdade. Perguntou-me se sabia o que acontecia com filhos de silfos e humanos. Respondi que ouvi falar pouco sobre o assunto. Ele disse que, quando não aberrações, nascem seres amaldiçoados. Revelou que seu pai era filho de um silfo e de um humano; conseqüentemente, tinha o sangue amaldiçoado nas veias. Disse que pensava em abandonar a ordem. Tivemos uma longa conversa, falamos sobre os deuses, não seria do feitio deles amaldiçoar pessoas desde o seu nascimento, sem dar a elas uma chance de provarem ser boas, trabalhadoras e felizes. Isso pareceu confortá-lo um pouco.

Archibald parou por alguns instantes para refletir e viu que já se passara muito tempo. Seria melhor seguir o conselho de Kyle e levar o livro para ler depois. Procurou o que falava sobre ele próprio e, com os dois no braço, seguiu em direção a saída. Ainda não podia ver Kyle, mas escutou um ruído. Disse baixo:

– Silêncio, Kyle! A história de Weiss é muito estranha... acho melhor irmos. Lerei o restante depois.

– Estranha? – indagou muito baixo uma voz familiar, que não era a de Kyle.

– Kyle?

– Coloquei seu amigo para dormir.

– Irmão Weiss?

– Quem mais, caro Archibald? Diga-me, jovem, até que ponto chegou na minha estranha história?

Archibald ficou sem ação e escutou o passo arrastado do monge, que, ao aproximar-se, foi iluminado por sua lamparina. Usava um manto dos Naomir e apoiava-se num bastão.

– Leu sobre meu irmão e sua descendência?

– Li.

– O que mais? Leu sobre o desgraçado do meu pai? Leu sobre como ele recusou seu primogênito, passando todos os bens para o idiota do Meinil, meu irmão?

Archibald franziu a testa ao escutar aquele nome, que lhe era familiar. Podia enxergar melhor Weiss, que parecia ter envelhecido um pouco, desde a última vez.

– O nome o faz lembrar algo? Aposto que não teve tempo de chegar na parte em que meu orientador escreveu seus ridículos relatos a respeito da minha identidade, quando revelei que, na verdade, não me chamava Weiss, nome que inventei, por não suportar o sobrenome do meu pai. Meu nome verdadeiro é Himil DeReifos.

O coração de Archibald disparou. Weiss era seu parente? Aquilo não fazia sentido algum! De repente, algumas peças foram-se montando em sua cabeça. Seu avô se chamava Meinil DeReifos e teve um filho homem, seu pai, que teve quatro filhos, sendo ele o mais novo.

– Você é irmão de meu avô?

– Sim, sorria, somos uma família!

– E quanto à história do sangue dos silfos? É verdade?

– Infelizmente é, e você também carrega sangue sílfico nas veias.

– Você está envolvido com os necromantes, não está?

– Mais do que você pode imaginar, rapaz. Agora que sabe, tem duas opções: juntar-se a mim ou morrer por minhas mãos.

– Por que acha que eu vou fazer seu jogo?

– Há dois motivos: primeiro, você não tem opção; segundo, preparei você para me suceder. – disse Weiss, sorrindo prazerosamente.

– Como assim?

– Acompanhei você desde o nascimento, planejei todos os eventos importantes de sua vida, conheço você, sei como vai agir.

– Como pode alguém planejar tudo? Isso não faz sentido!

– Por exemplo, sabe quando seus pais e irmãos morreram, atacados por bandidos? Você acha que foi obra do acaso?

– Não acredito...

– E sua namorada? Você ia fugir com ela, não? Se conseguisse, eu a perderia. Tive de dar um jeito...

– Não faz sentido, são mentiras! Você é um mentiroso! Você não tinha poder!

– Não zombe de mim, fedelho! Você pensa que o sangue dos silfos traz apenas desvantagens? Acha mesmo que sou um velho sem poderes? Ha, ha, isso é engraçado.

Archibald parou e pensou rápido em tudo o que passou e na possibilidade de Weiss estar dizendo a verdade. Pensou em Kyle, Mishra, Kiorina, Gorum. Pensou na guerra dos bestiais. Enfim sabia que Weiss era um dos necromantes ou estava intimamente ligado a eles. Além disso, era seu parente, mas, e daí?

– Velho desgraçado, espera que eu acredite nessas loucuras?

Weiss chegou bem perto e acertou, com o bastão, a mão de Archibald que carregava a lanterna. Ela foi ao chão, quebrou-se e espalhou o óleo, que imediatamente se inflamou. Weiss ainda desferiu uma seqüência de fortes golpes contra o abdome, o tórax e o rosto de Archibald, derrubando-o.

– Acha que tolero zombaria vinda de minha própria família?

Archibald estava zozado. Tentou levantar-se, retirou o bastão que carregava nas costas e posicionou-se para lutar.

– Você sabe o que é ter uma família? – indagou o jovem.

– Isso não importa, rapaz. Vou lhe oferecer a última oportunidade de colaborar comigo. E então, o que deseja? Poderei oferecer-lhe qualquer coisa: dinheiro, poder, mulheres, basta querer!

– Seu comportamento é vergonhoso! Não quero nada disso!

– Você não sabe, jovem, mas acabou de decretar sua sentença de morte.

Weiss avançou sobre Archibald, desferindo-lhe uma quantidade tal de golpes, que o rapaz mal podia aparar. O ex-monge sentia dores por todo o corpo, mas, misteriosamente, podia suportá-las de maneira fabulosa. Ele caiu sobre os joelhos, sentindo gosto de sangue na boca; também escorria uma grande quantidade de sangue de suas narinas; além disso, imaginava que pudesse ter quebrado um ou dois ossos.

– O que há com você, moleque? Como consegue ser tão controlado? Como pode não dar vazão à ira, depois de saber que matei todos de quem você já gostou, até mesmo seu amigo tolo e inútil, Kyle Blackwing?

– Você matou Kyle? – perguntou Archibald, entre os dentes.

– Claro! Ele agora dorme o sono eterno! Sucumbiu, assim como você e seus amigos inúteis irão sucumbir.

– Chega! Já agüentei demais! – gritou Archibald, enfurecido.

– E o que vai fazer, moleque? Apanhar mais?

Archibald levantou-se e começou a golpear Weiss num ritmo frenético e violento. O monge sorriu e se defendeu dos ataques, um após o outro, parecendo ter o controle da situação.

– Agora está melhor. – disse Weiss, com dificuldade. – Parece que valeu a pena investir tanto em você.

Archibald continuava o ataque e, a cada novo golpe, sua fúria aumentava, até que suas ações passaram a ser mecânicas, sem envolver nenhum pensamento. Weiss falava outras coisas, mas Archibald já não era capaz de interpretar o que ouvia.

O fogo havia atingido uma das estantes e se alastrava rapidamente. Archibald continuou atacando, até que aconteceu o inevitável: seu bastão atingiu com muita violência a garganta de Weiss, que caiu, largando seu bastão e levando as mãos ao ferimento. Os olhares de Archibald e Weiss se cruzaram e o monge sorriu. Observava a postura de Archibald, o brilho de ódio em seus olhos, sua respiração de animal enfurecido e a extrema tensão de seu corpo. Murmurou:

– Aconteceu! Magnífico! Aconteceu... é magnífico... – e morreu, com um sorriso maravilhado nos lábios e os olhos vidrados em Archibald.

– Archie!

Archibald virou-se e viu a imagem de Kyle, que parecia estar bem vivo. Kyle assustou-se ao encarar Archibald, pois seu rosto estava transfigurado e,

por um momento, teve a impressão de que seus olhos possuíam um terrível brilho avermelhado.

– Archie, estão todos mortos! Todos os Naomir estão mortos!

Archibald voltou a si e entendeu o que Kyle disse. Sentia muita dor nas costelas e no braço esquerdo, o suficiente para bambear suas pernas e fazê-lo cair. Kyle retirou-o rapidamente da biblioteca, que ardia em chamas, no meio das quais viu o corpo de um Naomir, mas não pôde reconhecê-lo. Antes de sair, teve a impressão de que aquele corpo se mexera; imaginou que fosse um apenas um espasmo.

Saíram em direção ao pátio do mosteiro, onde havia um pequeno estábulo. Livraram todos os animais e pegaram dois. Quando chegaram a uma certa distância do mosteiro, observaram que ele estava tomado pelas chamas. Archibald, ainda zozzo, não entendia bem o que se passava. Desceu do cavalo com a ajuda do amigo e dormiu. Kyle não conseguia tirar os olhos do mosteiro. Observou a construção ser consumida pelas chamas, até o amanhecer. Sentiu fome e se lembrou de buscar as coisas que tinham deixado atrás do mosteiro, dentre elas, mantimentos.

CAPÍTULO 65

Noran abriu os olhos; sua mente fora destrancada. Por alguns instantes, desejou que aquilo não fosse verdade. Era muito doloroso estar no mesmo quarto com duas mulheres nas quais causou tanto sofrimento. Ele sentia a presença delas, mas não ousava encará-las.

– Agradeço a ajuda de vocês.

Giordana levantou-se e deixou o quarto, sem dizer uma palavra. Noran compreendeu.

“Consegue andar?” – perguntou Mishtra.

– Acho que sim. – disse ele, virando-se na cama e colocando os pés no chão.

“Prepare-se, temos que tentar alcançar Gorum.”

– Onde ele foi?

“Foi atrás de Kiorina. Saiu pouco antes de o dia raiar.”

– Preciso beber e comer alguma coisa.

“Vamos providenciar isso rapidamente e sair.”

Pouco tempo depois, estavam na estrada que levava a Kamanesh, com o sol alto. Saíam de Tanir bem depois de Gorum.

– Será difícil alcançá-lo... – constatou Noran.

Escutaram barulho de cavalos e, pouco depois, avistaram dois cavaleiros se aproximando. Noran sondou suas intenções e viu que não eram nada boas. Estavam atrás de Gorum e quem quer que o acompanhasse. Tinham a missão de capturá-lo. O superior deles disse que o gigante era um rebelde e estava acompanhado de outros, inclusive bruxas e bruxos.

– Mishtra, demonstre calma, terei de agir. – avisou Noran.

Depois de tudo o que havia passado, Noran não estava em plena capacidade de uso de suas faculdades. Mediu a força de vontade dos cavaleiros e decidiu que não era necessário ferir suas mentes. Assumiu o controle de ambos, fazendo-os parar os cavalos. Os cavaleiros desceram e se deitaram no chão. Em pouco tempo, dormiram. Se a manipulação de Noran funcionasse perfeitamente, quando acordassem, acreditariam ter

bebido demais, dormido e perdido seus cavalos. Mishtra escolheu a espada de um dos cavaleiros para levar consigo e montou o cavalo cinza, após retirar dele a sela e os arreios, enquanto Noran pegou o corcel marrom avermelhado, com manchas brancas. Dispararam pela estrada com esperança de encontrar Gorum. Cavalgaram céleres pela estrada de terra batida, deixando muita poeira suspensa em seu rastro. Avistaram Kamanesh ao longe, de cima de uma colina suave. A vista forçou uma pequena parada. Era a mesma grande cidade. Em seguida, tocaram os cavalos colina abaixo.

– Encontrei! – exclamou Noran e estendeu seus pensamentos a Gorum: “Gorum, é Noran, estamos próximos, espere por nós.”

Ao longe, Gorum sentiu um leve calafrio ao captar a mensagem. Esperou pouco tempo e avistou os cavalos se aproximando. Reconheceu Noran e Mishtra e respirou aliviado.

– Noran, meu caro, estava preocupado com você. Achei que ia dormir para sempre.

– Isso foi decerto uma possibilidade. – constatou Noran, gravemente.

– É bom tê-lo de volta! Vejo que conseguiram esses cavalos com cavaleiros, não foi? – disse Gorum, examinando a sela do cavalo de Noran. – É melhor deixá-los, assim chamamos menos a atenção.

Caminharam cidade adentro. Havia alguma movimentação, mas os três dificilmente seriam ignorados.

– Vou tentar nos ocultar. – anunciou Noran.

Com grande esforço, Noran procurou projetar na mente de todos os passantes a imagem de um grupo de três camponeses, o que absorveu praticamente toda a sua capacidade de concentração.

Gorum conduzia-os pelo caminho que levaria à casa dos pais Kiorina. Avistou, na mesma direção, um grande cone de fumaça escura, que se projetava para o céu. Aquilo o deixou um pouco intrigado e fez com que apertasse o passo. Quando se aproximaram mais, avistaram uma multidão concentrada no local. A casa de Kiorina ardia em chamas e, ao que parecia, as tentativas de apagar o incêndio haviam cessado.

Mishtra, sabendo que Noran mantinha a concentração para disfarçar as aparências, pensou que poderia usar suas faculdades para coletar informação, mas, antes de abrir sua mente, duas pessoas ao lado deles fizeram comentários a respeito do acontecido.

– Você viu a luta? – disse um senhor de idade, bastante curioso.

– Não, acho que pouca gente viu. Quando cheguei, apenas vi a bruxa rebelde sendo levada. – respondeu um jovem bem vestido, carregando alguns canudos de pergaminho.

– Disseram-me que era a filha de Gálius de Lars, o alfaiate. Será que essa história de ela ter retornado dos mortos para vingar a execução dos pais é verdadeira?

– Não, velho! Eu vi um desses mortos-vivos uma vez. Ela estava bem viva.

– Então, será que ela é uma dessas bruxas que tiram gente dos túmulos?

– É possível.

– É verdade que foi um professor da Alta Escola de Magia que a capturou?

– É, um jovem professor, chamado Yourdon.

– E qual a diferença entre um desses magos da Escola e os bruxos?

– Não sei direito, mas acho que é a escolha de usar os feitiços para o bem ou para o mal. A magia é algo fascinante! Eu mesmo tentei ingressar na Escola, mas não passei nos testes. Você precisava ter visto como ele desfez a camada de gelo que estava cobrindo a moça, apenas estalando os dedos.

– Soltou a bruxa? Por quê?

– Velho tolo, se não a soltasse, ela teria morrido de frio e sem ar. Além disso, não se pode sair matando as pessoas assim, sem que sejam julgadas, especialmente bruxos e rebeldes.

– E ela reagiu?

– Não, quando foi libertada, estava muito fraca e caiu.

– Foi então que os cavaleiros do Duque a levaram?

– Foi, ouvi dizer que seria levada a Lacoresh. Pelo que falaram, através dela poderão encontrar o esconderijo dos rebeldes.

– Como é difícil viver em paz! Guerras, bandidagem e agora essa história de rebeldes! Nosso rei está fazendo tantas coisas boas pelo povo... Para que essa história de rebelião?

– É a busca pelo poder, velho. Você, que já viveu tanto, ainda não aprendeu?

– Ah, meu jovem, nos dias de hoje, só se pensa em poder... Será que não vai haver paz nunca?

Após ouvir essas coisas, Mishtra comunicou-se com Gorum e Noran. “Escutaram isso? Precisamos fazer alguma coisa! Temos que salvar Kiorina

desses monstros!”

– Talvez seja melhor nos encontrarmos com Kyle e Archibald primeiro. Eles já devem estar chegando. – sugeriu Noran.

Gorum estava para concordar, mas, antes que pudesse falar, sua atenção voltou-se para três cavaleiros montados, que abriam caminho no meio da multidão. Ao mesmo tempo, escutaram vários comentários.

– Mais rebeldes? – veio uma voz.

– Estão indo para a praça da Meia-Lua. – disse outra.

Noran comunicou com grande esforço, enquanto se deslocava. “Acho que devemos ir para lá também.”

Gorum e Mishtra seguiram Noran, que abria caminho na multidão, fazendo com que as pessoas saíssem, sem suspeitar da manipulação que sofriam. O tisamirense começava a sentir dores de cabeça, pois, além de comunicar-se e abrir caminho, continuava provendo o disfarce para si e seus companheiros. Pouco depois, chegavam à praça da Meia-Lua. Havia muita confusão; pessoas corriam; barracas de frutas haviam sido derrubadas; o chão estava coberto de frutas pisoteadas. Escutaram alguém gritar:

– É verdade! O cavaleiro Blackwing é um dos rebeldes!

Naquele momento, puderam ter certeza de que Kyle estava envolvido na confusão. Percebendo que um confronto direto seria inevitável, Noran abaixou a camuflagem que irradiava para as mentes de todos. Ao mesmo tempo, avisou seus companheiros. Nesse momento, Mishtra terminava de retirar o arco que estava atravessado em seu tórax e preparava uma flecha, que foi encontrar as costas de um dos cavaleiros montados que passaram havia pouco por eles. Ele tombou para trás e, ao tocar o solo, deslizou e girou até atingir a armação de uma barraca de peixes, que veio abaixo, cobrindo todo o corpo com a mercadoria.

Até aquele momento, nenhum dos três havia sido capaz de avistar Kyle ou Archibald, mas viram que havia uma confusão mais adiante. Dois dos três cavaleiros juntavam-se naquele momento. Gorum desembainhou sua espada e correu na direção da luta. Mishtra preparou outra flecha e colocou um dos dois cavaleiros restantes sob sua mira. Noran esforçou-se para continuar de pé e consciente do que acontecia ao seu redor; estava exigindo demais de si e sofria as conseqüências. O cavaleiro que Mishtra tentou alvejar fugiu da mira, ao descer com o cavalo para o nível do porto, onde, poucos degraus

abaixo de onde ficava a praça da Meia-Lua, Kyle lutava com um dos soldados da guarda do duque, um bom espadachim de meia idade.

Archibald estava ainda estava abatido depois da surra que levara de Weiss. Contava, porém, com o poder que invocara aos deuses para conseguir lutar. Empunhava o martelo de guerra que conseguira na batalha pela retomada de Grey. Com ele, havia derrotado dois dos soldados da guarda com certa facilidade. Um deles ainda estava consciente, agonizando, com um osso quebrado na perna direita. Durante o resgate na mina, Archibald ficara sabendo da história do martelo. Era uma arma forjada pelos anões, que possuía incomparável balanceamento. As runas gravadas no metal falavam sobre a família dos forjadores da bela arma.

Naquele instante, puderam ver dois cavaleiros montados descendo a praça da Meia-Lua. Sentiram que o fim se aproximava. Não haveria como escapar, pois logo haveria mais oponentes determinados a acabar com eles.

O soldado mais velho que lutava com Kyle disse:

– Conheci seu pai. Como você, filho de um herói, pôde tornar-se um rebelde, um antagonista do duque, inimigo do Rei? – fez uma pausa nos ataques.

– Eu não sou rebelde! Vocês todos estão sendo enganados por bruxos malignos, que tomaram o trono para si!

– Sinval! Não se deixe enganar pelos rebeldes! Acabemos com eles de uma vez! – comandou um dos cavaleiros que chegava ao local. Girava sobre a cabeça bolas de ferro presas a uma haste por correntes.

O cavaleiro que ainda estava montado avançou e atacou Kyle com as bolas de ferro. Kyle procurou defender-se com a espada, que se enroscou nas correntes da arma do cavaleiro. Com um forte puxão, Kyle foi desarmado.

O outro cavaleiro avançou como um louco para cima de Archibald. Ao aproximar-se do ex-monge, jogou-se com os braços abertos sobre o corpo de seu oponente. Com o forte impacto, Archibald deixou seu martelo cair. Os dois rolaram no chão. Quando parou de girar, Archibald tinha o corpo ferido por diversos espetos de metal que se projetavam da armadura do cavaleiro. Ficou zozzo, sem noção do que estava acontecendo e começou a ser castigado por uma série de socos que o cavaleiro direcionava contra sua cabeça e seu rosto. Começou a pensar coisas estranhas. “Então é assim?” – as palavras ecoaram dentro de sua cabeça; a sensação era de que tudo

demorava muito tempo para acontecer. “Eu vou morrer aqui, pelas mãos de um cavaleiro, depois de tudo o que fiz, de tudo o que descobri? E a história do sangue sílfico, de que me servirá?” – percebeu que outro soco se aproximava lentamente, via o punho cerrado do cavaleiro. “Por que está demorando tanto? Poderia até fazer uma oração completa, antes de essa mão atingir meu rosto.” – novamente foi atingido. Desta vez, acompanhou gotas do próprio sangue que subiam para o céu, iluminadas pelo sol. Pôde distinguir com perfeição detalhes do próprio rosto, refletido, de forma distorcida, numa das gotas. “Será que bebi alguma coisa? Será que é um tipo de sonho maluco?” – após aquele golpe, percebeu que o cavaleiro havia se ajoelhado, sentando-se parcialmente sobre seu abdome. Observou a maneira prazerosa com que o cavaleiro ergueu a viseira do elmo para encarar seu oponente. Seus olhos azuis e esbugalhados possuíam a mesma cor do céu naquele momento e brilhavam intensamente. “Que olhos redondos! Perfeitos e redondos! São tão bonitos, que dá vontade de guardar! Queria guardar esses olhos!” – Archibald piscou e escutou o cavaleiro gritar. Antes de abrir os olhos novamente, sentiu uma coisa molhada e gelatinosa na mão direita. Trouxe-a perto do rosto para ver o que segurava. Custou um pouco para entender. “Como esse par de olhos azuis vieram parar na minha mão?” – pensou, enquanto olhava a mão ensangüentada. Soltou os olhos e virou-se para ver o cavaleiro agonizando ao seu lado. “O que está havendo comigo? Por que as coisas estão acontecendo tão devagar?” – piscou os olhos novamente, mas o tempo que levou para abri-los foi tanto, que imaginou que dormira. No escuro, uma estranha imagem se formava em sua frente. Era um homem vestido com roupas incomuns, alguém que conhecia. Era Weiss. O que ele fazia ali, vestido daquele jeito? Que eram aqueles desenhos luminosos, com um brilho avermelhado, que fazia no chão e que permaneciam como que acesos? “Por que meu corpo está acorrentado? Por que estou nu? Por que estou deitado neste altar de pedra fria? Está tão frio... Agora ele faz estranhos desenhos em meu corpo. Seus dedos são gelados e gosmentos. O que será isso? Por que sinto tanto frio?” – abriu os olhos novamente. Kyle precisava de ajuda. Seu martelo estava enterrado na cabeça de um guarda. “Eu não lutei com esse guarda! Ah, sim, seu nome era Sinval. Ele conheceu o pai de Kyle. Agora, está morto. Kyle está morto também? Sua cabeça está sangrando, seus olhos estão fechados, mas o peito se mexe. Sim, ele respira, não morreu, apenas está dormindo. Mais um corpo com

armadura? Outro cavaleiro. Deuses, quanto sangue! Também, pudera, com uma espada atravessada em seu peito! Que força! Atravessar uma espada numa couraça de aço dessas não é para qualquer um. Olha só, é Gorum, ele também está aqui. Por que eu não entendo o que ele está falando? Por que os sons estão esquisitos? Por que estou pensando tantas coisas? Será que morri? Será que esse é meu espírito? Onde está meu corpo? De quem é essa mão quente que segura meu braço? Mishtra! Como você é bonita! Que olhos lindos você tem! Existem estrelas desenhadas neles. Como nunca pude vê-las? Lindas estrelas, lindos olhos... Não entendo o que você está querendo me comunicar, Mishtra. Por que você balança meu corpo? Não consigo dizer nada, é tudo tão estranho... O que está havendo comigo? Ei, olha lá, atrás daquela lona, é Alonzo, o braço direito do Sr. Atir. Noran, que olhar estranho... Você pode matar com esse olhar. Nunca antes havia visto nele a morte. Meus olhos estão coçando, preciso piscá-los. Fogo, livros, o mosteiro... Weiss, por que você está tão lento? Foi você mesmo, desgraçado, foi você que matou minha família, que matou meu amor. Por que fez isso comigo? Você merece morrer! Sofra! Não! Por que esse sorriso? O que aconteceu? Você tem é que sofrer, você não pode sorrir! Magnífico? O que há de magnífico em morrer? Responda! Quem está puxando meu braço? Ah, sim, o sol! Mishtra, minha bela Mishtra, para onde está me levando? Estamos na Praça da Meia-Lua de novo. Por que as pessoas não nos olham? Por que ninguém parece nos ver? Alonzo continua magro e cheio de olheiras. Eu me lembro, esta é a casa do Sr. Atir. Kyle também veio. Gorum o carregou, não foi, meu amigo? Calma, Kyle, você vai melhorar. Noran? Por que tanta dor? Deuses, ele desmaiou! Que veias enormes e pulsantes Noran tem sobre a testa e a fronte! Estou sentado. A mesa de madeira avermelhada, as cadeiras estofadas com veludo vermelho, como está confortável! O Sr. Atir não está? Sobre o que estão conversando? Por que meu corpo não responde a meus comandos? Por que tantos porquês? Oh, doce Mishtra, você está aqui de novo. Limpe meu rosto, meus ferimentos. Eu vejo estrelas em seus olhos e elas dizem que você me ama. Eu sei que você me ama! Como estou feliz! Sou amado! Mas está faltando alguma coisa... alguém... Kiorina! Por que Kiorina não está aqui? O que houve com ela? Está morta? De repente, minha cabeça está pesada. Que sono... que sono..."

CAPÍTULO 66

Era tarde no porto de Kamanesh; a cidade dormia, apenas bêbados, bandidos ou fugitivos estariam em atividade. Sem usar nenhum tipo de iluminação, algumas figuras, cujas silhuetas podiam ser vistas, caminhavam na direção de um barco, em silêncio, pois não queriam atrair a atenção. Havia alguns marujos a bordo, que se aproximaram e pareciam preparar o barco para zarpar.

– Muito obrigado pela ajuda, Alonzo. – agradeceu Gorum, carregando Archibald nos braços.

– Não há de quê. Tenho certeza de que o Sr. Atir aprovará minhas ações, quando retornar, mas, com isso, vocês ficam devendo um favor para a casa Atir, certo? – retrucou Alonzo, bem baixo.

– Qualquer coisa! – concordou, Gorum sorrindo.

– Vão de uma vez, é perigoso demais ficarem muito tempo aqui.

Sem demora, todos adentraram a embarcação. Era uma nau cargueira para expedições comerciais de curta duração, mas não estava longe de ser um navio capaz de cruzar oceanos. Alonzo deu as últimas orientações ao responsável pela embarcação e, antes de ir, revelou a Gorum:

– Quando chegarem em Lacoresh, o imediato colocará vocês em contato com os rebeldes, que poderão ajudá-los. Para nós, comerciantes, a ajuda que cedemos já ultrapassou os limites. Entenda, não podemos assumir riscos muito grandes, envolvendo-nos diretamente com a rebelião, apesar de saber que realmente ocorreu um golpe.

– Não se preocupe, Alonzo, estaremos bem.

Alonzo desembarcou, e logo os marujos colocaram o barco para descer o rio até a cidade de Lacoresh. O grupo imaginava que, descendo de barco até lá, teria chance de chegar antecipadamente à carroça que levava Kiorina. Talvez houvesse tempo de agir antes que ela fosse levada a um lugar bem guardado. Preparavam-se para dormir no compartimento de carga do navio. Mishtra havia se manifestado, informando que faria a vigília. Os outros se

acomodaram em cima de sacos vazios amontoados. O local era iluminado por uma vela num castiçal preso a uma pilastra de madeira.

– Consegue falar, Noran? – indagou Kyle.

– Sim, mas minha cabeça ainda dói muito. – respondeu ele, com os olhos fechados.

– Tem idéia do que pode ter acontecido a Archibald?

– Não sei bem, mas ele estava numa espécie de transe. – disse Noran e completou: – É melhor descansarmos um pouco. Amanhã falaremos mais e perguntaremos ao próprio Archibald, quando ele despertar.

Naquela noite, em alguma estrada não muito distante, havia uma carroça parada. Duas figuras estavam sentadas ao redor de uma fogueira. Assavam um grande pedaço de carne e se preparavam para a refeição. Um terceiro homem, vindo da carroça, juntou-se a eles.

– E então, Ruko, ela ainda dorme? – perguntou o homem velho, condutor da carroça.

– Sim, como uma pedra! Essa ruiva é um pedaço de mau caminho, não Felear?

Felear, um cavaleiro do duque que havia se ordenado junto com Kyle, comeu um pedaço de carne e respondeu.

– É. Ouvi dizer que é garota de Blackwing, Ruko.

– Acho que não é mais, ha, ha, ha! – zombou Ruko, que tinha péssimas maneiras e costumava cheirar mal. – O que me diz, Felear?

– O quê? – retrucou Felear, homem de cabelos castanhos, bem penteados, pele bem cuidada, muito limpo.

– Vamos acordar a garota e fazer uma festinha, só nós quatro! O que acha?

– Não! A moça é para o Sr. Yourdon, é direito dele! – alertou o condutor, afobado.

– E ainda será, velho idiota! Além do mais, como ele vai ficar sabendo? É só fazer com cuidado, que dá tudo certo.

– Esqueceu-se de que ele é um bruxo, Sr. Ruko? Ele saberá e então...

– Ora, não venha com essa, velhote, você está é com medo! Felear, o que me diz, hein?

– Não seja tolo, Ruko! Somos cavaleiros! Não somos homens sem honra, muito menos mercenários! Temos prestígio, somos respeitados. Não precisamos tomar mulheres a força! Você sabe muito bem, as donzelas se atiram para cima de qualquer um de nós. Tenha vergonha, homem! – explodiu Felear e continuou a comer.

– Ah, você e seu senso de justiça. Duvido que, quando aquele feiticeiro colocar as mãos nessa belezinha, vai maneirar e ser honrado.

– Isso é problema dele. E quem disse que feiticeiros precisam ter honra? Nós cavaleiros é que devemos resolver os problemas do reino quanto à honra. Portanto, seja honrado e zele pela reputação dos cavaleiros, pois você sabe muito bem o que acontece com aquele que a suja, não sabe?

– Sei, sei... Acho melhor irmos, então. Você e suas lições de honra e moral!

– Não se preocupe, Ruko, um dia você aprende.

Archibald despertou num salto. Assustado, procurou entender onde estava. Viu Kyle, Gorum e Noran dormindo a seu lado. Escutou som de água e entendeu que estava dentro de uma embarcação. Teriam sido feitos prisioneiros? O que havia acontecido? Lembrava-se de terem sido perseguidos até a praça da Meia-Lua, em Kamanesh. Deixaram os cavalos, na esperança de mesclaram-se com a multidão e conseguiram despistar os soldados que os perseguiam. Depois, haviam lutado e, usando o martelo de guerra, ele derrubara dois soldados, mas, e depois? Ah, sim! Um cavaleiro havia se jogado do cavalo.

– Que confusão! – resmungou.

Havia uma escada vertical que dava para a proa do barco. Subiu os degraus e levantou a grade de madeira que estava encostada. Logo que saiu, recebeu pensamentos em sua mente. “Archibald, querido! Você está bem?”

– Mishtra!

Assim que o ex-monge conseguiu ficar de pé, foi abraçado pela silfa. Seguiram-se beijos e carícias. Estavam apaixonados.

“O que houve com você? Eu estava preocupada!”

– Não sei, não me lembro bem, as coisas estão um pouco confusas na minha cabeça.

“Não importa! O importante é que você está melhor!”

– E Kiorina, onde está?

“Foi capturada. Está sendo levada para a cidade de Lacoresh.”

– Por Forlon! Como isso foi acontecer?

“É uma longa história.”

Sentaram-se na lateral do barco e assistiram ao nascimento do dia, enquanto conversavam. Mishtra contou-lhe tudo o que havia acontecido, desde a separação, dias atrás. Depois, Archibald narrou seu confronto com Weiss, no mosteiro. Revelou que aconteceu algo estranho, muito parecido com o que ocorrera no dia anterior. Kyle havia lhe dito que parecia diferente, como se estivesse com a cabeça noutro lugar. Mishtra confirmou a impressão de Kyle com relação ao primeiro episódio e disse que parecia uma espécie de transe. Archibald estava confuso com o que ocorria consigo, ansioso por fazer alguma coisa por Kiorina, mas, ao mesmo tempo, feliz ao lado de Mishtra. Seus sentimentos estavam misturados de tal forma, que era difícil diferenciar tudo. Apesar de contar uma série de coisas para Mishtra, omitiu as questões que diziam respeito ao sangue sílfico, pois temia a reação dela, temia uma rejeição. Mais uma sensação se misturava às outras: o temor de perder o afeto de Mishtra. Sentia seu interior borbulhando e sabia que não era à toa.

Com o dia já feito, Noran, o primeiro dos três a acordar, subiu ao convés. Ao ver Mishtra e Archibald muito íntimos, teve uma sensação de desagrado. Aquilo doeu nele, mas era uma dor que não deveria existir.

– Bom dia. – cumprimentou.

– Olá, Noran, descansou bem? – perguntou Archibald.

– Sim. Através de uma técnica de meditação profunda, consegui recuperar quase todos os danos que sofri por auto-imposição.

– Mishtra estava me contando que você usou suas faculdades, indo além dos limites, para poder nos salvar. Queria agradecer seu esforço.

– Não foi nada. É o mínimo que podia fazer; afinal, estou com vocês, não estou? – disse ele, estendendo a mão para cumprimentar Archibald. Assim que suas mãos se tocaram, Noran escutou um zumbido fraco e teve uma sensação estranha.

– Algo curioso está acontecendo com você, meu caro. Precisamos tirar um tempo para investigar essa situação, não acha?

– Sim, mas logo chegaremos a Lacoresh e temos que tentar salvar Kiorina a todo custo!

– Concordo. – veio a voz de Kyle, que saía do porão naquele momento. Ele parecia melhor, apesar da bandagem branca, manchada com seu sangue, que usava, bem apertada, em torno da cabeça.

– Precisamos saber se poderemos contar com a ajuda dos rebeldes. – disse Gorum, vindo logo atrás.

– Logo saberemos. Acho que o mais prudente quando os encontrarmos será sondar suas mentes, para ter certeza de que são confiáveis e estão dispostos a arriscar suas vidas para nos ajudar. – retrucou Noran.

– É certo que os necromantes usarão Kiorina como isca para nos capturar. – disse Kyle.

– É verdade, mas eles não sabem que já chegamos. Temos a surpresa a nosso favor, o que deve nos dar uma chance. – disse Gorum.

– Talvez nem tanto, meu amigo. Eles têm diversos recursos e são poderosos. Não se esqueça de que trabalhei com eles. Talvez o prudente seja irmos mais preparados para uma emboscada, que para fazer uma surpresa. – considerou Noran.

– Eu concordo com Noran. Não podemos ser muito confiantes, é necessário termos cautela. Além de tudo, eles estão no poder. Fico imaginando que talvez até saibam que estamos neste barco e permitiram que chegássemos aqui para cair numa de suas armadilhas. – disse Kyle.

– Como poderemos confiar em alguém, então? Temos que arriscar alguma coisa, ou nada faremos. – disse Archibald.

– Isso, com certeza, Archie, com certeza. – concordou Kyle.

CAPÍTULO 67

Depois de tudo o que aconteceu, algo parecia não ter mudado: a grandeza de Lacoresh, uma cidade milenar, que existia antes mesmo da consolidação do Reino de Lacoresh e, em tempos passados, foi uma grande e poderosa cidade-estado. Uma de suas construções marcantes, das poucas que resistiram desde a antigüidade, é o farol de Lacoresh, uma torre circular altíssima, o ponto mais alto da cidade. No topo, ficava alojado o Globo da Luz Eterna, artefato criado por um conselho de poderosos feiticeiros, no tempo de sua construção. Para Noran e seus companheiros, porém, não foi o farol o que chamou mais a atenção, mas o mar, uma impressionante novidade para todos, exceto a tripulação do barco e Gorum. Quando crianças, Kyle, Kiorina e Archibald haviam feito uma viagem para Lacoresh e viram o mar, mas, agora, era como se o vissem pela primeira vez, como Noran. Era um dia frio, típico de fim de inverno, ensolarado e com o céu completamente azul. O mar estava calmo e multitonal: bem próximo de onde estavam, verde claro e intenso; à medida que o olhar se fixava em pontos mais distantes, azul esverdeado, até se tornar profundamente azul no horizonte. Seu cheiro salgado invadiu o olfato de todos. Havia uma forte brisa impulsionando a vela do navio, que alcançou uma velocidade muito maior do que seria prudente desenvolver, enquanto estavam no rio. Centenas de pássaros sobrevoavam a região e mergulhavam no mar, em busca de alimento, compondo um ambiente muito diferente do que estavam acostumados. Kyle olhava fixamente o farol, ainda distante, recordando-se daquele passeio.

– Lembra-se de quando viemos a Lacoresh, Archibald?

– Sim, quando subimos no farol, você ficou morrendo de medo e se agarrou à perna de Gorum. – disse Archibald, sorrindo.

Gorum riu alto.

– É mesmo, você morria de medo de lugares altos! E a Kina, você se lembra? Cheguei a pensar em amarrá-la a uma corda, de tanto que se debruçava naquelas janelas!

Quando Gorum mencionou Kiorina, os sorrisos se esvaíram dos lábios de todos. Gorum foi o último a lembrar-se da situação em que estavam e parar de sorrir.

– Vamos nos preparar para a chegada no porto. Sugiro usarmos os mantos e capuzes cedidos por Alonzo. – disse Archibald.

– Noran, você não vai vestir o seu? – quis saber Gorum.

– O quê? Desculpe-me, acho que me distraí.

– Foi o mar, não? – sugeriu Gorum.

– É impressionante! Não sei o que é mais belo: o mar ou as montanhas da cordilheira de Thai.

– Esse mundo é tão estranho...

– Certamente, Gorum!

– Sabe, Noran, às vezes não dá para entender como pode haver coisas tão belas coexistindo com tanta miséria, guerra, fome, morte e tortura.

– Isso deve ser parte da sabedoria misteriosa do criador.

– Como assim? Você quer dizer dos deuses pais, aquele cujos nomes não conhecemos?

– Que diferença faz se foram deuses que criaram tudo ou apenas um deus?

– Agora me recordo, ouvi um clérigo certa vez explicando que a razão da diversidade do mundo é a existência de vários deuses criadores.

– É... mas quem teria criado esses deuses? – questionou Noran.

– E quem teria criado quem criou os deuses? – retrucou Gorum.

– É uma observação e tanto. – sorriu Noran.

– Isso é um quebra-cabeças sem solução. É por isso que assuntos de religião devem ser aceitos sem muito questionamento. Acho que inventaram isso para as pessoas não enlouquecerem pensando em quem criou o que criou o que criou e assim por diante.

– Concordo. – Noran fez uma pausa e olhou nos olhos de Gorum. – É surpreendente o que você guarda dentro de si, caro amigo.

– Sabe, meu velho, já passei por muita coisa. Deve ser a experiência.

– Certamente, mas conheci pessoas mais experientes que não tinham a visão que você tem. O que me faz pensar...

– O quê?

– Em que você realmente acredita? O que o move?

– Acredito no corte da minha espada e o que me move são minhas pernas!

– Gorum, você é impossível! – disse Noran, rindo.

– Ei, preparem-se, vocês dois! Vamos atracar logo, precisamos ficar atentos! – interferiu Kyle, duramente.

– Relaxe, garoto! Se ficar tenso assim, vai chamar mais a atenção que se sorrir e agir com naturalidade.

– Tudo bem. – disse Kyle, percebendo que estava bastante nervoso. – Diga-me, Noran, você vai nos esconder novamente?

– Se for necessário, podem contar comigo. Gorum, guarde um pouco de sua energia para quando formos buscar Kiorina.

– Certo, vou tentar.

– O que há com você, Mishtra? Está tão quieta! – disse Archibald, sem receio de ofender a silfa, que não podia falar.

“Eu não gosto muito do mar.”

– Você já esteve no mar?

“Já, mas não quero falar disso, certo?” – comunicou ela, carinhosa.

– Tudo bem, minha linda. – concordou Archibald, abraçando-a.

– Olhe, Kyle, parece que os pombinhos estão se entendendo. – comentou Gorum, baixinho.

– Imagino que o afeto terá um bom efeito em Archibald.

– Puxa, garoto, há momentos em que não entendo de onde saem essas suas frases! Que tipo de comentário é esse?

– Sei lá, Gorum, não fica no meu pé, certo? – retrucou Kyle, um pouco irritado.

– Você está nervoso mesmo!

– Um pouco, mas, como disse Noran, é melhor eu guardar minha ira, minha espada, meu dom da morte para nossos inimigos.

Gorum ficou branco e sua garganta secou.

– O que houve, Gorum? – perguntou Kyle.

– Eu sei que você não gosta da comparação, mas ouvir você falar isso foi como ver um fantasma. Você falou exatamente como seu pai!

– Que nada, Gorum, é você que vê meu pai em tudo o que eu falo.

– Onde você ouviu isso?

– Isso o quê? Do que você está falando, Gorum? Está ficando louco?

– Não, aliás, acho que se não enlouqueci até hoje, não enlouqueço mais. Falo frase: ‘minha ira, minha espada, meu dom da morte’. Quem dizia isso era seu pai.

– Então, é natural que eu fale também, afinal sou filho dele, ora!

– É, deve ser algo assim, garoto. – Gorum teve um estranho pensamento, que deixou sua cabeça confusa, mas, antes que prosseguisse na sua linha de raciocínio, foi interrompido pelo tranco que o barco deu no cais e o barulho da madeira se contorcendo. Logo os marinheiros atracaram. Haviam chegado.

– E agora? – disse Kyle, nervoso.

Agora descemos e seguimos as instruções do imediato. Relaxe, é uma cidade muito grande, olhe só quanta gente, quantos barcos... A multidão vai ajudar na nossa camuflagem.

Kyle olhou ao redor e percebeu o tamanho do porto. Não podia contar a quantidade de barcos, muito menos a de pessoas. Só a região portuária era maior que toda Kamanesh. Acalmou-se um pouco, quando pensou que estar entre tanta gente seria um obstáculo real, mesmo para o mais poderoso dos necromantes.

CAPÍTULO 68

– Será que foi uma atitude prudente parar exatamente em frente à taverna do nosso contato? – indagou Kyle.

– Penso que foi o melhor, assim não saímos andando por aí, chamando a atenção de todos. – explicou Archibald.

Eles se sentaram separadamente, em mesas próximas. Era quase hora do almoço, o que deixava a taverna cheia. Kyle e Archibald sentaram-se numa mesa perto do balcão e pediram bebidas, segundo a orientação do imediato: duas taças de vinho da região montanhosa de Fannel e uma jarra de água, para acompanhar o prato do dia.

Enquanto isso, Gorum, Noran e Mishtra sentaram-se numa mesa mais afastada, pediram suas refeições e tentaram não chamar a atenção.

Saiu de trás do balcão um homem de meia idade, muito branco, com cabelos castanhos curtos e espetados e a barba mal cuidada. Trazia uma garrafa de vinho na mão esquerda e copos empilhados na direita. Tinha uma ar superior, o que ficava evidente na sua maneira de andar. Colocou-os sobre a mesa de Kyle e Archibald e serviu o vinho. Archibald agradeceu:

– Obrigado pelo vinho, que seja bom para saúde e para o reino.

Ouvindo isso, o homem sentou-se num lugar vago e disse, discretamente:

– Bem-vindos à nossa taverna. Meu nome é Klereon Nasbit.

O almoço começou a ser servido; muitos marinheiros faziam suas refeições e conversavam alto. Assim, a conversa do grupo não poderia ser ouvida, perdendo-se entre vozes e ruídos de talheres.

– Podem chamar-me Nasbit. – estendeu a mão e cumprimentou Kyle. – É um prazer recebê-lo, Blackwing.

– Como sabe quem sou?

– Sua fama o precede. Você também, prezado Archibald.

Nasbit tinha um jeito calmo e sincero, mas um sotaque estranho. Seu comportamento não inspirava confiança em Archibald.

– Sabe também quem eu sou? Não me fale de fama, pois é algo que não tenho. – disse Archibald, surpreso e desconfiado.

– Acalmem-se. Digamos que temos um amigo em comum, que os identificou.

– Quem? – quis saber Kyle.

– Kandel. Ele está conosco.

– Então, é verdade, a rebelião existe. – constatou Kyle.

– Não repita essa palavra, não podemos abusar da sorte, certo?

– Nasbit... – disse Archibald para si mesmo, pensativo.

– Pois não?

– Nada, só estava pensando em seu nome. Lembrei! É o mesmo nome do governador do reino vizinho, Homenase, Lorde Nasbit.

– Bem lembrado. Infelizmente, não temos boas notícias de Homenase. Fui deposto por meu irmão, Alnair, que compactua com os objetivos do rei Maurícius. – disse Nasbit, encarando Archibald.

– Então a influência dos necromantes já chegou a outros reinos? – disse Kyle, surpreso.

– Cuidado, Kyle, está aí outra palavra que devemos evitar usar. Bom, prossigamos. O que os trouxe aqui e quem são os outros dois que acompanham o cavaleiro Gorum?

– Viemos salvar uma amiga nossa, Kiorina De Lars, capturada ontem pela manhã em Kamanesh; segundo informações, ela está prestes a chegar na cidade, pela estrada norte. Quanto aos outros dois, são Noran, de Tisamir, e Mishtra, de Shind. – disse Archibald.

– Vocês vieram atrás de ajuda, estou certo?

– Sim, mas é possível que haja uma armadilha. – respondeu Kyle.

– É muito arriscado. Temo que talvez não possamos ajudá-los.

“Kyle.” – a voz de Noran surgiu em sua mente. “Conte para ele sobre Modevarsh e nossa missão.”

Kyle percebeu que Noran estava acompanhando toda a conversa e resmungou, olhando para o lado:

– Não sei por que isso seria importante.

– O que seria importante? – estranhou Nasbit.

– Estamos numa importante missão, conferida pelo silfo Modevarsh.

– Silfo Modevarsh? Duas vezes, na mesma semana?

– Como assim?

– Acredito que Kandel poderá esclarecer isso. Enquanto preparo nosso encontro, aproveitem o almoço. – finalizou Nasbit, retirando-se da mesa.

Mais tarde, depois do almoço, que não foi dos piores, subiram ao segundo andar da taverna, onde Kandel os esperava. Kyle, Archibald e Gorum surpreenderam-se ao vê-lo. Kandel era forte, esbelto e tinha longos cabelos louros. À frente deles, no entanto, estava um homem magro, quase careca, com profundas olheiras e uma cicatriz vertical que atravessava a testa por cima do olho esquerdo, até a metade da bochecha. Entraram numa sala grande, com um tapete keldoriano cobrindo o chão e uma mesa de madeira vermelha e lustrosa com lugar para oito pessoas.

– Bem-vindos. – disse Kandel e sua voz continuava a mesma. – Sentem-se, Nasbit contou-me o que está havendo, mas precisou sair para resolver outros assuntos.

– Olá, Kandel, parece que a guerra foi difícil para você também. – disse Gorum.

– Até que não. O pior foi ser preso depois dela e torturado nas masmorras do antigo castelo real. – disse Kandel, sorrindo, algo espantoso.

– Antigo castelo real? – indagou Kyle.

– Até ser resgatado, há poucos dias, eu também não sabia, mas, ao que parece, o rei Maurícius está construindo um novo castelo, bem estranho, pelo que dizem.

Mishtra percebeu que Noran estava emocionalmente abalado. Uma conversa, paralela a de Kandel e dos outros, começou apenas entre suas mentes. “O que houve, Noran?”

“É terrível, Mishtra, o sofrimento que causei é terrível!”

“Você se encontrou com Kandel?”

“Sim. Ele foi preso e torturado, após eu ler em sua mente que sabia sobre os necromantes e pretendia tentar impedi-los.” – confessou, penosamente.

“Ele sabe quem você é?”

“Não. Se já me viu, estava usando uma daquelas máscaras.”

Enquanto isso, Kandel dizia:

– Eu sei que vocês precisam socorrer sua amiga, Nasbit até concordou em ceder alguma ajuda, mas precisam entender que não podemos arriscar nossa causa por uma pessoa.

– Você acabou de dizer que foi resgatado. Como se deu isso? – inquiriu Archibald.

– Fui resgatado, mas não pelos rebeldes. Fui salvo por jovens guerreiros, enviados por Modevarsh. Eles precisavam deixar Lacoresh e foram contatados por Nasbit. Um informante nosso sabia a respeito de uma transferência de prisioneiros. Nasbit ofereceu-lhes passagem para Dacs, em troca da liberdade desses prisioneiros.

– Entendo. Então não foram pessoas da rebelião que arriscaram o pescoço nem foi por causa de uma única pessoa. – disse Archibald.

– Eu sei que é um pouco frio, mas basicamente a idéia é essa. Não estamos em condição de assumir grandes riscos, pois, só pelo fato de existirmos como oposição aos necromantes, nossas vidas correm perigo e é menor qualquer esperança de trazer a antiga ordem de volta.

– Muito bem, Kandel, então, como podem nos ajudar?

– Sei que estão praticamente desarmados. Num de nossos depósitos, há um grande arsenal, com armas e armaduras. Além disso, temos alguns homens que sentem que podem lutar, independentemente dos riscos, apenas pela chance de enfrentar os necromantes.

– Acho que isso será o suficiente. Quem são esses homens?

– Um deles sou eu; quanto aos outros, ainda não sei.

CAPÍTULO 69

Por fim, conseguiram apenas a ajuda de Kandel e de um feiticeiro, a quem chamavam ‘o grande Ector’. Encontraram-se no arsenal; à primeira vista, Kyle não reconheceu o rapaz.

– Oi, Kyle, como está? – disse o jovem, quase tão alto quanto Gorum, porém magro.

– Eu o conheço? – retrucou Kyle, franzindo a testa.

– Não se lembra de mim? Sou Ector. Estudei com Kiorina, na Alta Escola.

– Ector? Como você cresceu, praticamente dobrou de tamanho! – disse Kyle, finalmente se lembrando.

– É, uma vez disseram que eu seria grande, mas não imaginei que seria em sentido literal...

– Quantos anos você tem, garoto? – quis saber Gorum.

– Tenho dezesseis. Acha que não posso ajudá-los? Acha que sou criança, ainda? – disse Ector, acelerando a fala.

– Não... não duvido de suas capacidades como mago, apenas acho que você tem que se preparar para ser maior ainda... Quando tinha sua idade, eu era mais baixo que você. – sorriu Gorum.

– Ah, claro, mas ainda não perdi as esperanças de ser reconhecido como um grande mago, em vez de um mago grande.

Gorum riu e todos o acompanharam.

– Gostei do seu senso de humor, garoto.

– Vocês estão indo ajudar Kiorina, não é? Pois, estou nessa!

– Você sempre fala rápido assim? – quis saber Kyle.

– Depois que descobri que ter uma língua veloz ajuda a fazer magias mais rapidamente, é uma característica que faço questão de treinar. – respondeu Ector, muito veloz.

Após a conversa, Kyle, Gorum e Kandel escolheram armaduras e espadas; Archibald não pegou nada, além de seu martelo de batalha; Mishra

pegou uma aljava cheia de flechas, o arco que já carregava e uma espada curta; Noran apenas se concentrava, pois sua arma era sua mente.

Nasbit arranjou uma carroça coberta, para que pudessem sair da cidade sem chamar a atenção. Tão logo saíram, a carroça entrou numa pequena trilha, que ia para dentro de um bosque. Apenas lá desceram e se equiparam. O cocheiro disse que esperaria somente até o início da noite e então retornaria.

O dia estava mais quente, um sinal de que o inverno terminava. Seguiram através do bosque até encontrar novamente a estrada norte, construída havia cerca de cem anos. Ao olhar aquela linha de blocos de pedras justapostas que se estendia além do horizonte, Archibald imaginou o esforço necessário para realizar uma obra assim. Pensou que mão-de-obra não devia ser um grande problema naquela época, pois era vigente a escravidão. Enquanto esperavam a vinda de Kiorina, Archibald tentou imaginar como havia sido aquele tempo. Homens de todo tipo, incluindo silfos do mar, trabalhando como escravos em obras assim. Claro que os silfos que foram escravos em Lacoresh agora gozavam de liberdade nos arquipélagos e alguns deles possuíam escravos humanos trabalhando em suas plantações e em seus navios. Uma vez leu que um escravo silfo valia de cinco a dez vezes mais que escravos humanos, o que levava alguns silfos a venderem os próprios compatriotas de clãs rivais. Mesmo assim, poucos senhores de escravos enfrentavam o problema de possuir escravos sílficos. Após a abolição da escravatura, os silfos que não quiseram retornar a seus lares foram expulsos de Lacoresh. Archibald pensava tanto nos silfos por amar uma silfa; além disso, tinha dificuldade em entender a má fama dos silfos do mar. Será que isso não era apenas um mal-entendido? Lembrou-se então da história que Radishi havia contado sobre os bestiais, uma raça antes pacífica e que teve sua cultura destruída pelos homens e suas guerras. Será que os silfos do mar eram mesmo maus e desprezíveis como se comentava? Por que eles seriam tão diferentes dos silfos de Shind? Parou de pensar naquelas questões todas e procurou voltar sua atenção para a emboscada que planejavam.

Procurava Mishtra com o olhar, mas ela estava bem escondida. Havia atravessado a estrada para seu lado esquerdo, posicionado-se para um ataque de dois flancos. Kandel e Ector também estavam na margem esquerda da estrada; Noran estava mais à frente, procurando com a mente alguma

indicação da aproximação de Kiorina. De repente, ele se levantou e, um tanto alarmado, enviou pensamentos a seus companheiros. “Escutem atentamente. Estou-me comunicando com todos vocês, exceto Kandel. Os necromantes sabem que estamos aqui, e acredito que seja através dele. Ao que parece, Kandel não sabe que é um delator. Deve haver um dispositivo mágico por trás disso. Ector, você pode verificar se há alguma influência mágica sobre Kandel? Por favor, não responda em voz alta, apenas pense.”

Logo depois, Ector sussurrou algumas palavras mágicas e olhou para Kandel, alguns passos à sua frente, e pensou: “Não sei se você está me ouvindo, mas realmente existe uma influência mágica na cabeça de Kandel. Algum tipo de sonda.”

“Confirmado! Há uma sonda mágica na cabeça de Kandel. É importante que ninguém comente sobre isso, pois estaríamos entregando a eles a informação de que sabemos da emboscada. Quem quiser falar, apenas pense e eu passarei a informação para os demais.” – transmitiu Noran, que, no momento seguinte, captou um monte de pensamentos misturados. Utilizando-se de grande perícia, foi capaz de filtrar as informações importantes, e continuou: “Acalmem-se. Escutem mais algumas informações, depois decidimos o que fazer. Vindo da direção de Kamanesh, junto com a carroça em que Kiorina se encontra, estão alguns cavaleiros, um necromante e duas dúzias de soldados, todos equipados com bestas. Está vindo um outro grupo de Lacoresh, que ainda não está perto o suficiente para que eu ter condição de dar alguma informação. Fechem os olhos, vou tentar incrementar a ligação entre nós, para que possamos ouvir uns aos outros diretamente.

“Não podemos enfrentá-los.” – pensou Gorum, e todos escutaram seus pensamentos.

“Temos que nos retirar, não teremos chance.” – concordou Ector.

“Esperem, não teremos outra oportunidade assim. Se desistirmos, perderemos Kiorina para sempre.” – interferiu Kyle.

“Muito bem, alguma idéia?” – perguntou Archibald.

“Eles devem estar armando a emboscada de acordo com nossa posição atual. Para eles, deve ser importante atacar-nos pela frente e pela retaguarda.” – sugeriu Gorum.

“Então podemos avançar, encontrá-los mais rápido. Se vencermos, teremos como escapar, antes que o grupo que vem pela retaguarda chegue.” – disse Kyle, completando o raciocínio de Gorum.

“Isso pode funcionar.” – concordou Noran.

“E quanto a Kandel?” – indagou Ector.

“Ele pode pôr tudo a perder. Devemos eliminá-lo?” – questionou Mishtra.

“Não, ele é inocente! Acho que uma ilusão dentro de sua mente pode resolver tudo.” – retrucou Noran.

“Como assim?” – todos pensaram ao mesmo tempo.

“Deixem comigo. Vamos usar a sonda deles a nosso favor. Nós sairemos e cuidarei para que, em sua mente, fique a impressão de que ainda estamos aqui, nos preparando para fazer a emboscada.” – disse Noran.

“Isso é possível?” – perguntou Ector, curioso.

“Sim e é bem mais fácil que manter uma conversação de duas vias com todos vocês. Quando eu der o sinal, vamos sair de nossas posições e avançar. Se tudo funcionar, talvez possamos realmente pegá-los de surpresa.”

CAPÍTULO 70

– Eu digo que devemos avançar e acabar com essas pestes de uma vez! – disse, com a voz abafada, um homem que vestia uma armadura completa de metal negro e montava um cavalo enorme, de pêlo avermelhado e patas muito peludas.

– Eu já lhe disse, Roy, precisamos esperar a chegada do outro grupo no ponto combinado. – respondeu um homem estranho, de face pálida, nariz pontudo e olhar vidrado. Também estava montado e usava uma toca negra, que se integrava ao manto, cobrindo todo o pescoço. Suas vestimentas eram justas; usava luvas e botas de couro negro reluzente. Seus olhos observavam algo no interior de um cristal de brilho verde, em forma de concha.

O cavaleiro a quem havia se dirigido irritou-se tremendamente, desembainhou sua espada e apontou-a para o homem de roupas negras.

– Não me chame assim novamente! Esse homem morreu! De agora em diante, apenas me chame Cavaleiro Negro, se quer continuar vivendo.

– Muito bem, Cavaleiro Negro, acalme-se, por favor. – retrucou o homem, sem alterar o tom de voz ou retirar os olhos do cristal. – Eles ainda estão lá, nos esperando. Se avançarmos cedo demais, provavelmente correrão com o rabo entre as pernas. Não devemos avançar, até que estejam cercados. – olhou novamente dentro do cristal e deu um pequeno sorriso. Fez uma pausa e anunciou: – Felear! Ruko! Preparem seus homens, vamos partir a qualquer momento!

– Sim, Sr. Arete. – respondeu Felear, ao lado da carroça que carregava Kiorina. Ele vestia uma armadura de placas, com o elmo aberto na face.

Ruko vestia uma armadura semelhante; com seu cavalo à frente da carroça, gritou para os homens que estavam sob seu comando ficarem prontos. Arete e o Cavaleiro Negro também estavam à frente da carroça e se preparavam para partir. Beirando a estrada, havia dois grupos de doze homens, um de cada lado. Arete olhou para o cristal mais uma vez e sinalizou para que marchassem. Apesar do ritmo lento que ele impôs, em pouco tempo chegariam ao local onde estava Kandel. Antes de completarem

um quarto do caminho, Arete puxou as rédeas do cavalo com a mão esquerda e ergueu a direita, espalmada. Seu cavalo levantou a cabeça e parou. Em seguida, todos pararam.

– O que houve, senhor? – indagou o Cavaleiro Negro.

– Há algo estranho aqui. – disse o necromante, cerrando os olhos. Uma flecha certa enterrou-se em seu pescoço, levando-o imediatamente ao chão.

– Emboscada! – gritou Felear.

De trás de um grupo de rochas à beira da estrada, saíram Gorum, Kyle e Archibald, chamando a atenção de todos os presentes, que, em poucos instantes, corriam sobre o pavimento.

– Gorum, velho miserável! Eu me vingarei! – rugiu o Cavaleiro Negro.

– Roy? – surpreendeu-se Gorum.

O Cavaleiro Negro adiantou sua montaria para interceptar Gorum e gritou:

– Roy morreu! Em seu lugar, nasceu o Cavaleiro Negro.

– Ha! Você está mais para Cavaleiro Purulento! – zombou Gorum.

Nesse momento, os soldados dispararam duas dúzias de virotes na direção de Gorum, Archibald e Kyle, que se posicionou à frente dos companheiros e ergueu seu escudo, o qual, apesar de pouco polido, possuía um brilho tênue. Um instante depois, as flechas desceram sobre eles. Escapar agora seria muito difícil, mas uma estranha força fez com que todas as flechas, sem exceção, se desviassem de seus alvos, como se atingissem uma cúpula de vidro invisível.

– Funcionou! – exclamou Kyle, aliviado, ao ver que nenhuma das flechas o atingira.

Ector surgiu de trás de um grupo de arbustos com as folhas cobertas por uma camada fina de gelo, sorrindo.

– É claro que funcionou... – comentou consigo, satisfeito com o resultado do encantamento. Em seguida, dirigiu sua atenção para os soldados que estavam à esquerda da estrada.

Do outro lado, Noran, sofrendo de uma fadiga razoável, estava prestes a imprimir à mente um esforço tremendo. Concentrou forças e lançou um poderoso ataque psíquico em cima do grupo de soldados que estava à direita da estrada. Com as duas mãos pressionando o próprio crânio de forma muito tensa, gritou. Juntamente com seu grito físico, emitiu um forte grito psíquico,

direcionado aos soldados. Apesar do direcionamento, a liberação daquela energia não era muito controlada.

Em sua área de foco, o efeito foi devastador. Imediatamente, todos os soldados largaram suas bestas e colocaram as mãos nos ouvidos, gritando de dor, uma dor tão forte, que levou a maioria a desmaiar em poucos instantes. Os efeitos do grito de Noran, no entanto, não pararam aí. Os cavalos de Felear, Ruko e do Cavaleiro Negro ficaram muito incomodados e assustados, empinaram e pinotearam loucamente, derrubando os cavaleiros, que não puderam equilibrar-se, também atordoados pelo grito. Mishtra, que preparava outra flecha, perdeu a mira, e Ector, a concentração para o feitiço que preparava para contrapor o grupamento que estava na margem esquerda da estrada.

Terminado o grito, Noran sentiu uma náusea forte e não pôde evitar o vômito, que veio como um jato. Caiu de joelhos, com as palmas da mão sobre o chão, e vomitou novamente.

Kyle, Gorum e Archibald aproveitaram para avançar, aproximando-se da carroça e dos outros cavaleiros que procuravam levantar-se.

– Estou preparado para enfrentá-lo desta vez! – disse Gorum ao Cavaleiro Negro.

– Veremos, velho imprestável!

Enquanto eles se estudavam e trocavam insultos, Felear desafiou Kyle.

– Kyle Blackwing, seu traidor, por que desafiar nosso amado rei?

– Desfiar o rei? É melhor que vender a alma a demônios! – imediatamente, suas espadas se encontraram. Ambos eram ótimos espadachins; a luta era de alto nível.

Archibald enfrentaria Ruko, um bruto, que sorriu ao encarar seu oponente.

– Vai morrer, frangote! – ameaçou Ruko e atacou com violência.

Archibald aparou o golpe com o cabo do martelo, segurando-o com ambas as mãos. Ruko pressionou a espada para medir forças com Archibald. O ex-monge cedia; com a aproximação do cavaleiro, sentiu seu terrível hálito e disse, entre os dentes:

– Já lhe disseram que você fede?

– Sim! Ontem à noite, sua deliciosa amiga ruiva disse que eu fedia; depois gritou, gritou e acabou gostando de mim! Ha, ha, ha! – zombou Ruko, lambendo os lábios.

Archibald foi inundado por uma série de sentimentos, nojo, ódio, sede de vingança, pena e explodiu:

– Seu merda!

Uma súbita força tomou conta de seus braços; ele se desvencilhou da pressão feita por Ruko, desequilibrando-o. Em poucos instantes, uma série de golpes indefensáveis foram desferidos por Archibald, atingindo as placas da armadura de Ruko e amassando-as como se fossem de papel. Juntamente com o som de metal sendo esmagado, os ossos de Ruko estalavam como galhos secos pisados. Archibald estava tomado por uma fúria sádica e desferia golpes mortais contra o cavaleiro, que se torcia de forma inimaginável.

Enquanto isso, Ector tentava remediar a situação que fugia a seu controle. Sua concentração havia sido quebrada quando preparava um feitiço poderoso. Prepará-lo agora novamente seria inviável. De improviso, aproveitou-se dos elementos presentes no solo e gerou uma força que borrifou fortes jatos de neve na direção dos soldados da margem esquerda. Com sua magia, não resolvia o problema, apenas ganhava um pouco mais de tempo. Aproveitando a deixa, com mira e sincronia perfeitas, Mishra disparava flechas sobre os soldados, confusos, abatendo-os um após o outro.

Gorum e o Cavaleiro Negro, utilizando grandes espadas, cruzaram-nas pela primeira vez. A violência dos golpes foi tal, que, além de geração de uma grande faísca, abriram-se dentes no ponto de impacto em ambas as espadas. Um choque terrível percorreu os braços de Gorum, deixando suas mãos e antebraços adormecidos. Com a colisão, se afastaram por um momento. O Cavaleiro Negro disse:

– Vou fazer você engolir todas as suas estúpidas piadas!

Em seguida, o homem que havia sido Roy acertou um golpe em Gorum. A espada arrancou a placa de ombro e, além disso, deu um talho de raspão, deixando um filete de carne pendurado. Gorum gemeu, mas, trazendo sua espada de baixo para cima, acertou um golpe na cabeça do Cavaleiro Negro, que, apesar de não ter sido ferido, teve o elmo amassado, o que prejudicou sua visão e o fez levar uma das mãos ao rosto; aproveitando-se da guarda baixa, Gorum enterrou-lhe quase dois palmos de espada através de uma fresta entre a placa peitoral e o cinturão. O Cavaleiro Negro não gritou, apenas fez força para remover o elmo da face, jogando-o no chão, irritado. Os olhos de Gorum se arregalaram. Estava preparado para ver uma gosma

nojenta e amarelada, mas o que viu o deixou deveras surpreso: a face de Roy já não tinha pele, apenas ossos cobertos por finas camadas de musculatura. Não havia lábios, de forma que todos os dentes estavam expostos, como os de uma caveira. As pálpebras dos olhos não estavam mais lá, de forma que eles eram como grandes bolas esbugalhadas, rodeadas por carne disforme. Sua língua, sim, secretava aquele muco amarelado. Em resumo, era a coisa mais feia que Gorum já vira.

– Você não pode me matar, sou imortal agora! – zombou a coisa, olhando a espada enterrada em seu abdome.

Gorum engoliu seco e sentiu arder seu ferimento no ombro esquerdo.

Kyle e Felear lutavam de igual para igual; haviam treinado juntos e cada um conseguia prever bem os movimentos do outro. Logo, chegaram ao ponto de sentir alguma fadiga. Fizeram uma pausa, enquanto se estudavam.

– Como você foi se vender, Felear? Logo você, o mais honrado de nós!

– Eu? Só pode ser brincadeira. Vocês é que são os traidores!

– E quanto aos necromantes? Você compactua com eles?

– Necromantes? Do que você fala? Não tente me confundir! – e voltou a golpear.

Kyle, percebendo que Felear não sabia sobre os necromantes, procurou defender-se apenas e contra-argumentar.

– Sim, os bruxos que tomaram o poder em nosso reino! Mataram inocentes, provocaram a guerra como distração, enquanto mobilizavam seu golpe de estado! O rei é um dos necromantes!

– Golpe de estado? Mentiroso! Não vou acreditar em suas mentiras! Nosso rei é um herói de guerra! – disse Felear, irritado, e, certo, abriu um corte no antebraço esquerdo de Kyle, que, canhoto, passou a ter maior dificuldade para defender os golpes de Felear.

Logo, alguns dos homens atacados por Ector e Mishtra tomaram cobertura e puderam recarregar suas armas. Dois virotes atingiram Ector no meio da preparação de outro feitiço. Um atingiu seu braço esquerdo, outro, seu abdome. O mago caiu no chão imediatamente, gemendo de dor. Mais experiente, Mishtra buscou cobertura, tão logo percebeu que os inimigos estariam em condições de disparar.

As coisas começavam a ficar favoráveis aos necromantes. Cinco dos soldados conseguiram buscar cobertura. Três deles concentraram suas atenções em Mishtra, enquanto outros dois dispararam contra Archibald, na

esperança de salvar seu superior de um massacre. Um dos virotes enterrou-se no braço esquerdo do ex-monge, desviando sua atenção de Ruko, que acabava de desmaiar. Enfurecido, ele correu na direção dos soldados, um dos quais, mais ágil, foi capaz de armar sua besta e disparar contra Archibald. O virote adentrou o peitoral direito do rapaz, o que não foi suficiente para conter seu avanço.

Ao mesmo tempo, Mishtra se utilizava de uma técnica sobre a qual nunca havia pensado até então. Estabeleceu contato com a mente de um dos soldados e percebeu o exato momento em que ele apareceria para tentar um disparo. Antecipando seu movimento, a silfa disparou uma flecha que acertou o soldado na cabeça, antes que ele pudesse perceber o que havia acontecido.

O Cavaleiro Negro golpeou a espada de Gorum próximo da base, quebrando-a. Em seguida, girou um segundo golpe vertical, que partiria Gorum ao meio. O cavaleiro veterano, quase por intuição, percebeu a intenção de golpe do inimigo e, mesmo desarmado, atirou-se contra as pernas do oponente. Num instante, agrupou suas pernas ao tronco e esquivou-se com sucesso do golpe. A espada do Cavaleiro Negro atingiu o chão atrás de Gorum. O gigante jogou todo o peso de seu corpo contra as pernas do Cavaleiro Negro, que, desequilibrado, deixou que sua espada escapasse da mão, ficando fincada entre duas pedras no pavimento. O ombro direito de Gorum atingiu o joelho esquerdo de Roy, provocando imediatamente uma fratura exposta. Ambos foram ao chão.

A situação de Kyle piorava. Tentava apelar para a razão, mas seu oponente estava irritado demais para escutá-lo.

– Que droga, Felear! Não vê que não quero matá-lo? – apelou ele.

Felear, dando pouca atenção, acertou um segundo golpe na perna direita de Kyle, amassando a armadura, sem, no entanto, cortá-lo. O impacto, porém, fez com que Kyle se curvasse.

Archibald, mesmo com dois virotes no corpo, golpeou com violência o soldado que lhe ferira, tirando-lhe a vida. Outro soldado, ao ver como seu companheiro havia morrido, pôs-se a correr, em desespero. Outros dois, após encarar Archibald, fizeram o mesmo.

De joelhos no chão, Kyle ainda defendeu dois golpes de Felear, mas sentia o braço fraquejar e um calafrio; temia por sua vida. Felear preparava outro golpe, quando parou para observar, com olhos incrédulos, o Cavaleiro

Negro levantar-se, com uma fratura exposta na perna esquerda, erguer o corpanzil de Gorum acima da cabeça e, com grande violência, arremessá-lo numa distância inconcebível. Gorum caiu e deslizou sobre a uma fina camada de neve. Felear encarou incrédulo o Cavaleiro Negro, que disse:

– O que está esperando, Felear? Mate-o de uma vez!

Mishtra alvejou o monstro nas costas. A flecha adentrou a criatura, que pouco parecia se importar com isso. Observou o corpo de Gorum, imóvel, a certa distância, e caminhou, mancando, na direção de Felear e Kyle.

– Mate-o, miserável, mate-o de uma vez! – gritou o monstro.

– O que é isso? O que está havendo? – disse Felear, horrorizado.

Kyle aproveitou para ficar de pé e encarar a criatura que mancava em sua direção. Disse:

– Isso é o que acontece, mais cedo ou mais tarde, com que compactua com os necromantes!

– Necromantes? Então, é verdade?

A criatura falou, enquanto lhe escorria da boca grandes quantidades de muco amarelo:

– Felear, somente alguém tão crédulo e estúpido como você poderia ser enganado da mesma maneira que enganamos os camponeses imbecis! Mate-o e junte-se a nós ou morra!

Felear estava chocado demais para fazer qualquer coisa. Antes que pudesse se decidir, um novo confronto se iniciou. Archibald, cujos olhos brilhavam com intensidade rubra, se interpôs entre Kyle e o monstro. O Cavaleiro deu de ombros e guinou a cabeça de um lado para o outro, estalando os ossos do pescoço. Archibald investiu com seu martelo. A criatura, muito ágil, segurou o cabo do martelo e o girou, desarmando Archibald. Com um novo giro, golpeou o ex-monge duramente nos ombros, fazendo-o cair. Vendo seu amigo desmontar-se como um boneco, Kyle foi tomado de um súbito calafrio. Uma forte sensação de acerto de contas com a criatura tomou conta de seu ser. Arqueou e torceu seu corpo de uma forma incomum. O Cavaleiro Negro aceitou o desafio não verbal de Kyle para uma luta sem armas e largou o martelo de Archibald.

Ao ver o amado ser abatido, Mishtra foi tomada de uma loucura tremenda. Suas emoções foram abaladas terrivelmente e, com isso, sua visão do mundo invisível foi ativada. Logo percebeu uma estranha entidade que flutuava ao redor do corpo do Cavaleiro Negro. Era um monstro da

escuridão, de aspecto indescritível. Concentrou-se e correu para socorrer Archibald. No céu, dezenas de sombras e seres luminescentes flutuavam e gritavam. Olhou Noran de relance e viu que, em torno de seu corpo, uma grande esfera luminosa, com manchas avermelhadas, afastava diversas criaturas que tentavam se aproximar, atraídas pela energia por ele emitida. Chegando mais perto, viu que Kyle lutava com a criatura. Surpreendeu-se ao ver que havia uma aura azul e brilhante em torno de Kyle. Percebeu também que, ao redor de seus braços, a aura era mais intensa e se comportava como o fogo, com variações de tons semelhantes, indo de um branco intenso no centro das chamas ao azul profundo das pontas das labaredas que percorriam seus braços. Notou também que os golpes aplicados por Kyle geravam grande contorção na criatura da escuridão que envolvia o Cavaleiro Negro. Percebeu que a vida ainda não tinha abandonado o homem vestido de negro que acertara na garganta e que se arrastava na direção dos homens atingidos diretamente pelo grito de Noran. Finalmente, chegando perto de Archibald, percebeu outra luta, tão intensa quanto a de Kyle e Roy. Viu o corpo físico de Archibald como uma sombra acinzentada e pouco definida. Milhares de finíssimos fios luminosos, quase imperceptíveis, saíam de seu corpo físico, ligando-o a uma representação luminosa de seu corpo que flutuava logo acima. Ligadas a ele, duas estranhas criaturas lutavam, uma, composta de chamas vermelhas e obscuras, e um homem, que recebia dezenas de golpes do ser do fogo, sem se incomodar muito, apenas concentrando em emitir uma estranha luminosidade diretamente na cabeça de Archibald, que olhava para os dois, confuso, sem entender o que acontecia. Mishtra tentou comunicar-se com ele, mas ouviu a própria voz dizendo: “Archibald, pode me escutar?” Após a interferência de Mishtra, a criatura de fogo recuou e sumiu. A silfa pegou Archibald nos braços, e ele abriu os olhos. Ela procurou afastar as visões do invisível e, aos poucos, voltou a enxergar apenas atributos do mundo físico. Archibald soluçava e cuspiam muito sangue. Enquanto isso, Kyle lutava como se não fosse a mesma pessoa. Desviava-se dos golpes do Cavaleiro Negro com grande habilidade e acertava nele socos repetidos. Aos poucos, o Cavaleiro fraquejou, até que, finalmente, caiu. Kyle, sentindo-se estranho, olhou para o lado e se surpreendeu com o que viu. O necromante que Mishtra havia derrubado no início da luta estava de pé. Havia retirado suas luvas e revelava mãos brancas, com grandes unhas ensanguentadas. A seus pés, um dos soldados estava estirado, com os pescoço perfurado e

coberto de sangue. O necromante levantou, com pouco esforço, o soldado, segurando-o pelo pescoço e cravando nele as unhas, e sugou sua força vital. O soldado murchou como uma planta. O necromante sorriu, retirando a flecha atravessada em sua garganta.

– Vocês podem ter vencido esta luta, mas nunca conseguirão escapar deles! – e apontou com o dedo sujo de sangue a estrada na direção de Lacoresh. Começou a rir e depois gargalhou, enquanto seu corpo se desmanchou, virando uma centena de besouros negros, que se apressaram a entrar na neve rala.

Kyle olhou para a estrada e viu, ao longe, vindo na direção deles, alguns homens a cavalo.

CAPÍTULO 71

Eram cerca de quinze cavaleiros montados, vestindo armaduras completas e trazendo, em suas capas, escudos e outros acessórios, símbolos dos cavaleiros de Lacoresh. Aproximavam-se rapidamente do local onde ainda havia luta. O ar cheirava a sangue; os que pereceram ainda estavam quentes.

A situação era difícil. Noran concentrava-se, buscando sua recuperação. Não conseguia pensar direito e tinha dificuldades para manter-se em pé, tudo devido ao grande esforço que acabara de realizar, somado aos esforços dos últimos dias. Gorum acordou de um pequeno desmaio e percebeu que não estava muito machucado e que haviam vencido, mas escutou barulho de cavalos, o que o preocupou. Pôs-se de pé e foi depressa na direção da carroça. Mishtra tinha Archibald nos braços e não sabia o que fazer com os viotes que estavam cravados em seu corpo, um no braço, outro no peito. Além disso, ele parecia ter quebrado o ombro com a violenta martelada que tomou do Cavaleiro Negro. A silfa apenas chorava, imaginando que o fim se aproximava para seu amado. Kyle estava atordoado e escutava o cavalgar dos cavaleiros ecoando dentro de sua cabeça. O que poderia ser feito? Olhou para o chão em sua frente e viu o corpo disforme do homem que um dia havia sido o Cavaleiro Roy. Mal podia acreditar. Iniciou uma reflexão, enquanto observava o avanço dos cavaleiros. Que tipo de loucura era aquela? Como podia estar acontecendo tanta morte, tortura e sofrimento? Por que estavam lutando, afinal de contas?

– Kyle! – gritou Gorum, com sua voz estrondosa.

Ele despertou para a realidade, sentindo todos os pêlos de seu braço se arrepiarem sob a armadura. Olhou as mãos e viu um bocado da gosma amarela que o Cavaleiro Negro secretava. Havia pingos dela em seu rosto e na armadura.

– Garoto, preste atenção! Precisamos fazer alguma coisa e logo! Não temos tempo!

Com isso, Kyle virou-se e viu a carroça parada, os cavalos inquietos, Gorum, preocupado, olhando para ele, Felear, pálido e rígido, suando tremendamente, e Mishtra, chorando, com Archibald nos braços, prestes a morrer.

Percebendo que tinha Kyle novamente, Gorum entrou na carroça e de lá retirou Kiorina, desacordada e amarrada, colocando-a sobre os ombros. Kyle correu até lá e, desembainhando a espada, cortou as tiras de couro que prendiam os cavalos no lado esquerdo da carroça. Felear, balançando a cabeça, voltou a si e acompanhou a ação de Kyle do outro lado.

Mesmo sentindo náuseas e vertigem, Noran resolveu usar suas faculdades uma vez mais. Concentrou-se nos cavalos que eram a montaria de Arete, do Cavaleiro Negro, Felear e Ruko. Mesmo sendo uma tarefa simples, demandou extremo esforço, que culminou numa hemorragia interna. No mesmo instante, fios de sangue saíram das narinas do tisamirense, que sentiu gosto de sangue na boca.

Gorum colocou Kiorina sobre o cavalo que pertencia a Arete e Kyle montou em seguida. Mishtra montou um dos cavalos da carroça, passando Archibald para os braços do gigante, que a ajudou a colocá-lo sobre a sela. Felear, montando seu próprio cavalo, foi auxiliar Ector, que gemia e pedia ajuda. Gorum montou o grande cavalo do Cavaleiro Negro. Noran atraiu para si o cavalo que pertencia a Ruko. Felear entregou a Ector o outro cavalo que retirara da carroça e ajudou o rapaz a subir. Seus ferimentos não pareciam muito sérios; conseguira retirar o virote que lhe penetrou o abdome, mas ainda tinha um no braço.

Finalmente estavam todos montados, mas era tarde demais. O grupo de cavaleiros estava próximo, não haveria como escapar. Como vencer tantos? Seria impossível, o fim se aproximava.

Algo peculiar ocorreu, então. O cavaleiro que parecia liderar a tropa destacou-se do grupo principal, que parou em seguida. Diminuiu a velocidade de seu cavalo para um trote lento. Vestia uma armadura completa de placas, com brilho prateado, e usava uma capa de um vermelho vibrante, presa ao peito por um botão dourado. Gorum tomou a frente do grupo e desembainhou uma espada menor, que coletara de um dos soldados caídos. Surpreendeu-se quando viu o brasão desenhado no grade botão dourado que prendia as duas pontas da capa do cavaleiro.

– Julius?

O cavaleiro levantou o protetor de seu elmo, revelando a face. Seus olhos azuis claríssimos fixaram-se nos olhos escuros do gigante. Era mesmo Julius, o cavaleiro Carmin.

– Olá, Gorum. – olhou para Kyle e acenou com a cabeça. – Blackwing...

A garganta de Gorum secou e ele ficou pasmo, sem palavras.

– Escute bem, Gorum, só vou dizer uma vez. Esqueçam tudo o que aconteceu. Entreguem-se a mim, sem mais lutas. Garanto a vocês todos a possibilidade de trabalhar com nosso querido rei. Suas faltas serão perdoadas com o trabalho para o reino.

– Mentira! Você se vendeu, Julius, vendeu-se para esses necromantes desgraçados. – acusou Kyle.

– Cuidado com a língua, jovem Blackwing, palavras como essas podem impedir seu perdão.

– Perdão? São eles que têm que pedir perdão e não só a nós, mas a todos do reino! Você nega as desgraças que eles trouxeram? Nossos companheiros foram transformados em monstros! – disse Kyle, irritado, apontando o corpo de Roy.

Julius Fortrail não respondeu, apenas apertou o olhar e mordeu os lábios. Gorum percebeu que ele estava em conflito.

– Por que, Julius, pelo menos me explique por que? – pediu Gorum, decepcionado.

– Por quê? Você sabe, Gorum, que sempre fui o mais racional, o mais frio, o que pensava pelo grupo, o que conseguia manter a calma, o que sempre apresentava as melhores estratégias. Eu não mudei. Continuo trabalhando com a lógica, acima de tudo.

– Então, me diga, Julius, que lógica é essa que fez você trair seu reino e seu povo em favor desses monstros?

– É simples. Você falou em trair o reino e trair o povo, mas eu não traí nem um nem outro. Como poderia trair o povo, se ele não é nada, não pode nada, simplesmente vive sua vida pobre, é oprimido, vive e morre sob a lei do sangue azul? O que pode o povo contra a nobreza? Por que aceitam os direitos da nobreza? Como trair um povo que já é traído por si? Quanto ao reino, ele simplesmente é o povo governado por um rei. O que ocorre hoje é exatamente o mesmo que sempre ocorreu: o povo continua oprimido, vivendo sua pequena vida, e um grupo de nobres governantes foi substituído por outro. Não há diferença. Veja a história de nosso reino e tente contar

quantas vezes isso ocorreu. Entendam, sob o meu ponto de vista, os traidores são vocês.

Gorum ficou um pouco confuso, mas confirmou sua opinião.

– Você sabe que não é bem assim. Eles são malignos, vão trazer o mal para nós.

– Não tenho tanta certeza disso, mas não me importo. Pelo que sei, trarão o progresso ao nosso reino. Se você soubesse...

– O quê? – quis saber Kyle.

– Os planos que nosso rei tem para Lacoresh, o papel que nosso reino irá desempenhar nos anos futuros, as grandes conquistas, a justiça, nossa cultura, nossos deuses, tudo isso será espalhado por todo o mundo.

– Você está falando de guerra? – indagou Noran.

– Sim, tisamirense, é o que eu vejo pela frente, mas posso estar errado. Por isso, decidi ficar do lado de quem vai vencer, agir como sempre agi. Quero a vitória, nunca a derrota. Então, o que me dizem? Aproveitem a chance! Juntem-se a nós, vamos todos lutar por uma mesma causa! – disse e estendeu a mão aberta para eles.

– Não podemos. – disse Kyle.

– Não podemos, Julius, infelizmente teremos que lutar. – confirmou Gorum.

– Muito bem, se é assim desejam... – fez uma pausa, apertou os olhos, mordeu os lábios e decretou: – Vão, fujam! Vocês terão até o pôr do sol. Fujam de uma vez, antes que eu mude de idéia. Não somos maus. É impossível que todos sejam maus. – fez uma pausa. – Gorum, considere essa trégua uma consideração à nossa amizade, a Armand e, por conseguinte, a seu filho, Kyle. Se nossos caminhos se cruzarem novamente, porém, é bom lembrar que estamos lutando em lados opostos.

– Obrigado, Julius, e cuide-se! Espero que, um dia, você possa perceber o quanto está errado. Quando quiser lutar do nosso lado, saiba que será bem-vindo.

– Adeus, meu amigo.

– Adeus!

Imediatamente começaram a cavalgar mato adentro. Em seguida, Julius daria ordens a seus homens para que não os seguissem. Explicou que os deixou ir e que não os perseguiria até o pôr do sol, para pagar um débito de honra com o cavaleiro Gorum. Os cavaleiros que estavam sob seu comando

entenderam isso bem. Assim como o cavaleiro Felear, eram pessoas honradas e, por isso, foram escolhidas por Julius para usar seu brasão, o brasão dos Carmin.

Pouco antes do pôr do sol, chegaram ao ponto de encontro no bosque. Deixaram os cavalos amarrados no local e decidiram que seria mais prudente voltar para Lacoresh sob o ocultamento da carroça.

O foco das preocupações era Archibald. Estava pálido, perdera muito sangue, mal podiam acreditar que ele havia sobrevivido até então. Qualquer outro, em condições similares, já teria morrido, o que deixou Kyle e Gorum bastante impressionados. Assim que entraram na carroça, Noran deixou-se desmaiar, pois estava exausto. Kiorina já havia sido desamarrada, mas continuava inconsciente. Ector parecia recuperar-se bem, depois dos devidos cuidados.

Havia também uma preocupação com Kandel, mas seu destino era obscuro naquele momento. Era noite e a tensão maior estava por vir. Após tantos problemas, ao menos alguma coisa correu bem: o cocheiro conhecia os homens que estavam de guarda no portão lateral; puderam entrar sem revista. Em pouco tempo, chegaram até a taverna, onde encontraram o preocupado Klereon Nasbit.

– Vejo que estão quase todos aqui. Imaginei que, se voltassem, alguns de vocês poderiam precisar de cuidado. Vamos entrar pela porta dos fundos, o irmão Meinard irá cuidar dos feridos.

– Irmão Meinard? – sussurrou Archibald, sorrindo.

– Sim, você o conhece?

Archibald apenas sorriu; pensava que seu amigo morrera, junto com os outros Naomir.

– Preciso deixá-los por alguns instantes. Acredito que precisaremos trocar de esconderijo novamente, depois do acontecido. Voltarei em breve, com notícias.

Pouco depois, entravam na taverna, pelos fundos.

– Irmão DeReifos! Grande Forlon! Precisamos cuidar de você!

Archibald viu a imagem do irmão Meinard um pouco desfocada, a mesma cara de fanfarrão, apenas com um olhar muito preocupado, e sorriu.

Meinard aplicou vários emplastos de ervas curativas e invocou as forças dos sagrados ofícios. Procurou ceder de sua própria força, convertendo-a em vitalidade para Archibald. Quando terminou, os ferimentos do ex-monge haviam-se fechado e ele, dormido. Sentou-se exausto e exclamou:

– Preciso muito de comida!

Foi um pedido que viram com bons olhos, já que todos estavam famintos. Em pouco tempo, veio da cozinha muita sopa e bebidas. Comeram. Estavam preocupados com Noran e Kiorina, ambos desacordados. O irmão Meinard disse que estavam bem, apenas dormindo, e era melhor que continuassem assim. Durante a refeição, Felear e Meinard conversaram bastante. Kyle e Gorum discutiam planos de ação e fuga. Logo depois da refeição, Nasbit voltou, trazendo notícias.

– Kyle, Gorum, estão procurando por vocês em toda a cidade. Não é seguro que permaneçam aqui. Consegui que embarquem num navio que parte esta noite.

– Para onde? – indagou Kyle.

– Para Dacs.

– Ótimo. – animou-se Gorum, que não via a hora de deixar Lacoresh.

– Vou fazer os arranjos finais e venho buscá-los. – Nasbit fez uma pausa e encarou Felear. – Você embarca também?

– Não. Estive conversando com Meinard e acho que há muito trabalho a ser feito aqui. Não sei se quero me afastar do meu lar, preciso lutar por ele. Confio em Kyle para trazer-nos ajuda de fora.

– Seja bem-vindo ao nosso movimento! – disse Nasbit, animado, e se despediu.

CAPÍTULO 72

Kiorina abriu os olhos e viu o céu estrelado se mover. Custou um pouco a perceber que não era o céu, mas ela que se movia. Sentiu o cheiro do mar invadi-la e a madeira fresca em suas costas. Estava num barco. Sentia um pouco de dor nos pulsos e pernas, onde havia sido amarrada. Estava livre, mas onde?

– Você está bem, Kiorina? – ouviu a voz preocupada de Kyle.

– Kyle? Onde estamos?

– Estamos num navio, indo para Dacs.

– Dacs? E quanto a Chris e meus pais?

Lembrou-se então do que havia acontecido e sentiu um baque tremendo; toda a leveza de seu despertar num só instante se perdeu. Seus olhos se encheram de lágrimas, que rolaram imediatamente por sua face. Não se moveu; chorou baixinho.

Kyle aproximou-se e lhe ofereceu o colo. Segurando a cabeça e acariciando os cabelos da amiga, ele foi recebendo suas lágrimas, que vieram por um longo tempo, incessantes. Aquele momento provocou nele muitas recordações. Lembrou-se da infância, de como adorava cuidar dos animais, dos seus cavalos, para cada um dos quais tinha um jeito de demonstrar carinho, pois cada um deles era especial. Seu âmagô foi preenchido por uma grande melancolia. Sem se dar conta, chorou também, silenciosamente, por muito tempo.

Gorum, de pé na proa do navio, observava a imensidão do mar, que parecia brilhar, com o reflexo de todas as nove luas. Noites de nove luas eram raras e proporcionavam um brilho indescritível. Muitos acreditavam que essas noites traziam fortuna e boa sorte. Gorum, contemplando a natureza, foi invadido por um sentimento nostálgico. Não conseguia mais se lembrar bem do rosto de sua esposa, Rayssa, mas não se esquecera jamais da voz; também se lembrava perfeitamente da maneira como sua filha Wanda o chamava de papai. Naquela noite, Gorum também chorou, sentindo o sopro e o gosto do mar.

Noran finalmente acordou; sentia muita náusea. Andou com dificuldade para a popa do navio, apreciando aquela grande embarcação, talvez três vezes maior que o barco em que haviam escapado de Kamanesh. No caminho, um marinheiro que falava o lacorês com grande sotaque dacsiniano perguntou se precisava de ajuda. Noran, sentindo-se fraco e enjoado, aceitou o apoio do marinheiro, que o conduziu até os fundos do navio, onde ele se apoiou para vomitar no mar. Outro marinheiro trouxe água para refrescar o tisamirense. Noran estava mal e sua cabeça ainda doía bastante, mas tinha a sensação de que ficaria bom em poucos dias.

Mishtra cuidava de Archibald com muito carinho. Sentia uma coisa estranha. Algo nela havia mudado, novos sentimentos a invadiam. Olhava o céu, igual ao de Shind. Muitas vezes, em noites de verão, costumava subir nas mais altas árvores, até que pudesse observar o céu, acompanhar o movimento das luas e das estrelas, que eram tantas! Naquele momento, quase ouvia os sons da noite de Shind, tomada pelo canto dos insetos e outros animais da floresta. Era o paraíso. Aquilo era sua vida, nada tinha mais valor que sua terra, sua casa, sua gente. Agora estava afastada de tudo aquilo de que gostava, no meio de estranhos, os humanos, com seus hábitos grosseiros. O que estava pensando, afinal? No fundo, sabia que não era de tudo que gostava no modo dos silfos. Às vezes, tanto cuidado com os mínimos detalhes, com a limpeza, a postura e os gestos desagradava, como também aquele orgulho bobo, uma vaidade excessiva sob a qual muitos de sua raça viviam. Talvez por isso tivesse ido morar fora da vila. Seus compatriotas não gostavam muito dela, era estranha, não falava, não tinha os mesmos modos, mas ela não ligava; o que importava era sentir-se parte da natureza, em comunhão com tudo o que existia.

Archibald tossiu, e os pensamentos da silfa se voltaram para seu amado, com quem se importava mais que com florestas, animais, o céu e o mar. Ele abriu os olhos e, ao perceber que estava deitado no colo de Mishtra, disse:

– Saímos de Lacoresh?

A silfa acenou com a cabeça, afirmativamente.

– Eu sabia... Estou melhor, sinto-me leve, deixei para trás uma parte ruim de mim, sinto isso. – de repente, franziu a testa e se contorceu.

“O que houve, meu amor?” – quis saber Mishtra.

– Dor, estou sentindo muita dor... Isso é bom, acho que estou voltando a ser eu mesmo.

“Onde dói?” – perguntou ela, preocupada.

– No braço, peito, ombro... Ai, dói muito! Que dor! – e Archibald chorou de dor.

Mishtra, sem poder ajudá-lo, sentiu uma forte dor no peito e também chorou. Aquilo chamou a atenção de todos. Um dos marinheiros trouxe um garrafão de vinho e ofereceu, dizendo, com sotaque de Dacs:

– Beba, rapaz, beba bastante. Isso vai ajudar com suas dores.

Archibald aceitou e, em pouco tempo, voltou a dormir. Todos, novamente reunidos, o observavam, preocupados.

Kiorina abraçou Gorum, Mishtra e Noran, muito feliz por vê-los novamente. Muitas coisas ruins haviam acontecido, mas, no final, pelo menos estavam juntos.

Noran, sentado num barril, observava os demais, sentados no chão do navio, ao redor de Archibald, em silêncio.

– E agora? – perguntou Kiorina.

– Estou muito preocupado. De repente, só consigo pensar em Modevarsh, a quem devo a vida. Acho que não nos resta outra coisa a fazer: temos de encontrar o oráculo de Shimitsu. – revelou Kyle.

– Mas, onde? Não temos pistas! – disse Gorum.

– Temos, sim. – corrigiu Kiorina. – Os reinos bárbaros.

– Ou nove reinos, ou terra dos nove vales. – corrigiu Noran, falando com dificuldade. – Acho melhor começarmos a chamar esse lugar por outro nome, pois não acredito que os nativos de lá gostem de ser chamados bárbaros, ainda que o sejam.

– Temos então que encontrar uma droga de oráculo! – reclamou Kiorina.

– Calma, Kina, precisamos ter calma e paciência. Sinto que isso tem uma grande importância. É sobre meu dom, agora eu sei. Carrego dentro de mim um raro dom, transmitido por Shimitsu. Preciso aprender sobre ele, encontrar-me com seu oráculo. – disse Kyle.

– Do que você está falando, garoto? – inquiriu Gorum.

– É verdade, Gorum, foi o velho Modevarsh quem me contou. – confirmou Kyle.

– Está certo, Kyle. – disse Gorum, mais animado. – Sinto algo estranho, uma força nova, uma inspiração sobre o futuro. Apesar de tudo o que passamos, sinto nascer a esperança...

– Lembrei-me agora do que o bom velhinho me disse. Ele falou que o que eu mais devia prezar era o conhecimento. Será que ele falava do oráculo? Será esse o tipo de conhecimento que devo buscar? – disse Kiorina.

“Eu não sei muito sobre essas coisas... só sei que vocês são meus queridos amigos e companheiros, com quem estarei até o fim!” – enviou Mishtra para todos, com certo esforço.

– Eu também farei o que puder, em nome de meu mestre, para reparar os malefícios que se espalham sobre Lacoresh e os reinos vizinhos. Talvez... – disse Noran.

– O quê? – quis saber Kyle.

– Eu estava pensando na carta de despedida do meu mestre. Ele falou que um novo elo estava para surgir. Falou também sobre um tormento, que acredito já ter vindo. Ele disse que temia por todos, mas que, apesar de tudo, algo de belo surgiria. Disse também que o lugar onde impera apenas a ordem não é bom e que do tormento é que surgiria um novo elo.

– Será que podemos acreditar que disso tudo surgirá algo de bom? – disse Kiorina.

– É o que parece, minha menina! Talvez seja por isso que eu sinta essa ponta de esperança. – exclamou Gorum.

– Que bom podermos, depois de tudo, pensar essas coisas. – disse Kyle e fez uma pausa. – No entanto, vou-lhes contar uma das maiores lições que tirei do que passamos: não é porque o Sr. Kivion falou isso tudo que podemos cruzar os braços e esperar. Se não lutarmos, não agarrarmos o destino e construirmos o futuro com nossas ações, com muita força de vontade, pode ser que esse algo bom nunca surja!

– Eu sei que você não gosta quando falo nele, mas seu pai ficaria orgulhoso de ver o homem que você se tornou, garoto. – disse Gorum levantando-se e puxando Kyle para um longo abraço.

– Quanto tempo falta para chegarmos a Dacs? – quis saber Kiorina.

– Conversei com os marinheiros há pouco, e eles me disseram que, talvez, uns dois meses.

– Dois meses? – assustou-se a ruiva. – O que vamos fazer durante dois meses num barco?

– Podemos fazer um concurso para ver quem vomita menos durante a viagem. Não sei quem ganhará, mas parece que não precisamos nos

preocupar em competir com Noran. – disse Gorum, rindo.

Todos riram bastante, e o navio balançou um pouco mais. Em poucos momentos, Noran levantou, nauseado, e disse, com dificuldade:

– Com licença. – e voltou à popa do navio.

Apesar de pouco apropriado, todos riram.

EPÍLOGO

Um mês havia se passado; as marcas do inverno ficaram para trás. A fortaleza em que Noran comandara estava sem mestre, desde a sua partida, o que não duraria para sempre.

– Mestre! Estou feliz com a sua volta! – disse Fernon, ajoelhando-se.

– Estás? – indagou Arávner, num tom ameaçador.

Ele era um homem imponente, de ombros largos e altura incomum. Vestia-se como um rei ou até melhor; tinha a majestade no olhar. Seus cabelos eram perfeitamente brancos e desciam pelas laterais do rosto, em anéis. Sua face pálida, sem rugas, e seu corpo vigoroso não expressavam o que indicavam seus cabelos.

Fernon percebeu o que estava acontecendo, tremeu e disse, ofegante:

– Não, mestre. Na verdade, estou com medo, muito medo. Temo por minha vida. Ainda assim, fiquei, para cumprir meu destino. Minha vida é sua.

Enquanto Fernon falava, seu mestre o observava, lamentando a falta de cuidado e higiene que seu servo tinha com o próprio corpo. Disse:

– Assim é melhor. Eu sinto o seu medo. Controle-se e fique de pé.

Fernon obedeceu, limpando as gotas de suor que lhe escorriam pelo rosto.

– Vejo que Noran nos deixou. – constatou Arávner.

– Sim..

Foram interrompidos pelos gritos insanos de Kurzeki.

– Mestre! Mestre, você voltou! – gritou, eufórico. Ele pulava, levantando o manto com as mãos, deixando à mostra as pernas cheias de feridas e os pés descalços e imundos. Seus olhos giravam, num ritmo frenético.

– Kurzeki, aberração ambulante, retire-se! Pare com essa gritaria e saia!
– comandou Arávner.

O servo louco parou e obedeceu.

– Sei que tu gostas de ser repreendido. Considera isso minhas boas-vindas.

– Obrigado, mestre, obrigado por brigar comigo.

Com a saída de Kurzeki, Fernon indagou:

– O senhor realmente precisa dessa coisa?

– Ele é inútil, mas, às vezes, me diverte. Tu és igualmente inútil e não me distraís... Que tal me dares uma boa razão para a continuidade da tua existência?

– Por favor, mestre, deixe-me vingar a traição de Noran.

– Como?

– Ele foi visto, juntamente com Kyle Blackwing, Kiorina, aquela silfa e outros mais, próximo de Lacoresh. Imagino que tenham tomado um navio para fugir. Deixe-me persegui-los e trazer-lhe suas cabeças.

– Acho que não. Sabe, Fernon, meu humor está muito bom, excelente! Na viagem, vislumbrei um tremendo futuro. Tenho que preparar uma reunião dos Sete para o mais breve possível.

– O senhor esteve no império Keldor?

– Sim e em outros lugares.

– São verdadeiros os rumores sobre sua expansão?

– Por que converso contigo, Fernon?

– Eu sou seu servo, faça comigo o que desejar.

– Claro, claro...

– E então, mestre?

– O quê?

– Conceda-me a chance de ir em busca de Noran e seus comparsas, por favor.

– Por quê?

– Eles são perigosos, eu sei! No meio deles, havia um silfo poderosíssimo, responsável pela perda da mina número um.

Arávner buscou a imagem do silfo na mente de Fernon.

– Hmm, esse eu não conhecia. Quem será?

– Eles o chamam Alunil. Ele é muito poderoso.

– Interessante. Fernon, eu não ligo a mínima. Já previ tudo. A atuação de Noran e seu bando é insignificante diante do inevitável. Eles não têm importância alguma, assim como tu. O grande plano não os inclui. Por isso, a

existência de todos vós é inútil. O inevitável acontecerá, independentemente de qualquer um.

– Pois bem, mestre. Conceda-me uma recompensa por minha lealdade e submissão. Deixe que eu vá, os localize e nos vingue.

– Certo. Imagino que vais formar um grupo. Pede minha aprovação para as pessoas que quiseres levar. Quero ter certeza de que são inúteis como tu.

– Obrigado, mestre, obrigado! Tenho certeza que o senhor não vai se arrepender.

– Eu também tenho. Não costumo me arrepender de nada!

###

Este livro continua em Maré Vermelha e conclui em O Oráculo Esquecido.

Sobre o Autor

Carlos Rocha é natural de São Paulo, graduou-se em Ciência da Computação, possui especializações em Gestão de TI e Gestão Estratégica da Informação. Também cursou faculdade de Belas Artes. Além de escrever romances de literatura fantástica, tem como hobbies: pintura, desenho, animação, jogar RPG, estudar línguas e música. Trabalha como profissional na área de Tecnologia da Informação e atualmente reside em Belo Horizonte.

Entre em contato com o autor

Site: <http://www.selo-multiversos.net>

Twitter: <http://twitter.com/carlosmrocha>

Twitter da Multiversos: <http://twitter.com/selomultiversos>